

Fazendas Paulistas

Arquitetura Rural no Ciclo do Café

Volume 2



Vladimir Benincasa (autor) - Maria Angela P.C.S. Bortolucci (orientadora)

Vladimir Benincasa

FAZENDAS PAULISTAS

Arquitetura Rural no Ciclo Cafeeiro

VOLUME 2

Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ângela P. C. S. Bortolucci

São Carlos, 2007

Projeto gráfico e editoração: José Eduardo Zanardi

Revisão ortográfica: Neide Maria Prato

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica preparada pela Seção de Tratamento da Informação do Serviço de Biblioteca - EESC/USP

B467f Benincasa, Vladimir
Fazendas paulistas : arquitetura rural no ciclo cafeeiro / Vladimir Benincasa ; orientador Maria Ângela P. de C. e S. Bortolucci. — São Carlos, 2007.

Tese (Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) — Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2007.

1. Fazendas de café. 2. Arquitetura rural. 3. Arquitetura paulista. 4. História da Arquitetura – Brasil. I. Título.

Sumário

Volume 1

Resumo e Abstract i

Introdução v

1. São Paulo Antes da Cafeicultura 1

- A ocupação do território paulista 3
- As implicações da descoberta do ouro em Minas Gerais 6
- O início do povoamento do chamado Oeste Paulista 7
- Características gerais das primeiras fazendas de açúcar paulistas 12
- Ciclo do gado na Alta Mojiana 23

2. Vale do Paraíba. O início de tudo... 25

- Características gerais das primeiras fazendas 32
- As fazendas de café do Vale do Paraíba 42
- Edificações do beneficiamento do café 53
- Engenhos de açúcar, cozinhas, oficinas, pomar, etc 68
- Ranchos, Casas e Senzalas 70
- Casarão 72

3. Rumo ao Oeste Paulista: o quadrilátero do açúcar se rende aos cafezais... 111

- Implantação 124
- Edificações do beneficiamento de café da região Central 136
- Tulhas e casas de máquinas 138
- Colônias 164
- Senzalas 170
- Capelas 177
- Casarão e entorno 189

Volume 2

4. Adentrando os Sertões do Rio Pardo e de Araraquara: o café encontra a terra roxa... 245

- A chegada da cafeicultura 273
- As fazendas de café 277
- Implantação 278
- As colônias 297
- Senzalas 298
- Edificações do beneficiamento 302
- Aspectos gerais das fazendas 321
- Capelas 328
- Casarões 342

5. As Frentes Pioneiras: desbravando os sertões "inóspitos e desabitados" com o auxílio da ferrovia... 461

- Aspectos gerais das propriedades cafeicultoras 468
- As fazendas mais antigas das "zonas novas" 470
- As casas "mineiras" e as de ecletismo tardio 511
- Características gerais das fazendas a partir de 1920 520
- Inovações na arquitetura do beneficiamento 548
- As outras instalações 581
- Colônias 548
- Casas de administradores e fiscais 605
- Casarões 610

6. Considerações finais 645

Referências 651

4

Adentrando os Sertões do Rio Pardo e de Araraquara: o café encontra a terra roxa...

A ocupação pela cafeicultura das terras além Campinas está relacionada, segundo Monbeig não só a fatores locais da história paulista, mas, sobretudo, a questões econômicas mundiais, fatores estes que não se restringem às grandes manchas de terras roxas ali existentes. Nas zonas do sertão do rio Pardo e naquelas outras regiões, situadas entre Limeira e Rio Claro (aos pés do Planalto Ocidental) e os então chamados Campos de Araraquara, situados *cuesta* acima, ocorreu um surto cafeeiro fantástico, pois envolvia a ocupação de extensas áreas, até então pouco povoadas e cortadas por estradas precárias. Em cerca de trinta anos, toda essa vasta região inundou-se de fazendas, cidades e ferrovias, tornando-se uma das mais ricas regiões brasileiras.

Uma conjugação de elementos, dizem os historiadores, explica o fenômeno: condições excepcionais de solo; relevo pouco acidentado, em sua maioria composto de suaves colinas; e métodos de cultura e industrialização mais aperfeiçoados, em grande parte pela experiência adquirida nas lavouras do Vale do Paraíba e da região Central.

Trabalhador de melhor padrão permitiu e impôs a presença de maquinaria para beneficiamento do café, generalizando-se o uso de ventiladores, despoldadores, aparelhos de brunir e separar o produto. Com o que se incrementou a divisão do trabalho nas fazendas, tornando obrigatória ali a presença de mão-de-obra especializada, para operar e zelar pela manutenção das máquinas, o que antes não existia ou era precário, pois o trabalho escravo de tudo se incumbia, realizando a sua tarefa pelos processos os mais rudimentares, quase sempre em prejuízo do produto que o Brasil levava aos mercados internacionais, sempre descontentes com a sujeira e má apresentação do nosso café.¹

O café, na segunda metade do século XIX, tornava-se um produto cada vez mais importante no comércio mundial. O interesse pelas novas zonas cafeeiras paulistas era enorme entre os europeus e os americanos, os principais consumidores. Investimentos eram feitos no país para que novas áreas o produzissem, capitais estrangeiros eram empregados nas ferrovias que o escoavam, no aparelhamento do porto de Santos, na infra-estrutura das fazendas, na melhoria da tecnologia do maquinário de beneficiamento, na abertura de crédito aos fazendeiros e, principalmente, na comercialização do produto.

Diante de tais fatores favoráveis, compreende-se melhor que os fazendeiros não tenham tido senão o objetivo de plantar. Reduzir a marcha para o oeste a um fenômeno local, contentar-se com explicá-la por circunstâncias estritamente brasileiras, seria restringir abusivamente seus quadros e não enxergar mais que seus aspectos estreitos. Desde o início, a marcha para o

oeste foi um episódio da expansão da civilização capitalista, surgida nas duas margens do Atlântico. Ambas não cessaram de ser solidárias.²

Mas para que isso se desse, foi preciso, antes de tudo, dispor de capitais locais para o avanço, o que foi possibilitado pelos lucros advindos da lavoura de cana e do próprio café, além de mão-de-obra, o que se resolveu com os incentivos à imigração. Solucionadas essas questões, no último quarto do século XIX, é que se intensificou a grande investida aos sertões paulistas.

¹ OLIVEIRA, J. T. de. *Op.cit.*, 1999, p. 273.

² MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, p. 105.

³ Idem, *Ibidem*, p. 96.

Figura 1 - Mapa com os municípios abordados nesse capítulo. Desenho: V. Benincasa.



Aliás, a agricultura não era a única fonte de recursos dos fazendeiros. Não era raro que eles a completassem pelos negócios ou pelo arrendamento de certas taxas (por exemplo, os direitos, muito lucrativos, sobre o uso das estradas que levavam aos portos de embarque de café). Alguns eram mesmo comerciantes enriquecidos, que tinham passado a empreender uma agricultura essencialmente comercial.³

Vários são os exemplos de comerciantes, tropeiros, traficantes de escravos, etc, que se tornaram grandes fazendeiros de café no século XIX. O fenômeno prosseguiu no século XX, com muitos profissionais liberais que acabaram adquirindo terras, tendo o café como o seu principal produto nas lavouras.

Foi nesse contexto que a cafeicultura invadiu essa nova zona de produção, após ocupar a região Central, abordada no capítulo anterior. A fronteira agrícola começou a ser povoada, ainda que de maneira muito lenta, a partir da segunda metade do século XVIII, com a abertura dos caminhos que levavam às minas de ouro de Goiás e Cuiabá. O Sertão do Rio Pardo foi ocupado um pouco antes, e ainda nas últimas décadas do século XVIII surgiram alguns povoados como Franca, Casa Branca, Batatais, ao longo do famoso Caminho de Goiás. O surgimento desses núcleos está ligado aos pousos de tropas que demandavam às minas de ouro do centro-oeste brasileiro e tiveram um importante incremento com a onda migratória de Minas Gerais.

A segunda região, a dos Campos de Araraquara, foi ocupada nem tanto pela abertura do Picadão de Cuiabá, caminho que foi por várias vezes abandonado e, até o início do século XIX, teve muito pouco uso, mas sua ocupação se deve principalmente à necessidade da instalação de um núcleo avançado, naquelas paragens, que representasse a Coroa Portuguesa, para conter um possível avanço espanhol, e assim surgiu a freguesia de São Bento de Araraquara, em 1817. Os primeiros povoadores eram provenientes das antigas zonas açucareiras da então Província de São Paulo, que viviam esparsos pela região, de uma cultura de subsistência e alguma criação de víveres.⁴ Posteriormente, assim como no Sertão do Rio Pardo, a região recebeu um grande contingente de mineiros, vindos do Vale do Rio das Mortes, principalmente.

O afluxo de mineiros e fluminenses também foi muito importante para a história do povoamento dessa região paulista. Como já salientamos, a vinda de mineiros começou em fins do século XVIII, e eles acabaram se fixando primeiro no Vale do Paraíba, na região de Campinas e, também, na região do Sertão do Rio Pardo, que posteriormente ficaria conhecida como Zona da Mojiana, por ser cortada por essa ferrovia. Daí, adentraram os Campos de Araraquara, em direção às barrancas do rio Paraná, quase sempre se adiantando à chegada da lavoura cafeeira, instalando fazendas de gado. Depois, já no século XX, a migração mineira tomou o rumo do Estado do Paraná.

Visitem-se as localidades dessa região paulista, investigue-se sobre parentescos e afinidades, entre famílias tradicionais e a conclusão será que a ida e vinda de paulistas e mineiros se processavam como elementos de uma vasta clã, que devassaram e revolveram a região, fizeram-na evoluir e, estabelecidas bases para novas avanços, desbordaram para outras paragens do Estado, do vale do Tietê, do Paranapanema. Chegados às lindes passaram para os territórios vizinhos, do Paraná e Mato Grosso, sempre na procura de terras férteis, virgens ainda, a cujo amanhã sempre se entregaram (...).⁵

A migração mineira constitui capítulo à parte na história paulista. A motivação, ao final do século XVIII, foi a procura por terra mais férteis e mercados promissores, o que corresponde dizer às frentes canavieiras e cafeicultoras do Vale do Paraíba, mas também à zona cortada pelo Caminho de Goiás, onde buscavam as áreas de cerrados, adequadas à pecuária extensiva que lhes era muito familiar. Nesse momento, crescia a pobreza e a falta de opção de atividades rentáveis naquela Província. Minas Gerais não conseguira se reerguer da crise pós-mineração, e assim, segundo Monbeig, *o único remédio era a emigração.⁶*

Perturbações políticas, a tentativa revolucionária de 1842, vieram reforçar as partidas dos mineiros para novas terras. Por fim, durante a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, preferiu bom número deles correr os riscos de vida no sertão a sujeitar-se ao alistamento militar. Muitos desses caboclos de Minas dirigiram-se para São Paulo, cujos cafezais começavam a celebrar-se.⁷

Dessa forma, grandes contingentes de mineiros passaram a fixar-se nas vilas paulistas situadas nas franjas da Mantiqueira, na região nordeste, como Casa Branca, Batatais, Mococa, Moji-Mirim, Moji-guaçu, e outras um pouco mais além, como Limeira, Araras e Rio Claro, ou na região norte de São Paulo, na margem esquerda do rio Grande, como Franca, Barretos, Catanduva, São José do Rio Preto, ou mesmos nos sertões de Araraquara. Estima-se que, por volta de 1880, cerca de 80% da população dessas regiões tinham origem mineira. A maioria destes mineiros fixava-se onde o café já estava solidamente implantado; outros, porém, avançavam os sertões, *onde poderiam mais facilmente continuar a viver, conforme seus hábitos de criadores, acostumados aos grandes espaços, suficientemente à distância dos poderes constituídos. Encontravam tudo isso, além das escarpas da cuesta.⁸*

³ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, p. 96.

⁴ Ver sobre o tema: CORRÊA, A. M. M. *A História de Araraquara*. São Paulo: FFLCH-USP (tese de doutorado), 1967.

⁵ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, pp. 96.

⁶ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, p. 133.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 133.

Um mineiro fundou São Simão; outros povoaram Descalvado; há mineiros na história da fundação de São Carlos; e foram gentes de Minas que começaram o povoamento de São José do Rio Preto, Catanduva, entre muitas outras cidades. Também foram eles os primeiros a chegar aos campos de Avanhandava, na margem esquerda do Tietê.

(...), essa fase mineira teve conseqüências diretas e fortes sobre a grande vaga do café. Malgrado tudo que distingue esses criadores de gado dos seus sucessores imediatos, os plantadores, aqueles abriram a estes os caminhos, inaugurando os espigões; suas estradas vieram a ser seguidas; os núcleos de povoamento que fundaram serviram de ponto de apoio e a prática da pecuária pioneira jamais desapareceu completamente. Por outro lado, os

mineiros deixaram descendência: seus filhos puderam reencetar o avanço, à aproximação dos plantadores de café, como o fizeram em Ribeirão Preto, em São Pedro do Turvo e em Campos Novos; constituíram, portanto, as famílias tradicionais da zona pioneira. Enfim, os mineiros detinham os títulos de posse do solo. Para alguém se tornar proprietário, era preciso tratar ou lutar com eles.⁹

Não à toa, a arquitetura inicial das edificações dessas zonas, fosse a dos pequenos aglomerados urbanos ou a dos

⁸ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, p. 133.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 137.

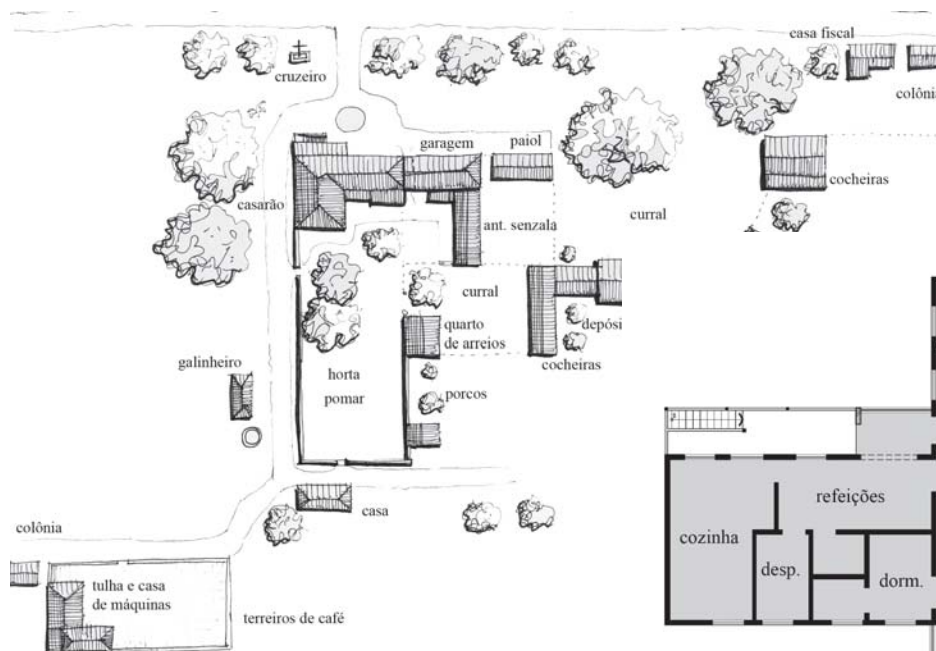
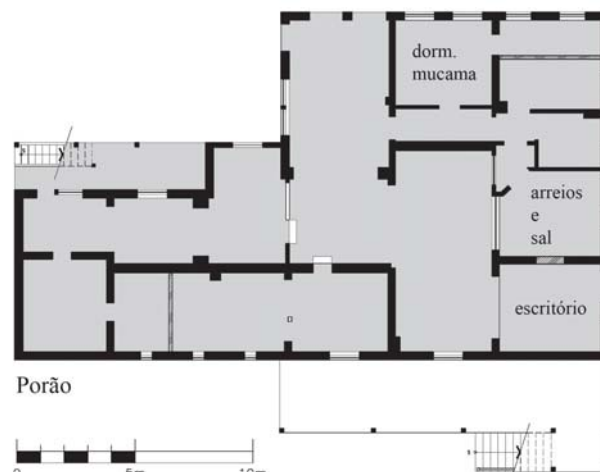
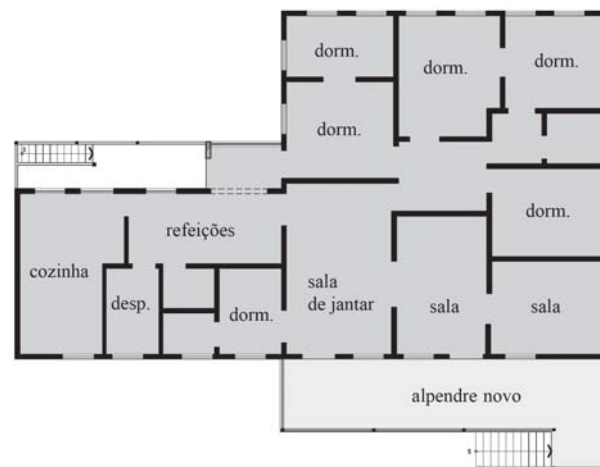


Figura 2 (acima) - Implantação, Fazenda Nova, Mococa. Desenho M. Rosada. Levantamento: V. Benincasa e M. Rosada.

Figura 3 (à direita) - Planta do casarão, Fazenda Nova, Mococa. Desenho M. Rosada. Levantamento de V. Benincasa e A. Legnaro Fº.



núcleos rurais, tinha indiscutível vinculação com a tradição mineira. Nos antigos Sertões do Rio Pardo, a maioria dessas edificações remanescentes é da primeira metade do século XIX, enquanto que nos Campos de Araraquara esses exemplares são da segunda metade daquele século. Foram sedes de importantes fazendas dedicadas principalmente à pecuária extensiva, laticínios, criação de muares e suínos, e que ocuparam primordialmente as zonas de cerrados, aptas à criação de gado bovino por conterem áreas naturais propícias à constituição de pastagens. Eram terras menos férteis que aquelas ocupadas pelas matas que, anos depois, seriam as mais procuradas pelos cafeicultores. Mesmo assim, muitas delas transformaram-se em fazendas de café, recebendo, então, equipamentos destinados ao beneficiamento dos grãos, porém, mantendo as instalações primitivas, incluindo os casarões, os pátios de tropas de burros, os estábulos e cocheiras, monjolos, ranchos para as tropas, enfim, todo um arsenal de edifícios e um modo de vida que inexistiram, posteriormente, nas fazendas constituídas durante o ciclo do café.



Figura 4 (acima) - Vista do casarão, Fazenda Nova, Mococa. Foto: V. Benincasa.



Figura 5 (à direita, topo) - Vista do casarão, Fazenda Nova, Mococa. O alpendre não é original: foi construído em princípios do século XX. O alpendre original ficava na fachada da foto anterior. Foto: V. Benincasa.

Figura 6 (à direita, centro) - Vista do cruzeiro, próximo ao casarão: uma tradição mineira mantida nas fazendas paulistas. Fazenda Nova, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 7 (à direita) - Aspecto do porão. Fazenda Nova, Mococa. Foto: V. Benincasa.





Figura 8 (acima) - Outro aspecto do porão, onde se observa o pilar de sustentação da estrutura da casa, parcialmente lavrado a enxó. Fazenda Nova, Mococa. Foto: V. Benincasa.



Figura 9 (à direita, topo) - Vista interna da sala de visitas, com retratos dos antepassados dos atuais proprietários. Casarão, Fazenda Nova, Mococa. Foto: V. Benincasa.



Figura 10 (à direita, centro) - Aspecto do curral e edificações diversas. Ao fundo, a antiga senzala. Fazenda Nova, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 11 (à direita, embaixo) - Vista do paiol, Fazenda Nova, Mococa. Foto: V. Benincasa.



Nessas fazendas, principalmente as da região do Sertão do Rio Pardo, as edificações foram erguidas utilizando técnicas construtivas tradicionais de Minas Gerais, além de nelas terem sido implantadas um modo de vida muito diferente dos costumes paulistas de então. As principais edificações eram erguidas com a técnica da taipa de mão, com estrutura em gaiolas de madeira e os vãos preenchidos por uma trama de madeira e barro ou adobes. Quase toda a madeira utilizada era retirada das matas locais, verificando-se um intenso uso da aroeira, cujas lascas externas, retiradas no aparelhamento das toras, eram aproveitadas para a confecção de cercados, o que se tornou uma característica regional. De madeira também se construíram os estábulos, os ranchos para os tropeiros, os paióis. Eram fazendas rústicas, adaptadas a um padrão de vida igualmente duro. E essa tipologia arquitetônica legada pelos mineiros acabou permanecendo e sendo muito utilizada até praticamente a década de 1880, quando então irrompe na região o ecletismo arquitetônico.



Figura 12 (à direita, topo) - Casarão de arquitetura tipicamente mineira, construído em taipa de mão. Fazenda Boa Vista, Casa Branca. Foto do início do século XX. Acervo: Museu Histórico e Pedagógico Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 13 (à direita, centro) - Aspecto da implantação da fazenda São Pedro, Mococa. Fonte: *Álbum de São Paulo*. São Paulo, 1927, s/p. Acervo Part. Adolpho Legnaro Filho, Casa Branca.

Figura 14 (à direita) - Implantação. Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Desenho: M. Rosada. Levantamento: V. Benincasa e L. M. da S. M. Rosa.

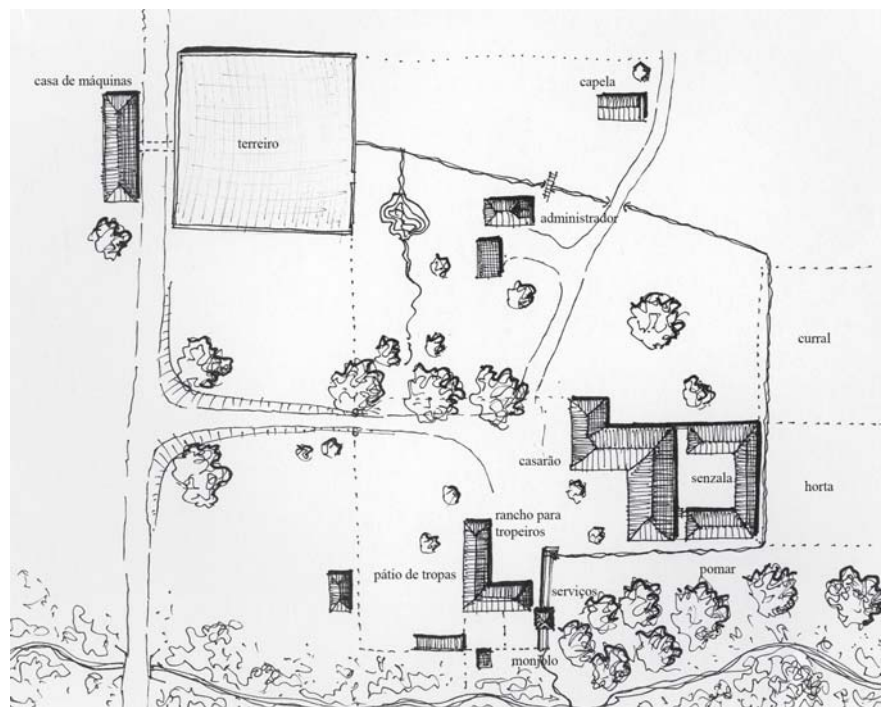




Figura 15 (topo) - Vista do casarão da Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 16 (à esquerda, centro) - Vista dos fundos do casarão da Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Notar as aberturas existentes na taipa para ventilação do cômodo originalmente ocupado pela cozinha "suja", onde havia fôrnalha, fôrnos e fogões destituídos de chaminés. As aberturas superiores são as originais, as inferiores tratam-se de intervenções poste-riores. Foto: V. Benincasa.

Figura 17 (à esquerda) - Detalhe da estrutura autônoma em aroeira, assentada sobre embasamento de pedra. Casarão da Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 18 (acima) - Vista do antigo pouso de tropeiros da Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.



Figura 19 (acima, topo) - Interior de um dos cômodos do pouso de tropeiros. Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 20 (abaixo) - Cocho esculpido em tronco de árvore que conduzia a água ao monjolo. Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 21(à direita) - Vista do canal de água para movimentação do antigo monjolo, ao lado do pouso dos tropeiros. Fazenda São Jerônimo, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Nas fazendas mais antigas, constituídas em meados do século XIX, encontramos muitos casarões que ainda guardam praticamente intactos traços da ocupação mineira, seja na implantação, seja na arquitetura das edificações. Segundo Freitas¹⁰, a fazenda mineira era constituída de várias construções ao redor de um pátio fechado, cujo acesso era controlado por um portão. O pátio era destinado a várias atividades, como secagem de cereais, movimentação de cargas e, às vezes, para a guarda de animais – era um elemento, sobretudo, organizador do espaço. O casarão, as senzalas, casas de fabrico de alimentos, oficinas, pequenos engenhos de açúcar, moinho de fubá, celeiros, depósitos, ranchos para tropas, eram as edificações mais comuns, ao redor dos pátios. Nas imediações, ficavam os estábulos, os currais, as cocheiras. Alguns equipamentos, como o monjolo e os canais de água, também foram muito freqüentes nas fazendas mineiras.¹¹ Ainda restam alguns exemplares dessas fazendas, na região do antigo Sertão do Rio Pardo, que mantém essa conformação original, entre as quais podemos citar a fazenda São Gilberto (antiga fazenda Santa Bárbara) e a São Jerônimo, em Sales Oliveira; fazendas São José e

¹⁰ FREITAS, D. C. A. de. *Arquitetura Rural no Nordeste Paulista: Influências Mineiras 1800-1874*. São Paulo: FESPSP-USP, 1986, p. 36.

¹¹ BENINCASA, V. *Op. cit.*, 2003, pp. 94-5.

Santa Cruz, em Nuporanga; e fazenda Nova, em Mococa, entre outras. Mas talvez o melhor exemplo ainda existente, dessa conformação, seja a fazenda Invernada, em Morro Agudo, que conserva a maioria daquelas edificações originais, com poucas alterações. Nela, podemos observar o pátio central, formado pelo casarão, pelas senzalas e demais edificações, tendo ao fundo o canal de água, passando pela pocilga. Nas proximidades, o curral, os paióis, as cocheiras, estábulos, circundados por cercas de lascas de aroeira.



Figura 22 (à direita, topo) - Aspecto da fachada do casarão da fazenda São José, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 23 (à direita) - Aspecto dos fundos do casarão da fazenda São José, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 25 (abaixo) - Planta do casarão da fazenda São José, Nuporanga. Lev.: V. Benincasa e L. M. da S. M. Rosa. Desenho: M. Rosada.

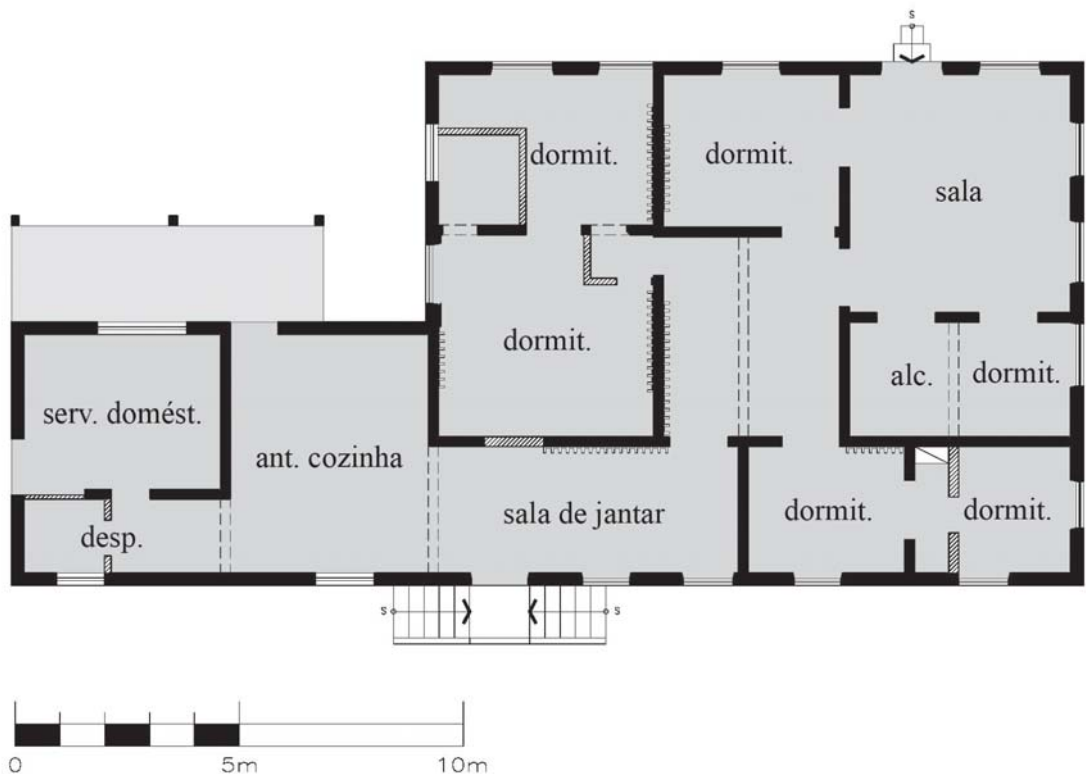




Figura 25 (acima, topo) - Aspecto de uma das laterais, vendo-se parcialmente o anexo de serviços. Casarão da fazenda São José, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 26 (acima) - Detalhe do beiral. Casarão da fazenda São José, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 27 (à direita, topo) - Aspecto interno da sala de visitas do casarão da fazenda São José, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 28 (à direita) - Outro aspecto da mesma sala. Casarão da fazenda São José, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.





Figura 29 - Paio edificado em madeira. Fazenda São José, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 30 - Implantação. Fazenda São José, Nuporanga. Desenho: M. Rosada. Lev.: V. Benincasa e L. M. da S. M. Rosa.

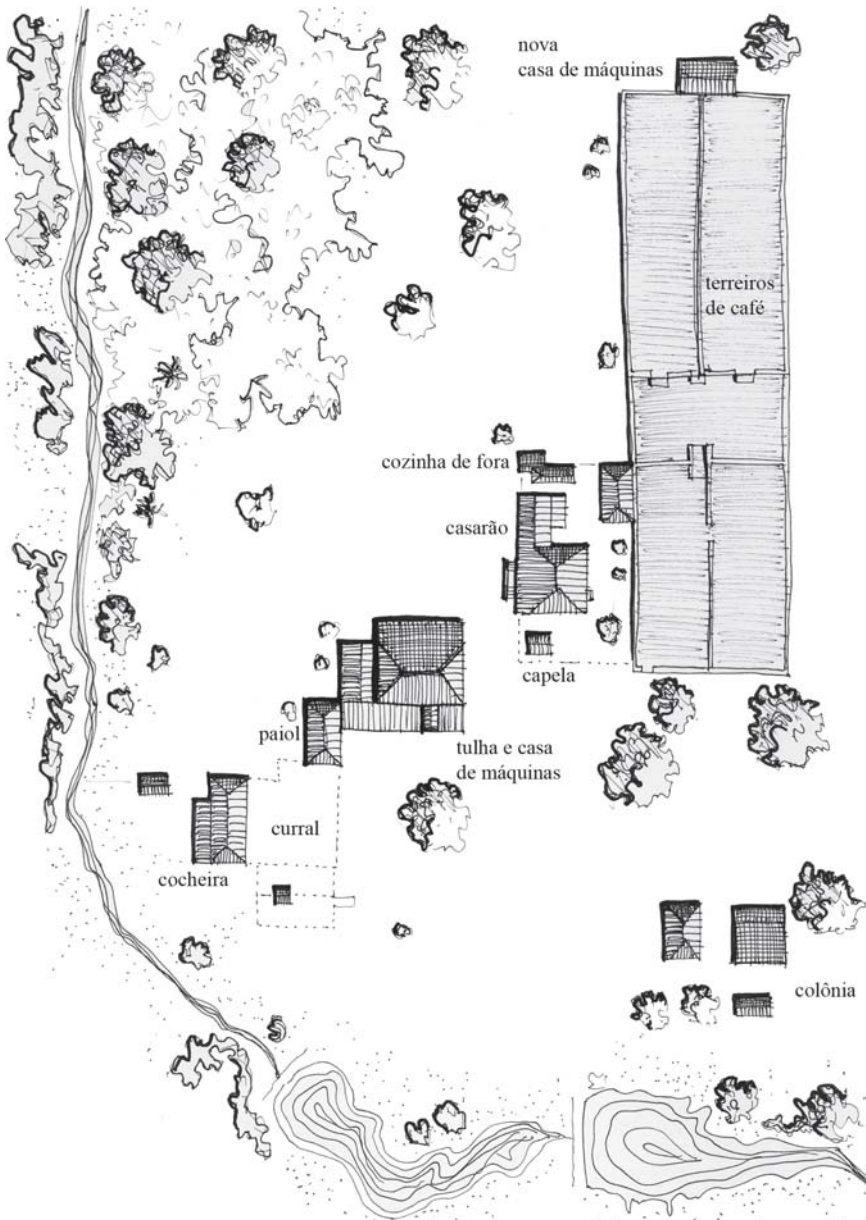




Figura 31 (acima) - Fachada do casarão, fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.



Figura 32 (à direita) - Detalhe da fachada do casarão, vendo-se a porta principal: é provável que o arco pleno e a bandeira sejam adaptações posteriores. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 33 (abaixo) - Planta do casarão e de instalações anexas. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Desenho: Carlos Venâncio da Silva. Fonte: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado, et alli. *Na estrada do Anhangüera. Uma visão regional da história paulista*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 68.

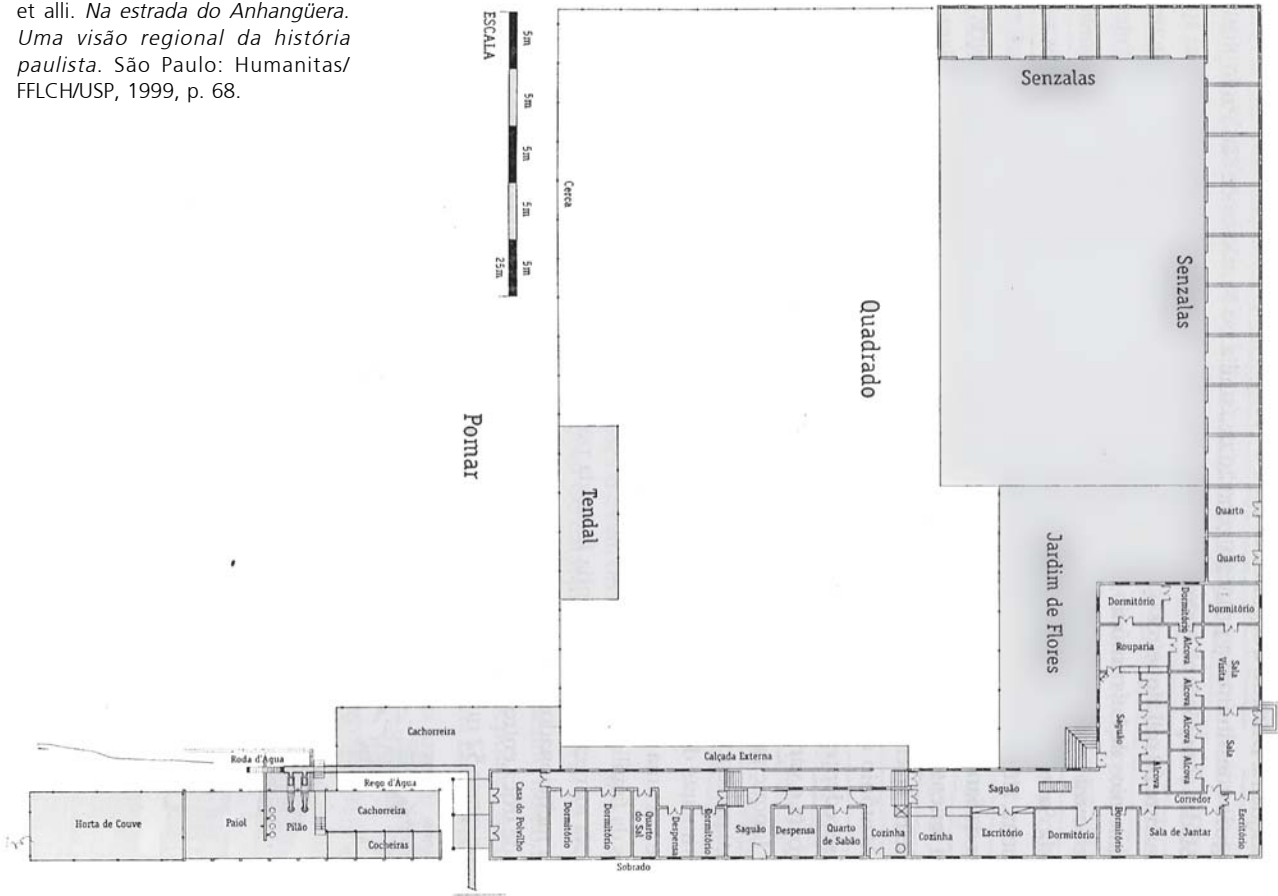




Figura 34 (à esquerda, topo) - Detalhe da bandeira da porta principal, com gradil metálico de ferro. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 35 (à esquerda, centro) - Detalhe da lateral do casarão: notar o embasamento de pedras e a estrutura autônoma de madeira. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 36 (à esquerda) - Interior da sala de visitas, com rica decoração pictórica nas paredes e no forro: intervenções posteriores à época de construção. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 37 (acima, topo) - Detalhe do forro da sala de visitas, decorado com bandeiras de diversos países, inclusive a bandeira imperial brasileira, o que nos leva a supor que essa decoração pictórica tenha sido feita ao final do Império. Casarão da fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 38 (acima) - Detalhe da estrutura de madeira no porão do casarão da fazenda Invernada, com quase 50 cm. de lado, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.



Figura 39 (acima, topo) - Vista externa da senzala, que contorna o pátio interno. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 40 (acima, centro) - Vista interna da antiga senzala, aparecendo no tensor e nas asnas da estrutura do telhado os furos dos paus-a-pique da antiga divisão de taipa de mão, que delineava os cubículos. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 41 (acima) - Vista de um dos lanços da senzala, a partir do interior do pátio. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 42 (acima, topo) - Vista do antigo anexo de serviços, onde se encontrava a casa de polvilho, entre outros cômodos. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 43 (acima) - Vista do anexo de serviços, com corredor coberto. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.



Figura 44 (à esquerda, topo) - Vista do quarto de arreios, com os pendurais para selas e tralhas. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 45 (à esquerda, centro) - Vista do paiol, a partir do curral. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 46 (à esquerda, embaixo) - Vista de outro paiol. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 47 (acima) - Interior de paiol, observar a janela gradeada. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.





Entretanto, é na arquitetura das edificações que a presença mineira se confirma. A estrutura das paredes quase sempre foi a típica gaiola de madeira, cujos vãos eram preenchidos por adobe ou por taipa de mão. O afloramento comum de tapiocanga, uma pedra porosa composta por hidróxidos de ferro, fez desse material o mais usado na confecção de embasamentos, assim como nas edificações do sul de Minas Gerais e naquelas de cidades como Uberaba e Uberlândia, no Triângulo Mineiro, de onde eram provenientes muitas das famílias originárias da Alta Mojiana. Os casarões apresentam planta típica mineira, com formato em “L”; muitos deles contendo cômodos destinados à capela, marca da forte religiosidade existente à época, o que era reforçado pela presença do cruzeiro de madeira, situado no pátio à frente do conjunto. As casas são simples, com plantas ortogonais, onde se pode, novamente, compreender a solução dos vários níveis de acessibilidade: cômodos fronteiros destinados à área social, cômodos intermédios, destinados ao convívio mais íntimo, e área de serviços aos fundos. Os vãos, em geral, apresentam vergas retas, embora apareçam com certa freqüência as de meia canga, muito difundidas em Minas Gerais, como na fazenda São Gilberto, em Sales Oliveira, ou na fazenda São José, em Nuporanga.



Figura 48 - Detalhe de fachada de paiol, com aberturas para ventilação. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.



Figura 49 - Cocheira vista a partir do curral. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.

Figura 50 - Palanque existente no curral para apreciação do gado, leilões, etc. Fazenda Invernada, Morro Agudo. Foto: V. Benincasa.



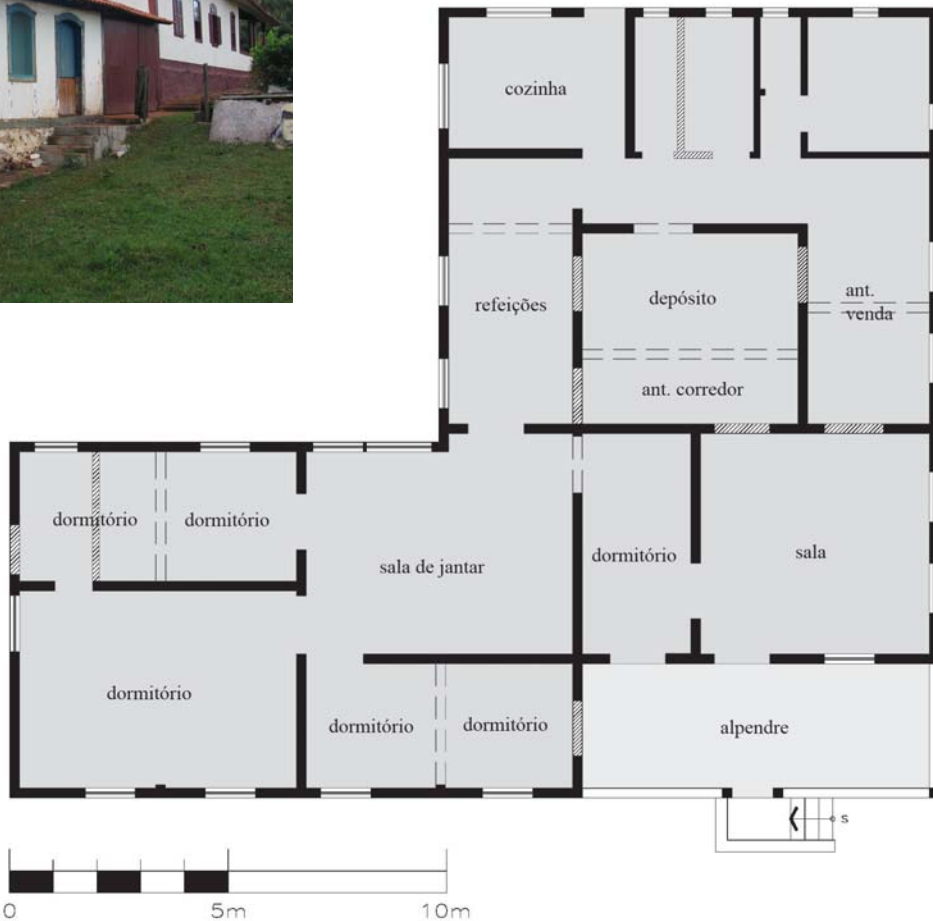
Figura 51 (à esquerda, topo) - Vista do pátio principal da fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Ao fundo, à esquerda, se vê um lanço de senzala; à direita, o casarão. Foto: V. Benincasa.



Figura 52 (à esquerda) - Vista do casarão da fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

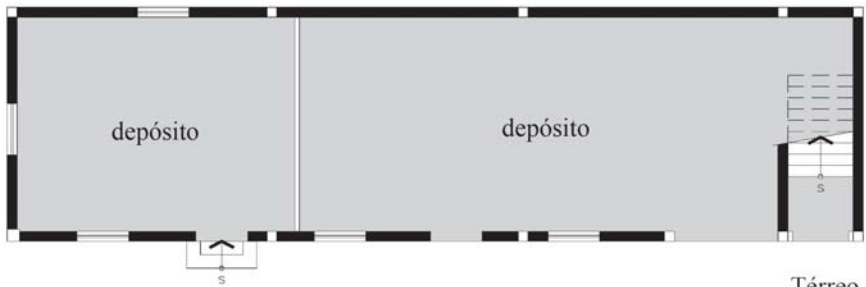
Figura 53 (abaixo) - Planta do casarão da fazenda São Gilberto, antiga fazenda Santa Bárbara, Sales Oliveira. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa e L. M. da S. M. Rosa.

Figura 54 - Vista da senzala, em primeiro plano, e do casarão. Fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.





Pavimento Superior



Térreo

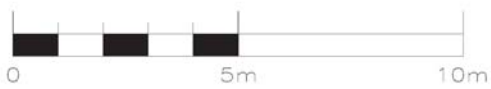


Figura 55 - Detalhe do beiral com cachorros em peito de pomba e guarda-pó. Casarão da fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 56 - Vista do interior do casarão: detalhe de um dos cantos da sala de jantar. Fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 57 - Planta do sobrado das mucamas. Fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa e L. M. da S. M. Rosa.



Figura 58 (acima, topo) - Vista da fachada do sobrado das mucamas. Notar a alvenaria de adobes, a estrutura de madeira, as janelas em meia canga. Fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.



Figura 60 (à esquerda) - Detalhe de encaixe da estrutura do sobrado. Fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.



Figura 59 (à esquerda, centro) - Vista da face posterior do sobrado das mucamas. Junto aos beirais se percebem restos da antiga argamassa de recobrimento das paredes. À esquerda, o corpo anexo da escada de acesso ao pavimento superior. Fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 61 (acima, topo) - Outro detalhe da estrutura, vendo-se o baldrame e os blocos de tapiocanga. Sobrado das mucamas, fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 62 (acima) - Vista da entrada do corpo anexo que abriga a escada para o pavimento superior. Fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.





Figura 63 - Vista da escadaria. Sobrado das mucamas, fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 64 - Aspecto interno do pavimento superior. Sobrado das mucamas, fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 65 - Outro detalhe, observar as janelas com aletas para o escoamento das águas pluviais para fora do peitoril. Sobrado das mucamas, fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

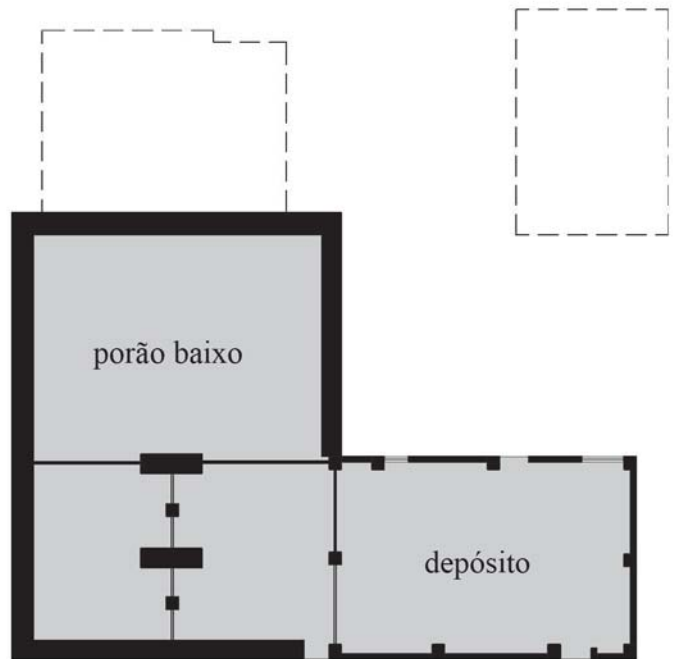
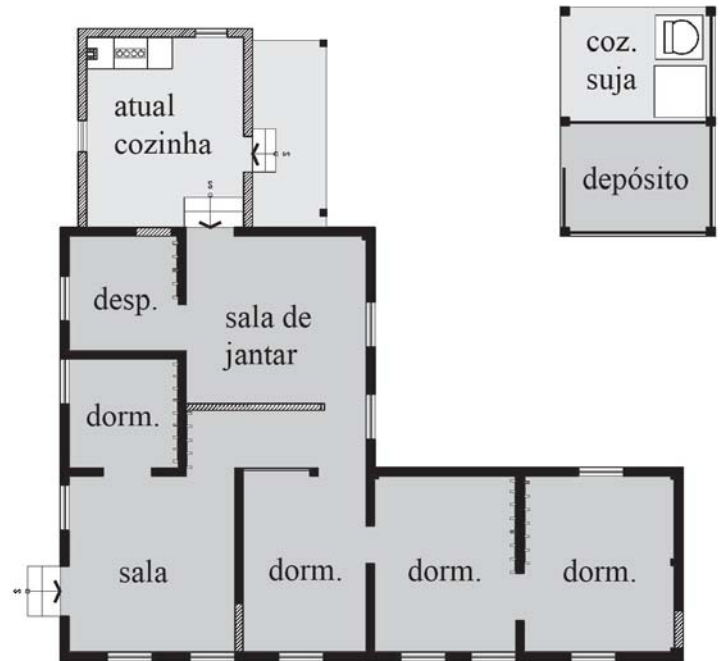
Figura 66 - Detalhe da janela. Sobrado das mucamas, fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.



Figura 67 (acima, topo) - Detalhe da tramela de fechamento: através de um sistema de encaixe, muito utilizado nas casas da primeira metade do século XIX, na região. Sobrado das mucamas, fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 68 (acima) - Aspecto da estrutura do telhado. Sobrado das mucamas, fazenda São Gilberto, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 69 (à direita) - Planta do casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga, da primeira metade do século XIX. Desenho: M. Rosada. Lev.: V. Benincasa e L. M. da S. M. Rosa.



Porão

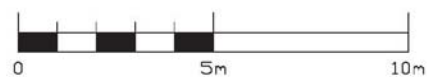




Figura 70 - Vista lateral do casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 71 - Vista dos fundos do casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 72 - Detalhe do cunhal e beiral do telhado do casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Novamente, aparecem o acabamento em peito de pomba e o guarda-pó. Foto: V. Benincasa.

Figura 73 - Vista da fachada. Casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Acervo part. de Gabriel Machado, Nuporanga.

Figura 74 - Aspecto interno de um dos dormitórios, com o tradicional cabide de madeira, apoiado na estrutura de madeira. Casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.





Figura 75 (acima, topo) - Tramela de fechamento da janela. Casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 76 (acima, centro) - Aspecto do porão, em sua parte utilizável. Casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 77 (acima) - Porão baixo. Notar as grandes peças de madeira, quase sem aparelhamento. Casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 78 (acima, topo) - Detalhe do embasamento na lateral do casarão, visto de dentro do porão. Notar que alguns blocos de tapiocanga já foram substituídos por tijolos. Casarão da fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 79 (acima, centro) - Vista do anexo de serviços, aos fundos do casarão. Fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Figura 80 (acima) - Curral e antiga cocheira. Fazenda Santa Cruz, Nuporanga. Foto: V. Benincasa.

Na fazenda São Gilberto, aliás, existe uma construção que chama a atenção por seu caráter excepcional: um sobrado construído aos fundos do casarão, em meio ao pomar. É uma construção com embasamento de tapiocanga, acima da qual aparece a estrutura de aroeira, muito bem executada, cujos vãos são preenchidos por adobe. O corpo principal, de planta retangular, possui telhado em quatro águas, composto de telhas capa e canal e estrutura de madeira, com cachorros caprichosamente acabados em peito de pomba. Curiosamente, a escada lateral que conduz ao pavimento superior possui acesso externo à construção e cobertura própria. Ela conserva ainda alguns detalhes interessantes, como a colocação de aletas de madeira chanfradas, na parte externa e inferior das folhas das janelas, para que as águas das chuvas fossem lançadas para fora do peitoril. O pavimento inferior está dividido em dois cômodos e foi usado como depósito. Já o pavimento superior, onde hoje existe um único cômodo amplo e sem divisões, com várias janelas, parece ter tido subdivisões de taipa de mão, a julgar pelos tensores da estrutura do telhado, que possuem as típicas perfurações, em sua base inferior, para receber os paus-a-pique. Esse pavimento, segundo contam na fazenda, foi utilizado por mucamas, para seu abrigo e também para execução de serviços gerais.

As paredes externas, que já foram revestidas por argamassa, hoje estão inteiramente descobertas, deixando à mostra os adobes e a estrutura da gaiola, onde se apóiam as aberturas com vergas em meia canga, muito bem executadas.

Embora em várias partes das paredes já haja substituição dos adobes por tijolos, o estado geral da edificação é razoável, se levarmos em conta o tempo de construção. Pelo seu caráter único, merecia uma manutenção mais apurada.

Uma outra edificação que merece comentário é o antigo rancho de tropas existente na fazenda São Jerônimo, em Sales Oliveira, a única edificação com essa função que encontramos em nosso levantamento. Inteiramente em madeira, assentada sobre embasamento de pedra, possuía um pátio anexo, fechado, para os animais, do qual ainda podemos ver restos do mourão da porteira com a sambladura para encaixe do gonzo. Eram dois lanços de cômodos, fechados e independentes, com chão de terra batida, e cobertura com telhas do tipo capa e canal. Ao

Figura 81 - Casarão de típica arquitetura mineira existente na fazenda Salto Grande, Araraquara. Foto: V. Benincasa.

Figura 82 - Outro aspecto do mesmo casarão. Fazenda Salto Grande, Araraquara. Foto: V. Benincasa.

findar das tropas, foi usado como depósito, paiol, etc, e hoje está abandonado.

Todas essas fazendas tiveram como atividade principal, em sua origem, a pecuária extensiva. No entanto, com a chegada da cafeicultura, acabaram se tornando, também, grandes produtoras de café: quase sempre, as construções dedicadas ao beneficiamento do café, dentro dessas fazendas, encontram-se ligeiramente afastadas das edificações originais, formando um núcleo à parte, pelas necessidades específicas de abastecimento de água, de grandes áreas livres para a construção do terreiro, etc. Quanto às técnicas e tipologia dessa arquitetura "mineira", ela foi amplamente difundida por toda essa região dos Sertões do Rio Pardo e de Araraquara, e continuou sendo muito usada, até praticamente o final do século XIX, principalmente nas fazendas menores, muito embora tenha, aos poucos, incluído elementos alheios a seu repertório, como veremos adiante.



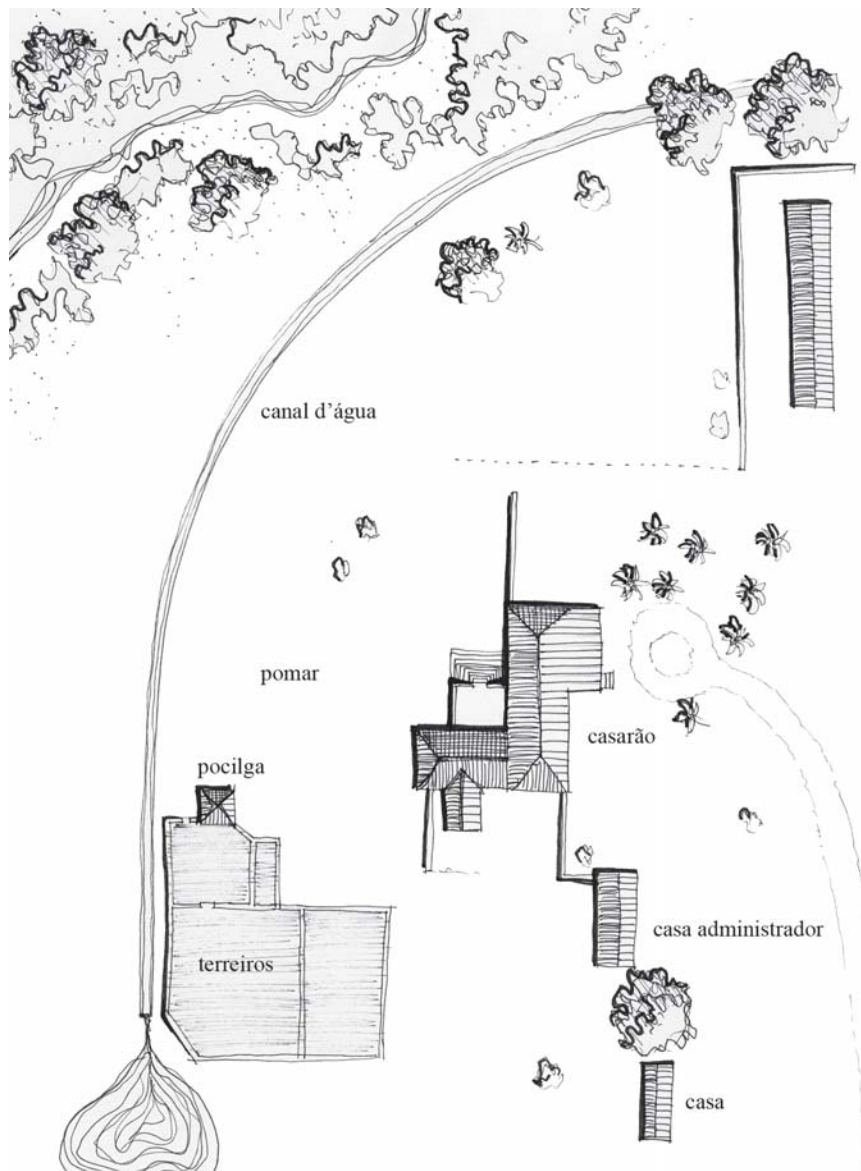


Figura 83 (à esquerda) - Implantação da fazenda Monte Belo, em Restinga. Fazenda inicialmente de gado que, posteriormente, passou também a cultivar café. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.

Figura 84 (à esquerda, embaixo) - Fachada do casarão, fazenda Monte Belo, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 85 (abaixo) - Aspecto dos fundos do casarão, fazenda Monte Belo, Restinga. Foto: V. Benincasa.



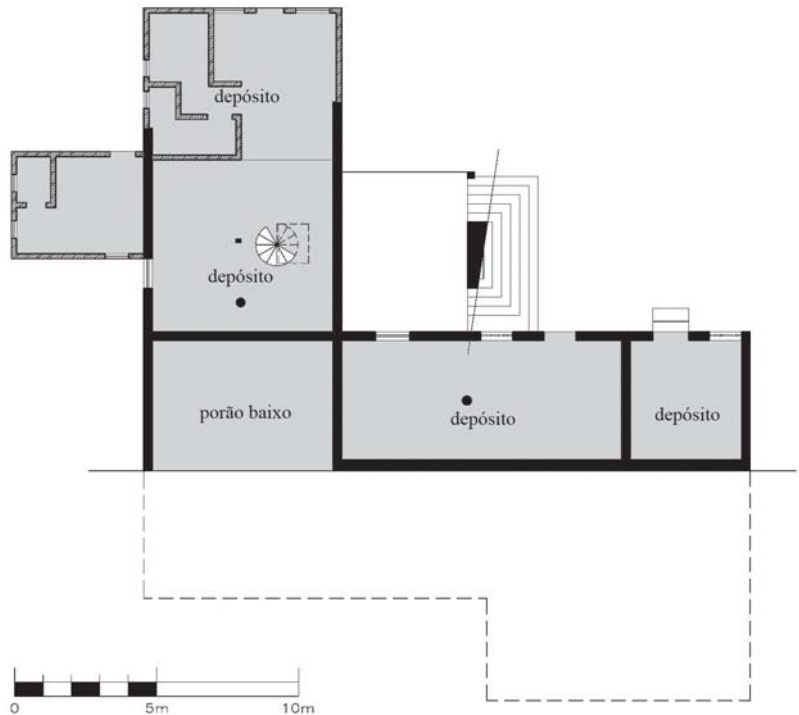


Figura 86 (acima) - Cruzeiro existente à frente do casarão, fazenda Monte Belo, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 87 - Planta do casarão da fazenda Monte Belo, Restinga. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa e L. M. da S. M. Rosa.

A chegada da cafeicultura

As plantações de café chegaram à região, ora abordada, ainda na primeira metade do século XIX. Nos dados de 1836, vemos que o café só possuía alguma expressão em Franca, com produção de 211 arrobas, Moji-Mirim, com 610 arrobas, e Araraquara, com uma produção de 440 arrobas.¹² A invasão do sertão apenas se iniciava, não se tratando de grandes lavouras com fins comerciais, mas de alguma produção para o consumo local. Mesmo no censo posterior, de 1854, ainda inexistem grandes núcleos cafeicultores. Destaca-se, nesse período, o aparecimento de Rio Claro, com uma produção de 99.670 arrobas. Araraquara aumentara sua produção para 2.000 arrobas e Moji-Mirim para 80.000 arrobas. Por essa época, era ainda muito mais vantajoso plantar café no Vale do Paraíba e na região Central, devido à maior proximidade dessas regiões com os portos exportadores. Rio Claro constituía, entre 1850 e 1860, o limite rendoso do plantio do café. Além desse limite, não era economicamente viável o seu plantio, pois os custos de transporte em lombo de burro encareciam demais o produto, representando cerca de um terço do seu preço final.¹³ As estradas para aqueles sertões além de Rio Claro eram de difícil trânsito e as chuvas tornavam-nas ainda piores: corria-se o risco da perda das cargas e dos animais.¹⁴ Não havia manutenção constante, nem mão-de-obra suficiente para isso. Quase sempre a conservação, e mesmo a abertura de estradas, era efetuada por escravos dos próprios lavradores, os maiores interessados.

Apesar de todas as condições contrárias, a cafeicultura começa a tomar vulto expressivo ao longo do antigo Picadão de Cuiabá e do Caminho de Goiás, principalmente a partir da década de 1870, quando a grande lavoura comercial do café alcança as manchas de terra roxa, o solo de fertilidade magnífica, que virou sinônimo de terra paulista, e ocupava, no entanto, apenas de 2 a 2,5% de seu território. Essa década foi marcada também por um grande avanço material em São Paulo, e isso decorre, em boa parte, do governo de João Teodoro (1872-1875), que incentivou o desenvolvimento das ferrovias e da cafeicultura.

No que tange às ferrovias, foi uma época de forte expansão. Criou-se o trecho entre Campinas e Rio Claro, concluído em 1876, passando por Limeira, Araras, Cordeirópolis e Santa Gertrudes. Constituíram-se o trecho inicial da Mojiana; a interligação entre São Paulo e Sorocaba; além do ramal Bragantino da São Paulo Railway, ligando Atibaia, Bragança e Piracaia.¹⁵ A Mojiana, a terceira ferrovia paulista, foi formada em 1872, e, como nos casos anteriores, seus incorporadores foram, em sua maioria, lavradores, os principais interessados em que os trilhos fossem levados em direção aos seus cafezais. Quase ao mesmo tempo em que avançavam os trilhos da Mojiana, iam sendo criadas várias pequenas companhias que se conectavam à sua linha-tronco, como a Companhia Ramal Férreo do Rio Pardo, Companhia Agrícola Fazenda Dumont, Companhia Ramal Férreo de Santa Rita. Assim, em 1878 os trilhos chegaram a

Pirassununga e Casa Branca, e logo depois se criou a estação de Porto Ferreira, em 1880. Em poucos anos, várias outras estações foram implantadas na região do nordeste paulista: em 1883, a de Ribeirão Preto; em 1886, a de Batatais e de São João da Boa Vista; em 1887, a de Franca, de Itobi e de São José do Rio Pardo.

Em 1889, a Mojiana incorpora a Companhia Ramal Férreo do Rio Pardo - que desde 1886 ligava Casa Branca a São José do Rio Pardo - e lhe prolonga os trilhos até Mococa (1890) e Canoas. Outras estações foram surgindo: em 1890, Dumont; em 1897, a de Restinga; em 1899, a de Jardinópolis; em 1900 as de Guaiuvira e Sales Oliveira; e Orlândia, em 1901.

Outros vários ramais, os chamados trechos "cata-café", vão ser instalados entre a linha-tronco da Mojiana e importantes regiões produtoras. Assim, nessa época são interligadas por essa ferrovia muitas cidades, entre elas Amparo, Socorro, Serra Negra, Itapira, Espírito Santo do Pinhal, Poços de Caldas, Vargem Grande, Guaxupé, Cajuru, Jataí, Arantes, Serrana, Sertãozinho, Igarapava (1915); Morro Agudo (1929), São Joaquim da Barra, Guará, etc. Uma complexa rede foi se formando pelos antigos sertões, subsidiando as fazendas na ampliação de suas plantações.¹⁶ À Mojiana coube servir uma das mais ricas regiões paulistas, atingindo também o chamado sul de Minas Gerais e o Triângulo Mineiro, onde se articulava com outras ferrovias, escoando toda a produção agrícola e pecuária dessa grande região em direção ao porto de Santos.

A penetração da Mojiana para além de Casa Branca abriu à exploração a extraordinária gleba de terra roxa de Ribeirão Preto, onde se verificou a maior produtividade até então registrada, estendendo-se os cafezais dentro em pouco por S. Simão, Cravinhos, Sertãozinho e Ribeirão Preto. Formaram-se nessa zona as grandes fazendas do Francisco Schmidt, dos Dumont, dos Prados, em Guataparã e São Martinho, dos Junqueira, dos Cunha Bueno, dos Lacerda Soares, e de tantos outros eminentes lavradores paulistas.

Ribeirão Preto tornou-se a capital agrícola do Estado, para aí convergindo todo o movimento comercial e rural da alta e média Mojiana. Firmaram-se, definitivamente, os créditos da terra roxa.¹⁷

¹² MILLIET, S. *Roteiro do Café e Outros Ensaios*. São Paulo: Hucitec/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1982, pp. 49.

¹³ DEAN, W. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 52-3.

¹⁴ OLIVEIRA, J. T. de. *Op. cit.*, 1999, p. 278.

¹⁵ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 92.

¹⁶ Idem, *ibidem*, pp. 100-1.

¹⁷ SIMONSEN, R. Aspectos da história econômica do café. In: Anais do 3º Congresso de História Nacional (Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IV). Rio de Janeiro, 1941. Apud: OLIVEIRA, J. T. de. *Op. cit.*, 1999, p. 271.

Enquanto a Mojiana avançava rumo a norte e nordeste, iniciavam-se os estudos para a conquista ferroviária dos Campos de Araraquara, preparando-se a subida das cuestas do Planalto Ocidental, interligando Rio Claro a São Carlos e Araraquara. As manchas de terra roxa da região começavam a ser exploradas, mas a falta de escoamento intimidava os cafeicultores. Enquanto regiões assistidas pela Paulista, desde 1876, como Rio Claro e Araras, já tinham uma produção de café extremamente significativa,¹⁸ Araraquara e São Carlos, sem ligação com a ferrovia e com escoamento precário da produção, estavam limitadas a lavouras muito aquém de suas possibilidades. É de se destacar que tanto na zona da Paulista, quanto na da Mojiana, o café chegara antes da ferrovia, formando núcleos esparsos, que, ao aumentarem sua produção, promoveram, através da junção de esforços dos cafeicultores, interessados no barateamento e na rapidez do escoamento de seu café, a construção de ambas as companhias. Ribeirão Preto e Casa Branca, por exemplo, ao serem atingidas pelos trilhos já possuíam população e lavouras cafeeiras significativas.

*Idêntico fenômeno ocorre na Paulista, onde Araraquara e Limeira bem antes do início da construção da ferrovia vêm produzindo grandes safras de café. Aqui a estrada se inicia em 1870 e segue acompanhando o rápido progresso de toda a zona. 1935 para ambas as zonas é o ano de maior produção.*¹⁹

Os desentendimentos entre os fazendeiros e a direção da Companhia Paulista sobre qual o melhor traçado a ser seguido, entre Rio Claro e São Carlos, acabaram por fazer com que os trilhos fossem inteiramente bancados por uma nova empresa, a Companhia da Estrada de Ferro do Rio Claro, constituída com capital quase exclusivo dos fazendeiros interessados, tendo à frente o Barão do Pinhal (depois Visconde e Conde do Pinhal) e o seu sogro, o Visconde do Rio Claro. Os trilhos chegaram a São Carlos em 1884; no ano seguinte, chegavam a Araraquara, e em 1887 a Jaú. Logo depois, a companhia foi vendida a um consórcio inglês, transformando-se em *The Rio Claro São Paulo Railway Company*. Em 1892, pouco antes do término dessas linhas, seria adquirida pela Companhia Paulista, que concluiu os trechos iniciados pelos ingleses, entre eles os ramais de Santa Eudóxia e de Ribeirão Bonito, ambos partindo de São Carlos.

A década de 1880 foi marcada pelo extremo vigor das ferrovias, cuja expansão coincide com a grande ocupação pela cafeicultura das zonas servidas pelas ferrovias Paulista e Mojiana:

*(...) para ali encaminham-se correntes de povoadores, mineiros principalmente, e, aos poucos, a clássica legenda "Terras desconhecidas habitadas por índios" começa a perder sentido, embora permaneça nos mapas até princípios desse século.*²⁰

Foi um avanço muito mais grandioso e rápido do que aquele que se deu no Vale do Paraíba e na região Central, e só foi possível, em grande parte, com a ajuda de fazendeiros paulistas e fluminenses do Vale do Paraíba, cujas lavouras iam se esgotando, e de mineiros, estes repetindo a atividade pioneira que exerceram na lavoura fluminense.²¹

*Há muito as terras do oeste eram reconhecidas como superiores às do vale do Paraíba, cuja produção vai se reduzindo de ano para ano. As estatísticas de 1886, por exemplo, já não-lo apresentam com pouco mais de 25% apenas da produção total. Entretanto, eram as novas terras muito mais sujeitas às geadas, razão por que só depois de 1860 foi a expansão se fazendo notável. Empreenderam, nessa época, os fazendeiros paulistas verdadeira cruzada, enfrentando os chamados "ninhos de geadas", replantando o café nas mesmas terras vitimadas no ano anterior. Nem sempre isso dava resultado, como aconteceu em 1870 e 1872, quando duas geadas fortíssimas seguiram-se no curto intervalo de dois anos. Mas eram tão vantajosas aquelas terras que, apesar desse risco, foram surgindo os grandes centros cafeeiros de Limeira, São Carlos, Araraquara, Descalvado, Jaboticabal e Ribeirão Preto, que se tornaria em breve o maior centro produtor, talvez de todo o mundo.*²²

Portanto, assim como os mineiros, também os fluminenses estão muito presentes na história do povoamento e da cafeicultura paulista. Fazendeiros arruinados com a "crise da abolição", de Vassouras, São Fidélis, Cantagalo, e da Zona da Mata (Leopoldina, Cataguases, Carangola, Muriaé) começaram a buscar as terras roxas do interior paulista, das regiões então servidas pelas companhias ferroviárias Paulista e Mojiana, ou seja, as regiões de Araraquara, Jaú, São Carlos, Ribeirão Preto e arredores. Esse movimento criou força principalmente a partir de artigos publicados na imprensa do Rio de Janeiro, pelo Dr. Luís Pereira Barreto, sobre as qualidades da terra roxa paulista para a cafeicultura, conforme conta Antônio de Almeida Prado em suas memórias:

Ao mesmo tempo em que ele (Luiz Pereira Barreto) apregoava as excelências da terra roxa, a cultura cafeeira começava a desertar do Estado do Rio... A pregação de Barreto suscitara um clima contagiante de mobilização.

¹⁸ Em 1886, Rio Claro produzia 600.000 arrobas; Araras, 500.000 arrobas. No mesmo ano, Araraquara produzia 140.000 e São Carlos, 66.667 arrobas.

¹⁹ MILLIET, S. *Op. cit.*, 1982, pp. 50.

²⁰ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 50.

²¹ OLIVEIRA, J. T. de. *Op. cit.*, 1999, p. 272.

²² MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 94.

*Toda a gente queria imigrar para São Paulo. O grito de alarma: 'Vamos para São Simão, que os cafés aqui não dão' serviu de mote para uma crítica carnavalesca na cidade fluminense de Resende. (...). Famílias inteiras se deslocaram para a sonhada terra da promessa, o centro-oeste paulista.*²³

Almeida Prado ainda cita, em suas memórias, que talvez Ribeirão Preto seja a cidade paulista com mais famílias de ascendência fluminense, embora a mais procurada, a princípio, tenha sido São Simão, que na época, 1884, era o ponto final da Mojiana.

Matos relata, em seu livro sobre as ferrovias paulistas, que também sua família era de origem fluminense e a isso se deve seu interesse pelo assunto da migração de fazendeiros fluminenses para as lavouras paulistas. Numa citação que nos interessou particularmente, ele diz:

*Encontramos em poder de um nosso antepassado de Vassouras preciosa carta que lhe fora dirigida por um contraparente que viera estabelecer-se na região de São Manuel e depois em Jaú. Após enumerar as vantagens das terras que adquirira, dizia que a "nossa velha terra fluminense não dá mais nada" e rematava sua carta com esta significativa frase: "Afinal, o Doutor Barreto tinha razão..."*²⁴

A produtividade alcançada nessas regiões servia de incentivo a produtores de outros lugares ou pessoas que desejavam se iniciar como cafeicultores. Vinham do antigo quadrilátero do açúcar, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, para desbravar terras ainda incultas.

Alargava-se, assim, cada vez mais, a área cafeeira de São Paulo, pois o desmatamento reduzia cada vez mais o perigo e a intensidade das geadas. E graças a tais fatores, o oeste paulista começa a ser povoado. Muitas das grandes cidades de hoje, do interior do Estado, tiveram suas origens na década de 80-90, ou, então, transformando-se de sesmarias ou patrimônios, tiveram, nesse período, esboçados os seus primeiros lineamentos urbanos.

*Um importante elemento (...) veio contribuir, de maneira acentuada, para delinear uma nova paisagem no interior paulista: a contribuição de mineiros e fluminenses os quais, em grandes contingentes, vieram abrir fazendas no oeste paulista, que se lhes afigurava um novo Eldorado, terrivelmente contrastante com as regiões donde provinham. Rara a cidade do oeste paulista que não tenha troncos mineiros ou fluminenses entre os seus fundadores.*²⁵

Essa intensa migração de fazendeiros do Vale do Paraíba para as regiões do Oeste paulista nos leva a pensar que tanto a permanência de técnicas de plantio, que à época já

se sabia danosa ao solo, como o apego à força de trabalho escravo, foram decisões deliberadamente tomadas pela maioria dos fazendeiros. Para que investir em imigração em massa, em ferrovias, em terras que demandavam uma reconstrução custosa, sendo que em outras áreas, já servidas pelas ferrovias e para onde se dirigia a imensa maioria dos imigrantes, as terras produziam muito mais? Para eles, que demoraram a perceber que a abolição seria inevitável, talvez fosse mesmo mais vantajoso economicamente continuar com o braço escravo e as lavouras minguadas no Vale do Paraíba até o dia da libertação, e aplicar seu capital em outras fazendas, de terra roxa, nas novas fronteiras agrícolas paulistas...

Quem resolveu se instalar nessas novas terras não deve ter se arrependido. As zonas da Paulista e da Mojiana foram as que mais se desenvolveram nesse período entre os anos de 1880 e 1890, e juntas tornaram-se a maior região produtora de café de São Paulo, passando de 805.220 arrobas, em 1854, para 4.720.733 arrobas, em 1886.²⁶ Conseqüentemente, a Companhia Paulista e a Mojiana foram as ferrovias que mais lucraram e cresceram no período. Mas entre as duas, destacava-se a Companhia Paulista, pelo arrojo e qualidade dos serviços. Após a compra da Companhia da Estrada de Ferro do Rio Claro, suas linhas continuaram avançando, de Araraquara para Rincão e, daí, para Jaboticabal, atingindo-a em 1892. Logo depois, iniciou-se o ramal que, a partir de Rincão, iria rumo às grandes fazendas do vale do Mogi-Guaçu, entre elas a Guataparará, da família Prado. Outras duas grandes fazendas também atraíam os trilhos da Paulista, a Santa Veridiana e a Brejão, ambas situadas nas imediações de Casa Branca e Santa Cruz das Palmeiras.²⁷

Se analisarmos os dados dos censos de 1886 e 1920, chegaremos à conclusão de que este é o período em que São Paulo teve o seu desenvolvimento consolidado, tornando-se o maior produtor de café do mundo, com a incrível cifra, para a época, de 22.098.861 arrobas. A população – inflada com o ingresso intensivo de imigrantes europeus e asiáticos e de migrantes de todas as partes do país – é triplicada, chegando a mais de 4.000.000 de habitantes.

²³ PRADO, A. de A. Crônica de Outrora. São Paulo: Brasiliense, pp. 78-9. Apud: MATOS, Odilon de Nogueira. *Op. cit.*, 1990, p. 98.

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 98.

²⁵ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, pp. 94-5.

²⁶ Segundo Sérgio Milliet, isoladamente a zona Paulista produziu 2.458.134 arrobas, enquanto a Mojiana atingia 2.262.599. O Vale do Paraíba, no mesmo ano, produzia 2.074.267 arrobas, e a região Central 3.008.350.

²⁷ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 117.

Algumas famílias importantes na história da cafeicultura paulista acabam se fixando na região por essa época. Os Almeida Prado foram para Jaú, onde se fixaram e formaram grandes fazendas, como a Mandaguahy, Riachuelo, entre outras. Quando chegaram por ali, encontraram plantações modestas, dos pioneiros vindos de Minas Gerais. Em 1865, comprou-as F. Paulo de Almeida Prado e, auxiliado por irmãos e cunhados, lavradores em Tietê e Porto Feliz, iniciaram o cultivo de café.²⁸

Outra família, os Prado, partiu da zona de Araras e Limeira no rumo de Ribeirão Preto. Um de seus patriarcas, Antônio da Silva Prado, praticara o comércio de mulas entre São Paulo, Goiás e Bahia, ganhando o título de Barão de Iguape. Aumentou sua fortuna com o arrendamento de certos impostos. Martinho Prado, seu filho, continuando o caminho do pai, tornou-se grande produtor de cana-de-açúcar no atual município de Araras, isso em 1850, quando a região era um dos pontos extremos de povoamento. Seus dois filhos mais velhos foram ativos participantes da marcha pioneira rumo aos planaltos ocidentais. Martinho Prado Júnior, apelidado Martinico, foi um dos descobridores da terra roxa, e dos seus principais propagandistas. Em 1877, ele viajou a Ribeirão Preto, e lá comprou 6.000 alqueires de terras onde organizou a Fazenda Guataparã, que contava, em 1912, à morte de seu fundador, com 1.767.000 de pés de café. Associando-se ao pai e ao seu irmão Antônio, montou também a fazenda São Martinho, de 12.000 alqueires e 3.400.000 cafeeiros. Conhecido, igualmente, é o envolvimento dos irmãos Prado na história da imigração européia para São Paulo e, mesmo, para o sul do Brasil. Também estiveram à frente da fundação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, e da política local e nacional.

*De situações idênticas gozavam outras famílias. Casamentos, camaradagem entre colegas de escola, relações de negócios apertavam os laços entre elas. Podiam surgir rivalidades políticas, ásperas às vezes, porém concerniam mais à eleição deste ou daquele, que a divergências doutrinárias. Tinham todos os mesmos interesses profundos e estavam de acordo quanto às grandes linhas que a administração devia seguir. Até a década de 30, foram os grandes fazendeiros, de algum modo, os dirigentes de São Paulo. Confundia-se o interesse coletivo com o seu interesse de classe. Esse fato sociológico liga-se à geografia do movimento pioneiro. Os problemas de mão-de-obra e, conseqüentemente, o povoamento, os das vias de comunicação, os dos preços foram considerados e tratados acima de tudo, em função dos interesses dos fazendeiros. A marcha pioneira foi primeiramente um problema deles.*²⁹

De 1886 até o final do século XIX, ocorrem importantes transformações no país: a substituição do braço escravo pela mão-de-obra assalariada; a queda da monarquia. E em São Paulo ocorre a definitiva mudança do eixo da cafeicultura para o Oeste. Araújo Filho, em 1956, escreve que:

(...) quando os barões do café do vale paraibano sofriram os primeiros reveses do movimento antiescravajista, os paulistas do Oeste tinham os seus trabalhos rurais em grande parte assentados no braço livre.

*(...) o fazendeiro, embora uma força econômica indiscutível, não se encastelava mais nas suas fazendas, onde se provia de quase tudo e cujas residências ofuscavam a casaria urbana das vilas e cidades próximas. Ele iria também ser o habitante da cidade, para cuja fundação muitas vezes contribuía e para cujo desenvolvimento a sua importância não era menor, desde que levemos em conta não apenas a sua influência pessoal, mas também a dos que lhe estavam subordinados, os trabalhadores, agora livres, e que se locomoviam à vontade, através de meios de transporte bem mais acessíveis e mais rápidos. Uma burguesia ainda incipiente teria origem naquelas cidadezinhas do café do último quartel do século passado, formando assim as bases duma população nitidamente de classe média e que constitui hoje uma das razões da grandeza de São Paulo.*³⁰

Nessas novas terras, no final do século XIX, surge um novo tipo de fazendeiro, cada vez mais cosmopolita e inteirado dos assuntos internacionais, e consolida-se a fazenda cafeeira como grande empresa agrícola de cunho capitalista. Iam longe os tempos dos monjolos e das baterias de pilões.

*Ao findar o século, apresentava São Paulo índices animadores de um progresso sempre crescente: 3.373 quilômetros de linhas férreas, quase 2.300.000 habitantes e mais de meio bilhão de cafeeiros, formando a "onda Verde" que deixou pasmo o italiano Ferri. "Eis o maior fenômeno econômico do século" foi a exclamação do grande cientista ao contemplar os cafezais paulistas.*³¹

Recorremos novamente a Monbeig, que em seu trabalho resume bem as condições das zonas Paulista e Mojiana, ao final do século XIX e início do século XX:

Mas a fazenda pioneira dos planaltos é bem diferente: é uma empresa ao mesmo tempo agrícola, industrial e comercial. A massa instável dos colonos renova-se quase todos os anos. Como homem de negócios, o fazendeiro do século XX deve habitar tanto a cidade como a fazenda. Sem negligenciar completamente o trato da terra, ele delega esse cuidado cada vez mais, a um

²⁸ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, p. 140.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 141.

³⁰ ARAÚJO Fº. J. R. O Café, riqueza paulista. In: *Boletim Paulista de Geografia* 23. São Paulo:1956, p. 101.

³¹ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 121.

administrador, empregado de sua confiança. À nova estrutura e à psicologia social novas, corresponde um novo tipo de habitat. Na grande fazenda de Ribeirão Preto e Araraquara, a casa do fazendeiro acha-se afastada das construções ligadas à exploração. Luxuosa, destinada à permanência rápida, ela se isola no meio de um jardim, por vezes de um parque. Ela se torna a casa de campo, onde a família vai passar as férias. O administrador reside em uma casa localizada perto das colônias, mas destacada. Esse importante personagem está instalado ao lado do escritório, pois um "negócio" do novo gênero possui seus serviços administrativos, sua contabilidade, suas estatísticas. É sinal dos tempos e agora a vigilância de caixa é mais importante do que a dos trabalhadores. As colônias fragmentam-se, pois são distribuídas nas diferentes seções da plantação. Dividem-se em casas que abrigam, às vezes, uma só família, mais freqüentemente duas e mesmo três. Os terreiros são agora construídos em comprimento, um pouco acima do fundo do vale e, ao seu lado, as construções destinadas às máquinas não têm mais o porte alto.

Existe ao mesmo tempo, dispersão e estiramento de todas as construções. O viajante abarcava, com uma só visada, todos os elementos da velha fazenda. Agora, para visitar o núcleo da sede, ele deve circular por ruas sinuosas, alternadamente poeirentas ou lamacentas, de um verdadeiro povoado. A rigorosa segregação social que correspondeu ao esplendor da antiga unidade, baseada na escravatura, e os laços que uniam outrora todas as partes da fazenda, foram, uns e outros, dissociados.

Tudo isso contribui para diferenciar a franja pioneira dos planaltos ocidentais, tal como ela se apresentava nos primeiros anos do século, das demais regiões cafeeiras paulistas ou fluminenses. O quadro mudou: em lugar das altas montanhas que fechavam o horizonte em todas as direções no vale do Paraíba, ou que com a presença das escarpas ou cuestras dos planaltos ocidentais, nunca estavam ausentes nas paisagens de Itu, Piracicaba ou Campinas, o pioneiro descobria agora espaços que estavam na medida de suas esperanças, isto é, desmesurados. Fazendeiros vindos das velhas zonas, ou colonos desembarcados dos campos de cultivo do Mediterrâneo, todos adotavam com amor essa terra de que se sentiam criadores. São Paulo possuía, verdadeiramente, o seu mundo pioneiro.³²

E assim foi até a crise de 1929. O duro golpe levou muitos municípios das zonas Paulista e Mojiana a mudanças de lavouras e de negócios. Desde 1920, o foco da produção deslocava-se para as novas fronteiras da cafeeira: Araraquarense, Sorocabana e Noroeste. E para elas acorriam agora os imigrantes, o capital, enfim, o interesse geral, levando consigo uma onda de progresso: urbanização,

abertura de estradas de ferro e de rodagem, desmatamento. Não só a produção cafeeira deixava de crescer na Paulista e Mojiana, como ela também cedia muitos de seus habitantes ao novo Eldorado agrícola: várias cidades, após 1930, tiveram suas populações reduzidas. Assim como no Vale do Paraíba e na região Central, elas sentiam então os efeitos da ressaca da onda verde, muito menos intensos que aqueles ocorridos no Vale do Paraíba, por exemplo, em que praticamente nada sobrou. Algumas regiões, como as zonas de Araraquara, Jaboticabal, Monte Azul Paulista, Bebedouro, Guariba, na Paulista, e as zonas de Ribeirão Preto e Batatais, na Mojiana, continuaram se desenvolvendo satisfatoriamente, provavelmente devido à presença das manchas de terra roxa, que garantiam colheitas excepcionais. Em outras áreas, entretanto, a cafeeira dava mostras de exaustão e, aos poucos, o café foi sendo substituído por outras lavouras como o algodão, a laranja e a cana-de-açúcar.

No entanto, o importante complexo de estradas de rodagem e ferrovias constituído na segunda metade do século XIX, a infra-estrutura urbana, os bons níveis de serviços instalados, ajudariam essas regiões a manterem suas atividades econômicas. O comércio, as novas lavouras e a implantação de um importante parque industrial, em várias cidades, como São Carlos, Rio Claro, Limeira, manteriam o ritmo constante de crescimento em toda a área. Não mais naquele compasso alucinante dos tempos da cafeeira, mas em patamares bastante satisfatórios. Como salientou Milliet, essas zonas da Paulista e da Mojiana foram as que melhor souberam tirar proveito da mão-de-obra imigrante, ou por outro lado, foram nelas que os imigrantes, ao deixarem as fazendas, tiveram mais chances de conseguir melhores níveis econômicos, compondo, desde então, a maior parte da classe média local. E, mesmo quando as novas zonas se transformaram no centro da produção cafeeira, a partir de 1920, a qualidade de vida regional continuou atraindo outros imigrantes.³³

As fazendas de café

Essa região, que se estende ao norte de Campinas, tem início na chamada Depressão Periférica do Estado de São Paulo. Possui relevo suave, ondulado por colinas, exceto quando nos dirigimos para o leste, nos contrafortes da serra da Mantiqueira, onde as altitudes se elevam e o relevo fica cada vez mais acidentado, e nas proximidades das cuestras basálticas, que formam um elevado degrau, com alturas variadas, além do qual começa o Planalto Paulista, com altitudes que chegam aos mil metros acima do nível do mar, que vão aos poucos declinando em direção a oeste, rumo às barrancas dos rios Paraná e Grande. Os cerrados e porções de Mata Atlântica eram as vegetações predominantes. Fartas

¹ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, pp. 178-9.

² MILLIET, S. *Op. cit.*, 1982, p. 52.

quantidades e variedade de madeira e de pedra, além da terra argilosa e areia, foram os materiais construtivos básicos dessa região, ao longo do século XIX. As técnicas tradicionais mais comuns nas habitações e construções rurais de grande porte, na região, até a década de 1880, eram a taipa de mão e a alvenaria de pedra (esta usada somente nos alicerces e muros de contenção), influências do intenso povoamento mineiro. A mudança mais notada, a partir da chegada da ferrovia, na década de 1880, foi a introdução dos tijolos de barro e, um regionalismo surpreendente, a alvenaria de pedra. Sobre esse assunto, aventamos duas hipóteses. A primeira nos leva a crer que essa técnica tenha sido introduzida por mestres de obra europeus que atuaram na região de São Carlos ao final do século XIX. Nessa região do Estado de São Paulo, encontramos diversos exemplares de edificações construídos em alvenaria de pedra, como ocorre nas fazendas: Santa Maria, no bairro do Monjolinho; na Itapiru e na Paredão. Sabemos que a Santa Maria foi executada por um italiano de nome David Casinelli, e a Paredão, segundo nos informou em entrevista o senhor Rui Toledo, neto de João Evangelista Toledo, proprietário da fazenda Paredão à época da construção do conjunto arquitetônico³⁴, as obras foram comandadas por um mestre de obra espanhol. Nessas fazendas, não só o casarão possui alvenaria de pedra, mas também várias das principais edificações. Assim, esse tipo de construção talvez tenha chegado através desses profissionais europeus que atuavam

pela região. Uma segunda hipótese é a vinda de migrantes de posses das regiões do sul da Bahia e do norte de Minas Gerais, onde o uso da alvenaria de pedra era bastante usual no século XIX, que começam a se estabelecer na região de Rio Claro e São Carlos, a partir da década de 1870. Essa técnica teria sido introduzida, então, por essa vinda de fazendeiros baianos e mineiros do Agreste e da Chapada Diamantina, e não por via daqueles mineiros vindos do Vale do Rio das Mortes.³⁵ De todo modo, trata-se de um regionalismo.

Até quase o final do século XIX, a taipa de mão continuou a ser muito usada, e seria, inclusive, adotada também pelos imigrantes italianos. Ao final desse mesmo século, outros elementos construtivos, como cal, cimento e ferro, além de material de construção importado da Europa e dos Estados Unidos, passaram a se tornar comuns, trazidos pelas ferrovias. E então ocorreria uma grande transformação nos padrões da arquitetura do ambiente rural.

³⁴ BENINCASA, V. *Op. cit.*, 2003, p. 286.

³⁵ Se assim fosse, essa técnica teria sido empregada muito antes e, também, em outras regiões de São Paulo, onde os mineiros estiveram maciçamente presentes, e não só na região de São Carlos.

Figura 88 - Implantação da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Desenho: M. Rosada.



Implantação

Nessa região foi que encontramos as fazendas mais próximas da sua configuração original, muito embora estejam sendo rapidamente desmanteladas por conta da retomada da lavoura da cana-de-açúcar, que se firmou nas últimas décadas.³⁶ Assim, ainda foi possível observar toda a dinâmica que norteou a implantação das edificações numa fazenda cafeeira das últimas décadas do século XIX.

As fazendas que foram criadas, ou reestruturadas, nessas regiões que englobam o nordeste e o centro-oeste paulista, na segunda metade do século XIX, apresentam-se, em geral, como grandes empresas especializadas no cultivo e no beneficiamento do café. Na sede dessas fazendas as edificações apresentam-se mais dispersas, apesar de configurarem um núcleo, e aquilo que já se delineava na região Central, aqui é exacerbado: a propriedade torna-se uma espécie de pequena vila. Algumas características gerais

se mantêm, como a procura por terrenos com presença de água abundante, usada como força propulsora de moinhos, de máquinas diversas, para o consumo, e nas várias etapas do beneficiamento do café; também se observa a procura por terrenos a meias encostas, mais ensolaradas.

³⁶ Nas últimas décadas, a expansão da lavoura de cana-de-açúcar, com o incentivo governamental ao programa do álcool combustível, tem levado ao desaparecimento ininterrupto dos antigos conjuntos arquitetônicos que serviram às fazendas cafeeiras e a outras de ciclos anteriores. Não foi raro encontrar, em nossos levantamentos, conjuntos inteiramente abandonados e cercados de canaviais, e outros que sumiram completamente, demolidos para dar lugar às plantações de cana-de-açúcar. Infelizmente, não só as edificações e as tradições locais têm desaparecido, mas também nascentes, matas e fauna. Como ouvimos de alguns fazendeiros, um “deserto verde” está se instalando em São Paulo.

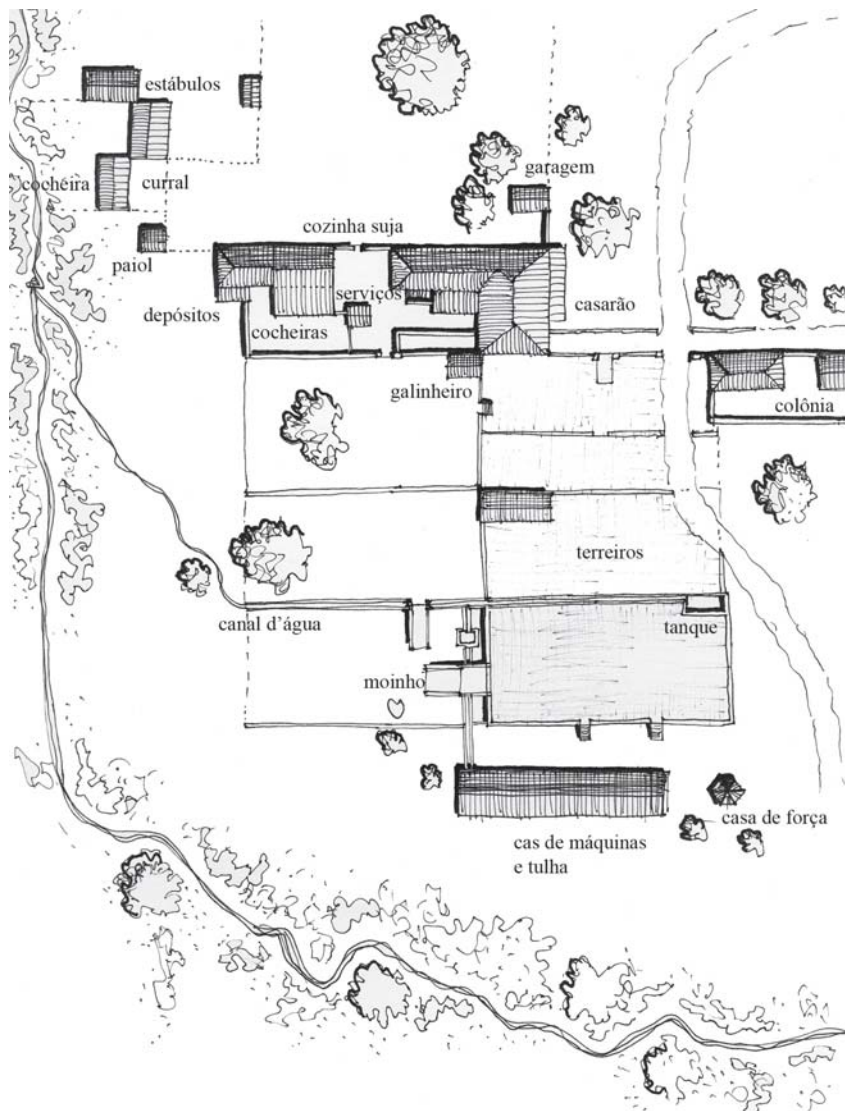


Figura 89 - Implantação da fazenda São João, Mococa. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.

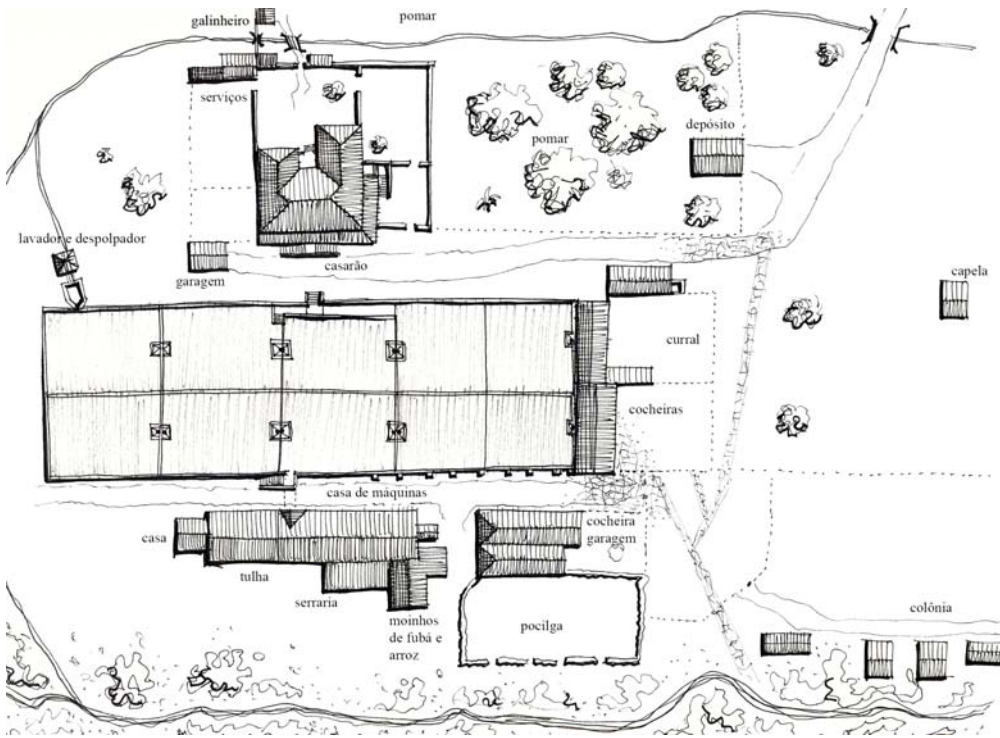
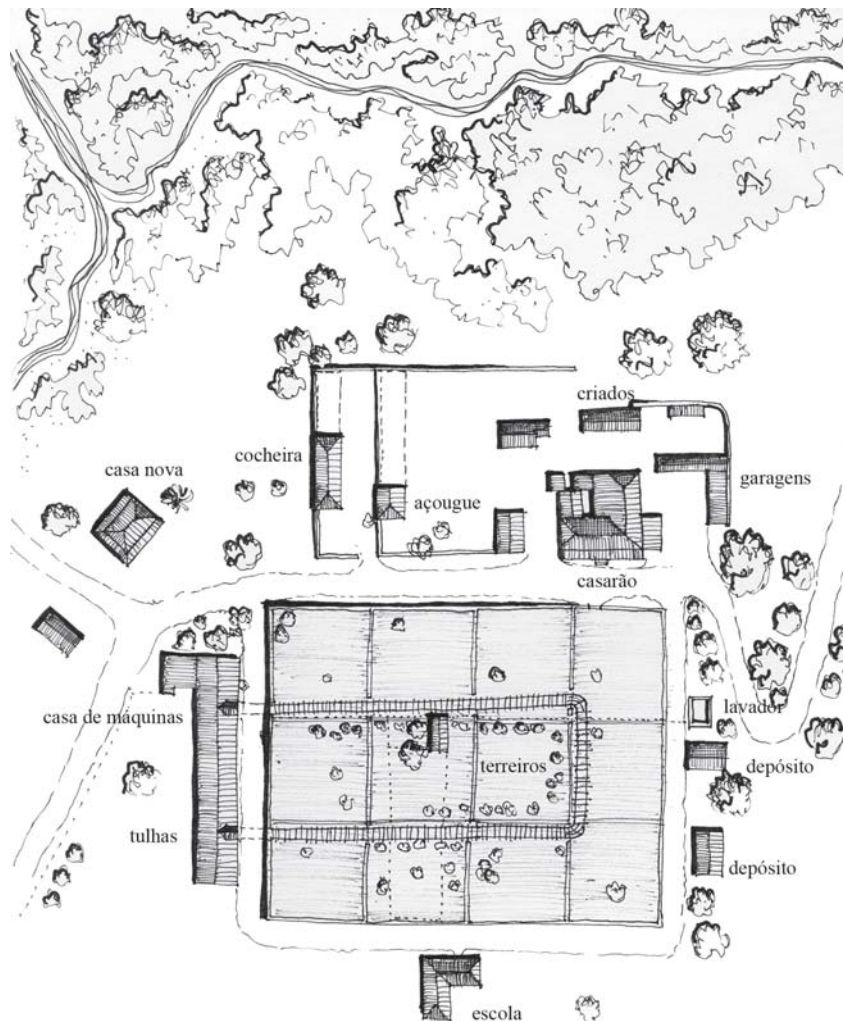


Figura 90 (acima) - Implantação da fazenda Matinha, Nuporanga. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.

Figura 91 - Implantação da fazenda Angélica, Rio Claro. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.



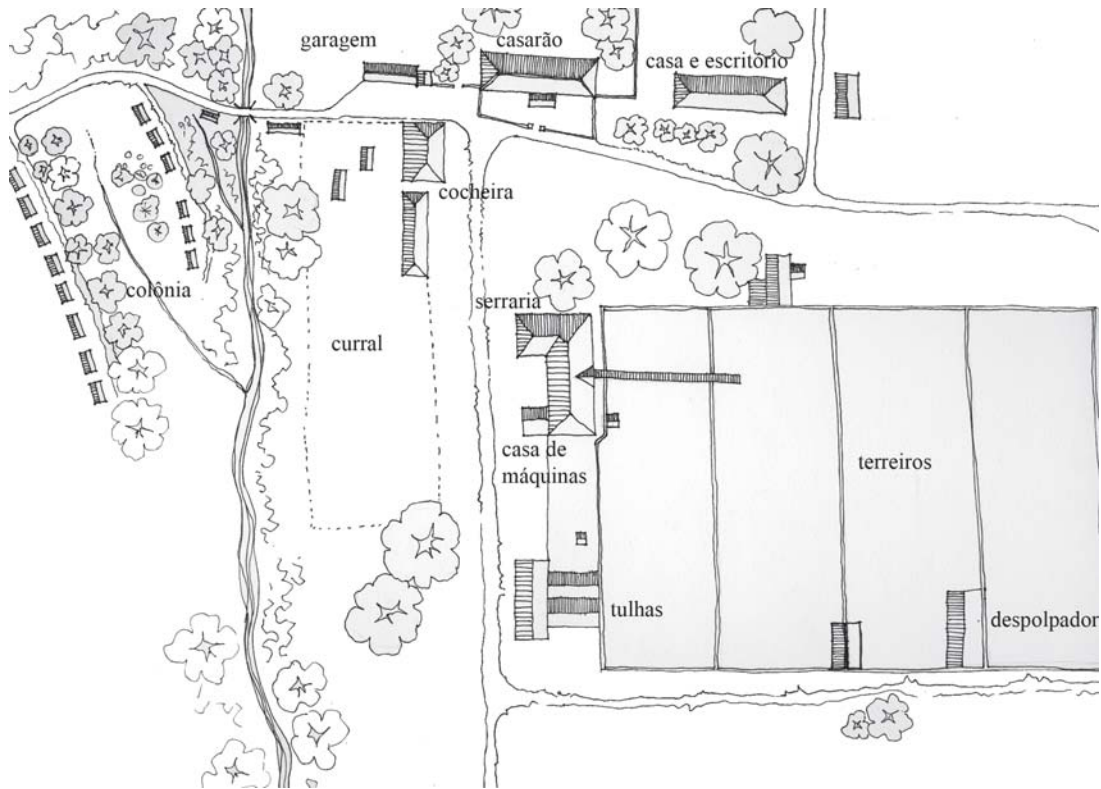
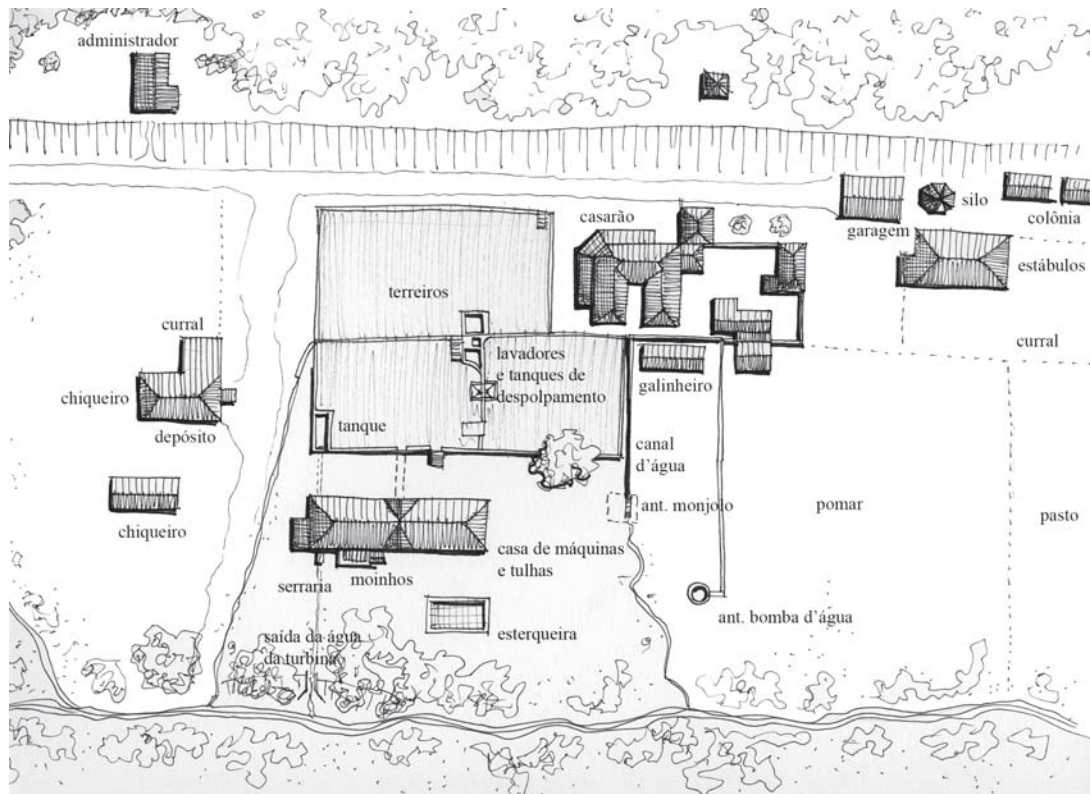


Figura 92 - Implantação da fazenda Aurora, Santa Cruz das Palmeiras. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.

Figura 93 - Implantação da fazenda São Sebastião, Sales Oliveira. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.



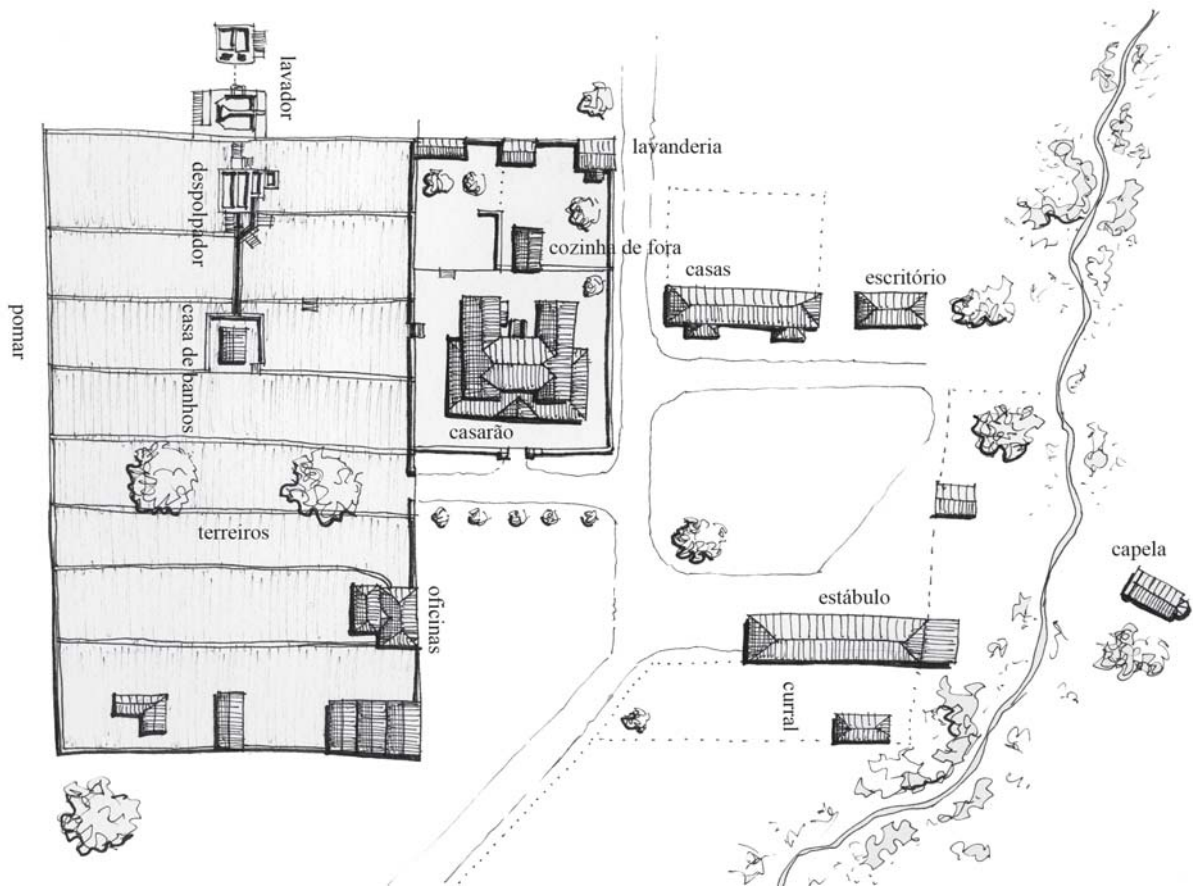
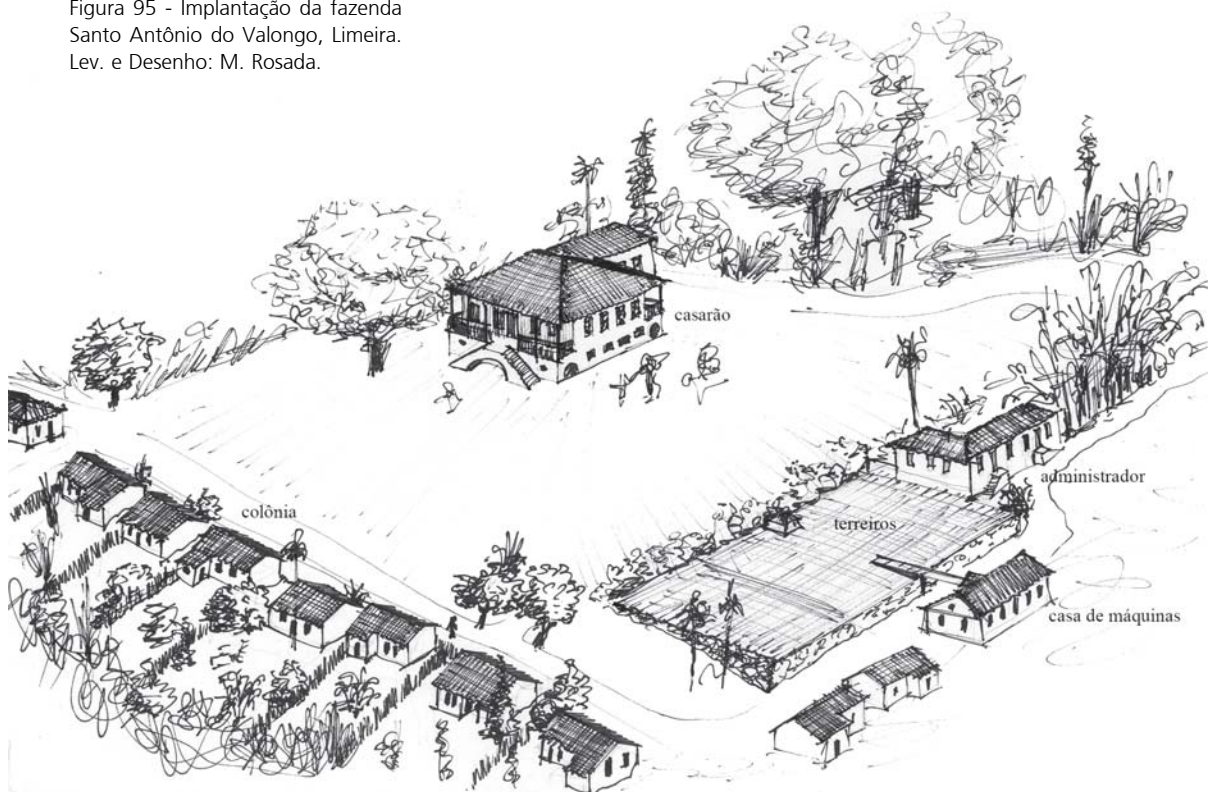


Figura 94 - Implantação da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.

Figura 95 - Implantação da fazenda Santo Antônio do Valongo, Limeira. Lev. e Desenho: M. Rosada.



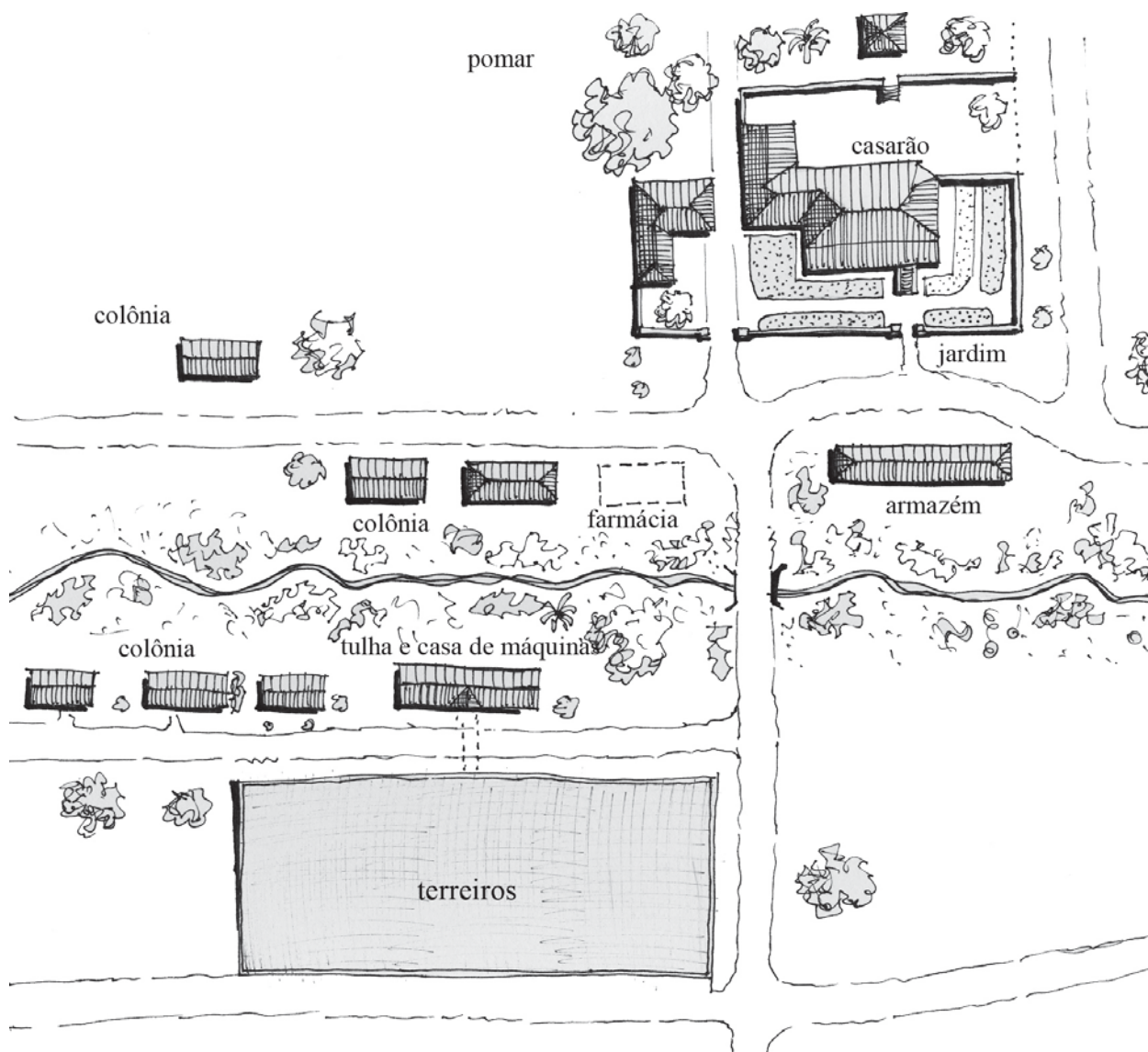


Figura 96 - Implantação da fazenda Barrinha, Jaboticabal. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.

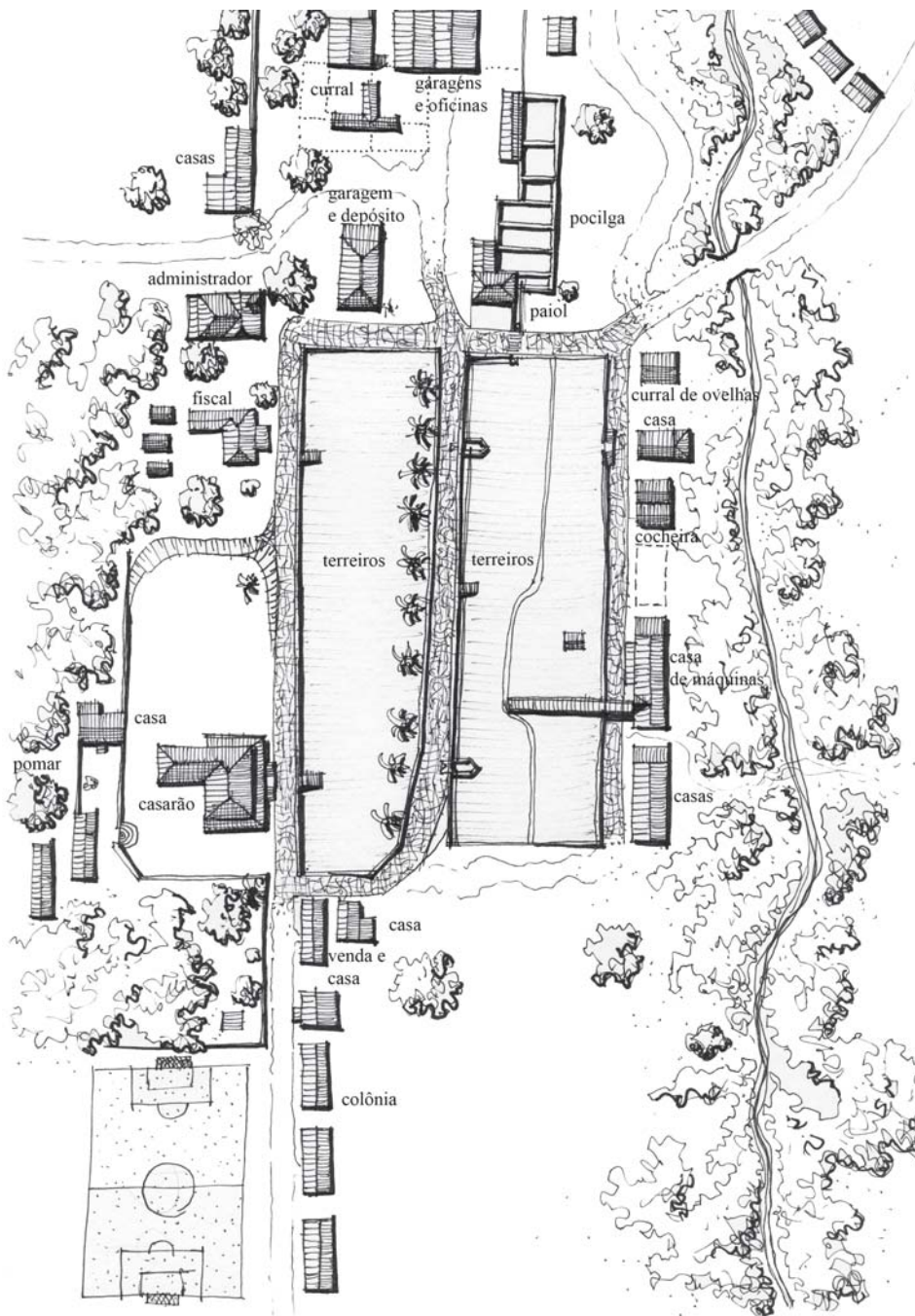
Figura 97 - Vista geral da fazenda Contendas de Baixo, Mococa. Óleo de A. Güntert, de 1925. Acervo da fazenda Contendas de Baixo.





Figura 98 - Vista geral da fazenda Santa Gertrudes, Orlandia. Óleo de N. Ferracini, de 1944, acervo da fazenda Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 99 - Implantação da fazenda Santa Gertrudes, Orlandia. Desenho: M. Rosada. Lev. V. Benincasa.



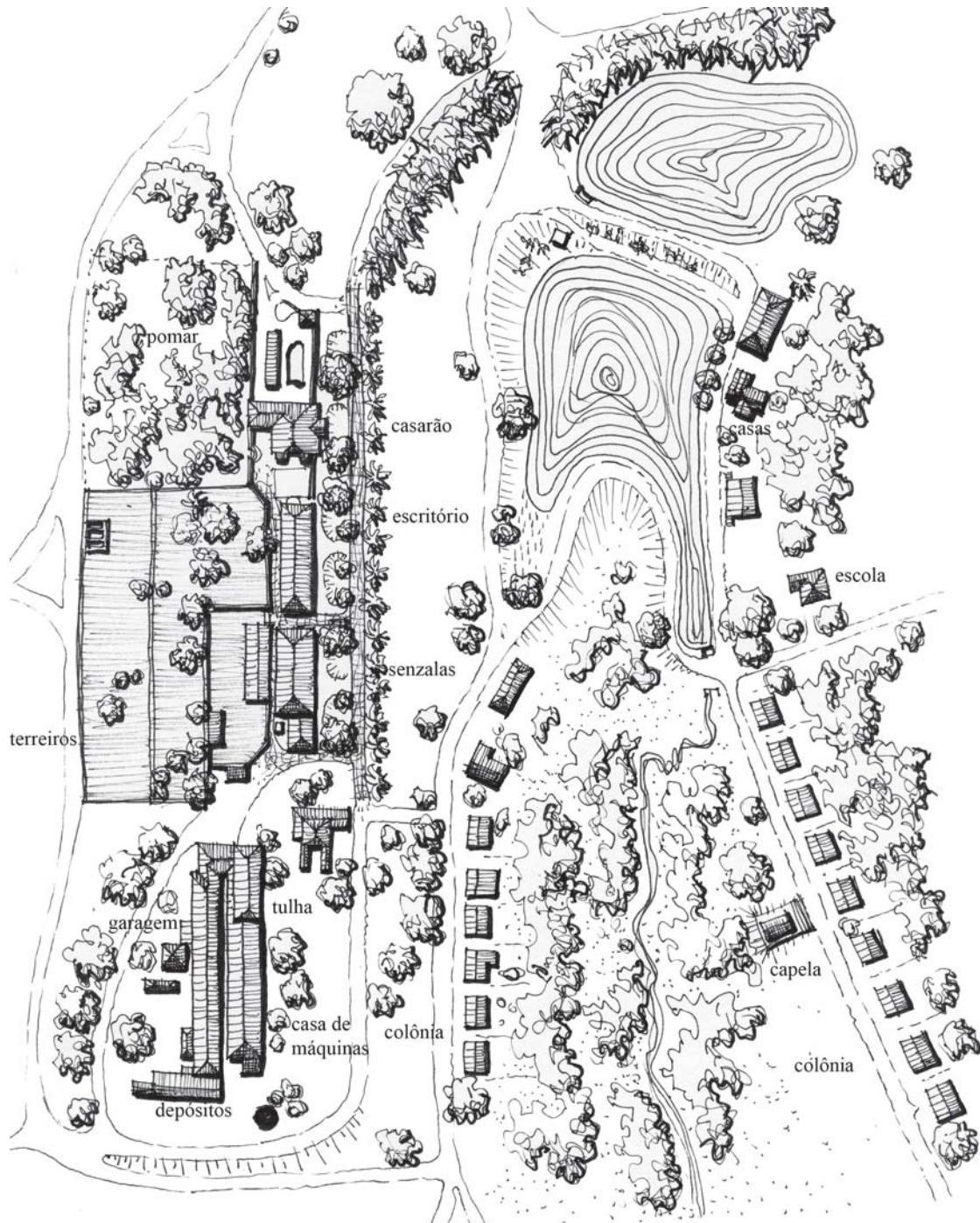


Figura 100 - Implantação da fazenda Itapema, Limeira. Desenho: M. Rosada.

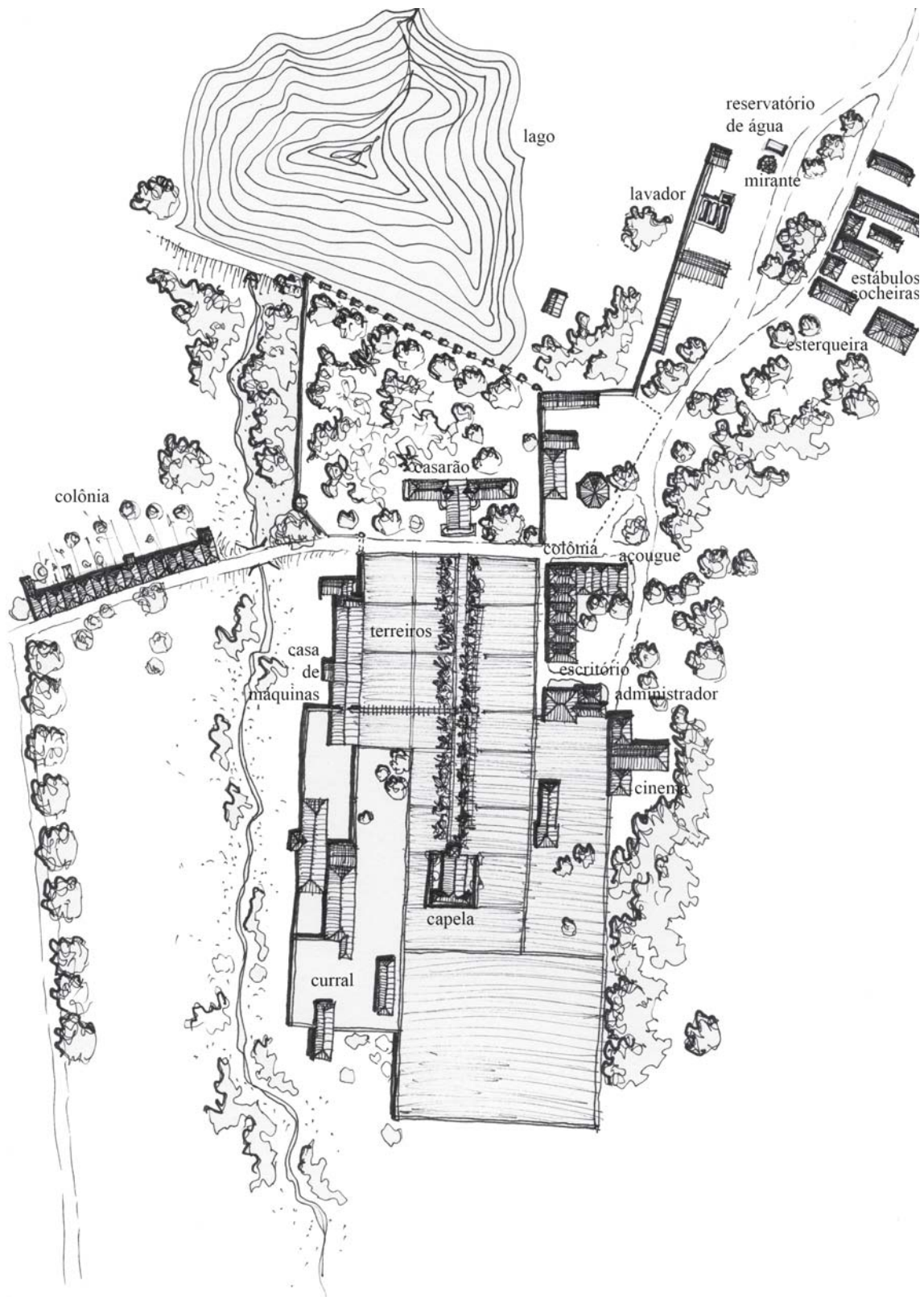
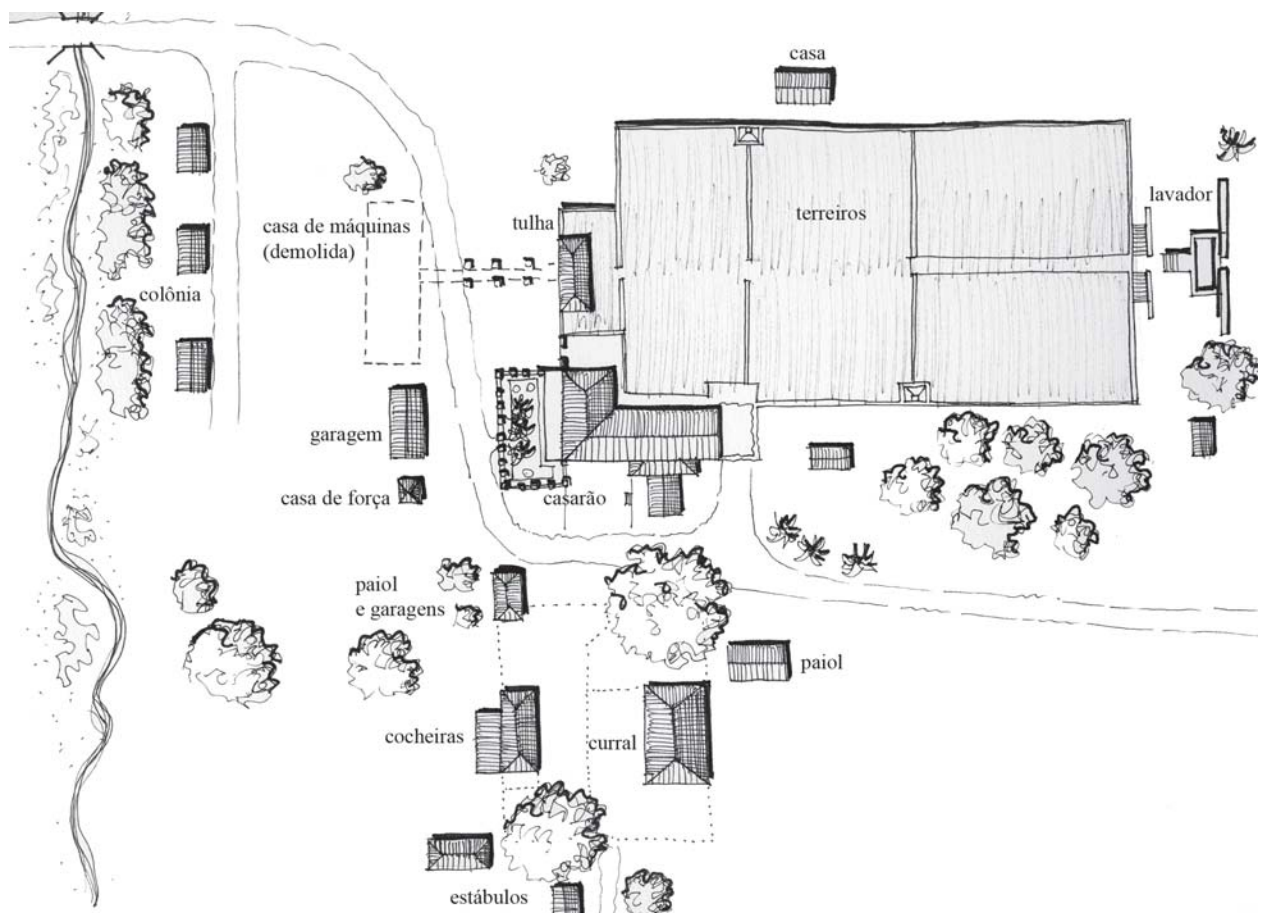


Figura 100 - Implantação da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Desenho: M. Rosada.



Figura 102 - Vista do conjunto central da fazenda Brejão, Casa Branca. Acervo da fazenda Brejão, foto do início do século XX.

Figura 103 - Implantação da fazenda Palmeiras, São Carlos. Desenho: M. Rosada.



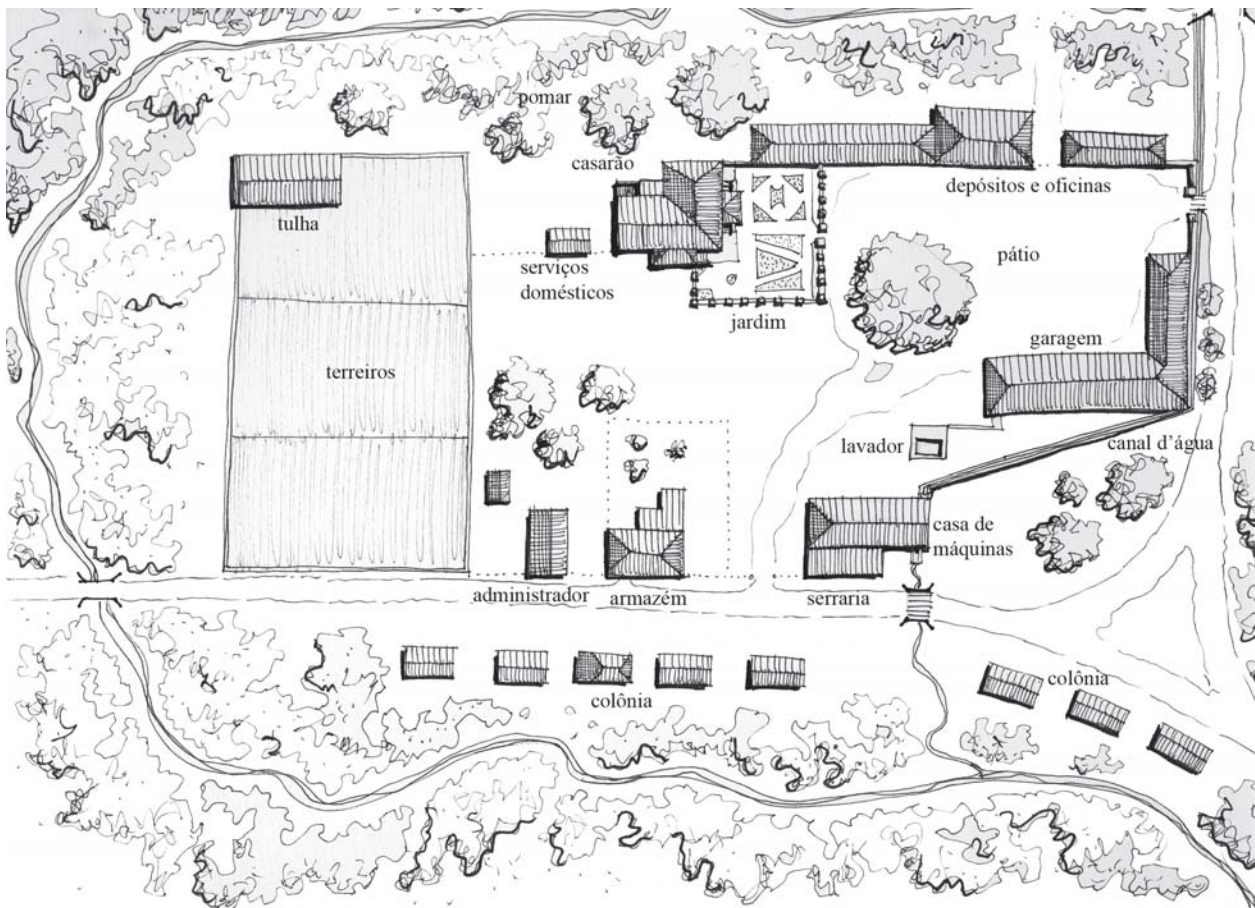


Figura 104 - Implantação da fazenda Santana, São Carlos Desenho: M. Rosada.

Dentre as edificações, o casarão continua em posição de destaque; porém, nessas novas fazendas ele não está, necessariamente, posicionado junto ao núcleo de serviços. Principalmente a partir da última década do século XIX, as casas das fazendas mais importantes passam a ser edificadas ligeiramente afastadas do núcleo cafeeiro, longe da grande quantidade de trabalhadores rurais. Isoladas em meio a grandes jardins e pomares murados, tomam a feição das vilas de veraneio. O grande fazendeiro da época já não está mais baseado na sede de sua ou das suas fazendas. Ele mora nos elegantes bairros da capital paulista e tornou-se efetivamente um viajante: ora está na Europa, a passeio ou a negócios, em feiras agrícolas; ora na capital do país, cuidando de seus interesses políticos. Geralmente nos meses de colheita, ele se estabelece, junto com sua família, no casarão da fazenda, chegando de trem, muitas vezes, em estações dentro de seus domínios, com o restante do percurso completado em troles e semi-troles. Cuida de seus negócios agrícolas à distância, através de cartas e relatórios

enviados pelos seus administradores e guarda-livros quase diariamente.

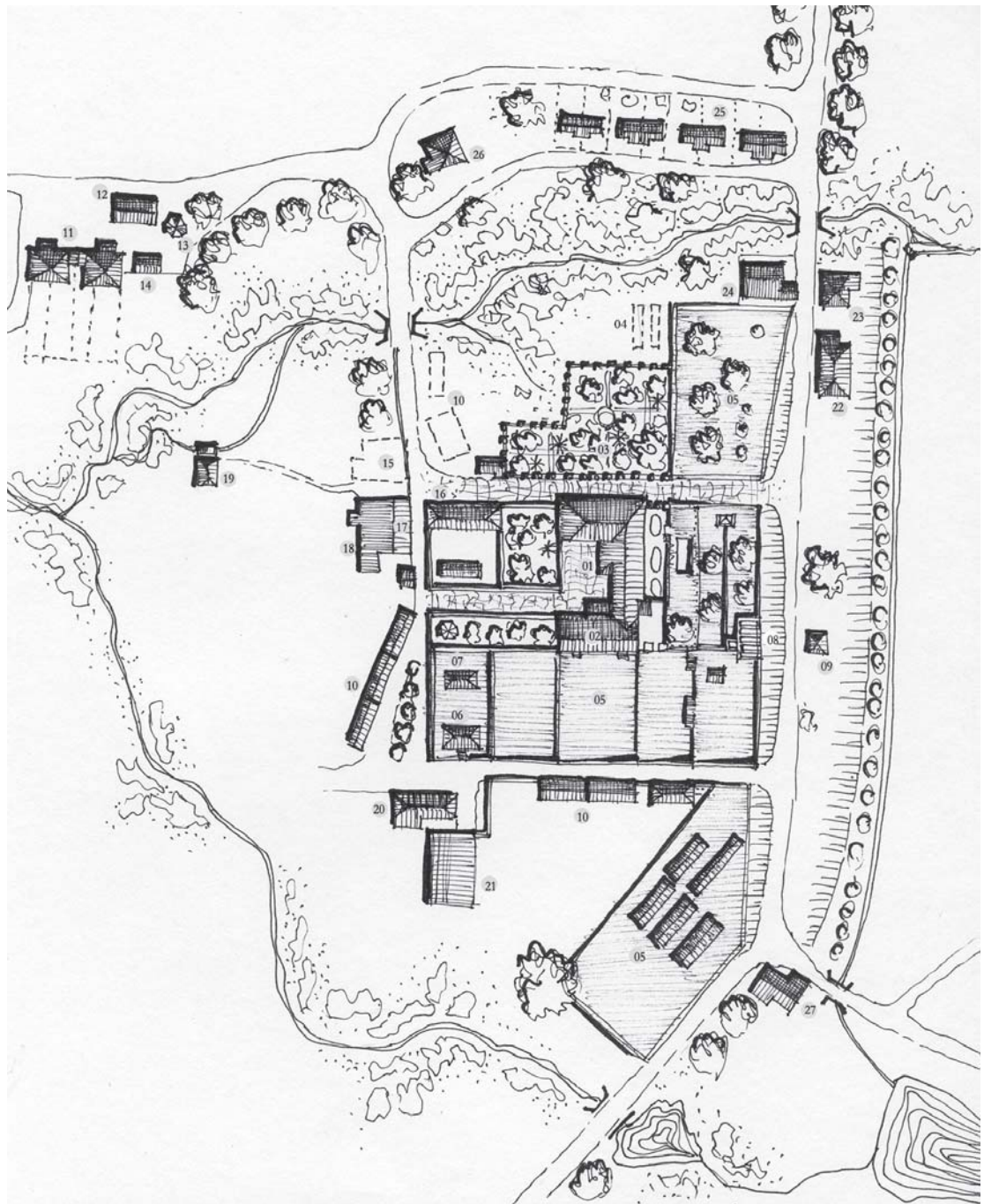
Embora em outras fazendas ainda se preserve o velho esquema de implantação, o maior distanciamento entre o casarão e o núcleo de beneficiamento do café pode ser percebido mesmo nas fazendas menores. É uma nova forma de agenciamento que passou a ser empregada, mas que não significou o abandono daquela outra, consagrada desde o início do século XIX.

Quase nos contradizendo, citamos aqui um caso bastante raro nessa região do interior paulista: o da fazenda Santa Thereza, em Cordeirópolis. Essa fazenda foi formada em 1830, tendo como principal lavoura a cana-de-açúcar, e talvez daí venha a sua peculiaridade. O seu casarão apresenta sinais de vários acréscimos feitos em diferentes épocas: há partes de alvenaria de tijolos, outras em taipa de mão, alpendres. A sua planta permite visualizar esses acréscimos,

mas o que nos chamou a atenção é que ela se constitui no único exemplar encontrado em que a casa de morada do fazendeiro se justapõe à tulha e casa de máquinas, inclusive com comunicação interna entre elas, assemelhando-se muito a alguns engenhos de açúcar nordestinos e, também, do litoral paulista. Talvez essa configuração seja resquício dos tempos em que era uma fazenda de cana-de-açúcar, e a edificação da tulha e casa de máquinas, feita ao final do século XIX, com acréscimo de 1917, tenha sido feito sobre o antigo engenho, uma vez que a parte antiga da construção, com paredes em taipa de mão, adentra parcialmente tanto a casa de máquinas, quanto a moradia...

O que seriam das regras, se não fossem as exceções?

Figura 105 - Implantação da fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Legenda: 01. casarão; 02. casa de máquinas; 03. Jardim; 04. canchas de bocha; 05. terreiros; 06. paiol; 07. depósito; 08. lavadores; 09. expurgo; 10. colônia; 11. Colônia São Manuel; 12. capela; 13. coreto; 14. Venda; 15. curral; 16. escritório; 17. oficina; 18. pocilga; 19. moinho de fubá; 20. coqueira; 21. tratores; 22. casa de farinha; 23. casa de fiscal; 24. salão de festas e escola; 25. colônia Santa Isabel (1960); 26. casa do fiscal; 27. casa. Desenho: M. Rosada.



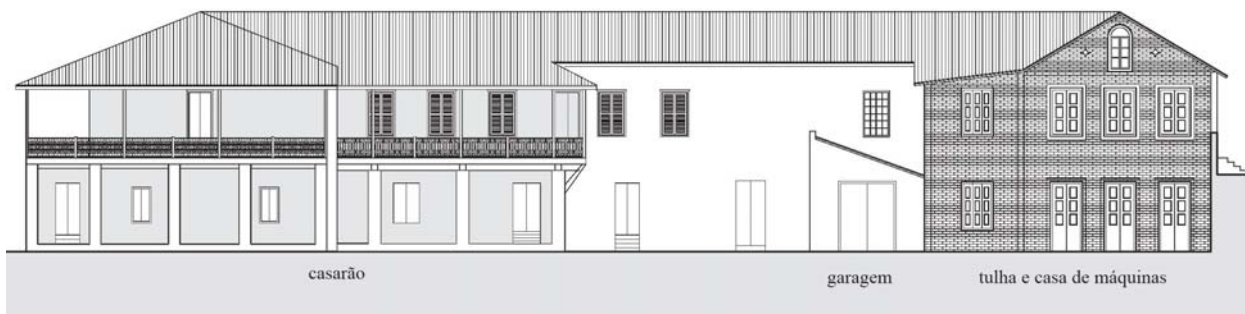
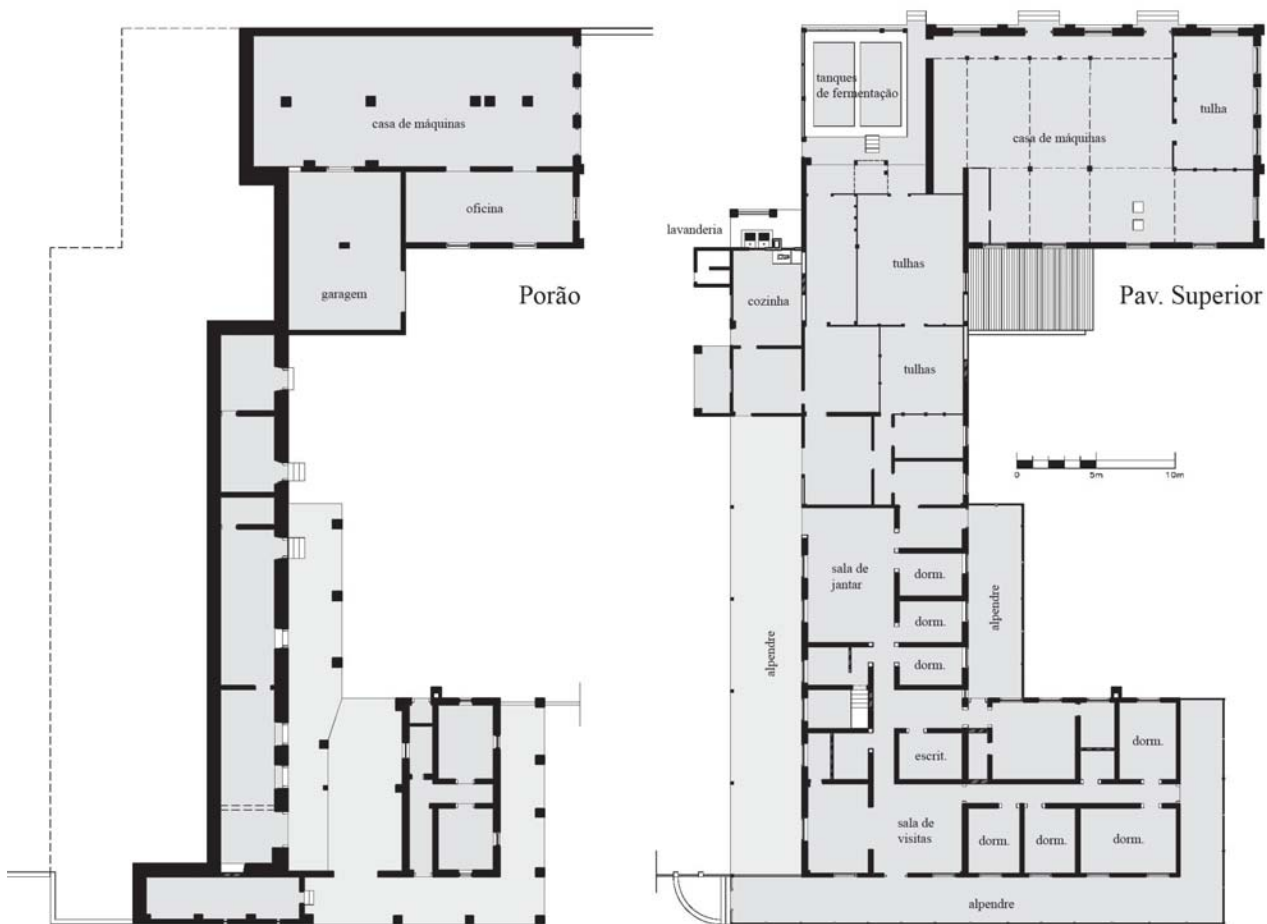


Figura 106 (topo) - Planta do casarão, tulha e casa de máquinas. Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Desenho: M. Rosada. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada.

Figura 107 - Vista posterior da edificação que abriga o casarão, a tulha e a casa de máquinas. Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Desenho: M. Rosada. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada.

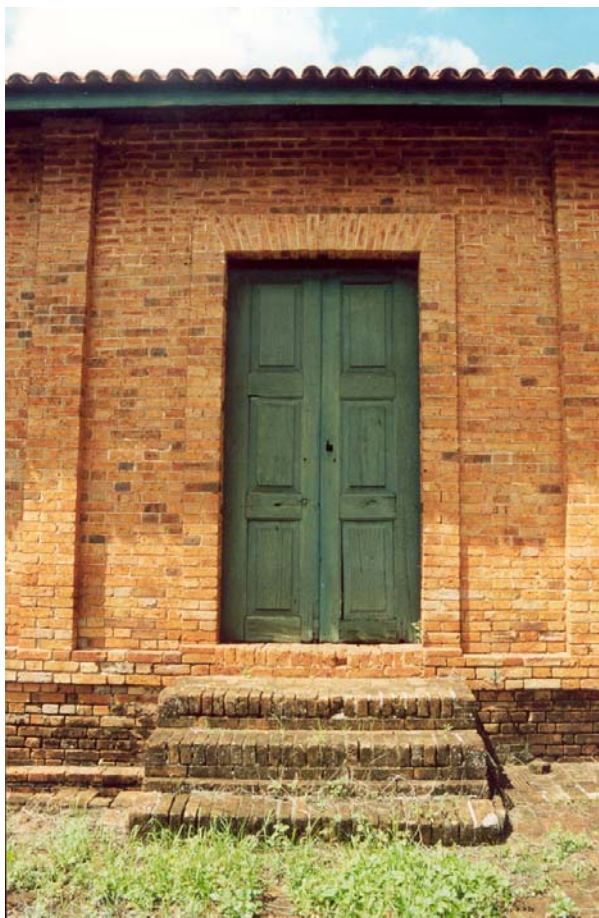
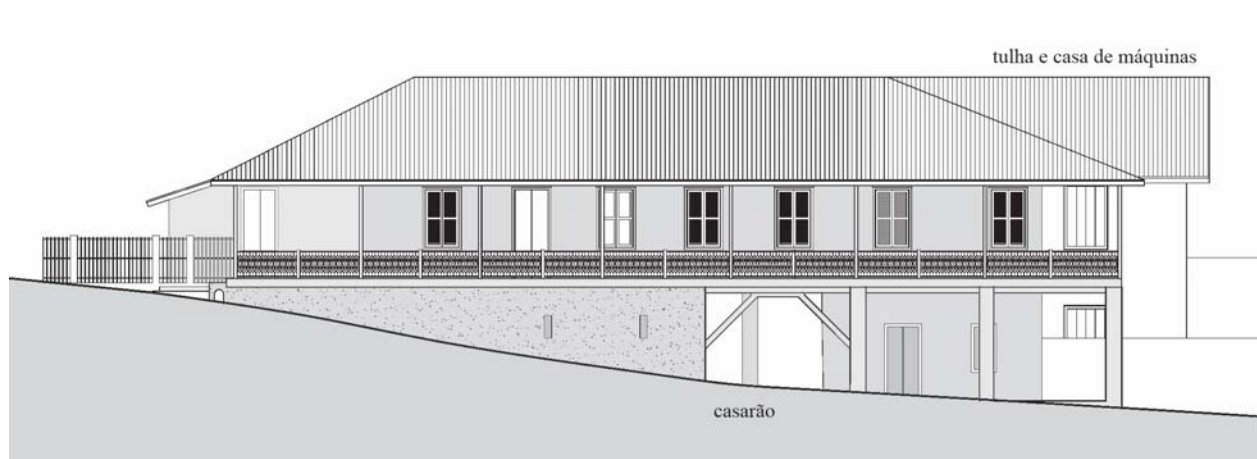


Figura 108 - Fachada do casarão, com tulha e casa de máquinas ao fundo. Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Desenho: M. Rosada. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada.

Figura 109 - Fachada da tulha e da casa de máquinas. Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 110 - Detalhe da fachada da tulha voltada para o terreiro. Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.



Figura 111 - Vista da telha e casa de máquinas a partir do alpendre traseiro do casarão. Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.



Figura 112 - Vista da fachada do casarão. Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.

Voltemos aos aspectos mais usuais. Aos fundos do casarão, junto às cozinhas, é comum encontrar o pomar, a horta, e às vezes, um jardim. Ali as mulheres colhiam frutas para os doces, verduras, legumes, temperos e ervas medicinais, para o consumo diário, e flores com as quais enfeitavam seus casarões. Nessa parte posterior do casarão ficava, também, o galinheiro e, não raro, um pouco mais afastado, um pequeno mangueiro de porcos, nos quais as cozinheiras se abasteciam de frangos e capados para os assados... Ali havia o tanque de lavar e a área para secagem das roupas, um quarto para passar e engomar, e uma cozinha externa, destinada a alimentos doces e salgados, de cozimento mais demorado, equipadas com fogões, fornos de barro e fornalhas, e todos os seus apetrechos. Esse quintal do casarão se configurava, assim, como um espaço eminentemente destinado aos serviços femininos.

Por vezes, entre a sala de jantar do casarão e esse quintal, no espaço resultante entre o corpo fronteiro do casarão e o anexo de serviços, formava-se um jardim mais aprimorado, com canteiros e tanques d'água com repuxo, viveiros de aves ornamentais e bancos; um local aprazível, sombreado e perfumado pelas plantas e flores, onde as senhoras recebiam as suas visitas nas tardes quentes do interior paulista. Esse espaço era em geral cercado por muros, de modo a separá-lo da área de serviços e dos animais domésticos.

O espaço à frente do casarão também passou a contar com uma área cercada: o jardim fronteiro. Da mesma forma que o posterior, era composto por vários canteiros, laguinhos, repuxos d'água, caminhos tortuosos, adornado muitas vezes por aves como pavões e cisnes, criados soltos, ou por

graciosos viveiros de aves coloridas e canoras. Era a moda dos jardins de desenho francês, com caminhos recurvos, cobertos por fina camada de areia branca, onde as senhorinhas podiam passear sem se preocupar em sujar seus longos vestidos, nem seus delicados sapatos importados, levando ao ombro finas sombrinhas de seda japonesa. Nesse espaço, a família do fazendeiro garantia sua privacidade, à parte do espaço produtivo da fazenda, da poeira da casa de máquinas, do vai-vem dos escravos e dos colonos europeus, estes cada vez mais numerosos... Esses jardins, como já mencionado no capítulo anterior, surgem ao final do século XIX, e muitos deles chegaram a ser projetados juntamente com o casarão.

Um dos aspectos que diferenciam as fazendas dessa região das anteriores está relacionado à nova forma de administração, que se torna comum ao findar do século XIX, onde se fortalece a figura do administrador, e surgem outros profissionais especializados como o guarda-livros, que cuida de toda a contabilidade da fazenda; o fiscal geral que, como o próprio nome diz, fiscalizava serviços nas plantações e nas várias dependências da sede; o mestre-terreiro, destinado a cuidar dos trabalhos de secagem, para que os grãos não passassem do ponto certo para o beneficiamento nas máquinas; o maquinista, responsável pelos serviços e manutenção das máquinas, entre outros.

Figura 113 - Planta da casa do fiscal da fazenda Santo Antônio dos Ipês, Jaú. Projeto de 1933, assinado pelo engenheiro Frederico Martins. Acervo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

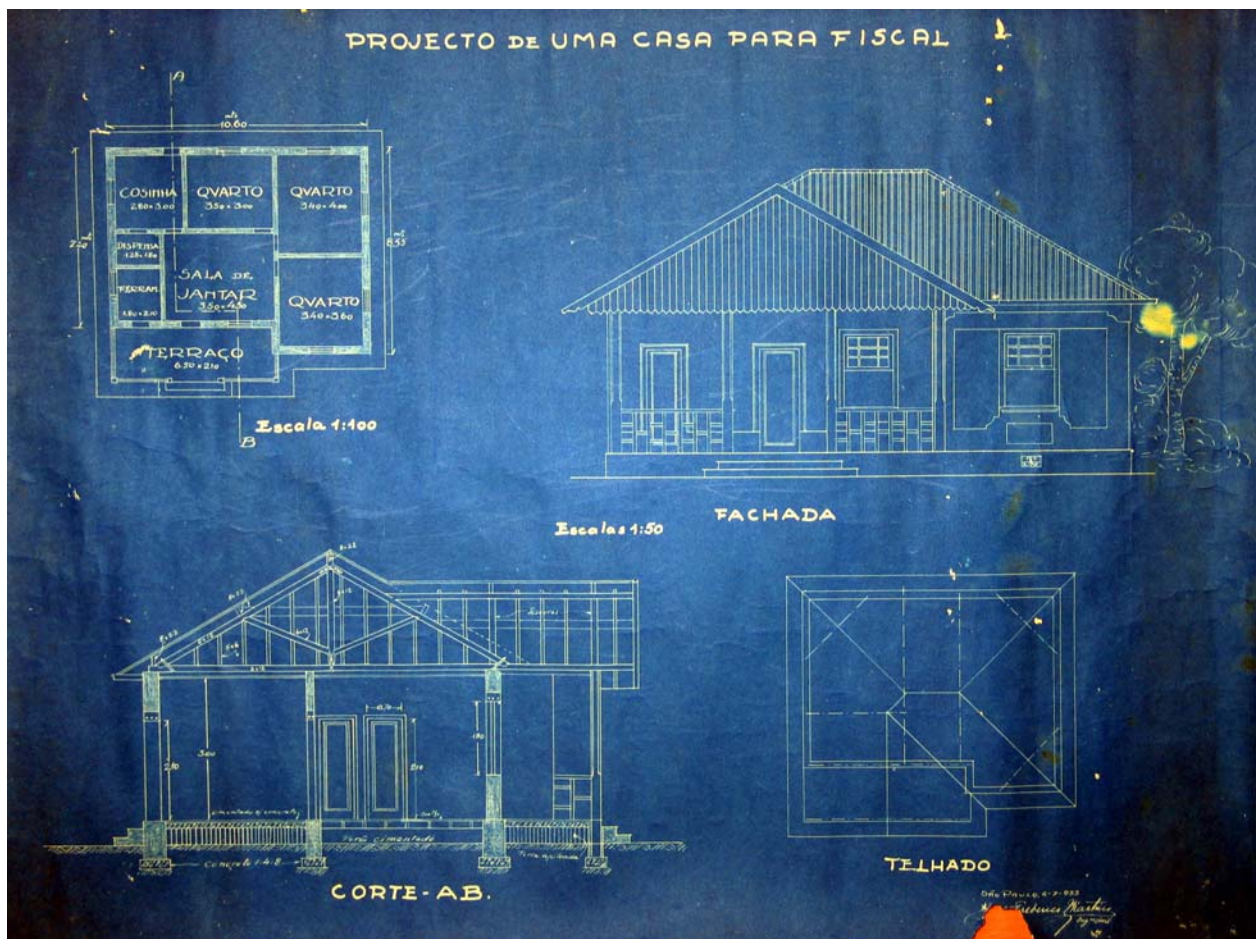
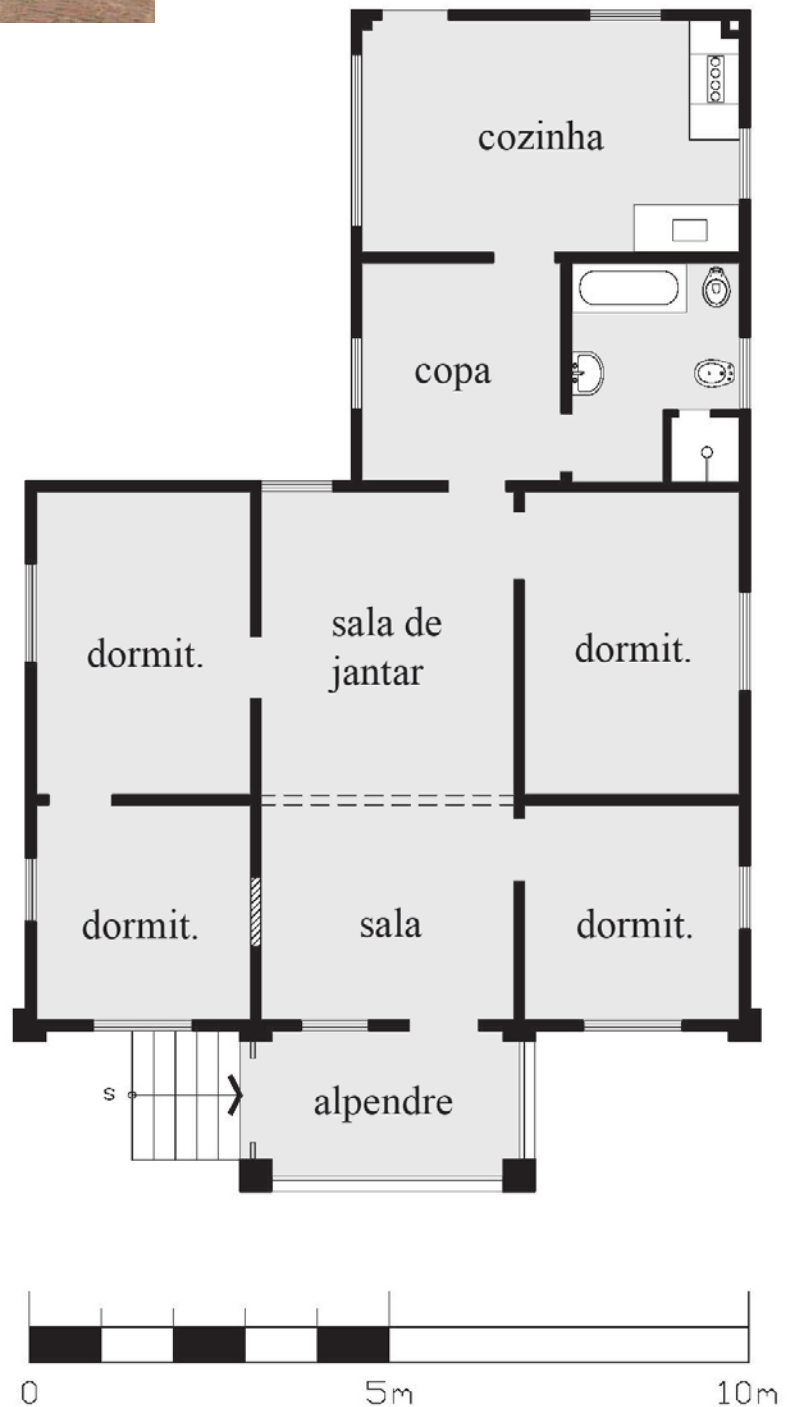




Figura 114 - Vista da casa do fiscal.
Fazenda Santa Gertrudes, Orlandia.
Foto: V. Benincasa.

Figura 115 - Planta da casa do fiscal.
Fazenda Santa Gertrudes, Orlandia.
Levantamento: V. Benincasa e L. M.
M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.



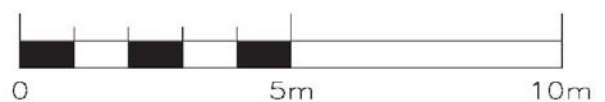
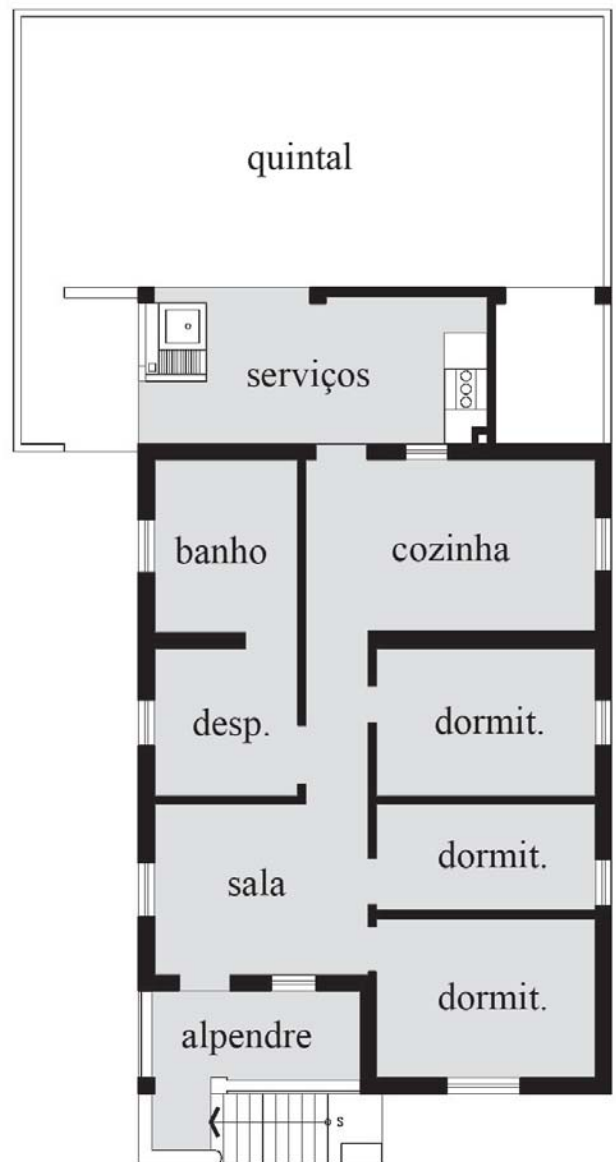


Figura 116 (acima, topo) - Vista da lateral da casa do administrador. Fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 117 (acima) - Vista da fachada da casa do administrador. Fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 118 (à direita) - Planta da casa do administrador. Fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Levantamento: V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.



Figura 119 - Vista do escritório, à esquerda, e da casa do administrador, à direita. Fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 120 - Vista da casa do administrador. Fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.



Figura 121 - Vista parcial da casa do administrador, Sr. Zuza, em 1932. Fazenda Bela Aliança, Descalvado. Acervo da Fazenda Bela Aliança.



Figura 122 - Vista da fachada da casa do administrador. Fazenda das Palmeiras, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Dessa forma, entre o idílico espaço envoltório do casarão e os terreiros, passaram a ser comuns edificações como: o escritório da fazenda, onde eram feitos todos os serviços administrativos e o pagamento aos colonos, e onde os negócios eram realizados; a casa dos funcionários graduados, como o administrador, o fiscal, o guarda-livros, entre outros; e a senzala, pois a maioria dessas fazendas da região ainda surgiu sob a égide da escravidão; porém, nesse caso, elas conviveram mais intensamente com as colônias do que as das regiões de ocupação mais antigas.

Nas imediações do casarão também ficavam: a capela; as garagens e as cocheiras, onde eram abrigados os animais de montaria e os destinados à tração dos elegantes carros de uso dos proprietários. Mais além, abaixo dessas edificações, situavam-se os lavadores de café, os terreiros e, ao seu redor, escola, armazéns, depósitos, as tulhas e casas de máquinas, as serrarias, os moinhos, alambiques, oficinas diversas, estábulos, cocheiras, cachorreiras, currais, paióis... Tudo entremeado por ruas internas e disposto ao longo de pátios de circulação. E, claro, os canais de água que abasteciam as diversas edificações e seus maquinários, cruzando os espaços ora subterrâneos, ora elevados em aquedutos.

O terreiro ainda se configura como o centro dinâmico da fazenda e organizador do espaço. O curioso é que, talvez pela tradição dos pátios de circulação trazido das fazendas mineiras do Vale do Rio das Mortes, vários outros pátios acabam por existir, formando como que vários pequenos largos, ao redor dos quais essas edificações vão se distribuindo... Em alguns casos, até mesmo o terreiro de café acaba locado ao redor de um desses pátios de circulação.

O trabalho e a movimentação das pessoas eram intensos. As fazendas cafeeiras dessa região possuíam centenas de habitantes, e, não foi incomum a ocorrência de grandes fazendas com o número de moradores superior ao milhar. As pessoas que aí viveram na primeira metade do século XX sempre mencionam a sua vida intensa; as grandes festas, muitas delas mais concorridas que as das cidades próximas; os campeonatos de futebol, entre os colonos; o idioma italiano como sendo o mais ouvido, mas também o espanhol e o português de "Portugal"; as fazendas que chegaram a possuir salas de projeção de filmes e salões de baile...

As colônias

A introdução do trabalho livre nas fazendas cafeeiras, que havia se iniciado na Ibicaba, hoje situada no município de Cordeirópolis, por volta de 1840, a partir da década de 1880 intensifica-se, trazendo milhares de trabalhadores ainda no período escravocrata. Isso repercute na paisagem rural, com o surgimento de infindáveis fileiras de casinhas geminadas, espalhadas por todos os setores das fazendas, geralmente em fundos de vale, ou em locais impróprios para as

plantações de café. Em nossos levantamentos encontramos colônias cuja implantação foge do tradicional padrão de fileiras, com casas dispostas ao redor de um grande pátio, onde apareciam também edificações destinadas a outros usos, como capela, escola e uma venda, conformando uma ambientação muito próxima a uma pequena vila interiorana, em que, de fato, algumas acabaram se constituindo.³⁷ A falta de abastecimento de água também levou alguns fazendeiros a construir, por vezes, tanques coletivos, para lavagem de roupa e de louça, que se tornavam ponto de convívio entre as donas de casa.

Dispersas, essas colônias acabaram recebendo nomes para designá-las e individualizá-las. Alguns nomes lembram características do local em que foram constituídas, como colônia de Cima, de Baixo, do Sapo (lembrando a beira de córrego em que foi instalada); ou nomes de santos. Curioso é o nome de uma colônia da fazenda Santa Escolástica, em Araras: Quadrado, sugerindo que, a princípio, para alguns fazendeiros, entre colonos e escravos não havia muita diferença.

A planta dessas casinhas, quase sempre geminadas, segue o padrão surgido na fazenda Ibicaba, em Cordeirópolis, local do primeiro conjunto de habitações para trabalhadores livres, em fazendas paulistas, de que se tem notícia: uma sala, dois dormitórios, e uma cozinha. O restante são pequenas variações sobre o mesmo tema: acrescentam-se, por vezes, cômodos aos fundos; em outras vezes, fundem-se as casas geminadas, tornando-as únicas, para abrigar famílias muito numerosas. Acréscimos e adaptações são, quase sempre, promovidos pelos próprios moradores. A grande novidade dessas casas foi a introdução do fogão à lenha com chaminés de exaustão da fumaça, pelos imigrantes europeus. Chaminés que, até então, eram pouco usadas em São Paulo e que seriam, também, bem aceitas nas cozinhas dos casarões.

Com exceção do embasamento de pedras, as casas de colônias foram construídas em diversas técnicas: casas de madeira; com taipa de mão e estrutura de madeira; ou com alvenaria de tijolos, um elemento também muito divulgado pelos italianos. Nas colônias remanescentes, a cobertura também não variou muito, onde eram usadas as telhas do tipo capa e canal. Mas há relatos de historiadores e de viajantes que encontraram casas cobertas de folhas de coqueiros; e em algumas também aparecem as telhas francesas, embora estas sejam muito pouco freqüentes. O interior quase sempre era simples e despojado: piso de terra batida, ou revestido com uma camada de cimento ou tijolos. O forro praticamente inexistiu, assim como as portas internas, ou emprego de folhas envidraçadas nas janelas. Nessas aberturas internas, a pouca privacidade era

³⁷ São várias as cidades que tiveram sua origem em fazendas de café; um caso bastante conhecido é o da fazenda Dumont, cujo casarão, atualmente, é sede da prefeitura da cidade.

conseguida com o uso de uma cortina de chita colorida, que ajudava a quebrar a sisudez e precariedade do ambiente. No entanto, em pelo menos uma colônia encontramos um interior dessas pequenas casas em que o ambiente interno recebeu um tratamento pictórico: na fazenda Aurora, em Santa Cruz das Palmeiras. Nessa colônia, cujas casas foram construídas em alvenaria de tijolos, as paredes internas das salas e dormitórios exibiam originalmente um barrado em tinta marrom e, sobre ele, uma faixa decorativa em tons de azul sobre fundo amarelo claro. Sem dúvida, foi um capricho pouco usual, pois, como já mencionamos no capítulo anterior, a vida nas colônias ocorria quase integralmente no ambiente externo. Os relatos de ex-moradores dão conta da intensa vida social que aí se processava, das festas que havia, principalmente em junho, em comemoração ao final da colheita e em homenagem aos três santos mais cultuados do mês: Antônio, João e Pedro.



Figura 123 - Aspecto externo da colônia da fazenda Aurora, Santa Cruz das Palmeiras. Foto: V. Benincasa.

Figura 124 - Detalhe de decoração pictórica em ambiente interno de uma casa de colônia da fazenda Aurora, Santa Cruz das Palmeiras. Foto: V. Benincasa.



Figura 125 (embaixo) - Aspecto geral de uma das colônias da fazenda Aurora, Santa Cruz das Palmeiras. Foto: V. Benincasa.





Figura 125 (embaixo) - Aspecto geral de uma das colônias da fazenda Aurora, Santa Cruz das Palmeiras. Foto: V. Benincasa.



Figura 126 (acima) - Aspecto externo da colônia da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 127 (à direita, topo) - Outro aspecto externo da colônia da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 128 (à direita) - Outro aspecto externo da colônia da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.





Figura 129 - Casa de madeira de colônia da fazenda Santana, São Carlos. Foto: V. Benincasa.



Figura 130 - Outra casa de madeira de colônia da fazenda Santana, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 131 - Aspecto externo de casa de colônia da fazenda Santana, construída em alvenaria de tijolos e madeira, São Carlos. Foto: V. Benincasa.





Figura 132 - Aspecto de colônia da fazenda Java, Boa Esperança do Sul. Notar a iluminação elétrica. Fonte: Álbum de São Paulo, 1927, s/p.

Figura 133 - Aspecto de colônia da fazenda Contendas de Cima, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 134 - Aspecto de colônia da fazenda Santa Maria da Pinga, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Senzalas

As senzalas também não fugiram dos padrões descritos nos capítulos anteriores. As poucas que encontramos, nas fazendas das zonas Mojiana e Paulista, seguiram os padrões adotados no Vale do Paraíba e na região Central, em renques, por vezes alguma casa isolada, destinada a algum escravo de confiança, ou formando os quadrados: sempre próximas ao casarão. Assim como nas regiões anteriores, as senzalas mais antigas eram construções simples, compostas de cubículos agrupados em lanços, cobertas com telhados em duas águas, construídas em taipa de mão, sobre alicerces de pedra, como a existente na fazenda Pinhal, em São Carlos, ou adobe, como na fazenda São Gilberto, em Sales Oliveira, ambas situadas ao lado dos casarões. As mais recentes foram construídas com um pouco mais de cuidado, apresentando paredes externas de tijolos, enquanto que as divisões internas eram feitas em taipa de mão. Outras utilizaram a pedra nas paredes externas, como as das fazendas Itapiru, em São Carlos, e Vista Alegre, em Rio Claro. Esta última se encontra em ruínas, praticamente sendo possível observar apenas parte de suas paredes e alicerces. A sua disposição é interessante, pois era formada, aparentemente, por dois lances de cubículos paralelos entre si, formando um pátio interno, cercado de muros; certamente as aberturas desses cubículos se voltavam para o interior desse pátio.

Na configuração do quadrado mais tradicional, muito utilizado nas fazendas campineiras, em que os lanços de

senzalas se agrupavam ao redor de um pátio fechado, encontramos apenas aquele remanescente da fazenda Santa Maria, situada no bairro do Monjolinho, em São Carlos. Ali ainda se pode observar vestígios da entrada única que havia e os alicerces do pátio. A edificação foi, posteriormente, adaptada, transformando-se em várias casas de colonos, e do muro que cercava o pátio quase nada resta.

Em duas fazendas encontramos senzalas alpendradas, em configuração muito semelhante àquela da fazenda São Sebastião em Amparo, vista no capítulo anterior: na fazenda Brejão, em Casa Branca, e na fazenda Santa Amélia, antiga Monte Olimpo, em Descalvado. A primeira trata-se de uma edificação com alvenaria de tijolos nas paredes externas, apresentando inclusive alguma intenção decorativa, na face voltada para o casarão, enquanto que a face alpendrada, voltada para o pátio que aparentemente existiu a sua frente, é mais simples. O segundo exemplo, pelo que pudemos observar, trata-se de construção com estrutura autônoma de madeira, dividida em dois corpos unidos por um pátio coberto - que segundo informações obtidas na própria fazenda Santa Amélia - era o local onde se preparava a comida dos escravos; um estreito alpendre acompanha as faces desses dois corpos, embutido sob o telhado em duas águas que cobre todo o conjunto.³⁸

³⁸ Infelizmente, o levantamento foi feito parcialmente nesse exemplar, pois não obtivemos autorização para uma segunda visita; assim, não possuímos foto dessa edificação remanescente.

Figura 135 (abaixo) - Senzala alpendrada da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 136 (à direita) - Vista do alpendre, senzala da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



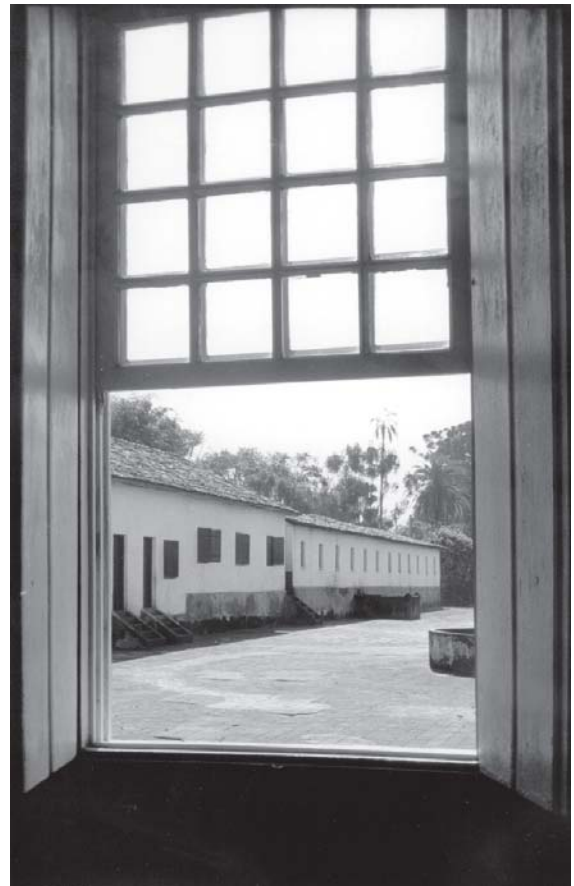


Figura 137 (acima, topo) - Fachada voltada para o casarão. Senzala da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 138 (acima, centro) - Senzala em ranque da fazenda Santa Maria, bairro da Babilônia, São Carlos. Foto: Paulo Pires. Acervo Maria Ângela P. C. S. Bortolucci.

Figura 139 (acima) - Senzala em quadra da fazenda Santa Maria, bairro do Monjolinho, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 140 (acima, topo) - Senzala em ranque da fazenda Pinhal, São Carlos. Foto: Paulo Pires. Acervo Maria Ângela P. C. S. Bortolucci.

Figura 141 (acima) - Edificação que provavelmente abrigou a senzala da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Edificações do Beneficiamento

As grandes plantações e as enormes safras, obtidas nas fazendas cafeeiras surgidas nas zonas Paulista e Mojiiana, forçaram o uso dos dois tipos de beneficiamento numa mesma fazenda: por via seca e por via úmida. Assim, é comum observar ainda os grandes tanques de lavagem do café, as máquinas despulpadoras e os tanques de fermentação, usados no método por via úmida; e também dois tipos de terreiros, aqueles destinados ao café em coco, ou com casca, característicos do método por via seca, e aqueles destinados aos grãos despulpados. Ambos geralmente pavimentados.



Figura 142 (à direita, topo) - Terreiros pavimentados com ladrilhos cerâmicos. Fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 143 (à direita, centro) - Detalhe de rotatória de vagonetas Decauville, terreiros da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 144 (à direita) - Trilhos e canais dos terreiros da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 145 (embaixo) - Terreiros pavimentados com ladrilhos cerâmicos. Fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.





Fig. 146. Secador de café, fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Fig. 147. Aspecto externo da tulha e casa de máquinas, fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Fig. 148. Passarela suspensa, aspecto interno da tulha e casa de máquinas, fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Fig. 149. Aspecto interno da casa de máquinas, fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Fig. 150. Marca de uma das máquinas de beneficiamento de café, fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.



Figura 151 - Aspecto do porão da casa de máquinas, com o eixo de transmissão de movimento com as várias polias e correias, fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 152 - Outro aspecto do porão da casa de máquinas, fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 153 - Vista dos terreiros da fazenda Engenho Velho, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 154 - Detalhe do muro inferior dos terreiros da fazenda Engenho Velho, São Carlos. Observar o sistema de drenagem das águas, já utilizadas no processo de beneficiamento e transporte dos grãos. Foto: V. Benincasa.

Figura 155 - Tulha e casa de máquinas da fazenda Engenho Velho, São Carlos. Foto: V. Benincasa.



Figura 156 - Vista dos terreiros da fazenda Chile, São Carlos. Aos fundos, a tulha e casa de máquinas. Observar o sistema de trilhos para vagonetas. Foto: V. Benincasa.

Figura 157 - Tulha e casa de máquinas, vistas do fosso entre os terreiros e a edificação. Fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 158 - Vista da fachada posterior da casa de máquinas da fazenda Chile, São Carlos. Aos fundos, a tulha de cereais. Foto: V. Benincasa.

Figura 159 - Vista parcial dos terreiros da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

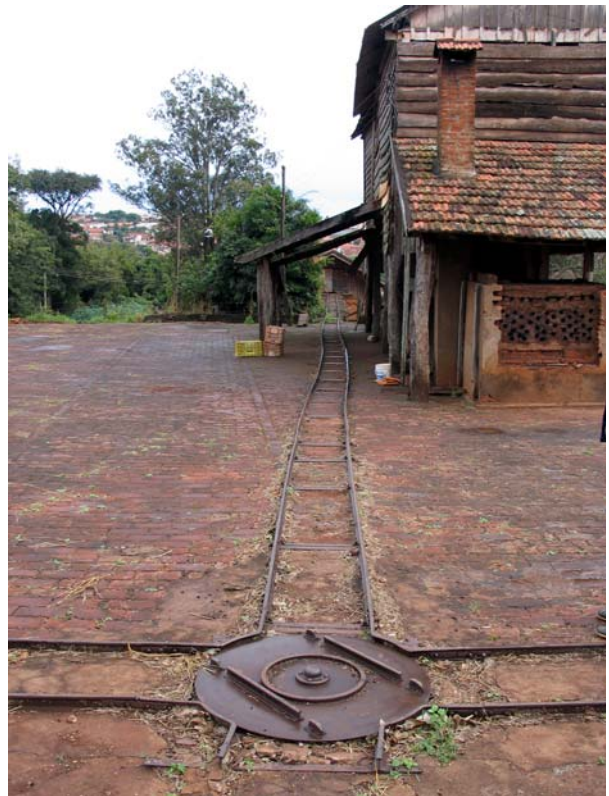
Figura 160 - Vista da lateral superior dos terreiros, com os canais de abastecimento de água, fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Figura 161 (acima, topo) - Lavador e o complexo sistema de canais de separação de grãos e impurezas. Terreiros da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 162 (acima) - Secador de café, à lenha. Terreiros da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 163 (à direita) - Sistema de trilhos Decauville, com secador em segundo plano; aos fundos, a tulha. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.



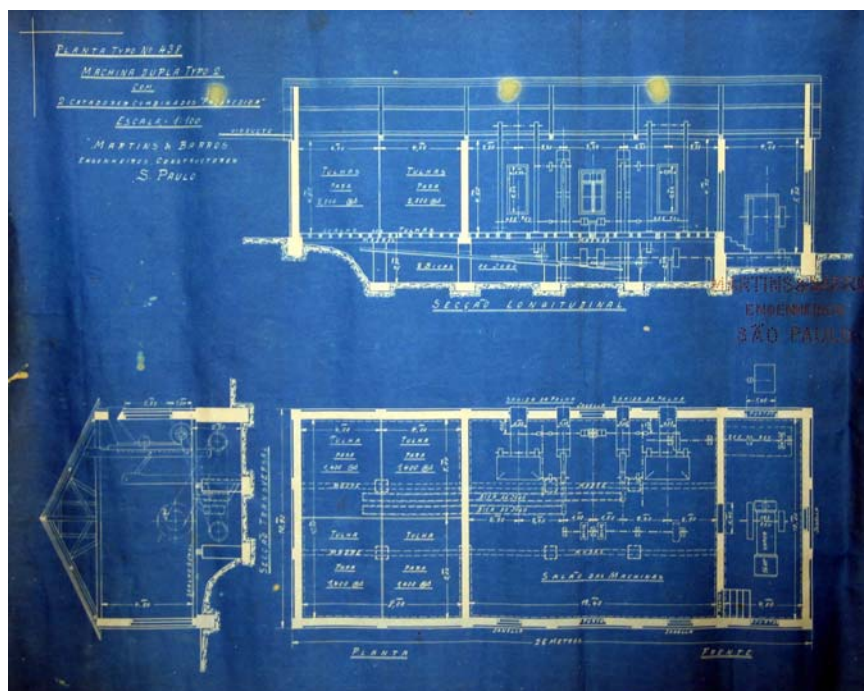
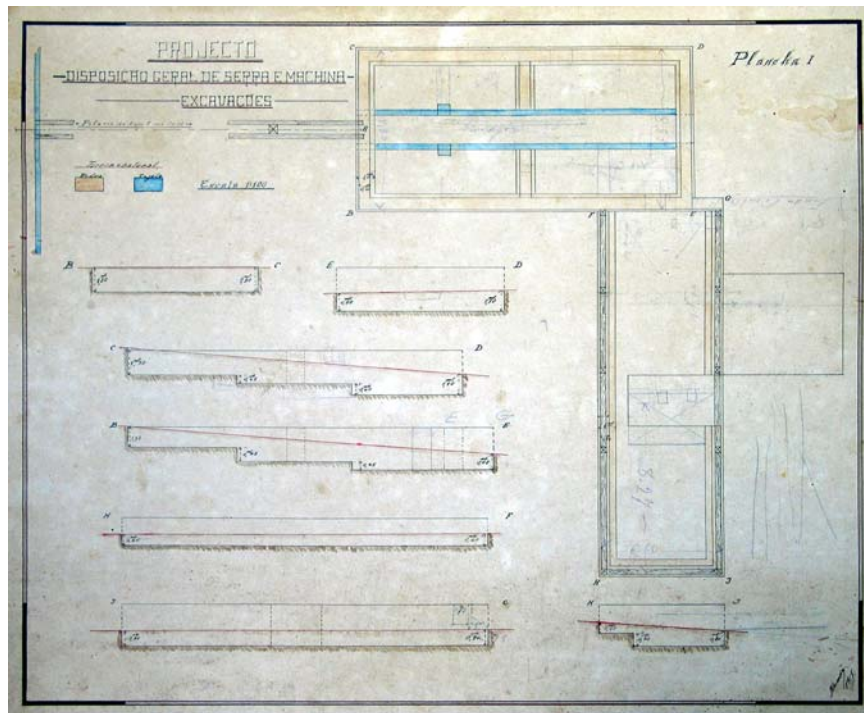


Figura 164 (topo) - Projeto da tulha, casa de máquinas e serraria: planta de fundação. Acervo da fazenda Santo Antônio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 165 - Planta-tipo de edificação para máquina de beneficiamento de café, fornecido pela Martins & Barros Engenharia, com máquinas combinadas tipo Progredior. Acervo da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Figura 166 - Vista da casa de máquinas, com a passarela de ligação com os terreiros, fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 167 - Vista da lateral da casa de máquinas, fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 168 - Vista dos fundos da casa de máquinas, com o anexo da serraia, fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 169 - Vista dos terreiros de café da fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 170 - Detalhe de escadaria de acesso aos terreiros de café da fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 171 - Detalhe do sistema de trilhos de vagonetas, com rotunda. Terreiros de café da fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 172 (topo) - Planta da casa de máquinas da fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Lev. V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.

Figura 173 (acima, centro) - Tulha e casa de máquinas, em ruínas. Fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 174 (acima) - Outro aspecto das tulhas e casa de máquinas, da fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 175 (acima, centro) - Aspecto interno da casa de máquinas, da fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 176 (acima) - Aspecto interno da tulha, vendo-se a passarela suspensa. Fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

A complexidade dos terreiros era enorme: ele era cortado por diversos canais que iam separando os grãos despolidos para algumas quadras e os grãos em coco para outras, de modo a não misturá-los, obtendo, ao final, tipos diversos de cafés, destinados a mercados diferentes. Os lavadores também aumentaram sua eficiência, surgindo tipos muito mais eficazes na retirada de impurezas como pedras, folhas e gravetos. Por essa época surge o lavador denominado “maravilha”, muito empregado nas grandes fazendas, que era composto de dois tanques de lavagem, dispostos sucessivamente, que retiravam com alto grau de perfeição aquelas impurezas, e ajudavam muito o processo de beneficiamento nas máquinas.

Um outro aspecto que chama a atenção, nessas fazendas, é a dimensão alcançada por esses equipamentos, para dar conta do beneficiamento das safras que batiam recordes sucessivos de produção: mesmo com tanques de lavagem cada vez maiores, e terreiros que adquirem centenas de metros em suas dimensões laterais, muitas fazendas acabam implantando os secadores artificiais para acelerar o processo de beneficiamento e evitar a perda das safras. Esses secadores foram de variados tipos, mas basicamente eram compostos de várias mesas, onde eram colocados os grãos a serem secos, dispostas umas sobre as outras e alocadas dentro de um compartimento fechado. Ao lado, havia uma fornalha, que aquecia o ar desse compartimento, de baixo para cima, fazendo com que ele percorresse as diversas mesas, saindo por aberturas situadas na parte superior. O uso desse equipamento devia ser feito por experientes profissionais, a fim de que os grãos não perdessem sua

umidade em demasia, e nem ficassem com seu aroma e sabor comprometidos.

Outra novidade surgida nos enormes terreiros foi o uso de equipamentos para transportar o café já seco, das várias e, agora, longínquas quadras, até a edificação que abrigava as tulhas e a casa de máquinas: as vagonetas sobre trilhos. Esse sistema, já usado em outras partes do mundo, foi desenvolvido na França, no século XIX, pela firma Decauville, e era muito utilizado nas indústrias para o transporte de minério de ferro, carvão, etc; na colheita e transporte de beterraba, na Europa, entre outras utilidades. Constituíam-se de seções de trilhos retas e curvas de bitola muito estreita, portáteis, que podiam ser montados e desmontados, sobre as quais se moviam vagonetas. Em algumas fazendas, esses trilhos foram afixados; em outras, eram montados de acordo com as necessidades, levando as vagonetas para os diversos setores do terreiro.

Quanto às tulhas, elas adquirem dimensões maiores para poder acondicionar as grandes quantidades de café seco, ao contrário do cômodo destinado à casa de máquinas que, como vimos, com o aperfeiçoamento do maquinário ficou cada vez menor e com maior rendimento.

A princípio, nessa região, as tulhas e casas de máquinas têm o aspecto externo muito simples, sem elementos decorativos. Porém, com o passar do tempo, à medida que chegava o final do século XIX e o início do século XX, elas também foram alvo de preocupação estética, bem como o restante das edificações da fazenda. Suas aberturas, portas

Figura 177 - Tulha e casa de máquinas, fazenda Paredão, Ibaté, demolida na década de 1980. Foto: V. Benincasa.





Figura 178 - Tulha e casa de máquinas, fazenda Santa Eudóxia, São Carlos. Foto: P. Pires. Acervo: M.A.P.C.S. Bortolucci.

e janelas, adquirem desenhos diferenciados, com vergas em arco abatido ou pleno, ou até mesmo arcos góticos, e também passam a ser comuns as janelas com jogo duplo de folhas: escuros, na parte interna, e envidraçadas, na parte externa. Quando tinham a alvenaria revestida por argamassa, elementos da arquitetura clássica foram muito empregados, como as cimalthas, as falsas pilastras, as pestanas e molduras. Esses cuidados ornamentais na elaboração do desenho da fachada dão uma nova qualidade e importância a essas edificações no conjunto da fazenda.

Tais cuidados são ainda mais notados na sua execução, onde os ensinamentos do manual de Laborie, do final do século XVIII, podem ser checados um a um. Essas edificações são assobradadas, ao menos em uma das fachadas, pois quase sempre estão situadas em terrenos em declive, ou possuem o porão alto, utilizável, onde eram alocados a bica de jogo e os eixos de transmissão do movimento de rotação. Possuem, em geral, o pavimento inferior de alvenaria de pedra, garantindo ao pavimento superior o isolamento da umidade do solo. Esse piso superior varia muito de técnica

construtiva. Encontramos algumas poucas edificações construídas em taipa de mão e, outras, mais numerosas, foram feitas integralmente em alvenaria de pedra, como as belas tulhas das fazendas Paredão, em Ibaté, já demolida, e a da fazenda Santa Eudóxia, ambas em São Carlos. A primeira possuía alguns requintes, como janelas com folhas almofadadas internas e folhas envidraçadas externas, e bandeira em arco pleno. A segunda, pelas suas dimensões e pelo desenho das empenas laterais, adquire o aspecto de uma edificação industrial urbana; os acabamentos nos arcos plenos das vergas das janelas foram feitos com tijolos, assim como as cimalthas sob os beirais, resultando num desenho bastante sofisticado.

Mas a grande maioria foi feita, já, em alvenaria de tijolos, elemento construtivo que se tornou cada vez mais comum nas edificações das fazendas. Em muitas tulhas e casas de máquinas, principalmente nas mais antigas, é possível observarmos o uso do tijolo somente como vedação e não como elemento estrutural, assentado entre a estrutura autônoma de madeira.



Figura179 - Tulhas da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. A edificação à direita é a tulha velha, de aproximadamente 1850; à esquerda a tulha "nova", algumas décadas mais recente, mas ainda do século XIX. Foto: V. Benincasa.

Figura 180 - Estrutura da tulha velha, de madeira, com vãos preenchidos por tijolos. Fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 181 - Aspecto interno da tulha velha. Fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 182 - Aspecto interno da tulha "nova", vendo-se algumas antigas vagonetas. Fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.

Um bom exemplo da arquitetura que caracteriza as casas de máquinas da região é a existente na fazenda Brejão, em Casa Branca. Na sua fachada há vestígio do *palladianismo* retomado pela arquitetura do século XIX. Ela apresenta corpo central assobradado cuja cumeeira está disposta transversalmente ao corpo do edifício, fazendo um bom uso da empena triangular na composição do desenho geral. As aberturas, com vergas em arco abatido, estão distribuídas de maneira regular, resultando num desenho de rigorosa simetria e grande harmonia. Além da casa de máquinas e dos depósitos de café das tulhas, o edifício abriga ainda uma marcenaria, uma serraria e uma casa de força, num uso muito adequado dos espaços. No nível térreo, o acesso pode ser feito pela rua que o separa dos terreiros e, no nível superior, pela grande passarela por onde entram as vagonetas.



Figura 183 (topo) - Vista geral dos terreiros da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 184 (acima) - Vista dos terreiros: notar os canais de drenagem de águas pluviais. Fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 185 (acima) - Passarela de ligação entre terreiros e tulha: a estrutura de madeira praticamente desapareceu, sobrando os trilhos das vagonetas. Fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa



Figura 186 (à esquerda, topo) - Vista geral da fachada da edificação que abriga a tulha, casa de máquinas, serraria e moinhos. Fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 187 (à esquerda, centro) - Vista posterior da tulha e casa de máquinas, a partir das cocheiras. Fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 188 (à esquerda) - Vista dos tanques de lavagem de café, situados atrás do casarão. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 189 (acima) - Aspecto de uma das plataformas de terreiro, com trilhos para vagonetas. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 190 (abaixo) - Aspecto geral dos terreiros. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 191 (acima) - Aspecto interno da edificação que abriga o secador de café. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 192 (à direita, topo) - Outro aspecto dos terreiros, com trilhos desmontáveis para vagonetas. Ao fundo, a casa de máquinas. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 193 (à direita) - Fachada da edificação que abriga a casa de máquinas, as tulhas, a serraria, a marcenaria e moinhos. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 194 (abaixo) - Vista posterior da mesma edificação, vendo-se o anexo da serraria. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.





Figura 195 (à esquerda, topo) - Detalhe da bandeira da porta principal, com a data de construção: 1877. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 196 (à esquerda) - Detalhe do beiral, com elaborado aparelhamento de tijolos. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 197 (embaixo) - Aspecto da chegada de toras à serraria, no início do século XX. Fazenda Brejão, Casa Branca. Acervo da fazenda.

Figura 198 (acima) - Aspecto interno da marcenaria. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



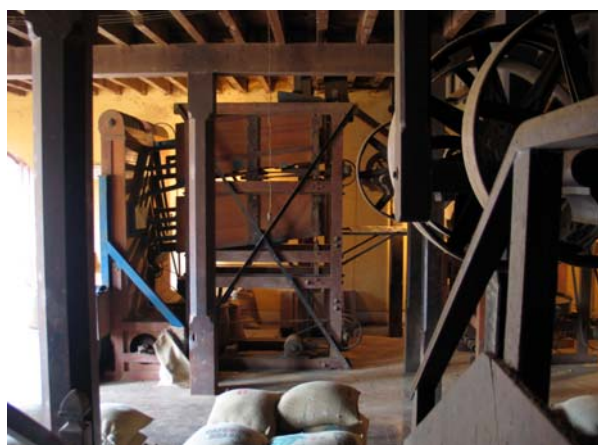


Figura 199 (à esquerda, topo) - Aspecto interno da serraria. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 200 (à esquerda, centro) - Cabine do motor elétrico da casa de máquinas. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 201 (à esquerda) - Aspecto interno: corredor defronte às tulas de café. Casa de máquinas da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 202 (acima, topo) - Aspecto interno do salão fronteiro, no pavimento térreo, da casa de máquinas, fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 203 (acima) - Outro aspecto do mesmo salão, vendo-se as máquinas de beneficiamento. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 204 (à esquerda, topo) - Detalhe de máquina, vendo-se a marca: Oficinas Progredior, de São Paulo. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 205 (à esquerda, centro) - Vista da passarela, com trilhos, do pavimento superior da casa de máquinas. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 206 (à esquerda) - Salão de chegada das vagonetas no pavimento superior. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 207 (acima, topo) - Estrutura de telhado do salão anterior. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 208 (acima) - Passarela suspensa, sobre as telhas. Casa de máquinas da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Os trabalhadores da construção civil que vieram em meio às levadas de imigrantes destinados aos serviços nas lavouras de café são os grandes responsáveis pela execução dessas obras. Mão-de-obra mais sofisticada, acostumada a trabalhos de maior elaboração, difundiu o uso dos tijolos de barro cozido, assentados em diferentes formas de aparelhamento, dando às fachadas dessas edificações texturas criativas, relevos até então desconhecidos, criando jogos de sombras variados. Tudo guarnecido de acabamentos delicados, como as peças de madeiras recortadas, que davam leveza com seus graciosos lambrequins alocados nos beirais. E aqui também devemos lembrar a presença cada vez maior de arquitetos e engenheiros civis formados nas escolas da Europa, que acorrem ao novo Eldorado cafeeiro, para atender às necessidades de uma classe de fazendeiros ávidos por novidades e belezas.

Aspectos gerais das fazendas

Essas novas tipologias de edificações se devem, em muito, aos sucessos da cafeicultura paulista na Europa e nos Estados Unidos. Os fazendeiros, cada vez mais ilustrados e fazendo

parte de uma elite capitalista mundial, passaram a receber viajantes de renome, em suas propriedades. Nobres, intelectuais, jornalistas e magnatas são visitas freqüentes, nas principais fazendas regionais. Dessa forma, era preciso zelar pela imagem desses pequenos burgos. Desde o casarão até às plantações, tudo tinha que funcionar perfeitamente, símbolo da organização e controle do proprietário; além de encantar o mundo através das imagens publicadas em jornais e revistas estrangeiros. Certamente grande parte da fama conquistada, e mantida até hoje, pelo café paulista mundo afora, foi construída nas grandes fazendas da Paulista e da Mojiana, apesar de elas não serem, atualmente, nem de longe, aquilo que foram outrora.

Dos elementos que começam a se tornar comuns destacam-se os portais, por vezes monumentais, marcando a entrada aos conjuntos arquitetônicos das fazendas. São herdeiros daqueles portões que existiram em grandes fazendas do Vale do Paraíba e da região Central, sem dúvida, porém já não se destinam a proteger o núcleo da fazenda: trata-se de mais um elemento de valor simbólico e de *status*, indicando que se está adentrando um mundo particular, moldado ao gosto da elite cafeeira.



Figura 209 (à esquerda, topo) - Portal de entrada do conjunto arquitetônico da fazenda Santa Gertrudes, no município de mesmo nome. Foto: V. Benincasa.

Figura 210 (à esquerda) - Portal de entrada do conjunto arquitetônico da fazenda São Luiz, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 211 (acima) - Um dos dois portais de entrada do conjunto arquitetônico da fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 212 (acima) - Segundo portal de entrada do conjunto arquite-tônico da fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 213 (acima, à direita) - Portal de entrada do conjunto arquite-tônico da fazenda das Palmeiras, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Transpondo esses portais, aparecem as edificações de gosto eclético que, além de responderem à sua função específica, encarregavam-se de dar graciosidade ao seu entorno, e respondiam bem a essa intenção de aformoseamento da paisagem rural. São construções muito mais complexas do que aquelas da tradição arquite-tônica brasileira, que foram freqüentes, até então, na paisagem rural. O repertório do ecletismo era variado e livre de amarras e, quando preciso, era possível lançar mão de elementos que, se bem utilizados, garantiam roupagem nova a velhas edificações, o que era conveniente e, de certa forma, bastante acessível, pois permitia dar uma feição mais contemporânea às velhas fachadas, seja no ambiente urbano, seja no rural.

Na verdade, em praticamente todas as fazendas se nota um maior apuro e capricho, cuidado que se observa também nos caminhos internos, que passaram a contar com canais laterais de drenagem das águas de chuva e até calçamento com paralelepípedos, ou lajes de pedra, em alguns trechos, ou ainda o plantio de árvores ornamentais ao lado dos acessos principais.



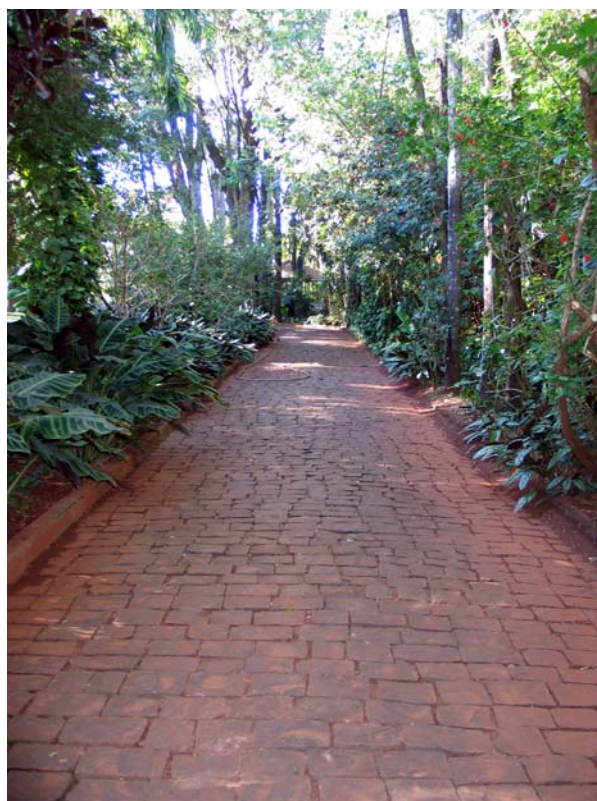
Figura 214 - Caminho existente à frente do casarão da fazenda Itapema, Limeira. Foto: V. Benincasa.



Figura 215 - Caminho de acesso ao casarão. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 216 - Caminho de acesso ao casarão da fazenda Boa Esperança, Orlandia. Foto: V. Benincasa.

Figura 217 - Caminho de acesso ao casarão da fazenda São Sebastião do Paraíso, Descalvado. Foto: V. Benincasa.



Por vezes esse cuidado chega a ser realmente surpreendente, formando conjuntos com linguagem arquitetônica muito coesa: esse é o caso de duas fazendas, uma de Orlândia e outra do município de Santa Gertrudes, ambas curiosamente com o mesmo nome, Santa Gertrudes. São duas das fazendas mais completas, em sua estrutura original, que encontramos em todo o nosso levantamento. Em suas edificações, podemos observar uma coerência de linguagem arquitetônica, de uso de elementos decorativos semelhantes, ao menos em parte das edificações, tornando-as conjuntos muito agradáveis.



Figura 218 - (à esquerda, topo) - Aspecto de uma das colônias da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 219 (à esquerda, centro) - Casa do administrador e casas de funcionários, fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 220 (à esquerda, embaixo) - Fachada do antigo cinema, fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 221 (acima, topo) - Cocheiras e paiol, fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 222 (acima) - Paiol, fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.



Figura 223 (à esquerda, topo) - Estábulo para animais de pequeno porte, fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 224 (à esquerda, centro) - Casa de funcionário, fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 225 (à esquerda) - Cocheiras, fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 226 (acima, topo) - Casas de funcionários, situadas abaixo dos terreiros, fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 227 (acima) - Vista de uma parte do conjunto de edificações, fazenda Santa Gertrudes, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

A paisagem da fazenda era cada vez mais planejada segundo os padrões de beleza europeus do final do século XIX ou do início do século XX. Ao local de trabalho, somavam-se os conceitos advindos do bucolismo e do pictórico; e não importava que se referissem a uma paisagem exótica, e não brasileira. Muito pelo contrário, estava embutido, aí, o desejo de se inserir não apenas na economia mundial mas de recriar o ambiente e o modo de vida de um mundo “civilizado”, europeu, apagando marcas de um passado pobre, precário, do qual São Paulo, principalmente, através do café, estava se livrando. No mesmo espaço, devia conviver, também, o sentido de hierarquia, ordem e de racionalidade do cotidiano; afinal, a fazenda era uma empresa capitalista, sobretudo. Assim, vão se tornando cada vez mais presentes as torres com relógios, sinos e sirenes que simbolizam modernidade e organizam o dia em vários turnos de trabalho, que agora adentra o período noturno, ao menos nos terreiros e na casa de máquinas, uma vez que esses, em geral, possuem iluminação elétrica, gerada em usinas importadas da Inglaterra e montadas nas próprias fazendas.

Um outro exemplo que poderíamos citar, embora as edificações já estejam um tanto desfiguradas, é o da fazenda São Luiz, antiga Niágara, em São Carlos, na qual uma segunda sede, formando um conjunto com casarão, capela, escritório, entre outras edificações, foi planejado e edificado segundo as normas da arquitetura neocolonial, ligeiramente afastado do núcleo original, onde aparecem os terreiros, tulhas, e algumas outras edificações remanescentes, construídos com alvenaria de pedra. Uma colônia, também seguindo os padrões da arquitetura neocolonial, com alpendres de grandes aberturas em arco pode ser vista junto a este núcleo mais antigo. No vale, que separava ambos os conjuntos, foi feita uma barragem, fazendo surgir uma grande represa, à beira dos muros de pedra do terreiro. Unindo o núcleo antigo, do final do século XIX, e o novo, da primeira metade do século XX, construiu-se, sobre a barragem, um caminho cercado por muro de pedras e postes de iluminação elétrica. Mais uma vez aqui aparecem as intenções de construção idílica de uma paisagem controlada, embora usando, já, as cores do nacionalismo vigente a partir da década de 1920, e não mais os elementos de uma arquitetura européia.



Figura 228 (acima) - Casarão da fazenda São Luiz, antiga fazenda Niágara, São Carlos. Foto: V. Benincasa.



Figura 229 (à direita, topo) - Barragem da represa, com postes ornamentais. Ao fundo, o antigo conjunto da fazenda, com o terreiro de pedras à beira do lago. Fazenda São Luiz, São Carlos. Foto: V. Benincasa.



Figura 230 (à direita) - Colônia da fazenda São Luiz, logo acima dos terreiros, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Outras edificações ocorrem, as quais, aparentemente, não possuem nenhuma finalidade no esquema de trabalho cafeeiro e, no entanto, simbolicamente tinham um papel muito importante, como o dos mirantes que pontuaram várias delas, quase sempre montados em pontos estratégicos, dos quais o fazendeiro e seus visitantes podiam verificar toda a faina diária dos serviços. São dignos de nota os belos exemplares das fazendas Santa Gertrudes, no município de mesmo nome, um verdadeiro torreão com seu telhado em agulha; o da Ibicaba, em Cordeirópolis, junto ao qual fica o relógio, o da Barreiro, em Limeira, atualmente a única edificação remanescente do conjunto; o da fazenda Brejão, em Casa Branca; ou o que existiu na fazenda Engenho Novo, em São Carlos, já desaparecido.

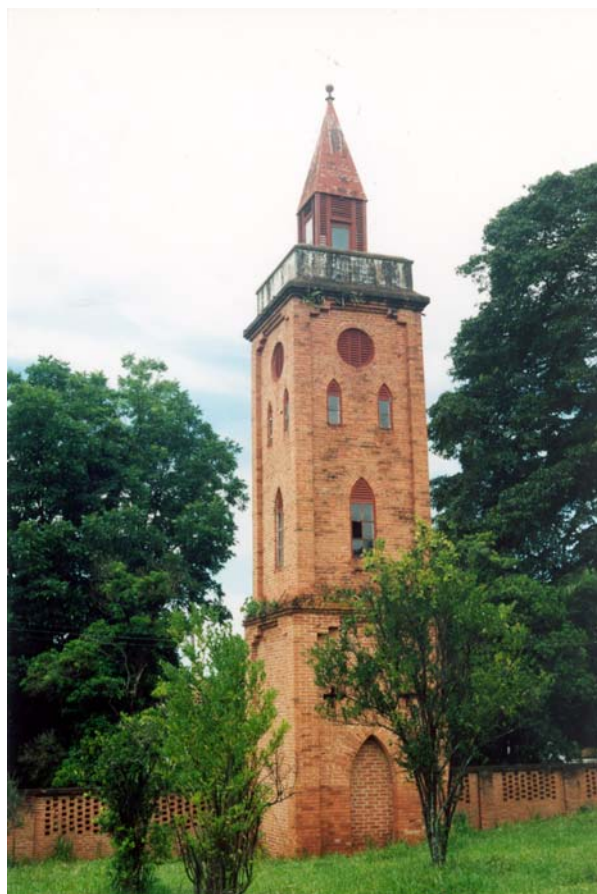


Figura 231 (acima) - Mirante da fazenda Barreiro, única edificação restante do antigo conjunto, em meio à paisagem tomada pela lavoura canavieira. Limeira. Foto: V. Benincasa.

Figura 232 (à direita, topo) - Mirante da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Atualmente a edificação já não possui a curiosa cobertura metálica original. Foto: V. Benincasa.

Figura 233 (à direita) - Mirante da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.



Esse controle do trabalho e dos trabalhadores não se dá somente nos terreiros e nas oficinas do conjunto central, mas também nos cafezais, aonde os fazendeiros iam a cavalo ou com os semi-troles e, depois, já no século XX, com seus automóveis. As ações de controle também se estendiam aos momentos de lazer dos trabalhadores, tudo corroborando para o ideal de ordem implantado pelo fazendeiro: campos de futebol, cinemas, locais para bailes... Todos esses equipamentos, entre outros, como as escolas e as vendas, existiram nas grandes fazendas das regiões Paulista e Mojiana, dando as condições de diversão e de serviços de que necessitavam os colonos dentro dos limites da propriedade. Eram estratégias que se destinavam à manutenção dos trabalhadores, tudo dentro de uma ordem pré-estabelecida, questões nas quais não nos deteremos, pois já foram bastante estudadas, por diversos autores.

Capelas

Como já salientado anteriormente, também as capelas foram usuais na paisagem das fazendas. Elas cumpriam um duplo papel: faziam parte da construção de uma paisagem bucólica e simbólica. Sem dúvida, a motivação principal era a assistência religiosa aos colonos. Não por acaso, várias delas foram construídas junto às colônias. Algumas, mesmo, foram construídas pelos próprios imigrantes, com seus poucos recursos, como no caso da capela de Nossa Senhora do Rosário, na fazenda Santa Paulina, em Casa Branca, construída em 1900, com recursos de 16 famílias de colonos. Trata-se de uma capela com nave única, de planta retangular e cobertura em duas águas. Apresenta aberturas com verga em arco pleno e, na fachada, uma pequena torre sineira central, com cobertura em agulha. O aspecto externo é muito



Figura 234 (à esquerda, topo) - Capela Nossa Senhora do Rosário, fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 235 (à esquerda, centro) - Aspecto interno: vista do altar. Capela Nossa Senhora do Rosário, fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 236 (à esquerda, embaixo) - Aspecto interno: vista do coro. Capela Nossa Senhora do Rosário, fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 237 (acima) - Aspecto interno: vista da rosácea sobre o altar. Capela Nossa Senhora do Rosário, fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

simples, com alguns poucos elementos decorativos, como faixas à guisa de cimalthas, e meias molduras sobre as aberturas. Internamente, há o coro de madeira, apoiado sobre duas grossas colunas de alvenaria, que ajuda a segurar a torre sineira externa. Aos fundos, o altar-mor, ladeado por dois cômodos, sendo, um, a sacristia, e outro, ao qual não tivemos acesso, que possui somente comunicação pelo lado de fora da edificação. Sobre o altar-mor, uma rosácea, com vidros coloridos. Ladeando o altar-mor, dois altares laterais. Não há forro. Ao redor da capela, alguns restos de alicerces denunciam a presença da antiga colônia, não mais existente. Hoje a edificação faz parte do roteiro oficial do Caminho da Fé, que liga Tambaú à Aparecida do Norte, e é ponto de parada dos peregrinos.



Uma capela bem mais simples, e provavelmente também construída por imigrantes, existe na colônia da fazenda Brejão, também em Casa Branca. Trata-se de outra capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Em ambos os casos, curiosamente, a santa escolhida pelos imigrantes foi a mesma de devoção dos antigos escravos. Na mesma Brejão, junto à sede, há uma capela mais suntuosa, ocupando um dos cômodos do lanço que abriga o escritório e alguns depósitos, com altar e alfaiais.



Outros exemplos de capelas singelas, embora já com uma linguagem dentro dos padrões ecléticos, encontramos nas fazendas Santa Eudóxia, em São Carlos; São Sebastião, em Ribeirão Preto; da Mata, em São João da Boa Vista; Santa Maria, em Casa Branca; ou na Avenida, em Nuporanga. Todas elas misturam elementos da arquitetura erudita, já devidamente adaptados ao gosto popular. Evidentemente, com exceção, talvez, da capela da fazenda da Mata, são resultado de projetos de mestres-de-obra, alcançando melhor ou pior resultados. Todas são capelas pequenas, destinadas a um número restrito de pessoas em seu interior.

A da Santa Eudóxia situa-se aos fundos do pomar, e possui um estilo que mescla elementos do neoclássico, como o arco pleno da porta principal, centralizada na fachada, às aberturas neogóticas das janelas laterais e dos fundos da edificação, guarnecidas de vidros coloridos. Pilastras falsas, com capitéis, cimalthas, compõem seus elementos ornamentais, tudo adquirindo um aspecto, ao final, agradável.



Figura 238 - Capela Nossa Senhora do Rosário, fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 239 - Aspecto interno: vista do altar. Capela Nossa Senhora do Rosário, fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 240 - Capela da fazenda Santa Eudóxia, São Carlos. Foto: P. Pires, acervo Maria A. P. C. S. Bortolucci.

Já as capelas das fazendas São Sebastião e da Mata, situam-se nas imediações do casarão. A primeira consegue um efeito interessante ao fazer uso de paredes a 45° e aberturas com vergas em arco pleno na composição da fachada, além de estar elevada em uma plataforma, o que obrigou o construtor a fazer uso de uma escadaria à frente da porta de entrada; seu interior é simples, destacando-se o belo altar de madeira com a imagem de São Sebastião. O segundo caso, a capela da fazenda da Mata, é um pouco mais elaborado: ao corpo da nave principal, foram alocados, em ambos os lados, os cômodos destinados à sacristia, de um lado, e a um depósito, de outro. Estes dois corpos laterais, bem como os fundos do corpo principal, possuem as quinas chanfradas, dando um aspecto todo peculiar à planta da edificação. O aspecto exterior, apesar da planta movimentada, é simples, destacando-se o frontão triangular, ladeado pelos pináculos em agulha e encimado pelo cruzeiro metálico, um óculo, e a porta com elegante desenho de bandeira, em arco pleno, tripartida. No interior, a edificação apresenta decoração pictórica, imitando papel de parede e, aos fundos, três nichos incrustados na parede fazem às vezes de altar-mor. O espaço de celebração está dividido da nave por uma balaustrada de madeira, com peças torneadas. À frente da edificação, um amplo espaço é destinado às festividades. Nessa capela, segundo nos disseram seus atuais proprietários, foram realizados muitos casamentos da família, assim como de colonos, além de batizados e muitas festas juninas, o que certamente foi comum em todas elas.



Figura 241 (acima) - Capela da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 242 (à direita, topo) - Aspecto interno. Capela da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 243 (acima, centro) - Capela da fazenda da Mata, São João da Boa Vista. Foto: V. Benincasa.

Figura 244 (acima) - Aspecto interno. Capela da fazenda da Mata, São João da Boa Vista. Foto: V. Benincasa.

Capelas mais suntuosas podem ser observadas nas fazendas Santa Gertrudes, no município de mesmo nome; e na Santa Veridiana, em Casa Branca, cujo projeto provavelmente foi feito em São Paulo, onde a família Prado residia.

O templo da Santa Gertrudes foi construído em 1898, pelo seu então proprietário, Eduardo Prates, que recebeu o título de conde pelo Vaticano. As boas relações de Eduardo Prates com a Santa Sé não param por aí: a capela acabou sendo incorporada à basílica de San Giovanni in Lateranus, de Roma, uma distinção espetacular. Talvez por isso, a antiga capela, de pau-a-pique, tenha sido substituída pelo atual templo de linhas neogóticas, de alvenaria de tijolos e com materiais nobres no acabamento, feito por empreiteiro italiano. Ela possui dimensões muito maiores que o usualmente encontrado e situa-se em meio aos terreiros, tendo sua fachada centralizada no eixo da fachada do casarão, ou seja, um está voltado para o outro.

Esta capela chama a atenção tanto pela altura da torre sineira, centralizada, como pela beleza e elegância da ornamentação externa e interna. Alguns dos vitrais laterais foram dedicados aos santos de mesmo nome dos filhos do Conde Prates. Trata-se de uma edificação extremamente sofisticada, com acabamento muito acima da média, mesmo para os padrões de outras grandes fazendas cafeeiras do mesmo período e região.



Figura 245 (à esquerda) - Capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 246 (acima, topo) - Vista lateral da capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 247 (acima) - Outra vista lateral da capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.



Figura 248 - Vitral da sacristia, capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.



Figura 249 - Outro vitral da sacristia, capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 250 - Forro do altar, decorado com pinturas, capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.





Figura 251 - Vista da nave, em direção ao altar, capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 252 - Vista da nave, em direção ao coro, capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 253 - Altar-mor neogótico, em madeira, capela da fazenda Santa Gertrudes, em Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Um dos poucos exemplares que se lhe equiparam, dos encontrados em nossos levantamentos, é a capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca, que infelizmente encontra-se em total estado de abandono.

Esse exemplar, de 1894, ficava situado em meio à imensa colônia existente na fazenda, hoje totalmente desaparecida, mas que ainda pode ser vista em seu aspecto original numa foto de Guilherme Gaensly, do início do século XX. Suas linhas são de inspiração neo-românica e o aspecto geral é bastante harmonioso, resultado, certamente, de projeto de profissional conhecedor das leis arquitetônicas, do uso de elementos ornamentais adequados e de regras de proporção. Ressaltamos o bom uso das faixas de cores e texturas diferenciadas que preenchem os panos de paredes externas e o belo desenho do conjunto das janelas laterais, encimadas por óculo circular. A alvenaria foi executada com tijolos feitos na própria fazenda: pudemos ver um exemplar de tijolo com as iniciais ASP, Antônio da Silva Prado, as mesmas existentes na fachada da edificação, apenas acrescidas do C, de Conselheiro, de Dr., de Doutor, e da data. No interior, pouco resta daquela que deve ter sido uma das mais belas capelas de fazendas paulistas. O coro de madeira, o altar-mor, as janelas com seus restos de vidros, tudo reflete um estado desolador, resultado dos anos de abandono e da ação de vândalos. Ainda é possível observar os restos da graciosa escada em caracol, de madeira, de acesso ao coro, ou partes, jogadas por todos os cantos, do antigo altar-mor de madeira, ou da balaustrada de separação da nave do espaço de ofícios religiosos. Do mesmo modo, pouco resta das portas, seja a da fachada principal, sejam as das laterais.

Esse estilo neo-românico, juntamente com o neogótico, foram as correntes arquitetônicas mais usadas para a concepção de templos religiosos, até que, nos casos dos exemplares mais recentes, a linguagem preferida passou a ser o neocolonial, caso das fazendas São Luiz e Palmital, ambas em São Carlos; na São Roberto, em Ibaté; ou na Santa Cecília, em São João da Boa Vista.

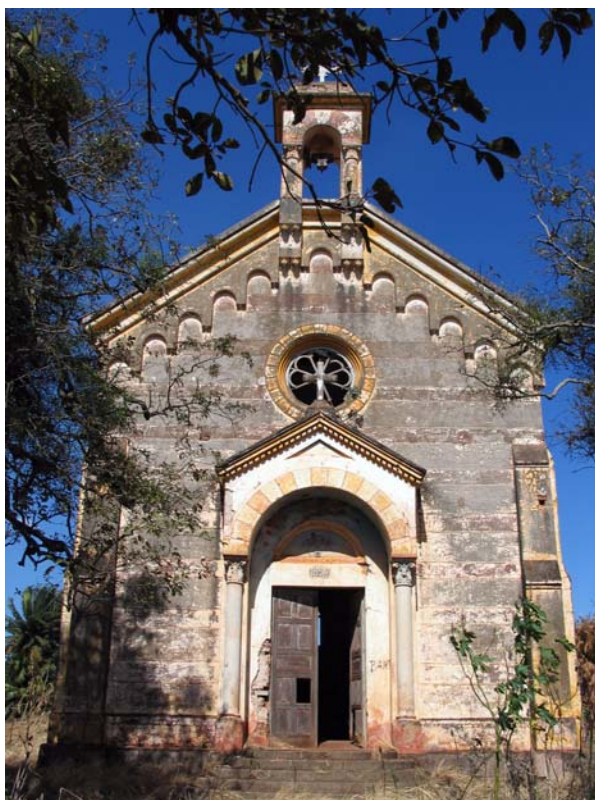


Figura 254 - Fachada da capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 255 - Lateral da capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



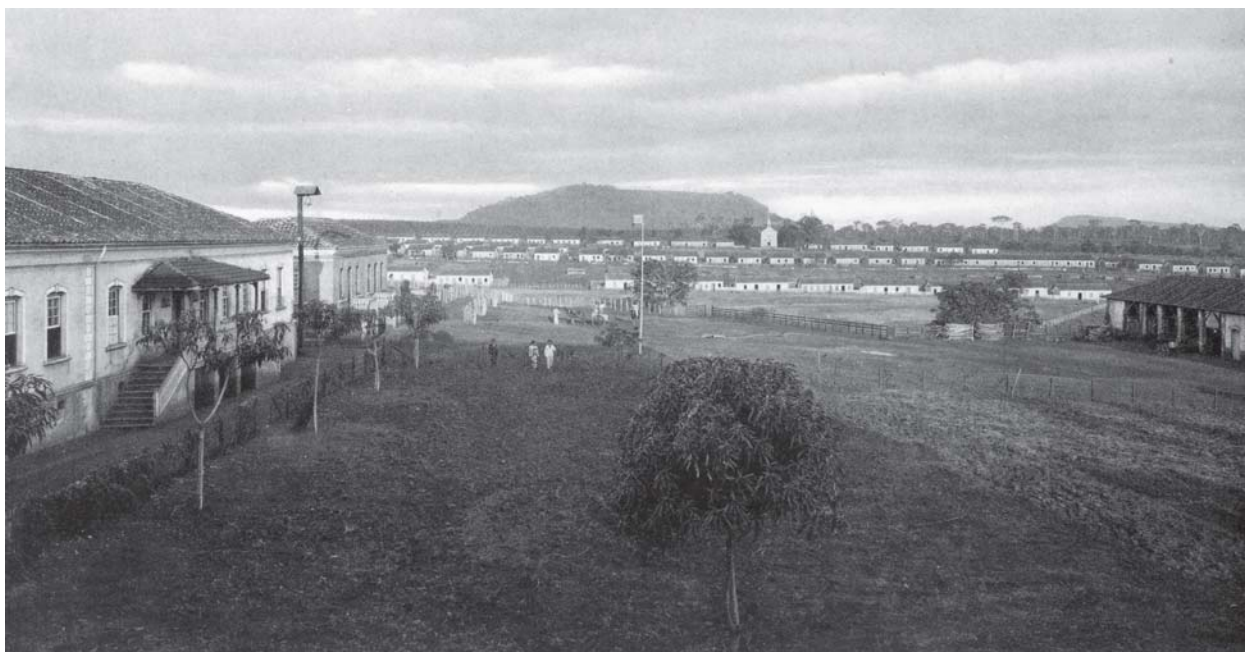


Figura 256 (topo) - Capela, em meio à antiga colônia. Fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: G. Gaensly. Fonte: Kossoy, B. *São Paulo 1900*. São Paulo: Kosmos, p. 105.

Figura 257 (à esquerda, centro) - Vista interna: coro. Capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 258 (à esquerda) - Iniciais do então proprietário: Conselheiro Dr. Antonio da Silva Prado; e data de construção: 1894, sobre a porta principal, capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 259 (acima) - Rosácea da fachada. Capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

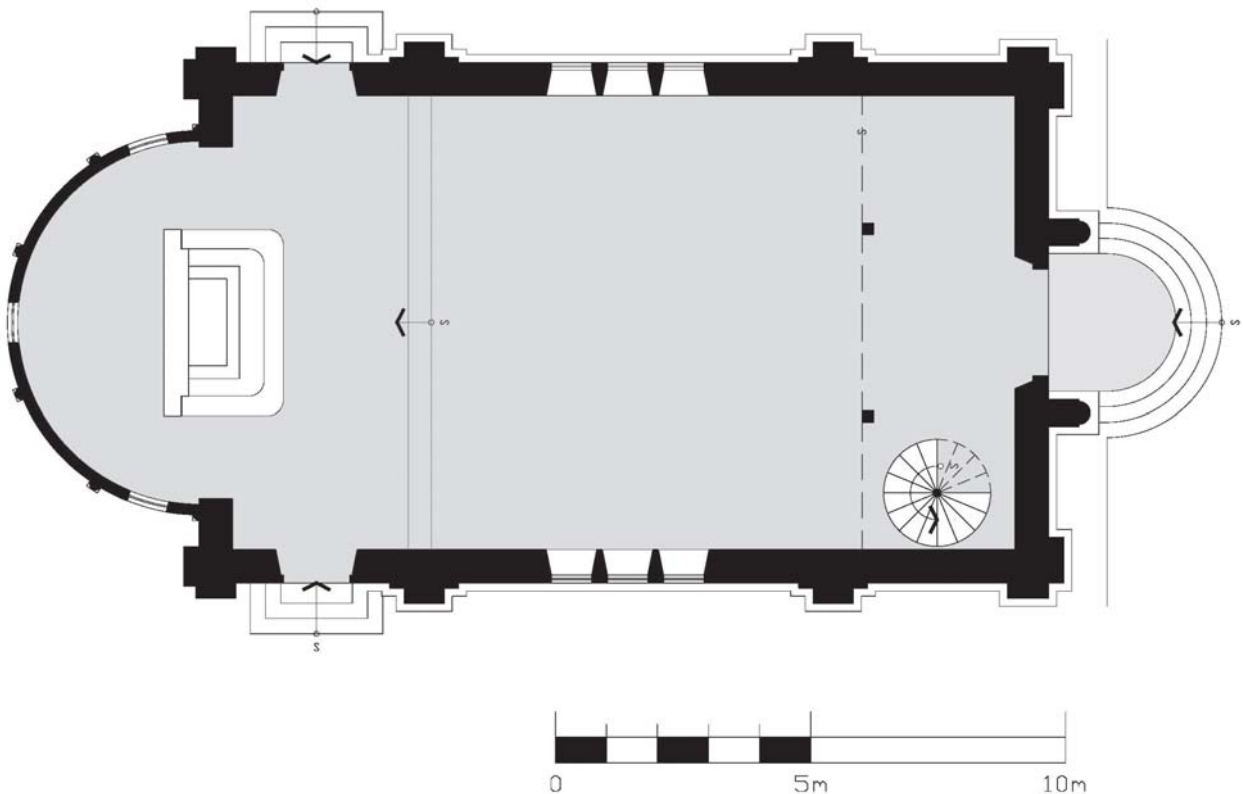


Figura 260 (à esquerda, topo) - Restos do altar-mor, em madeira. Capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 261 (à esquerda) - Forro abobadado sobre o altar-mor. Capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 262 (embaixo) - Planta da capela da fazenda Santa Veridiana, em Casa Branca. Lev. V. Benincasa e A. Legnaro Fº. Desenho: M. Rosada.



A capela da fazenda São Luiz guarda imensa semelhança com as pequenas capelas e igrejas mineiras do período colonial, principalmente na composição da fachada, onde foi utilizada a pequena sineira com cobertura de acentuado declive, ao centro da fachada, logo acima do frontão. É interessante o desenho dessa pequena sineira, que se encontra ligeiramente destacada da fachada, sendo falsamente apoiada por uma peanha inusitada. Também ajuda a realçar o desenho, a cobertura da parede do frontão com telhas capa e canal colocadas transversalmente.

A capela da fazenda Santa Cecília possui um desenho mais elaborado: torre sineira independente, com cobertura em abóbada encimada por coruchéu, assim como as pilastras. O frontão apresenta um desenho estilizado dos recortes que foram muito comuns das igrejas barrocas. Curioso é que o mesmo desenho de frontão se repete na fachada posterior. Também lança mão de aberturas em arco abatido, enquanto que no segundo pavimento da torre foram usadas as vergas em arco pleno. Esse exemplar, à época de nosso levantamento, estava passando por reforma e, assim, não pudemos observar o aspecto original de seu interior, se houve ou não decorações pictóricas, ou detalhes como o desenho do altar, que se encontrava desmontado. Mas chamou-nos a atenção o fato de o forro ser feito com esteira de taquara, formando desenhos diagonais, pintada de branco, uma solução muito comum na arquitetura mineira tradicional: estando essa capela situada em São João da Boa Vista, em região limítrofe com o estado de Minas Gerais, esse não chega a ser um dado inesperado.



Figura 263 (acima) - Capela da fazenda São Luiz, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 264 (à direita, topo) - Fachada da capela da fazenda Santa Cecília, São João da Boa Vista. Foto: V. Benincasa.

Figura 265 (à direita, centro) - Fundos da capela da fazenda Santa Cecília, São João da Boa Vista. Foto: V. Benincasa.

Figura 266 (à direita) - Aspecto interno da capela da fazenda Santa Cecília, São João da Boa Vista. Foto: V. Benincasa.

Já a capela da fazenda São Roberto, dedicada a Santa Rita de Cássia, é a única em que encontramos o projeto original, com origem devidamente indicada e datada: F. P. Ramos de Azevedo & Cia. Engenheiros-Architectos, 14 de janeiro de 1928. Construída em alvenaria de tijolos e estrutura em concreto armado, está situada ao lado do casarão, logo acima dos terreiros. Possui linhas bastante sóbrias, se comparadas com projetos anteriores do mesmo escritório, de nítida inspiração neocolonial, o que nos leva a supor ter sido projeto do arquiteto português Ricardo Severo, grande difusor dessa corrente em São Paulo, e que já trabalhava à época no escritório de Ramos de Azevedo, muito embora na planta haja indicação de autoria do desenho de Dr. F. P. R. e cópia de P. G., ou Paulo Gianini, o desenhista do escritório.

À planta retangular, onde estão a nave, o coro e o altar, agregam-se a sacristia, o batistério e a torre sineira, em corpos laterais, além de um alpendre com cobertura levemente arqueada, formando uma abóbada suave. O frontão da fachada possui as linhas recortadas tradicionais da linguagem barroca, cujo desenho, e talvez aqui esteja o grande acerto do projeto, amplia e fortalece as formas do óculo quadrifoliado, existente nesse mesmo frontão e que serve de iluminação ao coro. O efeito obtido é bastante interessante, ajudando a harmonizar as formas destoantes do alpendre e da torre sineira, cuja cobertura possui telhado de inclinação elevada, arrematado pelo cruzeiro metálico. Tudo resulta numa fachada de desenho e formas equilibradas, com rico jogo de volumes. Internamente, o aspecto sóbrio se mantém, com o uso de falsas pilastras

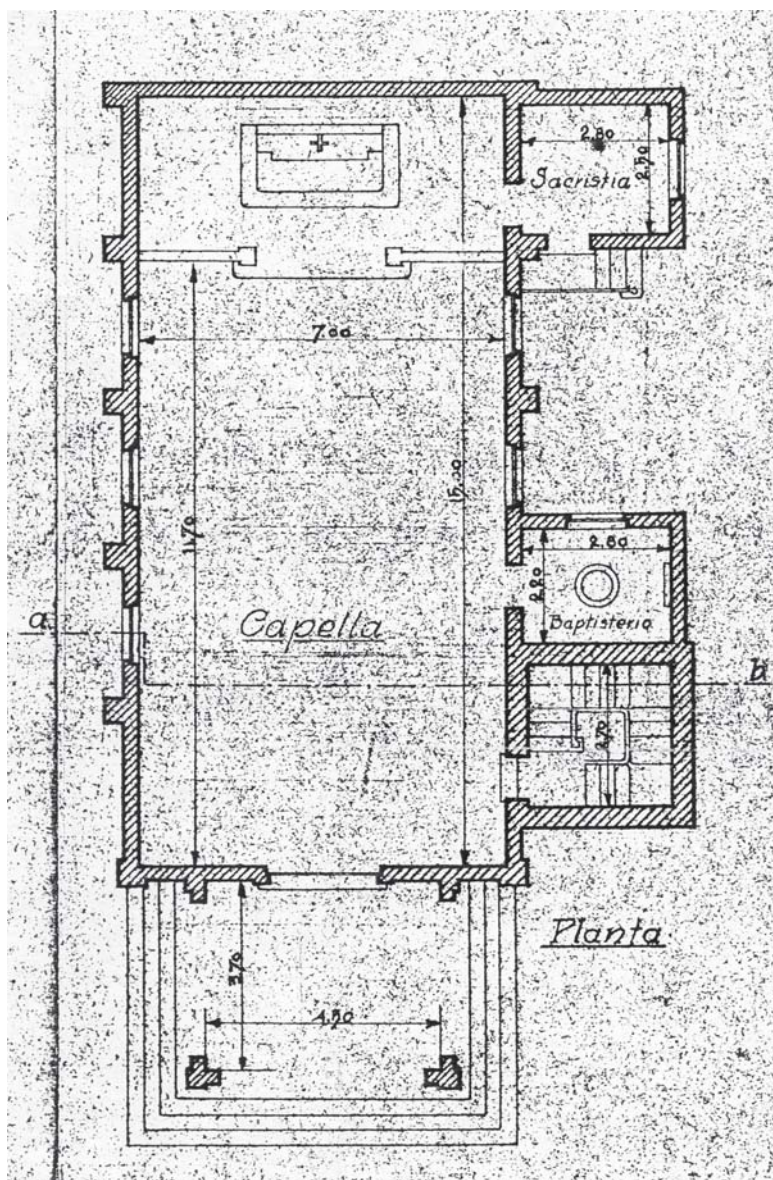


Figura 268 - Planta da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Acervo da fazenda São Roberto.

dóricas, intercaladas entre as aberturas com caixilharia metálica e vidros coloridos, aberturas que são envolvidas por molduras simples, com arremate inferior em volutas; as imagens dos santos foram distribuídas nas laterais, alocadas sobre peanhas de mármore esculpido, que reproduzem bustos de anjos alados. Na altura das bases das pilastras, abaixo das aberturas, aparecem grandes almofadas de alvenaria, marcadas por frisos delicados. Os panos restantes de parede receberam singela decoração pictórica, aplicada com estêncil. Os elementos internos de madeira ajudam a compor o ambiente austero que predomina nessa capela: o altar e o guarda-corpo de balaústres torneados, os bancos e o coro foram envernizados, deixando exposta a madeira em que foram construídos. O piso da capela é forrado de ladrilhos hidráulicos decorados com motivos coloridos, nas cores amarela, vermelha e cinza. O forro, em abóbada de

berço, pintado de branco, não apresenta nenhum tipo de decoração. As dimensões generosas, o predomínio dos tons pastéis e dos brancos, e a iluminação natural abundante obtida através das grandes aberturas, criam um ambiente bastante agradável no interior dessa edificação.

Todas essas capelas, pequenas, grandes, de formas variadas, acabaram se tornando parte indissociável do arquétipo das fazendas cafeeiras das regiões Paulista e Mojiana. Tão arraigadas estão nesse imaginário, embora não estejam presentes em todos os exemplares, que é muito comum ocorrer, em nossos dias, em conjuntos rurais, construírem-se capelas muito mais numa tentativa de se recompor aquela paisagem tradicional, do que por aspectos eminentemente religiosos.

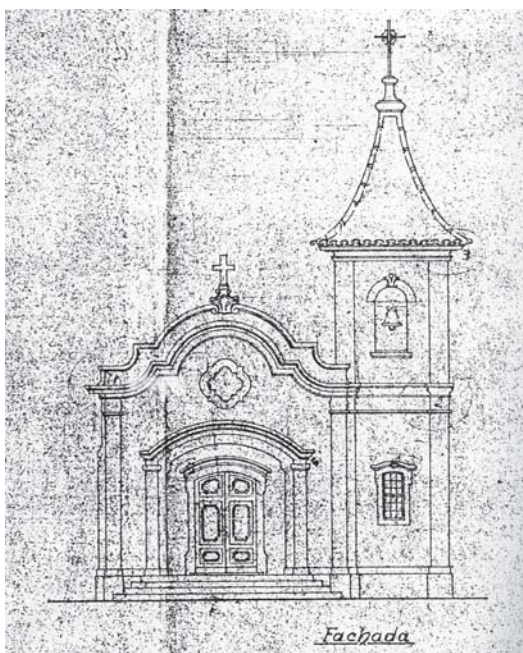
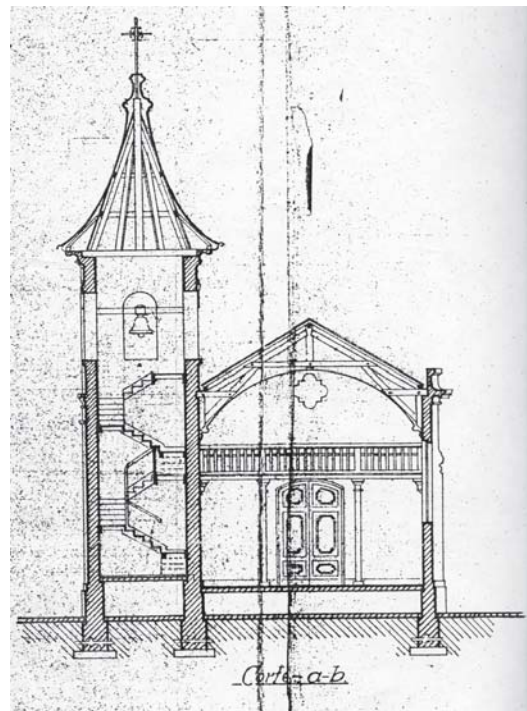


Figura 268 (à esquerda, topo) - Selo do projeto da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Acervo da fazenda São Roberto.

Figura 269 (à esquerda) - Fachada da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Acervo da fazenda São Roberto.

Figura 270 (acima) - Corte da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Acervo da fazenda São Roberto.



Figura 271 (topo) - Vista lateral, capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Acervo da fazenda São Roberto.

Figura 272 (à esquerda) - Fachada da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 273 (acima) - Detalhe do cunhal da fachada da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

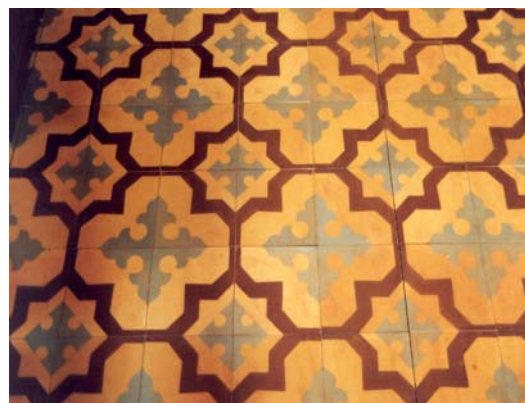


Figura 274 (acima, topo) - Aspecto interno da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 275 (acima) - Detalhe interno da parede lateral da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 276 (acima, topo) - Detalhe de peanha incrustada na lateral da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 277 (acima) - Detalhe do piso em mosaico da capela Santa Rita de Cássia, da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Casarões

A moradia do fazendeiro, nas fazendas da Paulista e da Mojiana, teve uma tipologia extremamente diversificada, indo da casa singela e fortemente inspirada na arquitetura tradicional aos palacetes sofisticados, influenciados pelo Eclétismo, ou mesmo pelo movimento neocolonial. Esta variação da tipologia, observada em exemplares construídos em curto espaço de tempo, deve-se ao fato de a região ter sido ocupada, de uma maneira muito rápida, por pessoas vindas de várias partes do país e do exterior, além dos fazendeiros que circulavam pelas grandes capitais do mundo. Isso proporcionou uma extensa gama de costumes, hábitos e padrões arquitetônicos e acabou provocando o surgimento, por exemplo, de construções com características inteiramente diversas, como as das fazendas Santa Eudóxia, fortemente influenciada pela arquitetura tradicional mineira e concluída em 1876; da Itapiru, de 1887, onde ainda notamos características das casas do período açucareiro de São Paulo, porém já com ornamentos de gosto eclético; e da Santa Maria do Monjolinho, nitidamente eclética, de 1889; todas elas dentro de um só município, São Carlos.



Figura 278 (acima, topo) - Casarão da fazenda Santa Eudóxia, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 279 (acima) - Casarão da fazenda Itapiru, São Carlos. Foto: P. Pires. Acervo Maria A. P. C. S. Bortolucci.

Figura 280 (à esquerda) - Casarão da fazenda Santa Maria, bairro do Monjolinho, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Nas casas mais simples, surgidas no período anterior à chegada da ferrovia, predominam as plantas em “L”, com as salas e, por vezes, alguns dormitórios, na faixa fronteiria de cômodos, seguida da sala de jantar, cercada de outros dormitórios voltados para a face posterior e, aos fundos, a área de serviços composta pela cozinha e despensas. Em alguns casos, como nos casarões das fazendas São Lourenço, de Araraquara, e na Bela Aliança, de Descalvado, essa configuração se altera, com a anexação de outras alas. No caso da São Lourenço, a casa chega a possuir um inusitado pátio interno, embora não possamos afirmar que essa fosse a sua configuração original.



Figura 281 - Vista do casarão da fazenda São Lourenço, Araraquara. Foto: V. Benincasa.

Figura 282 - Planta do casarão da fazenda São Lourenço, Araraquara. Lev.: V. Benincasa e M. Bossolan. Desenho: M. Rosada.

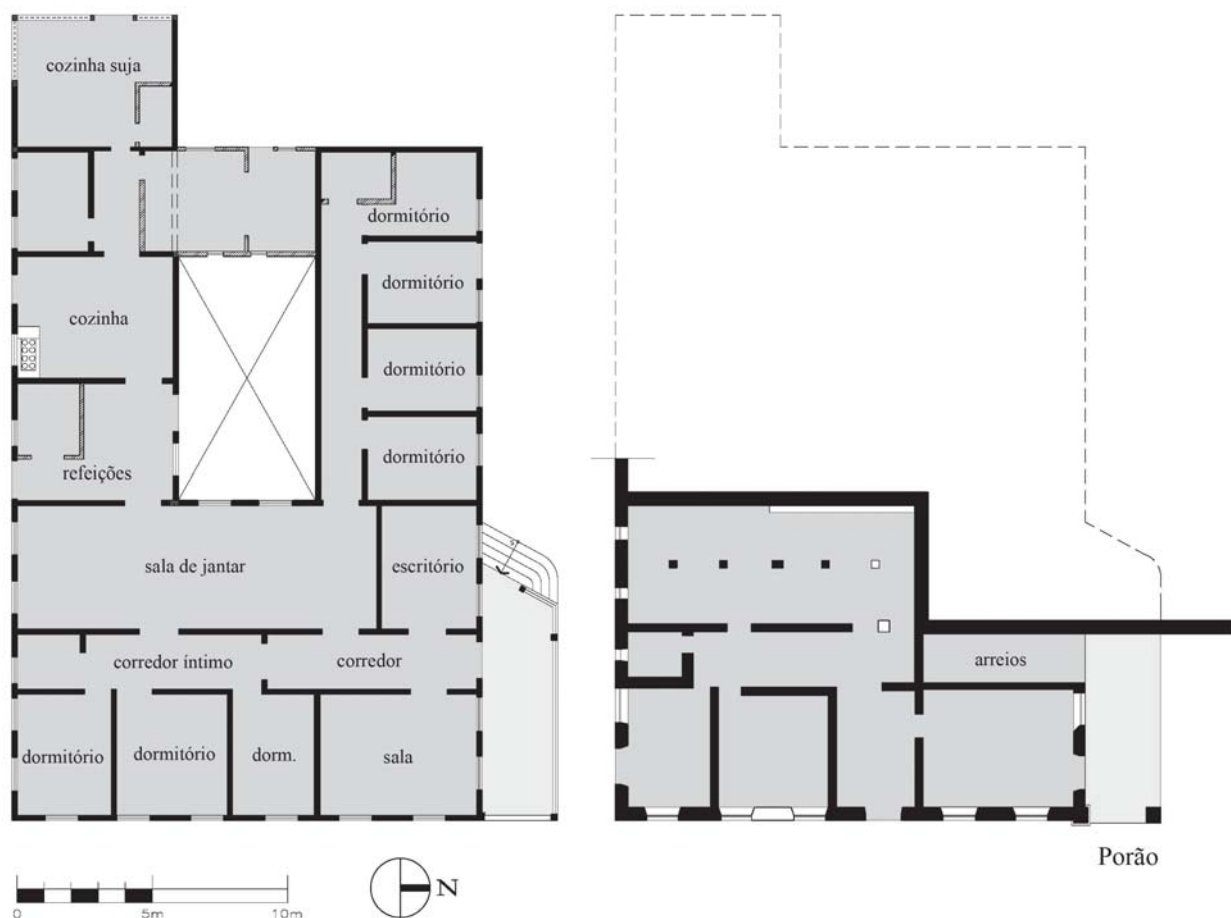




Figura 283 (topo) - Aspecto interno: sala de jantar. Notar o relógio incrustado no batente da porta, semelhante ao do casarão da fazenda Resgate, em Bananal. Casarão da fazenda São Lourenço, Araraquara Foto: V. Benincasa.

Figura 284 (acima) - Janela gradeada do porão. Casarão da fazenda São Lourenço, Araraquara. Foto: V. Benincasa.

Figura 285 (à direita, topo) - Fundos do casarão da fazenda São Lourenço, Araraquara. Notar o gradeamento da cozinha suja, para exaustão da fumaça. Foto: V. Benincasa.

Figura 283 (à direita) - Vista da lateral do casarão da fazenda São Lourenço, Araraquara. Foto: V. Benincasa.





Figura 287 - Vista do casarão da fazenda Bela Aliança, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Figura 288 - Planta do casarão da fazenda Bela Aliança, Descalvado. Lev.: V. Benincasa e M. Bossolan. Desenho: V. Benincasa.

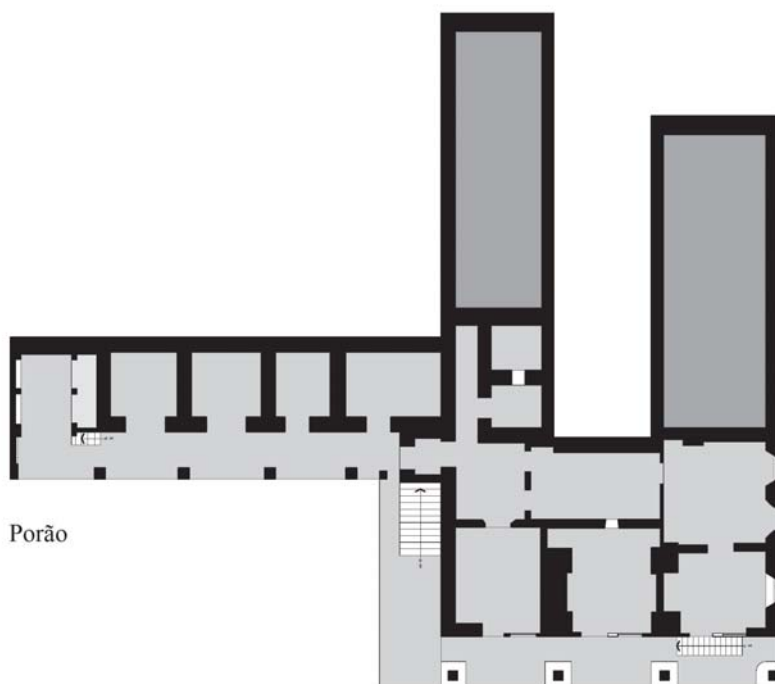
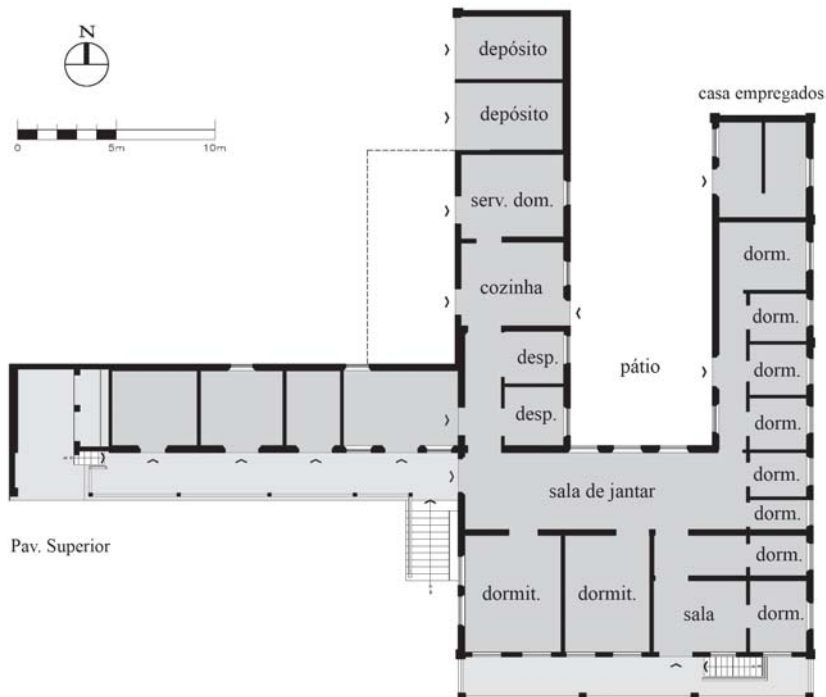




Figura 289 (acima, topo) - Alpendre frontal. Casarão da fazenda Bela Aliança, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Figura 290 (acima) - Detalhe das aberturas do porão, sob o alpendre frontal. Casarão da fazenda Bela Aliança, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Figura 291 (acima, topo) - Alpendre do corpo lateral do casarão da fazenda Bela Aliança, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

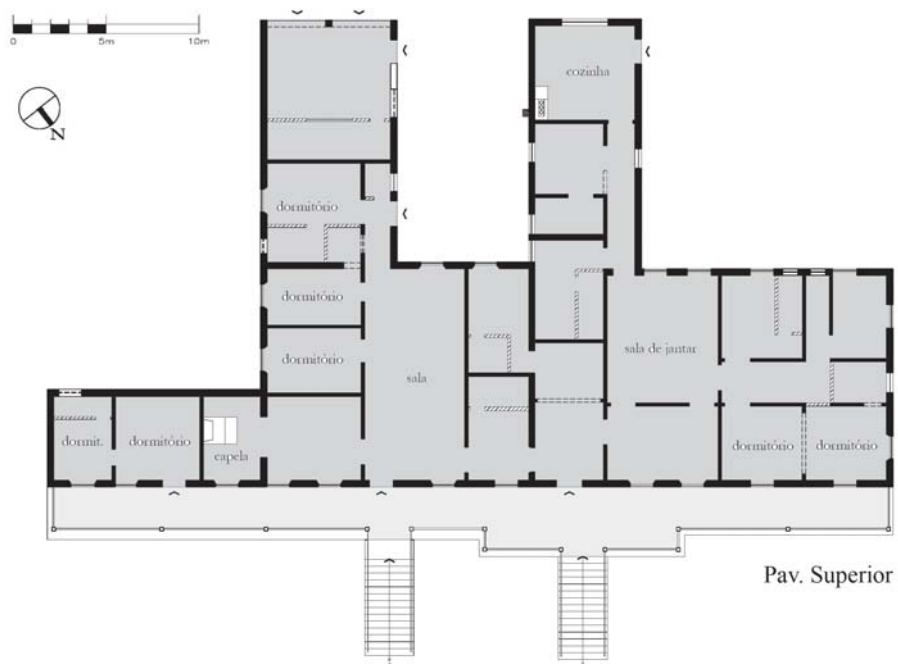
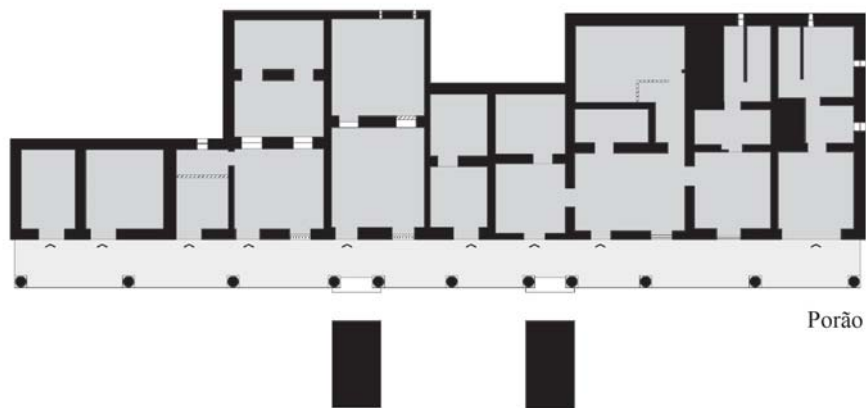
Figura 292 (acima) - Detalhe do madeiramento do beiral do alpendre anterior. Casarão da fazenda Bela Aliança, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Um outro caso curioso é o da antiga fazenda Tamandaré, hoje denominada de Santa Isabel, no município de Descalvado; trata-se de uma construção assobradada na parte anterior, assim como as duas anteriores, em que se vê nitidamente, na planta, que originalmente eram duas edificações isoladas, com planta em "L", que foram posteriormente unidas com a abertura de paredes internas, caso muito semelhante ao do casarão da Fazendinha, de Campinas, visto no capítulo anterior. Uma das edificações apresenta ainda um anexo, numa das laterais, com cômodos provavelmente destinados a visitantes, uma vez que não se comunicam com o interior do restante da edificação.



Figura 293 - Casarão da fazenda Santa Isabel, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Figura 294 - Planta do casarão da fazenda Santa Isabel, antiga fazenda Tamandaré, em Descalvado. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: V. Benincasa.



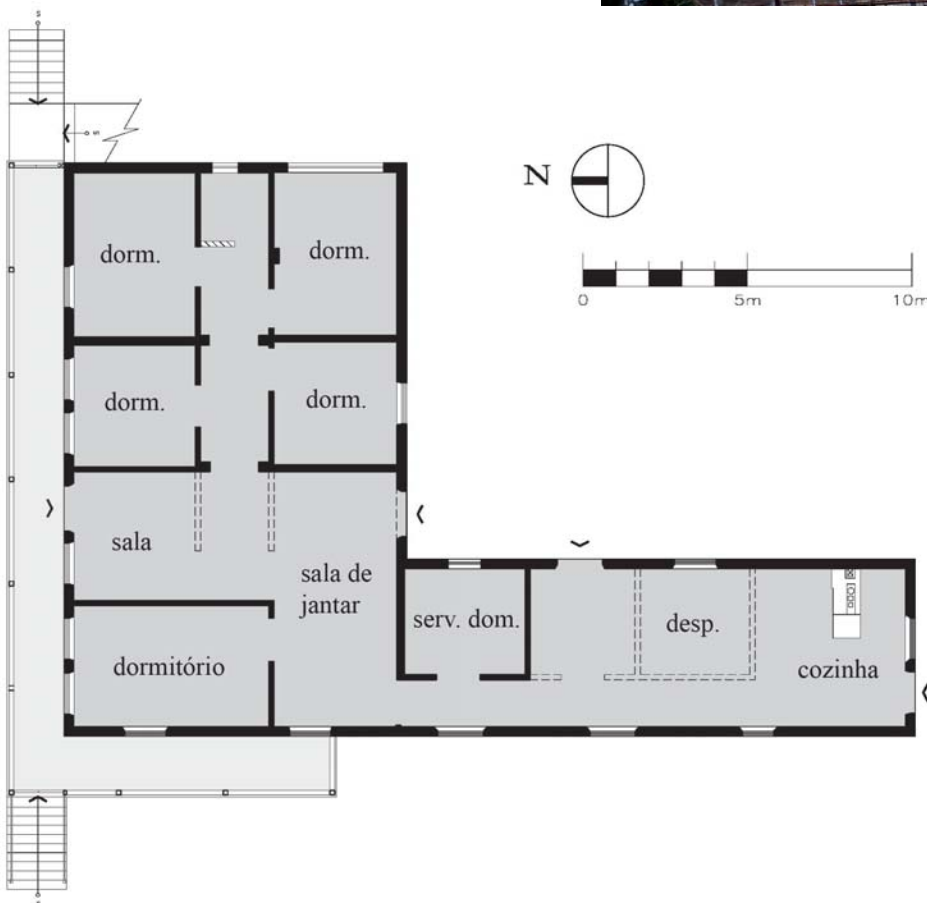
Todos esses exemplares foram construídos com as mesmas técnicas: o embasamento de pedra, estrutura autônoma de madeira e vedos em taipa de mão, e na cobertura as telhas capa e canal. As técnicas e a implantação se filiam à arquitetura mineira. Com exceção da Bela Aliança, que apresenta um alpendre com colunas de madeira inteiriças e um belo desenho de balaústres no alpendre fronteiro, as demais são muito simples, com janelas com vergas retas, não apresentando nenhum detalhe ornamental mais elaborado. Em seu aspecto externo, esses casarões são fiéis representantes de uma arquitetura mais tradicional, moldada durante os primeiros séculos de colonização portuguesa no Brasil, extraindo a sua beleza da distribuição das portas e janelas coloridas com guilhotinas envidraçadas, distribuídas nos panos brancos de suas paredes. Pelas dimensões

bastante generosas, tratam-se de exemplares construídos, provavelmente, entre as décadas de 1860 e 1880, quando as fazendas da região já apresentavam atividades econômicas significativas. Outros exemplos de casarões semelhantes, dos quais é difícil precisar datas de construção, mas em que se percebe essa permanência das tradições da casa rural mineira, tanto interna, quanto externamente, são aqueles das fazendas Bandeira, em Descalvado, e Santana, em São Carlos. Em alguns casos, dentre esses casarões de aspecto mais simples, sem ornamentos de fachada, aparece a alvenaria de pedra entaipada em paredes externas, enquanto que as paredes internas foram erguidas com a taipa de mão, como nos casos dos casarões das fazendas Saltinho e Monjolino, ambos em Itirapina. Não sabemos o motivo da escolha desse tipo de técnica construtiva, que acaba

Figura 295 - Casarão da fazenda da Bandeira, Descalvado. Foto: V. Benincasa.



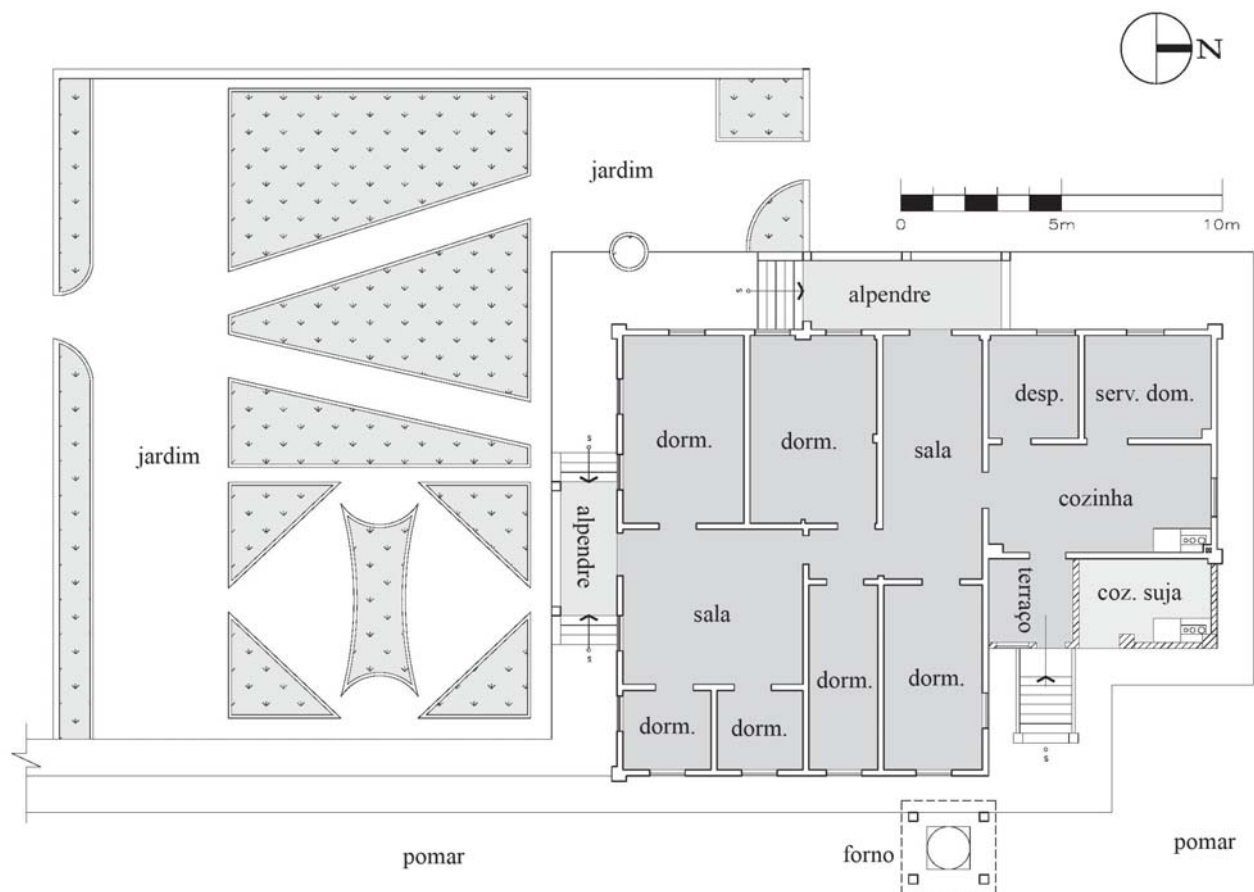
Figura 296 - Planta do casarão da fazenda da Bandeira, Descalvado. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: V. Benincasa.



configurando um regionalismo, dentre as fazendas cafeeiras. Sabemos que nos exemplares mais recentes, como já salientado anteriormente, a construção se deu sob orientação de mestres de obra europeus. Nesses exemplares de Itirapina, a origem é desconhecida. Uma outra pista pode ser apontada pela vinda de famílias do norte de Minas Gerais e do sul da Bahia, a partir da década de 1870, que se estabeleceram e fundaram fazendas cafeeiras por ali: casos conhecidos são o das fazendas Vista Alegre, em Rio Claro, e da fazenda Conceição, em São Carlos. No entanto, apenas nas edificações da Vista Alegre utilizou-se alvenaria de pedra, enquanto na Conceição a técnica escolhida foi a taipa de mão.

Figura 297 - Casarão da fazenda Santana, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 298 - Planta do casarão da fazenda Santana, São Carlos. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: M. Rosada.



As casas das fazendas de Itirapina, a Monjolinho e a Saltinho, apresentam plantas em "L", com disposição de cômodos muito semelhante às das casas construídas durante o ciclo do açúcar da região de Piracicaba e Campinas, já influenciadas pela arquitetura mineira, até mesmo na sua implantação em desnível. No exemplar da Monjolinho, ocorre a implantação sobre o acentuado desnível do corte do terreiro, apresentando aquela configuração mista: térrea em uma das faces e assobradada em outras. Internamente, a rusticidade está presente, inclusive nos cabideiros incrustados nas paredes de taipa de mão. Já no casarão da fazenda Saltinho isso não ocorre, uma vez que o desnível é muito suave, ocasionando um aspecto térreo em todas as fachadas, muito embora haja a presença do porão, fechado e sem uso. A volumetria, em ambas, é compacta e simples, e elementos com alguma intenção decorativa são escassos: as portas de entrada, com altura superando as vergas das janelas, e ostentando arcos plenos; e, somente na Saltinho, o emprego de rústicas pilastras nos cunhais da edificação, com base e fuste, porém sem capitel.



Figura 300 - Fachada do casarão da fazenda Monjolinho, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.

Figura 299 - Planta do casarão da fazenda Monjolinho, em Itirapina. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

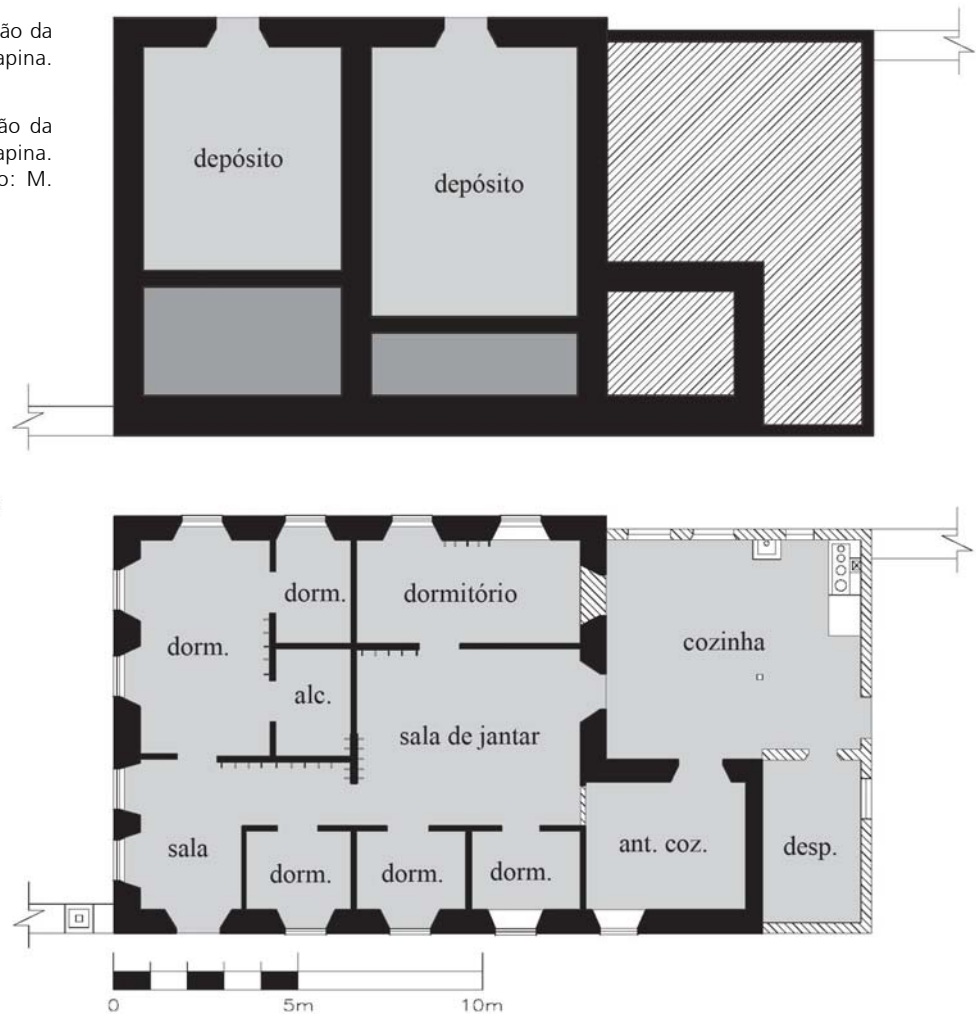




Figura 301 (à esquerda, topo) - Detalhe da fachada, mostrando a alvenaria de pedra das paredes externas. Casarão da fazenda Monjolinho, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.



Figura 302 (à esquerda, centro) - Fachada do casarão, voltada para os terreiros. Fazenda Monjolinho, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.

Figura 303 (à esquerda, embaixo)- Vista interna da porta de entrada. Sala do casarão da fazenda Monjolinho, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.

Figura 304 (abaixo) - Corredor existente entre a sala de visitas e a sala de jantar. Casarão da fazenda Monjolinho, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.





Figura 305 (à esquerda, topo) - Aspecto da sala de jantar. Casarão da fazenda Monjolino, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.



Figura 306 (à esquerda) - Estrutura do telhado. Casarão da fazenda Monjolino, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.

Figura 307 (abaixo) - Vista posterior do casarão da fazenda Saltinho, em Itirapina. Foto: V. Benincasa.



O caso da fazenda Vista Alegre, de Rio Claro, é curioso pela sua história e por se tratar de exemplar de exceção entre as fazendas paulistas. Na verdade, trata-se de uma segunda sede da antiga fazenda Angélica, do Senador Vergueiro. Essa fazenda foi adquirida pelo Barão de Grão-Mogol em 1881, quando ele se transfere do norte de Minas Gerais para o município de Rio Claro, trazendo consigo toda a escravaria, dentre eles exímios pedreiros e mestres canteiros. Estabeleceu-se no antigo casarão mas decidiu, logo a seguir, construir nova sede, na seção chamada Vista Alegre, incluindo, aí, o casarão, novos terreiros, casa de feitor, senzalas, pomar, etc. Todas as edificações foram construídas em alvenaria de pedra, técnica tradicional em sua região de origem.

A mão-de-obra utilizada na construção do sobrado do barão de Grão-Mogol, segundo consta, foi formada por escravos provenientes do sul da Bahia e do norte de Minas. Ou seja, eram trabalhadores que já possuíam um modo próprio de construir, muito diferente do que se praticava em São Paulo e, principalmente, na região de Rio Claro à mesma época.

Não por acaso, a arquitetura do sobrado assemelha-se em muito às casas urbanas das cidades mineradoras do sul da Bahia, como Lençóis, Andaraí, Rio de Contas, Mucugê, Caetitê, entre outras, cuja característica principal é o corpo principal apresentar duas águas e ter empenas laterais vazadas por duas ou mais janelas. Outra peculiaridade do sobrado rio-clarense é o uso exaustivo da pedra, inclusive nas vergas, peitoris e ombreiras de janelas e batentes de portas da fachada, incomum nestas paragens, à época. Pedra trazida, provavelmente, do Morro Grande, situado próxima à fazenda Angélica.³⁹

Esse casarão, com porão, térreo e mais dois pavimentos, embora utilize a planta em “L”, foge do padrão de casa rural encontrado em São Paulo, embora a planta do primeiro pavimento apresente semelhanças na distribuição dos cômodos. Ela pode ter sido a matriz de outras casas construídas além *cuestras*, embora isso não se possa afirmar sem estudos mais aprofundados; no entanto, há uma semelhança muito grande entre este exemplar do início da década de 1880, e o da fazenda Paredão, de Ibaté, de 1890, por exemplo, na técnica construtiva, no aspecto exterior e na disposição interna dos cômodos. O sobrado da Vista Alegre possui volumetria:

(...) composta por um corpo principal, fronteiro, com três pavimentos, mais o porão: no térreo estão os cômodos de serviço; os aposentos íntimos (dormitórios) e sociais (salas de visita e de jantar), no primeiro pavimento; e no sótão, mais quatro cômodos. Este corpo principal é coberto por duas águas - com telhas

capa e canal - que caem em direção à fachada principal e aos fundos, formando duas empenas laterais, com várias aberturas em cada uma, à moda das casas urbanas da zona de mineração do sul da Bahia (Serra Geral e Chapada Diamantina).

Aos fundos, junto ao corpo principal, há um anexo, com dois pavimentos: o térreo ocupado pela cozinha “suja”; e o pavimento superior, ocupado por uma outra cozinha, uma despensa e um terceiro cômodo que pode ter sido acomodação para escravas de dentro.

Juntos, o corpo principal e o anexo dão à planta do sobrado, a tradicional configuração das casas em “L”, cujo espaço reentrante é ocupado por um pátio de serviços, murado, com dois portões: um de acesso à antiga senzala, outro de acesso ao açude existente nos fundos e ao pomar.

A volumetria deste sobrado segue, quase sem nenhuma modificação, a tipologia tradicional dos sobrados de Lençóis, Caetitê, Andaraí, Rio de Contas... É curioso notar que, em suas fachadas principais, a oeste e a sul, o modelo adotado foi o dos sobrados mais antigos do sul da Bahia inspirados na arquitetura litorânea, ou seja, nas construções robustas de paredes auto-portantes de adobe ou pedra, usualmente caiadas, com vergas retas ou em arcos abatidos, mencionados anteriormente. Nestas fachadas aparecem as janelas e portas com molduras de pedra e vergas em arco abatido. Nas outras, a leste e a norte, e no corpo anexo de serviços, aos fundos, as molduras de portas e janelas não possuem o mesmo requinte, são vergas e batentes simples de madeira.⁴⁰

O acabamento externo dessa edificação é extremamente primoroso, incluindo o uso de sacadas salientes, com piso feito de pedras lavradas com acabamento inferior em peito de pomba, guarda-corpos compostos de gradis metálicos, porta-luminárias, lambrequins de fino rendilhado, de calhas e buzínates decorativos de cobre, além de um trabalho de cantaria desconhecidos no interior paulista.

³⁹ BENINCASA, V. O sobrado do Barão de Grão-Mogol. Uma casa do Agreste em terras de São João do Rio Claro. São Carlos: EESC-USP (monografia), 2004, p. 03.

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 05.

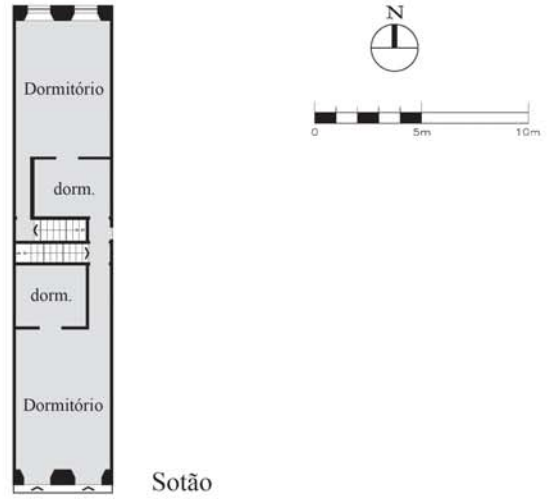


Figura 308 - Fachada sul do casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 309 - Planta do casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: V. Benincasa.

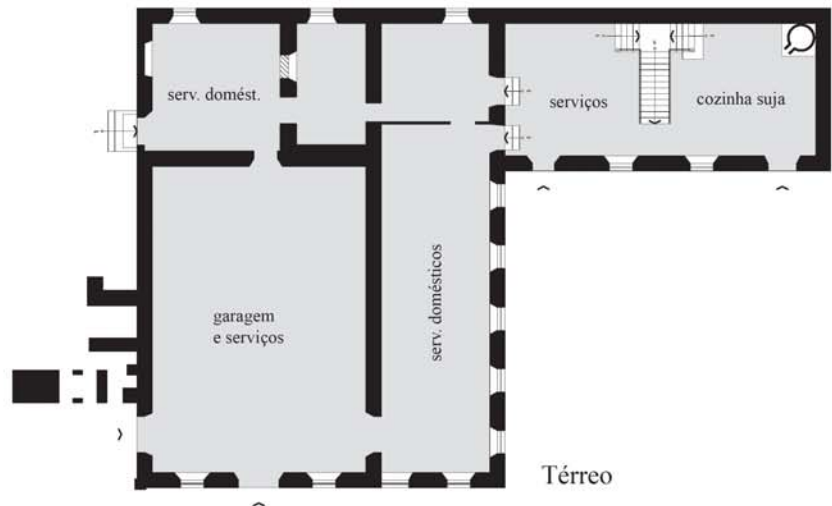
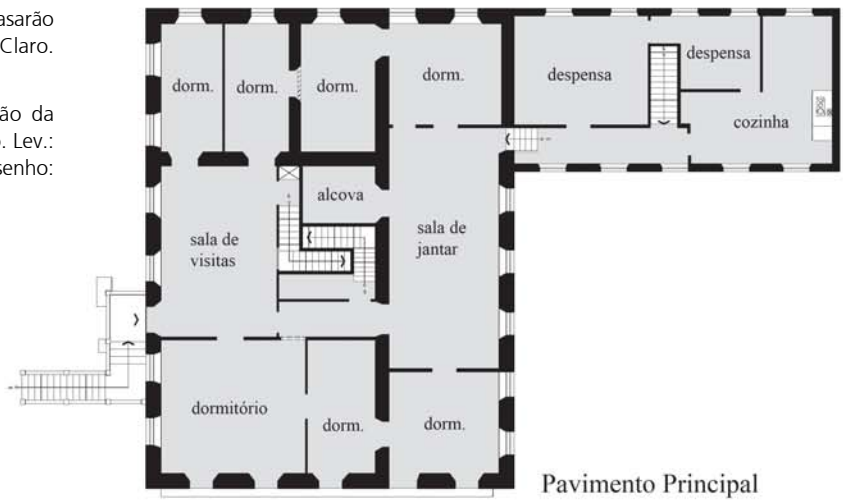




Figura 310 (acima, topo) - Detalhe do lambrequim do beiral. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 311 (acima) - Detalhe do cunhal de pedra, com capitel dórico. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 312 (à direita, topo) - Detalhe do gradil e das portas-balcão. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 313 (à direita, centro) - Fachada norte do casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 314 (à direita) - Fundos do casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.



Figura 315 - Aspecto interno do salão onde se guardavam carros e se realizavam serviços, no pavimento térreo. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 316 - Aspecto interno da cozinha suja, com escadaria de acesso ao pavimento principal. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 317 - Vista da sala de jantar. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.



Figura 318 - Detalhe de bandeira de porta interna. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 319 - Vista do corredor da área de serviços, no pavimento principal. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.

Figura 320 - Sótão. Observar a parede em taipa, com madeira regular. Casarão da fazenda Vista Alegre, Rio Claro. Foto: V. Benincasa.



O casarão da fazenda Paredão, em que pese o uso de elementos já bastante ligados à arquitetura eclética, e o emprego do alpendre corrido na fachada de entrada, guarda a volumetria praticamente idêntica, inclusive com o uso do sótão com dormitórios. E aí, resta-nos a dúvida, estaria esse casarão vinculado a uma arquitetura de origem dos sertões mineiros, ou baianos, ou se vincularia àquela de inspiração européia, dos grandes chalés que foram muito copiados pelo ecletismo arquitetônico? É importante salientar que o ecletismo já estava bastante enraizado nas regiões de mineração de diamantes do norte de Minas e do sul da Bahia, enriquecidas em período que antecede a ocupação do interior paulista, onde o ecletismo, ao final do século XIX, ainda era uma corrente incipiente. São questões que nos fogem e, para respostas mais consistentes, seriam necessários pesquisas muito mais pontuais e aprofundadas.



Figura 321 (acima) - Casarão da fazenda Paredão, Ibaté. Foto: P. Pires, acervo Maria A. P. C. S. Bortolucci.

Figura 322 (abaixo) - Outro aspecto do casarão da fazenda Paredão, Ibaté. Foto: P. Pires, acervo Maria A. P. C. S. Bortolucci.



No caso da fazenda Conceição, a outra representante dos sertões baianos, a configuração é menos complexa. Trata-se de casa ligada muito mais a um padrão litorâneo, da região do Recôncavo baiano, em que aparece o uso do alpendre corrido em duas de suas faces, e aí está a sua grande contribuição à arquitetura paulista. Não há indícios de que isso tenha ocorrido anteriormente em casas paulistas e, a partir de sua construção em 1876, vários outros casarões rurais começam a ostentar alpendres corridos em uma, duas ou mais faces.⁴¹

⁴¹ Sobre esse exemplar, ver BENINCASA, V. *Op. cit.*, 2003, pp. 250-53; e LEMOS, C. A. C. *Op. cit.*, 1999, pp. 220-1.



Figura 323 - Alpendre fronteiro, vendo-se a porta com arco pleno. Casarão da fazenda Conceição, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 324 - Fachada do casarão da fazenda Conceição, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 325 - Fachada lateral do casarão da fazenda Conceição, São Carlos. Foto: V. Benincasa.



Quanto ao aspecto externo, em todos esses exemplares mais singelos podemos observar o uso de um ou outro elemento de uma arquitetura classicizante: por vezes um arco pleno sobre a porta principal, o uso de pilastras. São desejos de modernização de uma aparência ainda tradicional em casas construídas num período e região que não ofereciam a possibilidade de requintes, quando a mão-de-obra ainda não estava suficientemente preparada para levar a termo edificações mais suntuosas,; embora as riquezas da cafeicultura já começassem a dar mostras do grande vigor que em breve teria.

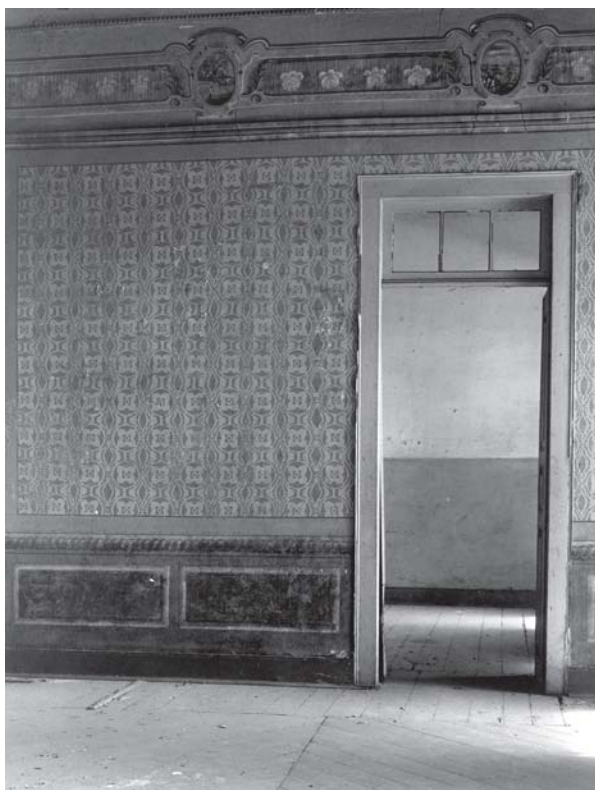
No aspecto interno poucas são as alterações ocorridas, nesse período que antecede a chegada das ferrovias, ou seja, até a década de 1880. Assoalhos feitos com tábuas irregulares, forros saia e camisa, por vezes o luxo de contar com portas contendo bandeiras envidraçadas, um ou outro batente com alguma ornamentação entalhada, a presença de um armário embutido nas paredes de pau-a-pique. Poucos móveis. Tudo muito simples e rústico. As plantas apresentam pouca variação: os mesmo cômodos seguindo, praticamente, a mesma distribuição.

Essa arquitetura, com a chegada da ferrovia e de imigrantes europeus, seria rapidamente alterada. A princípio, durante a década de 1880,⁴² o que se nota é que os casarões incorporaram elementos decorativos, tanto no aspecto interno, quanto no externo, difundidos pelo ecletismo, como o uso de lambrequins, principalmente nos alpendres fronteiros; uma maior elaboração de desenho de balaústres de madeira recortada; janelas e portas com folhas almofadadas; desenhos variados de bandeiras, agora ostentando vidros coloridos. Tornam-se mais comuns as rusticações e o emprego de elementos clássicos da arquitetura, como as cimalkas, quase sempre feitas com peças de madeira, aplicadas sobre as paredes de taipa de mão; pilastras; pestanas; molduras, etc. Em algumas casas, as velhas telhas capa e canal dão lugar às importadas da França, telhas de *Marseille*, aqui comumente chamadas de telhas francesas. Também aparecem algumas peças metálicas, como gradis de alpendres ou de portas-balcão. Inclusive, o alpendre fronteiro, aplicado às velhas fachadas, torna-se um elemento modernizador.

⁴² A década de 1880 se refere à maior parte das regiões Paulista e Mojiana. No entanto, se considerarmos as regiões dos municípios de Limeira e Rio Claro, isso ocorre um pouco antes, em meados da década de 1870, uma vez que, ali, as ferrovias chegaram um pouco antes.

Figura 326 - Casarão da fazenda Itapiru, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 327 - Aspecto interno da sala de visitas do casarão da fazenda Itapiru, São Carlos. Foto: P. Pires, acervo Maria A. P. C. S. Bortolucci.



Internamente, começam a ser notados alguns cuidados: elaboração de assoalhos com tábuas de tamanhos regulares; paredes recebendo pinturas decorativas; forros com detalhes de madeira entalhada; portas mais bem acabadas; melhores móveis, lustres e objetos de decoração.

No geral, as características do historicismo eclético se sobrepõem às da arquitetura mais tradicional, embora as técnicas ainda sejam aquelas de outrora. Elas variam entre a alvenaria de pedra, a taipa de mão e um crescente uso de tijolos, ou seja, ainda ocorre a predominância das técnicas tradicionais, bem como da volumetria das edificações.

Exemplos de casarões dessa primeira fase de avanço das tendências ecléticas são os existentes nas fazendas Contendas de Baixo e de Cima, e Serra, em Mococa; Cafezal, em Rio Claro; Palmeiras, Santa Maria (do bairro do Lobo) e Itapiru, em São Carlos; Santa Amélia, em Descalvado; Jangada, em Ribeirão Bonito; Bonfim, em Bocaina; Mandaguahy, Riachuelo e São Lourenço, em Jaú, entre outros.

Figura 328 - Casarão da fazenda Jangada, Ribeirão Bonito. Foto: V. Benincasa.

Figura 329 - Casarão da fazenda Santa Amélia, Descalvado. Foto: V. Benincasa.





Figura 330 - Casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.

Figura 331 - Planta do casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

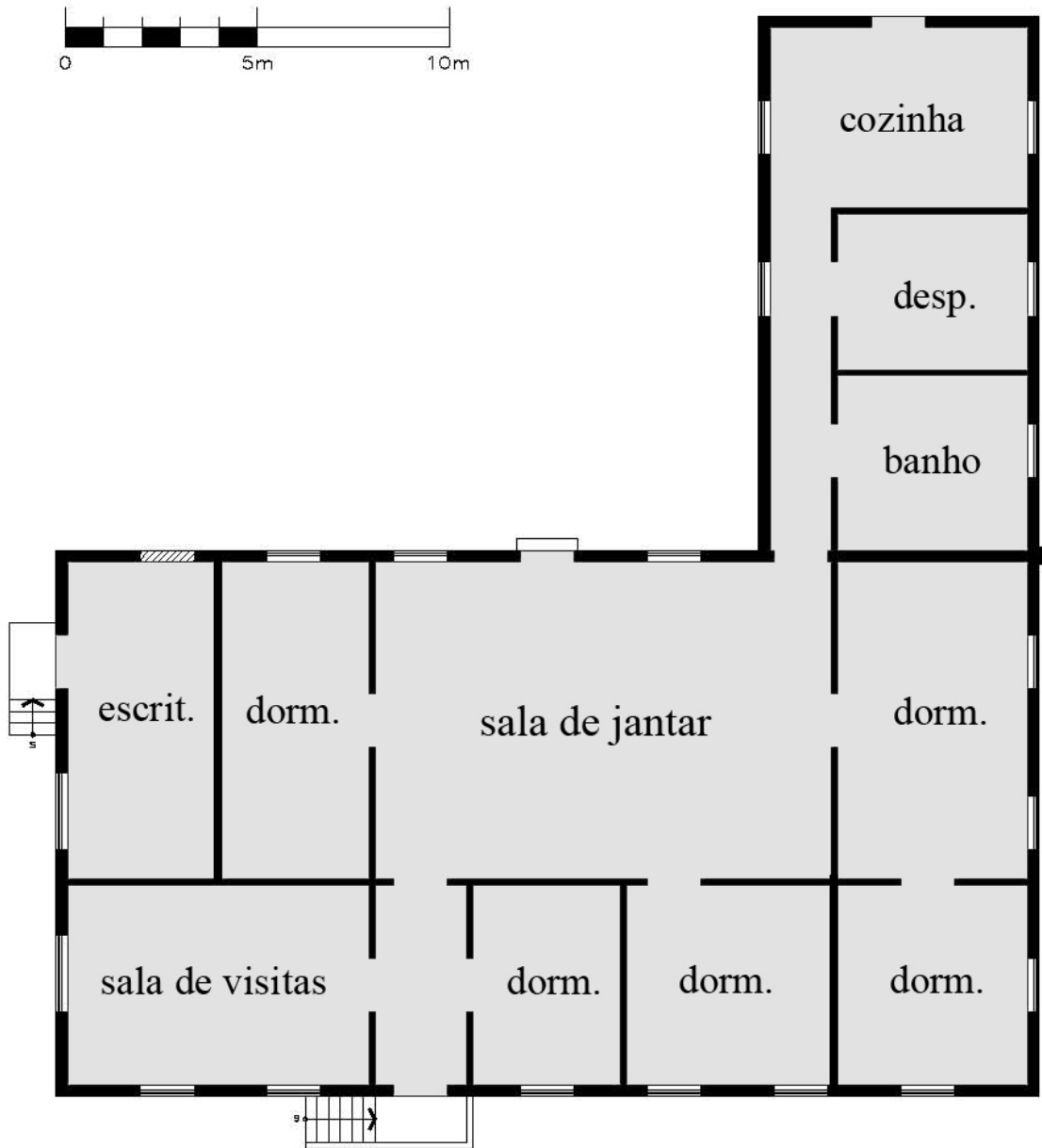




Figura 332 - Fachada do casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.

Figura 333 - Detalhe do guarda-corpo em gradil metálico, da escada fronteira do casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.



Figura 334 - Sala de jantar, casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.



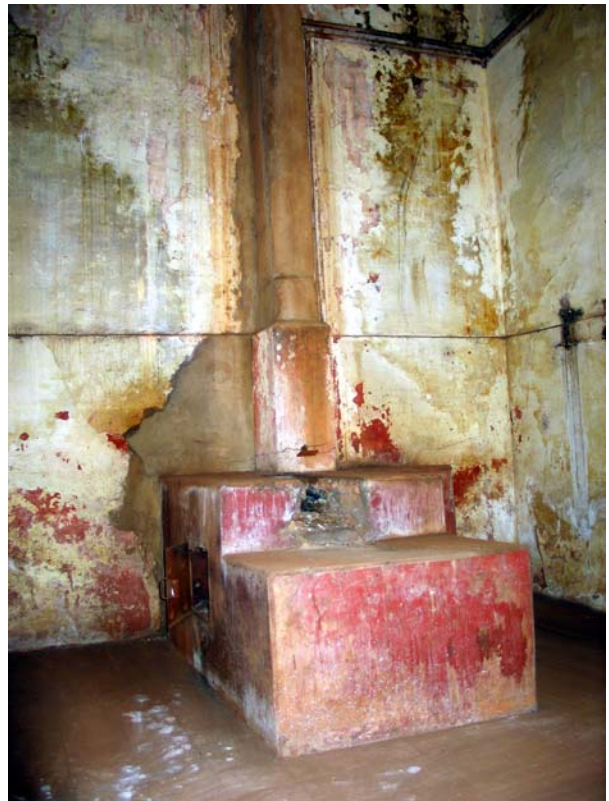


Figura 335 (à esquerda, topo) - Detalhe de maçaneta de porta, casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.

Figura 336 (à esquerda) - Porta almofadada, com bandeira envidraçada, casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.

Figura 337 (acima, topo) - Fogão à lenha, com chaminé, cozinha do casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.

Figura 338 (acima) - Portal de entrada ao pátio traseiro murado, onde havia um jardim e a área de serviço. Casarão da fazenda Bonfim, Bocaina. Foto: V. Benincasa.

As fazendas Contendas de Baixo e Contendas de Cima, pertenciam a uma gleba maior, a fazenda Água Limpa, e foram constituídas pelo mesmo fazendeiro, o senhor Antônio José Dias de Lima. Ambos os casarões, pelas características arquitetônicas, provavelmente foram construídos entre as décadas de 1870 e 1880. Possuem fachadas simétricas e planta em "L". A técnica construtiva empregada foi o embasamento de pedra, sobre o qual se desenvolve a gaiola de madeira com vedos em taipa de mão. Apesar das características tradicionais na planta e na implantação em declive, elas já apresentam algumas inovações, como o uso de pilastras nos cunhais e a porta principal com bandeira com desenhos simples - a Contendas de Baixo usando vergas em arco pleno,

e a de Cima usando vergas em arco ogival - cujo efeito é ressaltado pelo uso de vidros coloridos. Convém ressaltar que o alpendre fronteiro existente na Contendas de Baixo, com belo lambrequim e guarda-corpo recortado, é de época posterior à data de construção, talvez um desejo de modernização de fachada e obtenção de maior conforto.

O interior é simples em ambas, aparecendo assoalhos bem executados e forros saia e camisa; a disposição interna também é muito parecida, cujo elemento de maior destaque é o uso do corredor central ligando a porta de entrada à sala de jantar - acesso que é controlado por uma porta intermediária.

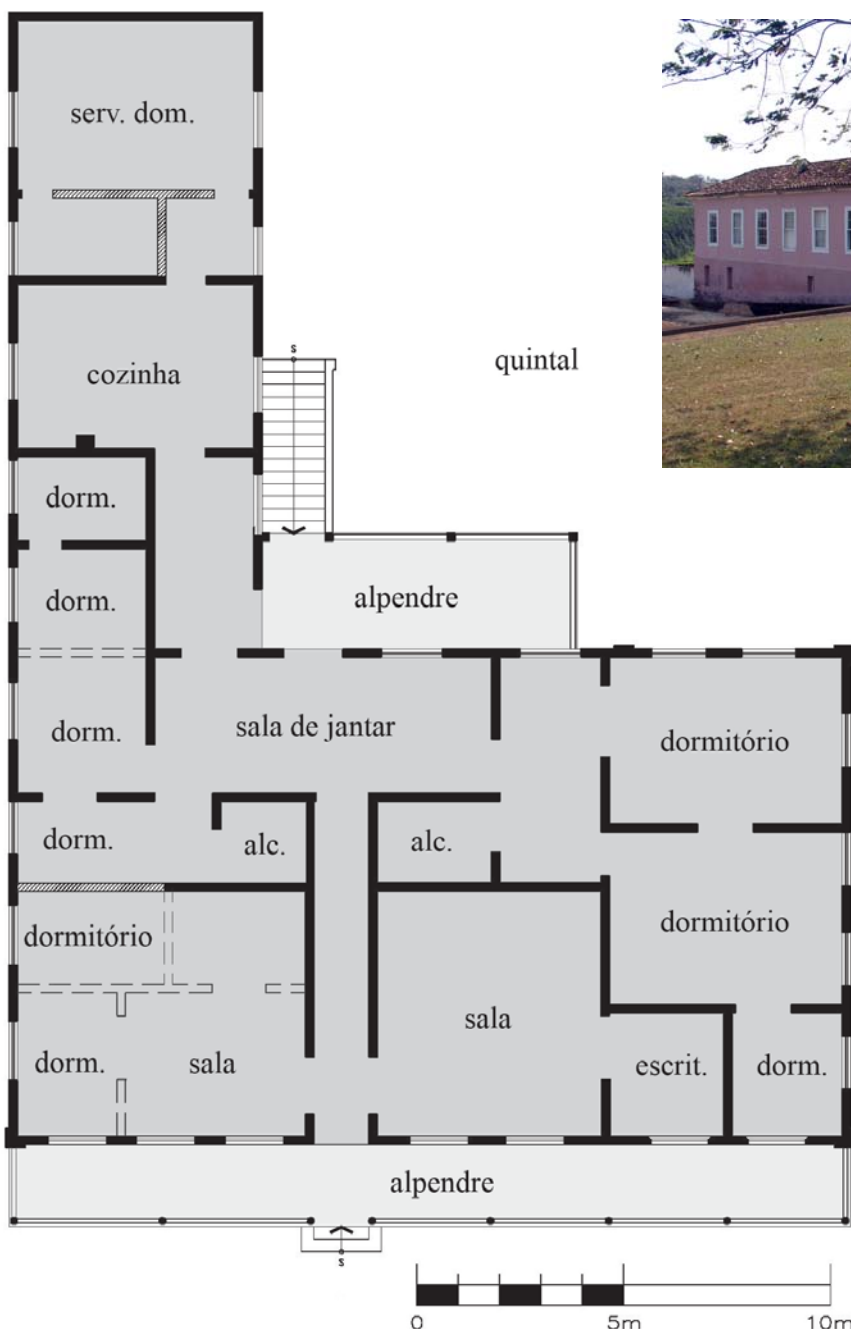


Figura 339. Planta do casarão da fazenda Contendas de Baixo, Mococa. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: M. Rosada.

Figura 340 - Casarão da fazenda Contendas de Baixo, Mococa. Foto: V. Benincasa.



Figura 341 (acima, topo) - Vista lateral do casarão da fazenda Contendas de Baixo, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 342 (acima) - Corredor principal e porta de entrada, com bandeira em arco pleno, casarão da fazenda Contendas de Baixo, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 343 - Detalhe de lustre da sala de visitas. Casarão da fazenda Contendas de Baixo, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 344 - Portas internas, utilizando um mesmo batente: solução comum na arquitetura tradicional mineira. Casarão da fazenda Contendas de Baixo, Mococa. Foto: V. Benincasa.



Figura 345 (acima, topo) - Casarão da fazenda Contendas de Cima, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 346 (acima, centro) - Outro aspecto do casarão da fazenda Contendas de Cima, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 347 (acima) - Aspecto do porão, vendo-se o embasamento de pedra, e divisão feita com taipa de mão. Casarão da fazenda Con-tendas de Cima, Mococa. Foto: V. Benincasa.

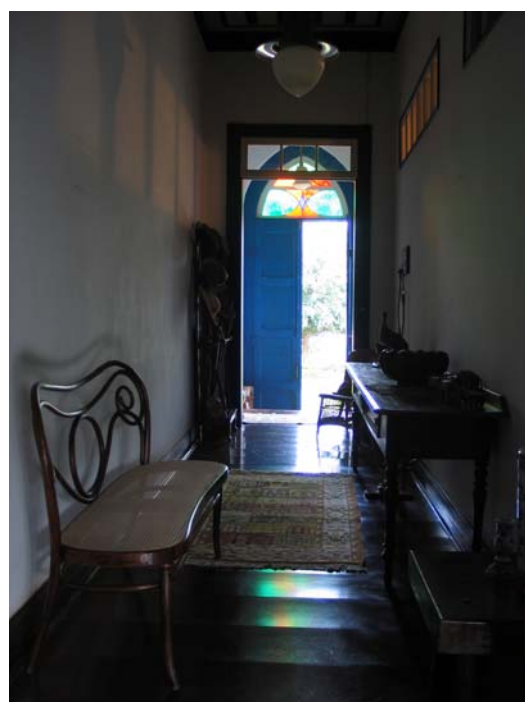
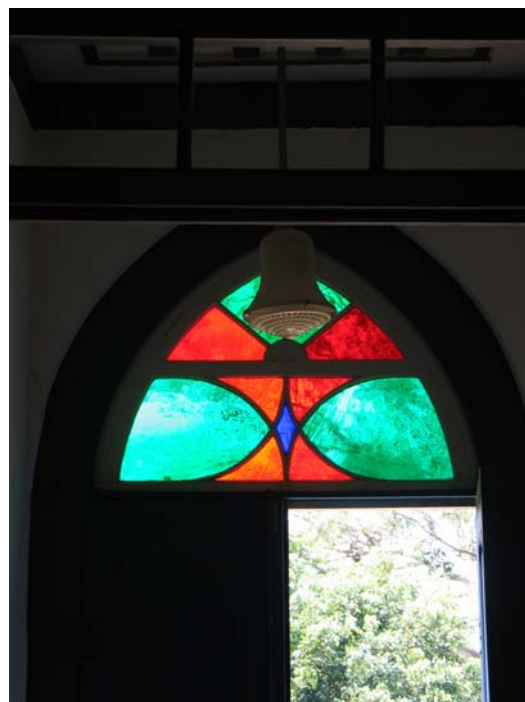


Figura 348 (acima, topo) - Detalhe da bandeira da porta principal, com bandeira em arco ogival. Casarão da fazenda Contendas de Cima, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 349 (acima) - Corredor central. Casarão da fazenda Con-tendas de Cima, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Esse elemento, o corredor de acesso da entrada à sala de jantar, também aparece em outro casarão da mesma cidade, na fazenda Serra.⁴³ Nesse exemplar, a planta é praticamente a mesma, com exceção de um curioso oratório, existente num dos cômodos laterais à sala de jantar, com fundo falso. No entanto, apesar de a volumetria ser praticamente idêntica, essa casa da Serra já demonstra uma fisionomia mais recente, por fazer uso restrito de elementos decorativos, dentre os quais podemos destacar o belo alpendre fronteiro, com piso revestido de ladrilhos hidráulicos, ou mosaico, sobre estrutura em arco de tijolos. Aliás, o tijolo aparece também na alvenaria das paredes do pavimento principal, um aspecto, sem dúvida, inovador na região, enquanto que o porão e o embasamento são ainda de alvenaria de pedra.

Também merece atenção o bom efeito estético obtido pela ausência de molduras nas janelas que, no entanto, são encimadas por falsos óculos em baixo relevo. Toda a parte fronteira e uma das laterais da casa estão envolvidas por um jardim murado, com canteiros de desenhos variados, e tanque d'água. Os fundos e a lateral oposta estão voltados para o pomar e o pátio de serviços, também murados.

⁴³ Evidentemente, não se trata aqui de um regionalismo, uma vez que essa mesma solução pode ser encontrada em casas de outras regiões, como na fazenda D. Carolina, de Bragança Paulista, por exemplo, ou mesmo em fazendas de Jaú, de que trataremos a seguir.

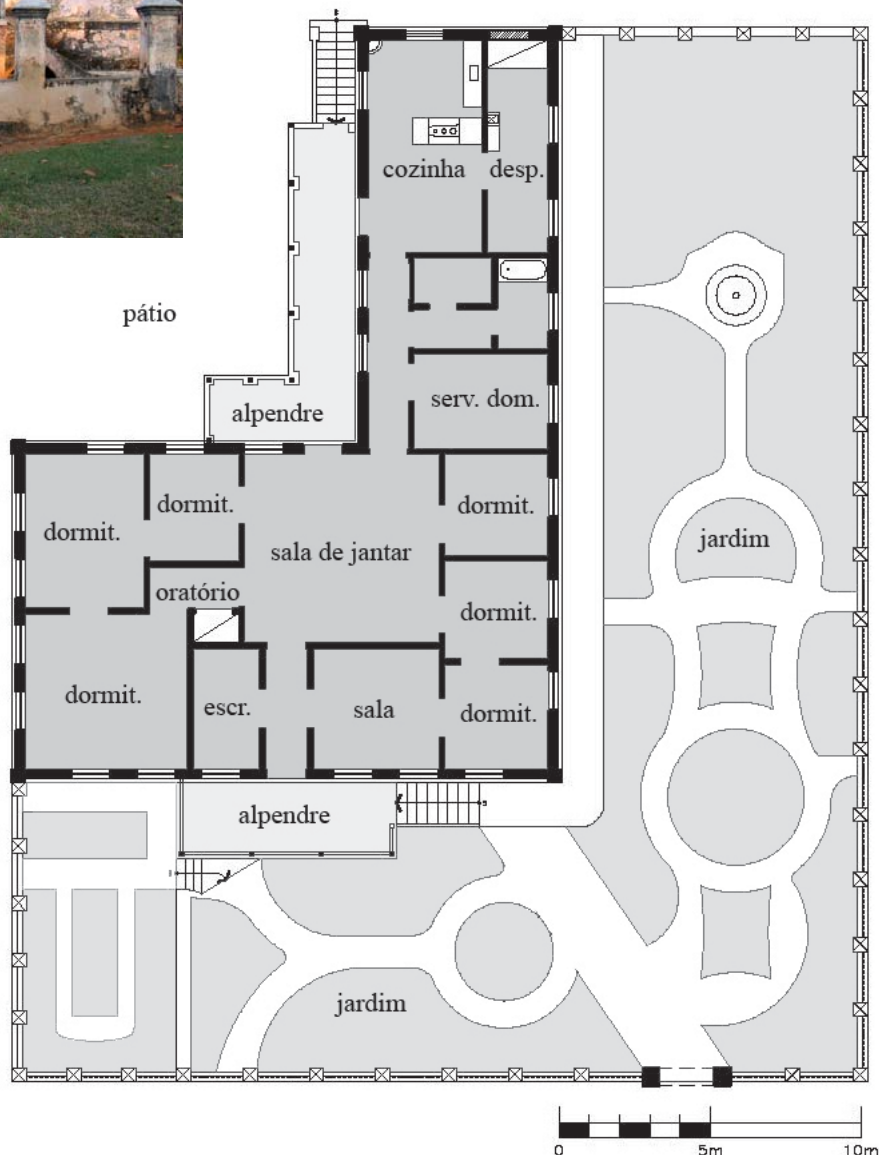


Figura 350 - Fachada do casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 351 - Planta do casarão da fazenda Serra, Mococa. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: M. Rosada.



Figura 352 (à esquerda, topo) - Vista do alpendre fronteiro, casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 353 (à esquerda, centro) - Aspecto interno do alpendre fronteiro, com piso em mosaico e lambrequim metálico. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 354 (à esquerda) - Lateral do casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 355 (acima, topo) - Fundos do casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 356 (acima) - Puxador da porta principal. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.





Figura 357 (à esquerda, topo) - Porta do porão, com bandeira protegida por gradil metálico. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 358 (à esquerda) - Sala de jantar. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 359 (acima) - Oratório com fundo falso. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

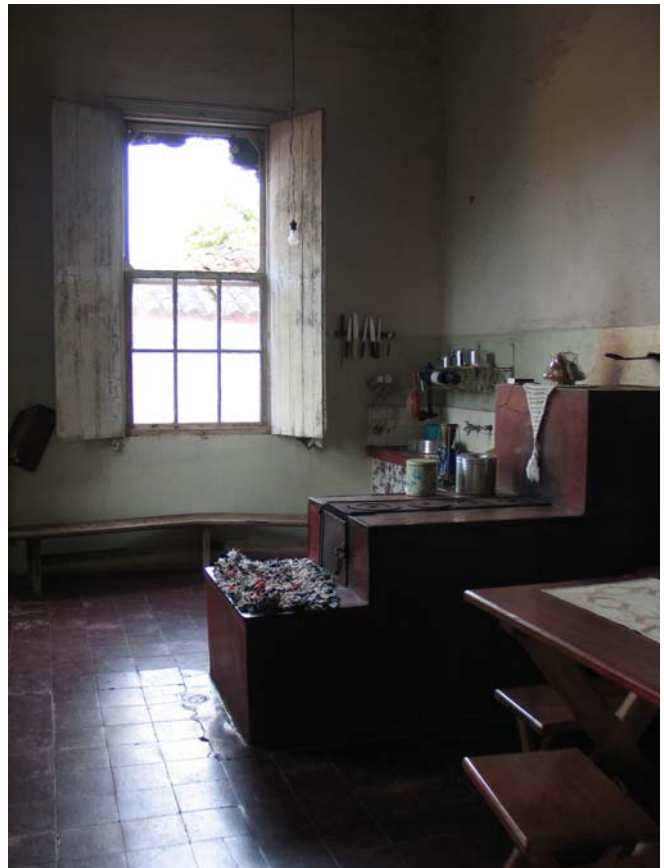
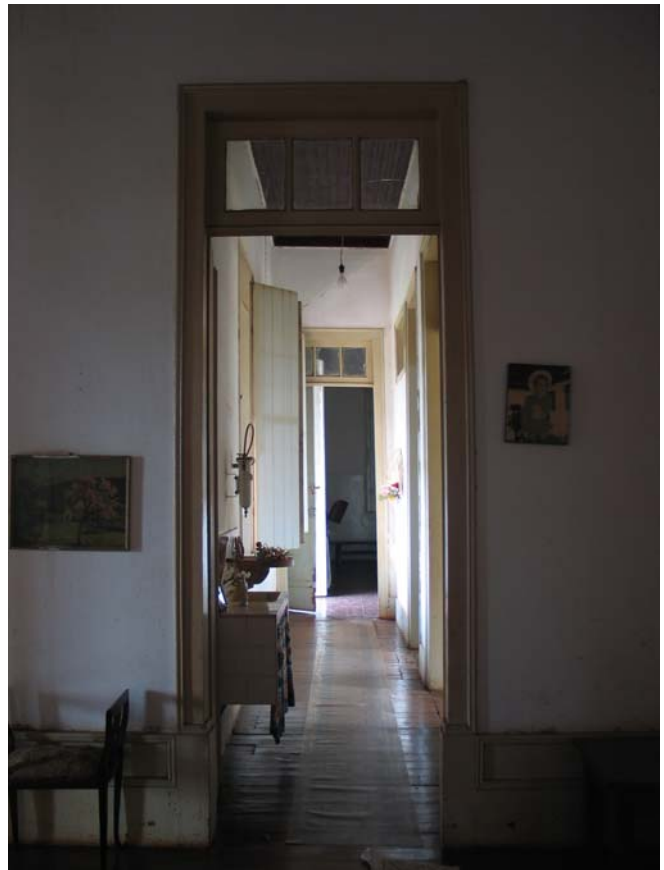


Figura 360 - Lustre do vestíbulo. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 361 - Lavatório de dormitório, com água quente e fria. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 362 (à direita, topo) - Corredor da área de serviço. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Figura 363 (à direita) - Cozinha com fogão à lenha. Casarão da fazenda Serra, Mococa. Foto: V. Benincasa.

Outro caso de fazendas construídas por familiares de mesma ascendência ocorreu na cidade de Jaú. A família Almeida Prado comprou uma grande gleba de terras, cortada pelo ribeirão Pouso Alegre e, ali constituíram várias fazendas, em lotes mais ou menos regulares, em sentido transversal ao ribeirão, de modo que todos os lotes tivessem acesso à água. Entre essas fazendas estão a Mandaguahy, a Riachuelo e a São Lourenço, que incluímos em nossos levantamentos. Havia outras, algumas delas já desaparecidas. Essa foi uma situação razoavelmente comum, em se tratando de famílias pioneiras e com recursos, e podemos citar o caso da família Arruda Botelho, em São Carlos, como outro exemplo.

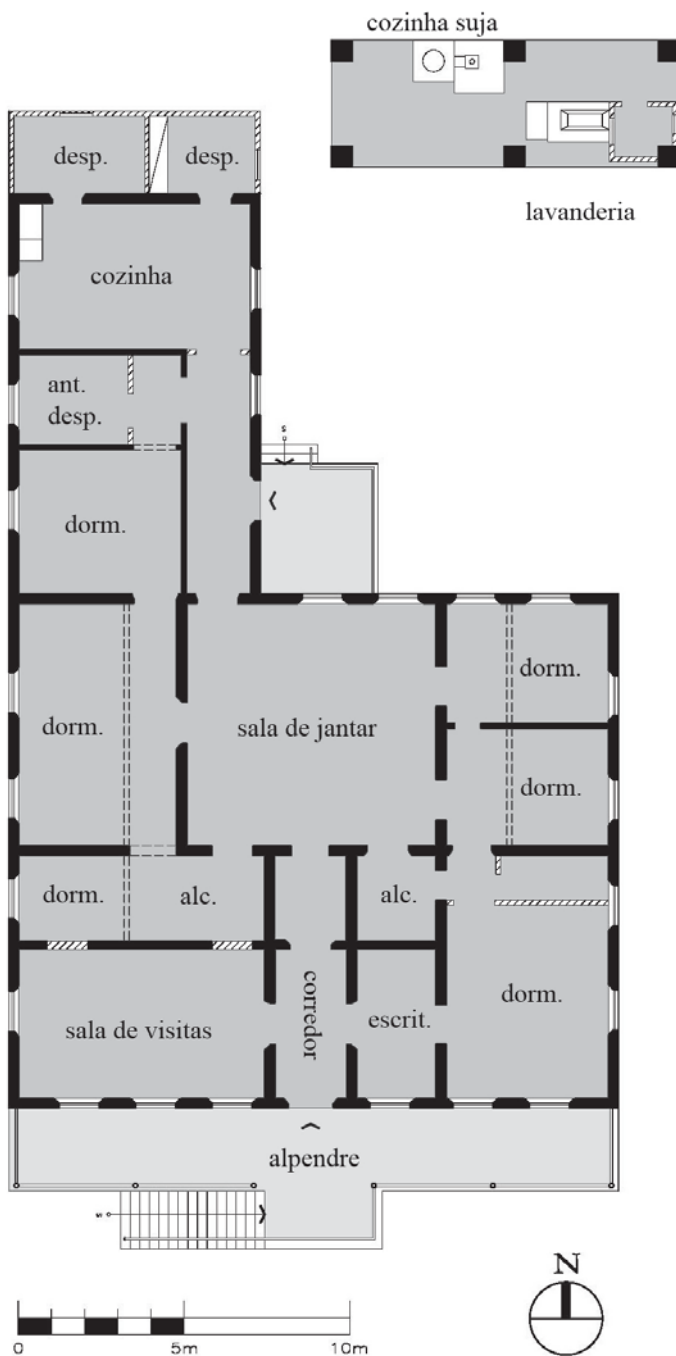


Figura 364 - Planta do casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: V. Benincasa.

Figura 365 - Casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Em primeiro plano, o portão do jardim. Foto: V. Benincasa.



Figura 366 (acima, topo) - Casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 369 (acima, topo) - Alpendre. Casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 367 (acima, centro) - Detalhe do lambrequim de madeira, entremeando os pilares metálicos. Casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 370 (acima) - Alpendre do casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto da primeira metade do século XX. Acervo Fazenda Mandaguahy.

Figura 368 (acima) - Sala de visitas, casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Figura 371 (à esquerda, topo) - Aspecto da sala de jantar, casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 372 (à esquerda) - Outro aspecto da sala de jantar, vendo-se o lavatório. Casarão da fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 373 (acima, topo) - Fundos do casarão. Rancho que abriga os tanques, forno e fornalha. Fazenda Mandaguahy, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 374 (acima) - Vista da mesma edificação anterior, em foto do início do século XX. Fazenda Manda-guahy, Jaú. Acervo Fazenda Manda-guahy.

Novamente, o partido adotado nos casarões dessas fazendas de Jaú foi o da planta em "L". Construídas provavelmente na década de 1890, elas conservam em suas plantas disposição bastante semelhantes às que encontramos naquelas fazendas de Mococa, inclusive com o uso daquele corredor central. A única que foge um pouco ao modo de construção é o casarão da fazenda São Lourenço, no qual o anexo de serviços, ao invés de se desenvolver para os fundos da edificação, cresce para uma de suas laterais, talvez numa intenção de melhor aproveitamento da insolação. Construídos em época posterior aos de Mococa, essas casas de Jaú trazem a novidade do uso do alpendre: corrido por toda a fachada, nos casarões da Mandaguahy e da Riachuelo, e cobrindo apenas parcialmente a porta de entrada e as janelas laterais, no da São Lourenço.⁴⁴ Alpendres com desenhos extremamente elaborados, tanto no da Mandaguahy, como no da Riachuelo, apresentando, entre as pilastras, lambrequins de muito bom gosto, formando arcos que suavizam de maneira bastante eficaz o volume compacto dessas edificações. Aliás, esse tipo de desenho de lambrequins deve tratar-se de um regionalismo, pois só o encontramos nessas fazendas, e na Murungava e na Conquista, do mesmo município, e na Estrela, do município vizinho de Bocaina. O alpendre da Mandaguahy se destaca ainda por ser de estrutura metálica, elemento ainda pouco comum em casas rurais do mesmo período.

Além desses belos alpendres, elas apresentam aqueles tradicionais elementos compositivos de gosto clássico, dando-lhes maior requinte ao acabamento e feição gerais. Internamente, possuem o mesmo esmero demonstrado no exterior, inclusive com o uso de pinturas decorativas, embora ainda muito simples, limitando-se a pequenas faixas decorativas, arremates de panos de parede de cores diferentes.

⁴⁴ O alpendre original da São Lourenço foi demolido, sendo posteriormente acrescentado outro na lateral da edificação, que passou a ser a sua fachada principal.

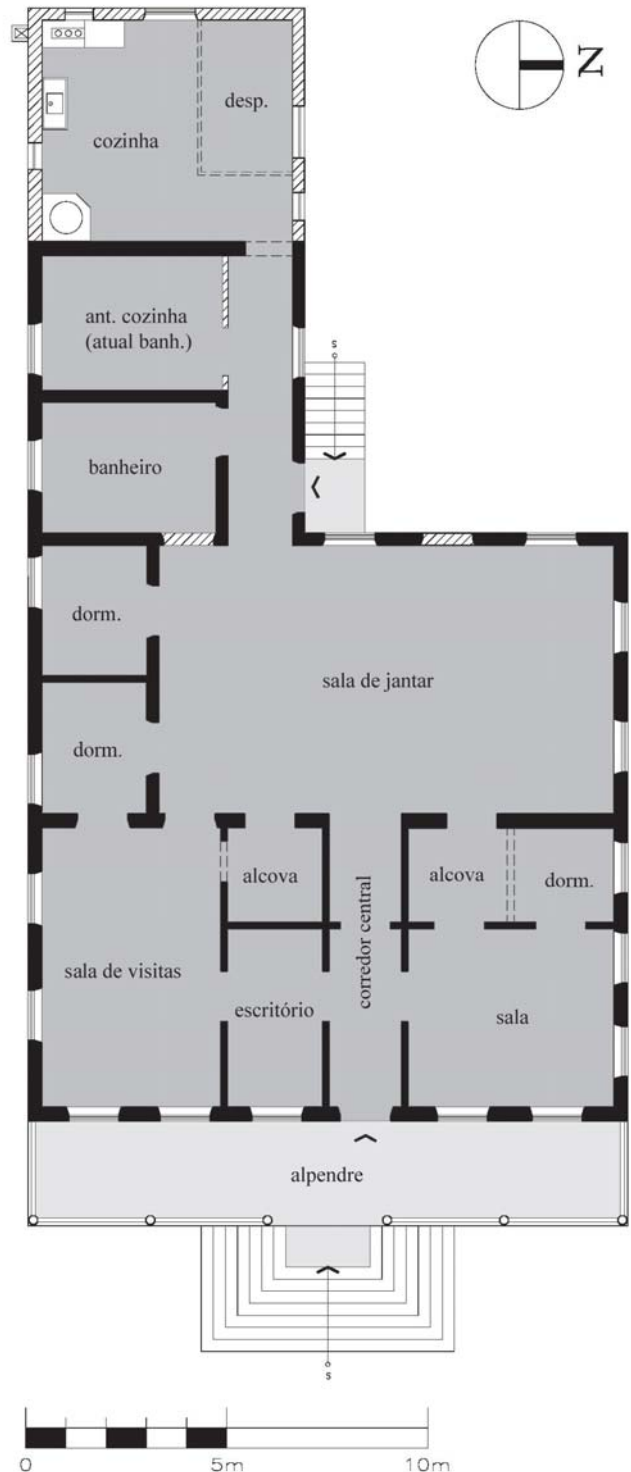


Figura 375 - Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto da primeira metade do século XX. Acervo Fazenda Mandaguahy.

Figura 376 - Planta do casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Lev.: V. Benincasa e G. Valente. Desenho: V. Benincasa.



Figura 377 (à esquerda, topo) - Outro aspecto do casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto da primeira metade do século XX. Acervo Fazenda Mandaguahy.

Figura 378 (à esquerda, centro) - Aspecto atual do casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 379 (à esquerda, embaixo) - Lateral do casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Notar o embasamento de pedra e as paredes de tijolos. Foto: V. Benincasa.

Figura 380 (acima, topo) - Aspecto parcial da fachada, com escadaria do alpendre. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 381 (acima) - Detalhe do lambrequim, casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Figura 382 (acima, topo) - Janela do alpendre, com folhas envidraçadas externas. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 383 (acima) - Detalhe do peitoril de madeira de janela do alpendre. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 384 (acima, topo) - Detalhe do gradil do guarda-corpo. Alpendre do casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 385 (acima) - Aspecto do forro saia e camisa do alpendre. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Figura 386 (acima, topo) - Vestíbulo: forro saia e camisa; notar a pintura original da parede, com motivos de gosto *art-nouveau*. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 387 (acima) - Forro da sala de visita. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 388 (à direita, topo) - Detalhe de decoração pictórica: vestíbulo. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 389 (à direita, centro) - Detalhe de decoração pictórica: sala de visita. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 390 (à direita) - Detalhe de maçaneta da cremalheira de janela. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.





Figura 391 - Aspecto da sala de jantar. A abertura em arco dá acesso ao corredor central, em direção ao alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 392 - Corredor da área de serviço, que tem início na sala de jantar e vai até a cozinha. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 393 - Aspecto da cozinha. Esse cômodo não é original, mas já aparece em foto da década de 1910, sendo, portanto, um acréscimo muito antigo. Casarão da fazenda Riachuelo, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Quanto aos cômodos internos, apesar de terem sido construídas ao final do século XIX, ainda é possível observar, em várias delas, a permanência das alcovas. Apesar das inovações, mantinham-se velhos hábitos.



Figura 394 - Antiga fachada do casarão da fazenda São Lourenço, Jaú. Pode-se ver a antiga porta de entrada e as marcas do alpendre e da escadaria, que foram suprimidos. Foto: V. Benincasa.

Figura 395 - Planta do casarão da fazenda São Lourenço, Jaú. Lev.: V. Benincasa e G. Valente. Desenho: V. Benincasa.

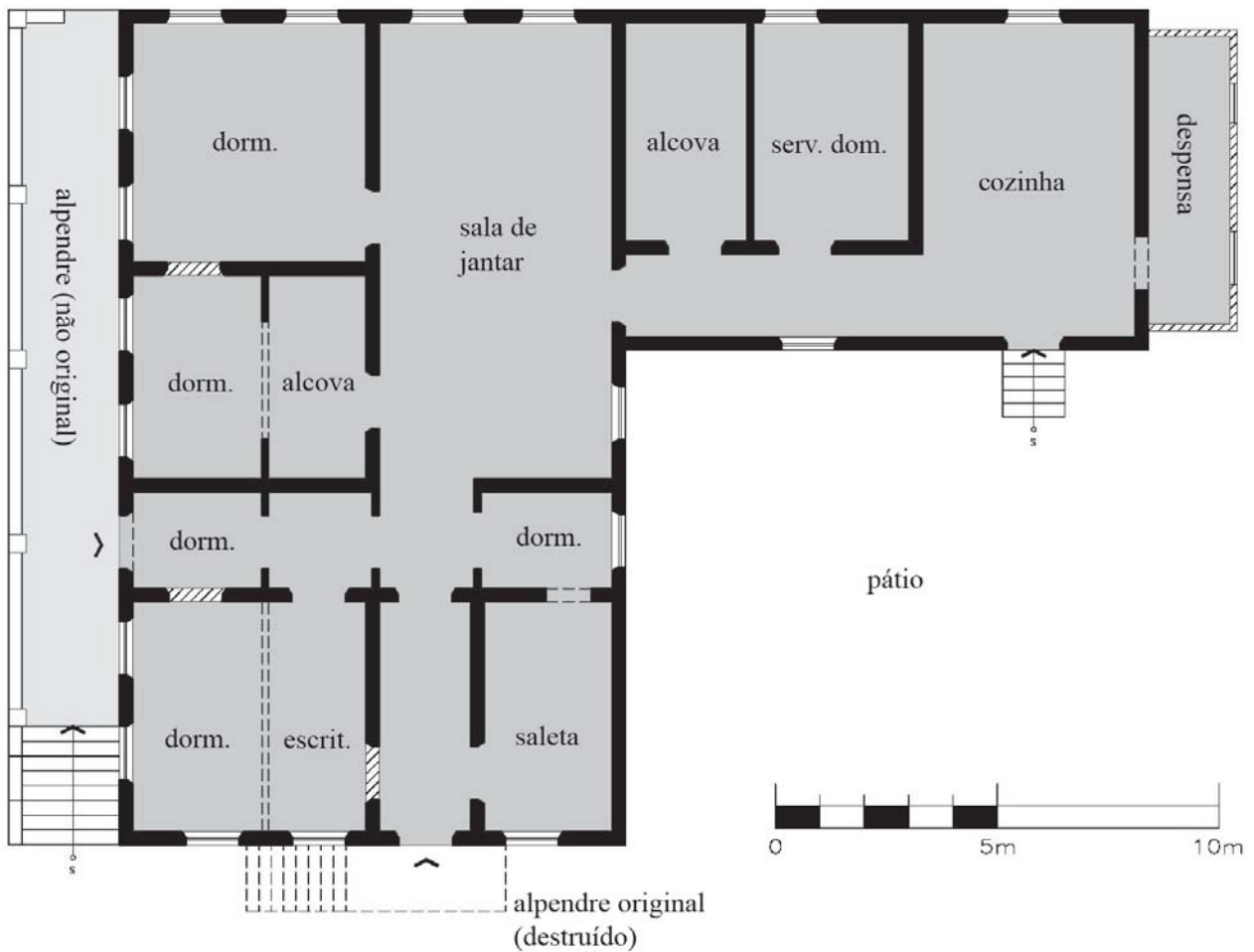




Figura 396 - Fachada lateral do casarão da fazenda São Lourenço, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 397 - Pátio traseiro. Casarão da fazenda São Lourenço, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 398 - Aspecto de um dormitório, com oratório de mesa. Casarão da fazenda São Lourenço, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 399 - Aspecto da sala de jantar. A abertura em arco dava acesso ao corredor de entrada; hoje o acesso ao exterior se faz pela primeira porta após o arco. Casarão da fazenda São Lourenço, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Num momento posterior, mais ao final da década de 1890, o ecletismo se impõe de forma inconteste na arquitetura regional. A mão-de-obra composta quase exclusivamente de profissionais europeus, e a facilidade de obtenção de materiais mais sofisticados, importados de cidades industriais brasileiras, ou, então diretamente da Europa e dos Estados Unidos, proporcionam o surgimento de casarões rurais sofisticados, dotados de vários equipamentos de conforto e higiene. Muitas inovações ocorreram no aspecto da casa senhorial de fazenda.

A importação de encanamento de água e esgoto possibilita o surgimento dos banheiros equipados com chuveiros, bacias sanitárias, lavatórios e bidês, peças de louça ou de metal esmaltado importadas, e com paredes revestidas de azulejos, assim como os pisos de peças cerâmicas ou de ladrilhos hidráulicos decorativos. Esses pisos, ditos frios, num primeiro momento são assentados sobre uma estrutura de madeira, por vezes mesmo sobre assoalhos antigos, dando novos usos a velhos cômodos. Num segundo momento, tornou-se comum o emprego das lajes de abobadilhas de tijolos, apoiadas em vigas de ferro ou de madeira: sobre elas, a superfície era regularizada com argamassa, e depois eram assentados os ladrilhos.

Nas cozinhas, a principal novidade está na definitiva adoção dos fogões à lenha europeus dotados de chaminés, construídos em alvenaria ou, em casos mais sofisticados, dos chamados fogões “econômicos”, feitos industrialmente com chapas metálicas. Eles proporcionaram o surgimento de um encanamento de água quente, que funcionava da seguinte forma: de um reservatório de água, instalado sobre os fogões, descia um cano que adentrava a fornalha, em forma de serpentina; a água era, então, aquecida, e subia até outro reservatório que a distribuía, através de encanamentos apropriados, aos vários cômodos. Um sistema de encanamento duplo permitia misturar a água quente com a fria, controlando a temperatura.

As cozinhas também receberam melhor acabamento, praticamente o mesmo destinado aos banheiros, tendo o piso revestido com peças impermeáveis à água, naquelas técnicas apontadas acima; e apareceram as pias e os tanques para lavagem de louças. Nas lavanderias surgem, igualmente, tanques dotados de torneiras de água corrente que, dessa forma, facilitavam o serviço nessas áreas. Enquanto essas modernizações se deram no aspecto construtivo, outras melhorias foram sendo incorporadas quanto aos equipamentos da cozinha: importaram-se formas de bolos e doces com desenhos variados, batedeiras e máquinas manuais de fazer manteiga, faqueiros, louças, cristais, porcelanas, pratarias... Tudo tornando mais sofisticado o dia-a-dia na fazenda.

Nos dormitórios e nas salas de refeição, os lavatórios, de porcelana ou de metal esmaltado, decorados com motivos coloridos e dotados de água corrente, quente e fria,

tornaram-se peças usuais, proporcionando mais conforto aos seus usuários.

Talvez a maior das alterações sofridas na casa rural paulista do final do século XIX esteja mesmo relacionada à sua volumetria e, conseqüentemente, à sua planta. Aquele volume simples, acachapado, monótono até, vez ou outra quebrado pela presença de um alpendre, com as novas tendências arquitetônicas, foi aos poucos desaparecendo. Os fatores que levaram a isso são vários, e entre os principais estão a boa aceitação da alvenaria de tijolos; a adoção de melhores técnicas na feitura de estruturas de telhado, como as tesouras, por exemplo, usando-se peças de madeira mais delgadas, que distribuíam melhor as cargas e venciavam maiores vãos; e o uso de calhas e condutores de águas pluviais.

Essas novas plantas, criando saliências e reentrâncias na volumetria, condenaram ao desaparecimento as velhas alcovas escuras e sem ventilação. Os interiores dessas novas casas são iluminados generosamente e varridos pelo ar puro, afastando os perigos dos ares viciados.

Nesse aspecto, é importante salientar a chegada de um elemento muito importante e que passa a ser adotado indiscriminadamente em, praticamente, todos os casarões: as folhas venezianas. Elas permitiam a ventilação, mesmo quando cerradas, dos cômodos que as possuíam. Foram, também, incluídas naquelas casas mais antigas, em que já existiam guilhotinas e escuros, sendo acopladas na parte externa dessas janelas, dando nova feição aos velhos casarões e, certamente, tirando-lhes muito da beleza tradicional, embora os dotassem de maior conforto térmico e melhores condições de higiene.

Nos forros de madeira, podemos observar pequenas aberturas, de diferentes e bem executadas formas, garantindo a exaustão do ar quente dos cômodos para o forro e daí, através de telhas especiais, com aberturas para captação do ar externo, para o exterior da edificação. Todo esse sistema, venezianas, forros e telhas especiais, permitia um constante renovar do ar interno, garantindo boas condições térmicas ao interior dessas construções. Eram as novas regras que se impunham às velhas tradições arraigadas desde tempos coloniais, tornando as casas mais confortáveis e higiênicas.

Em seus interiores, no que tange ao acabamento e à decoração, elas são extremamente requintadas. Surgem novos cômodos, quase sempre destinados à recepção de visitantes, mas também a copa e a sala de refeições íntimas, de uso cotidiano: a sala de jantar é destinada aos dias de festa e à recepção de convidados. Os cômodos são equipados com tudo o que havia de melhor nas maiores cidades do país e, mesmo, na Europa, desde mobiliário, equipamentos e objetos de decoração.

Os assoalhos, além das tábuas de tamanho regular, compõem desenhos geométricos, realçados pelo uso de madeiras de cores diferentes, que por vezes são acompanhados pelo forro; papéis de parede tornam-se freqüentes, assim como o uso de pinturas cada vez mais rebuscadas, cujos modelos são extraídos de catálogos alemães, franceses, espanhóis, austríacos... Esses catálogos propõem a decoração não só de paredes, mas também dos forros de estuque.



Figura 400 (acima) - Modelo de pintura decorativa do catálogo alemão Krey u Sommerlad-Niedersedlitz-dr. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 401 (à direita, topo) - Modelo de pintura decorativa do catálogo alemão Krey u Sommerlad-Niedersedlitz-dr. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 402 (à direita) - Modelo de motivos decorativos para cozinha, catálogo alemão Krey u Sommerlad-Niedersedlitz-dr. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

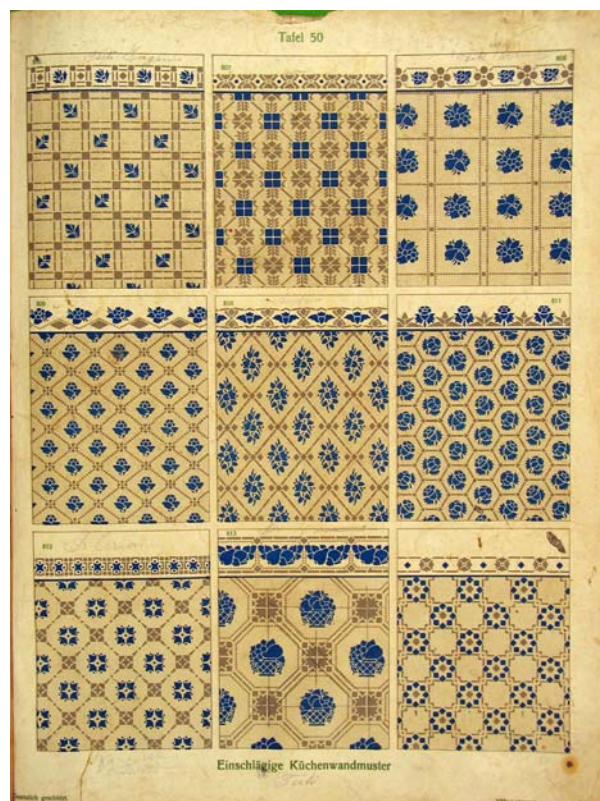




Figura 403 (acima, topo) - Modelo de pintura decorativa, catálogo alemão Druck Klein & Volbert. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 404 (acima) - Modelo de decoração de ambiente, catálogo alemão Vereinigte Kunstanstalten. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

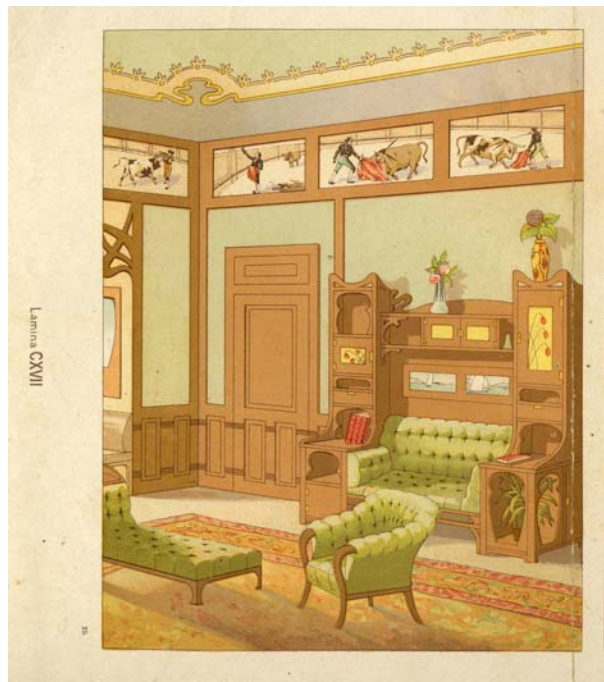


Figura 405 (acima, topo) - Modelo de decoração de ambiente, catálogo espanhol Segui. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 406 (acima) - Modelo para frisos, catálogo espanhol Segui. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.



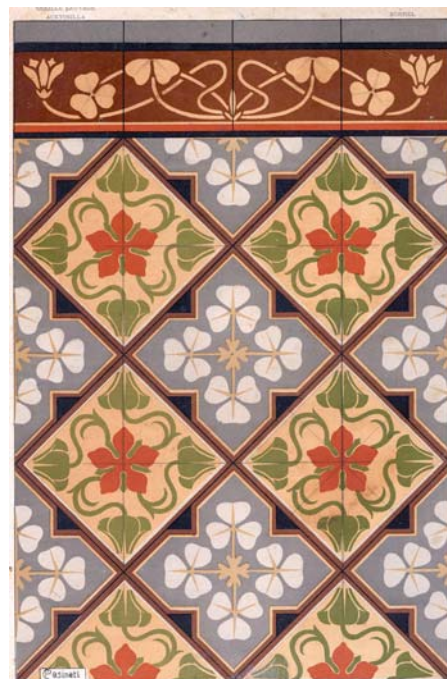
Figura 407 (acima, topo) - Modelo de pintura, catálogo espanhol Seguí. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 408 (acima)- Modelos variados de decoração pictórica, catálogo austríaco Friedr Wolfrun & Co, de Viena. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 409 (à direita, topo) - Modelo de pintura para forro, catálogo Die Mappe. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 410 (à direita, centro) - Modelo de friso, catálogo italiano Pasinati. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.

Figura 411 (à direita) - Modelo de desenho para ladrilhos hidráulicos, catálogo italiano Pasinati. Acervo Museu Hist. e Ped. Afonso e Alfredo Taunay, Casa Branca.



Vários desses casarões receberam também encanamento de gás acetileno, com suas graciosas mangas de iluminação, que muito rapidamente foram substituídas pelos, nem sempre interessantes, fios de energia elétrica, produzida na própria fazenda. As inovações, principalmente aquelas ligadas ao conforto, eram assimiladas muito rapidamente nessas regiões.

Os casarões desse período tornaram-se maiores e mais luxuosos, e exemplos não faltam. Não há um padrão arquitetônico seguido, uma vez que o ecletismo deu-lhes o tom, e o nome genérico dessa corrente arquitetônica esconde, dentro de si, inúmeras facetas, códigos, elementos compositivos... Essa, talvez, tenha sido a fase de maior liberdade de expressão já vivida pela arquitetura, em todos os tempos. Dessa forma, encontramos desde casas que lembram grandes chalés, outras, palacetes renascentistas, outras com aspecto neoclássico, e até as verdadeiramente ecléticas, que misturam elementos de várias correntes historicistas.

Um dos mais antigos e requintados exemplares de todo o interior paulista, a usar esse repertório variado, é o casarão da fazenda Morro Azul, em Iracemápolis. Construído entre 1868 e 1877, possui planta que se desenvolve em três corpos distintos, sendo, o central, deslocado para frente, criando um pátio externo, aos fundos, e um corpo saliente na parte fronteira. Esse corpo dianteiro é assobradado, pois está no desnível do terreno. Seu piso inferior possui vários cômodos que devem ter servido para acomodação de visitantes, entre outros usos. O piso superior acompanha o dos corpos laterais, formando o pavimento principal dessa casa. O acesso a ele é feito por um pretório coberto, com três aberturas em arco, onde se iniciam as duas escadarias monumentais, cada uma com dois lances interrompidos por um descanso. Essas escadarias ladeiam o vestíbulo coberto, existente no terraço acima do pretório, que forma um volume independente, coberto por uma elegante cúpula metálica, encimada por agulha decorativa, também metálica.

Figura 413 - Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 412 - Planta do casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Desenho de M. Rosada, baseado em levantamento de Cristina Menezes Q Carvalho. Fonte: Carvalho, C. M. Q. *Revitalização da Fazenda Morro Azul, Iracemápolis-SP*. Campinas: FAU-PUCCamp (trabalho de graduação interdisciplinar), apêndice, 1988.

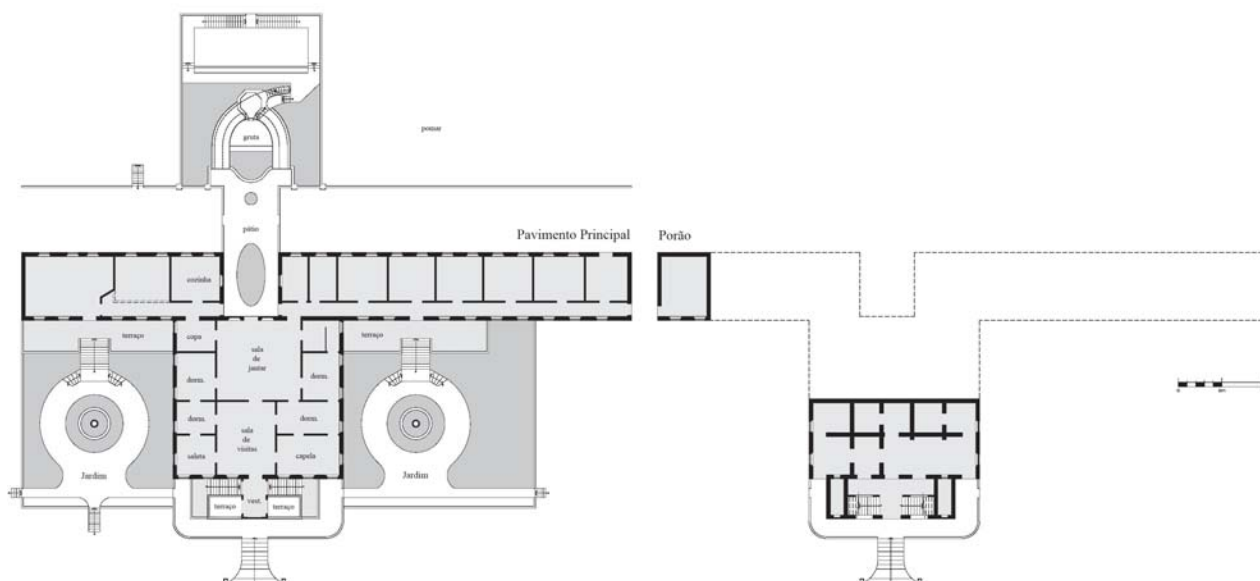




Figura 414 (à esquerda, topo) - Detalhe de gradil de proteção no vão da escadaria frontal. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 415 (à esquerda, centro) - Detalhe de azulejos aplicados na fachada. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 416 (à esquerda) - Pretório de entrada. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 417 (acima, topo) - Porta de acesso ao vestíbulo. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 418 (acima) - Detalhe da fachada do corpo principal. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Toda a fachada desse corpo central é azulejada com peças provenientes de Portugal e da Inglaterra, mas os elementos que o tornam único não são somente esses. Os belos balaústres que formam o guarda-corpo da escadaria e do terraço, mais aqueles que compõem a sua platibanda, e as belas aberturas com vergas arqueadas das aberturas do vestíbulo, arrematadas por bandeiras de vidros coloridos, dão-lhe um aspecto extremamente sofisticado. A ornamentação é complementada por arquitraves, cimalkas, pilastras jônicas, gradis com datas e iniciais do proprietário, molduras, entre outros elementos. Os corpos laterais, apesar de mais simples, ostentam janelas com guilhotinas envidraçadas e folhas almofadadas, encimadas por aplicações de azulejos e pestanas com consolos imitando folhas de acanto. Trata-se de um verdadeiro palacete construído em meio ao sertão paulista. Suas peças importadas, incluindo os azulejos, vidros e madeira, foram transportados em lombo de burro e carros de bois até o local, demonstrando a imensa riqueza de seu proprietário à época, Silvério Rodrigues Jordão.

À frente do casarão, seguindo o desnível do terreno, porém escalonado em vários níveis, com diversas escadarias, foi construído um grande jardim, de desenho simétrico, com canteiros e tanques d'água com repuxos.

As fachadas laterais e posterior são menos elaboradas, exceto nas faces voltadas para o pátio, em que as aberturas também apresentam desenho diferenciado, com vergas em arco pleno. Esse pátio traseiro é circundado, nas laterais, por uma mureta encimada de gradil metálico; ao centro, possui um grande canteiro oval, guarnecido de uma bela ânfora; aos fundos, tem-se acesso a uma enorme gruta artificial, de onde escorre água corrente para um tanque em semicírculo. É possível percorrer o interior dessa gruta através de uma passarela. Logo adiante, num patamar seguro por arrimos de pedra, está o belo bosque com árvores exóticas, guarnecido de várias edificações de gosto eclético, algumas com aberturas ogivais, outras com abertura em arco pleno e duas caixas d'água com desenhos diferenciados. Trata-se de um complexo de hidroterapia, com duas casas de banho, uma para homens e outra para mulheres, que contêm em seu interior, piscinas e banheiras de mármore de Carrara, dotadas de caldeiras, proporcionando, assim, banhos quentes, mornos ou frios. Uma outra edificação parece ter servido de lavanderia e depósito. O declive acentuado do terreno obrigou a dispô-las em vários níveis, acessados por caminhos e escadarias diversas. Esse belo e inusitado conjunto de edificações está sendo recuperado, aos poucos, pelos atuais proprietários.



Figura 419 - Pátio posterior, visto da gruta. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 420 - Janela e fachada dos corpos laterais. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.





Figura 421 (acima, topo) - Aspecto geral de um dos corpos laterais. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 422 (acima) - Fachada lateral. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 423 (à direita, topo) - Aspecto do interior do vestíbulo. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 424 (à direita) - Lanterna de iluminação do vestíbulo. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.





Figura 425 (acima, topo) - Sala de visitas. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 426 (acima) - Outro aspecto da sala de visitas. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 427 (à direita, topo)- Capela. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 428 (à direita)- Saleta lateral à sala de visitas. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.



Figura 429 (à esquerda, topo) - Aspecto da sala de jantar. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 430 (à esquerda, centro) - Aspecto da cozinha; notar o piso de mármore. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 431 (à esquerda) - Plafon do lustre da sala de jantar. Casarão da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 432 (acima, topo) - Complexo de hidroterapia: casa de banhos para homens. Pomar da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 433 (acima) - Complexo de hidroterapia: lateral da casa de banhos para homens, com tanques para lavar roupa. Pomar da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.





Figura 434 - Complexo de hidroterapia: casa de banhos para mulheres. Pomar da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 435 - Complexo de hidroterapia: interior da casa de banhos para homens: banheira de mármore de Carrara, com água quente e fria. Pomar da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 436 - Complexo de hidroterapia: interior da casa de banhos para homens; notar o piso de mármore; as bandeiras com vidros coloridos importados; e o tanque revestido de mármore de Carrara, aberto no chão. Pomar da fazenda Morro Azul, Iracemápolis. Foto: V. Benincasa.

Retornando ao casarão, internamente o seu acabamento reflete o mesmo gosto apurado do exterior, a começar pelo vestíbulo, com piso de mármore de Carrara e paredes guarnecidas de lambris de madeira, até a altura do soco do batente da porta principal, iluminado por uma bela lanterna metálica, de desenho extremamente rebuscado.

Adentra-se, então, à sala de visitas, com assoalho de tábuas regulares, paredes forradas com papel importado, o forro encabeirado, todo trabalhado com frisos e apliques de madeira, e guarnecido de alisares. As aberturas voltadas para esse cômodo são de muito bom acabamento e desenhos elegantes, além de as portas receberem robustas pestanas na sua parte superior. Num dos cômodos laterais, à direita de quem entra, está a capela, ricamente decorada em tons de azul, com forro branco e apliques de madeira pintados em dourado. Na lateral oposta, à esquerda, encontra-se uma saleta, de caráter mais íntimo, com paredes forradas por papel em tons de vermelho. A seguir, em ambas as laterais, aparecem dois dormitórios.

Da sala de visitas, passa-se à sala de jantar, que se volta, aos fundos, para o pátio. Trata-se de um grande salão com paredes forradas por papéis em tons de marrom, com portas que seguem o mesmo padrão da sala de visitas. O forro, igualmente, é muito bem decorado, tendo ao centro um grande medalhão em relevo e, nas laterais, alisares com detalhes também em relevo. As paredes dessa sala são forradas por lambris de madeira envernizada até meia altura, resultando num ambiente bastante sóbrio, de rara beleza.

Todos esses ambientes estão extremamente bem decorados, com mobiliário ainda original, do século XIX, com destaque para o jogo de cadeiras, cujo encosto possui cenas da Corte Imperial, entalhadas.

Outro cômodo que nos chamou a atenção foi a cozinha, por seus grandes armários de madeira, seu grande fogão, mas, principalmente, pelo piso revestido por peças quadradas de mármore branco e negro, assentadas no sentido diagonal. As marcas do tempo e do intenso uso

pelos criados, refletem-se no seu desgaste. É, sem dúvida, uma das mais belas edificações rurais de São Paulo.

Outro exemplar surgido da mesma gleba de terras, hoje situado no município de Santa Gertrudes, é a fazenda Santa Gertrudes. Não foi possível, para esse trabalho, fazer o levantamento métrico do casarão, mas suas dimensões são bastante semelhantes às do exemplar anterior.

O casarão foi construído pelo Marquês de Três Rios, provavelmente na década de 1870. Na virada do século XIX para o XX, o Conde Eduardo Prates, então seu proprietário, promoveu uma grande reforma, dando-lhe o aspecto atual. Nessa obra, foram-lhe acrescentados 10 banheiros, com água encanada. Boa parte do material construtivo veio da Europa, como lustres, azulejos, louças sanitárias, piso, encanamento de água quente e fria, tubulação de esgoto; outra parte foi feita na própria fazenda, com mão-de-obra imigrante, como as portas, janelas, estrutura de telhado, assoalhos, na antiga serraria que era equipada com máquinas alemãs.⁴⁵

Uma das curiosidades desse casarão é o uso do sótão, dividido em dormitórios, além de cômodos destinados à rouparia, onde ficava a criadagem da família e de convidados, quando hospedados na fazenda. Outra curiosidade é a existência de vários terraços, que funcionam como mirantes, formando uma espécie de piso superior. Trata-se de uma solução bastante incomum em casas similares. O desenho das fachadas, marcado pelo grande pano da empena triangular, privilegia a simetria e, não por acaso, esse casarão está locado no eixo central dos terreiros. A fachada oposta é igualmente simétrica e recebeu o mesmo tratamento cuidadoso, com ornamentos e paisagismo adequados. Ao contrário daqueles casarões tradicionais, esses, construídos sob a influência do ecletismo, dão a mesma importância formal a todas as fachadas.

⁴⁵ Fonte: www.fazendasantagertrudes.com.br. Acesso em 24/09/2007.

Figura 437 - Fachada do casarão da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.





Figura 438 (acima, topo) - Corpo lateral do casarão da fazenda Santa Gertrudes, vendo-se um dos terraços sobre a sua extremidade. Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 439 (acima) - Detalhe do telhado do corpo central. Casarão da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 440 (à direita, topo) - Detalhe do piso do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 441 (à direita) - Porta principal, alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.



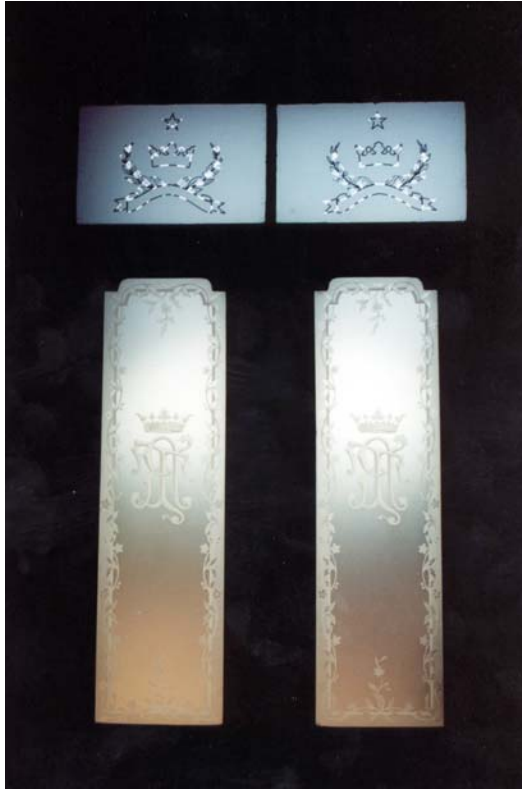


Figura 442 (à esquerda, topo) - Detalhe do postigo da porta principal, com vidros com o monograma do Marquês de Três Rios. Casarão da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 443 (à esquerda) - Detalhe da sala de visita. Casarão da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

Figura 444 (acima) - Sótão. Casarão da fazenda Santa Gertrudes, Santa Gertrudes. Foto: V. Benincasa.

O formato das plantas desses casarões de final do século XIX e início do século XX é extremamente variado, ocorrendo, mesmo, aqueles que mantiveram as tradicionais plantas em "L": o que os difere dos mais antigos é o tratamento e o nível do acabamento de suas fachadas, muito mais elaboradas, assim como o formato de telhados, nos quais ocorre uma movimentação expressiva, com várias águas, além do uso de alpendres de diferentes formatos,

em várias faces. Esses pequenos detalhes encobrem, por vezes, a percepção imediata da planta tradicional, resultado de projetos bastante criativos. Assim ocorreu nos casarões das fazendas Itaguassu e Santa Maria, de São Carlos; na São Roberto, de Ibaté; na Boa Vista e na São Manuel, de Ribeirão Preto; e na Brejão e na Prudente do Morro, de Casa Branca, apenas para citar alguns poucos exemplos.



Figura 445 - Casarão da fazenda Itaguassu, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 446 - Vista lateral. Casarão da fazenda Itaguassu, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 447 - Fundos. Casarão da fazenda Itaguassu, São Carlos. Foto: V. Benincasa.



Figura 449 - Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 450 - Sala de visitas. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.



Figura 451 - Planta do casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Lev. V. Benincasa, M. Bossolan e J. D. de Oliveira. Desenho: V. Benincasa.

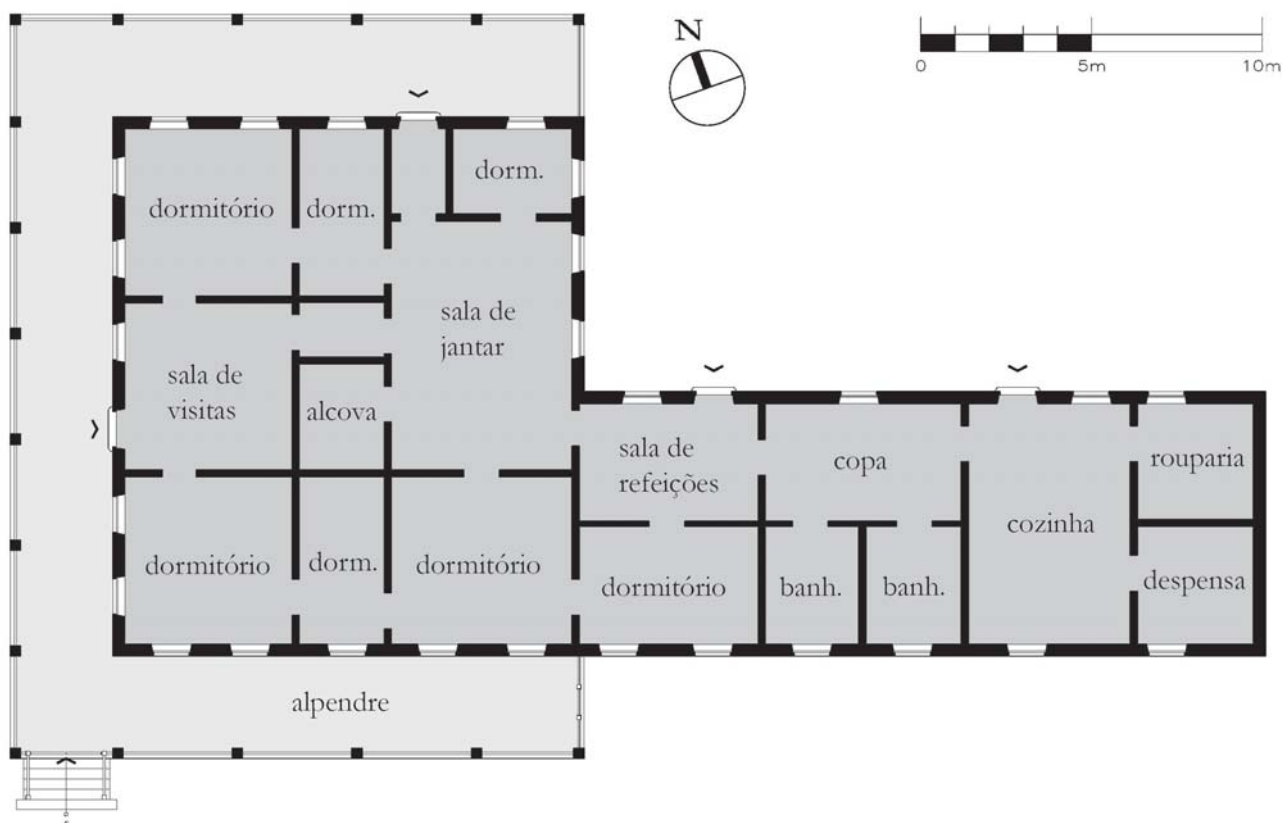




Figura 451 (acima, topo) - Sala de jantar. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 452 (acima, centro) - Decoração pictórica da sala de jantar. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 453 (acima) - Um dormitório do casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 454 (à direita, topo) - Aspecto de outro dormitório, vendo-se o lavatório. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 455 (à direita) - Um outro aspecto do dormitório da foto anterior. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.



Figura 456 (acima, topo) - Decoração pictórica de um dos dormitórios. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 457 (acima, centro) - Decoração pictórica de um dos dormitórios. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 458 (acima) - Decoração pictórica da sala de refeições. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 459 (à direita, topo) - Sala de refeições. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.

Figura 460 (à direita) - Cozinha; notar o fogão "econômico" industrializado. Casarão da fazenda São Roberto, Ibaté. Foto: V. Benincasa.



Figura 461 - Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 462 - Planta do casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto, exemplar da década de 1890. Desenho: V. Benincasa, baseado em levantamento de Antônio Carotini Neto. Fonte: Carotini Neto, A. *Centro de Cultura e Lazer Fazenda Boa Vista*. Ribeirão Preto: Unip (trabalho de graduação interdisciplinar), 2002, p. 31.





Figura 463 (acima, topo) - Fachada do casarão, a partir do jardim fronteiro. Fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 464 (acima) - Lateral voltada para o pátio de serviços. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 465 (à direita, topo) - Alpendre interno voltado para o pátio íntimo e murado. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 466 (à direita, centro) - Vista do alpendre interno, a partir do pátio íntimo. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 467 (à direita) - Uma das duas alas do alpendre interno. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

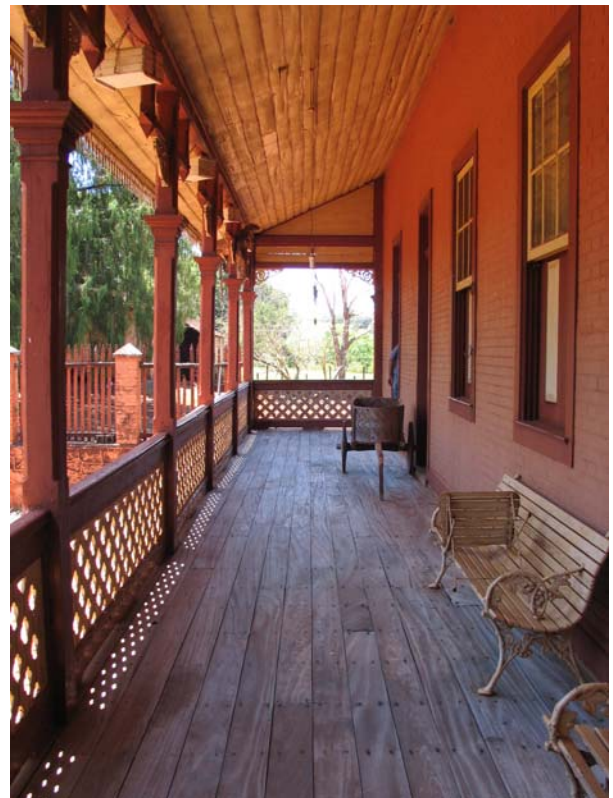




Figura 468 (à esquerda) - Alpendre interno: pilastras, guarda-corpo e lambréquins de madeira. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 469 (à esquerda, embaixo) - Lateral voltada para o pátio de serviços, vendo-se a divisória do pátio íntimo. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 470 (abaixo) - Outra fachada lateral voltada para o pátio de serviços. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 471 (embaixo) - Vista geral do pátio de serviços, aos fundos do casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.



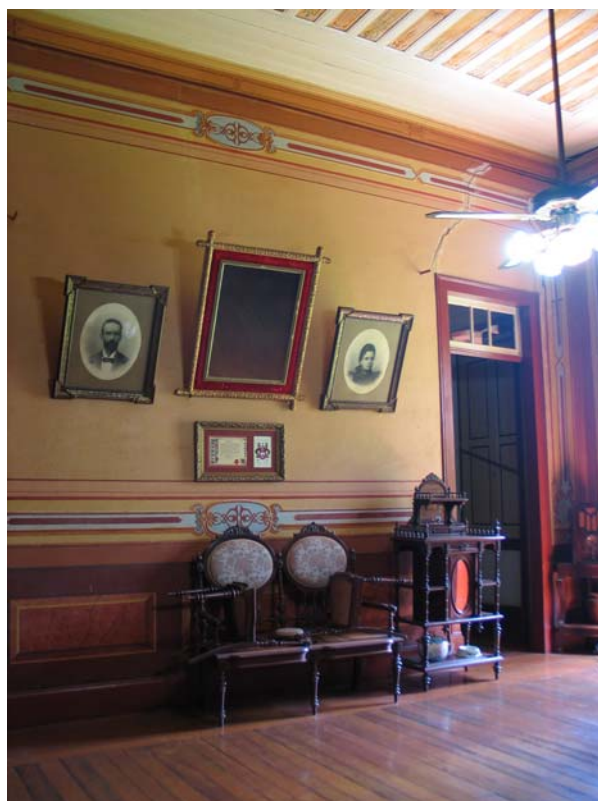


Figura 472 (à esquerda, topo) - Outro aspecto da lateral alpendrada voltada para o pátio de serviços. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 473 (à esquerda, centro) - Sala de visitas. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 474 (à esquerda) - Detalhe da decoração pictórica da sala de visitas. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 475 (acima) - Aspecto da sala de estar. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.



Figura 476 (acima, topo) - Aspecto da sala de jantar. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 477 (acima) - Outro aspecto da sala de jantar. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 478 (acima, topo) - Detalhe da decoração pictórica da sala de jantar. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 479 (acima) - Dormitório do casal, vista parcial. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

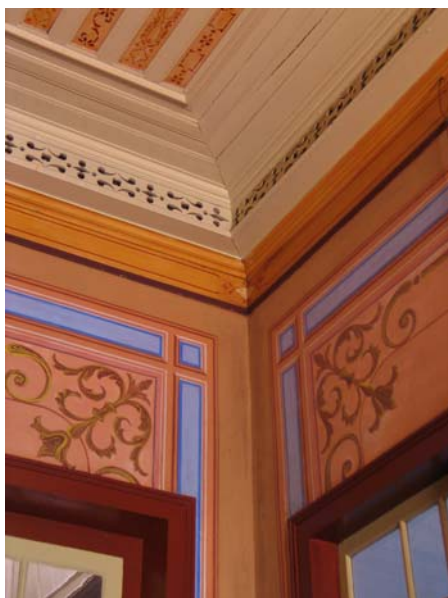


Figura 480 (acima, topo) - Detalhe da decoração pictórica do dormitório de casal. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 481 (acima, centro) - Lavatório de um dos dormitórios. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 482 (acima) - Tanque da cozinha. Observar o revestimento com azulejos franceses. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 483 (acima, topo) - Aspecto geral da cozinha, com fogão "econômico" industrializado, instalado ao centro do ambiente. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 484 (acima) - Azulejos franceses usados no revestimento das paredes da cozinha. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.



Figura 485 (à esquerda, topo) - Lavatório inglês da marca Twiford Hamley, existente no alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 486 (à esquerda, centro) - Aspecto da cozinha "suja": armários do século XIX e geladeira da primeira metade do século XX. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 487 (à esquerda) - Aspecto da cozinha "suja": fornalha, fogão à lenha e caixa para guarda de mantimentos. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.



Figura 488 (acima) - Aspecto da cozinha "suja": inexistência de forro para facilitar a dispersão do calor. Casarão da fazenda Boa Vista, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.



Figura 489 (acima, topo) - Fachada do casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto: exemplar das primeiras décadas do século XX. Foto: V. Benincasa.

Figura 490 (acima) - Alpendre circular existente aos fundos do casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 491 (à direita, topo) - Aspecto da sala de jantar: observar a rebuscada pintura decorativa das paredes. Casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 492 (à direita, centro) - Detalhe do lustre da sala de jantar. Casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 493 (à direita) - Detalhe da decoração pictórica da sala de jantar. Casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

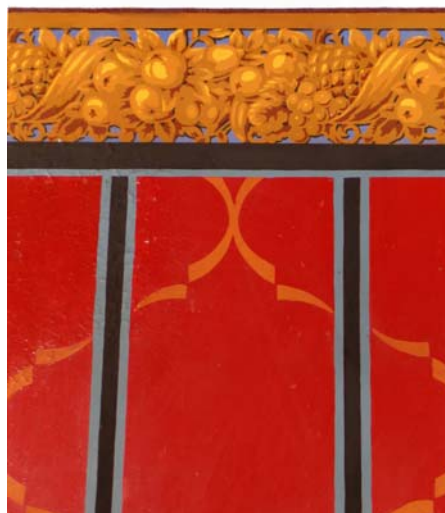




Figura 494 - Aspecto de um dos dormitórios: observar a decoração pictórica. Casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.



Figura 495 - Detalhe da decoração pictórica com motivos chineses do dormitório da foto anterior. Casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 496 - Outro detalhe da decoração pictórica do mesmo dormitório. Casarão da fazenda São Manuel, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.



Figura 497 - Vista da lateral do casarão, ao fundo, e do corpo anexo, à direita. Fazenda Brejão, Casa Branca. Foto do início do século XX, acervo fazenda Brejão.



Figura 498 - Planta do casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Lev.: V. Benincasa e A. Legnaro F°. Desenho: M. Rosada.

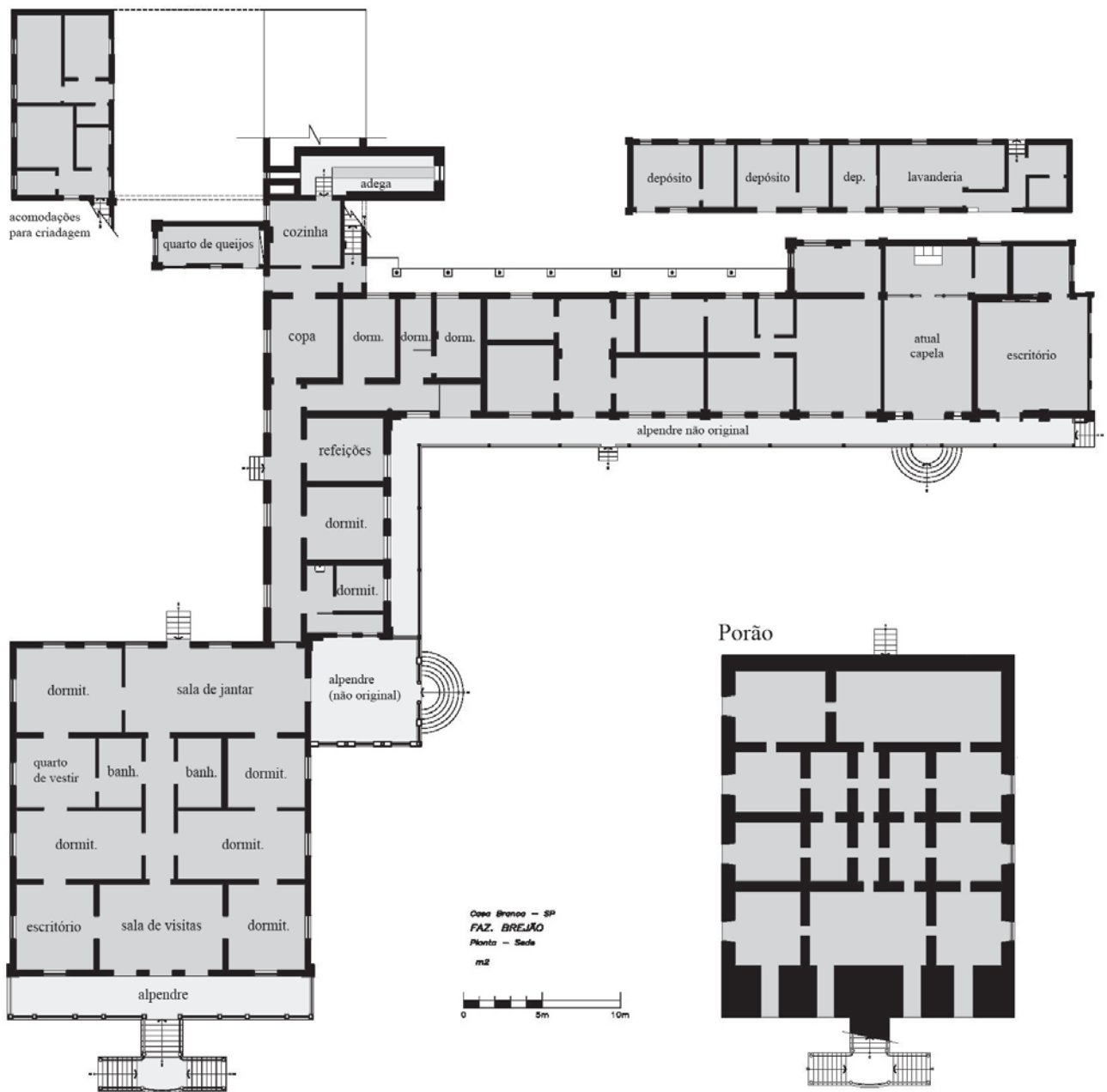




Figura 499 (acima, topo) - Cartão postal do início do século XX, acervo Fazenda Brejão, Casa Branca.

Figura 500 (acima, centro) - Vista atual da mesma lateral retratada no postal, com acréscimo do alpendre. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 501 (acima) - Fachada principal. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 502 (acima, topo) - Vista do anexo de serviços. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 503 (acima, centro) - Aspecto do porão, vendo-se o embasamento de pedra e as aberturas circulares para ventilação. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 504 (acima) - Aspecto do porão, vendo-se a estrutura do assoalho da sala de visitas. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

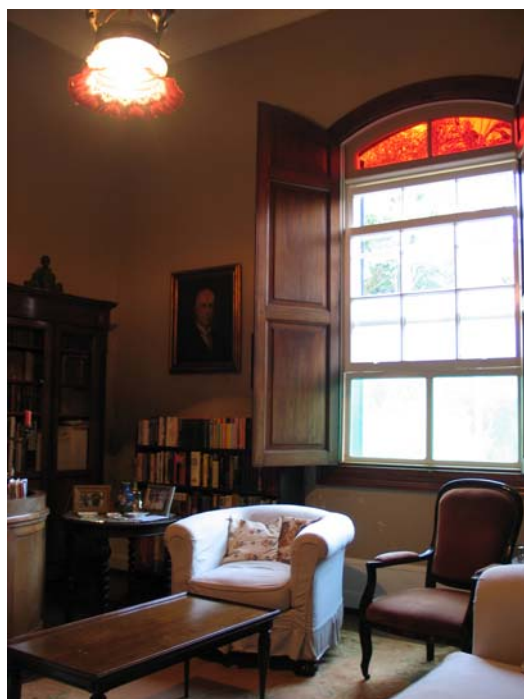


Figura 505 (acima, topo) - Sala de visitas, com as portas-balcão abrindo-se para o alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 507 (acima) - Aspecto da sala de visitas: porta de acesso ao corredor central. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 506 (à direita, topo) - Lustre da sala de visitas, que ainda conserva-se intacto, com suas velas. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 508 (à direita, centro) - Aspecto do escritório. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 509 (à direita) - Lustre do escritório. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.





Figura 510 (acima, topo) - Outro aspecto do escritório. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 511 (acima) - Dormitório situado ao lado da sala de visitas. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 512 (acima, topo) - Lavatório do quarto de vestir. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 513 (acima) - Guarda-roupa com lâmpadas, quarto de vestir. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 514 (acima, topo) - Lavatório nacional, com água quente e fria, da marca The Corona, de um dos dormitórios. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 515 (acima) - Detalhe do mesmo lavatório. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 516 (acima, topo) - Outro lavatório, francês, existente em um dos banheiros da casa. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 517 (acima, centro) - Detalhe da marca do mesmo lavatório. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 518 (acima) - Sala de jantar. Casarão da fazenda Brejão, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 519 - Casarão da fazenda Prudente do Morro, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 520 - Fachada lateral do casarão, voltada para os jardins. Fazenda Prudente do Morro, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 521 - Aspecto da outra fachada lateral do casarão, voltada para o pomar. Fazenda Prudente do Morro, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Em outros casos, aparecem as plantas em “U”, como na Chile, de São Carlos, na Santa Veridiana, de Casa Branca, na fazenda das Palmeiras, de Descalvado, no novo casarão da Ibicaba, em Cordeirópolis, ou na Santo Antônio dos Ipês, de Jaú.



Figura 522 - Fachada do casarão da fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 523 - Planta do casarão da fazenda Chile, São Carlos. Lev.: V. Benincasa, M. A. P. C. S. Bortolucci e M. Rosada. Desenho: M. Rosada.

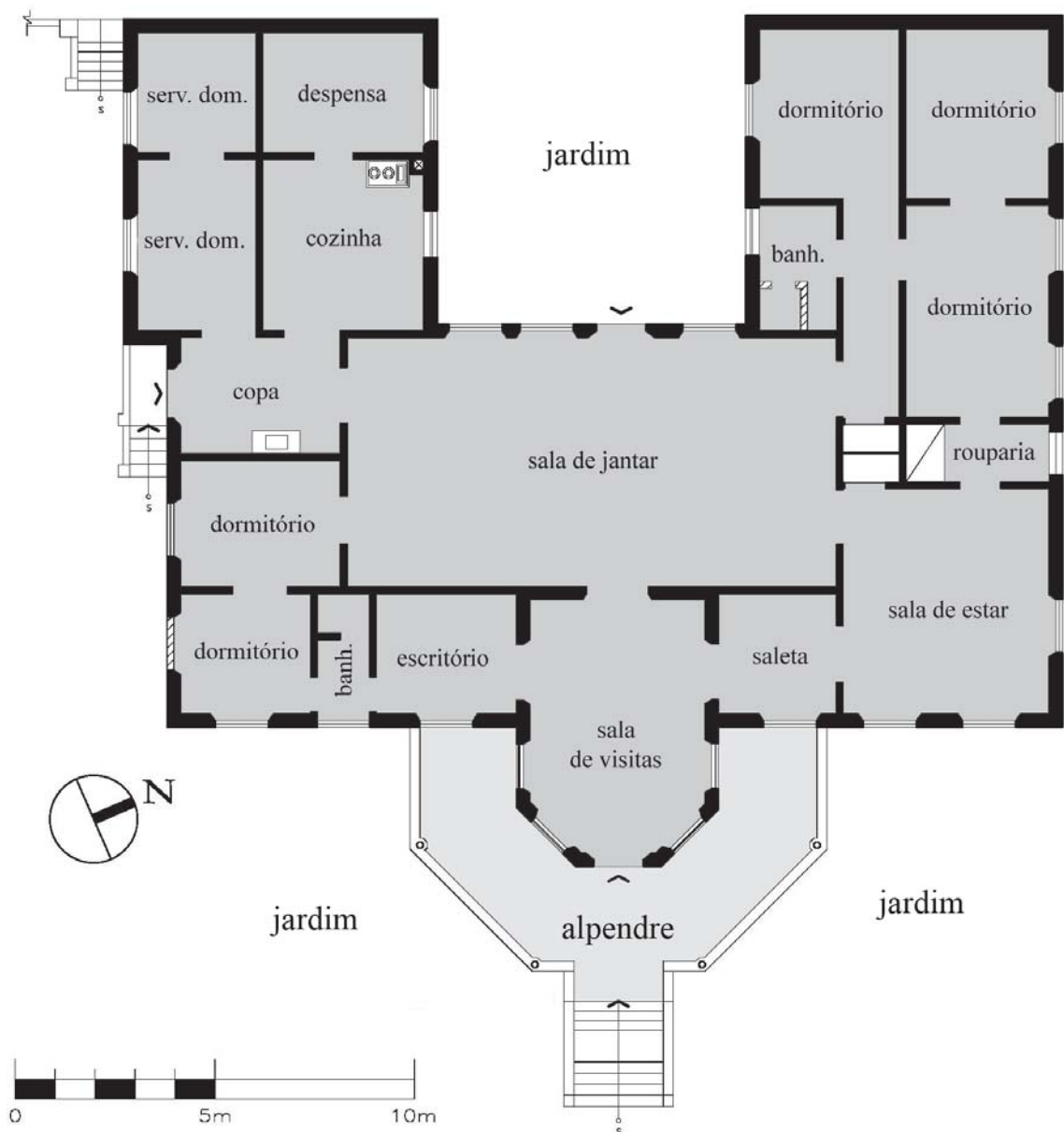




Figura 524 (à esquerda, topo) - Detalhe do lambrequim do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 525 (à esquerda, centro) - Fachada lateral. Casarão da fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 526 (centro) - Pátio traseiro. Casarão da fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 527 (acima) - Aspecto interno: sala de visitas. Casarão da fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.



Figura 528 (à esquerda, topo) - Sala de jantar. Casarão da fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 529 (à esquerda)- Cozinha: fogão à lenha industrializado, do tipo "econômico". Casarão da fazenda Chile, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 530 (acima) - Portal de entrada do jardim do casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 531 (embaixo) - Planta do casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Lev.: V. Benincasa e A. Legnaro Fº. Desenho: V. Benincasa.

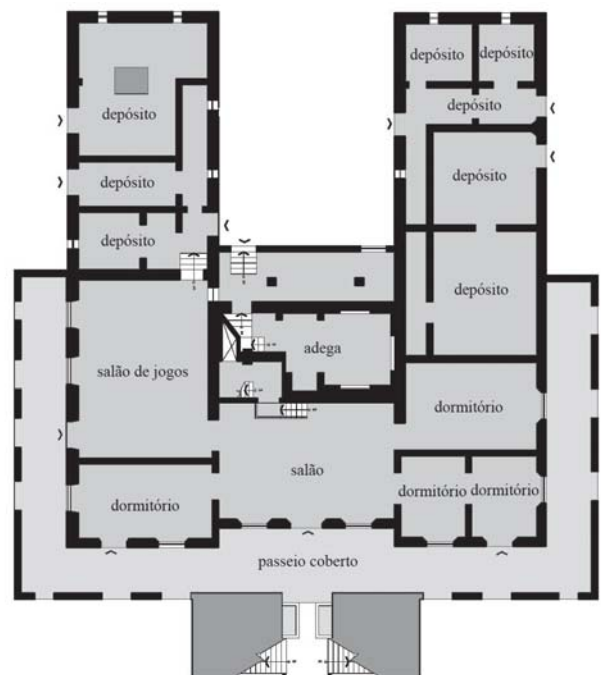
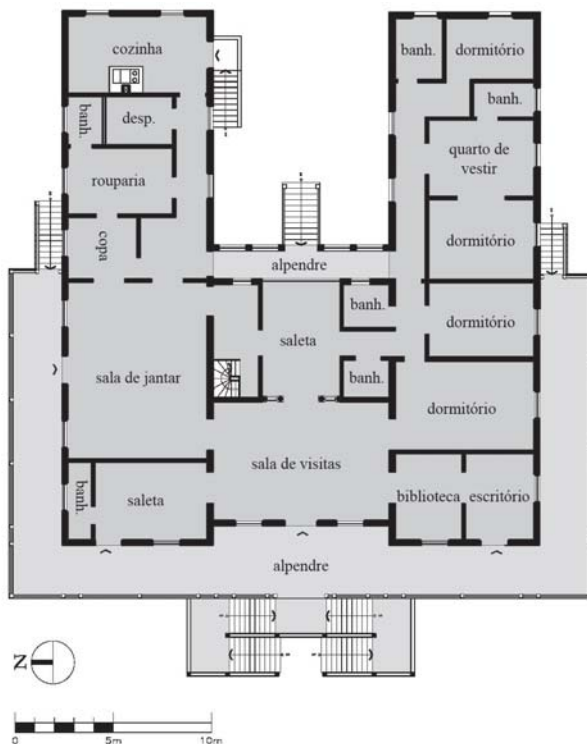




Figura 532 (acima, topo) - Detalhe de compoteira: portal de entrada do jardim do casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 533 (acima) - Fachada do casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 534 (à direita, topo) - Passagem em arco para o corredor existente sob o alpendre. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 535 (à direita, centro) - Vista do corredor, sob o alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 536 (acima, topo) - Escadaria de acesso ao alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 537 (acima) - Fachada lateral, voltada para os terreiros. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 538 (acima, topo) - Aspecto do alpendre fronteiro, casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 539 (acima) - Detalhe das pilastras de madeira do alpendre, casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

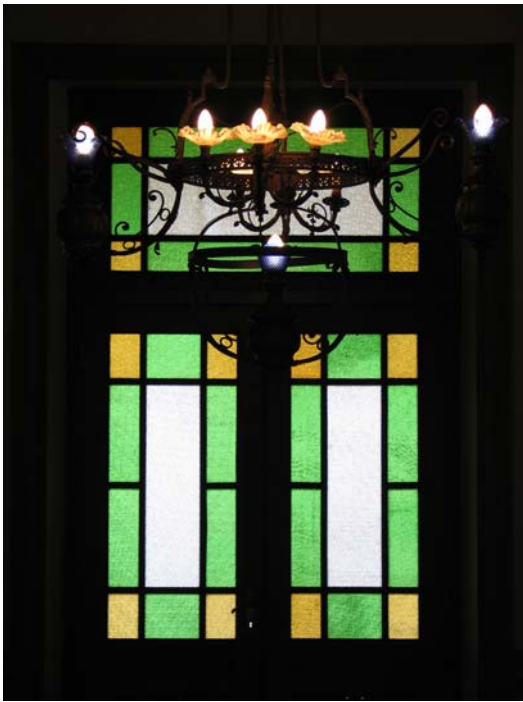


Figura 540 (acima, topo) - Detalhe do postigo de porta principal da sala de visitas. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 541 (acima) - Aspecto da sala de estar, aos fundos da sala de visitas. Essa sala tem acesso a um alpendre, voltado para o pátio traseiro. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 542 (acima, topo) - Detalhe de uma das arandelas do lustre da sala de visitas. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 543 (acima) - Sala de jantar, com mobiliário do Liceu de Artes e Ofícios, de São Paulo. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 544 (acima, topo) - Detalhe do lustre da sala de jantar. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 545 (à direita, topo) - Detalhe de maçaneta, fechadura e trava: porta da sala de jantar voltada para o alpendre lateral. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 546 (à direita, centro) - Detalhe de um dos banheiros, com louça importada. Observar o piso de ladrilho hidráulico, ou mosaico. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 547 (à direita, embaixo) - Detalhe de lustre de um dos dormitórios. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.





Figura 548 (acima, topo) - Porta da cozinha, voltada para o pátio traseiro. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 549 (acima) - Aspecto da cozinha: fogão à lenha. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.



Figura 550 (acima, topo) - Aspecto da porta-balcão da sala de estar, voltada para o alpendre com acesso ao pátio traseiro. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 51 (acima) - Fundos do casarão: alpendre voltado para o pátio traseiro. Casarão da fazenda Santa Veridiana, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.





Figura 552 - Fachada do casarão da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis, exemplar da década de 1910. Foto do início do século XX. Acervo da fazenda Ibicaba.

Figura 553 - Planta do casarão da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Desenho: M. Rosada, baseado em planta fornecida pelo proprietário.

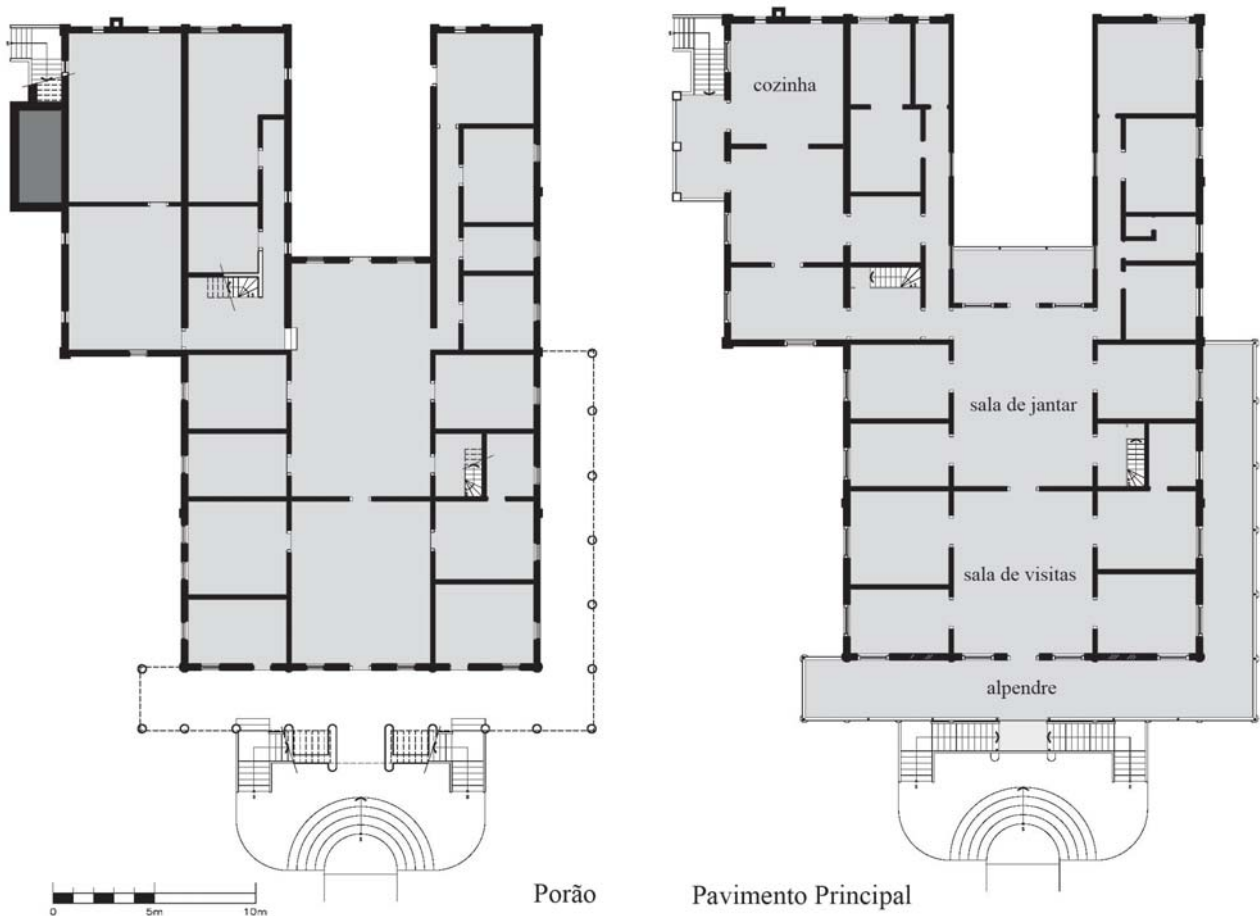




Figura 554 (acima, topo) - Vista lateral do casarão: alpendre já não possui os lambrequins originais. Casarão da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.



Figura 555 (acima, centro) - Vista lateral do casarão: alpendre ainda com os lambrequins originais. Foto do início do século XX. Acervo da fazenda Ibicaba.



Figura 556 (acima) - Aspecto do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Foto do início do século XX. Acervo da fazenda Ibicaba.



Figura 557 (acima, topo) - Aspecto do jardim fronteiro. Casarão da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.



Figura 558 (acima) - Sala de jantar. Casarão da fazenda Ibicaba, Cordeirópolis. Foto: V. Benincasa.

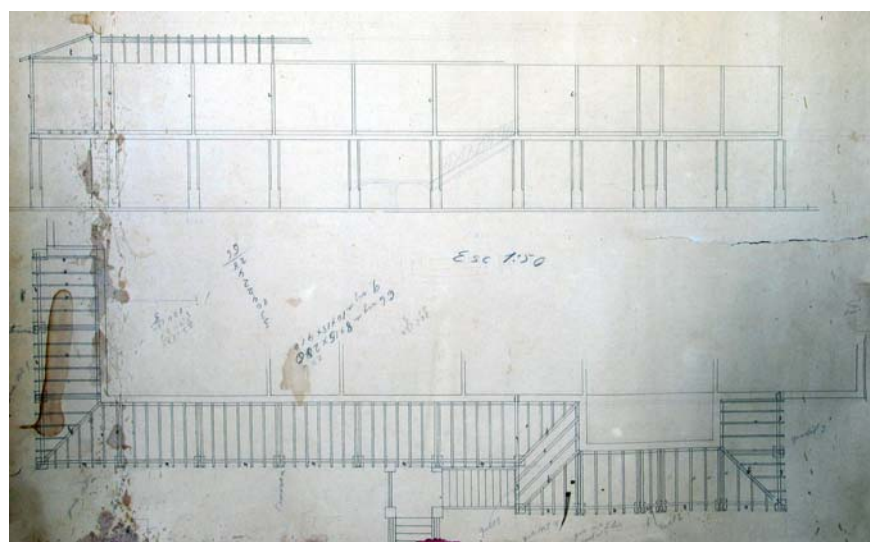
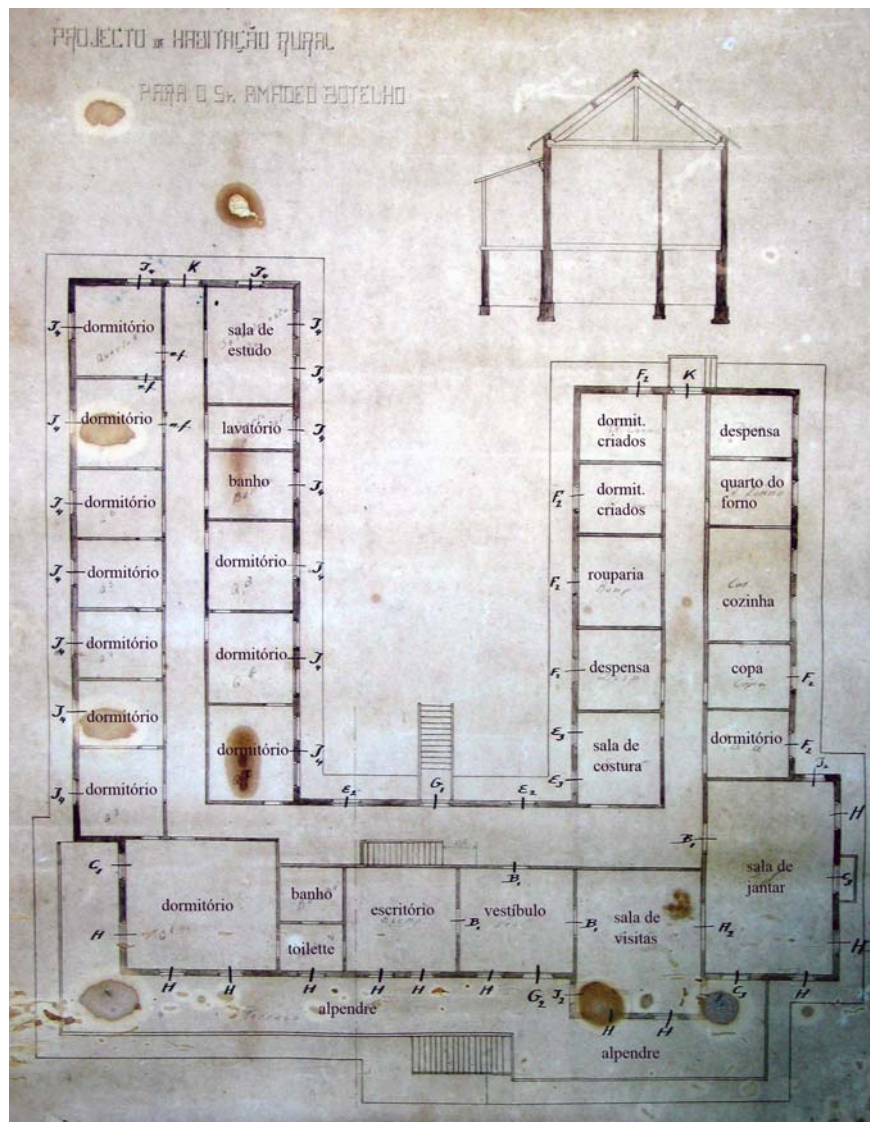


Figura 559 (acima) - Planta original do casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Projeto do arquiteto Asdrúbal Lacerda. Acervo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

Figura 560 - Projeto original da cobertura do alpendre. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Projeto do arquiteto Asdrúbal Lacerda. Acervo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

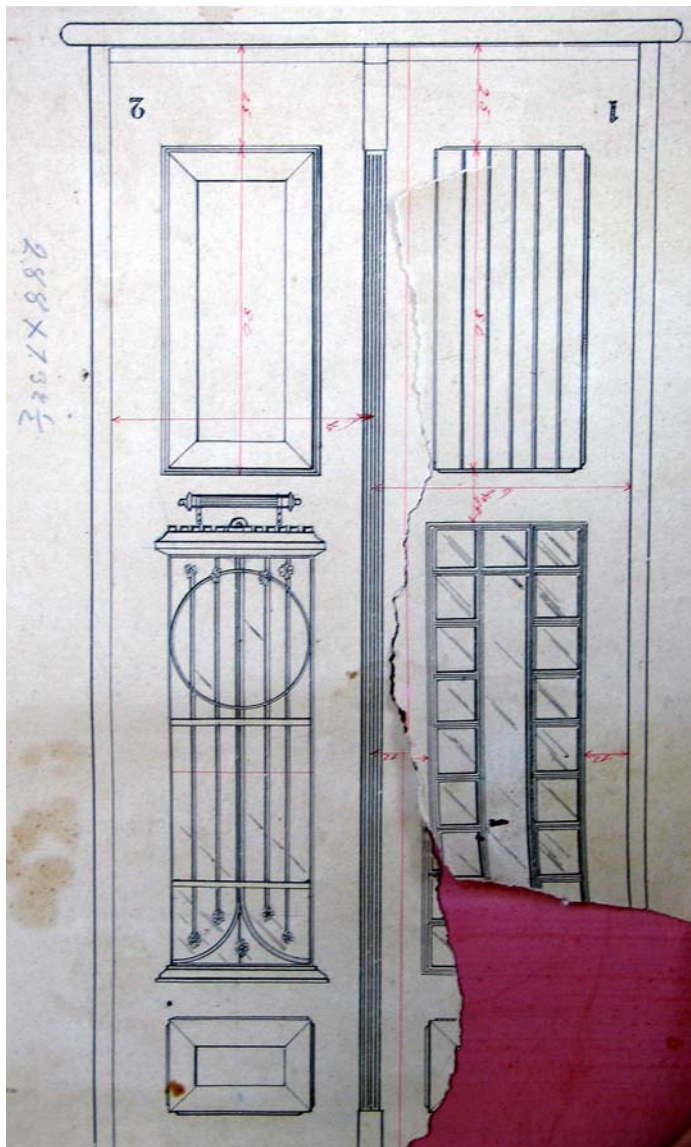


Figura 561 (acima) - Projeto original da porta principal. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Projeto do arquiteto Asdrúbal Lacerda. Acervo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

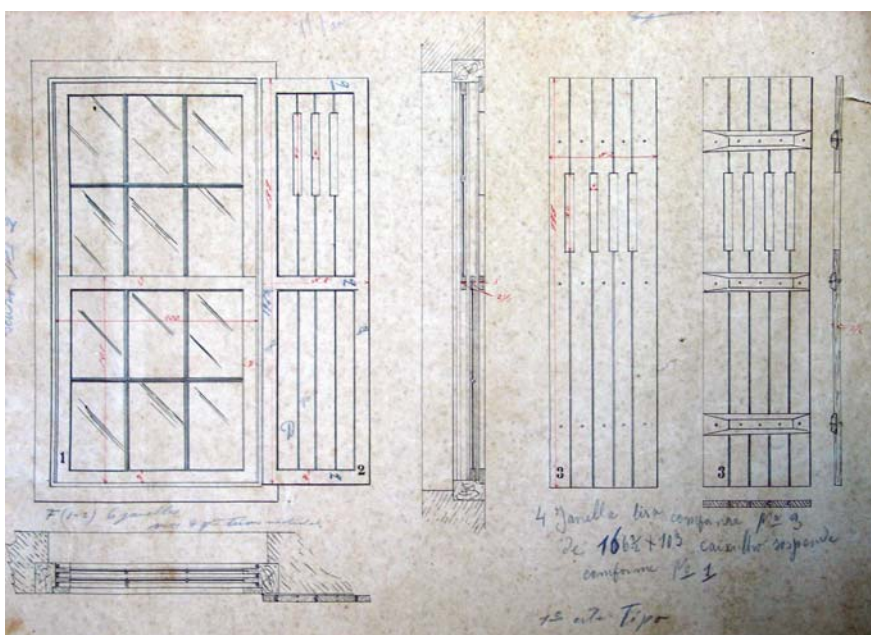


Figura 562 - Projeto original: janelas. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Projeto do arquiteto Asdrúbal Lacerda. Acervo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

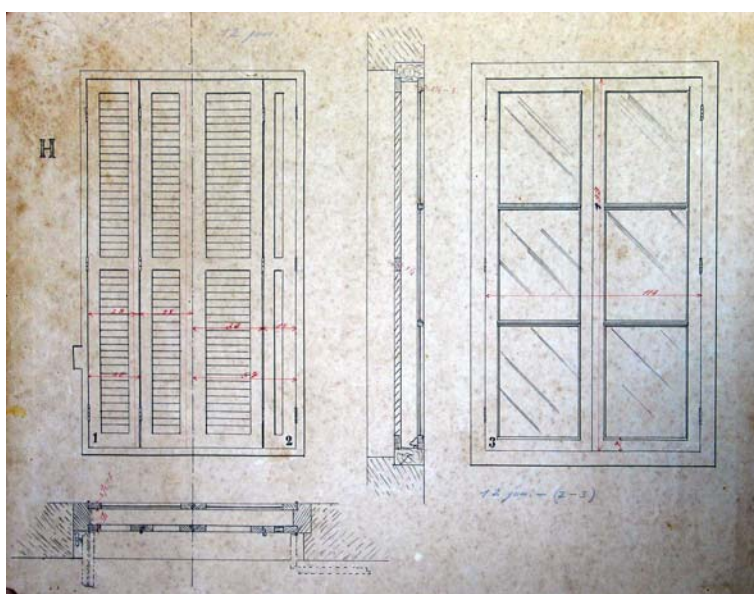
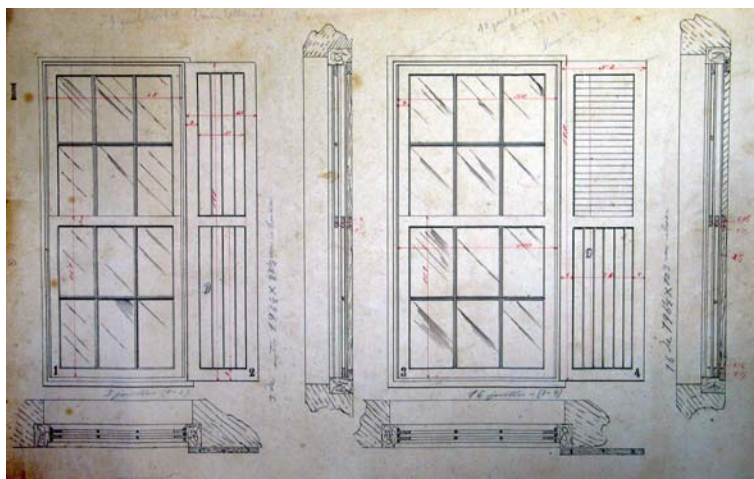


Figura 563 - Projeto original: janelas. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Projeto do arquiteto Asdrúbal Lacerda. Acervo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

Figura 564 - Projeto original: janelas. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Projeto do arquiteto Asdrúbal Lacerda. Acervo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

Figura 565 - Casarão visto dos jardins. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.





Figura 566 (à esquerda, topo) - Casarão visto dos jardins, com tanque d'água em primeiro plano. Fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 567 (à esquerda, centro) - Vista da escadaria de acesso ao alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 568 (à esquerda, embaixo) - Alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 569 (acima) - Vista interna de uma das alas do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Figura 570 (à esquerda, topo) - Vista interna de uma das alas do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 571 (à esquerda, centro) - Detalhe de luminária na quina da fachada. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 572 (à esquerda, embaixo) - Detalhe de piso de um dos cômodos do porão. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 573 (acima, topo) - Sala de visitas. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 575 (acima) - Detalhe da pintura da sala de visitas. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.



Figura 574 - Detalhe do lustre da sala de visitas. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 576 - Sala de jantar. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.





Figura 577 (à esquerda, topo) - Cozinha. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 578 (à esquerda) - Banheiro da ala de dormitórios. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 579 (acima, topo) - Pátio traseiro. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Figura 580 (acima) - Acesso, nos fundos do casarão, para a ala de dormitórios. Casarão da fazenda Santo Antonio dos Ipês, Jaú. Foto: V. Benincasa.

Plantas mais compactas, porém com alguns corpos ligeiramente salientes, formando reentrâncias por vezes ocupadas por alpendres, encontramos em exemplares como a Santa Clara, de Itobi, na Boa Esperança, de Orlândia, e na São Sebastião, de Ribeirão Preto; também podemos observar aquelas em que a liberdade de formas e alocação de cômodos é bem maior, resultando em exemplares de casarões muito próximos, já, dos construídos em ambientes urbanos, como no caso dos casarões das fazendas Bela Vista, em Araraquara, ou do já demolido casarão da fazenda Guatapará, no município de mesmo nome.



Figura 581 (acima, topo) - Aspecto do casarão, ainda com alvenaria de tijolos aparentes, e sem os acréscimos, em foto do início do século XX. Acervo da fazenda Boa Esperança, Orlândia.

Figura 582 (acima) - Aspecto atual do casarão da fazenda Boa Esperança, Orlândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 583 (acima, topo) - Aspecto da lateral do casarão, vendo-se os lambrequins originais, em foto do início do século XX. Acervo da fazenda Boa Esperança, Orlândia.

Figura 584 (acima) - Vista atual do mesmo ângulo da foto anterior. Casarão da fazenda Boa Esperança, Orlândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 585 - Vista da fachada do casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Foto: V. Benincasa.

Figura 586 - Planta do casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Levantamento e desenho: V. Benincasa.





Figura 587 (à esquerda, topo) - Vista da fachada lateral do casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Aqui se pode notar a forte influência da arquitetura classicista. Foto: V. Benincasa.

Figura 588 (à esquerda, centro) - Vista da fachada posterior, vendo-se, ao centro, o volume da capela interna. Casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Foto: V. Benincasa.

Figura 589 (à esquerda, embaixo) - Fachada lateral voltada para o pátio de serviços. Foto: V. Benincasa.

Figura 590 (acima) - Detalhe da rusticação da fachada lateral do casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Foto: V. Benincasa.



Figura 591 - Vista interna do alpendre fronteiro, com piso de mosaico. Casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Foto: V. Benincasa.

Figura 592 - Sala de jantar com oratório embutido na parede, casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Foto: V. Benincasa.

Figura 593 - Aspecto da cozinha do casarão da fazenda Santa Clara, Itobi. Foto: V. Benincasa.





Figura 594 (acima, à esquerda) - Casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Notar o trabalho requintado do lambrequim de madeira, entre pilares metálicos. Foto: V. Benincasa.

Figura 595 (acima, à direita) - Fachada lateral do casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Pode-se observar a bela solução para a empena, com forro abobadado de madeira. Foto: V. Benincasa.

Figura 596 (à direita) - Planta do casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Levantamento: V. Benincasa e D.W. Esteves. Desenho: V. Benincasa.

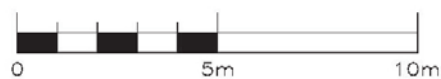
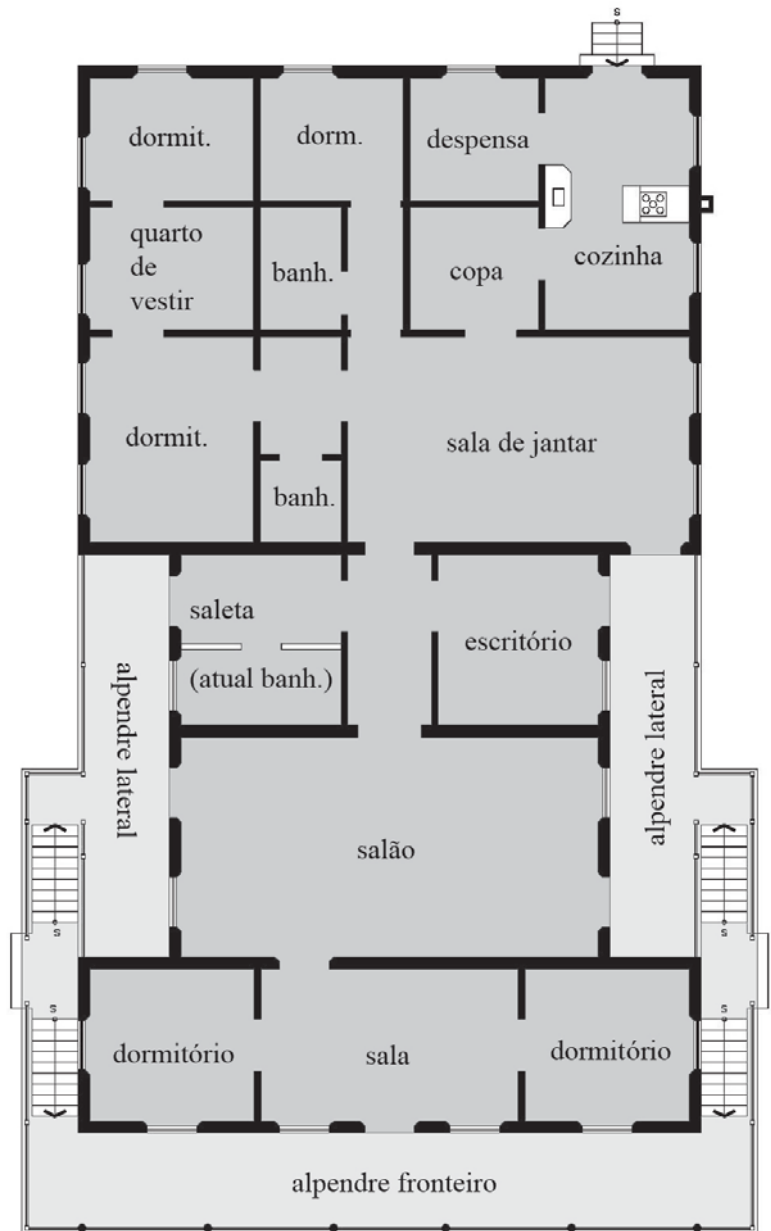




Figura 597 (acima, topo) - Fachada da lateral oposta, de desenho semelhante. Casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 598 (acima) - Aspecto da sala de visitas. Casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 599 (à direita, topo) - Detalhe da decoração pictórica das paredes da sala de visitas. Casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 600 (à direita, centro) - Lustre com prato de opalina. Sala de visitas do casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 601 (à direita) - Forro com pinturas: sala de visitas. Casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

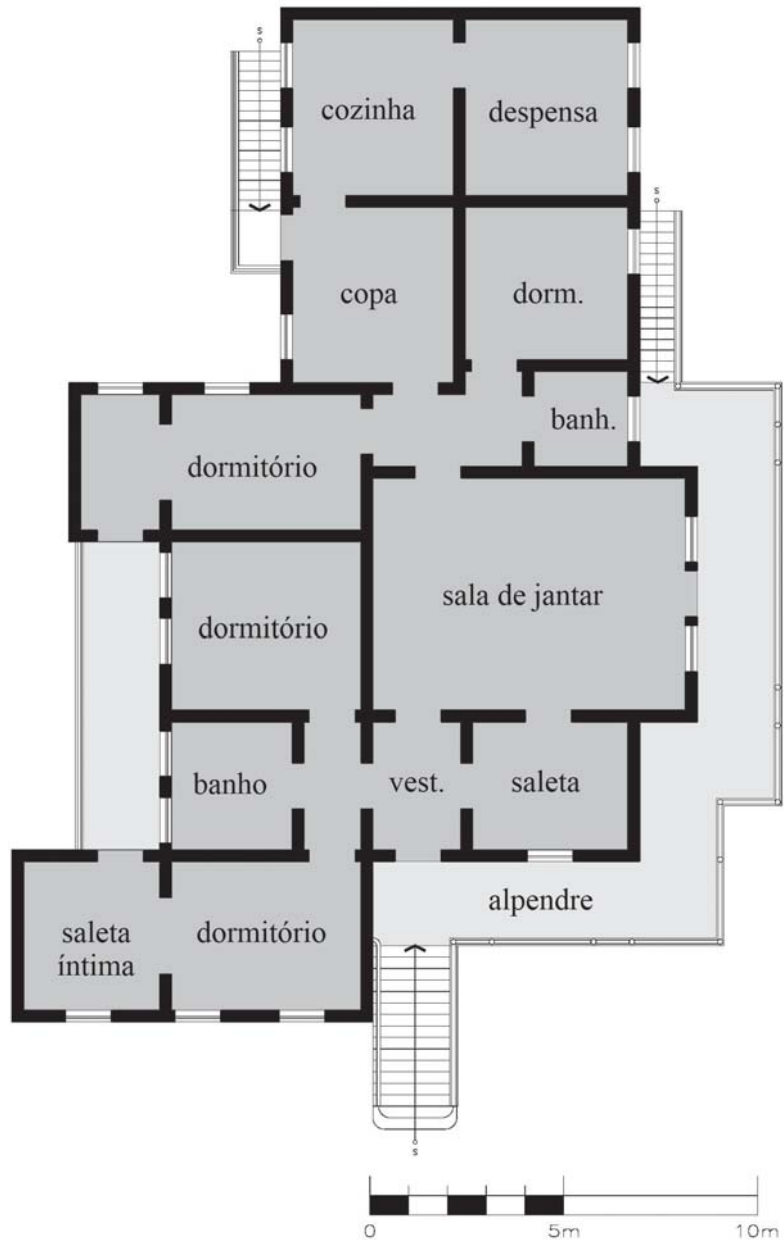




Figura 602 (acima, à esquerda) - Outro aspecto da sala de visitas. Casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 603 (acima, à direita) - Detalhe de decoração de parede do corredor central. Casarão da fazenda São Sebastião, Ribeirão Preto. Foto: V. Benincasa.

Figura 604 (à direita) - Planta do casarão da fazenda Bela Vista, Araraquara. Levantamento L. P. Mascaro. Desenho: V. Benincasa.



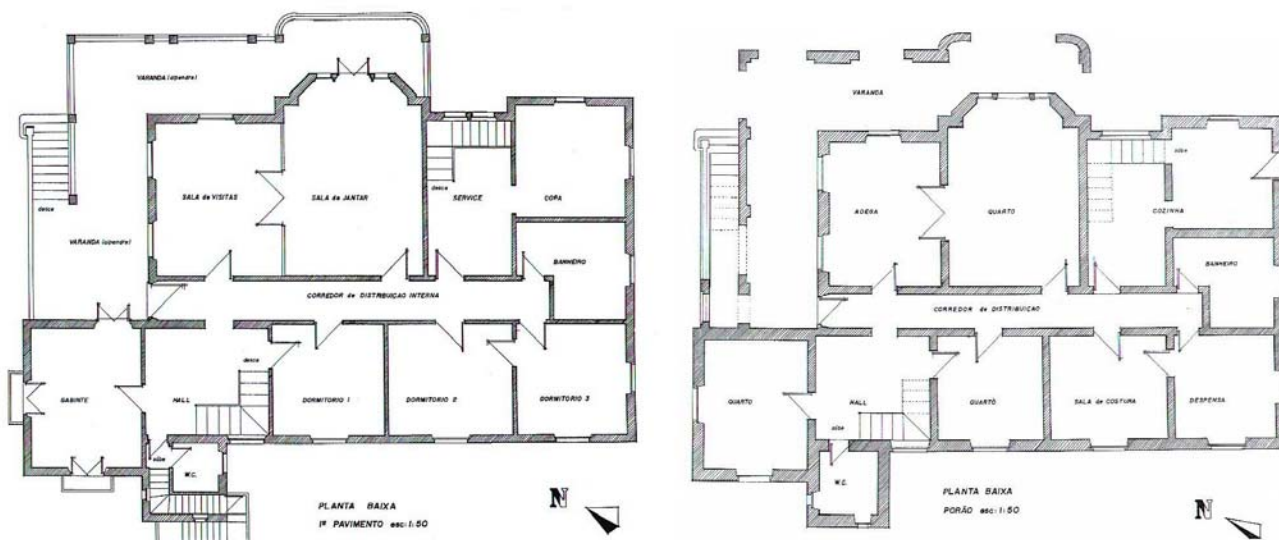


Figura 605 - Planta do casarão da fazenda Guatapar, no município de mesmo nome. Desenho feito pelo arquiteto João Paulo Papandreu Lemos. Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/lugaresesquecidos/faz_guatapara.htm

Figura 606 - Vista do casarão da fazenda Guatapar, a partir dos belíssimos jardins, em foto do início do século XX. Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/lugaresesquecidos/faz_guatapara.htm.

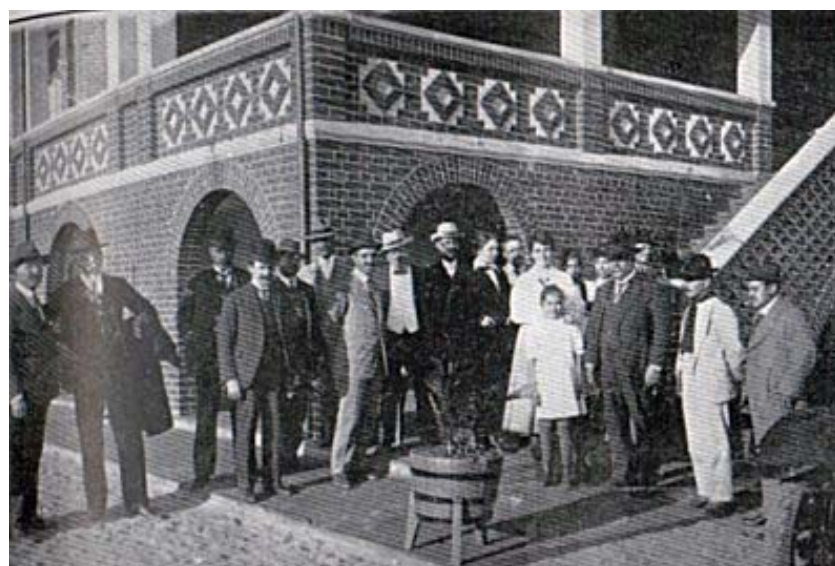


Figura 607 - Foto do início do século XX do casarão da fazenda Guatapar, onde se pode observar parte do alpendre, com o belíssimo trabalho de assentamento de tijolos. Esse casarão foi demolido, assim como boa parte das edificaes que compunham a sede da fazenda. Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/lugaresesquecidos/faz_guatapara.htm.

Fachada Principal

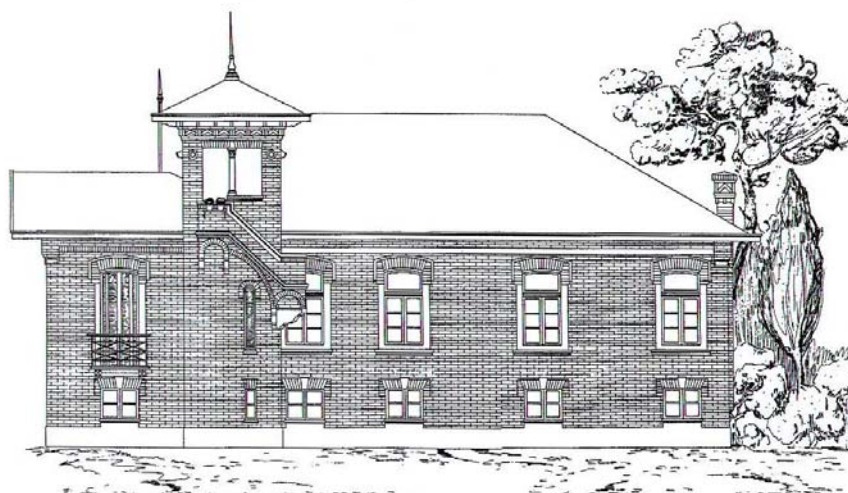
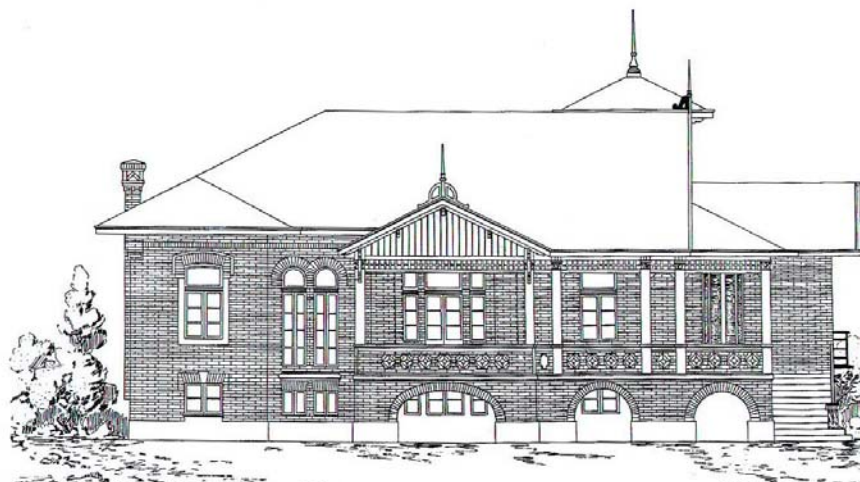
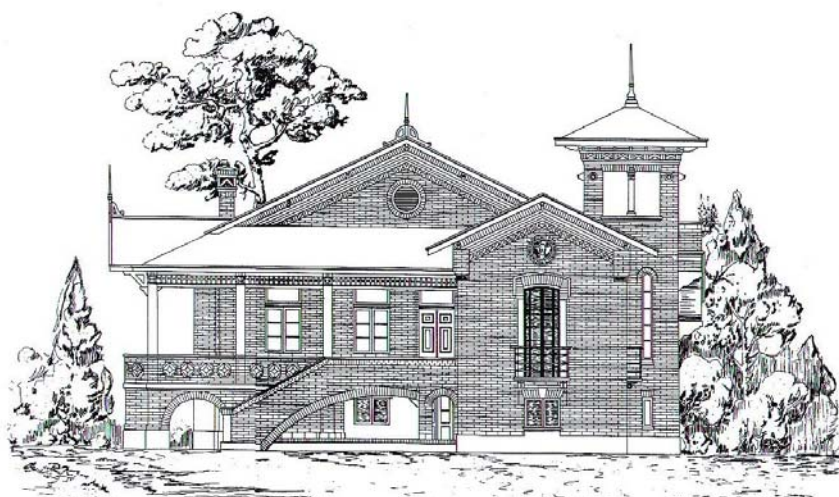


Figura 608 - Fachada do casarão da fazenda Guatapar, em Guatapar. Desenho feito pelo arquiteto João Paulo Papandreu Lemos. Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/lugaresesquecidos/faz_guatapara.htm.

Figura 609 (acima) - Vista lateral do casarão da fazenda Guatapar, em Guatapar. Desenho feito pelo arquiteto João Paulo Papandreu Lemos. Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/lugaresesquecidos/faz_guatapara.htm.

Figura 610 - Vista da lateral oposta do casarão da fazenda Guatapar, em Guatapar. Desenho feito pelo arquiteto João Paulo Papandreu Lemos. Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/lugaresesquecidos/faz_guatapara.htm.

A linguagem formal usada em cada um deles é sempre variada. Há aqueles em que são visíveis as alusões aos grandes chalés de montanha europeus, em que aparecem belos trabalhos de lambrequins em madeira recortada, tanto nos beirais, quanto nas empenas vazadas dos alpendres, e lançam mão da alvenaria de tijolos aparentes, dando-lhes o agradável aspecto daquelas rústicas edificações. Há aqueles em que o tratamento formal é mais próximo da linguagem clássica ou renascentista, com aspecto mais sóbrio. Outros são inspirados numa arquitetura afrancesada, do final do século XIX, que mescla ornamentos clássicos com peças e elementos metálicos, frutos da indústria de materiais construtivos, esbeltos e graciosos, em seus detalhes ornamentais delicados, cheios de recortes, curvas e rendilhados, já trazendo em si alguns elementos das artes decorativas que surgiam por essa época na Europa.

Com algumas exceções - como a fazenda Santa Maria, no bairro do Monjolinho, em São Carlos, que utilizou ainda a técnica tradicional da alvenaria de pedra em suas paredes externas e nas mestras internas - a maioria já é feita com tijolos de barro cozido, embora permaneçam os alicerces de pedra. O tijolo, no entanto, já era utilizado desde a década de 1880, ou ainda antes, como prova o seguinte trecho do inventário de Bento da Silveira Franco, iniciado em 22 de março de 1880, e julgado em 01 de dezembro de 1884:

"... haverá mais para o citado pagamento, na casa de morada, da Fazenda com seis janellas e uma porta de frente, construida de tijolos, com encanamento de agua, lavatórios de marmore, um telephone que comunica com a casa de administração e casas de machina, um grande pomar com repucho, pateo para lavagem de roupa, jardim na frente e ao lado da dita, com casas para banho e para galinhas, avaliado tudo por quarenta contos de réis...

Haverá mais para o citado pagamento, na casa para a machina de beneficiar o café, com locomovel, de força de oito cavallos, moinho e todos os seus pertences, avaliados por onze contos de réis...

Haverá mais para o citado pagamento, uma torre, construida de tijolos, com alicerces de cal e pedra, na qual se acha collocado o relógio da fazenda, avaliada por sete contos de réis...

Haverá mais para o citado pagamento, nos cento e oitenta mil pés de cafés formados e terrenos ocupados pelos mesmos, avaliados a novecentos réis por cada pé, importando tudo em cento e sessenta contos de réis ...

Haverá mais para o citado pagamento, terreiro de café, todo ladrilhado a tijolo e cimentado avaliado por 14:000\$000 réis..."

24 alqueires de pasto para gado

395 alqueires de terras desocupadas

12.000 pés de café de um ano e respectivos terrenos

o Quadrado, contendo dezessete lances de senzalas de construção de taipa – 3:000\$000

serra d'água

*escravos: número superior a quarenta.*⁴⁶

É uma descrição minuciosa que reforça o que encontramos em muitas das fazendas do período, nas zonas Paulista e Mojiânia.

Dentre essas casas de fazendas, poucas são as que utilizam as telhas capa e canal na cobertura: a facilidade de importação, proporcionada pela navegação a vapor nos oceanos e pela extensa rede ferroviária paulista, que chega a praticamente todos os rincões, dissemina aquela telha que seria quase um novo símbolo de status, a telha francesa. Reforçamos que essas facilidades vão possibilitar, e tornar comum, toda a sorte de material construtivo, de mobiliário, de máquinas, de objetos decorativos, de material de acabamento, além de vestuário, alimentos, etc, tudo importado das melhores fábricas da Europa e dos Estados Unidos.

Assim, todos esses exemplares trazem em seu interior o mesmo apuro no acabamento, nas pinturas decorativas, no mobiliário, na decoração e, principalmente, na absorção do que havia de mais moderno em termos de tecnologia desenvolvida para o conforto do lar, como mencionamos anteriormente, mas vale ressaltar: casas dotadas de banheiros com todos as suas respectivas peças; com água encanada, quente e fria, em vários cômodos, e não só na cozinha, lavanderia e banheiros, mas também nas salas de refeição e nos dormitórios; iluminação a gás ou à energia elétrica. São casas construídas dentro dos preceitos de uma arquitetura higiênica e saudável, surgida durante o século XIX, após a Revolução Industrial: dotadas de porão alto ventilado, com grandes janelas, que lhes proporcionavam farta iluminação e ventilação; implantadas seguindo a orientação solar, de modo a não possuírem cômodos de longa permanência, principalmente dormitórios, voltados para o sul... Já não são frutos de um saber empírico, mas de normas técnicas introduzidas por profissionais formados em escolas européias e nas faculdades, como a Escola Politécnica de São Paulo. Definitivamente, já não ocorrem mais compartimentos como as alcovas.

Quase todas as casas estão envolvidas por jardins, às vezes grandes parques, e pomares, recortados por canais de água, fontes e pequenos lagos que garantiam um micro-clima agradável mesmo nos meses mais secos do ano, e situam-se ligeiramente afastadas do núcleo de produção da fazenda.

⁴⁶ Livro de Documentos da Fazenda Barreiro, pertencente à família Mello Franco, proprietários da Fazenda Santa Thereza – folhas 2, 3 e 4. Acervo da Fazenda Santa Thereza, Cordeirópolis.



Figura 611 - Casarão da fazenda Limeira, Sales Oliveira, a partir do jardim. Foto: V. Benincasa.

Figura 612 - Planta do casarão da fazenda Limeira, Sales Oliveira. Lev.: V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.



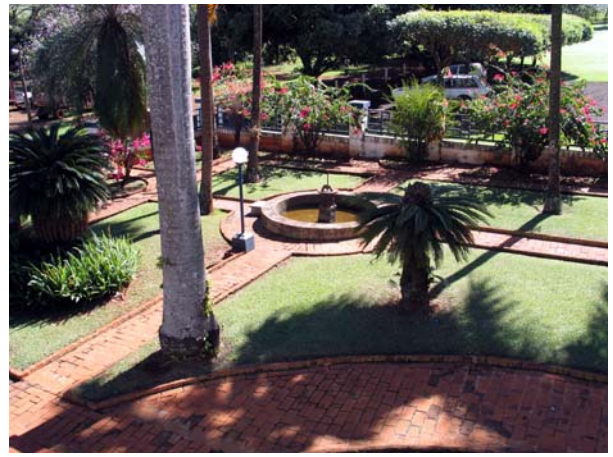


Figura 613 (acima) - Casarão da fazenda Lajeado, Sales Oliveira, a partir do jardim. Foto: V. Benincasa.

Figura 614 (acima, à direita) - Jardim do casarão da fazenda Lajeado, Sales Oliveira. Foto: V. Benincasa.

Figura 615 (à direita) - Planta do casarão da fazenda Lajeado, Sales Oliveira. Lev.: V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.

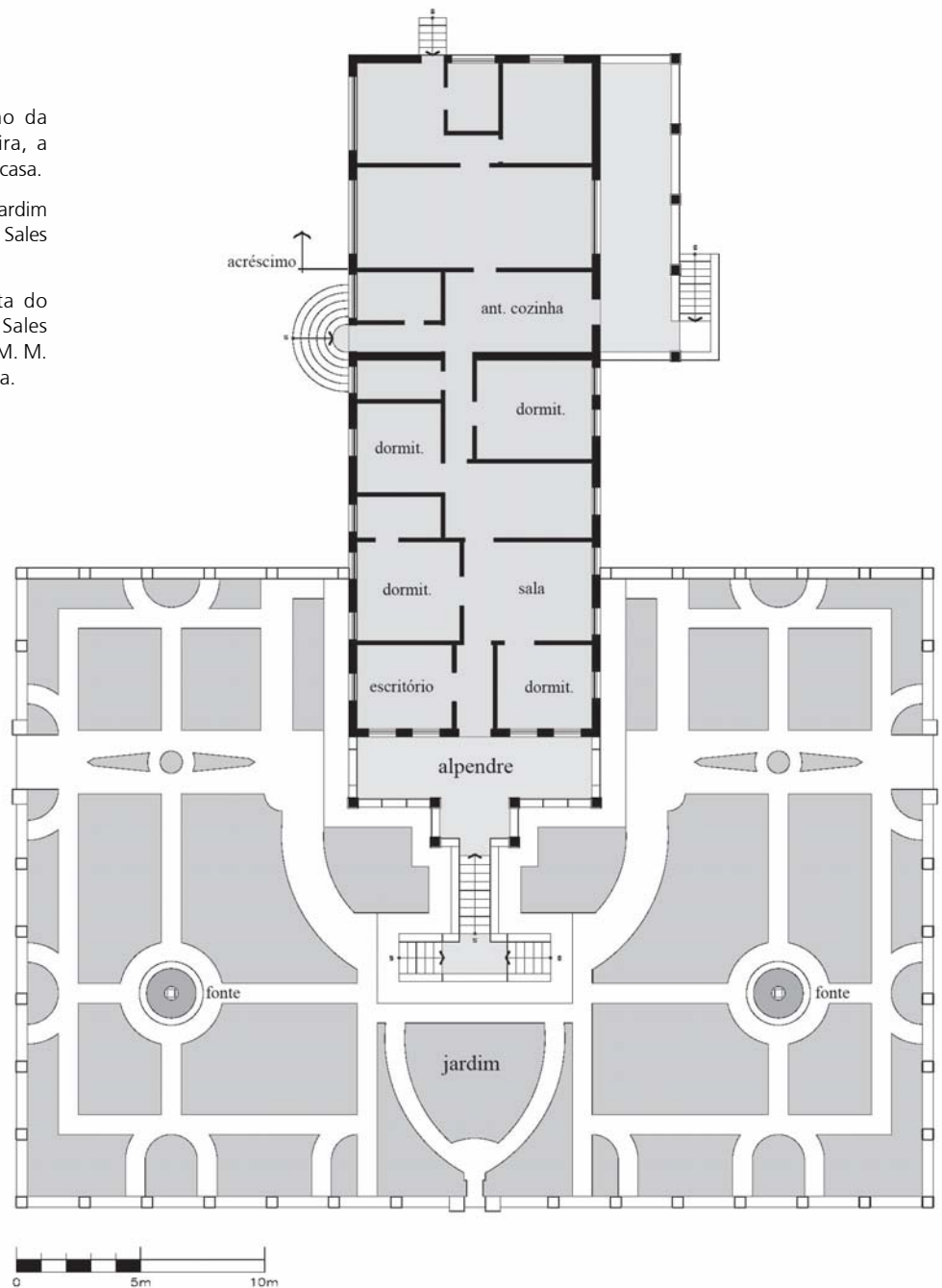




Figura 616 - Aspecto parcial da fachada do casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado, vendo-se a escadaria com gradil metálico. Foto: V. Benincasa.

Figura 617 - Planta do casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: V. Benincasa.

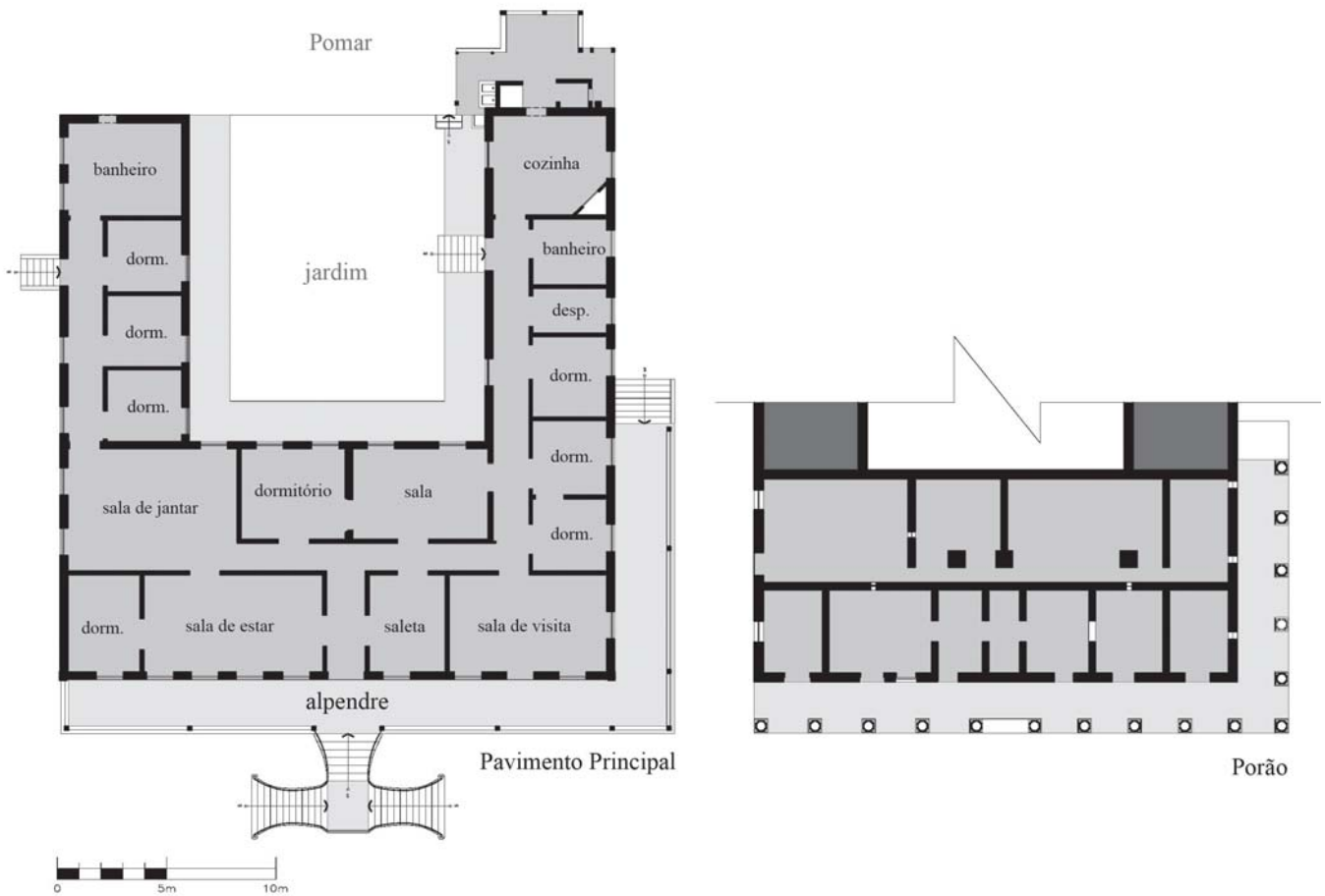




Figura 618 (à direita, topo) - Fachada do casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado, a partir do jardim. Em primeiro plano a antiga fonte. Foto: V. Benincasa.

Figura 619 (à direita, centro) - Outra vista parcial da fachada do casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado, vendo-se a escadaria e os balaústres de madeira recortada do alpendre. Foto: V. Benincasa.

Figura 620 (à direita) - Vista interna do alpendre. Casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado. Foto: V. Benincasa.





Figura 621 (à esquerda, topo) - Detalhe de janela voltada para o alpendre, com bela bandeira. Casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Figura 622 (à esquerda, centro) - Detalhe de maçaneta importada, na porta principal. Casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Figura 623 (à esquerda) - Janela da sala de visitas. Casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Figura 624 (acima) - Vestíbulo. Casarão da fazenda das Palmeiras, Descalvado. Foto: V. Benincasa.

Adentrado o século XX, surgem novas configurações formais ligadas ao movimento nacionalista neocolonial, ou ao estilo Missões, como ocorreu nas fazendas São Luiz, em São Carlos, na Santana da Guaraciaba, em Franca, na Porangaba, em Sales Oliveira, ou na Nossa Senhora Auxiliadora, em Restinga, ou mesmo modernização de fachadas, como na Santa Paulina, em Casa Branca.



Figura 625 - Fachada do casarão da fazenda Santana da Guaraciaba, Franca. Foto: V. Benincasa.

Figura 626 - Planta do casarão da fazenda Santana da Guaraciaba, Franca. Lev.: V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.

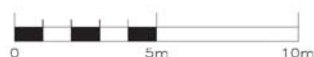




Figura 627 (acima, topo) - Alpendre do casarão da fazenda Santana da Guaraciaba, Franca. Foto: V. Benincasa.

Figura 628 (acima) - Detalhe da escadaria de acesso ao alpendre do casarão da fazenda Santana da Guaraciaba, Franca. Foto: V. Benincasa.

Figura 629 (acima, topo) - Outro detalhe da mesma escadaria. Casarão da fazenda Santana da Guaraciaba, Franca. Foto: V. Benincasa.

Figura 630 (acima) - Aspecto interno: sala de estar. Notar as aberturas sobre o arco de concreto armado, preenchidas por gradis metálicos. Casarão da fazenda Santana da Guaraciaba, Franca. Foto: V. Benincasa.



Figura 631 (à esquerda, topo) - Casarão da fazenda Santa Paulina, Casa Branca. O aspecto neocolonial foi adquirido em reforma feita na antiga casa, entre os anos de 1958 e 1960. Foto: V. Benincasa.

Figura 632 (à esquerda, centro) - Detalhe da fachada lateral. Casarão da fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 633 (à esquerda) - Aspecto interno do alpendre. Casarão da fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Figura 634 (acima) - Detalhe de azulejos existentes no alpendre fronteiro, com o aspecto original da edificação. Fazenda Santa Paulina, Casa Branca. Foto: V. Benincasa.

Outras se enquadram em correntes protomodernistas, onde ainda se notam alguns elementos do ecletismo, como o casarão da fazenda Salto Grande, de Araraquara, ou o da Bela Vista, de São Carlos, de linhas mais retas e ornamentação que inclui elementos pré-moldados. A partir da Primeira Grande Guerra, a impossibilidade de importação fez surgir várias indústrias nacionais de material construtivo, tornando-se comuns elementos ornamentais feitos com cimento armado de ferro, como balaústres, faixas decorativas, capitéis, floreiras. A ornamentação interna passa a ser feita com apliques de peças de gesso ou de madeira, com relevos decorativos. Tornam-se comuns pisos e paredes, e mesmo colunas de cimento, revestidos de granilite, uma espécie de argamassa polida feita de cimento e pó de mármore, ou de outras pedras, para dar cor e formar desenhos.



Figura 635 - Casarão da fazenda Bela Vista, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 636 - Planta do casarão da fazenda Bela Vista, São Carlos. Lev.: V. Benincasa e M. Rosada. Desenho: V. Benincasa.

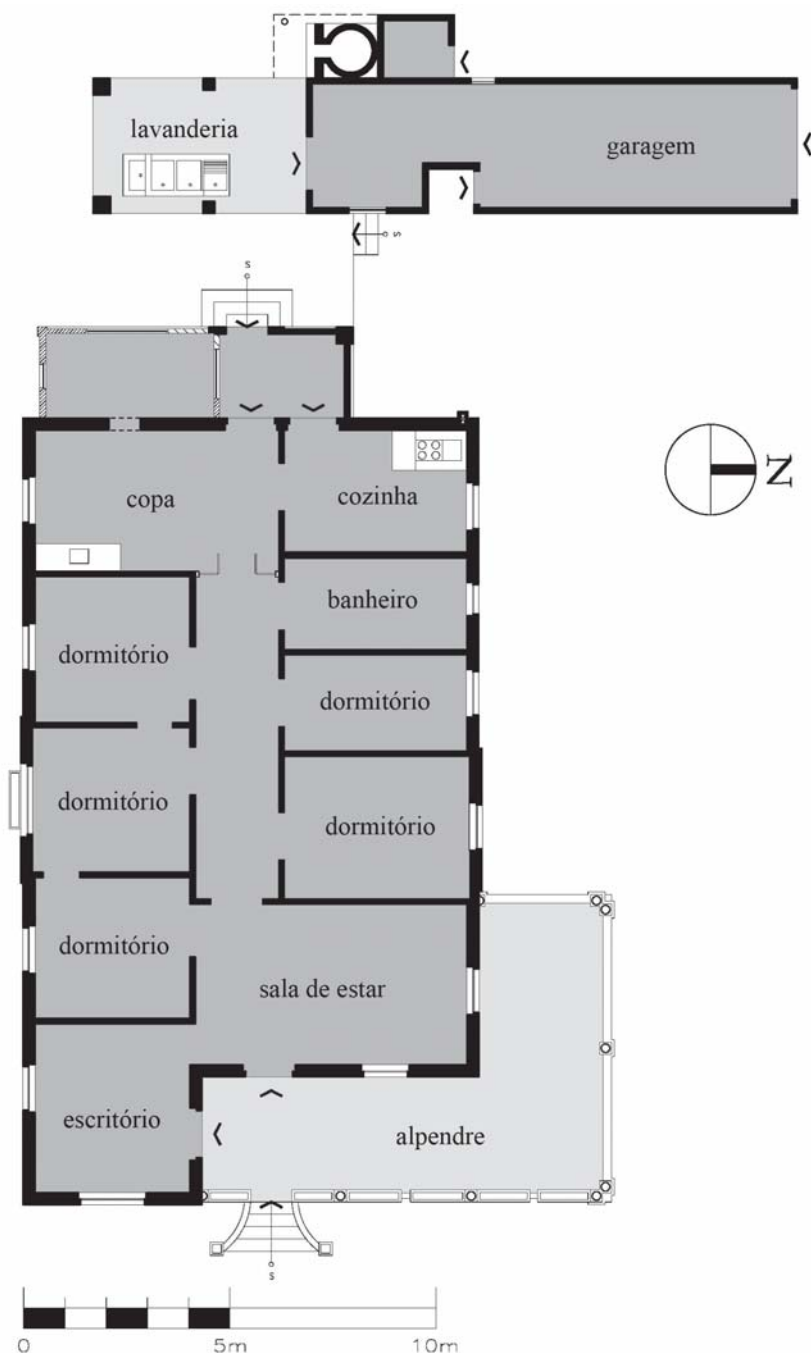




Figura 637 (acima, topo) - Fachada lateral do casarão da fazenda Bela Vista, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 638 (acima, centro) - Detalhe das floreiras do alpendre. Casarão da fazenda Bela Vista, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 639 (acima) - Alpendre do casarão da fazenda Bela Vista, São Carlos. Foto: V. Benincasa.

Figura 640 (acima, topo) - Aspecto parcial da fachada do casarão da fazenda Bela Vista, São Carlos. Notar o beiral de estuque. Foto: V. Benincasa.

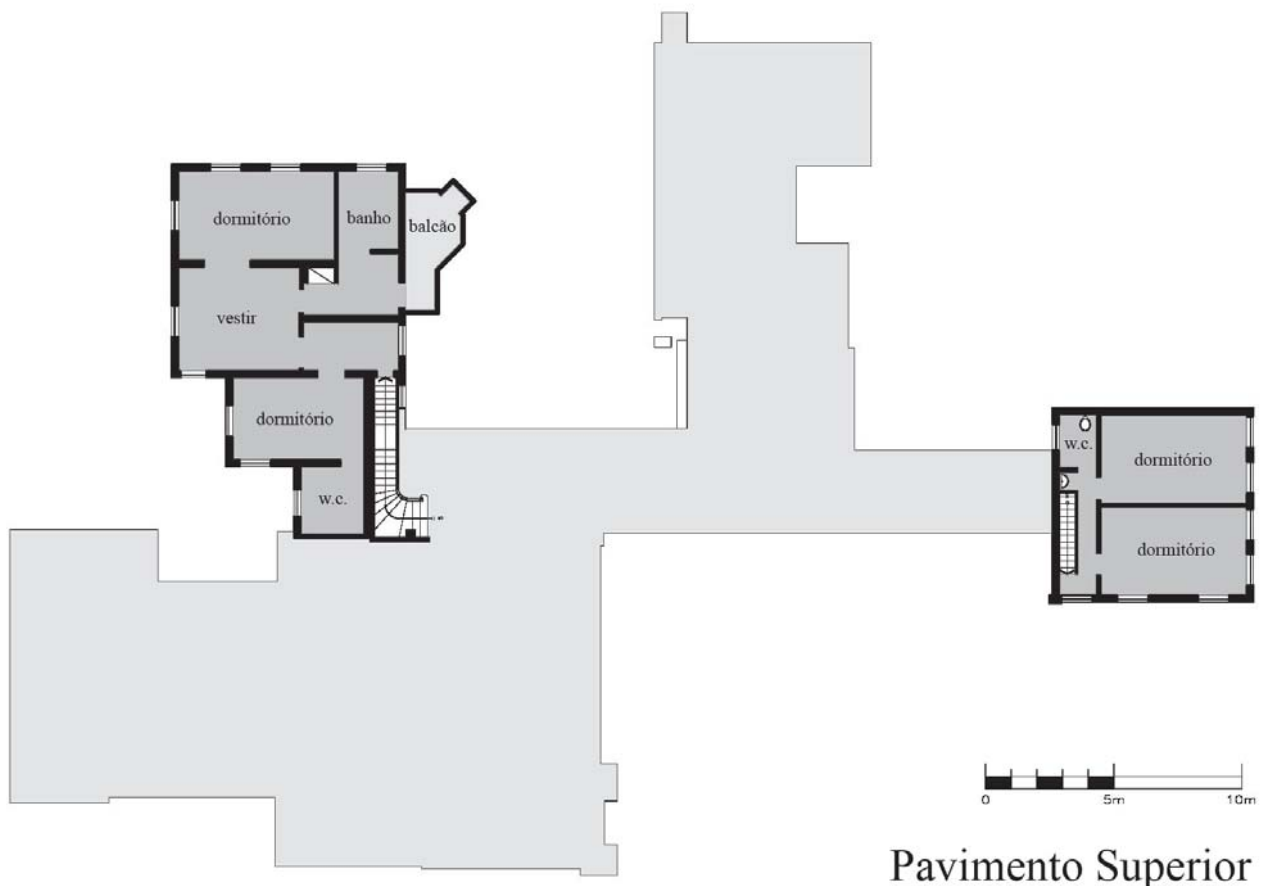
Figura 641 (acima, centro) - Casarão da fazenda Salto Grande, Araraquara. Notar o uso de elementos pré-fabricados na elaboração da ornamentação de fachada. Foto: V. Benincasa.

Figura 642 (acima) - Outro aspecto do casarão da fazenda Salto Grande, Araraquara. Foto: V. Benincasa.

A indústria nacional se desenvolvia apressadamente para suprir um mercado que já se acostumara a certo padrão de conforto e que não estava disposto a voltar a morar segundo as velhas e rústicas formas de tempos passados. Dessa forma, iniciou-se a fabricação de muitas peças metálicas em pequenas oficinas, como caixilharia metálica, vitrais, tubulações, ferragens para estrutura, etc; bem como peças cerâmicas: telhas, manilhas, tijolos de diferentes formatos, pisos... E também é a época em que o uso do concreto armado torna-se usual.

No meio rural, um bom exemplo dessa nova fase por que passou a arquitetura é o casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, em Restinga. Ao lado do velho fogão e forno à lenha, encontramos planta e volumetria extremamente movimentadas: vários corpos da edificação vão se desenvolvendo pelo terreno inclinado, às vezes com um só pavimento, outras assobradados, ou mesmo com três pavimentos. O programa se desenvolve entre salas de estar, de visitas, saletas, salas para refeições, salas de trabalho, escritório, dormitórios, quartos de vestir, muitos banheiros, copa, cozinha, aposentos para empregados e garagens para automóveis. A volumetria é rica, inspirada no estilo Missões, formando pequenos torreões, alpendres com aberturas em arco, jardineiras, janelas com gradis metálicos, caixilharia metálica. O telhado possui várias águas, por vezes cada corpo apresentando uma cobertura independente da do restante da edificação; e aqui já aparecem aquelas telhas capa e canal industrializadas.

Figura 643 - Planta do pavimento superior. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Lev.: V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.



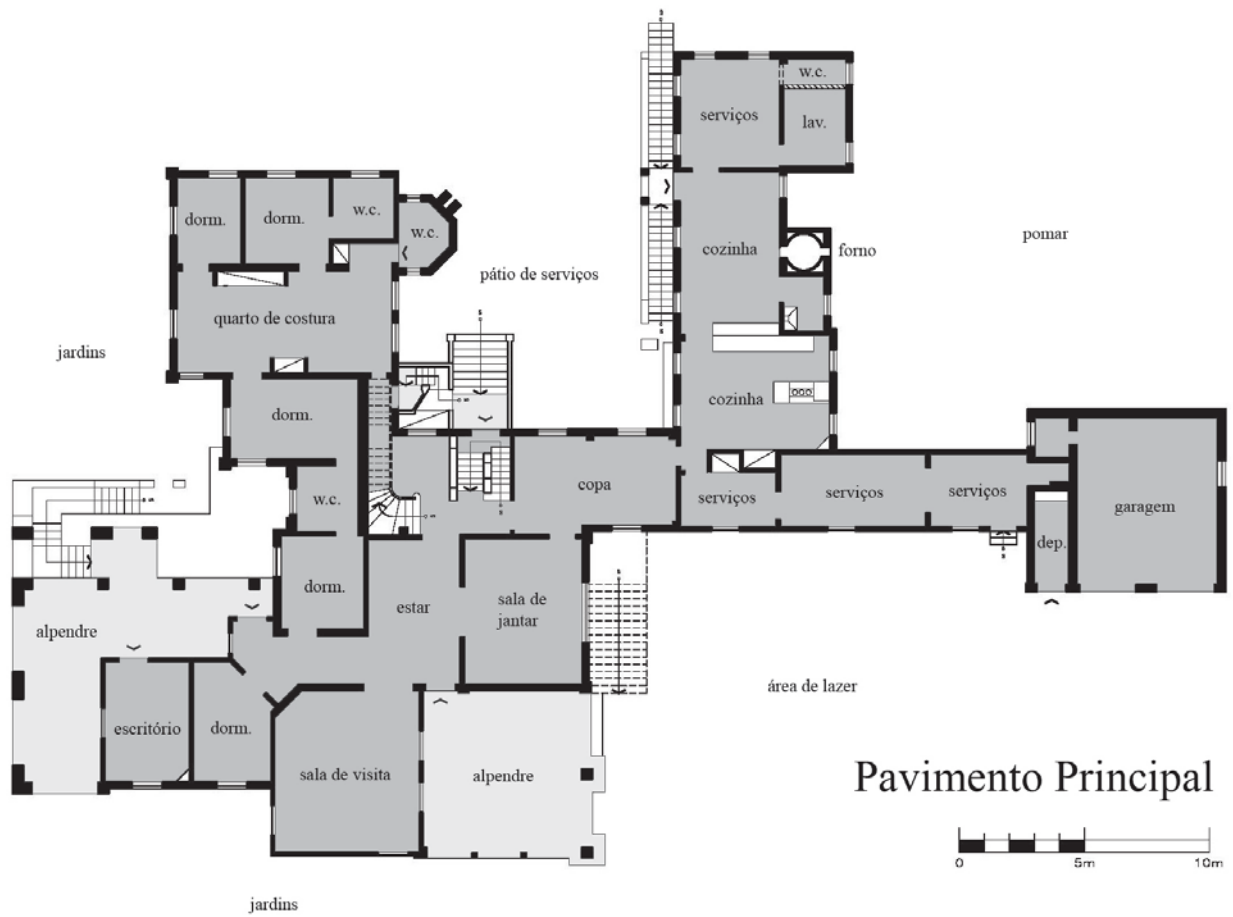


Figura 644 (acima) - Planta do pavimento principal. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Lev.: V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.

Pavimento Principal

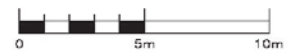
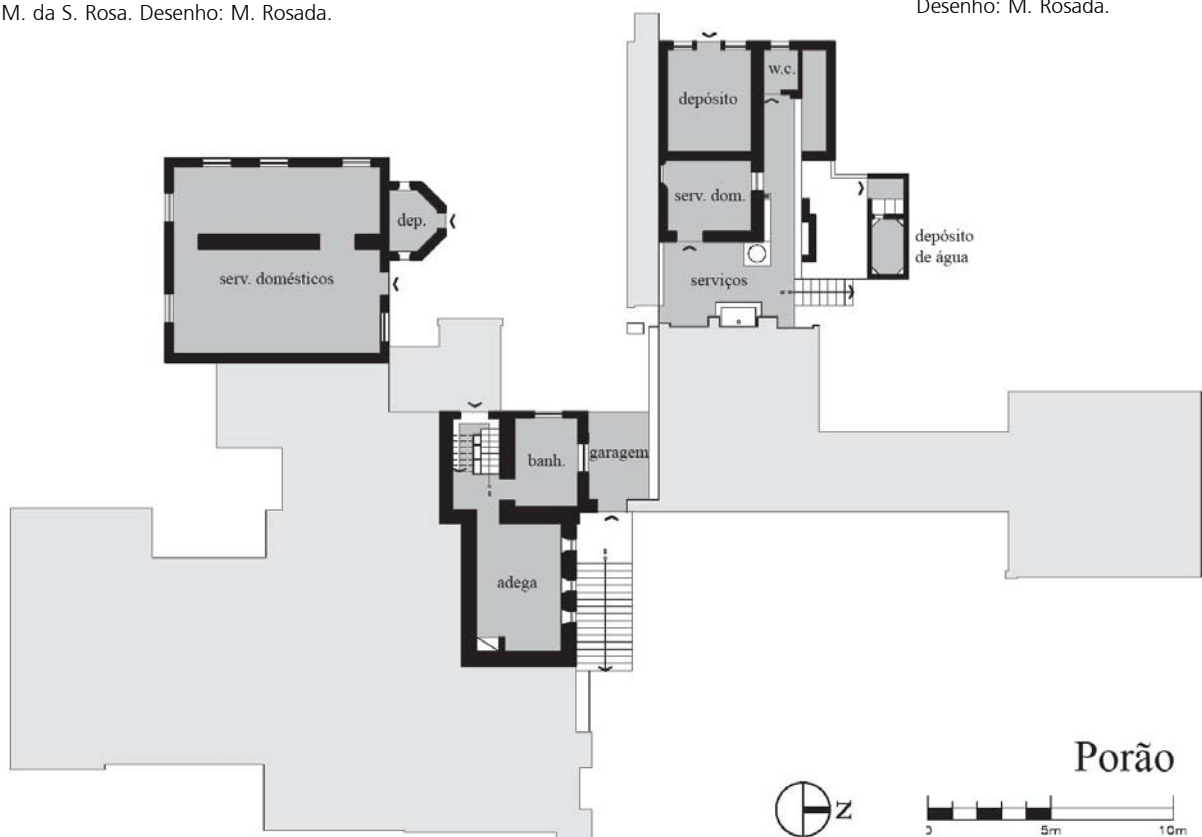


Figura 645 (abaixo) - Planta do porão. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Lev.: V. Benincasa e L. M. M. da S. Rosa. Desenho: M. Rosada.



Porão

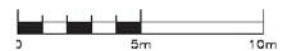




Figura 646 (acima, topo) - Fachada do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 647 (acima, centro) - Outro aspecto da fachada do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 648 (acima) - Outro aspecto da fachada do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 649 (acima, topo) - Detalhe de janela e abertura do porão. Fachada do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 650 (acima) - Detalhe do alpendre fronteiro, vendo-se as floreiras de cimento. Fachada do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.



Figura 651 (acima, topo) - Vista parcial do jardim, com casarão ao fundo. Fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 652 (acima, centro) - Vista parcial do jardim. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 653 (acima) - Foto da primeira metade do século XX: jardim do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto do acervo da fazenda.

Figura 654 (acima, topo) - Foto da primeira metade do século XX, vendo-se, parcialmente, o alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 655 (acima, centro) - Vista parcial do jardim. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 656 (acima) - Vista parcial do jardim. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.



Figura 657 (à esquerda, topo) - Foto da primeira metade do século XX: caramanchão do jardim do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto do acervo da fazenda.

Figura 658 (à esquerda, centro) - Vista parcial do jardim. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 659 (à esquerda) - Vista do pátio de serviços. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 660 (acima) - Vista do pátio de serviços: pode-se ver a escadaria lateral de acesso e, à direita, no canto superior, o balcão do banheiro de um dos dormitórios. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.



Figura 661 (acima) - Vista aérea do casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto do acervo da fazenda.

Figura 662 (à direita) - Detalhe do alpendre frontal. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.



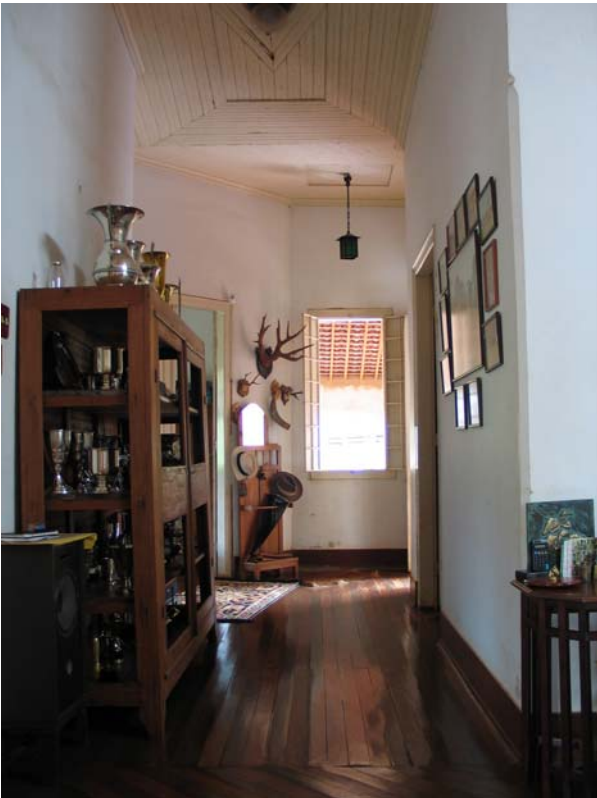
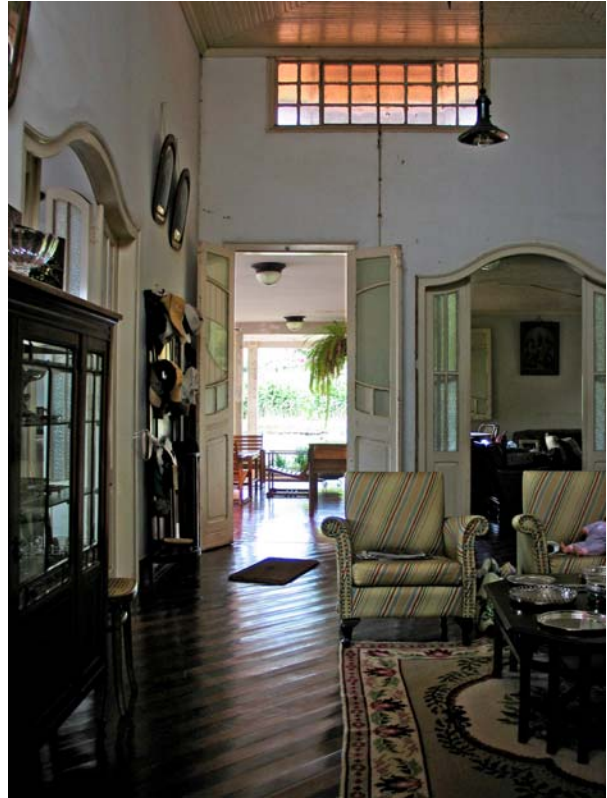


Figura 663 (à esquerda, topo) - Corredor de entrada: ao fundo a sala de estar. Observar a abertura para ventilação cruzada no canto superior, à direita. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 664 (à esquerda) - Corredor de entrada: ao fundo a janela que dá para o alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 665 (acima) - Sala de estar: observar a abertura com gradil metálico para ventilação cruzada. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.



Figura 666 (acima) - Sala de estar, vista do ângulo oposto: observar a abertura com gradil metálico para ventilação cruzada. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 667 (à direita, topo) - Escadaria de acesso à ala de dormitórios do pavimento superior. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 668 (à direita) - Sala de costura: observar o forro de estuque com aberturas para ventilação. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.





Figura 669 (acima, topo) - Cozinha. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 670 (acima) - Outro aspecto da cozinha: observar o forro feito com placas de madeira com tela metálica para proteção contra poeira. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

Figura 671 (à direita) - Cozinha: boca do forno à lenha. Casarão da fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, Restinga. Foto: V. Benincasa.

A edificação assenta-se sobre um terreno em declive acentuado, que recebeu cortes variados; assim, na planta recortada aparecem muitas escadarias, em vários lanços formando nichos, que foram aproveitados para formar um interessante jardim, com muitos canteiros e caminhos, criando um agradável e bem resolvido espaço envoltório, tudo cercado por muros e acessado por um portão de entrada monumental.

...

Essa grande variedade na arquitetura dos exemplares dessas regiões a torna uma das mais ricas, no que tange ao estudo rural da época cafeeira. O auge da cafeeira, ali, vai se dar na década de 1920, mas, desde o final do século XIX, novas frentes de lavouras eram abertas, seguindo em direção às barrancas do rio Paraná, adentrando, cada vez mais, os sertões despovoados de São Paulo.

5

**As Frentes Pioneiras do Século XX:
desbravando os sertões com o auxílio da
ferrovia...**

O paulista de velha estirpe acompanhava orgulhosamente a marcha para oeste. Comprazia-se em contar como seu avô abandonara a fazenda do vale do Paraíba pela região de Campinas; em seguida seu pai abrira uma plantação na zona de Ribeirão Preto; ele, por sua vez, continuava a desbravar a floresta na Alta Paulista ou no norte do Paraná. Realizava o filho do imigrante, em uma geração, o que a família paulista fizera em três etapas. Para ele, tratava-se também de prosseguir uma tradição, a dos seus pais que vieram arriscar a sorte, e era dentro desse espírito que ele continuava. A bem dizer, sofriam todos a magia dos grandes espaços livres e experimentavam todos a ardente convicção de que a fortuna lá os esperava.¹

No início do século XX, os pontos extremos das ferrovias eram Agudos, na Sorocabana; Jaú e Jaboticabal, na Paulista; e Orlandia, na Mojiana.² Além dessa região já conquistada pela ferrovia e pela cafeicultura, só havia alguns núcleos de povoamento em pleno sertão, como Catanduva, São José do Rio Preto e Santa Cruz do Rio Pardo. Adiante desses núcleos esparsos, estendia-se praticamente metade do território paulista coberto de matas e cerrados virgens, muito pouco explorados, habitado por índios: os territórios “inóspitos e desabitados”, como sugeriam alguns mapas da época. Porém, o interesse por essas terras era imenso, e não tardaria muito o tempo em que levadas e levadas de pessoas a invadiriam, mudando-lhe totalmente a paisagem natural que conservava até então. O café e a ferrovia teriam um papel fundamental nesse novo capítulo que começava a ser escrito na história dessas regiões.

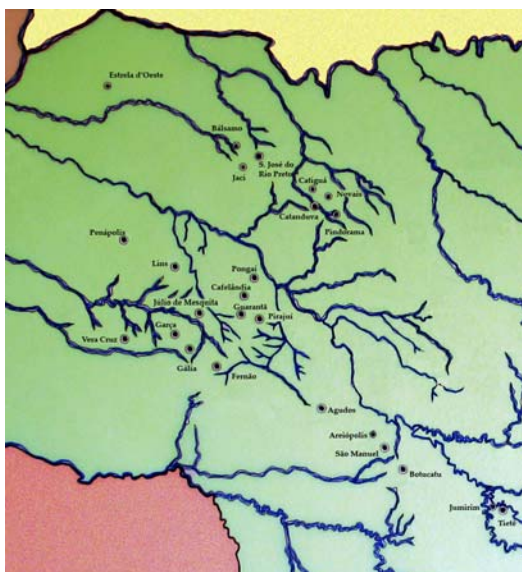
Em 1900, o Conselheiro Rodrigues Alves, no início de seu segundo mandato como presidente do Estado de São Paulo, disse:

(...) referindo-me aos seus grandes interesses e em primeiro lugar aos da lavoura, por sua incontestável importância, tive o ensejo de afirmar que a prosperidade do país dependia, antes de tudo, do desenvolvimento da nossa via férrea e que era a imigração de trabalhadores o mais seguro elemento de alcançá-la. Há, quanto aos transportes, um vasto plano que não interessa menos ao Estado do que à União e deve ser objeto das mais sérias preocupações dos poderes públicos – é a grande ligação por via férrea do nosso Estado com os do sul por um lado, com os de Mato Grosso e Goiás, por outro, constituindo-nos o centro da convergência da produção desses grandes territórios.³

Como podemos observar, o interesse pela ferrovia continuava forte nos primeiros anos do século XX. É interessante o fato de que Rodrigues Alves, cujas origens estão no Vale do Paraíba, embora sempre tenha mantido a sua base familiar em Guaratinguetá, deslocou seus interesses agrícolas para a fértil zona da Sorocabana e da Alta Paulista (Lençóis, Agudos, Piratininga, São Manuel, etc) e, conforme ainda salienta Matos, referindo-se ao texto mencionado há pouco:

(...) dificilmente podemos separar o estadista do fazendeiro, um fazendeiro que, ao contrário dos seus companheiros do vale do Paraíba, confiava na imigração e acreditava na estrada de ferro. Sob este ponto de vista o conselheiro parecia bem pouco vale-paraibano... Todavia, governando São Paulo na passagem do século, soube sentir a pujança paulista e, principalmente, soube compreender o que significava a grande expansão para o oeste, revelando à economia nacional riquíssimas regiões e

Figura 1 - Mapa com os municípios das frentes pioneiras incluídos no levantamento. Desenho V. Benincasa.



¹ MONBEIG, P. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1977, p. 124.

² MATOS, O. de N. *Café e Ferrovias. A evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. Campinas: Pontes, 1990, p. 122.

³ EGAS, Eugênio. *Galeria dos Presidentes de São Paulo*. São Paulo, 1926, v. 02, p. 131. Apud: MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 121.

*incorporando à civilização uma extensa área que, na época, alcançava bem mais do que a metade do Estado.*⁴

A primeira década do século XX marcaria, de uma forma avassaladora, a conquista desses sertões desconhecidos, com a expansão dos trilhos da Sorocabana, da Ituana, da Paulista, da Araraquarense, e com a criação de outras ferrovias importantes, como a Noroeste e a Douradense. Não sem deixar um rastro enorme de extermínio: desmatamentos de áreas enormes e chacinas que levaram ao aniquilamento da maioria das tribos indígenas locais.

A Sorocabana, ao mesmo tempo em que incorporava a Companhia Ituana, ampliava seus trilhos em direção às ricas zonas de São Manuel e Agudos, chegando nessa cidade ao mesmo tempo da Paulista, em 1903, o que mostra o forte interesse de ambas pelas vastas regiões que, dali para frente, se descortinavam, razão porque há duas estações nessa cidade. Essa região já havia sido tomada pouco antes pela cafeicultura. Logo a seguir, a Sorocabana ampliou suas linhas na direção do vale do Paranapanema, até Avaré, região de terras férteis, para onde também ocorreu uma intensa corrente migratória mineira.

Começava uma corrida pelo desbravamento dos sertões pelas companhias ferroviárias, que anteviam a ocupação por grandes plantações de café, pois até o final do século XIX, a ferrovia caminhara em regiões já povoadas. A partir de 1900, o prolongamento dos trilhos se fazia juntamente com a conquista de novos territórios, algumas vezes adiantando-se a ele.⁵

Enquanto a Sorocabana avançava na parte sul do território paulista, a Paulista abria caminhos pela porção norte, junto às barrancas do rio Grande, atingindo Bebedouro e Barretos. Outras pequenas ferrovias também surgiam por ali, como a

São Paulo-Goiás, que, de Bebedouro buscava a zona de Olímpia, se estendendo até Nova Granada. Ou ainda, como a Morro Agudo, a Monte Alto e a Jaboticabal, tributárias do ramal tronco da Paulista. Todas essas não tiveram capital necessário para bancar a estruturação da nova zona e acabaram sendo incorporadas pela Companhia Paulista.⁶

Na margem esquerda do Tietê, a Paulista também fazia um avanço agressivo, porém aí o embate era com outra grande companhia: a Sorocabana. Ali houve uma verdadeira batalha pela concessão de novos trechos para expansão de suas linhas em direção às barrancas do rio Paraná. A abertura de caminhos que ligassem, a partir de Agudos ou Bauru, o porto de Santos ao sul de Mato Grosso e Bolívia e o norte paraguaio facilitaria o escoamento da produção desses locais e abria todo o sertão paulista para o povoamento e novas áreas destinadas à cafeicultura. As vantagens econômicas dessa ligação se apresentavam imensas e havia interesse, tanto do governo estadual, quanto do federal, para que isso ocorresse.

Pouco a pouco, essas duas companhias avançavam rumo aos sertões pouco explorados. A Sorocabana estendeu seus trilhos até Avaré, vencendo as *cuestas* de Botucatu. Da estação de Rubião Júnior (de 1897), a Sorocabana construiu um ramal até Agudos, em 1903, passando pelas ricas terras de São Manuel (aonde já chegara em 1888, através de ramal da Ituana que partia de Porto Martins, às margens do Tietê, e seguia até São Manuel) e Lençóis Paulista (1898) e, logo depois chegava a Bauru (em 1905).

⁴ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 122.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 119.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 123.

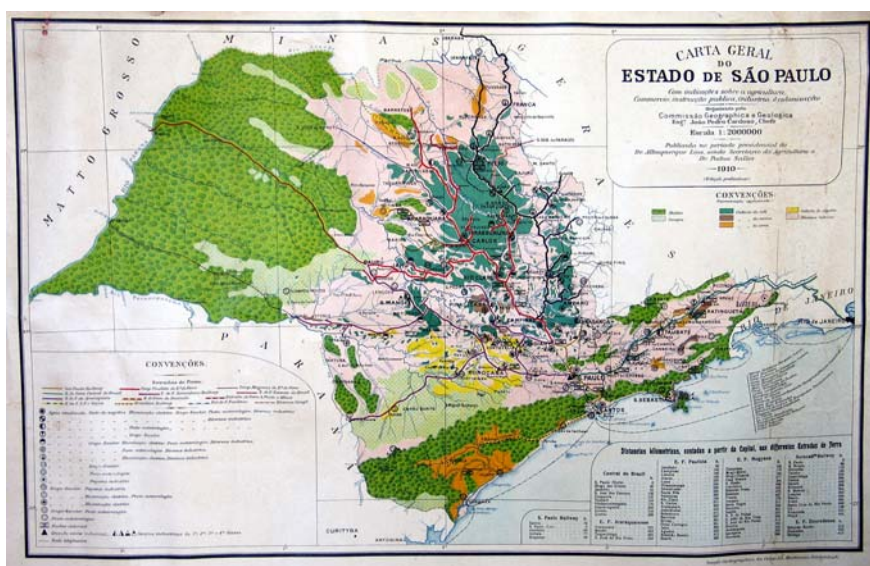


Figura 2 - Mapa do Estado de São Paulo de 1910. Acervo Fazenda Santo Antônio dos Ipês, Jaú. Nele, se pode observar a grande área ainda coberta por matas, na porção ocidental do Estado, e o predomínio da cafeicultura nas regiões da Paulista e da Mojiana.

O avanço sobre as terras devolutas, pouco conhecidas e povoadas por grupos indígenas tinha ali o seu verdadeiro início. É significativo o seguinte trecho de um relatório da Companhia Paulista de Estrada de Ferro:

Se, transpondo o Tietê e avançando em demanda da região de Agudos, a Paulista acaba de fazer obra de reconhecimento da conveniência pública em relação à parte civilizada do Estado, não menos valioso será o resultado de seu esforço em favor do desenvolvimento dessa outra importante porção do território paulista que vai das nascentes do Feio às barrancas do Paraná, a qual apesar de compor-se segundo referem poucos que a penetraram, de excelentes terras de cultura e de medir a superfície equivalente a quase 1/4 do território do Estado, entretanto traz ainda no próprio nome de terra ignota, com que até hoje figura nas cartas geográficas do país, o mais significativo atestado de tão desmerecido com o completo abandono em que havia sido deixada. Levando a ponto de seus trilhos para aquelas bandas, a Paulista põe ao imediato alcance daquele sertão, o mais fecundo propulsor de seu povoamento, o instrumento que mais facilmente poderá abri-lo às benéficas incursões do trabalho e da civilização.⁷

A Paulista, então, promoveu um grande trabalho de colonização, estabelecendo um povoado, que chamou Piratininga, ao final de sua linha, um *centro abastecedor à boca do sertão*, como o considerou Adolpho A. Pinto, o principal historiador do transporte público no Brasil no início do século XX.⁸

Verificou-se um fenômeno interessante na ocupação da porção ocidental do território paulista, em direção a Mato Grosso e Paraná: a migração da população de antigas zonas cafeicultoras paulistas para as novas frentes pioneiras.⁹ Acorrem, principalmente, das zonas Mojiana, Paulista e Central e, também, de Minas Gerais, continuando um fluxo que tivera início no final do século XVIII. Os mineiros, mais uma vez, foram os pioneiros. Provenientes da região do Triângulo Mineiro, eles ocuparam a região de Catanduva e São José do Rio Preto; o mesmo ocorreu nos Campos de Avanhandava, na zona Noroeste, e mais ainda, na região entre os rios Paranapanema e Peixe. Mas antes disso, já em meados do século XIX, um mineiro, chamado José Teodoro, havia chegado à região de Botucatu, vindo de Pouso Alegre, e partira para os sertões daqueles lados, onde estabeleceu imensa gleba, trazendo, posteriormente, toda a parentela. Ali passou a criar gado e porcos, que depois levava até Lençóis, Botucatu e Sorocaba, para negociar carne seca e víveres.

Mais ao final daquele século, o povoamento se intensificou, levando consigo a cafeicultura, que invadiu as chamadas novas zonas paulistas. Seguindo esse forte movimento de interiorização, novas ferrovias – como a Estrada de Ferro Araraquense, Estrada de Ferro Douradense, a Estrada de

Ferro Noroeste do Brasil, além de novos ramais da Companhia Paulista e da Sorocabana - iniciaram seu avanço para essas regiões, onde o início do cultivo do café se deu entre fins do século XIX e início do século XX, e, ao contrário das zonas Mojiana e Paulista, foi acompanhado pela estrada de ferro, quase nunca a precedendo. Nessas regiões, a cafeicultura atinge seu maior pico de produção entre 1934 e 1935, em plena crise dessa lavoura. Essa altíssima produção fora incentivada pelos altos preços de 1928, às vésperas da quebra da economia mundial.

A elevada produção por mil pés torna o lucro possível durante muito tempo ainda, quando já na Mojiana ou na zona Central as cotações arruinam os fazendeiros e os obrigam a mudar de lavoura.

Nas zonas novas, até 1935, apenas existe o café. Nesse ano a safra alcança na alta Sorocabana 6.500.000 arrobas, na Noroeste 12.500.000, e na Araraquense 14.100.000! Os dados referentes ao algodão são insignificantes. Não há açúcar e os próprios cereais se abandonam, (...).¹⁰

Os índices de produção dessas novas frentes, rapidamente, desbancaram a Paulista e a Mojiana: seus municípios sucediam-se, ano após ano, no posto de maior produtor mundial de café. Para se ter uma idéia da alta produtividade, entre 1886 e 1920, a produção paulista decuplicou, e tornou a decuplicar nos quinze anos seguintes, com a conquista desses sertões. A população, atraída pelo surto de desenvolvimento, crescia ao mesmo ritmo.

A Araraquense, das zonas “novas” (Sorocabana, Noroeste e Araraquense, além de uma quarta que se configuraria um pouco mais tarde, a Alta Paulista), foi a que se desenvolveu mais rapidamente por causa da proximidade com a zona Paulista e, além disso, contou com a grande facilidade de acesso às ferrovias e estradas ali já constituídas, principalmente as linhas-tronco da Paulista e da Douradense.

O avanço da cafeicultura para as zonas além de Araraquara, atingindo Matão, Catanduva, ainda no final do século XIX, levou à iniciativa de um grupo de fazendeiros, principalmente da cidade de Araraquara, em iniciar uma ferrovia que, partindo daquela cidade, atingisse as barrancas do rio Paraná, de onde, posteriormente, deveria seguir até Cuiabá.

⁷ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 125.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 125.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 53.

¹⁰ MILLIET, Sérgio. *Roteiro do Café e Outros Ensaios*. São Paulo: Hucitec/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1982, pp. 55.

*Por iniciativa do Sr. Carlos Baptista de Magalhães, um grupo de agricultores congregou-se, nesta cidade, para em benefício do interesse colectivo, dotar as suas lavouras de um caminho de ferro vicinal, capaz de obviar os custosos gravames do transporte em carros de bois dos productos de suas propriedades ruraes. E, com espirito de iniciativa tão peculiar aos paulistas, de uma pequena empresa que aquelles agricultores pretenderam organizar, desde logo logrou exito a criação da pujante via ferrea que é hoje a Companhia Estrada de Ferro de Araraquara.*¹¹

Em 1896, iniciaram as obras do primeiro trecho, entre Araraquara e Ribeirãozinho (atual Taquaritinga), perfazendo 75 quilômetros, inaugurado em 1901, passando por Matão. No entanto, prejudicada por uma série de crises que atingiu a cafeicultura no início do século XX, a estrada, somente em 1908 deu prosseguimento à colocação de trilhos, atingindo em 1909, a localidade de Fernando Prestes. No ano seguinte, seus trilhos atingiram Catanduva e Catiguá, e, em 1912, chegaram a São José do Rio Preto. Somente em 1933, os trilhos prosseguiram até Mirassol, chegando a Balsamo em 1941, e a Estrela d'Oeste, em 1951. Em 1952, mais de meio século depois de iniciada, a linha chegaria às barrancas do rio Paraná, na localidade de Porto do Tabuado (hoje chamada de Rubinéia). Completava-se a linha da Araraquarense.

Os crescimentos econômico e populacional dessa zona foram vertiginosos e assombravam o mundo capitalista. Tomemos como exemplo São José do Rio Preto¹²: em 1920, esse município possuía uma população de 126.726 habitantes e produzia 99.680 arrobas de café. Quinze anos mais tarde, no censo de 1935, triplicara-se a população, chegando a 316.235 habitantes, enquanto a produção cafeeira chegara a 4.622.000 arrobas. Quase 50 vezes mais!¹³

O mesmo crescimento verificou-se em praticamente todas as cidades da região Araraquarense, fazendo dela a maior produtora paulista da época.

Uma zona muito próxima da Araraquarense passou por situação muito parecida. A imensa área que seguia entre a margem direita do Tietê e as linhas da Araraquarense, até as barrancas do rio Paraná, que se tornaria uma das principais zonas cafeeiras do século XX, em São Paulo, começava a ser servida por uma ferrovia tipicamente cafeeira, a Douradense. A linha inicial partia de Ribeirão Bonito, o ponto final do ramal da Paulista que nascia em São Carlos, seguindo em direção a Dourado, aonde chegou em 1900, e a Boa Esperança do Sul. Logo a seguir os trilhos seriam estendidos a Bocaina, Bariri, Ibitinga e Jaú, cortando a fértil região dos núcleos coloniais implantados pelo governo estadual no início do século XX (entre eles: Gavião Peixoto, Nova Paulicéia e Nova Europa). Essa região, até a crise de 1929, foi uma das principais zonas produtoras de café.¹⁴ Logo depois, a Douradense seria anexada pela Companhia

Paulista, afogada em dívidas adquiridas com aqueles que pensavam seus acionistas, seria a grande obra da companhia: o ramal ligando Gavião Peixoto a Araraquara. Praticamente toda a terraplenagem do trecho foi feita, assim como também se iniciaram os preparativos para a construção da estação de Araraquara. No entanto, esse trecho nunca seria concluído.

Na Sorocabana, a difusão da cafeicultura se daria quase ao mesmo tempo, com índices de crescimento parecidos. Podemos citar os municípios de Presidente Prudente, Santo Anastácio e Presidente Venceslau que iniciaram o cultivo do café em 1920 e, em 1935, já produziam, juntos, 718.000 arrobas de café, com a população alcançando 112.000 pessoas, aproximadamente. O mesmo não se daria nas regiões de ocupação mais antiga da Sorocabana, como São Manuel ou Botucatu, apesar de crescente, o ritmo é mais constante, evidenciando-se, no censo de 1935, até perda de população em alguns municípios.

A primeira década do século XX assinala o surgimento da estrada que efetivamente ligaria São Paulo ao sul de Mato Grosso, a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Praticamente todas as cidades situadas ao longo da linha da Noroeste nasceram de suas estações ferroviárias.

A estrada iniciava em Bauru e sua construção é fato digno das maiores aventuras ocorridas em São Paulo. Embate com índios, com doenças tropicais, com a mata, rios, pântanos...¹⁵

Em 1906, inaugurava-se o primeiro trecho, de 48 quilômetros, entre Bauru e Avaí (inicialmente Jacutinga). No ano seguinte, foram concluídos outros 110 quilômetros, até a estação denominada Miguel Calmon (hoje Avanhandava), com a presença do Presidente da República, Afonso Pena, do ministro da Viação, Miguel Calmon, e do presidente de São Paulo, Albuquerque Lins. Não por acaso, os três foram homenageados com nome de estações.¹⁶

¹¹ FRANÇA, Antonio M. (org.). *Album de Araraquara 1914*. Araraquara: João Silveiras, 1915, p. 27.

¹² À época, São José do Rio Preto englobava os atuais municípios de Cedral, Mirassol, Monte Aprazível, Tanabi, Ibirá, Potirendaba, Uchoa, José Bonifácio e Nova Granada.

¹³ MILLIET, Sérgio. *Op. cit.*, 1982, pp. 60.

¹⁴ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, pp. 133-4.

¹⁵ Para maiores informações, ver: LIMA, João Tidei de. *A Ocupação da e a Destruição dos Índios na Região de Bauru*. São Paulo: FFLCH-USP (dissertação de mestrado), 1978; e GHIRARDELLO, Nilson. *À Beira da Linha. Formações urbanas da Noroeste Paulista*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutoramento), 1999.

¹⁶ Presidente Penna – que, depois, teve o nome substituído para Cafelândia; Miguel Calmon – depois, Avanhandava; e Albuquerque Lins – depois, somente Lins.

Em dezembro de 1908, foi entregue outro trecho, de 80 quilômetros, até a estação de Araçatuba, tendo como estações intermediárias Penápolis, Glicério e Birigüi. Araçatuba, em poucos anos, se tornaria a maior cidade de toda a zona Noroeste. Em 1910, a Noroeste alcançava as barrancas do rio Paraná. Em pouco mais de quatro anos, fora concluída a ferrovia, com os seus 450 quilômetros em território paulista, um recorde na história ferroviária do Brasil. Ainda no mesmo ano, 1910, seus trilhos cruzaram as fronteiras e chegaram à estação de Três Lagoas, já no Mato Grosso.¹⁷

No entanto, apesar do rápido avanço dessa ferrovia, na zona Noroeste a ocupação cafeeira iria se dar somente a partir do final da década de 1910. Mesmo assim, a partir de então, o caso de crescimento econômico e populacional, repetiu o que havia ocorrido na Araraquarense e na Sorocabana. Para efeito de comparação, em 1920, a região que se estende de Promissão a Araçatuba comportava apenas 43.000 habitantes e, dentre as localidades existentes aí, somente Penápolis aparece nesse ano com produção significativa, com 67.153 arrobas. Quinze anos após, a mesma região apresentava 200.000 habitantes e uma produção de 4.455.030 arrobas de café.

Se analisarmos a região Noroeste como um todo, a evidência de crescimento proporcionado pelo café é ainda mais complexa. Nos dados do censo de 1920, a produção cafeeira é incipiente e a população pequena para tão vasto território. Decorridos os mesmos quinze anos, o cenário é totalmente outro: a produção já é das maiores do Estado e a população praticamente quintuplicara. Os dados são extremamente significativos: de uma produção de 722.119 arrobas em 1920, há um salto para 9.642.228 arrobas em 1935; a população, no mesmo período, pula de 126.454, para 562.175 habitantes.

É certo que a crise de 1929 retardou o crescimento, mas não tanto quanto seria de se esperar. A fabulosa produção manteve o crescimento, apesar dos baixos preços: o café ainda era a melhor opção econômica para as novas zonas povoadas do Estado de São Paulo. O volume excepcional de produção compensava os baixos custos e isso explica, em parte, a aparente contradição do desenvolvimento da cafeicultura na zona Noroeste, seguindo os trilhos da ferrovia recém aberta através de matas, em terras virgens e férteis, em plena crise mundial. Até 1920, a ocupação se dera pelos trechos do Planalto Ocidental paulista, onde existia a terra roxa pura ou misturada. No entanto, o cansaço dessas terras e a diminuição da produção fizeram com que as atenções dos cafeicultores se voltassem para a nova zona que se ia abrindo com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Por dez anos, seus trilhos foram penetrando de Bauru até as barrancas do rio Paraná, seguindo a margem esquerda do Tietê, para atingirem Mato Grosso, cortando terrenos arenosos, porém plenos de húmus. Na década de 1920, os terrenos às margens dessa ferrovia se valorizaram e foram ocupados pelos cafeicultores:

É que, ocupados todos os trechos de terra roxa do Nordeste paulista e da zona de Jaú, na expansão anterior, e continuando o café a dar bons resultados econômicos, principalmente depois do término da primeira grande guerra e da geada de 1918, que queimara a maior parte das lavouras antigas, os fazendeiros paulistas avançaram pelos areiões, alinhando seus cafezais desde que a mata ali existente lhes parecia, mais uma vez, prova do bom padrão da terra. E recomeça, então, um novo período de expansão da lavoura cafeeira, dentro dos métodos anteriores, apenas diferindo do processo de penetração, agora muito mais rápido e avassalador. É o período das grandes lutas pela posse da terra devoluta, em que o grileiro vai aparecer com toda a sua força.¹⁸

Abria-se assim, para o cafeicultor, uma vasta região já servida pela ferrovia, embora com solos não tão bons quanto à terra roxa, que dera fama mundial a São Paulo. Apesar de menos férteis, essas terras davam colheitas que, à época, se mostravam vantajosas – cerca de 100 arrobas por cada mil cafeeiros – ou seja, o dobro da produção das terras roxas cansadas e mais de três vezes do que a região Central ou o Vale do Paraíba, então produzindo médias inferiores a 30 arrobas por mil pés.¹⁹

Num trecho muito significativo, Monbeig descreve as sensações de uma viagem de trem por essas regiões:

Mesmo que fechasse os olhos à paisagem, o viajante não escaparia à impressão de nova zona: seus companheiros se comprazem em citar cifras prestigiosas, que testemunham o surto das cidades atravessadas, a evocar o heróico nascimento delas, ou a narrar os bons negócios que nelas se fizeram, os golpes de especulação bem sucedidos. Noutros vagões, outros viajantes, em andrajos, carregando pobres trouxas e arrastando crianças de olhos fundos, contemplam, atemorizados, essas paisagens estranhas; vêm da Bahia, de Pernambuco, ou do Ceará, atraídos pela fama lendária da região pioneira paulista. Ouviam-se falar português, mas com zeticismo do japonês ou o sotaque do alemão. Os corredores dos trens ficam abarrotados. Nas estações numerosa multidão se comprime sobre as plataformas e as jardineiras com os estribos apinhados de passageiros esperam a chegada do trem de São Paulo, para conduzir novos recém-chegados até as terras de que esperam mil maravilhas. Tudo é alvoroço, tudo é confusão, tudo é dinamismo. Sempre a mesma impressão, quer se desembarque no término da Araraquarense, quer nas últimas terras de

¹⁷ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, pp. 132-3.

¹⁸ Idem, *ibidem*, pp. 54-5.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 55.

criação de Mato Grosso, quer em Tupã, estação final da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que rumava para o rio Paraná, onde também vai dar a Sorocabana, quer em Londrina, a capital do Norte do Paraná.

(...). Espanta-se o europeu, quando ouve chamar de "velha" uma cidade como Ribeirão Preto, que não conta três quartos de século; custa-lhe a compreender que "outrora" significa 1910 e mesmo 1920, se o seu interlocutor é um homem moço. Tudo se passa como se este país conhecesse em setenta e cinco anos, um século no máximo, o que se levou milênios para fazer na Europa. E, certamente é isso: nascimento e formação da paisagem rural, fundação e crescimento das cidades, construção duma rede de comunicações, mistura de raças, elaboração de uma mentalidade regional, tal o imenso trabalho que ainda prosseguia, aos nossos olhos.²⁰

Aspectos gerais das propriedades cafeeicultoras

No início do século XX, a grande produção das zonas Paulista e na Mojiana, consolidava o povoamento do interior paulista e garantia a sobrevivência frente aos abalos econômicos do período. O preço do café oscilava muito e a grande produção pressionava a queda de seu valor no mercado mundial. Os governos estadual e federal tomaram diversas medidas para conter o avanço das plantações, numa tentativa de controlar os estoques e aumentar os preços. Chegou-se, inclusive, a proibir o plantio de novas lavouras. Ao longo da década de 1910, com a melhoria dos preços, o plantio, que na verdade havia sido mantido clandestinamente, foi novamente liberado pelo governo, e deu-se, então, novo avanço sobre as terras. Vários fatores contribuíram para esse surto de valorização do café no mercado mundial, entre eles, o final da I Guerra Mundial e a retomada das importações pela Europa; o aumento do consumo pelos Estados Unidos; e, também, apesar do desastre que representou para muitos, a geada de 1918, que dizimou cerca de 400 milhões de pés. Esses fatores, aliados ao avanço da ferrovia pelos sertões, foram essenciais para incentivar o surgimento de novos cafezais, não só em grandes fazendas, como até então havia se dado na maioria dos casos, mas, também, em pequenos sítios, que começam a proliferar, em geral na mão de imigrantes.

Outro dado importante, a partir de 1920, foi a abertura de grandes estradas cortando os sertões, fato impulsionado pela presença cada vez maior de caminhões e de automóveis no interior paulista que, nas franjas pioneiras, complementariam o trabalho realizado pelas ferrovias. O transporte de café até essa época, entre as fazendas e as cidades, havia sido feito por tropas de muare ou por lentos e pesados carros de bois. Os viajantes usavam cavalos ou troles, veículos introduzidos pelos americanos expulsos pela Guerra de Secessão. O trole, com quatro rodas, e o semi-trole, com duas rodas, eram veículos cômodos e rápidos,

muito favoráveis aos terrenos arenosos ou lamacentos do interior paulista. *Seu reinado terminou com a introdução dos Ford, com o seu motor possante, sua solidez e rodas altas, que permitiam utilizar sem muitos problemas os caminhos para os carros de boi. O Ford desses tempos heróicos revolucionou a circulação. Nos mesmos anos generalizou-se o uso do caminhão.²¹*

As vantagens da utilização do caminhão logo se fizeram sentir, e o governo estadual lançou rapidamente um plano de construção de rodovias. Plano que, na prática, se realizava de maneira muito lenta, se comparado ao avanço das lavouras cafeeiras sobre as terras incultas. Dessa maneira, assim como ocorrera com as ferrovias e com a abertura de estradas vicinais, em regiões anteriormente tomadas pela cafeeicultura, o fazendeiro das franjas pioneiras chamou para si a iniciativa de abrir as rodovias que lhes fossem favoráveis. Velhos caminhos eram alargados e outros construídos. Muito rapidamente, os fazendeiros compreenderam que a estrada era o prolongamento dos trilhos.

A estrada e o caminhão, completando a ferrovia, permitiram que os pioneiros se afastassem ainda mais, pois tinham a certeza de poder transportar sua produção. As terras valorizaram-se e a revolução dos meios de circulação iria juntar-se ao conjunto de fatores favoráveis ao desenvolvimento da pequena propriedade. (...) A estrada era uma garantia contra o isolamento e uma oportunidade a mais para a pequena propriedade, o sítio.²²

Assim, a partir da década de 1920, as grandes fazendas e os sítios conviveram lado a lado nas zonas pioneiras. Loteavam-se fazendas constituídas ou terrenos virgens, pois a terra, que, até então, tinha pouco valor, passou a ser um negócio extremamente rentável. Antigos colonos de fazendas da Mojiana e da Paulista, juntando suas economias, acorriam às novas zonas para adquirir lotes e formar suas próprias plantações de café, algodão, etc.

Dessa forma, a paisagem pioneira tornou-se incessantemente mais heterogênea e o mundo pioneiro mais complexo. Etnicamente, diversificou-se com a chegada de novos imigrantes europeus, asiáticos e "bairanos" cada vez mais numerosos. Socialmente, tornou-se mais complexa, com a instalação dos sítiantes e o aparecimento de novos tipos humanos, como os caminhoneiros, os comerciantes de beira de estrada, os loteadores de terras, os criadores e tropeiros, ao lado dos tipos clássicos do fazendeiro e do colono.

²⁰ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, p. 22.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 198.

²² Idem, *ibidem*, p. 201.

*A cidade e o pequeno povoado rural assumiram uma importância desconhecida até então. Nasceram da estação ferroviária ou na estrada de rodagem. Outrora dizia-se “fulano abriu tal fazenda”, agora diz-se “fulano abriu tal cidade”. Em 1928 tanto os pioneiros urbanos como os rurais confiavam no futuro, porque o café, a exemplo do que fizera vinte anos antes, permitia construir fortunas rapidamente. Mas a crise iria explodir e deveria, por suas conseqüências, complicar ainda mais a paisagem e o mundo pioneiros.*²³

Foi nessa época que a Companhia Paulista iniciou o prolongamento dos trilhos além Piratininga, ao longo dos quais surgiram, rapidamente, várias cidades que se tornaram grandes centros populacionais, entre elas Gália, fundada em 1927, Garça e Marília, ambas de 1928, chegando, também posteriormente, ao rio Paraná, na estação de Panorama. Era o surgimento de uma nova zona, que se denominaria “Alta Paulista”.

Outras ferrovias, principalmente a Sorocabana, ainda estenderiam seus trilhos para regiões desabitadas, fomentando o seu crescimento, como o ramal que essa empresa construiu saindo de Presidente Prudente em direção às margens do Paranapanema, onde surgiram Teodoro Sampaio e Euclides da Cunha, entre outras, nas divisas com o estado do Paraná.²⁴

*Só nesses trinta anos (1900-1930) “nasceram” 120 cidades e a população do Estado passou de pouco mais de 2 milhões para 7 milhões de habitantes. E “à ilharga dos povoados, nas gares estagiárias da via férrea, vão surgindo as coortes de café, de todos o melhor elemento colonizador, pois que cada milhão de cafeeiros fixa população nunca inferior a 1.500 habitantes”, segundo observação de Paulo de Moraes Barros (...).*²⁵

A abertura de ferrovias nessas “zonas novas”, também despertou o interesse do capital estrangeiro. Companhias agrícolas foram montadas, geralmente com capital europeu, operando em várias regiões do Estado de São Paulo, inclusive nas fronteiras agrícolas, como na Araraquarense, na Noroeste, na Alta Paulista e na Alta Sorocabana, promovendo a demarcação e o loteamento de terras, além de constituírem elas próprias grandes fazendas de café. Exemplos são as fazendas Cambuhy, em Matão, e a Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, em Gália. Nelas, ao regime de colonato foram mescladas algumas das vantagens do trabalho assalariado, como o direito às férias, por exemplo, além de vários atrativos ao trabalhador rural referentes, tanto ao lazer - cinema, teatro, clube social e esportivo - como a uma infra-estrutura de serviços, os quais ele não encontraria em outras propriedades rurais, como escola, comércio local, médicos, dentistas... Quase tudo, evidentemente, com um preço e sob severas condições de trabalho e ordem. Para usufruir desse mundo de

oportunidades, o trabalhador rural, e sua família, tinham de ser extremamente produtivos e seguir as regras impostas, caso contrário, eram despedidos e tinham de voltar a trabalhar em outras fazendas, como colonos “comuns”.²⁶

Nesse período, em geral, as fazendas deixaram de ser abertas por derrubadores de matas ou posseiros: as terras eram compradas e demarcadas por agrimensores. O traçado das fazendas torna-se mais regular, se parecendo com o das cidades dessas zonas pioneiras:

*Tanto a gleba como o grande município das regiões pioneiras têm a forma de um amplo retângulo, cujos lados correspondem, o mais freqüentemente possível, a elementos da topografia fáceis de balizar e de posição indiscutível. Os lados alongados são, geralmente, ou linhas de separação das águas entre duas bacias hidrográficas, ou cursos d’água. Espigões e rios dos planaltos ocidentais estabeleceram-se, assim, como os limites principais tanto dos municípios primitivos, como das vastas propriedades florestais.*²⁷

As glebas eram, quase sempre, retangulares e possuíam um lado com acesso a um curso d’água e outro no alto de um espigão, ou seja, tudo o que necessitava uma fazenda ou uma cidade. Era a racionalização da divisão do espaço, acabando com a valorização excessiva de certos lotes de terra em detrimento de outros e, por isso mesmo, dando ao loteador o maior lucro possível. Isso se refletiu na ocupação das terras das fazendas, associando a cafeicultura, localizada no espigão, com pastagens, nos fundos de vale e nas partes inferiores das encostas.²⁸

A partir da década de 1940, a grande plantação de café nas últimas regiões paulistas desbravadas, sem ter rompido com o esquema da fazenda clássica, estava mais próxima da organização de um modesto e pequeno sítio. Da fazenda, conservou as grandes plantações, porém, o processo de trabalho e o essencial da vida social haviam sido modificados: já não era o local de moradia ou de permanência em longos

²³ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, pp. 203-4.

²⁴ MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 135.

²⁵ BARROS, Fausto Ribeiro de. Esboço de marcha do povoamento do Estado de São Paulo. In: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo em quatro séculos. São Paulo, 1954. Apud: MATOS, O. de N. *Op. cit.*, 1990, p. 152.

²⁶ A esse sistema, aderiram não só grandes companhias cafeeiras, mas também, e talvez sejam até mais representativas desse modelo, em território paulista, as grandes usinas de açúcar, como a Tamoio, de Araraquara. Em geral, elas perduraram até o início das novas leis trabalhistas rurais, que ocasionaram o grande êxodo rural a partir da década de 1960.

²⁷ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, p. 215.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 216.

períodos por parte do fazendeiro e sua família, assim como, também, já não era palco de festas, jantares, ou de temporadas de veraneio. Como o sítio, a fazenda não estava mais voltada, exclusivamente, para a monocultura: plantava-se comercialmente também o algodão, a cana-de-açúcar e criava-se gado. As sucessivas crises do café deixaram ensinamentos: diversificava-se a produção, pois já se antevia que a cafeicultura por si só, não asseguraria mais os lucros que dera até então. Porém, no que tange à hierarquia, da fazenda de café do início do século XX para a da década de 1940, houve poucas alterações, conforme foi enfatizado por Monbeig:

No entanto, as residências dos fazendeiros perderam um pouco do seu fausto. Confortáveis e hospitaleiras, hoje elas recebem menos do que antigamente a visita da família toda. Por vezes, elas tornaram-se a casa do administrador, que tem sempre prontos um ou dois quartos para uma visita rápida do proprietário. As colônias deixaram de ter, cada vez mais, o aspecto triste e monótono. Ao invés de alojarem duas ou três famílias de colonos sob o mesmo teto, prefere-se construir uma casa por família. Os locais preferidos para as habitações, os edifícios administrativos e as instalações industriais, continuam a ser à pequena distância dos córregos.²⁹

As fazendas passaram a ter, quase sempre, seu núcleo de edificações, próximo dos trilhos, porém, as colônias continuaram sendo construídas nos vales, para não desperdiçar os terrenos dos espigões – área de exclusividade do café. Não foi raro, também, o fazendeiro, exercer outras atividades e residir nas cidades.

Isso não o impede de visitar fácil e freqüentemente sua ou suas fazendas, porque reside a poucos quilômetros dela. A dissociação entre a residência do proprietário, as construções industriais e administrativas e as habitações dos assalariados agrícolas, acentuou-se, portanto. Um estágio a mais foi franqueado em uma evolução que se esboçou desde os primeiros anos do século.³⁰

Entretanto, a essa época, o ciclo do café paulista já arrefecia e tomava o rumo sul, em direção às grandes manchas de terra roxa do oeste paranaense. A cafeicultura e a ferrovia já haviam cumprido seu papel de povoar e interligar praticamente todos os recantos paulistas e a herança de toda essa grande aventura é sentida até hoje. A ferrovia surgiu como forma de levar rapidamente a produção cafeeira até o porto de Santos, mas, além de resolver o problema do escoamento da produção, ela também acabou por estimular, cada vez mais, os cafeicultores a se embrenhar nos sertões, numa relação mutualista. Enquanto a cafeicultura existiu e foi rentável, as ferrovias paulistas sobreviveram. A partir do momento em que o café deixou de ter os lucros espetaculares que teve, por quase século e meio, as ferrovias foram decaindo, juntamente com as

plantações. Ao mesmo tempo em que cafezais eram arrasados, substituídos por outras lavouras, o mesmo ocorria com as ferrovias. Primeiro os pequenos ramais, depois grandes linhas-tronco seriam sucateadas, por abandono e falta de manutenção, e sumiriam ao longo do século XX, substituídos pelas rodovias e pelos caminhões. Também foram se deteriorando as edificações, tanto as das ferrovias, quanto as das fazendas. Era o fim de uma era. Da era do café!

Dados Estatísticos de São Paulo entre os anos de 1860 e 1930

Ano	Habitantes	Ferrovias (km)	Cafeeiros
1860	695.000	0	26.800.000
1870	830.000	139	60.462.000
1880	1.107.000	1.212	69.540.000
1890	1.385.000	2.425	106.300.000
1900	2.279.000	3.373	220.000.000
1910	2.800.000	4.825	696.701.545
1920	4.592.188	6.616	826.644.755
1930	7.160.705	7.100	1.188.058.354

Fonte: MATOS, O. N. *Café e Ferrovias. A evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. Campinas: Pontes, 1990, p. 142.

As fazendas mais antigas das “zonas novas”

Dentre as regiões de ocupação mais recente pela cafeicultura, a Araraquarense e a Sorocabana se distinguem da Alta Paulista e da Noroeste pela presença de uma porção de seu território ocupada ainda durante as últimas décadas do século XIX. São regiões limítrofes cujas grandes fazendas são muito semelhantes às da Paulista e da Mojiana, tanto em sua implantação, como também no seu aspecto arquitetônico.

A implantação segue procurando as ensolaradas meias-encostas e as aguadas, com as edificações dispostas em quadras, ou seja, ao redor de pátios de conformação retangular ou quadrada. O pátio principal é ocupado pelos terreiros e, ao seu redor, vão se distribuindo as instalações necessárias ao bom funcionamento da fazenda: a tulha e casa de máquinas na parte inferior; oficinas, cocheiras, estábulos, capelas, colônias, casa de administrador, casas de funcionários, entre outras edificações. Assim como na Paulista e Mojiana, aquele esquema *palladiano*, simétrico e rigoroso, com o eixo visual fortemente marcado pela

presença do casarão, vai se suavizando, muito embora, em alguns exemplares, ainda fosse possível notar a permanência de algumas de suas sugestões quanto à implantação das edificações.

O casarão, por exemplo, continua em destaque, porém, sua posição varia bastante: às vezes está na parte mais alta do terreno, logo à frente do terreiro, como nas fazendas São João, São Benedito e Santo Antônio, em Agudos. Porém, em outras ocasiões, ele situa-se ao lado ou abaixo do terreiro, como na São José, em Novais, na São João, em Catanduba ou na Salto e na Santo Antônio do Araquá, ambas em São Manuel. Por vezes, ainda, o casarão encontra-se ligeiramente afastado desse núcleo de beneficiamento do café, seguindo as tendências burguesas do final do século XIX, de separação do ambiente privado e aristocrático da família do fazendeiro, daquele mundo do trabalho, onde circulavam os trabalhadores, como nas fazendas Saltinho, em São Manuel, ou Serra Negra, em Botucatu. Não por acaso, nesses dois últimos exemplares, os casarões encontravam-se, além de afastados, também separados por muros e grades do espaço restante, e envoltos por imensos e graciosos jardins e pomares. Ou seja, já não há regras tão rígidas ou tendências, como havia nas fazendas do Vale do Paraíba ou da região Central.



Figura 3 (à esquerda) - Casarão da fazenda São Benedito, em Agudos, situado logo à frente, e acima, dos terreiros. Foto: V. Benincasa.

Figura 4 (à esquerda, embaixo)- Casarão da fazenda São João, em Agudos, visto dos terreiros. Foto: V. Benincasa.

Figura 5 (acima, topo) - Aspecto geral da fazenda Santo Antônio, Agudos. Observar o casarão, hoje já bastante alterado, logo acima dos terreiros. Foto: V. Benincasa.

Figura 6 (acima) - Aspecto geral da fazenda Santo Antônio do Araquá, em São Manuel. O casarão situa-se ao lado e na parte inferior dos terreiros, tendo à frente um grande pátio aberto. Foto: V. Benincasa.

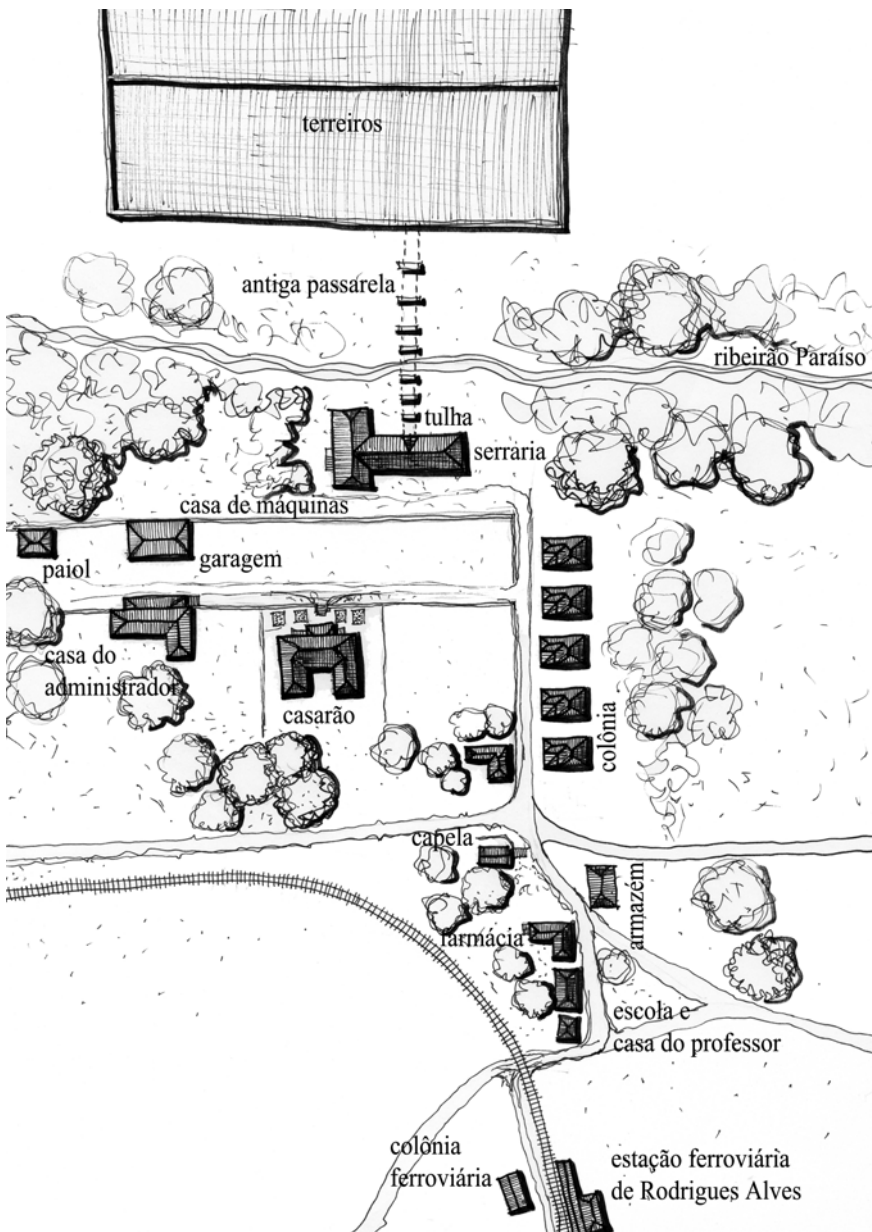


Figura 7 (acima, à esquerda) - Casarão da fazenda Salto, situado numa das laterais dos terreiros. Município de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 8 (à esquerda) - Implantação da fazenda Saltinho, em São Manuel. Nesse caso, o casarão encontra-se ligeiramente afastado do núcleo de beneficiamento de café. O terreiro, inclusive, encontra-se do outro lado do ribeirão que corta a propriedade, na encosta que recebe maior insolação durante o dia. A casa de máquinas ficava na margem oposta: a ligação entre ambos era feita por uma passarela suspensa por estruturas feitas em alvenaria de tijolos. Desenho: V. Benincasa.

Figura 9 (acima) - Aspecto geral da fazenda Serra Negra, em Botucatu. Assim como no caso da fazenda Saltinho, de São Manuel, o casarão também se encontra afastado do núcleo de beneficiamento de café. Na foto, podemos observar em primeiro plano os muros do terreiro, logo a seguir, a casa de máquinas. O casarão encontra-se na encosta oposta, do outro lado do ribeirão que corta o núcleo da fazenda. Foto: V. Benincasa.

Essa disposição das edificações segue a lógica do trabalho, do melhor aproveitamento da água e da insolação, e reflete, também, uma administração ainda semelhante ao padrão adotado nas últimas décadas do século XIX, onde, apesar de já estar nas mãos de um profissional contratado, o fazendeiro e sua família ainda eram presenças constantes nas fazendas, se não todo o ano, ao menos em boa parte dele.

A arquitetura dessas fazendas de regiões de povoamento mais antigo da Araraquarense e da Sorocabana, assim como nas zonas Paulista e Mojiana, variava bastante, inclusive dentro dos limites de uma mesma fazenda: sinal de que o enriquecimento dessas regiões se deu num momento de intensas modificações em diversos âmbitos. Surgiam novidades, rapidamente, tanto nas técnicas construtivas, quanto nas do beneficiamento de café; mudanças também ocorriam no modo de administração da fazenda e na economia mundial, e isso se refletia na paisagem edificada. Desse modo, nelas, é possível distinguir dois grandes grupos de construções: o primeiro de arquitetura mais tradicional, ligado àquelas técnicas dos primeiros séculos de colonização brasileira; e o segundo grupo, com uma arquitetura de tendências internacionais.

Naquele primeiro grupo aparecem edificações de feições mais rústicas, que foram construídas com técnicas tradicionais, como o embasamento de pedra, a alvenaria de taipa de mão, por vezes com a estrutura autônoma de madeira deixada aparente, e telhas irregulares do tipo capa e canal. São edificações ligadas à forte tradição mineira: não podemos esquecer do intenso povoamento mineiro tanto na Sorocabana, quanto na Araraquarense. Como exemplos, podemos citar as fazendas Santo Antônio do Araquá, em São Manuel, São Pedro, em Tietê, e outra de nome Boa Esperança, em Botucatu. Nelas, os muros de contenção dos terreiros ainda foram construídos com alvenaria de pedra, realizando grandes cortes nas encostas das colinas, e, talvez, sejam obra de mão-de-obra escrava. É provável que o método de beneficiamento utilizado inicialmente fosse somente por via seca, sendo os atuais despoldadores, como os encontrados na Boa Esperança, de Botucatu, e na Santo Antônio do Araquá, de São Manuel, adaptações posteriores.



Figura 10 (embaixo) - Terreiros. Fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 11 (acima, topo) - Terreiros: observar os paredões de pedra. Ao fundo, o casarão. Fazenda Boa Esperança, Botucatu. Foto do acervo da fazenda.

Figura 12 (acima) - Vista geral dos terreiros da fazenda Boa Esperança, Botucatu. Foto: V. Benincasa.





Figura 13 - Lavador dos terreiros da fazenda Boa Esperança, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 14 - Tanques de fermentação. Terreiros da fazenda Boa Esperança, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 15 - Trilhos das vagonetas, terreiros da fazenda Boa Esperança, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 16 - Muros de contenção do aterro da plataforma dos terreiros. Ao fundo, a casa de máquinas e a passarela. Fazenda Boa Esperança. Foto: V. Benincasa.

Nelas, também encontramos casas de administradores, em geral de aspecto simples. No exemplar da Santo Antonio do Araquá, a casa tem uma arquitetura muito parecida com a do casarão, embora seja uma edificação térrea. Diferem das casas de colônias ou de outros funcionários por sua localização próxima ao casarão e ao núcleo de beneficiamento de café, além das dimensões maiores.

Quanto aos casarões, eles assemelham-se muito aos exemplares de casas rurais mineiras dos séculos XVIII e XIX: são casas alpendradas, com guarda-corpos de balaústres de madeira recortada, ou com balaústres simples, de seção quadrada. O casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, por exemplo, apresenta dois alpendres, o frontal e um lateral, este último junto à área de serviços. Todos esses exemplares foram erguidos sobre embasamento de pedra,

Figura 017. Casa do administrador.
Fazenda Santo Antônio do Araquá,
São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 018. Casa do administrador.
Fazenda São Pedro, Tietê. Foto: V.
Benincasa.



gerando porão utilizável, e com as paredes do pavimento principal feitas em taipa de mão. Um único exemplar, além da taipa de mão, apresenta ainda parte do pavimento principal com paredes feitas em madeira: a fazenda Boa Vista, em Tietê. É bem possível que outros casarões de fazendas dessa região, ou mesmo de outras, apresentassem essa mescla de técnicas, madeira e taipa de mão³¹, no entanto, hoje em dia eles são muito raros, pois mesmo dentre os que só usaram a taipa de mão, foi comum a substituição desses tipos de vedação por tijolos.

A cobertura invariavelmente era feita com telhas do tipo capa e canal, pois ainda não haviam chegado, até a região, as telhas francesas importadas. No que se refere às aberturas, as janelas quase sempre apresentam vergas retas, com escuros internos e guilhotinas envidraçadas externas. As guilhotinas envidraçadas, por vezes, apresentam desenhos mais elaborados, como na própria Boa Vista, de Tietê; porém, no geral, elas possuem pinázios entrecruzando-se formando o tradicional desenho quadriculado. Nas portas, o desejo de modernização e de sofisticação fica evidente, ao se fazer uso do arco pleno na verga da porta de entrada, sendo o espaço resultante preenchido com graciosas bandeiras, protegidas por gradis metálicos ou de madeira.

O aspecto monolítico desses casarões, uma volumetria bastante recorrente nas casas paulistas da era do café, desde seus primórdios, foi suavizado pelo uso dos alpendres fronteiros e suas escadarias, desenhadas das mais diversas maneiras. Internamente, nota-se, nesses casarões mais antigos, a permanência dos padrões de divisão e distribuição de cômodos, foi uma solução duradoura e persistente nas casas rurais de São Paulo, que se tornou comum ainda nos tempos do primeiro ciclo do açúcar paulista: aquele velho esquema já bastante comentado nas casas do Vale do Paraíba e da região Central, ou mesmo nas casas mais antigas da Paulista e Mojiana. Em muitos deles, inclusive, ocorrem alcovas, mesmo sendo construídos durante as últimas décadas do século XIX. Muito em breve, porém, a exemplo do que ocorrera em outras regiões, essa tradição seria abalada com a chegada dos padrões do eclétismo historicista e das leis sanitárias, alterando as casas rurais construídas a partir da virada do século XIX para o XX, nas "novas zonas" cafeicultoras. Muitas das edificações erguidas com essas técnicas mais tradicionais foram demolidas, com o enriquecimento das fazendas, e substituídas por outras, que acabaram por mesclar velhos conceitos do habitar rural às novas tendências da arquitetura, ditadas, então, pelos padrões europeus. São exatamente dessas edificações que são compostas as fazendas do segundo grupo, dentre as mais antigas. Nelas aparecem construções já influenciadas pelo historicismo eclético, muito em voga do final do século XIX até aproximadamente 1920, arquitetura que carregava em si os sinais de uma modernidade e erudição muito apreciados pelos grandes fazendeiros de café.



Figura 19 (acima, topo) - Fachada do casarão da fazenda Morungaba, Tietê. Foto: Suelito de Campos Moraes.

Figura 20 (acima, centro) - Fachada do casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Casarão com embasamento de pedras, e alvenaria do pavimento principal originalmente em taipa de mão, substituído posteriormente por tijolos; notar a estrutura autônoma de madeira aparente. Foto: V. Benincasa.

Figura 21 (acima) - Detalhe da bandeira em arco pleno da porta de entrada do casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 22 (acima, topo) - Alpendre fronteiro do casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 23 (acima, centro) - Aspecto posterior do casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 24 (acima) - Aspecto da sala de jantar. Casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 25 (acima) - Detalhe do fogão à lenha. Cozinha do casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 26 (à direita, topo) - Detalhe de parede divisória do porão, vendose a estrutura da taipa de mão. Casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 27 (à direita) - Aspecto interno do porão. Casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 28 (abaixo) - Planta do casarão da fazenda Santo Antônio do Araquá, São Manuel. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

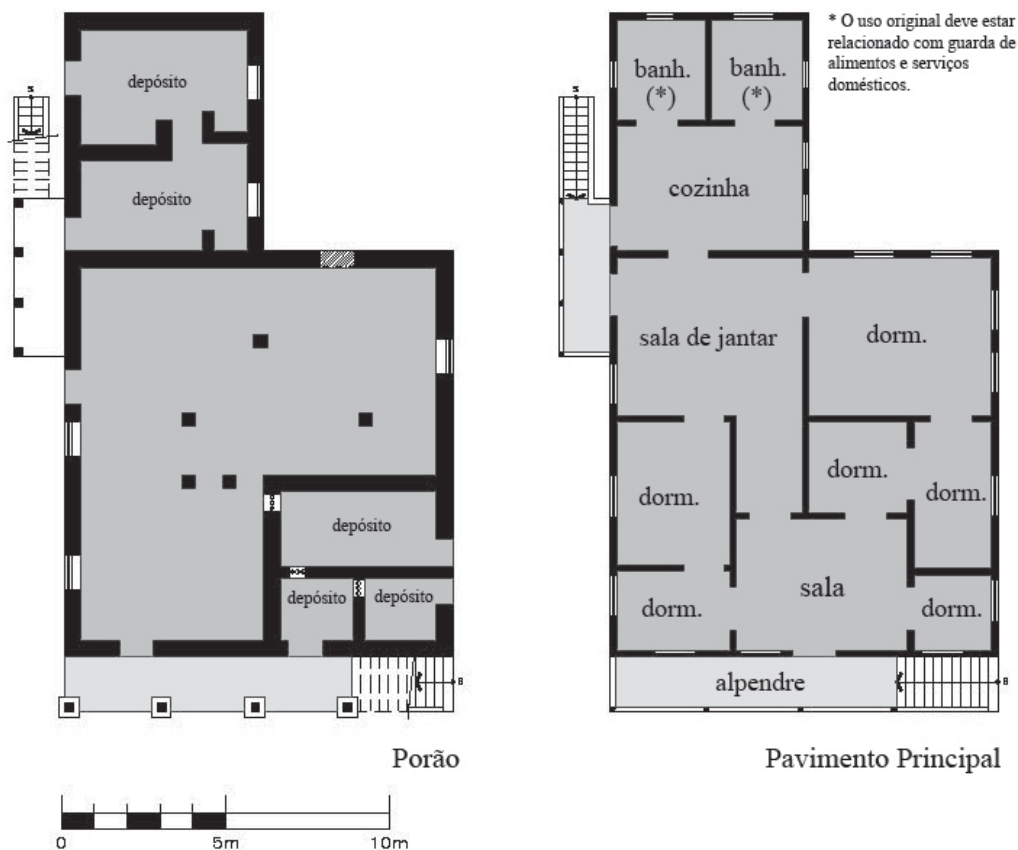




Figura 29 (acima) - Fachada do casarão da fazenda São Pedro, Tietê. Foto: V. Benincasa.

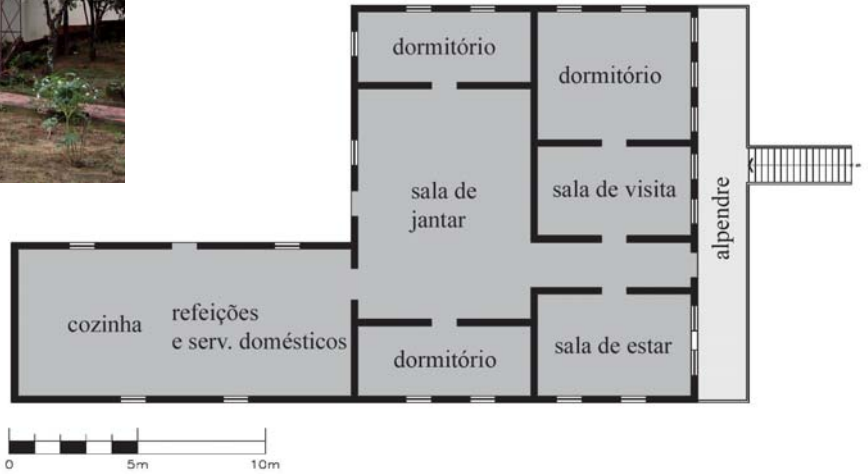


Figura 30 - (à direita) Planta do casarão da fazenda São Pedro, Tietê. Desenho: C. Corsi, baseado em levantamento encontrado em MARTINS, N. M. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p.116.

Figura 31 (à direita, abaixo) - Fachada do casarão da fazenda Boa Esperança, Botucatu. Foto: V. Benincasa.



Figura 32 (abaixo) - Planta do casarão da fazenda Boa Esperança, Botucatu. Desenho: M. Rosada, baseado em levantamento original de Júlio Abe, do acervo do CONDEPHAAT.



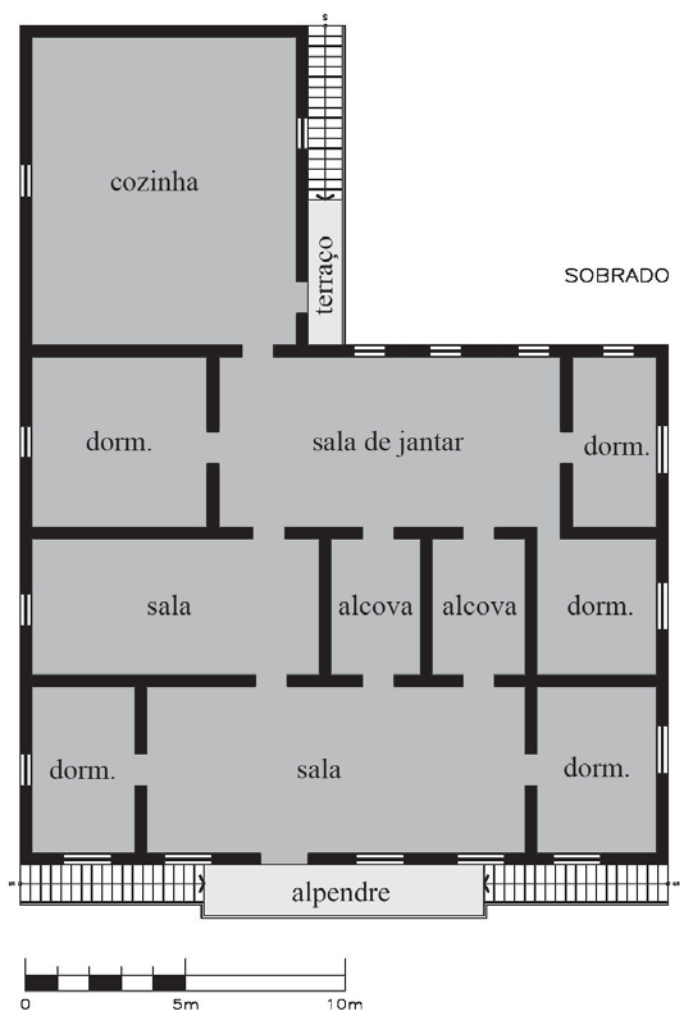
Figura 33 (à direita, topo) - Fachada do casarão da fazenda Boa Vista, Tietê. Notar as paredes de taipa de mão, na fachada da edificação, e a de alvenaria de madeira na lateral e, também, o desenho diferenciado dos pinázios das guilhotinas. Foto: Suelito de Campos Moraes.



Figura 34 (à direita) - Vista traseira do casarão da fazenda Boa Vista, Tietê. Notar as paredes de madeira e de taipa de mão. Foto: Suelito de Campos Moraes.



Figura 35 (abaixo) - Planta do casarão da fazenda Boa Vista, Tietê. Desenho: C. Corsi, baseado em levantamento encontrado em MARTINS, N. M. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p.206.



O modelo influenciado pelo chalé de montanha aparece, por exemplo, no casarão da fazenda Santa Delphina, em São Manuel.³² Trata-se de edificação com três níveis: porão, piso principal e sótão. A planta possui certa movimentação, embora isso não se reflita totalmente em sua volumetria, principalmente por causa da solução de telhado utilizada, duas águas cuja cumeeira se desenvolve perpendicularmente à fachada, dando-lhe o aspecto característico do chalé. O alpendre embutido numa das laterais, o gracioso lambrequim de madeira nos beirais, as portas-balcão com sacadas protegidas por guarda-corpos com balaústres de madeira torneados, as rusticações, molduras, além da pequena escadaria de acesso, cujo patamar é encimado por uma pequena cobertura independente, em duas águas, reforçam o aspecto de casa de montanha européia. Essa tipologia foi muito difundida no Brasil, inclusive no ambiente urbano, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Infelizmente, o exemplar da Santa Delphina sofreu descaracterizações e acréscimos e encontra-se abandonado há, aproximadamente, duas décadas. Seu aspecto atual em nada faz lembrar a descrição do almanaque de 1928 do município de São Manuel:

Entre as benfeitorias desta fazenda, a que mais desperta as atenções, é a casa de residencia, em que a exma. Sra. D. Delphina Pereira Ribeiro pôz em evidencia grande bom gosto.

É um predio lindo, vistoso, estylo bungalow. A apparencia externa produz a melhor impressão, fazendo advinhar o conforto interno.

Realmente existem ali as mais requintadas commodidades.

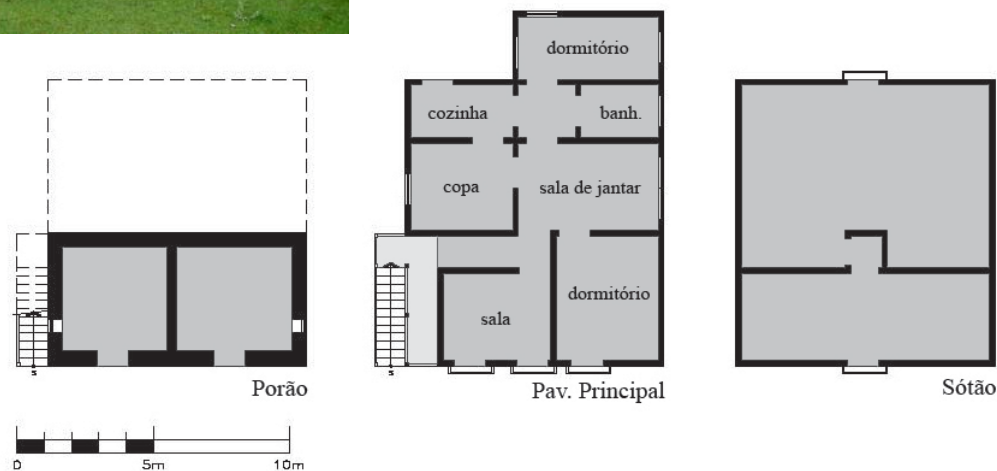
Bem construido, com solidez e elegancia de linhas, o edificio tem divisões feitas com criterio, de modo a satisfazer qualquer exigencia.

O mobiliario é bom, de muito apuro, pelo que ao entrar no palacete, sente o visitanteagradavel impressão de bem estar.

Foi installado serviço completo de luz electrica, telephone, exgottos, etc., sendo habitavel o porão.

À frente está largo passeio e formoso jardim que empresta ao ambiente uma nota alegre, graças ás cores vivas das diferentes especies de flores.

*Esse predio modernissimo, faz com que a Santa Delphina conserve um aspecto garrulo e interessante, impressionando quantos ali vão.*³³



³² Não pudemos entrar nesse exemplar, mas tivemos acesso a sua planta, existente no CONDEPHAAT.

³³ CALDEIRA Netto, J. *As Nossas Riquezas. Município de São Manuel*. São Paulo: Estab. Graphico Irmãos Ferraz, 1928, p. 251.

Figura 36 - Casarão da fazenda Santa Delphina, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 37 - Planta do casarão da fazenda Santa Delphina, São Manuel. Desenho: M. Rosada, baseado em levantamento do CONDEPHAAT.

Um padrão de casa rural bastante comum na virada do século XIX para o XX, na região de ocupação mais antiga pela cafeicultura da Sorocabana, foi o que utilizava a planta em “U”, como se observa nas fazendas Saltinho, em São Manuel; Serra Negra, em Botucatu; São João dos Agudos, em Agudos; e Palmeiras, em Tietê. No entanto, quanto à aparência, elas são bastante diversificadas.

O casarão da fazenda Palmeiras, em Tietê, de 1899, utiliza na composição externa elementos da linguagem neoclássica, como o uso de platibanda em todo o perímetro de sua cobertura, interrompida, na fachada, por um elegante frontão triangular, e, nas laterais, por dois frontões cimbrados, sobre as portas das salas de visita e de jantar, que dão acesso ao alpendre. Essa platibanda é, ainda, arrematada, nos cunhais e nas pilastras que ladeiam o frontão, por ânforas e coruchéus pré-fabricados.

Outros elementos bastante empregados pelo neoclassicismo estão presentes na composição das fachadas,

dando-lhe um aspecto bastante imponente, como pilastras, cimbalhas, pestanas, rusticações e almofadas. O belo alpendre corrido que circunda a parte fronteira da edificação, destinada à recepção de visitantes, tem o seu piso apoiado em arcos bastante robustos, que lhe garante o caráter sóbrio, tão prezado pelas leis neoclássicas. No entanto, esse aspecto é bastante suavizado pela delicadeza da estrutura metálica que apoia o telhado.³⁴

³⁴ Soubemos que o casarão passou, há pouco tempo, por um minucioso restauro, inclusive das pinturas parietais que ornamentam as salas fronteiras, infelizmente, quando ali estivemos, não nos foi autorizada a visita. Conseguimos as fotos externas com o Sr. Suelito de Campos Moraes, e outras informações no livro de Neide M. Martins, *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, pp. 251-261.

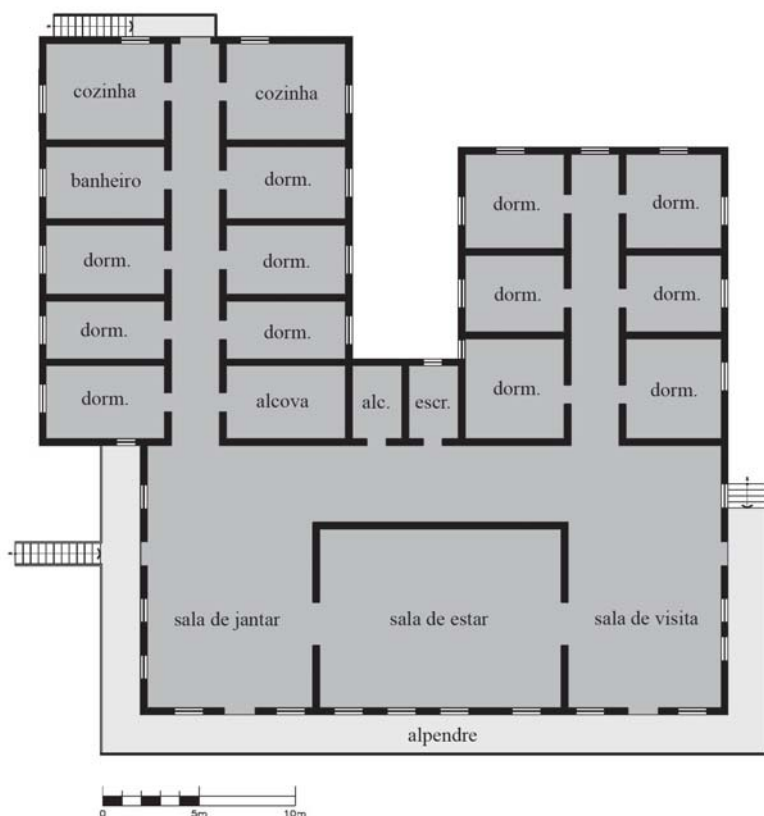


Figura 38 (acima, à esquerda) - Aspecto da fachada do casarão da fazenda Palmeiras, Tietê. Foto: Suelito de Campos Moraes.

Figura 39 (acima) - Fundos do casarão da fazenda Palmeiras, Tietê. Foto: Suelito de Campos Moraes.

Figura 40 (à esquerda) - Planta do casarão da fazenda Palmeiras, Tietê. Desenho: C. Corsi, baseado em levantamento encontrado em MARTINS, N. M. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p.254.

Na cidade de São Manuel, a fazenda Saltinho possui um casarão tão suntuoso quanto esse último, e que, provavelmente, foi construído à mesma época. A Saltinho foi uma das mais importantes fazendas de São Manuel, tendo em 1927, quase 460.000 cafeeiros, com uma produção de 54.000 arrobas. No almanaque de 1928, do município de São Manuel, o casarão é descrito da seguinte forma:

A casa de residencia é das melhores do município. De avantajadas proporções, alta, com porão habitavel, causa optima impressão. O interior é magnifico, ali havendo todos os recursos desejados em uma vivenda fidalga, como luz electrica, agua encanada, aparelhamento sanitario, telephone, etc.

Do elegante alpendre é possivel descortinar-se bella vista dos arredores.

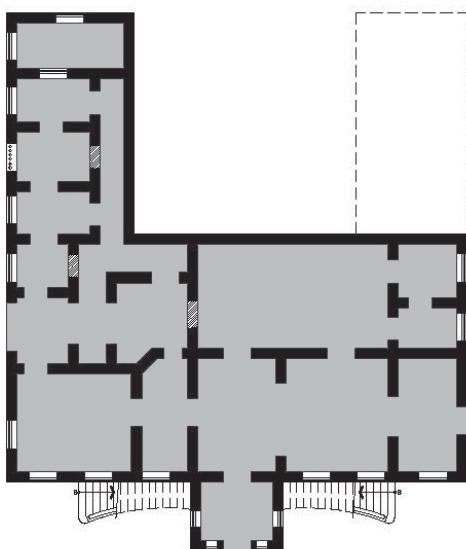
Um cuidado jardim completa os attractivos do soberbo edificio.³⁵

No porão dessa casa ficavam: o escritório, o salão de jogos, os aposentos para visitantes, além de depósitos. No pavimento principal, a faixa fronteiria segue o padrão das casas ecléticas, com escritório particular dos proprietários, vestíbulo e sala de visitas, além de dormitório destinado a visitantes ilustres. Em uma das alas laterais do "U", ficam os aposentos íntimos; aos fundos do corpo principal, está a grande sala de jantar, com suas portas e janelas voltadas para o jardim traseiro e pomar; e, na outra ala lateral, basicamente, estão os aposentos destinados a serviços domésticos. Havia ainda o sótão, cujo acesso se faz por uma escada em caracol, de madeira. Nesse sótão havia outros aposentos, destinados aos serviçais, iluminados por telhas de vidro e separados por divisórias de madeira.

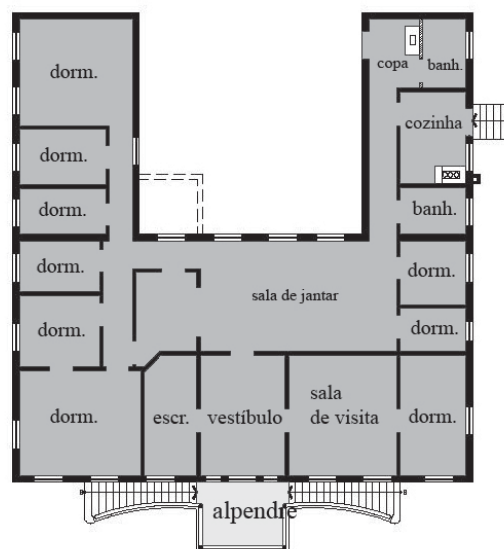
³⁵ CALDEIRA Netto, J. *Op. cit.*, 1928, p. 153.

Figura 41 - Fachada do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 42 - Planta do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.



Porão



Pav. Principal



Figura 43 (acima) - Outro aspecto da fachada do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 44 (à direita, topo) - Detalhe da escadaria do alpendre fronteiro. Fachada do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 45 (à direita) - Detalhe do alpendre, observar a estrutura metálica usada. Fachada do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.





Figura 46 - Detalhe da ornamentação e das aberturas. Alpendre fronteiro do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 47 - Lateral do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 48 - Fundos do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

No piso principal, apesar de o casarão estar vazio, e ter ficado por muitos anos fechado e abandonado³⁶, ainda era possível ver o apuro da construção. O piso, por exemplo, apresenta nas salas principais, um belo trabalho de assentamento de assoalho, formando desenhos geométricos, intercalando tábuas de madeira de cores diferentes; nas áreas molhadas, como banheiro, área de serviço, alpendre e, também, no vestíbulo, foi usado o mosaico de ladrilhos hidráulicos sobre lajes de abobadilhas.

Nas paredes da sala de visitas, apesar de recobertas por várias camadas de tintas, havia vestígios de pintura de faixas decorativas, e é possível que o mesmo tenha ocorrido em vários outros cômodos, dado o alto nível geral de acabamento que o casarão apresenta.

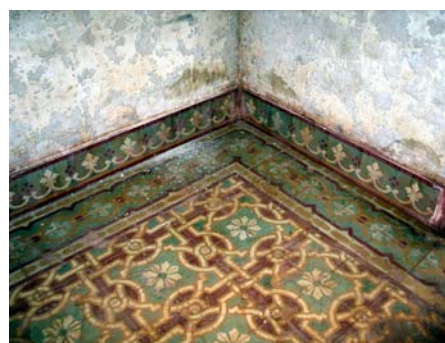


Figura 49 (à esquerda, topo) - Aspecto do sótão. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 50 (à esquerda) - Escada em caracol de acesso ao sótão. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 51 (acima, topo) - Aspecto da cozinha. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 52 (acima) - Aspecto do piso do vestíbulo. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 53 - Assoalho da sala de visitas. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 54 - Aspecto da sala de jantar. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 55 - Forro da sala de visitas. Observar a faixa de pintura decorativa junto ao forro. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Outro ponto a ser destacado, são os belos forros das salas de jantar e de visita: em todo o seu contorno, eles possuem ligeira curvatura, dando-lhes o aspecto de gamelas, que contornam o retângulo central; ao centro, no local onde havia o lustre, um medalhão de madeira entalhada completa a decoração.

O porão, por ser bastante utilizado, recebeu um acabamento mais esmerado do que usualmente ocorria. Suas paredes robustas foram feitas de tijolos, e grande parte das aberturas é arrematada por arco pleno, a melhor solução para descarregar as forças de contração no embasamento, este feito com pedras. De pedra também são os arrimos que sustentam o corte feito no terreno para possibilitar a existência dos espaços utilizáveis do porão. Um detalhe construtivo nos chamou, sobremaneira, a atenção: no espaço resultante sob o alpendre fronteiro, formou-se uma espécie de vestíbulo, um *hall* de entrada ao porão, suas aberturas, com vergas em arco pleno, incrustadas nas grossas paredes, possuem generosos parapeitos sob os quais há uma reentrância, ligeiramente curva, que desce da base do peitoril da janela em direção ao piso, de forma a acomodar os pés do espectador, ficando seu corpo o mais próximo possível da janela. Trata-se de um pequeno detalhe, executado para melhor acomodar os possíveis observadores da paisagem, visto que o casarão situa-se num alto platô, que proporciona grande conforto a quem dele usufrui.



Figura 56 (acima) - Detalhe das abobadilhas abaixo do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 57 (à direita, topo) - Aspecto do porão. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 58 (à direita) - Porão: aspecto do cômodo abaixo do alpendre fronteiro; observar o detalhe da reentrância abaixo do peitoril das janelas. Casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Externamente, esse casarão ostenta uma linguagem que se aproxima da utilizada no barroco italiano, misturado a outras tendências, bem ao gosto eclético. O telhado, com cobertura de telhas francesas, é todo circundado por platibandas. Na fachada principal, essa platibanda adquire um desenho bastante rebuscado: nas laterais, sobre seções de fachada ligeiramente salientes do corpo central, há segmentos de platibanda, decorados por almofadas e encimados por acrotérios; seguem-lhes, em direção ao centro, segmentos de platibanda vazada, composta por balaústres de cimento; ao centro, aparece um frontão em arco interrompido, encimado por uma ânfora e ladeado por duas estátuas de leões, tendo, logo abaixo, as iniciais do proprietário à época de construção, MRS, ou Manoel Rodrigues Simões.

Ao centro da fachada, o elegante alpendre todo feito em ferro fundido (incluindo o gradil, os pilares e a estrutura do telhado), é sustentado por estrutura de tijolos com aberturas em arco pleno. Duas escadarias, ligeiramente curvas, uma de cada lado, fazem a ligação entre o belo jardim e o piso do alpendre.

As aberturas seguem o alto padrão da edificação: nas janelas aparecem, na parte externa, as folhas envidraçadas, com bandeiras, dispensando o uso, já ultrapassado, das guilhotinas e, na parte interna, folhas almofadadas; a porta

de entrada, de folha dupla, além das almofadas na parte inferior, possui postigos protegidos por belos gradis metálicos e adornos de madeira entalhada, à moda de pequenos frontões triangulares, seguros por consolos com folhas de acanto estilizadas. A decoração é completada por pestanas salientes e molduras com florões em relevo, acima das aberturas, e rusticações.

À frente, o jardim composto de vários canteiros e passeios calçados de tijolos, envolvido por belo gradil metálico. O casarão e os jardins estão situados numa das várias plataformas em que foi regularizado o relevo original. Não por acaso, no mesmo patamar do casarão, logo após o jardim, fica situada a casa do administrador, numa explícita demonstração da hierarquia.

Seguem-lhe outras duas plataformas seguras por arrimos de pedra, antes de chegar ao fundo do vale: na última delas, está a casa de máquinas, construída em alvenaria de tijolos aparentes, sobre alicerces de pedra, com cobertura de telhas francesas: a utilização de tacanizas interrompidas lhe dá um aspecto que é pouco comum em edificações desse tipo. Ao seu lado, ficavam as tulhas, a serraria e os moinhos, dos quais sobrou, parcialmente, o embasamento. No lado oposto do rio Paraíso, se localizava o terreiro, do qual, igualmente, só resta um dos paredões de pedra, além dos pilares de sustentação dos trilhos das vagonetas.



Figura 59 - Aspecto do jardim do casarão da fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 60 - Casa de máquinas. Fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 61 - Alicerces de pedra da tulha, serraria e moinhos; à direita, os pilares que sustentavam os trilhos das vagonetas. Fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 62 - Interior da casa de máquinas. Fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Segundo o almanaque de 1928, os terreiros eram *completamente ladrilhados, com lavadores e iluminação eléctrica*, a máquina de beneficiamento era *combinada, beneficiando 800 arrobas diárias e tocada por força hydraulica*. Havia, também, *torrador de café, funcionando mecanicamente, com capacidade para 60 kilos, moinho de fubá, desintegrador, etc.* Além de oficinas e ferraria para manutenção das máquinas. Ali também encontramos informações sobre a colônia, composta por 72 casas, ocupadas, então, por 64 famílias. Dessas colônias mais antigas nada restou, atualmente existem várias casas, provavelmente construídas entre 1940 e 1960, bastante confortáveis, se levarmos em conta o padrão antigo de casa de colônia, dotadas de alpendre fronteiro, banheiro e cozinha com água encanada, sala, dormitórios e área de serviço aos fundos.

Porém, já no início do século XX, para atender os colonos, havia na fazenda um pequeno núcleo de serviços, formado por uma escola, freqüentada por crianças da Saltinho e de fazendas vizinhas; e *um bem sortido armazém, excelente farmácia, onde morava distinto clinico*.³⁷ Completando esse pequeno núcleo, havia a capela, para os serviços religiosos, construída em 1907, e ainda, praticamente fazendo parte da sede da fazenda, a estação ferroviária de Rodrigues Alves, da linha tronco da Sorocabana, por onde o café era transportado.

A estação ferroviária, as casas dos funcionários da Sorocabana, mais as casas de colônia e as demais edificações daquele pequeno núcleo, à primeira vista, dão, a quem ali chega, a falsa impressão de que se trata de um pequeno povoado abandonado e decadente que já viveu dias melhores. A estação e as casas da Sorocabana estão abandonadas e em ruínas; a escola, a casa do professor e a venda estão fechadas, assim como a capela; somente a antiga farmácia encontra-se ocupada por trabalhadores da usina de cana-de-açúcar, que arrendou as terras da fazenda. Mesmo assim, seu aspecto atual é de decadência.



Figura 63 (à direita, topo) - Farmácia Simões. Fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 64 (à direita, centro) - Escola e casa do professor. Fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 65 (à direita) - Capela. Fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 66 (à esquerda, topo) - Estação de Rodrigues Alves. Fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 67 (à esquerda, centro) - Casas de funcionários da ferrovia Sorocabana. Estação de Rodrigues Alves, fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 68 (à esquerda) - Casas de colônia, provavelmente construídas entre as décadas de 1940 e 1960, fazenda Saltinho, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Na cidade vizinha de Botucatu, fica a fazenda Serra Negra, que pertenceu a Manoel Ernesto Conceição, o conde de Serra Negra. Ali restam poucas edificações do núcleo original: o casarão, envolto pelos muros do antigo jardim e pomar; o edifício que abriga a casa de máquinas e tulha; além de alguns muros do antigo terreiro.

A planta do casarão dessa fazenda desenvolve-se em "U", assim como o exemplar anterior. Atualmente, encontra-se desocupado, embora em razoáveis condições de conservação, após alguns anos de abandono. Pela visita ao local, percebe-se que ele passou por alterações e acréscimos: os alpendres corridos que envolvem duas de suas fachadas, e o terraço octogonal, ao lado da sala de jantar, são adições provavelmente feitas no início do século XX, para lhe dar maiores condições de conforto. No caso do alpendre, isso é facilmente percebido pelo fato do seu telhado não concordar com o do casarão, ao contrário, as inclinações são de ângulos diferentes, estando o telhado do primeiro acima do segundo, o que forçou a colocação de uma calha para receber as águas de chuva entre um e outro.

Essas alterações ficam ainda mais evidentes ao analisarmos a planta da edificação: a sala de visitas, comumente o

cômodo de entrada das casas rurais do século XIX, fica praticamente deslocada do trajeto atual de circulação, uma vez que o acesso ao alpendre se dá por uma escada não frontal, como seria o usual, mas numa das laterais, junto a uma ala de dormitórios. Não há sinais visíveis da existência de uma escada frontal, mas é bastante possível que o acesso se desse pela fachada principal, e não pelas laterais. Nessa nova configuração, talvez o dormitório, situado ao lado da sala de jantar, tenha virado uma espécie de sala de visitas, e o antigo salão fronteiro, uma sala de estar. Também é provável que antigas janelas tenham sido transformadas em portas-balcão, uma vez que, sem os alpendres frontal e lateral, essas portas não poderiam abrir para um desnível tão acentuado. São adaptações de programa, comuns em casas em uso, que se modificam para atender novas demandas, novos usos.

As duas alas posteriores, que dão à conformação em "U", eram usadas como salas de banhos e serviços domésticos, numa disposição que foi usual nesse tipo de solução.³⁸

O porão, como foi corrente nesse período, deve ter tido usos administrativos, de dormitório, em situações ocasionais, além de depósito.

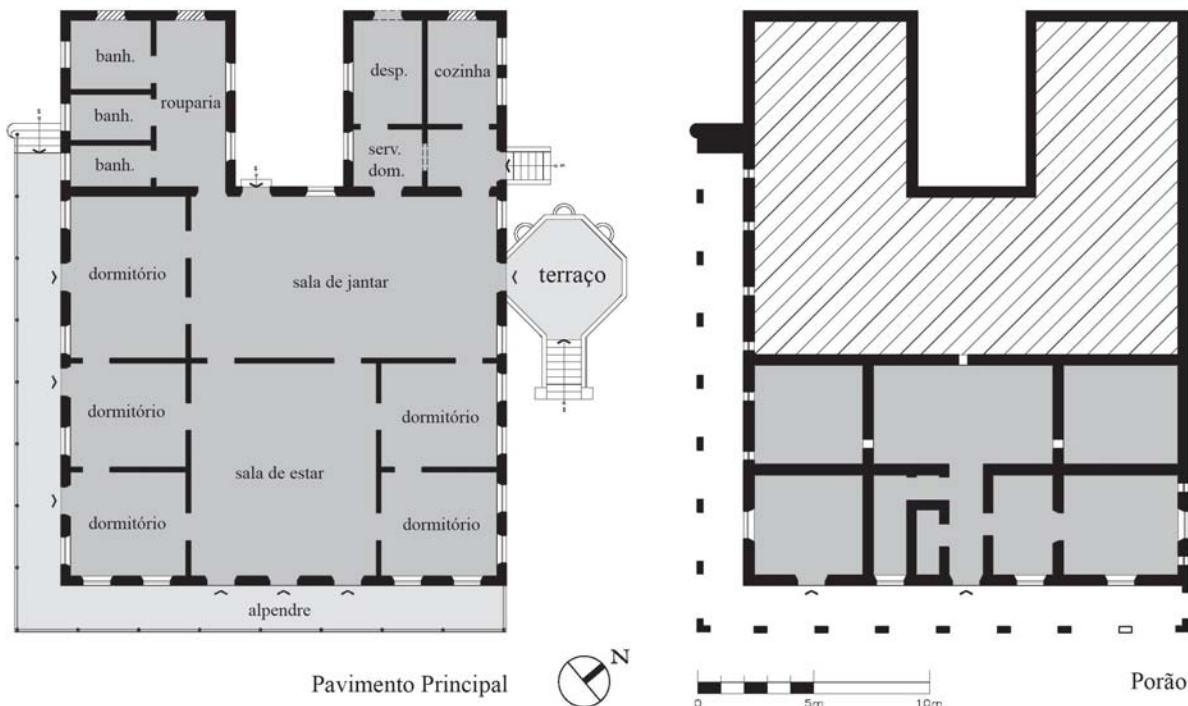


Figura 69 - Planta do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Levantamento e desenho: V. Benincasa.

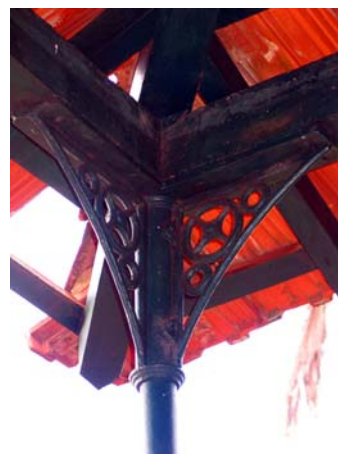


Figura 70 (à esquerda, topo) - Aspecto do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu, vendo-se as duas fachadas alpendradas. Foto: V. Benincasa.

Figura 71 (à esquerda, centro) - Lateral do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu, vendo-se o terraço octogonal, ao lado da sala de jantar. Foto: V. Benincasa.

Figura 72 (à esquerda) - Fachada posterior do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 73 (acima, topo) - Detalhe da coluna metálica de sustentação da cobertura do alpendre do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu, semelhante ao usado no casarão da fazenda Palmeiras, de Tietê. Foto: V. Benincasa.

Figura 74 (acima) - Detalhe de maçaneta das portas-balcão voltadas para o alpendre. Casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Foto: V. Benincasa.



Figura 75 (acima, topo) - Sala de jantar: aspecto interno do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 76 (acima) - Aspecto interno de dormitórios do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 77 (à direita, topo) - Detalhe de lavatório, num dos dormitórios do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 78 (à direita) - Aspecto da cozinha do casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Fogão com tampo metálico, provavelmente da primeira metade do século XX. Foto: V. Benincasa.



Figura 79 - Aspecto da rouparia. Casarão da fazenda Serra Negra, Botucatu. Notar o piso revestido com ladrilhos hidráulicos. Foto: V. Benincasa.

Figura 80 - Um dos portais de entrada aos jardins do casarão, fazenda Serra Negra, Botucatu, vendo-se as duas estátuas de porcelana portuguesa. Foto: V. Benincasa.

Figura 81 - Outro portal de entrada aos jardins do casarão, fazenda Serra Negra, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Figura 82 - Aspecto dos jardins do casarão, com vestígios de tanque com repuxo. Fazenda Serra Negra, Botucatu. Foto: V. Benincasa.

Na verdade, parte do interesse desse casarão vem justamente dessas alterações, que nos ajudam a entender a mudança de costumes ao longo da virada do século XIX para o XX, como, por exemplo, a proliferação do uso de alpendres, do gosto pela apreciação da paisagem, da abertura das casas para o exterior. Esse casarão traz, já na implantação, a “modernidade” do afastamento do núcleo de trabalho, embora seja bem visível de vários pontos do núcleo da fazenda, por se achar numa meia encosta de um extenso vale. O núcleo de trabalho – terreiros, casa de máquinas, tulhas - encontra-se do outro lado do vale e do ribeirão. Além disso, o casarão encontra-se envolto por um amplo pomar, aos fundos, e pelo jardim, do qual restam hoje apenas indícios dos canteiros, de tanques e repuxos d’água, passeios, e os muros, com duas grandes entradas monumentais, uma delas com duas belas estátuas de porcelana da Fábrica Santo Antônio, da cidade portuguesa do Porto, uma representando a África e, outra, a Ásia, sobre robustos pilares.

A outra edificação remanescente é a casa de máquinas, datada de 1917, conforme inscrição em sua fachada. Trata-se de um grande galpão, com cobertura em duas águas, com fachada simétrica e situado logo abaixo do terreiro. Nela, hoje, funciona um depósito, uma vez que a propriedade pertence a usina de cana-de-açúcar São Manuel. Mesmo não sendo possível entrar, deduzimos, pelo desenho da fachada que, em seu interior, houve uma passarela suspensa, com entrada via terreiro, como foi comum nesse tipo de construção. Ainda existe a ligação com o terreiro, a qual, por razões óbvias, não é mais utilizada.

Figura 83 - Casa de máquinas.
Fazenda Serra Negra, Botucatu.
Foto: V. Benincasa.



Uma outra fazenda que apresenta casarão com planta em “U”, e características da arquitetura historicista é a São João, em Agudos. Seu casarão foi construído em 1895, pelo coronel Delfino Alexandrino de Oliveira Machado, um dos principais chefes políticos locais, tendo sido a primeira grande casa rural do município.³⁹ Assim como os exemplares descritos anteriormente, esse casarão apresenta aspecto típico das casas construídas ao final do século XIX, com soluções técnicas e material construtivo que a diferencia dos casarões de arquitetura tradicional, como o uso de telhas francesas; alvenaria de tijolos; tábuas de assoalho regulares; guarda-corpo do alpendre fronteiro com gradis metálicos; lajes feitas com a técnica de abobadilhas, com assentamento de piso frio (ladrilhos hidráulicos) em áreas molhadas e no alpendre fronteiro; do fogão com chaminé; presença de encanamento de água fria e quente e presença de banheiro equipado com louça sanitária.

O uso da alvenaria de tijolos, inclusive nas grossas paredes do porão - apenas o embasamento é feito com pedras – facilitou a perfeita execução do projeto desse casarão, que possui uma planta não simétrica, e com movimentação maior do que o usual, para a época, com alpendre contínuo percorrendo três de suas faces, e variados recortes. Trata-se de uma variação da planta em “U”, com o terraço entalado aos fundos, entre as duas alas posteriores. A disposição dos cômodos assemelha-se bastante a da fazenda Serra Negra, de Botucatu, por exemplo: a inovação está em não haver alcovas, e ocorrer uma maior simbiose entre área íntima e social, embora estivesse ainda bem resguardada a privacidade da família do fazendeiro.

O aspecto geral da edificação é bastante agradável e harmônico, conseguido, principalmente, pela falsa sensação de simetria da fachada que o uso do alpendre, o desenho do telhado e a distribuição das aberturas do corpo central proporcionam; e também pela boa dosagem dos elementos ornamentais (pestanas, cunhais e cimalkhas), pela porta central, com sua bandeira em arco pleno e pelo simples, mas eficiente, desenho dos pilares de sustentação da cobertura do alpendre.

Internamente, o acabamento reflete o mesmo apuro e sobriedade: forros bem feitos, formando desenhos geométricos, guarnecidos de alisares e medalhões centrais, junto aos lustres; pinturas decorativas simples, ainda perceptíveis sob as várias camadas de tintas; portas e janelas com folhas almofadadas.

O porão utilizável, também possui um acabamento não tão sofisticado quanto o pavimento principal, mas o cuidado é visível no desenho dos pilares de madeira, no assentamento em diagonal dos ladrilhos cerâmicos, e nas bem executadas abobadilhas.

³⁹ ROSA, M. de. *Agudos: 100 anos de história 1898-1998*. Agudos: Brahma/Espaço Histórico Plínio Machado Cardia, 1998, p. 34.

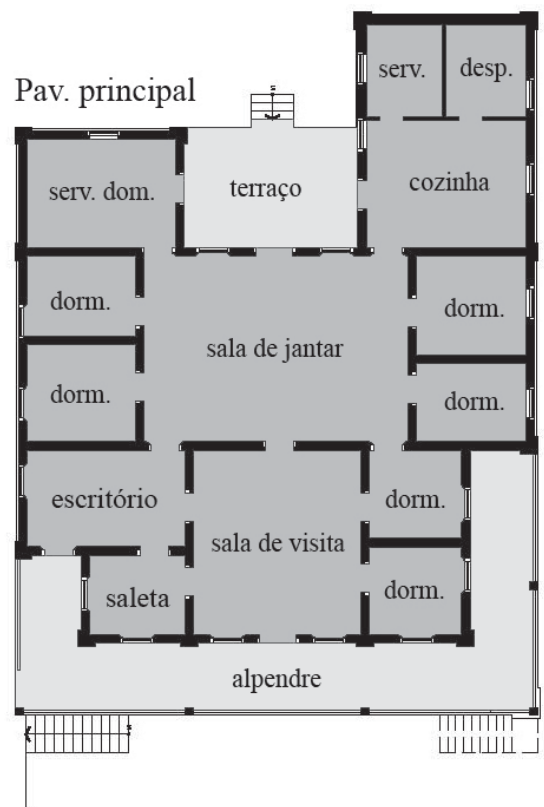
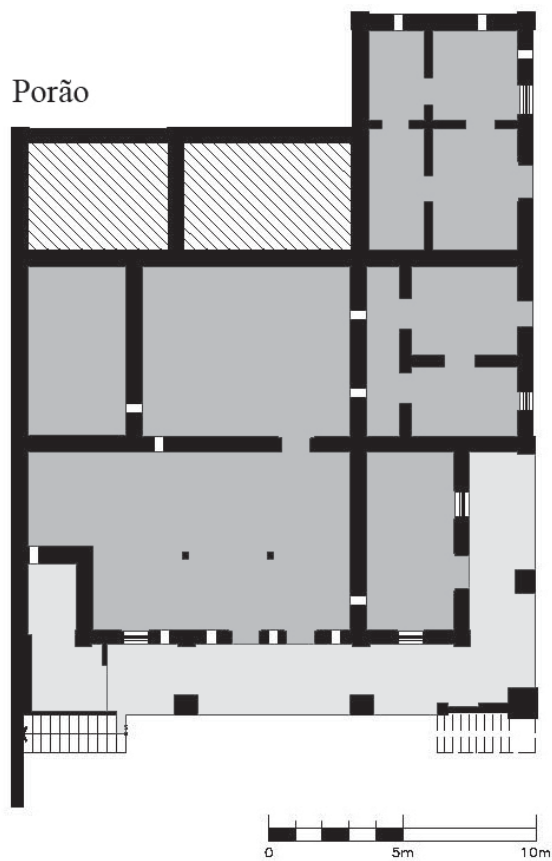


Figura 84 (acima, topo) - Planta do casarão da fazenda São João, em Agudos. Levantamento: V. Benincasa e R. G. Giandressi. Desenho: M. Rosada.

Figura 85 (acima) - Fachada do casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 86 (à direita) - Alpendre fronteiro: notar o piso de ladrilho hidráulico e o gradil metálico. Casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.



Figura 87 (à esquerda, topo) - Detalhe da bandeira em arco pleno da porta principal e a placa metálica pintada com as iniciais D. A. O. M. (Delfino Alexandrino de Oliveira Machado) e a data de construção: 1895. Casarão da fazenda São João, Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 88 (à esquerda, centro) - Fundos do casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 89 (à esquerda)- Antiga escada, hoje não mais existente, que ficava no lado direito da fachada do casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto da primeira metade do século XX, acervo do Espaço Histórico Plínio Machado Cardia, Agudos.

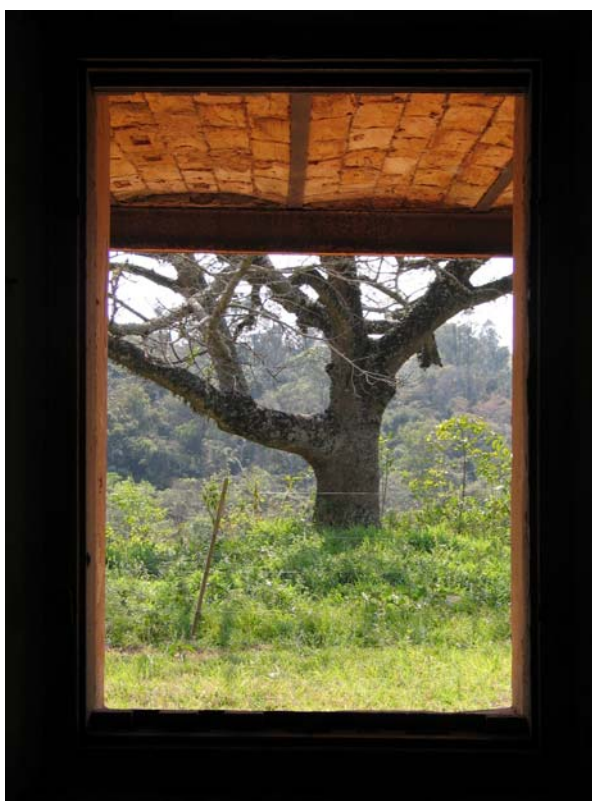
Figura 90 (acima) - Forro da sala de visitas. Casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.



Figura 91 - Detalhe de pintura decorativa da sala de visitas. Casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 92 - Aspecto do salão principal do porão, notar o piso e o bom acabamento dos esteios de sustentação do piso da sala de visitas. Casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 93 - Vista de uma das janelas do porão: observar a estrutura em abobadilhas do piso do alpendre. Casarão da fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.



O mesmo apuro se encontra na casa de máquinas, edificação construída em 1907. Infelizmente, os anos de abandono e falta de uso fizeram com que seu telhado e o piso interno ruíssem, restando, do antigo sobrado, apenas parte das paredes, empenas e a escadaria em dois lances, de acesso aos terreiros. Além dessas duas edificações, restam os terreiros, com seus paredões de alvenaria de pedra seca e a grande plataforma atijolada.



Figura 94 - Vista lateral da casa de máquinas. Fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 95 - Vista das ruínas da casa de máquinas, a partir do terreiro: observar a escadaria em dois lances. Fazenda São João, em Agudos. Foto: V. Benincasa.



Em outras fazendas da Sorocabana, vamos encontrar fazendas desse mesmo período, com edificações ligadas ao ecletismo, como a São José, em Jumirim, antigamente chamada de Santo Izidro; a Redenção, em São Manuel; a Val de Palma, em Bauru; ou a Santo Antônio e a São Benedito, ambas em Agudos.

Os casarões das fazendas São José e Redenção nos remetem a casos semelhantes de outras regiões, por se tratarem de casas geminadas, onde moravam: o proprietário da fazenda, na casa maior e, ao lado, o administrador.⁴⁰

O exemplar da fazenda São José, provavelmente ainda do século XIX, deve ser um dos mais antigos da região. A sua planta atual encontra-se bastante alterada, por isso, aqui, reproduzimos a planta encontrada no trabalho de Neide Marcondes Martins, que mostra a casa ainda num aspecto mais próximo do original. Ali podemos perceber que sua divisão interna remete às plantas de casas rurais da primeira

metade do século XIX de outras regiões, como as do Vale do Paraíba ou da região de Campinas e Piracicaba, por exemplo, em que aparece uma faixa fronteiria destinada às salas, seguida de outra, composta por alcovas e dormitórios, depois, a sala de jantar, e tendo, aos fundos, o anexo de serviços. Isso na parte destinada ao fazendeiro e sua família. A casa do administrador é bem mais simples, sendo composta de: uma sala, dois dormitórios e cozinha – o banheiro, evidentemente, é adaptação posterior. O aspecto externo dessa edificação dupla deve ter sido obra, também, de adaptações ocorridas entre o final do século XIX e o início do século XX, principalmente os dois alpendres de estrutura metálica guarnecidos de lambrequins, de forro do tipo saia e camisa, e de piso de ladrilho hidráulico.

⁴⁰ Lembremos dos casos vistos anteriormente dos casarões das fazendas Santa Isabel (antiga Tamandaré), em Descalvado, e Fazendinha, de Campinas.

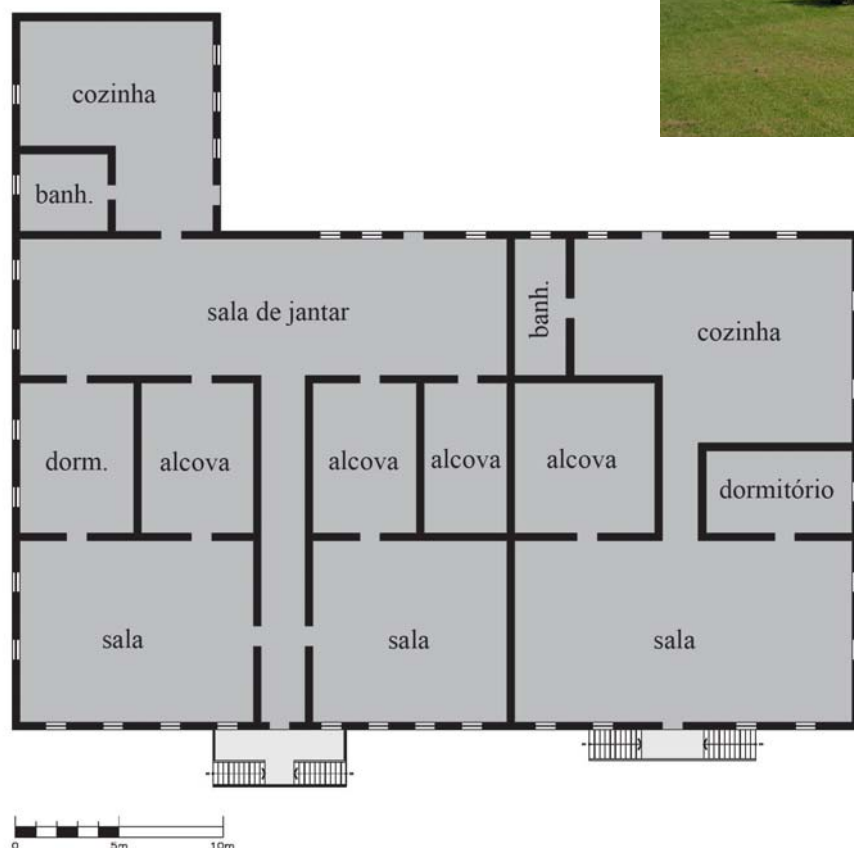


Figura 96 - Casarão da fazenda São José, em Jumirim. O primeiro alpendre corresponde à antiga entrada da casa do administrador; o segundo, à casa do fazendeiro. Foto: V. Benincasa.

Figura 97 - Planta do casarão da fazenda São José (antiga Santo Izidro), de Jumirim. Desenho: C. Corsi, baseado em levantamento encontrado em MARTINS, N. M. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p.273.



Figura 98 (acima, topo) - Alpendre da casa do proprietário. Fazenda São José, em Jumirim. Foto: V. Benincasa.

Figura 99 (acima, centro) - Alpendre da casa do proprietário: detalhe da bandeira da porta principal. Fazenda São José, em Jumirim. Foto: V. Benincasa.

Figura 100 (acima) - Detalhe de bandeira de porta interna: um dos antigos elementos que denunciam ser, essa casa, anterior ao período de chegada da arquitetura historicista na região. Fazenda São José, em Jumirim. Foto: V. Benincasa.

Figura 101 (acima, topo) - Alpendre da casa do proprietário: detalhe do piso e do guarda-corpo metálico. Fazenda São José, em Jumirim. Foto: V. Benincasa.

Figura 102 (acima) - Alpendre da casa do proprietário: detalhe do forro. Fazenda São José, em Jumirim. Foto: V. Benincasa.

O casarão da fazenda Redenção, de São Manuel, ao contrário, apesar de fazer uso da planta dupla, trata-se de edificação mais recente, da década de 1910. Assim como o exemplar anterior, esse casarão passou por reformas que a desfiguraram em vários aspectos e, também aqui, nos valem de um levantamento conseguido no arquivo do CONDEPHAAT, feito na década de 1970, e de fotos antigas pertencentes ao arquivo da própria fazenda.



Figura 103 - Casarão da fazenda Redenção, São Manuel. Foto da década de 1920, acervo da própria fazenda.

Figura 104 - Planta do casarão da fazenda Redenção, em São Manuel. Baseado em anotações no local e em levantamento feito pelo CONDEPHAAT, na década de 1970. Desenho: M. Rosada.



Trata-se de uma variação das tradicionais casas com plantas em "L", com corpo fronteiro destinado a cômodos sociais e íntimos e, aos fundos, a área de serviços. O aspecto inusitado está em, praticamente, se seccionar a área de serviços do corpo fronteiro, para garantir melhor iluminação a alguns dormitórios. No já citado almanaque de 1928 do município de São Manuel, encontramos uma descrição desse casarão:

A séde da Fazenda Redempção é um palacete amplo, construído com a observância de todas as regras e no qual notamos positiva commodidade.

As suas 10 largas janellas de frente, com passeio de onde é possível admirar todos os recantos da estancia, dão ao edificio um ar de severa grandiosidade.

No interior o conforto é absoluto, embora não exista luxo absurdo.

Mobiliario completo, luz electrica, telephone, "Frigidaire", filtros ventiladores, aperfeiçoadissimo aparelho de radio, com alto fallante, etc.

Nos baixos estão montados com todos os recursos os escriptorios, sendo guarda-livros o distincto moço snr. Jorge Henrique Mittelsdorf, typo de perfeito cavalheiro, que a todos acolhe com fidalguia e gentileza.⁴¹

A descrição resume-se ao casarão, uma vez que se mencionam apenas as dez janelas existentes na fachada e na lateral voltada para o terreiro, não se referindo à casa anexa do administrador. Hoje as duas casas foram unidas, assim como ocorreu no exemplar da São José, transformando-a numa única habitação. A técnica utilizada foi a alvenaria de tijolos, inclusive nas paredes do porão, sendo o embasamento de pedras. Realmente, apesar do bom acabamento não se notam aqui os sofisticados materiais de acabamento de outros casarões: não há sinais de pintura decorativa, nem forros trabalhados. É uma casa confortável, mas sóbria. Mesmo externamente, não existem ornamentos que a destaquem. No entanto, essa fazenda, pertencente à família Barros⁴², foi uma das maiores e mais exemplares de São Manuel, no que diz respeito à produção e organização do espaço, conforme descrição existente em outro trecho do mesmo almanaque:

Ao ser deliberada a visita á Fazenda Redempção, nunca pôde o observador calcular, antecipadamente – ainda que haja grande optimismo – o verdadeiro merito desta propriedade.

Não receiamos errar affirmando ser a Fazenda Redempção, não só das melhores do municipio de São Manoel, porém de todo o Estado de São Paulo, seja qual fôr a maneira como a encaremos: em extensão, em belleza de culturas, no aprimoramento das installações ou no conforto das dependencias.

Desde a chegada vae o visitante passando de surpresa em surpresa, parecendo impossivel conseguir reunir, em uma só propriedade, tanta vantagem e tamanhos melhoramentos.

O texto segue descrevendo a paisagem natural e, finalmente, chega ao núcleo central, tratando de várias edificações não mais existentes:

(...), localizada no alto, em ponto de destaque.

Dali, do parapeito de pedra existente á frente de um largo terraço espraíamos o olhar e quedamos boquiabertos perante tanta grandesa.

Á esquerda, no primeiro plano, o edificio severo da machina de beneficiar café. Mais abaixo, na mesma direcção, a serraria e nos fundos, como a formar o horisonte do quadro, as culturas de arroz, que vão em franco prosperar.

Á direita vemos o inicio do immenso pomar. Mais ao lado, no alto, contrastando com o verde escuro da vegetação e lançando uma alegre mancha no ambiente, a casa branca e risonha da escola. Depois, descendo a vista, o edificio da estação de Araquá, a cuja frente uma locomotiva estúa, lançando triumphalmente para as nuvens, catadupas do fumo negro do progresso que domina a região!

É deslumbrador o espectaculo!

Voltamo-nos e lobrigamos atraz do grandioso edificio de residencia, os tres gigantescos terreiros, construidos em níveis diferentes, como uns sobrepostos aos outros.

(...) A área da enorme propriedade é de 1.050 alqueires. (...) Os cafesaes da fazenda sommam o total exacto de 648.383 pés, segundo o recenseamento realizado este anno, estando 643.943 em franca producção e 4.440 novos.

(...) A colheita do anno findo attingiu 62.540 arrobas.

Numa propriedade desse vulto e onde o café representa principal cultura existem, naturalmente, todos os elementos necessarios ao cuidadoso preparo da preciosa semente.

⁴¹ CALDEIRA Netto, J. *Op. cit.*, 1928, pp. 191-2.

⁴² Família bastante influente na vida política local e estadual, sendo o seu representante mais conhecido o ex-governador Adhemar de Barros que, inclusive, nasceu nessa fazenda.

Em primeiro lugar estão os terreiros que são tres, imensos, cuidadosamente ladrilhados e situados em planos diferentes (...).

Taes terreiros foram construidos com a observancia fiel das regras aconselhadas no caso, possuindo perfeitos lavadores e profusa illumination que torna possivel e suave o trabalho nocturno nas epocas em que esse recurso é necessário para maior celeridade do beneficio.

Entre o primeiro e o segundo estão as tulhas que são duas, boas, grandes, de tijollos, absolutamento seguras e com capacidade para alojar muitos milhares de saccas de café.

O transpasse do café para a machina, é realizado do primeiro terreiro por intermedio de uma ponte e com o emprego de vagonetes, para maior prestesa.

A machina é dos reputados fabricantes Mac Hardy, funcionando admiravelmente, accionada por esplendido motor de 35 H.P.

Tivemos o ensejo de vel-a trabalhar, admirando não só a prestesa do serviço como a grande producção, que é de 600 arrobas em 8 horas.

Está bem localizada, em edificio solido e com todas as condições necessarias.

Após terminar o beneficio, segue o café para a estação de Araquá, da Estrada Sorocabana, localisada a 200 metros da machina, em terrenos da Fazenda Redempção. Para o transporte empregam-se 8 carroças, tiradas por 48 burros e um auto-caminhão "Chevrolet".

O tratamento dos enormes cafesaes é feito por 73 familias de colonos adextrados nos misteres de lavoura e que residem em 73 grupos de optimas casas, construidas a capricho, com os commodos necessarios, illumination electrica e em quasi todas ellas até agua encanada.⁴³

A descrição segue tratando das plantações de arroz, cuidadas por seis famílias de colonos japoneses *affeitos a esse genero de plantação.*

O arroz é beneficiado em aperfeçoada machina "Engelberg", com capacidade para 20 saccos diarios, sendo movida por força hydraulica, que tambem impulsiona a grande serraria existente no immovel e na qual permanecem em perfeito funcionamento, serras circular e vertical.

(...). Completando os aperfeçoados machinismos da Fazenda Redempção encontramos moinho de fubá,

movido por força hydraulica, desintegrador, esbrugador de milho, arados, carpideiras, etc.

O pomar da Fazenda Redempção é um dos melhores formados que até hoje vimos (...).

Laranjas admiraveis, de diferentes qualidades, uvas delicadissimas, mamões, abacates, mangas, abacaxis, peras, maçãs, todos os fructos, finalmente, que possam ser obtidos em nosso clima.

(...). Sendo indispensavel a existencia de camaradas, tem a propriedade 31 casas para os mesmos.

⁴³ CALDEIRA Netto, J. *Op. cit.*, 1928, pp. 179-88.

Figura 105 - Aspecto de colônia da fazenda Redenção, São Manuel. Foto da década de 1920, acervo da própria fazenda.

Figura 106 - Casa de máquinas. Fazenda Redenção, São Manuel. Foto: V. Benincasa.





Ha garage para dois carros, cocheira, com capacidade para 6 cavallos de sella que possui a fazenda, paiões, chiqueiros, mangueirões, estabulos, etc.

Em predio cedido pelos snrs. Barros & Cia. Funciona uma escola mixta rural, mantida pelo governo do Estado.⁴⁴

Essa longa, mas interessante, descrição nos oferece uma detalhada visão de uma grande fazenda da região Sorocabana, na década de 1920, por isso fizemos questão de mantê-la, quase na íntegra.



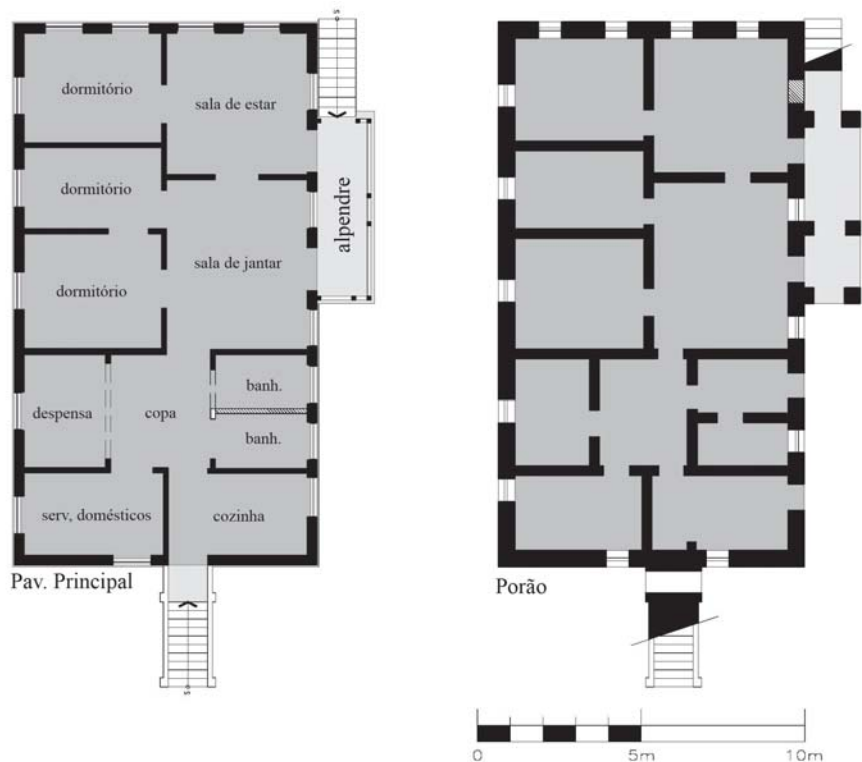
A fazenda São Benedito, em Agudos, pertenceu a Benedito Ottoni de Almeida Cardia, um dos pioneiros na ocupação da região da Serra dos Agudos, que veio da região vizinha de Lençóis Paulista. Depois de aberta a fazenda, construiu o atual casarão, em 1901: um sobrado de planta retangular. O acesso ao pavimento principal se faz por uma escadaria que termina em um alpendre coberto, para o qual se abrem duas salas: a de visitas e a de jantar. Aos fundos desses cômodos, ficam os três dormitórios desse pavimento. Da sala de jantar se chega à área de serviços, composta de uma copa, cozinha, banheiro, despensa, e um aposento para serviços domésticos: passar e engomar roupa, costura, etc.

⁴⁴ CALDEIRA Netto, J. *Op. cit.*, 1928, p. 191.

Figura 107 (acima, topo) - Aspecto dos cafezais da fazenda Redenção, São Manuel. Foto da década de 1920, acervo da própria fazenda.

Figura 108 (acima) - Antiga estação de Araquá, estação final de ramal que partia de Botucatu, em terras da fazenda Redenção, São Manuel. Foto da década de 1920, acervo da própria fazenda.

Figura 109 (à direita) - Planta do casarão da fazenda São Benedito, Agudos. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.



Nessa planta, bastante incomum no ambiente rural, podemos notar uma simplificação daquele padrão que até então prevalecia em casas de fazenda, pois num único corpo, se desenvolve todo o programa, sem distinções de zonas. No entanto, a sala de jantar permanece como o cômodo de interligação entre as várias zonas da casa: recepção, íntima e serviços.

O porão utilizável praticamente repete a planta do pavimento principal e atualmente é ocupado por dormitórios e salas. Originalmente, é provável que aí ficasse também o escritório de administração da fazenda.

Externamente, o casarão da fazenda São Benedito, apesar de pequeno, se comparado a outras edificações congêneres, se sobressai pelo bom uso de alguns elementos, como as aberturas em arco pleno do porão, ou das telhas de ardósia, que dá uma caracterização pitoresca ao telhado, por serem pouco usadas em ambiente rural. Um outro elemento bastante interessante, na composição da fachada, é o desenho dos pinázios das guilhotinas: os retângulos centrais, são ligeiramente mais estreitos que os laterais, ocasionando uma acentuação das linhas verticais, o que, sem dúvida, suaviza o caráter monolítico da edificação.



Figura 110 (à esquerda, topo) - Casarão da fazenda São Benedito, Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 111 (à esquerda) - Aspecto da parte posterior do casarão da fazenda São Benedito, Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 112 (acima, topo) - Vista da estrutura em abobadilha do piso do alpendre e da escada de acesso. Casarão da fazenda São Benedito, Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 113 (acima) - Detalhe das janelas da fachada. Casarão da fazenda São Benedito, Agudos. Foto: V. Benincasa.

Também nos chamou a atenção o efeito conseguido pelo uso de abobadilhas, na estrutura tanto do piso do alpendre, quanto no da escada de acesso: daí a leveza, para os padrões da época, obtida nesses elementos. Porém, dentre todos esses pequenos detalhes que, juntos, valorizam e individualizam uma fachada que poderia ser banal, destaca-se o belo alpendre fronteiro, com um rebuscado lambrequim de madeira, que lembra, pelo tipo de trabalho empregado, a estrutura do alpendre do casarão da fazenda vizinha, a São João, já tratada nesse capítulo. Talvez seja serviço do mesmo profissional, pela proximidade dos exemplares, embora nada possamos afirmar sobre isso, mas certamente, podemos afirmar que uma influenciou a outra.

Belos alpendres não faltam em casarões da região, e aqui abrimos espaço para falar de dois exemplares, que, coincidentemente, encontramos em fotos de arquivos de outras cidades: os casarões das fazendas Santo Antônio⁴⁵, do mesmo município de Agudos, e o da Val de Palmas⁴⁶, em Bauru. Nessas fotos, é possível distinguir a destreza dos profissionais e a boa execução do trabalho resultante nos lambrequins arqueados, feitos em madeira recortada, que enfeitam e protegem os alpendres, além dos guarda-corpos. Convém ressaltar, ainda, na foto da fazenda Santo Antônio, a presença da capela, à esquerda, hoje inexistente.



Figura 114 (acima) - Detalhe do alpendre: notar o belo trabalho em madeira. Casarão da fazenda São Benedito, Agudos. Foto: V. Benincasa.

Figura 115 (à direita, topo) - Casarão da fazenda Val de Palmas, Bauru. Foto de autor desconhecido. Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Fernão Dias Paes, Penápolis.

Figura 116 (à direita) - Casarão da fazenda Santo Antônio, Agudos. Foto de autor desconhecido. Acervo Particular da Sra. Wilma L. M. N. B. de Lemos Brito, Garça.

Na foto da Santo Antônio, cabe também chamar a atenção para a presença dos automóveis que, cada vez mais, se tornariam presença constante no mundo rural, e que seriam um dos fatores responsáveis pelas drásticas mudanças sofridas nas fazendas de café das zonas pioneiras.

⁴⁵ Havíamos visitado a fazenda Santo Antônio, que atualmente pertence aos freis franciscanos do Seminário Seráfico Santo Antônio, quando de nosso levantamento na cidade de Agudos. No entanto, esse casarão estava bastante alterado, tendo sido alvo de profundas transformações ao longo do século XX. Ao realizarmos a pesquisa em Garça, tivemos a sorte de entrevistar a Sra. Wilma L. M. N. B. de Lemos Britto, cujos antepassados haviam vendido a fazenda Santo Antônio aos franciscanos, para abrir fazendas na Alta Paulista. Ela nos mostrou, então, algumas fotos da fazenda de Agudos, do início do século XX, nas quais aparece o casarão, ainda com suas feições originais. Comparar com a figura 005, na qual o casarão aparece em seu estado atual.

⁴⁶ Em visita ao museu de Penápolis, encontramos uma foto do início do século XX, da fazenda Val de Palmas, de Bauru. Não tivemos a oportunidade de visitá-la, mas soubemos, posteriormente, que o seu casarão ainda existe



Um contraponto à casa da fazenda São Benedito é o casarão da fazenda Madureira, situada em Tietê, construído no mesmo ano de 1901. A técnica adotada para a sua execução, assim como na São Benedito, foi a alvenaria de tijolos aparentes, assentada sobre embasamento de pedras. Nas paredes externas estruturais, feitas de alvenaria de um tijolo, adotou-se o aparelho flamengo, o que proporcionou uma boa amarração e um belo desenho. Porém, para a fatura dos detalhes, usou-se não só a peça tradicional de barro cozido em forma de paralelepípedo, mas, também, peças especiais de variados formatos e tamanhos, algumas curvas, outras com uma das faces arredondadas. O projetista também soube aproveitar de maneira estética a conformação dos tijolos que fazem o arco de escarção, sobre as janelas. Ou seja, utilizaram-se materiais pré-fabricados, até então pouco vistos em casas rurais, e, com isso, obteve-se um desenho e textura bastante elaborados nas fachadas, com aberturas elipsoidais, portas com verga em arco abatido, cunhais, cimalkhas, pestanas, etc. Na cobertura, aparecem as telhas importadas francesas, também pré-fabricadas. Esse casarão é térreo, construído sobre porão baixo, não utilizável, em terreno com declive suave. As inovações também ocorrem no interior dessa habitação rural: desde sempre ela foi dotada de água encanada e esgoto, tanto na cozinha, quanto no banheiro, além da sala de jantar, onde possui um lavatório.



Figura 117 - Aspecto da fachada principal, com janela elipsoidal: notar o uso de peças diferenciadas de barro cozido. Casarão da fazenda Madureira, de Tietê. Foto: V. Benincasa.

Figura 118 - Fachada do casarão da fazenda Madureira, de Tietê. Notar o alpendre, com estrutura de madeira, com beiral ornado de lambrinquins. Foto: V. Benincasa.

Figura 119 - Planta do casarão da fazenda Madureira, de Tietê. Desenho: C. Corsi, baseado em levantamento encontrado em MARTINS, N. M. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p.232.

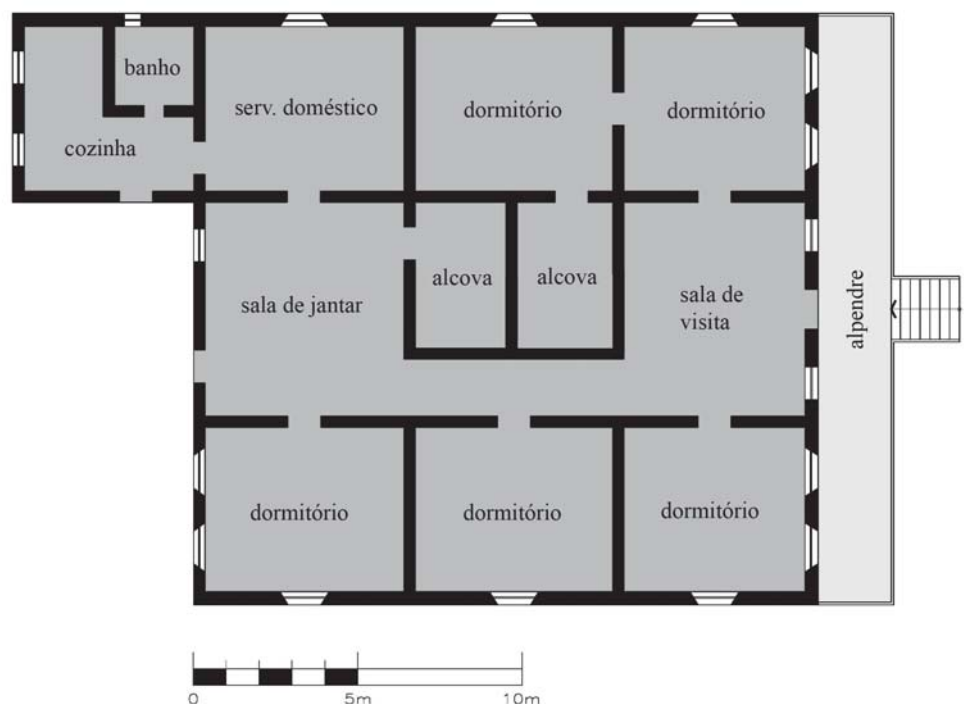




Figura 120 (acima, topo) - Detalhe de cunhal: notar o capitel e fuste da pilastra. Fundos do casarão da fazenda Madureira, de Tietê. Foto: V. Benincasa.

Figura 121 (acima, centro) - Detalhe de base de pilastra. Casarão da fazenda Madureira, de Tietê. Foto: V. Benincasa.

Figura 122 (acima) - Lateral do casarão da fazenda Madureira, de Tietê. Foto: V. Benincasa.

A planta da casa, no entanto, reflete ainda a permanência de costumes do século XIX, a começar pela adoção do formato em "L" e pelo modo de distribuição dos cômodos, incluindo a presença de duas alcovas, de um dormitório com abertura para um outro dormitório e do alpendre corrido na fachada principal. Não se sabe qual o uso original dessas alcovas, se foram usadas como local de repouso, ou apenas para se guardar roupas ou alimentos e louças, uma vez que uma delas volta-se para um dos dormitórios e, a outra, para a sala de jantar. Seja como for, a existência delas indica que, em muitas famílias, ocorreu a manutenção de um modo de vida tradicional que penetrou o século XX, apesar de todas as mudanças que estavam ocorrendo na região, proporcionadas pelas novidades internacionais trazidas com o enriquecimento pela cafeicultura.



Figura 123 (acima) - Detalhe de fachada lateral: notar o arco de escarção, sobre a janela; o círculo formado por peças cerâmicas que envolvem o óculo do porão; e o aparelho, ou modo de assentamento dos tijolos, de tipo flamengo. Casarão da fazenda Madureira, de Tietê. Foto: V. Benincasa.

As casas “mineiras” e as de ecletismo tardio

Essa permanência de valores não se daria apenas em áreas mais antigas, como é o caso de Tietê, onde está localizada a fazenda Madureira, ou seja, não é um fator ligado ao local, mas, convém ressaltar, está atrelado a algo mais amplo, que passa pelo modo de vida das pessoas, por tradições, que não se alteram na mesma velocidade das inovações, de qualquer caráter, surgidas em determinados momentos históricos.

Por outro lado, as pessoas transportam consigo seus costumes e seus saberes, e isso explica, provavelmente, o fato de existirem, em áreas de povoamento mais recente, como na Araraquarense, na Alta Paulista e na Noroeste, casas erguidas nas primeiras décadas do século XX, que remetem àquelas típicas habitações rurais do século XIX, em que se misturam aspectos da tradição brasileira com elementos da arquitetura historicista européia; ou mesmo, o que é mais impressionante, casas eivadas de “mineiridade”, casas que conservaram características construtivas e tipológicas da arquitetura rural das Minas Gerais do século XVIII. Dentre essas, podemos citar vários exemplos, como os casarões das fazendas São José, em Pirajuí, na Noroeste; Três Barras, em São José do Rio Preto, na Araraquarense; Coqueiros, em Catanduva, na Araraquarense; Santa Maria, de Avanhandava, na Noroeste; entre outros. Pela análise das fotos encontradas em almanaques, uma vez que quase todas foram demolidas, verificamos que a maioria deles possui a planta em “L”, típica na casa rural mineira; várias delas foram construídas em pau-a-pique (taipa de mão), algumas guardando até a estrutura autônoma aparente, e, além disso, o uso do alpendre corrido em uma das faces, que, a partir do final do século XIX, transformou-se num elemento de presença quase obrigatória na casa rural paulista.

Em outras casas, como nos casarões das fazendas Suíça e Monte Azul, ambas em Lins, e Mangue, do município de Jaci, antigo distrito de Mirassol, já se faz o uso do tijolo, mas a aparência tradicional é mantida, como pudemos constatar em fotos da década de 1920. Visitamos a fazenda Mangue, e, inclusive, fizemos o seu levantamento métrico, porém ela já havia sido reformada, em meados do século XX, tendo sido ampliada e sua aparência externa bastante alterada.



Figura 124 (acima, topo) - Casarão da fazenda São José, Pirajuí. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 273.

Figura 125 (acima, centro) - Casa do administrador da fazenda Três Barras, São José do Rio Preto. Foto da década de 1920, fonte: *Album Illustrado da Comarca de Rio Preto*. São Paulo: Casa Editora Duprat-Mayença, 1929, p. 873.

Figura 126 (acima) - Casarão da fazenda Coqueiros, Catanduva. Foto de Paschoalino Giglioti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 59.

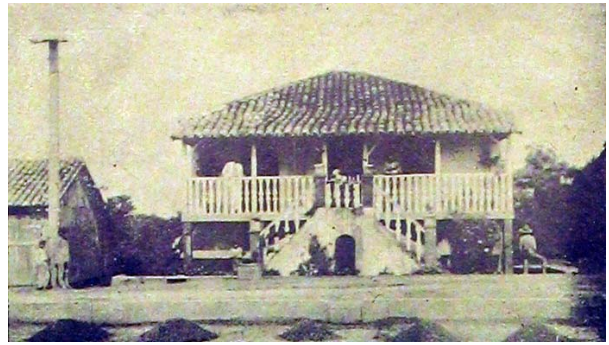


Figura 127 (acima, topo) - Casarão da fazenda Santa Maria, Avanhandava. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 425.

Figura 128 (acima, centro) - Aspecto geral da fazenda Santa Maria, Avanhandava. Notar o casarão, ao fundo, à esquerda: aqui é possível ver que se trata de uma edificação com planta em "L". Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 425.

Figura 129 (acima) - Casarão da fazenda Monte Azul, Lins. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 367.

Figura 130 (acima, topo) - Casarão da fazenda Santo Antônio, Pirajuí. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 288.

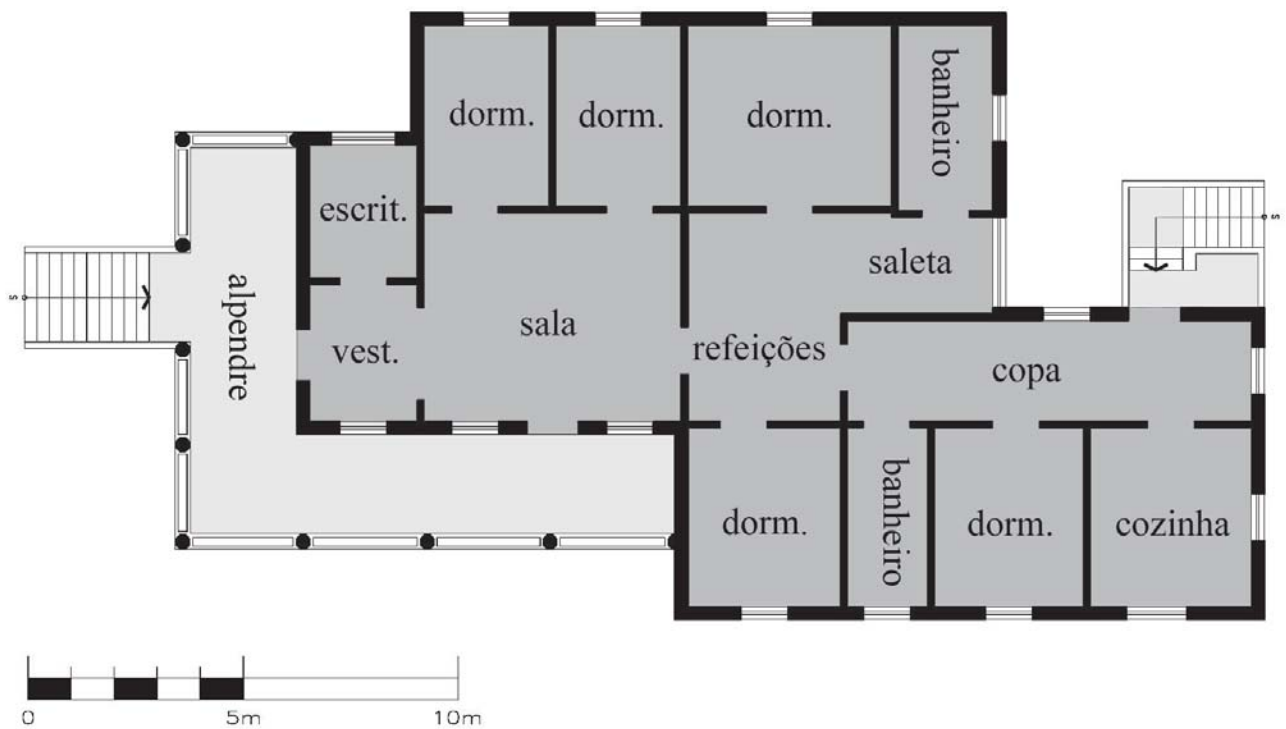
Figura 131 (acima, centro) - Casarão da fazenda Suiça, Lins. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 331.

Figura 132 (acima) - Casarão da fazenda Mangue, em Jaci. Foto da década de 1920, fonte: *Album Ilustrado da Comarca de Rio Preto*. São Paulo: Casa Editora Duprat-Mayença, 1929, p. 873.



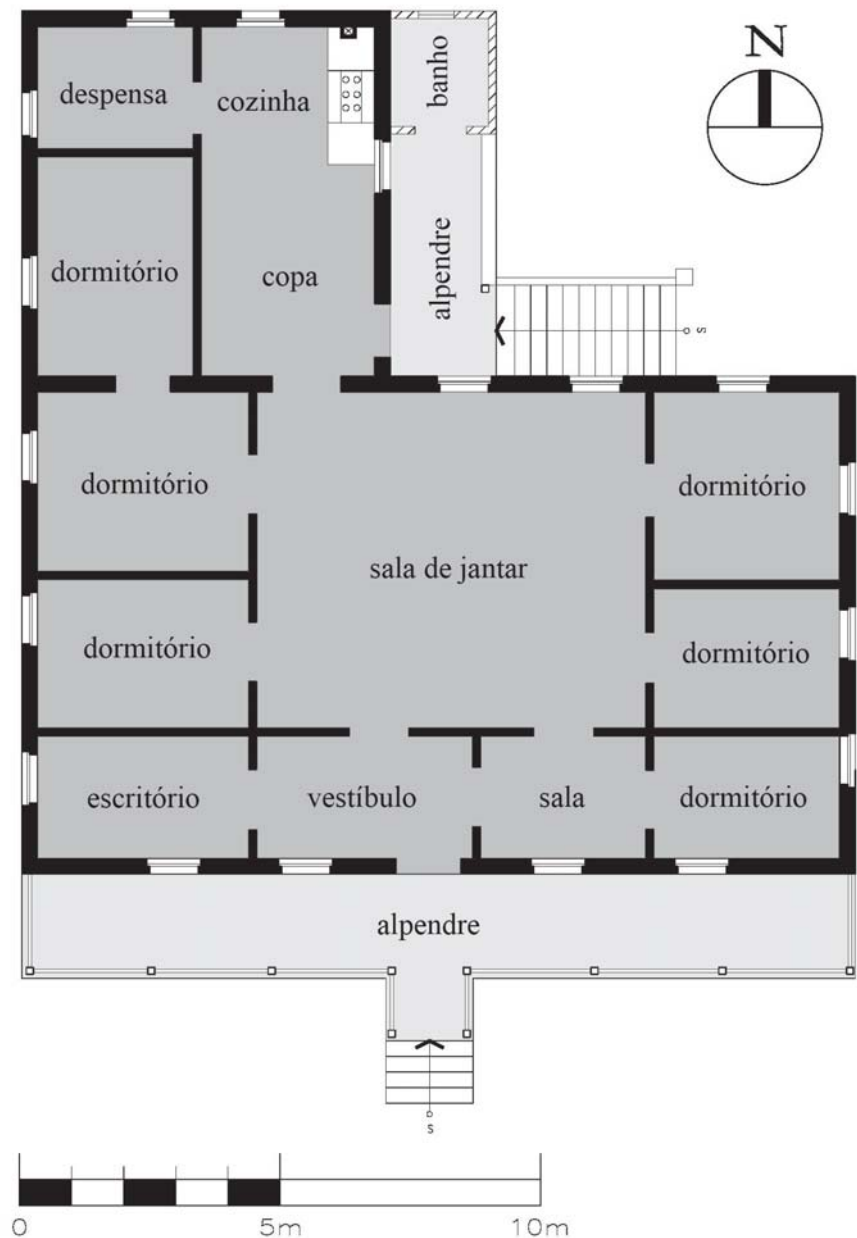
Figura 133 - Aspecto atual do casarão da fazenda Mangue, Jaci. Foto: V. Benincasa.

Figura 134 - Planta atual do casarão da fazenda Mangue, Jaci. Levantamento: V. Benincasa e P. Salviatto. Desenho: M. Rosada.



Outros casarões mantiveram não só o aspecto das casas rurais paulistas do século XIX, mas também a disposição interna dos cômodos, com pouquíssimas alterações. Ou seja, a planta deriva daquela solução de casa bastante encontrada na primeira metade do século XIX, nas regiões Central e Vale do Paraíba, e que delas se difundiu por praticamente todo o Estado de São Paulo, enquanto o aspecto, tanto externo, como interno, do acabamento mantém aqueles elementos incorporados nas últimas décadas do século XIX, trazidos e difundidos pelas correntes historicistas. Um bom exemplo é o casarão da fazenda São José, construído por volta de 1910, e situado em Novais, município próximo a Catanduva, na Araraquarense. A planta dessa edificação mantém a solução do corpo principal com o anexo de serviços, aos fundos: a tradicional planta em "L".

Figura 135 - Planta do casarão da fazenda São José, Novais. Levantamento: V. Benincasa e L. P. Mascaro. Desenho: V. Benincasa.



O casarão da São José foi edificado na lateral do terreiro de café - do qual só restam alguns vestígios - e, fugindo à tradição, sua fachada principal não está voltada para o vale, mas sim para o alto da encosta da colina, que era de onde chegava a estrada de acesso. Dessa maneira, para aumentar a altura na parte fronteira e lhe dar o necessário destaque, a edificação foi toda construída sobre porão, que é utilizável em praticamente toda a sua área. Disso resultou que o piso da edificação, na parte traseira, está a uma altura considerável do solo.

O visitante era recebido num jardim, que deve ter sido bastante agradável e do qual ainda é possível ver restos de canteiros, passeios, além dos dois tanques de água com repuxos. A fachada do casarão é protegida por um alpendre, com estrutura de madeira e cobertura independente, em três águas, que é interrompida ao centro, por uma água furtada, sobre a pequena escada de acesso. O piso original era revestido de ladrilhos hidráulicos, segundo informações obtidas no local; e o guarda-corpo, hoje inexistente, era composto de balaústres de madeira recortada. Ornamentando os beirais, ainda resiste o rendilhado do lambrequim de madeira.

Figura 136 - Casarão da fazenda São José, Novais. Observar o tanque, no jardim, que originalmente possuía um repuxo d'água. Foto: V. Benincasa.

Figura 137 - Detalhe do lambrequim do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.



As janelas da fachada principal e das laterais apresentavam guilhotinas envidraçadas externas, com escuros almofadados, na parte interna, e, ao seu redor, molduras simples, lisas. A porta principal também possui duas folhas almofadadas, e bandeira repartida em quatro, com vidros coloridos. Já no anexo de serviço e aos fundos, as janelas são mais simples, feitas com consoeiras com encaixe do tipo macho e fêmea, solidarizadas por travessas horizontais, através de sambladuras. Nessas faces, elas também perdem as molduras de argamassa no lado externo da parede. O aspecto externo da edificação é muito simples, como ornamentos ela possui apenas as cimalthas salientes, junto aos beirais, e um ressaltado da argamassa, à guisa de pilastras, nos dois cunhais da fachada. Nas laterais, sob cada uma das janelas, aparece um óculo, protegido por uma gateira ornamentada.



Figura 138 - Detalhe de um óculo do porão. Casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.

Figura 139 - Fundos do casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.



Internamente, a distribuição de cômodos permanece seguindo o esquema usual da segunda metade do século XIX em casas rurais: uma faixa fronteira com cômodos destinados à recepção de visitantes (vestíbulo, escritório, saleta, e dormitório); depois os aposentos com grau maior de intimidade (sala de jantar e dormitórios); e, aos fundos, a cozinha, a despensa e um alpendre de serviços, este último um recurso que começava a se tornar mais freqüente. No anexo de serviços desse casarão, podemos observar dois fatos incomuns para a época: o primeiro é que, mesmo construída já no século XX, não havia banheiro interno – o atual foi construído posteriormente, na extremidade do alpendre traseiro, praticamente fora da casa; e o segundo, é que, no espaço em que usualmente ficaria o banheiro, foi feito um outro dormitório, cujo acesso é feito pelo dormitório contíguo. É uma casa, de certa maneira, antiquada para os padrões de sua época, pois já ao final do século XIX, comodidades, como banheiros equipados com peças sanitárias, água encanada e sistema de esgoto, não eram novidades.

Mesmo assim, o padrão de construção e acabamento é bom, tendo sido utilizado o que havia de mais moderno então, como: telhas francesas; janelas equipadas com sistema de cremalheiras, para o fechamento; assoalho com tábuas regulares que, assim como o forro, forma desenhos geométricos; portas e janelas bem acabadas; bandeiras com vidros coloridos. Além disso, foi erguida inteiramente com alvenaria de tijolos, assentada sobre o embasamento de pedras. Há vestígios de decoração pictórica nas paredes da sala de jantar; e o mesmo deve ter ocorrido em outros cômodos, como escritório e saleta. Na cozinha, há um interessante fogão à lenha, equipado com forno, local para guarda de lenha e barra metálica para pendurar panos de prato, resultando em desenho diferenciado e bastante funcional. Na cozinha e no alpendre posterior, também encontramos uma solução de piso bastante interessante, ao menos, foi o único exemplar em que a observamos: o piso desses cômodos é revestido de ladrilhos hidráulicos assentados sobre estrutura de abobadilhas; essas abobadilhas, porém, não se apóiam em seções de trilhos de trem, como geralmente ocorre, mas em tábuas de madeira pregadas a uma viga, também de madeira. A alma da viga é maior que a largura das tábuas, de modo que, os tijolos, se apóiam nesse dente formado entre uma e outra. Uma solução, sem dúvida, bastante inventiva, embora, ao menos no alpendre, e depois de quase cem anos sendo exposta à umidade de chuvas e de lavagem de piso, tenham sucumbido algumas partes, devido ao apodrecimento da madeira.



Figura 140 - Detalhe de cremalheira de janela. Casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.

Figura 141 - Aspecto da sala de jantar: observar a pintura na parte inferior das paredes. Casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.



O programa dessa habitação completa-se com a existência, aos fundos, no quintal, de uma espécie de edícula, tão usada na casa urbana desse mesmo período, composta por um cômodo fechado, onde se faziam alguns dos serviços domésticos e, com um tanque de lavar roupa, que fica numa parte aberta.



Figura 142 (à esquerda, topo) - Aspecto da cozinha. Casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.

Figura 143 (à esquerda, centro) - Aspecto do porão. Casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.

Figura 144 (à esquerda) - Detalhe das abobadilhas, existentes sob o piso da cozinha e do alpendre posterior, apoiadas em vigas de madeira. Casarão da fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.

Figura 145 (acima) - Área de serviços, situada no quintal do casarão. Fazenda São José, Novais. Foto: V. Benincasa.

Outros exemplos desse tipo de habitação podem ser encontrados em todas as cidades das "zonas novas" da cafeicultura paulista do início do século XX, como nas fazendas Espírito Santo, em Guarantã, São José, em Penápolis, ou Silvares, em Birigüi. No entanto, muito em breve um novo padrão de fazenda se instalaria nessas zonas, trazendo consigo mudanças bastante significativas na implantação, na forma de gerenciamento e, conseqüentemente, na arquitetura.



Figura 146 (à esquerda, topo) - Casarão da fazenda Espírito Santo, Guarantã. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 361.

Figura 147 (à esquerda, centro) - Casarão da fazenda São José, Penápolis. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 459.

Figura 148 (à esquerda) - Casarão da fazenda Silvares, Birigüi. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 506.

Características gerais das fazendas a partir de 1920

Na última fase abordada por esse trabalho, da década de 1920 até os anos 40, as fazendas das regiões pioneiras, as novas “bocas de sertão”, apresentariam um novo tipo de gerenciamento, em parte motivado pelo surgimento dos automóveis, dos caminhões, e a conseqüente abertura e melhoria de estradas, e do desenvolvimento do sistema de telefonia no interior de São Paulo. Cada vez mais, a partir de então, o proprietário de terras passou a residir nas cidades, visitando as fazendas esporadicamente. Surge, também, um novo tipo de administrador, aquele responsável pela gerência de várias fazendas, ao mesmo tempo.

Esse novo modo de administração à distância acarretou mudanças principalmente no que diz respeito aos casarões, que se tornaram edificações com uma arquitetura mais simples, menos luxuosa. Pode-se, mesmo, dizer que se trata de uma arquitetura mais prática, pois já não são mais destinados a grandes permanências, mas a pequenas estadias, visitas ocasionais. Aliás, foi mais comum, que em quaisquer outros períodos de prevalência da cafeicultura em São Paulo, um mesmo proprietário ter várias fazendas e exercer outras funções nas cidades dessas novas regiões, onde estavam baseados – eles já não vivem nos elegantes bairros da capital paulista. O fazendeiro das “zonas pioneiras” do século XX desloca-se rapidamente, entre as suas várias propriedades, em automóveis, e usa pouco a ferrovia para o seu deslocamento regional. Outro fato curioso, e que ilustra bem essa nova situação, é que em revistas e almanaques dessas novas regiões cafeicultoras do início do século XX, em vários artigos sobre as fazendas, aparecem as fotos dos escritórios, das casas dos administradores ou dos fiscais, aparecendo, em alguns casos, como para justificar uma ausência de um casarão mais suntuoso, as casas urbanas dos proprietários, essas sim, grandes edificações, que seguiam as últimas tendências da arquitetura. Um outro dado relevante, é que, em geral, as fazendas ficaram conhecidas como “a fazenda do Sr. Fulano” – sendo o “Fulano” o administrador, e não o fazendeiro -, o que mostra, também, a importância adquirida por esse profissional, responsável por toda a condução da fazenda, ou das fazendas, praticamente sem a interferência do proprietário, que, muitas vezes, era desconhecido na região em que sua propriedade estava inserida. Os fazendeiros muitas vezes eram mais conhecidos pelas suas outras atividades, urbanas, do que por ser cafeicultor. Essa é uma regra geral, obviamente houve fazendeiros que continuaram morando em seus casarões rurais, amplos e confortáveis.

Paralelamente a isso, ocorreu uma simplificação das construções, após a Primeira Grande Guerra, pelo fato de já não ser possível importar os sofisticados materiais de construção, que até então abasteciam o mercado brasileiro. As influências das inovações arquitetônicas e das legislações sanitárias do início da era republicana aplicadas ao ambiente urbano, continuavam repercutindo no meio

rural paulista: nas casas, por exemplo, somem definitivamente as alcovas; e a copa transforma-se no cômodo preferido para a reunião familiar, o que antes dava-se na sala de jantar. Invariavelmente, passam a contar com banheiros, sistema de água encanada e de esgoto, iluminação elétrica, telefone. Nelas, se nota influências das novas correntes arquitetônicas, principalmente do Neocolonial e daquelas tendências introduzidas pelos ingleses da Companhia City, na cidade de São Paulo; e, também, o maior uso de estruturas de concreto armado, e de material construtivo industrializado, feito no Brasil, como esquadrias de madeira e metálicas, louças sanitárias, material de acabamento, tubulação de água e esgoto, madeira tratada e aparelhada para estrutura de telhado e de pisos, revestimentos, tintas, ferragens, telhas e tijolos... Enfim, uma grande gama de produtos se torna disponível no mercado nacional, substituindo aqueles que antes eram importados ou feitos artesanalmente nas próprias fazendas.

A facilidade de escoamento da produção cafeeira, através de caminhões que transitavam por estradas de rodagem proporcionou uma grande alteração no esquema de funcionamento, principalmente, das pequenas fazendas e dos sítios, que conviveram ao lado de latifúndios.

Enquanto algumas grandes propriedades conservaram, basicamente, as mesmas instalações que já se observavam nas fazendas cafeeiras do final do século XIX, como casas de máquinas, tulhas, serrarias, colônias, armazéns, escritórios, casas de funcionários, capelas, escolas e casas de professores, acrescidas de outras que vão surgindo pelas novas necessidades, como bombas de combustível, oficinas mecânicas e garagens para os caminhões e tratores, arados e demais implementos, enfim, toda a sorte de instalações necessárias; outras, entre elas as pequenas fazendas e sítios, possuem apenas modestos terreiros e tulhas, além, evidentemente, das colônias e algumas poucas instalações. O que se nota, nessas pequenas propriedades, é o desaparecimento das máquinas de beneficiamento. Nelas, o café depois de seco era mandado em coco, para ser beneficiado em máquinas particulares, existentes nas cidades, ou em cooperativas, que exerceram o papel das antigas casas comissárias e dos grandes armazéns gerais. Mesmo algumas grandes fazendas deixaram de executar o beneficiamento e a estocagem dos grãos: nelas, havia várias pequenas tulhas e pequenos terreiros espalhados em suas diversas seções, ou seja, a fazenda era dividida em vários núcleos de atividades, com colônia, terreiros e tulha, basicamente. Houve mesmo aquelas em que, dessas seções, o café era mandado depois para a casa de máquinas, única, que se localizava num núcleo central da fazenda.

Na implantação das edificações do núcleo central, principalmente das grandes propriedades, não há mudanças significativas: assim como nas fazendas do final do século XIX, há uma hierarquização, evidenciada mais pelo nível de acabamento do que pela locação das construções, tendo sido mantida a organização em quadra.

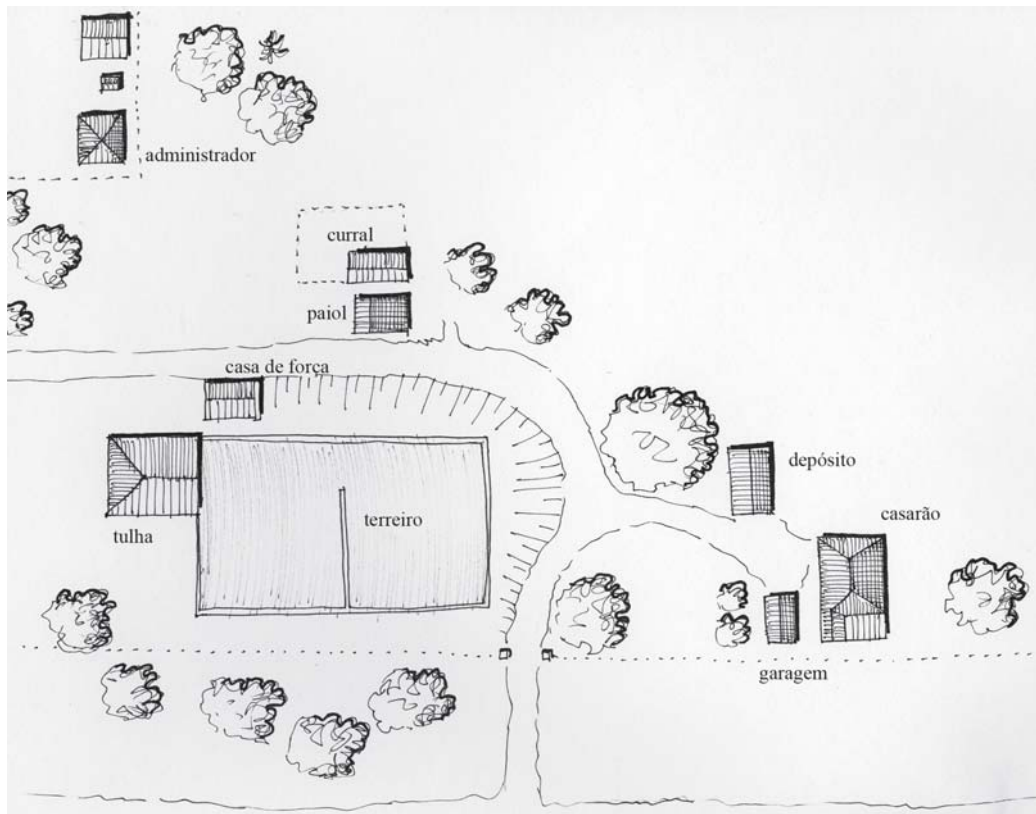
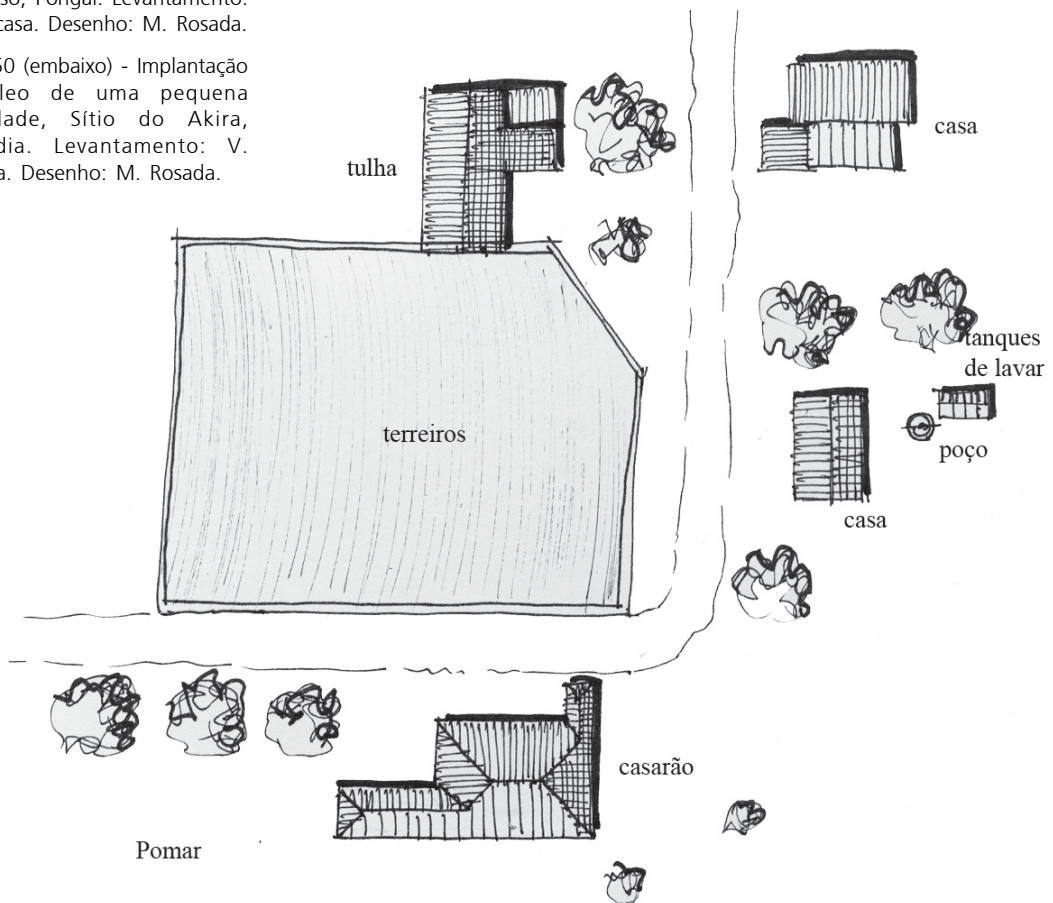


Figura 149 (acima) - Implantação de uma pequena propriedade, Fazenda Bonsucesso, Pongal. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 150 (embaixo) - Implantação do núcleo de uma pequena propriedade, Sítio do Akira, Cafelândia. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.



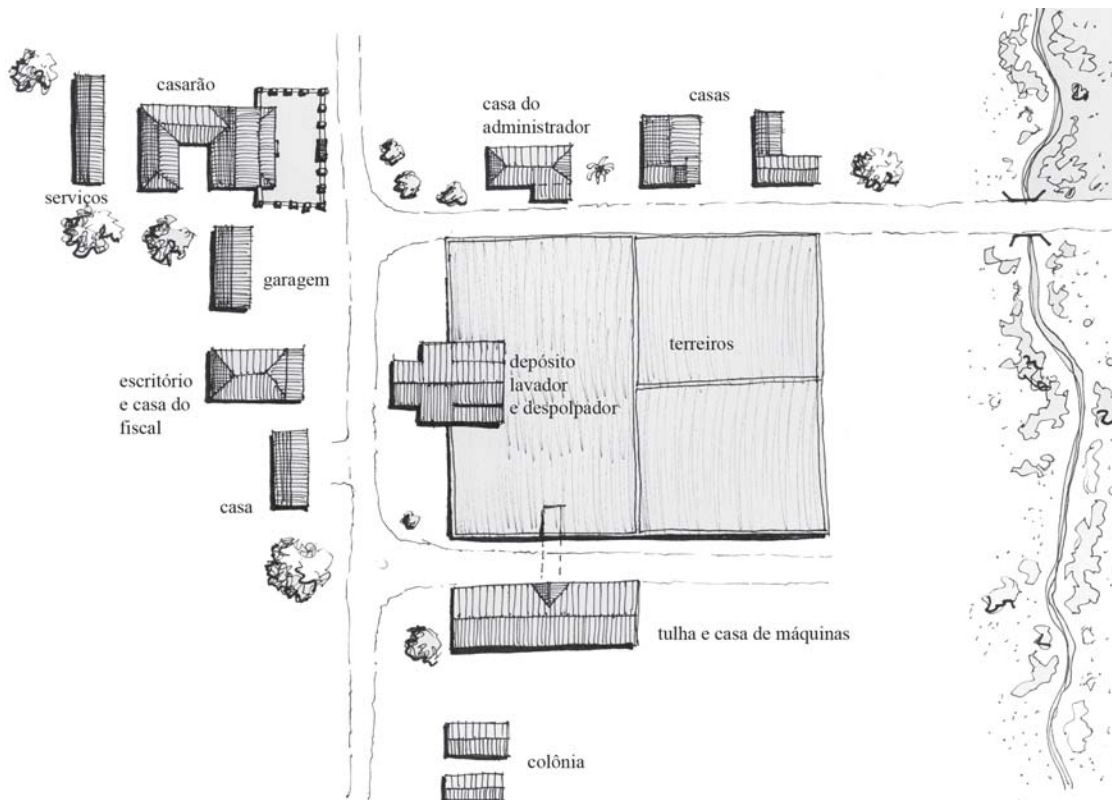
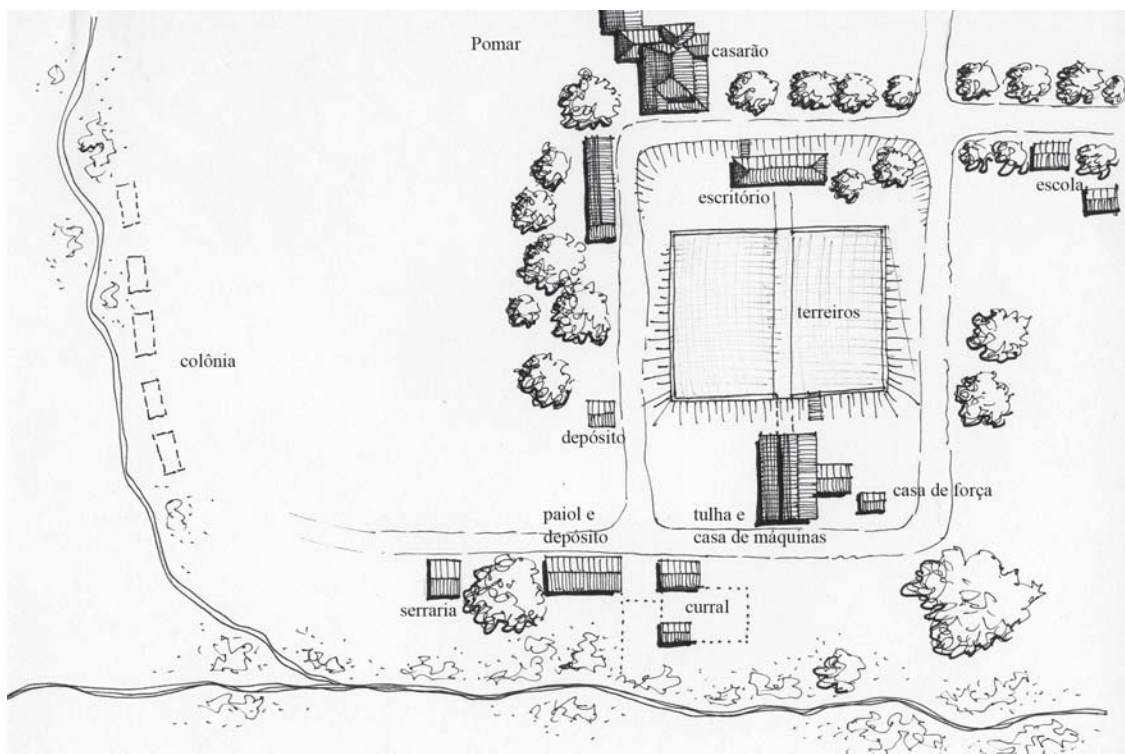


Figura 151 (acima) - Implantação da fazenda São Sebastião, Catanduva. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 152 (embaixo) - Implantação da fazenda São Joãozinho, Lins. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.



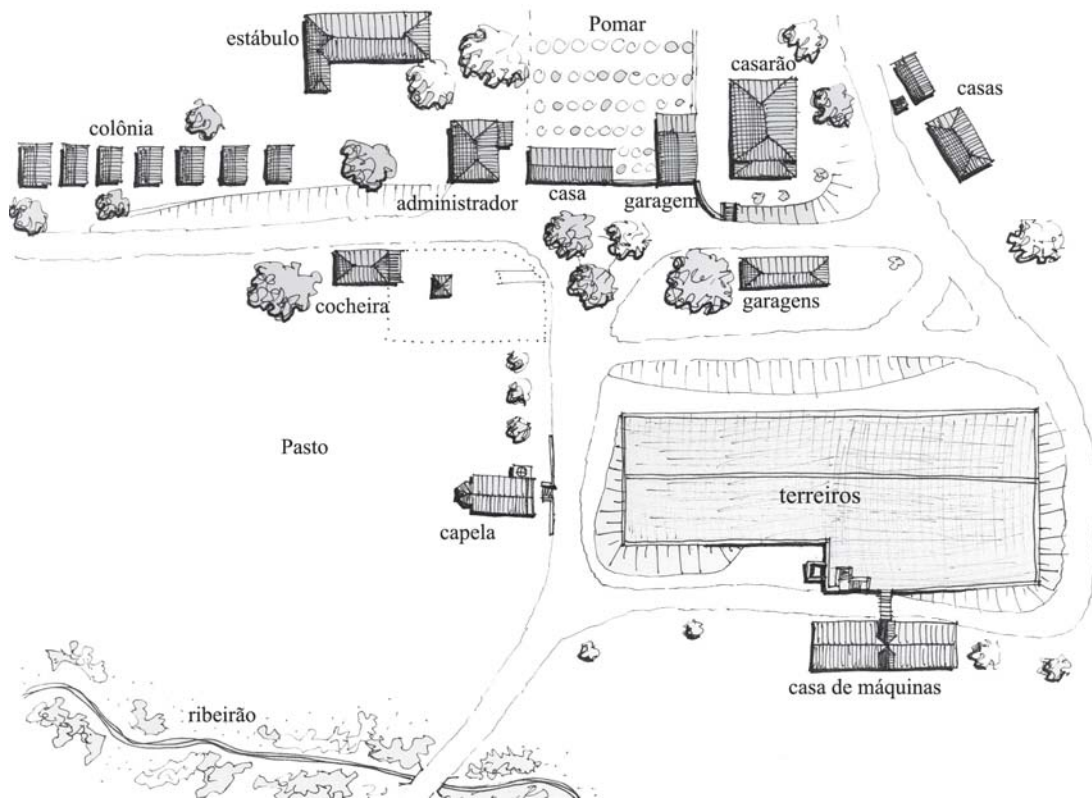
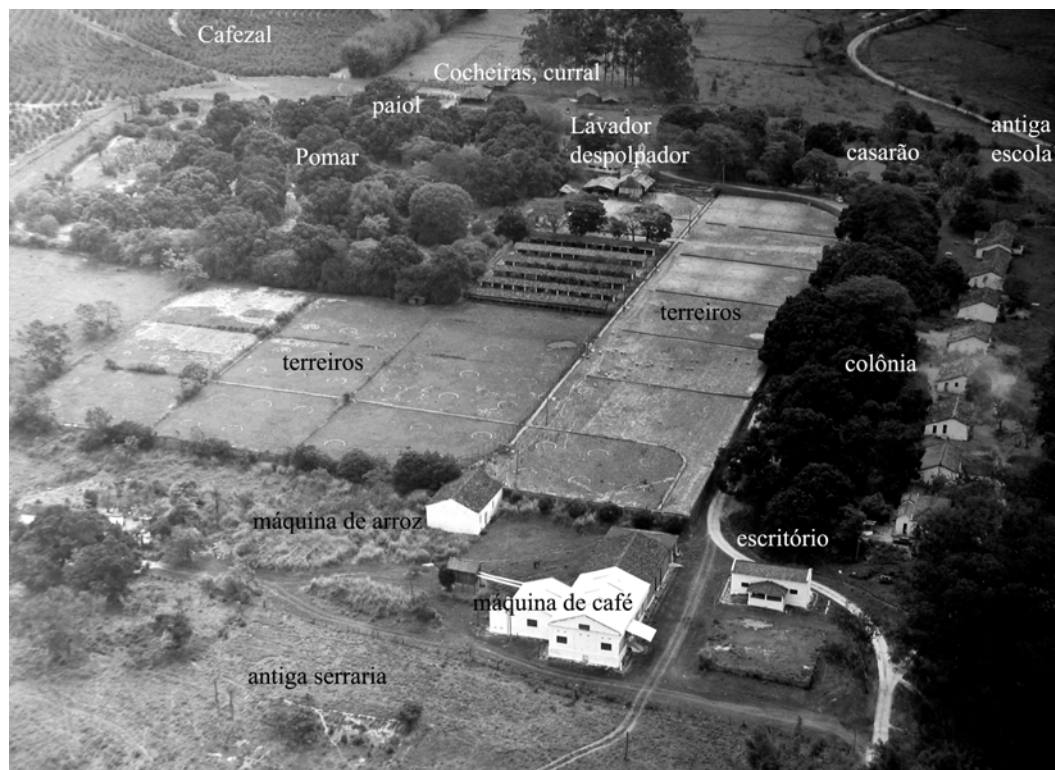


Figura 153 (acima) - Implantação da fazenda Santa Rita, Guarantã. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 154 (embaixo) - Foto aérea do núcleo central da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Acervo da própria fazenda.



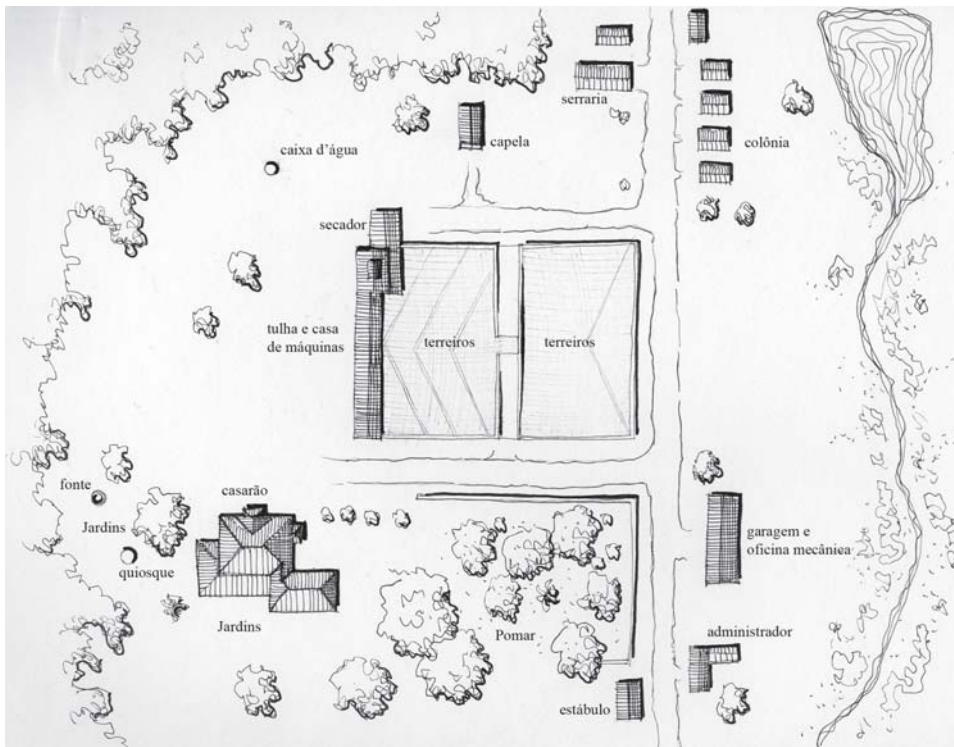
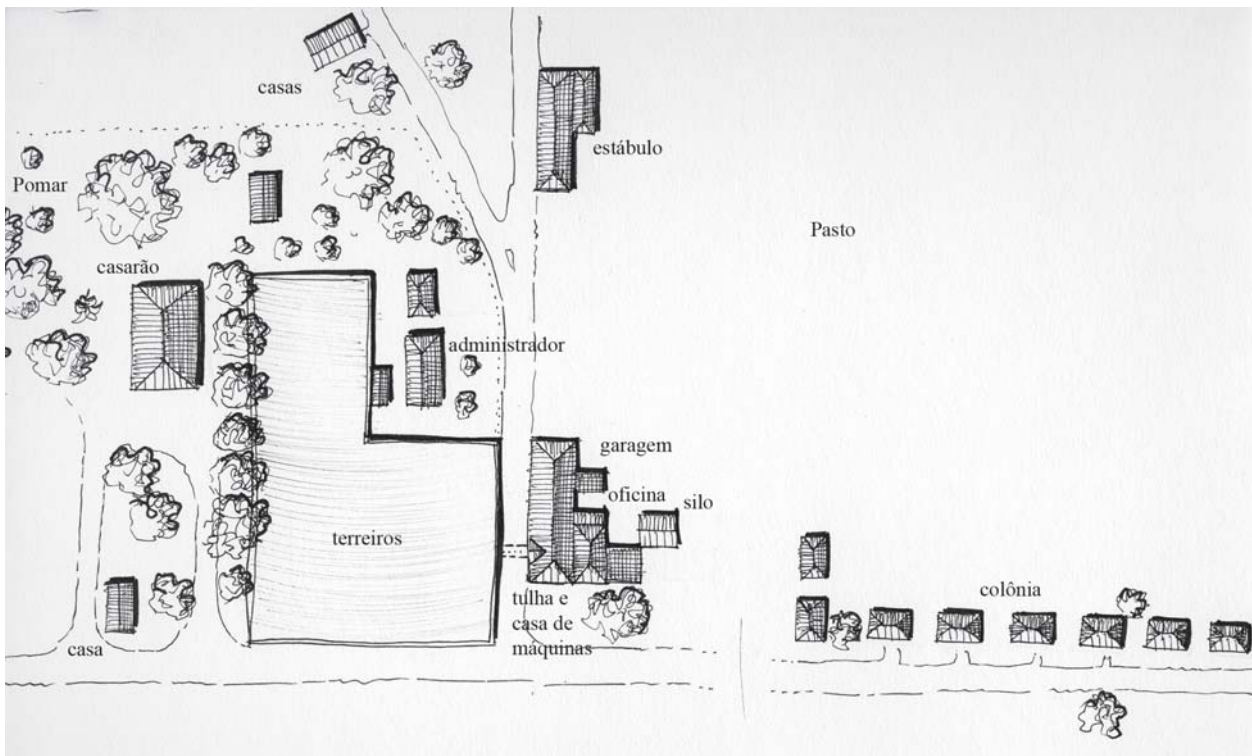


Figura 155 (acima) - Implantação da fazenda Cariman, Gália. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 156 (abaixo) - Implantação da fazenda Palmares, Garça. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.



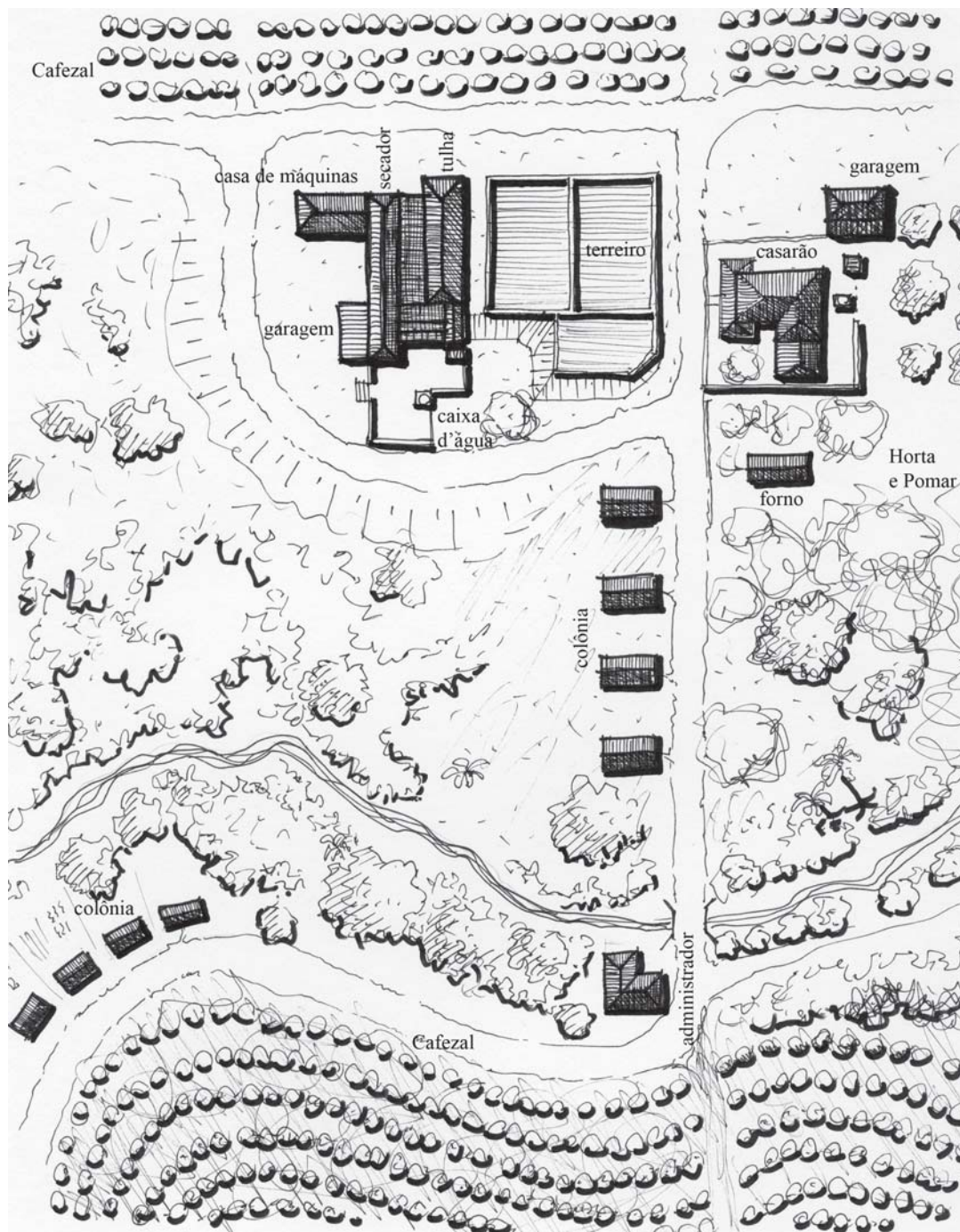


Figura 157 - Implantação da fazenda Bom Jardim, Vera Cruz. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

A partir da década de 1920, um outro tipo de propriedade rural surge no interior paulista, associada ao capital estrangeiro: as grandes companhias agrícolas. Tivemos a oportunidade de visitar uma delas: a antiga Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, hoje denominada fazenda São João do Tibiriçá. Trata-se de um grande empreendimento que diferia das outras fazendas por dois fatos essenciais. Primeiro, a forma de gerenciamento, em que se desvinculava a figura do proprietário, ou proprietários, da empresa rural em si, uma vez que ela era gerida por profissionais contratados para essa função, em moldes muito mais próximos do capitalismo moderno: dessa forma, desaparecia a figura do fazendeiro, ou do administrador, ligado à forma tradicional de gerenciamento da fazenda que persistia no Brasil. E, segundo, pelo apelo e fascínio que exercia em seus trabalhadores pelas inúmeras oportunidades de lazer e serviços, além de certas regalias trabalhistas que lhes eram ofertadas, inexistentes na maioria dos outros locais de trabalho, como férias, prêmios por produtividade, entre outras. Logicamente, todos esses benefícios vinham acompanhados de regras de conduta e exigências que deveriam ser seguidas à risca, sob pena de dispensa sumária e perda de todas essas “conquistas”. Ou seja, permaneciam traços do antigo regime de colonato, associados a algumas conquistas do trabalhador urbano, que era visto pelo trabalhador da Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, e mesmo de outras, como a já mencionada Cambuhy, de Matão, como grandes vantagens, pois a legislação brasileira ainda não lhes assegurava tais benefícios.⁴⁷ A dualidade trabalho-diversão está presente na memória daqueles que viveram na Companhia na época de fausto, quase se esquecendo dos fortes esquemas de controle e organização a que eram submetidos:

Então, naquela época nós mudamos para a Companhia. Era 1933 ou 34, não sei! Mas foi o melhor lugar onde já moramos. Antes nós morávamos em outras fazendas, mas lá era só trabalho. Não que na Companhia nós não trabalhássemos. Lá a gente trabalhava até mais! Só que valia a pena! É que lá tinha tanto divertimento, tanta vida! Só que como nada era de graça, nós trabalhávamos mais para ter dinheiro para a festa, para o cinema, para o teatro. Nós nos esforçávamos para colher mais alqueires de café, porque os ingleses diziam que “vagabundo” não tinha lugar na Companhia. Então nós batíamos o pé para poder satisfazer aos ingleses.⁴⁸

Olha, sinceramente naquela época não se via tanta atração num só lugar. Bom, também não era só festa, nós trabalhávamos bastante. Trabalhar, todos tem que trabalhar... Divertir, nem sempre! Lá na Companhia divertir era sempre. Só que era assim: trabalho é trabalho, diversão é diversão! Nunca ninguém ficava vadiando! O sol era o trabalho e a lua era a festa. Sem sol não há lua! Tinha gente que até reclamava que estava trabalhando demais, mas valia a pena, porque nas outras fazendas não tinha tanto divertimento como na Companhia. Nem em Gália era tão bom como lá!⁴⁹

O conjunto arquitetônico dessas companhias agrícolas foi reformulado e adaptado a esse novo modelo de gerenciamento que mesclava capitalismo a velhos sistemas de trabalho já consagrados no Brasil, desde o século anterior. A complexidade desse empreendimento atende a uma nova lógica de organização que difere de uma fazenda cafeeira tradicional sendo a apreensão e compreensão da inter-relação entre os vários espaços e construções, a princípio, de difícil leitura. Na fazenda São João do Tibiriçá, quando nos deparamos diante dessas instalações, só foi possível a sua perfeita compreensão com a ajuda de pessoas que vivem ali e pela leitura de textos específicos sobre essa propriedade.

Vindo de Garça, a fazenda São João do Tibiriçá, ou Companhia Inglesa, como é ainda hoje chamada, é acessada através de uma estrada vicinal que leva ao município de Gália, e daí toma-se uma estrada de terra, que vai serpenteando em direção ao vale do rio Tibiriçá. Após uma curva, já ao fundo do vale, avista-se, à direita, uma torre de igreja, com cobertura em agulha, sobre calotas ogivais. Pouco depois, estamos ao lado dessa bela edificação, a primeira do conjunto, que se volta para o vale à sua frente: é a capela de São João, construída em estilo neogótico inglês, com suas paredes de tijolinhos aparentes e aberturas em arcos ogivais. À frente e à esquerda de sua fachada, encontra-se o pátio onde se realizavam as festas religiosas da fazenda.

Nossa! A Igreja da Companhia era tão bonita! Eu não perdia uma missa! Conta o povo que, quando inauguraram a Igreja, veio até Cardeal de São Paulo rezar missa! Cada pintura, de dar gosto a qualquer um, que tinha naquela igreja! Lá eu fiz a minha primeira comunhão e me crismei. Vi tanto casamento! Cada noiva linda! De vez em quando os ingleses davam até vestido de noiva! Que gostoso que era a Companhia!⁵⁰

⁴⁷ Para maior detalhamento do sistema de trabalho nessas propriedades ver, sobre a Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá: UZAI, M. N. *O Fascínio de um Sonho Inglês nos Trópicos*. Marília: FFC-Unesp (monografia de bacharelado), 1996. Sobre a Companhia Agrícola do Cambuhy, ver: VECCHIA, M. J. de S. G. *Ingleses e Trabalhadores Rurais: Reconstrução de uma Comunicação Possível*. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte-MG, 2003, in:

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/5009/1/NP13VECCHIA.pdf>; acessado em 12/11/2007.

⁴⁸ Depoimento do Sr. Francisco José de Souza, encontrado em: UZAI, M. N. *O Fascínio de um Sonho Inglês nos Trópicos*. Marília: FFC-Unesp (monografia de bacharelado), 1996, p. 35.

⁴⁹ Depoimento de D. Maria, ex-colona, encontrado em: UZAI, M. N. *Op. cit.*, 1996, p. 36.

⁵⁰ Depoimento de D. Luzia Maria Bernardino dos Santos, ex-colona, encontrado em: UZAI, M. N. *Op. cit.*, 1996, p. 40.

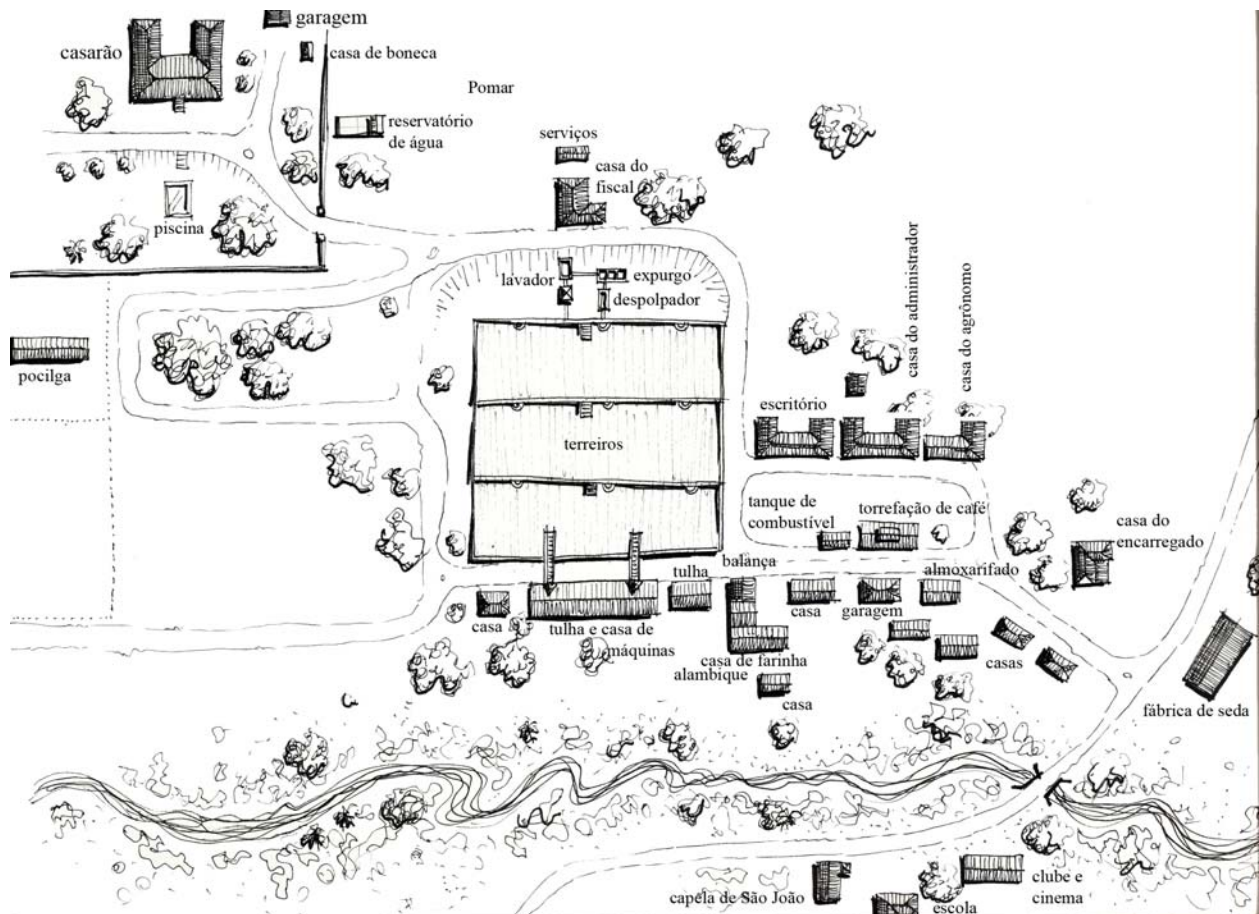


Figura 158 - Implantação da fazenda São João do Tibiriçá, antiga Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, ou Companhia Inglesa, em Gália. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Hoje a edificação está abandonada, embora conserve muito de sua beleza e imponência, a começar pela torre sineira, ao centro da fachada principal, pelos vitrais e o excelente trabalho realizado no assentamento de tijolos, criando relevos diversos e texturas. No interior, as pinturas, mencionadas no relato acima, foram encobertas por camadas de tintas, o forro ruiu... O aspecto geral é desolador: vidros quebrados, portas arrancadas, sujeira para todo lado; mas percebe-se, pelo programa, que não era uma simples capela, mas uma igreja destinada a atender moradores rurais de uma ampla área, possuindo batistério, coro, ampla nave, sacristia, altar-mor - em mármore. Na verdade, segundo nos informaram, ela só não foi ainda demolida porque não pertence à fazenda, e sim à Paróquia de Gália.

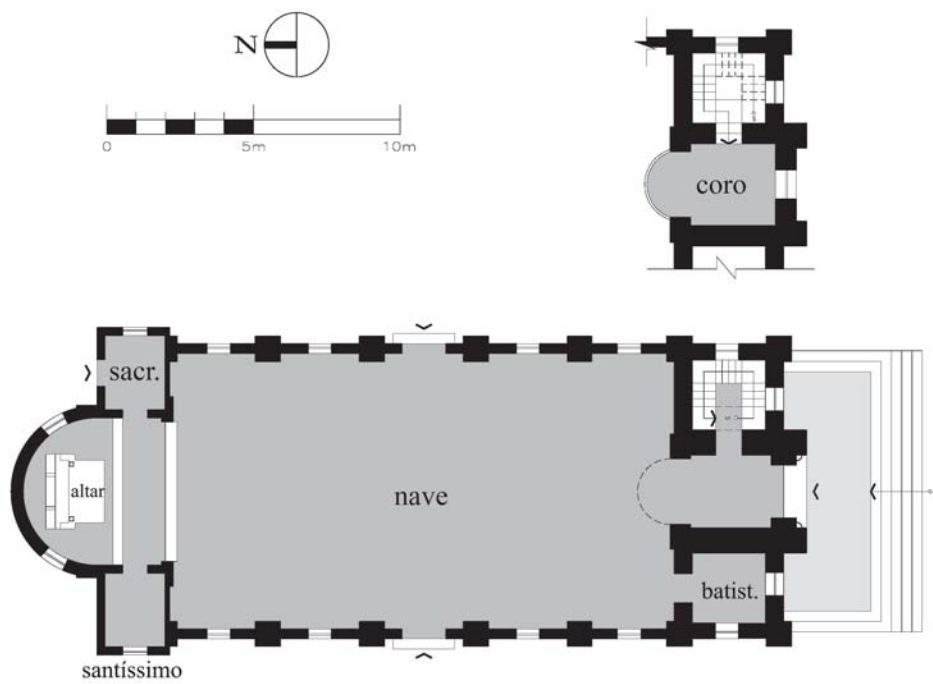


Figura 159 (acima) - Planta da Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Levantamento: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 160 (à direita) - Fachada da Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 161 (abaixo) - Lateral da Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 162 (à direita, embaixo) - Fundos da Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Aos fundos, à esquerda, é possível observar algumas das edificações remanescentes do conjunto da Companhia Inglesa. Foto: V. Benincasa.





Figura 163 (acima, topo) - Vista da nave, a partir do coro. Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 164 (acima) - Vista da nave, a partir do altar-mor. Ao fundo, o coro e, à direita, a porta do batistério. Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 164 (à direita, topo) - Detalhe do forro sobre o altar-mor, vendose a curvatura da abside. Fachada da Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 166 (à direita, centro) - Escadaria de acesso ao coro e à torre sineira. Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 167 (acima) - Detalhe de um dos vitrais laterais. Pelos vãos dos vidros, podem-se ver restos de alicerces de antigas casas de colônia. Igreja de São João Batista, fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Junto à Igreja, aos fundos do pátio lateral, encontra-se a antiga escola da Companhia, também bastante presente na memória das pessoas que ali viveram na época dos ingleses. É bastante informativo o relato de D. Helena, ex-professora que ali lecionou:

*Tínhamos de tudo no grupo escolar, além do prédio ser amplo e arejado, havia um bom mobiliário e todos os materiais pedagógicos necessários às lições. Quando os ingleses me procuraram em São Paulo, para que viesse lecionar em sua fazenda, não imaginava o tamanho cuidado que tinham com a educação. Na verdade, eles queriam que seus filhos pudessem ter a mesma educação que teriam se estudassem na Inglaterra, assim, fizeram de sua escola a melhor da região. Como a escola era paga, nem todos os filhos dos trabalhadores podiam freqüentá-la, mas, como as mensalidades eram baixas, muitos lá estudavam. As inglesas é que lecionavam o inglês e dirigiam a escola.*⁵¹

Construída entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, a escola da fazenda guarda semelhanças com as escolas estaduais paulistas da época, inclusive no pequeno frontão, de gosto neocolonial. A planta é simétrica e bastante pragmática, constando de quatro salas de aula, salas de professores, diretoria, copa, banheiro. É bastante provável que uma das pequenas salas funcionasse como almoxarifado e depósito.

⁵¹ Depoimento de D. Helena Freitas de Moura, ex-professora. Em: UZAI, M. N. *Op. cit.*, 1996, p. 38.

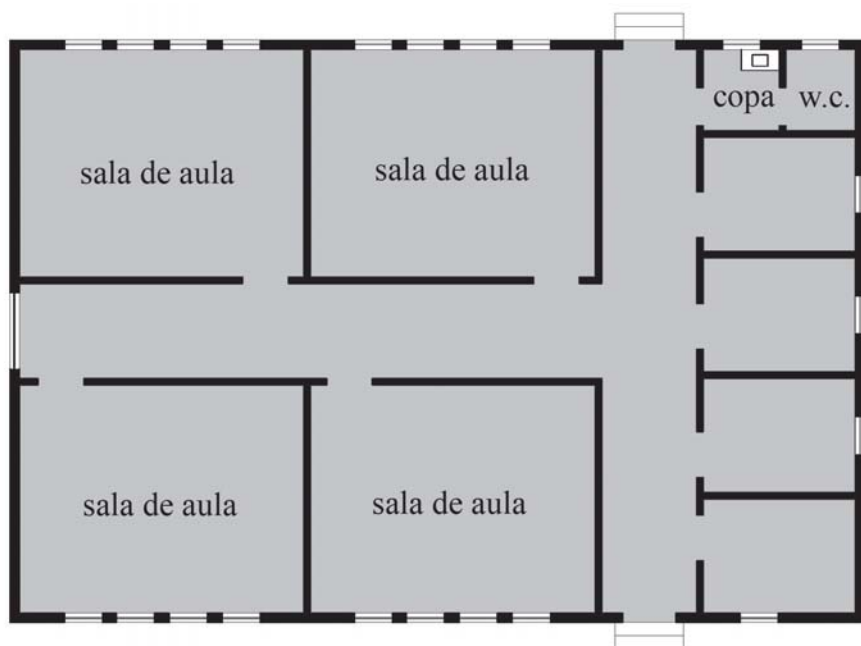


Figura 168 (à esquerda) - Planta da escola da fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 169 (acima, topo) - Vista parcial da fachada da escola da fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 170 (acima) - Vista do corredor de entrada da escola: à esquerda, o início do corredor das salas de aula; à direita, as salas de professores, diretoria e o espaço destinado à copa-banheiro. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Do outro lado da estrada ficava uma das várias colônias, da qual restam alguns alicerces. Abaixo da igreja, em direção ao vale, ficava o prédio que abrigava o cinema, o teatro e o salão de bailes da fazenda, o qual, infelizmente, havia sido demolido, e seu material construtivo vendido, poucos meses antes de nossa visita. Dele, conseguimos uma foto, feita na década de 1990, em que aparece o processo avançado de deterioração. Os depoimentos dão-nos uma idéia do ambiente geral desses espaços e seu funcionamento:

Como gostava do cinema. Era tão divertido! E naquela época, eu, moça, queria ir ao cinema, mas o pai era muito bravo e não deixava... Mas eu sempre ficava na janela do meu quarto vendo os moços passarem para ver os filmes. Cada moço vistoso! E a mulherada! Todas bem vestidas, e não era chita, não! Bem penteados! Não podia entrar lá de qualquer jeito. De vez em quando eu ia escondida do pai. E os ingleses sempre iam. Ficavam sentados lá nas fileiras da frente... As cadeiras deles eram todas forradas de veludo vermelho, que combinava com as cortinas das janelas e as da frente. E as mulheres dos ingleses! Que mulheres bem cuidadas! Tinham algumas feias, mas vestiam cada roupa! Todas de chapéu, sapato de salto...⁵²

Que riqueza que era aquele lugar! Vinha tanta gente de fora para ver as peças! E não era gente qualquer, não! Só figurões, que vinham de São Paulo, de Bauru... Veio gente até do Rio de Janeiro. O povo da Companhia preferia mais o cinema, porque era mais barato, mas sempre is no teatro,

quando podiam. É que era muito bonito mesmo! Todo mundo ia com cada roupa! Até os artistas achavam o lugar uma maravilha! Na entrada do teatro tinha um bar muito chique. É que lá os ingleses recebiam os convidados.⁵³

Todo esse núcleo de lazer fazia parte das estratégias de manutenção do bom empregado, garantindo-lhe a satisfação de trabalhar em um local diferenciado e na mais perfeita ordem, "privilégio" que tinha um custo financeiro, e cobranças na conduta individual de todos os membros da família, tanto profissional, quanto social, caso contrário, era necessário dar adeus ao "paraíso". Esse tipo de administração foi comum em muitos dos empreendimentos estrangeiros no Brasil da primeira metade do século XX, como nas ferrovias, por exemplo, e mesmo em algumas grandes indústrias nacionais, que adotavam as estratégias de grandes industriais ingleses e franceses para conseguir ordenar o caos imposto pelo inchaço urbano das cidades européias no período da Revolução Industrial. E, dentre essas estratégias, a principal era garantir boa moradia aos empregados próximo ao local de trabalho, o que ocorreu na Companhia inglesa, de Gália.

⁵² Depoimento de D. Vitalina de Jesus Sampaio, ex-cozinheira dos ingleses. Em: UZAI, M. N. *Op. cit.*, 1996, p. 37.

⁵³ Depoimento de D. Palmira Fernandes Fonseca, ex-bilheteira do teatro. Em: UZAI, M. N. *Op. cit.*, 1996, p. 39.

Figura 171 - Vista parcial da fachada da do cinema. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto da década de 1990, pertencente ao acervo da Biblioteca Municipal de Gália.



Atravessando o rio, seguindo a estrada para Gália, à esquerda, adentra-se o núcleo da fazenda, onde logo aparecem duas casas idênticas, construídas em 1932, segundo data existente na fachada. Elas devem ter servido a funcionários com certo grau de distinção, pois são muito diferentes das casas de colônia, tanto no tamanho, quanto na aparência: elas apresentam um alpendre lateral, sala, dormitórios, cozinha ampla, além de uma espécie de edícula, aos fundos, com banheiro, lavanderia e um forno à lenha. Dentre as comodidades, incluem-se, ainda, sistema de água encanada fria e quente, aquecida na serpentina existente no fogão à lenha; dormitórios e sala com piso assoalhado, sobre porão baixo; janelas com guilhotinas envidraçadas na parte interna, e folhas venezianas, na parte externa; além de forro, em todos os aposentos, exceto na cozinha (ver figuras 172 a 175). Numa fazenda comum, esse tipo de casa seria destinado ao administrador, por exemplo. As casas de colonos dessa propriedade, mesmo não diferindo do aspecto das de outras fazendas, segundo depoimentos, eram melhores, pois sempre tiveram sistema de abastecimento de água encanada. Alguns dos conjuntos de casas de colônia apresentavam elementos que também os valorizavam, como alpendres frontais e janelas com folhas venezianas, incomuns em construções desse tipo. Esses cuidados também explicam o porquê de tanto fascínio por parte de seus ex-empregados.



Figura 172 (à direita, topo) - Vista de casas de funcionários. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 173 (à direita) - Planta de casa de funcionários. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

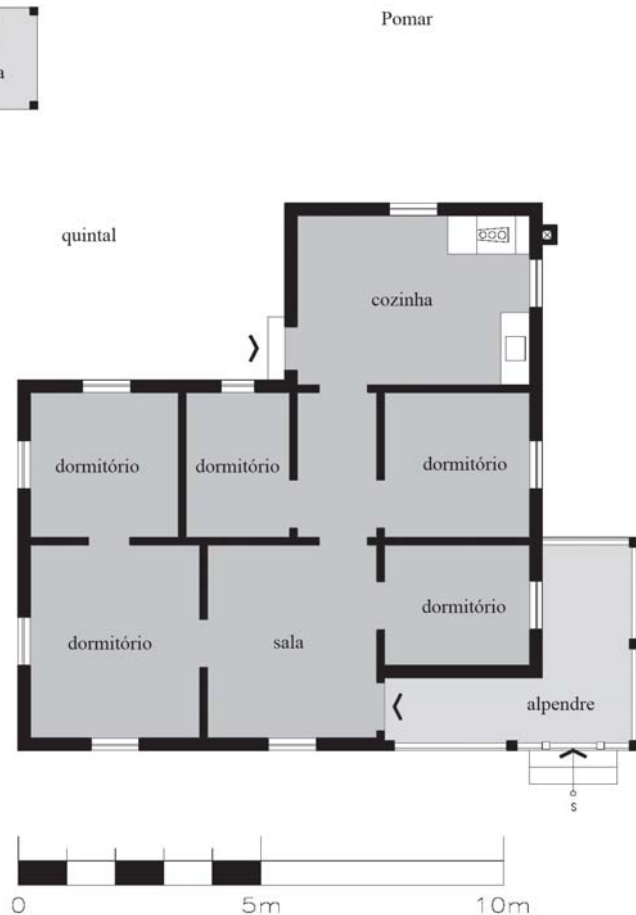




Figura 174 - Cozinha: interior de uma das casas de funcionários da fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 175 - Aspecto do quintal de uma das casas de funcionários. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 176 - Aspecto de uma das colônias, hoje demolida, da fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Externamente, elas são muito semelhantes a outras colônias, no entanto, possuíam água encanada, o que resultavam em sentimento de orgulho por parte de seus moradores. Foto da década de 1990, pertencente ao acervo da Biblioteca Municipal de Gália.

Figura 177 - Aspecto de outra das colônias, construída em 1925, hoje demolida, da fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Este conjunto, assim como outros da fazenda, apresentava alpendres, um elemento diferenciador. Foto da década de 1990, pertencente ao acervo da Biblioteca Municipal de Gália.

Logo acima dessas casas ficavam: o centro comercial da fazenda, com padaria, açougue, lojas de tecido e de roupas, armazém. Poucas eram as atividades cotidianas feitas fora dos domínios da Companhia:

Aí, quando era sábado, ou senão à noite, durante os dias de semana, a gente ia fazer compras nas lojas da fazenda. A gente comprava calçado, comprava carne fresca, carne de sol... Na padaria, a gente pegava pão, doce e, até, vinho. Era uma festa fazer compras. A gente tomava sorvete de bola. Bebia tubalina geladinha. É, aquela fazenda era boa mesmo! Nem parecia fazenda. Era melhor que cidade!⁵⁴

Nas proximidades se localizavam várias outras edificações: o almoxarifado central, a casa de torrefação de café, a bomba de combustível, abrigo para tratores e caminhões, a casa de farinha, o alambique, a balança, as oficinas mecânicas, as tulhas, a grande casa de máquinas, os terreiros, os lavadores, o despoldador, a casa de expurgo, pocilga, estábulos, cocheiras, currais, a fábrica de seda. Praticamente, foram todas demolidas e seu material vendido. Nas poucas restantes, se percebe o cuidado na construção, embora sejam de arquitetura muito simples, sem ornamentos. Todas foram construídas sobre embasamento de pedra, e com alvenaria de tijolos. Algumas, ainda, apresentam, ou apresentavam algumas paredes de madeira, como o alambique, a casa de máquinas e a serraria.

⁵⁴ Depoimento do Sr. Henrique José da Silva, ex-colono. Em: UZAI, M. N. *Op. cit.*, 1996, p. 39.



Figura 178 (à direita, topo) - Aspecto do antigo alambique e da casa de farinha. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 179 (à direita, centro) - Aspecto dos fundos do antigo alambique e da casa de farinha. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 180 (à direita) - Aspecto do almoxarifado geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.





Figura 181 - Casa de torrefação de café e, ao lado, o tanque de combustível. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 182 - Aspecto parcial dos terreiros e da grande edificação em que ficavam as tulhas e a casa de máquinas, vistos do escritório. Notar as paredes de madeira, a cobertura feita com folhas de zinco, e os lanternins para ventilação do interior. À direita, a passarela com trilhos para as vagonetas. Toda essa edificação foi demolida, e os terreiros se encontram em ruínas. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto da década de 1990, pertencente ao acervo da Biblioteca Municipal de Gália.



Entre as moradias ainda existentes, o destaque fica por conta das habitações que se destinavam aos ingleses com funções específicas e importantes dentro da hierarquia da Companhia. A primeira delas, era a do encarregado geral e sua família. Este era o cargo graduado logo acima dos empregados gerais. Talvez por isso, sua residência situa-se próxima ao almoxarifado central e à casa de torrefação.

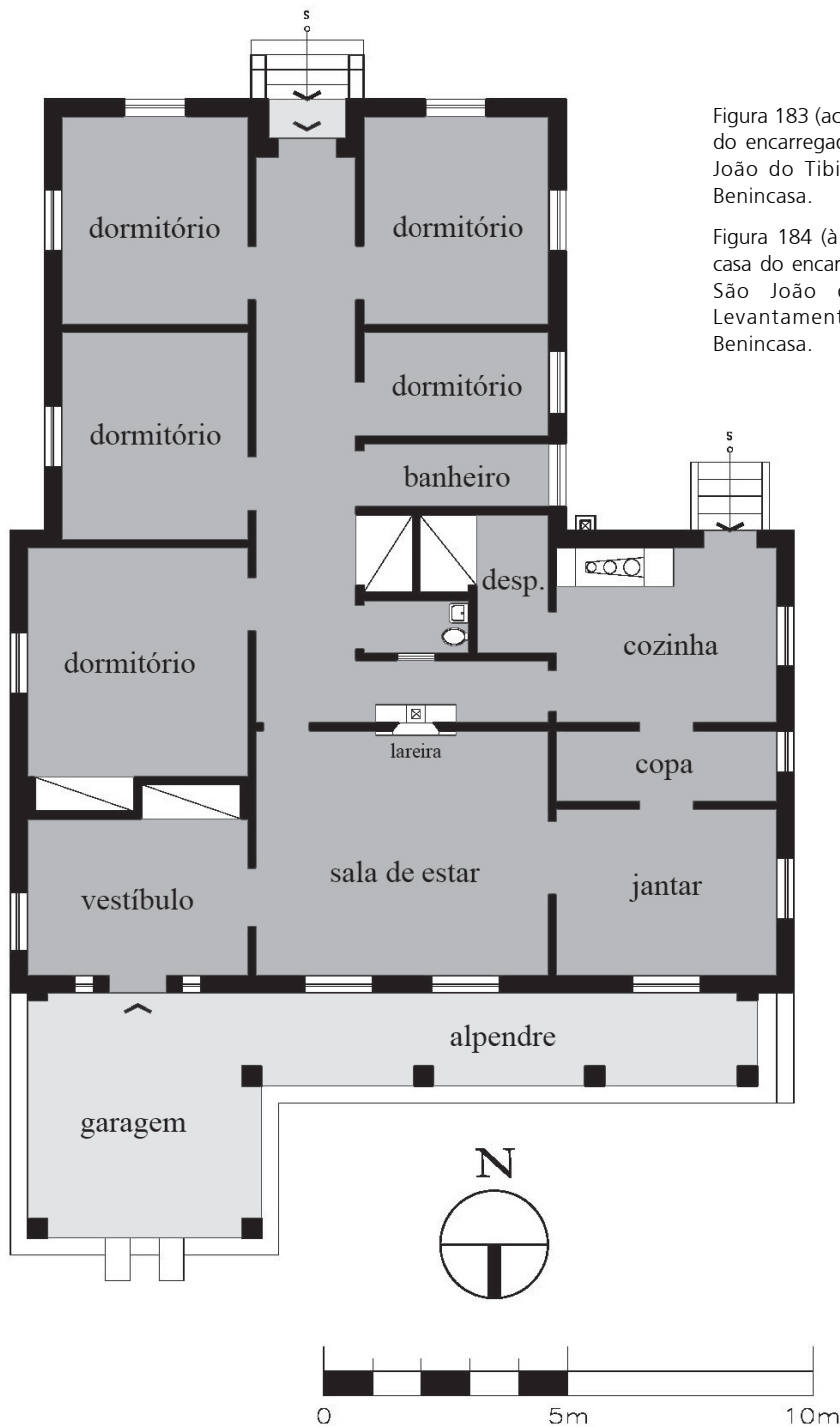


Figura 183 (acima) - Fachada da casa do encarregado geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 184 (à esquerda) - Planta da casa do encarregado geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Levantamento e desenho: V. Benincasa.



Figura 185. Fundos da casa do encarregado geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 186. Corredor central. Casa do encarregado geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 187. Detalhe da lareira da sala de estar. Notar o piso assoalhado. Casa do encarregado geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

No terreno situado pouco acima, situam-se outras duas moradias – a do agrônomo da fazenda e a do administrador -, além do grande e imponente edifício do escritório. Todas essas construções ficam numa mesma rua, agrupadas uma ao lado da outra. Na frente dos terreiros, situa-se a casa do fiscal e, um pouco além, ligeiramente afastada do conjunto, em terreno que foi delimitado por cerca de madeira, está a suntuosa moradia destinada aos proprietários da Companhia.



Figura 188 (à direita, topo) - Fachada da casa do agrônomo. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 189 (à direita, centro) - Detalhe do piso do alpendre. Casa do agrônomo. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 190 (à direita, embaixo) - Sala de estar, vendo-se, à esquerda, a lareira de canto, e, à direita, a janela de ângulo, bastante usada na arquitetura inglesa. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.





Figura 192 (acima, à esquerda) - Casa do administrador geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 193 (acima) - Fundos da casa do administrador geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 191 (embaixo) - Planta da casa do administrador geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Levantamento e desenho: V. Benincasa.





Figura 194. Corredor da ala de dormitórios, casa do administrador geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 195. Sala de estar, com lareira. Aos fundos, a sala de jantar. Casa do administrador geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 196. Cozinha da casa do administrador geral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 197 - Fachada da casa do fiscal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 198 - Planta da casa do fiscal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Lev. e desenho: V. Benincasa.





Figura 199 (acima, topo) - Sala de estar, com lareira. Casa do fiscal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 200 (acima) - Aspecto parcial do banheiro, casa do fiscal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 201 (à direita, topo) - Aspecto parcial de um dos dormitórios, com armário embutido, casa do fiscal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 202 (à direita, embaixo) - Corredor da ala íntima, casa do fiscal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 203 (à esquerda, topo) - Detalhe de cremalheira de janela, casa do fiscal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 204 (à esquerda, centro) - Aspecto parcial da fachada da casa principal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 205 (à esquerda) -Aspecto parcial da lateral, casa principal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 206 (acima, topo) -Detalhe do beiral do alpendre, casa principal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 207 (acima) -Detalhe de faixa decorativa junto ao beiral, casa principal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 208 (à esquerda, topo) - Fundos da casa principal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 209 (à esquerda, centro) - Aspecto parcial do alpendre fronteiro, casa principal. Notar o piso de ladrilho hidráulico e as famosas bow-window, muito recorrentes na arquitetura inglesa. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 210 (à esquerda) -Detalhe de forro de alpendre lateral da casa principal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 211 (acima) - Vista do espaço resultante sob o piso do alpendre fronteiro, casa principal. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 212 (acima, à esquerda) - Fachada do escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 213 (acima) - Outra vista da fachada do escritório central, a partir da rua lateral. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 214 (abaixo) - Planta do escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

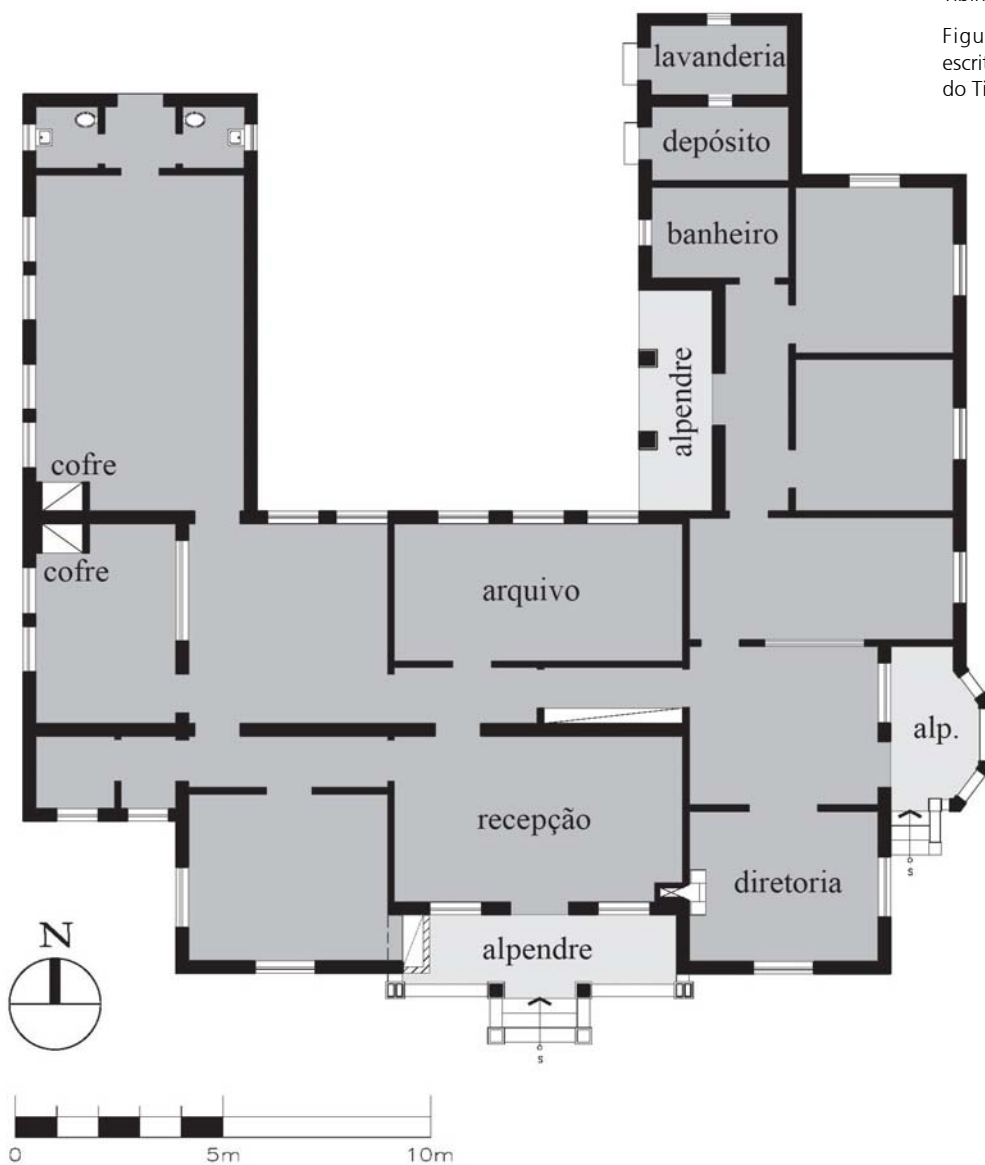




Figura 215 (acima, topo) - Alpendre lateral do escritório central: entrada para a sala da diretoria. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 216 (acima) - Fundos do escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 217 (à direita, topo) - Aspecto parcial da recepção. Escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 218 (à direita, centro) - Aspecto interno. Escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 219 (à direita) - Cofre embutido numa das salas. Escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.





Figura 220 (à esquerda, topo) - Sala da diretoria, equipada com lareira. Escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 221 (à esquerda) - Aspecto de um dos banheiros. Escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 222 (acima) - Detalhe de revestimento de azulejos de banheiro. Escritório central. Fazenda São João do Tibiriçá, Gália. Foto: V. Benincasa.

Elas foram construídas entre os últimos anos da década de 1930 e os primeiros da década de 1940, conforme as datas que aparecem nas fachadas. Tanto as moradias, como o escritório, são edificações bastante confortáveis e amplas, trazendo em si elementos que as diferenciavam, simbolicamente, das demais existentes no conjunto, deixando muito clara a hierarquia existente, evidenciada tanto no tamanho, quanto no tipo de acabamento empregado. Elas seguem as normas do higienismo, com o que havia de mais moderno para o conforto, como luz elétrica, água encanada (quente e fria), sistema de esgoto, banheiros, cozinhas equipadas com pias e fogões à lenha que, em algumas casas, eram os do tipo econômico, industrializados (casa do fiscal) e em outras, como na casa do administrador, do agrônomo e do encarregado, os tradicionais fogões à lenha “caipiras”, comuns no interior paulista. Infelizmente, não foi possível visitar o interior da casa principal.

Todas possuem um bom acabamento, tendo sido construídas sobre porões, com embasamento de pedras e alvenaria de tijolos, e cobertura de telhas francesas. As janelas são de madeira, com guilhotinas envidraçadas internas e folhas venezianas, mas também aparecem esquadrias metálicas envidraçadas. Os pisos de dormitórios e salas são assoalhados, e os forros de madeira; nas áreas molhadas parecem os ladrilhos hidráulicos e seus belos desenhos em mosaico, ainda muito utilizados na década de 1940.

O programa dessas habitações apresenta algumas singularidades, incomuns em casa rurais paulistas, como a inclusão de garagens para automóveis, junto ao corpo da casa, e a presença de banheiros ao centro das plantas, com ventilação e iluminação zenitais, por exemplo – soluções impensáveis numa casa paulista tradicional. As zonas de aposentos são muito bem definidas, tendo todas uma ala social; uma ala de serviços; e uma bem delimitada zona íntima, percorrida sempre por um corredor central. Armários embutidos aparecem em corredores e nos dormitórios, uma praticidade que, se não era novidade na arquitetura rural de São Paulo, também não chegava a se constituir num elemento corriqueiro.

Um detalhe curioso é a presença de lareira nas salas de estar de todas as casas e, também, na sala da diretoria no escritório, uma evidente imposição da tradição inglesa, praticamente inexistente nas demais propriedades da região. Essa peculiaridade, entre outras, como as altas chaminés, a já citada existência de armários embutidos em dormitórios e em outros cômodos, o bom acabamento geral, nos levam a pensar que essas edificações tenham sido projetadas por profissionais, talvez mesmo, ingleses. As plantas, por exemplo, possuem certa movimentação, o que resultou em panos de telhado, também movimentados, com várias águas, nos quais sobressaem as já mencionadas altas chaminés de lareiras e fogões internos, dando-lhes o aspecto característico de edificações de países frios. O jogo

de águas das coberturas é, ainda, ressaltado pelos alpendres - às vezes, mais de um numa mesma edificação - cujo telhado é sempre independente da cobertura principal. A aparência externa está vinculada à arquitetura dos bangalôs térreos já difundidos no Brasil, principalmente, pelos ingleses das ferrovias, e popularizados pela Companhia City, também inglesa, que fez vários empreendimentos de loteamentos em São Paulo, além de projetar e construir muitas residências com essa tipologia.

A antiga Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, ou simplesmente Companhia Inglesa, pelas suas peculiaridades, constituiu-se num dos casos mais interessantes da história da cafeicultura paulista, e merecia um estudo mais aprofundado, o que não é o caso desse trabalho. Ela, evidentemente, é um caso de exceção, pois, além de estar diretamente associada, como dissemos anteriormente, ao capital estrangeiro, teve uma forma de administração bastante diferenciada, que durou enquanto os ingleses estiveram presentes, entre 1927 e 1956. Provavelmente pela derrocada dos preços internacionais do café, a Companhia acabou vendida à Companhia Agrícola, Imobiliária e Colonizadora (CAIC), que a loteou e revendeu em partes, dela surgindo vários sítios, chácaras e as atuais fazendas Ipiranga, Ipiranguinha, São Pedro, Água Limpa, Fio de Ouro e a própria São João do Tibiriçá, que ficou com as edificações do conjunto.

No entanto, as outras fazendas das “novas” zonas cafeeiras do Estado de São Paulo, vinculadas ao capital nacional, também apresentariam aspectos bastante inovadores, principalmente no que diz respeito à configuração de edificações ligadas ao beneficiamento do café.

Inovações na Arquitetura do Beneficiamento

A partir das últimas décadas do século XIX, a importância das fazendas cafeeiras foi tal para a economia brasileira, e paulista, em particular, que surgiram vários livros com o tema da arquitetura rural. Em sua maioria, os autores eram agrônomos, ou engenheiros civis, e buscavam tornar cada vez mais eficientes os equipamentos destinados ao beneficiamento e ao armazenamento dos grãos, além de auxiliar o fazendeiro na construção de várias outras edificações, como pontes, paióis, silos, estábulos, currais, entre outras, e até moradias. Juntavam-se a prática e o conhecimento acumulado em anos de experimentações, às técnicas construtivas mais modernas e eficientes. Alguns desses autores, como Orlando Carneiro, Augusto Ramos, ou mesmo autores estrangeiros, como o português Augusto de Figueiredo, entre muitos outros, passaram a ditar as normas das construções das fazendas das “frentes pioneiras” paulistas.

Uma das principais características dessas novas edificações é que praticamente desaparece a alvenaria de pedra,

substituída pelo tijolo, mais fácil de manusear, por ser mais leve, e que possibilitava projetos mais maleáveis, delgados, além de rapidez na execução. O aperfeiçoamento das técnicas construtivas, baseadas em cálculos de forças, em estudo de solos, aliado aos novos conhecimentos agrônômicos sobre as características do café levou lavadores, tanques de fermentação, canaletas e, também, os grandes arrimos dos terreiros, a serem quase exclusivamente feitos de alvenaria de tijolos, que também foi muito empregado na pavimentação de suas superfícies. Na terraplenagem de grandes terreiros, chegou mesmo a ser comum, entre as várias plataformas, a construção de bermas e taludes, que eram, depois, revestidos de tijolos - evitando-se, assim, os cortes abruptos e verticais, que exigiam robustos muros de arrimos. Mesmo quando existiram os arrimos, por serem de tijolos e não mais de pedra, o corte era feito com leve inclinação, de maneira a não sobrecarregar demais a alvenaria de tijolos. Por outro lado, se o arrimo era feito à maneira antiga, verticalmente, fazia-se um reforço com gigantes, regularmente espaçados, de maneira a aliviar a força de tração exercida sobre a alvenaria de tijolos. Para que esse novo sistema de terreiros não entrasse em colapso, fazia-se uso de complexos sistemas de drenagem de águas superficiais e intersticiais, evitando-se o seu solapamento. Evidentemente, uma boa manutenção era importante, feita geralmente pouco antes da colheita, no final do período de chuvas.



Figura 223 (abaixo) - Vista geral dos terreiros da fazenda Mangue, em Jaci. A pavimentação da superfície e os arrimos foram feitos de tijolos. Foto: V. Benincasa.

Figura 224 (acima, topo) - Vista geral dos terreiros da fazenda Mangue, em Jaci. Os arrimos, em alvenaria de tijolos, foram feitos à maneira tradicional com muros verticais que, talvez pela falta de manutenção, não suportaram a tração exercida e necessitaram de reforços de pilares de concreto. Foto: V. Benincasa.

Figura 225 (acima) - Muros de arrimo externos dos terreiros da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Notar o gigante na quina do terreiro e a leve inclinação para descarregar de maneira mais eficaz as forças resultantes. Foto: V. Benincasa.





Figura 226 (à esquerda, topo) - Detalhe do sistema de drenagem de águas superficiais. Terreiro da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 227 (à esquerda) - Detalhe de drenagem de águas intersticiais e superficiais, terreiro da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 228 (acima, topo) - Muro de arrimo entre plataformas do terreiro da fazenda Figueira, Areiópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 229 (acima) - Detalhe de lateral do terreiro da fazenda Chantebled, Júlio de Mesquita. Notar a berma e o talude, revestidos de tijolos e argamassa. Foto: V. Benincasa.



Figura 230 (à esquerda, topo) - Outra vista da lateral do terreiro da fazenda Chantebled, Júlio de Mesquita. Aqui, a berma e o talude estão ainda revestidos somente de tijolos, sem a argamassa. Notar as passarelas que interligam terreiro e tulha. Foto: V. Benincasa.



Figura 231 (à esquerda, centro) - Berma e talude entre duas plataformas do terreiro. Fazenda Chantebled, Júlio de Mesquita. Notar, na parte inferior, o sistema de drenagem. Foto: V. Benincasa.

Figura 232 (à esquerda, embaixo) - Plataforma inferior do terreiro, onde se pode ver o revestimento de tijolos e o ressalto do piso para recolher os grãos de café durante a noite ou períodos de chuva. Fazenda Chantebled, Júlio de Mesquita. Foto: V. Benincasa.

Figura 233 (abaixo) - Talude revestido de tijolos na lateral do terreiro da fazenda São João, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



As dimensões de lavadores, despoldadores, terreiros, tulhas e casas de máquinas também eram feitos a partir de cálculos que envolvem diversas variáveis, como: produtividade média dos cafeeiros, segundo o clima e o solo da região em que a fazenda está localizada; a quantidade de pés de cafeeiros produtivos existentes na fazenda. Como visto anteriormente, isso já era feito anteriormente, no entanto, esses cálculos tornaram-se mais eficientes com o desenvolvimento da engenharia e da agronomia.



Figura 234 (acima) - Rara foto de terreiro em execução: notar os cortes no relevo natural, e as carroças que transportavam a terra retirada. Fazenda Suíça, Lins. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 354.

Figura 235 (à direita, topo) - Lavadores construídos de tijolos, terreiro da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 236 (à direita) - Canais de condução dos vários tipos de café dos lavadores para as plataformas do terreiro. Fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 237 (topo) - Vista geral do terreiro da fazenda São Sebastião, Catanduva. À direita, a edificação que abriga o despoldador e o lavador. Foto: V. Benincasa.

Figura 238 (acima) - Abrigo do lavador e despoldador, fazenda Santa Fausta, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 239 (à direita, em cima) - Despoldador, fazenda Santa Fausta, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 240 (à direita) - Batedor hidráulico industrializado destinado a retirar o restante da mucilagem dos grãos despoldados, antes de serem transportados para a secagem no terreiro. Fazenda Santa Fausta, Lins. Foto: V. Benincasa.





Figura 241 (acima, topo) - Lavadores.
Fazenda São João, São Manuel.
Foto: V. Benincasa.

Figura 242 (acima) - Lavadores.
Fazenda Salto, São Manuel. Foto:
V. Benincasa.

Figura 243 (à direita, topo) -
Despolpadores e tanques de
fermentação. Fazenda Salto, São
Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 244 (à direita, centro) -
Abrigo para despoldadores. Fazenda
Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 245 (à direita) - Lavadores.
Fazenda Santo Inácio, São Manuel.
Foto: V. Benincasa.





DES. 45

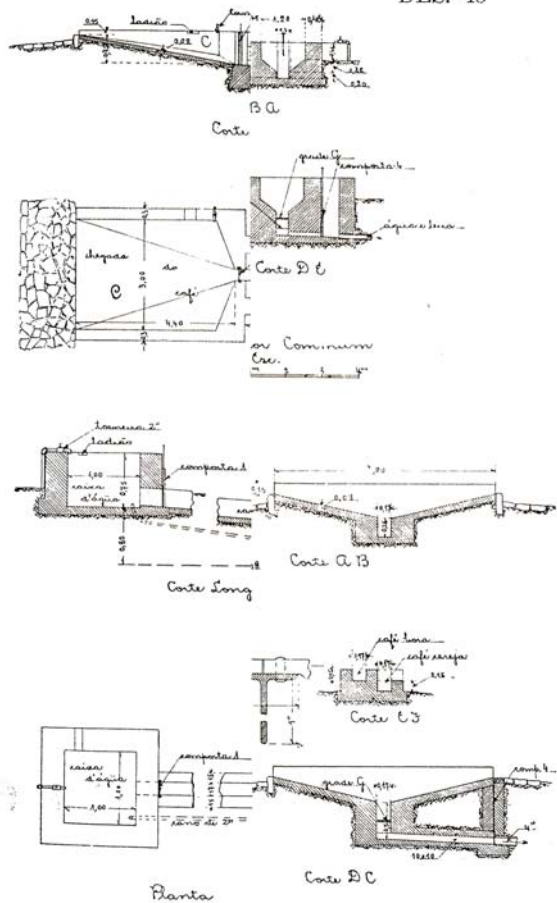


Figura 246 (acima, topo) - Abrigo para despoldadores e tanques de fermentação. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 247 (acima) - Tanques de separação de grãos. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 248 (à direita, topo) - Saída dos tanques de separação de grãos. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 249 (à direita, centro) - Despoldador da marca Blasi. Fazenda Madureira, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 250 (à direita) - Projeto de lavadores de café. Fonte: CARNEIRO, O. *Construções Rurais*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1965, 6ª edição, p. 196-a.

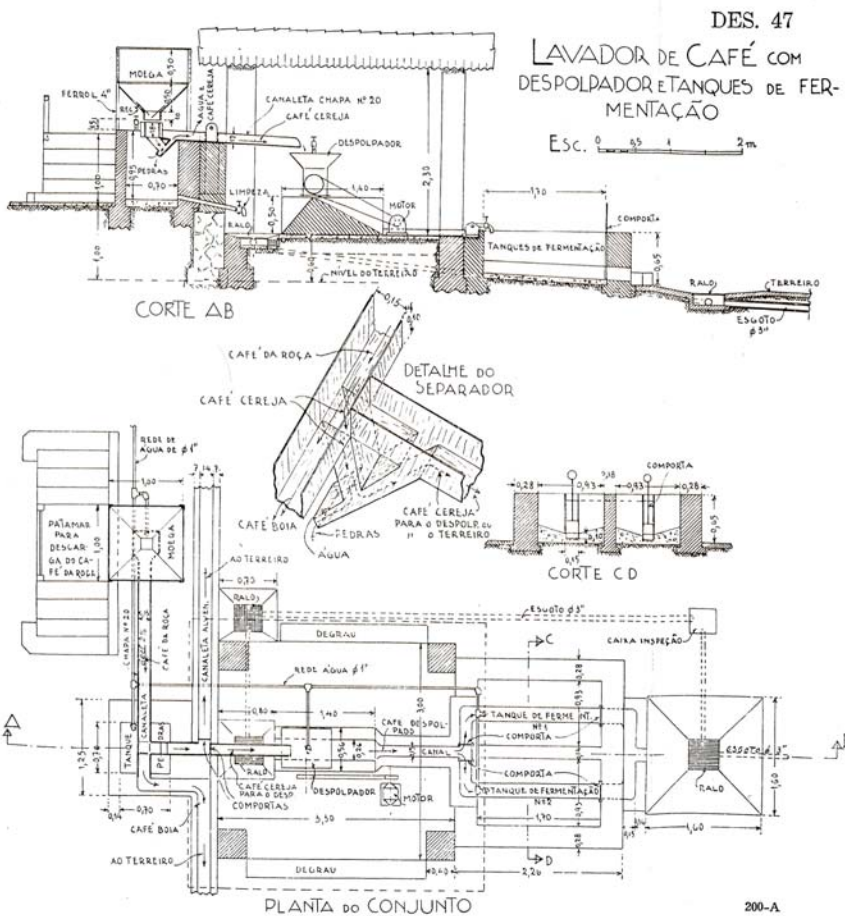
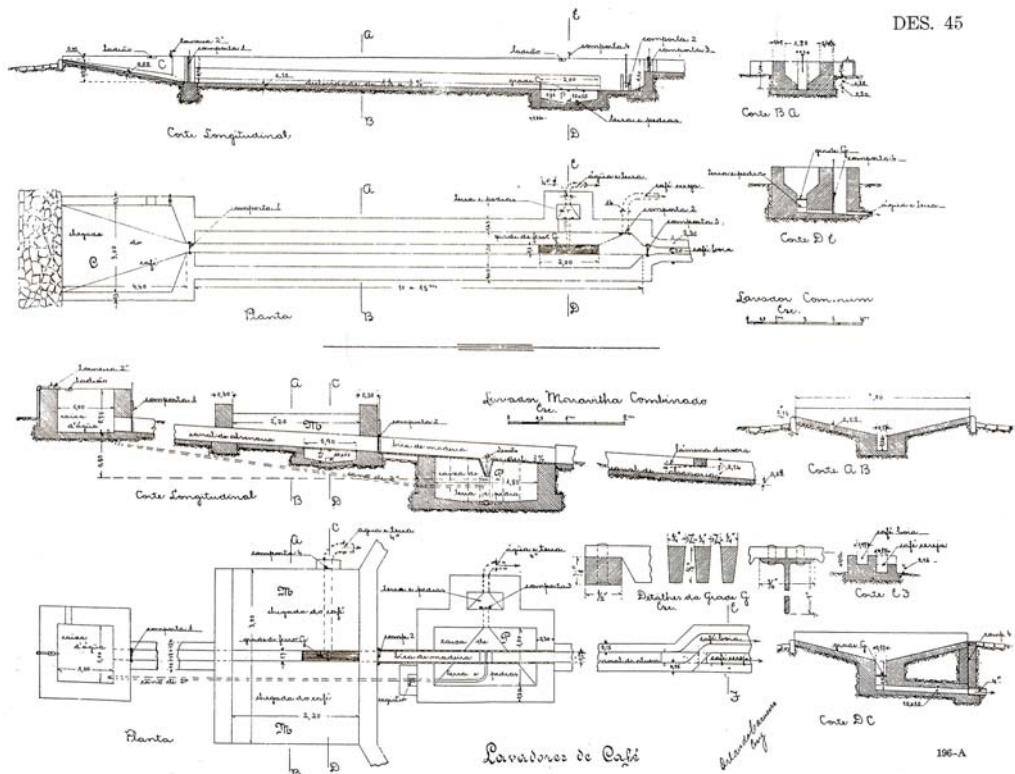


Figura 251(acima) - Projeto de lavadores de café. Fonte: CARNEIRO, O. *Construções Rurais*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1965, 6ª edição, p. 196-a.

Figura 252 (à esquerda) - Projeto de lavadores de café, com despulpador e tanque de fermentação. Fonte: CARNEIRO, O. *Construções Rurais*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1965, 6ª edição, p. 200-a.

Os métodos de lavagem dos grãos - por via seca ou por via úmida - são, basicamente, os mesmos, apenas mais aperfeiçoados. No entanto, o modo de levar o café dos lavadores, ou dos despoldadores, para os terreiros, e desses para as tulhas, em algumas fazendas, passam por inovações bastante engenhosas, como, por exemplo, na fazenda Santo Inácio, em São Manuel. Ali, o café já lavado e despoldado, era levado por uma canaleta na lateral do terreiro. A certa distância, junto a essa canaleta, existia uma caixa de alvenaria, para a qual os grãos podiam ser desviados mediante uma pequena comporta móvel de madeira. Ao fundo dessa caixa havia uma peneira que permitia a passagem da água para um canal subterrâneo, cuja entrada ficava junto ao piso do terreiro. Quando estava cheia a primeira caixa, abria-se a comporta e os grãos seguiam adiante, até a caixa seguinte. Essas caixas estavam situadas cerca de 1,50m acima do nível terreiro e, sob elas, foi feito um acesso aonde chegavam os trilhos das vagonetas, possibilitando o seu carregamento através da abertura da peneira. Daí levava-se a vagoneta até onde fosse preciso e despejavam-se os grãos diretamente sobre o terreiro, espalhando-os a seguir com os rodos. Um sistema bastante engenhoso, e talvez por isso mesmo, só observado nessa fazenda, dentre todas as que visitamos.



Figura 253 - Vista superior da canaleta situada na lateral do terreiro, para condução do café, juntamente com a água, do lavador para as plataformas de secagem. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 254 - Vista da mesma canaleta da foto anterior, a partir do terreiro. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Outra forma de condução do café recém-lavado para as várias partes do terreiro, essa mais encontrada, foi através de canaletas metálicas, elevadas do solo por pilares de alvenaria. Essas canaletas se espalhavam regularmente por todo o terreiro, sempre em linha reta, cortando-o da parte mais alta para a mais baixa, de modo a aproveitar o desnível, fazendo com que a água escorresse por elas, levando os grãos. Em intervalos regulares, essas canaletas possuíam aberturas controladas por pequenas comportas, por onde água e café eram desviados e despejados sobre peneiras rebaixadas, existentes no piso do terreiro. A água era recolhida em canais que a conduziam para fora das plataformas de secagem e os grãos, retidos nas peneiras, eram dali espalhados com rodos.

Obviamente, na maioria das fazendas manteve-se a forma tradicional, a de condução através de canaletas de alvenaria dispostas diretamente sobre os terreiros. Todavia, essas duas formas inovadoras mostram que o pensar sobre esses mecanismos foi constante durante todo o ciclo cafeeiro paulista, que fez do espaço da fazenda um curioso canteiro de experimentações.



Figura 255 (à esquerda) - Canaleta metálica suspensa, sobre pilares de alvenaria: notar a abertura por onde água e café eram despejados sobre a peneira, ao pé do pilar. Terreiro da fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 256 (à esquerda, embaixo) - Vista dos pilares que sustentavam as canaletas, hoje inexistentes. Terreiro da fazenda São João, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 257 (acima, topo) - Vista das canaletas suspensas do terreiro da fazenda Santa Fausta, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 258 (acima) - No alto da parede que separa as duas escadas, é possível observar o local de onde partiam as duas canaletas metálicas suspensas (de base arredondada) já não mais existentes. Terreiro da fazenda Chantebled, Júlio de Mesquita. Foto: V. Benincasa.

Tão curioso quanto essas formas inovadoras de condução do café ao terreiro, foi a forma de retirada do café seco. Nesse quesito, quase todas as grandes fazendas das “frentes pioneiras” da cafeicultura utilizaram o sistema de vagonetas sobre trilhos: por vezes empregando o sistema portátil, e, em outras, o sistema fixo. Na fazenda Santo Inácio, de São Manuel, o terreiro chega mesmo a aparentar um verdadeiro pátio de manobras ferroviárias, tamanha a quantidade de trilhos fixos existentes e, também, por empregar para a condução das vagonetas, uma pequena “locomotiva”, na verdade um trator sobre trilhos, movido a óleo diesel.



Figura 259 (embaixo) - Vista geral dos terreiros da fazenda Santo Inácio, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 260 (à direita, topo) - Outro aspecto dos terreiros da fazenda Santo Inácio, vendo-se a “linhatronco”, na lateral do terreiro, descendo em direção à tulha. Município de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 261 (à direita) - Vista da entrada da tulha, com os trilhos vindos dos terreiros. Fazenda Santo Inácio, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.





Figura 262 (acima, topo) - Vista interna da tulha, com a chegada dos trilhos. À direita, parte de uma das vagonetas. Fazenda Santo Inácio, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 263 (acima) - A "locomotiva", no interior da tulha da fazenda Santo Inácio, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Em algumas fazendas, no entanto, as vagonetas não percorriam pela superfície dos terreiros, mas em túneis com paredes de pedra ou tijolos, e cobertura em arco de tijolos ou de lajes de concreto: o café era despejado diretamente sobre as vagonetas, depois de seco, por aberturas amoegadas, feitas de concreto e armação metálica, existentes no piso do terreiro. Essa foi uma solução encontrada para terrenos onde havia um desnível muito grande entre o terreiro e a tulha, evitando-se, dessa forma, que a tulha tivesse uma altura exageradamente alta ou, por outro lado, demasiados escalonamentos no relevo natural, para rebaixar o terreiro. No entanto, como era inviável a construção de mais de um túnel, não se dispensava o uso do sistema de trilhos na superfície, que continuavam trazendo o café seco até as vagonetas subterrâneas.

Segundo informações passadas pelo Sr. João Batista Campos Cintra, da fazenda São João, de São Manuel, essa técnica foi adotada pela primeira vez em sua fazenda, e idealizada pelo seu pai, o antigo proprietário. Conforme dissemos no terceiro capítulo, esse uso de túneis só foi encontrado na região de São Manuel (nas fazendas São João e Salto, ambas pertencentes àquela família; e na vizinha fazenda Figueira, situada em Areiópolis); e de Amparo, região de origem da família Campos Cintra.



Figura 264 (à direita, topo) - Entrada do túnel das vagonetas. Fazenda Salto, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 265 (à direita) - Interior do túnel, vendo-se os trilhos. Observar as paredes laterais feitas em alvenaria de pedra e tijolos, e a cobertura, feita de concreto. Fazenda Salto, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.



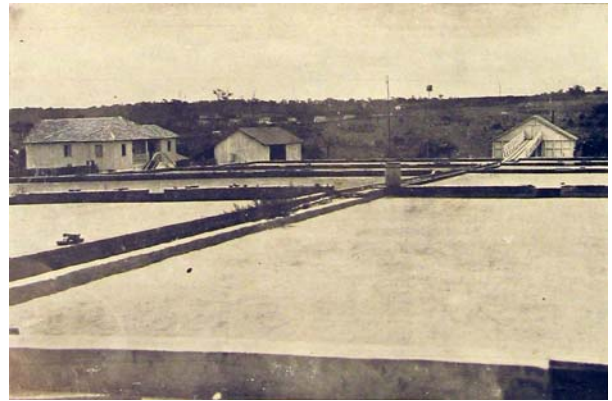


Figura 266 (acima, topo) - Outra vista do interior do túnel das vagonetas: observar as moegas por onde eram despejados os grãos secos de café. Fazenda Salto, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 267 (acima, centro) - Vista de caixa, com fundo amogegado, na superfície do terreiro, por onde se despejava o café nas vagonetas subterrâneas. Fazenda São João, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 268 (acima) - Vista do interior do túnel do terreiro: observar as paredes e o arco feitos inteiramente de tijolos. Fazenda São João, em São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 269 (acima, topo) - Entrada do túnel de terreiro. Fazenda Figueira, Areiópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 270 (acima, centro) - Um grande terreiro nos moldes tradicionais. Fazenda Santo Antonio, Lins. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 361.

Figura 271 (acima) - Outro grande terreiro tradicional, revestido com asfalto. Fazenda Dinamérica, Gália. Foto: V. Benincasa.

Outra inovação surgida no início do século XX foram as tulas secadeiras, ou secadores, utilizadas quando a safra era muito grande e os terreiros eram insuficientes para a secagem dos grãos. Elas proporcionam *uma secagem melhor e mais rápida do café em côco, evitando que o mesmo fique exposto às chuvas nos terreiros comuns, economizando o trabalho contínuo do rôdo e formação de montes cobertos com encerados.*⁵⁵

Havia dois tipos de tulas secadeiras: uma com ventilação natural e outra com ventilação artificial de ar quente.

As primeiras são construções simples e dispensam maquinismos. Apenas um elevador portátil poderá ser empregado, caso se queira carregamento mais prático e rápido. (...)

É uma caixa que se forma superpondo-se quadros de 4,00 m de comprimento por 2 a 2,50 m de largura, feitos com táboas de 18 cm de altura e atravessados, no sentido da largura, por duas ordens horizontais de calhas de madeira, em forma de V invertido, distanciadas de 25 cm, mais ou menos.

Quando se enche a tula, em baixo das calhas forma-se um espaço vazio por onde circula o ar.

As ordens horizontais de calhas são alternadamente fechadas pela parede da frente e abertas na do fundo, de modo que o ar entrando pelos fundos é obrigado a passar entre os grãos de café, alcançar o vazio da ordem

de calha seguinte, para sair pela frente, ou vice-versa, conforme a direção do vento. Essa corrente de ar acelera a secagem do café.

A descarga se faz puxando-se uma série de obturadores de gaveta colocados no fundo da tula.

A altura da tula é variável de acordo com a necessidade, podendo-se aumentá-la pela superposição de quadros.

A cobertura é feita com material leve, zinco ou cimento-amianto, de modo a tornar fácil a sua remoção ou abertura, quando se enche a tula.

É sempre montada sobre pilares, de modo a ficar elevada do solo e localizada junto aos terreiros e máquinas de beneficiar café.⁵⁶

Por sua vez, as tulas secadeiras com corrente de ar quente são um pouco mais complexas, exigindo fornalhas, compressores de ar e tubulação especial, sendo, em geral, industrializadas. Tiveram maior aceitação que as primeiras, por serem mais eficientes, embora exigissem um controle maior do processo, para evitar que os grãos passassem do ponto ideal de secagem.

⁵⁵ CARNEIRO. O. *Construções Rurais*. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1965, 6ª ed., p. 212.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, pp. 212-3.

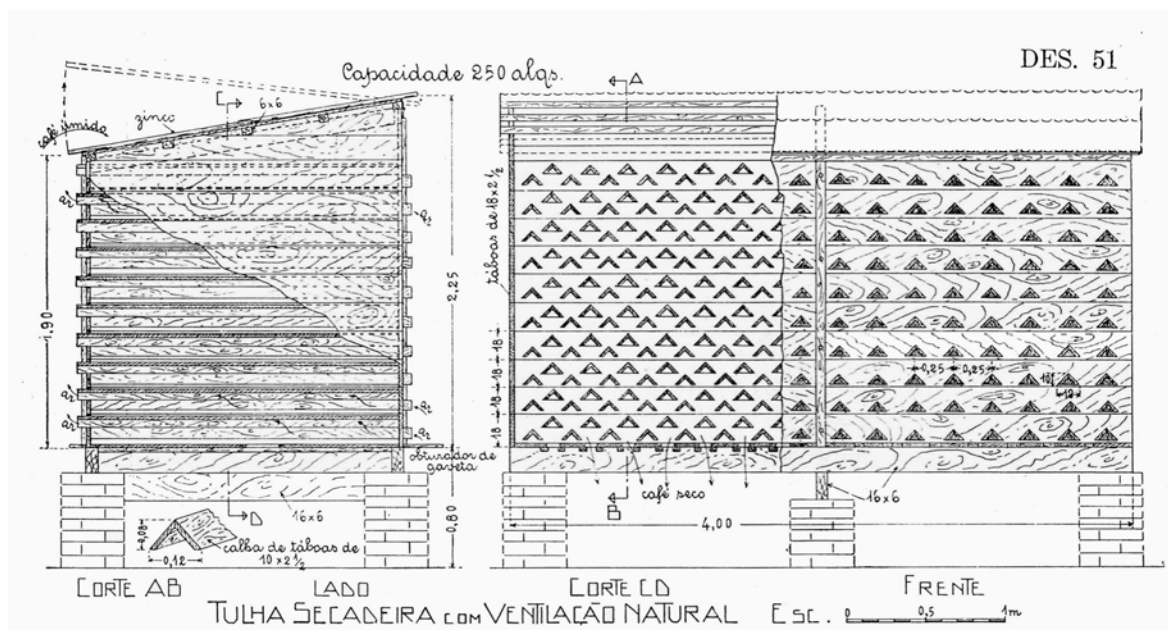


Figura 272. Projeto para tula secadeira com ventilação natural. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 216.

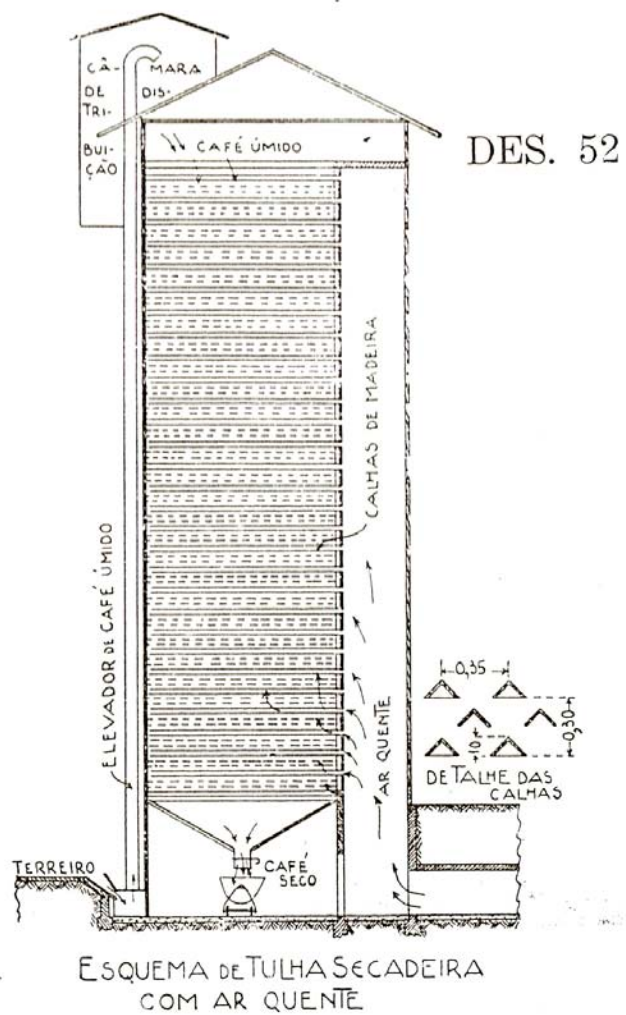


Figura 273 - Projeto para talha secadeira com ar quente. Fazenda Santo Antonio, Lins. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 217.

Figura 274 - Pequena talha secadeira de café, com ventilação natural. Fazenda Experimental, Pindorama. Foto: V. Benincasa.



Figura 275 - Secador industrializado, com ventilação artificial. Fazenda São João, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 276 - Secador industrializado, da marca Moreira, com ventilação artificial, instalado junto à tulha. Fazenda Santo Antônio, Neves Paulista. Foto: V. Benincasa.

Figura 277 - Detalhe do secador da foto anterior: Secador Moreira. Fazenda Santo Antônio, Neves Paulista. Foto: V. Benincasa.

As pequenas propriedades das frentes pioneiras, no entanto, não dispunham desses equipamentos. Algumas, mesmo, restringiam-se somente aos indispensáveis terreiros e tulhas, não existindo, sequer, os lavadores: o processo de limpeza resumia-se à peneiração manual. O café era seco em pequenos terreiros e guardado em tulhas, dali saía direto para as empresas que faziam o seu beneficiamento: as então famosas e comuns máquinas de torrefação de café. Esse era um produto destinado, quase sempre, ao mercado interno, de qualidade inferior, com alto grau de impurezas.

Mesmo algumas grandes fazendas apenas realizavam parte do processo de beneficiamento, ou seja, a lavagem e separação dos grãos, ou até o despulpamento, além da secagem e armazenamento, ou seja, não possuíam as casas de máquinas onde era feito o tratamento dos grãos secos. Assim, nessas propriedades, grandes ou pequenas, só havia as tulhas para o acondicionamento do café até que ele fosse vendido.

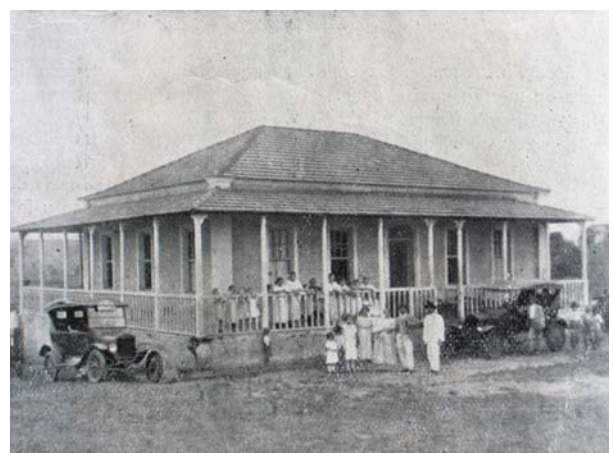
Com o surgimento de inúmeras máquinas de beneficiamento e torrefação nas cidades, cujo produto, em geral, era destinado ao mercado local, e também de grandes cooperativas de cafeicultores, que beneficiavam, armazenavam e negociavam o café, este de qualidade superior e quase sempre destinado ao mercado internacional, ocorre, nas fazendas, uma diminuição da área das tulhas, uma vez que o café seco passou a ficar por pouco tempo ali acondicionado, e praticamente desaparecem as casas de máquinas. Não foram poucas as fazendas que aderiram a essa nova "configuração" do processo produtivo cafeeiro. Dessa forma, nessas últimas fronteiras da cafeicultura paulista, encontramos grandes fazendas cafeeiras cujo núcleo de beneficiamento do café se assemelha muito a das pequenas e médias propriedades, contando apenas com tulhas menores, e, às vezes, até terreiros modestos. Os fazendeiros preferiam dividir a fazenda em várias seções, montando esses núcleos reduzidos em cada um deles, dispensando o caro investimento numa grande edificação com todo o maquinismo de beneficiamento necessário.

Um bom exemplo desse novo tipo de fazenda foi a fazenda São José, situada em Catanduva, da qual encontramos fotos numa revista agrícola de 1925, onde se observa que, na primeira seção da fazenda, estavam o casarão, uma tulha e uma colônia; na segunda seção, aparecem a casa do fiscal, nova tulha e colônia. Na foto do casarão, percebemos se tratar de uma edificação bem acabada, com elegante alpendre, de altos e esbeltos pilares de madeira, que percorre três de suas faces; a porta com bandeira em arco pleno centraliza a simetria das aberturas na fachada principal. Provavelmente é construção da primeira década do século XX, na qual ainda perduram as lições historicistas. Na mesma foto, o novo símbolo de status da época, dois automóveis. Seu casarão poderia estar numa grande fazenda do final do século XIX, em Mococa ou São Carlos, por exemplo. A casa do fiscal, na segunda seção, de

arquitetura bastante simples, que ainda conta com telhas capa e canal e pequeno alpendre de prolongo, na fachada principal, também lembra em muito a arquitetura de casarões de fazendas modestas da Paulista e da Mojiana, ou seja, a São José não se tratava de uma fazendola qualquer. No entanto, num primeiro momento, quando nos voltamos para a foto da sua tulha da primeira seção, as suas modestas dimensões, a falta de vagonetas e o acesso, feito através de altas escadas de madeira, causam estranheza, apesar da alvenaria bem feita e até o certo desejo de ornamentação, expresso na estrutura de tijolos aparentes intercalada a panos de parede revestidos... Mais estranheza ainda causa a foto da tulha da segunda seção da mesma fazenda, tão pequena quanto a anterior, porém de madeira. Para quem está acostumado à leitura e compreensão das grandes fazendas de outras zonas paulistas mais antigas, esse tipo de subdivisão do núcleo de uma fazenda é realmente algo novo, só compreensível a partir do momento em que se percebe as características econômicas desse período.

As fotos das colônias também nos apresentam informações importantes: na da primeira seção, as casas são feitas em alvenaria de tijolos, enquanto na da segunda seção, aparecem casas mais rústicas, de taipa de mão, sem qualquer tipo de revestimento. O descaso com as condições de habitabilidade dessas casas ainda era evidente, apesar de todos os avanços tecnológicos e da divulgação das normas sanitárias.

Figura 278 - Primeira seção da fazenda São José, Catanduva: casarão. Foto: V. Benincasa.



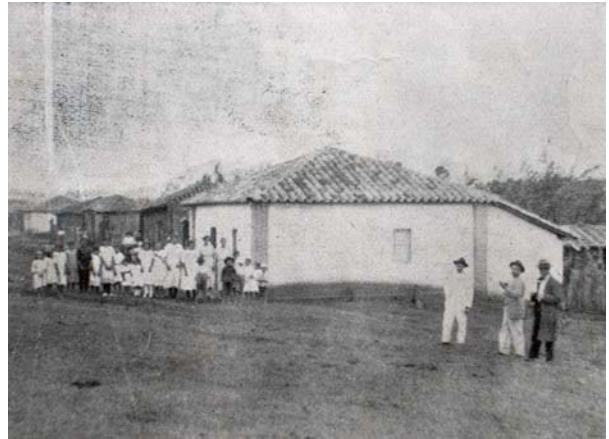
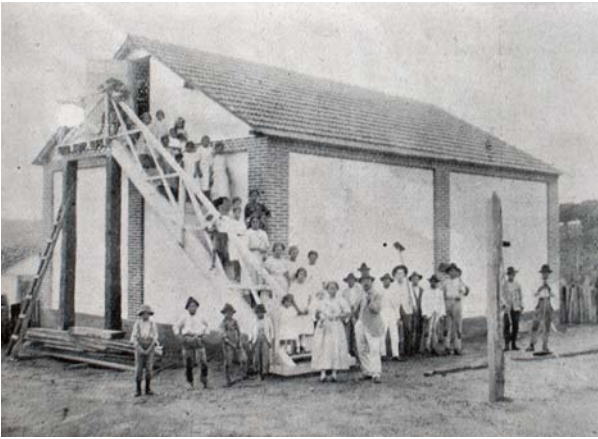


Figura 279 (acima, topo) - Segunda seção da fazenda São José, Catanduva: casa do fiscal. Foto: V. Benincasa.

Figura 280 (acima, centro) - Primeira seção da fazenda São José, Catanduva: tulha. Foto: V. Benincasa.

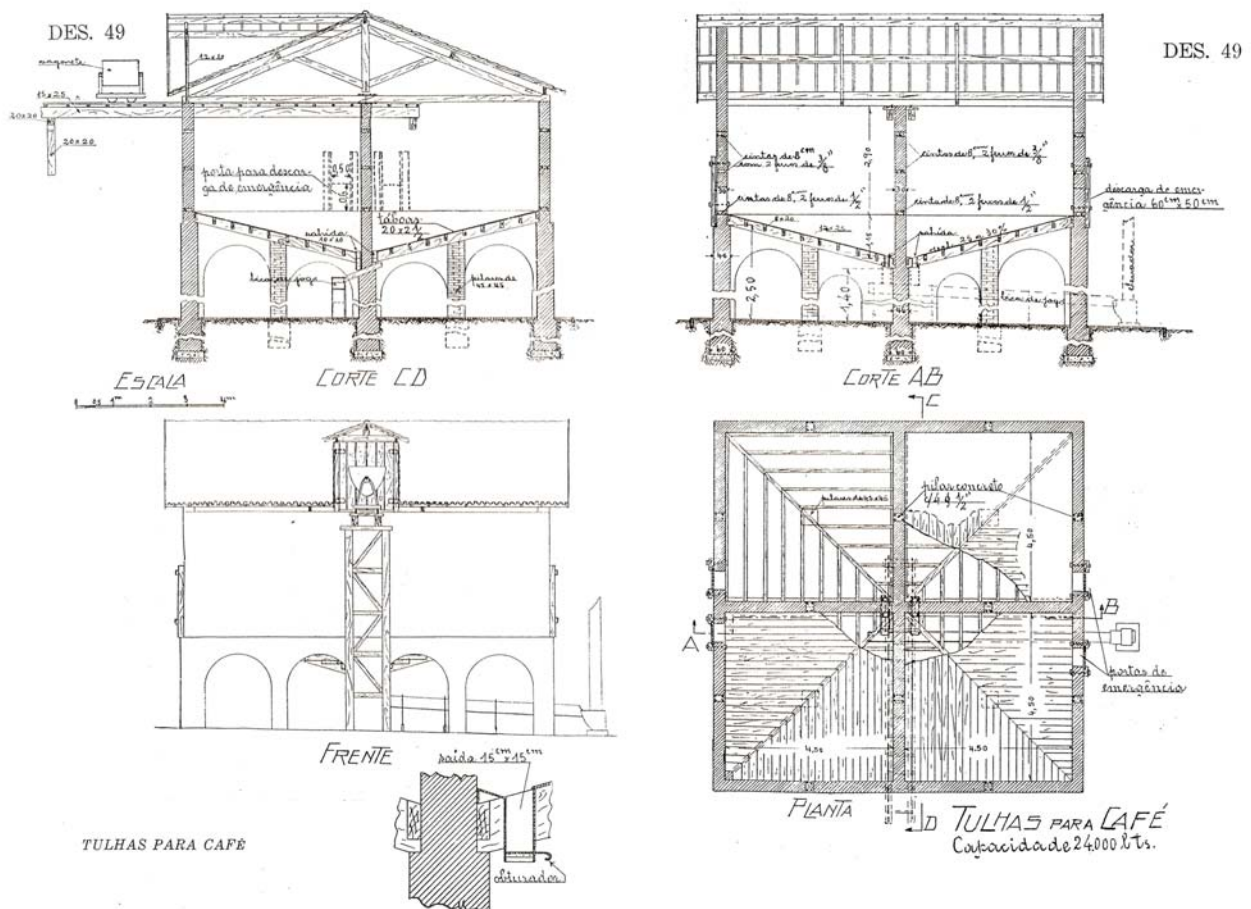
Figura 281 (acima) - Segunda seção da fazenda São José, Catanduva: tulha. Foto: V. Benincasa.

Figura 282 (acima, topo) - Primeira seção da fazenda São José, Catanduva: colônia com casas de tijolos. Foto: V. Benincasa.

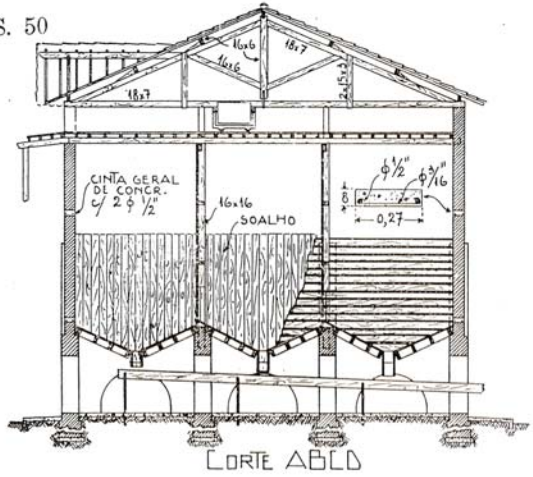
Figura 283 (acima) - Segunda seção da fazenda São José, Catanduva: colônia com casas de taipa de mão. Foto: V. Benincasa.

A primeira edição do livro "Construções Rurais", de Orlando Carneiro, é de 1928, e nele aparecem recomendações para a construção de telhas, além de dois modelos para serem construídos em tijolos, que poderiam ser acoplados a casas de máquinas ou não. Caso se optasse por construí-las em madeira, recomendava o uso de madeira de lei, além de ter o cuidado de vedar cuidadosamente as juntas das tábuas externas para evitar entrada de águas de chuva. Recomendava, também, que os depósitos internos ocupassem toda a área da edificação, sem os tradicionais corredores nas laterais, o que economizaria paredes e ampliaria a capacidade de armazenamento. Quanto à posição, seguia os velhos conceitos de Laborie: próxima ao terreiro, porém em nível inferior, de maneira a possibilitar a entrada das vagonetas por água furtada nos telhados. No entanto, quando não havia desnível, e a telha se encontrava na mesma cota do terreiro, o uso do sistema de vagonetas nem chegou a existir: a condução do café até o alto das telhas era feita por colonos, em sacos colocados às costas, através de escadas - um trabalho pesado que, segundo comentários de várias pessoas, "arrebentavam as pernas dos sujeitos em poucos anos".

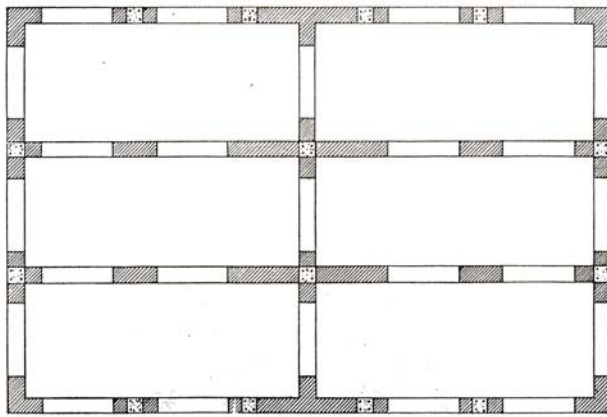
Figura 284 - Projeto de uma telha, com quatro depósitos, em alvenaria. Fonte: CARNEIRO, O. *Construções Rurais*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1965, 6ª edição, pp. 210-11.e alvenaria. Foto: V. Benincasa.



DES. 50



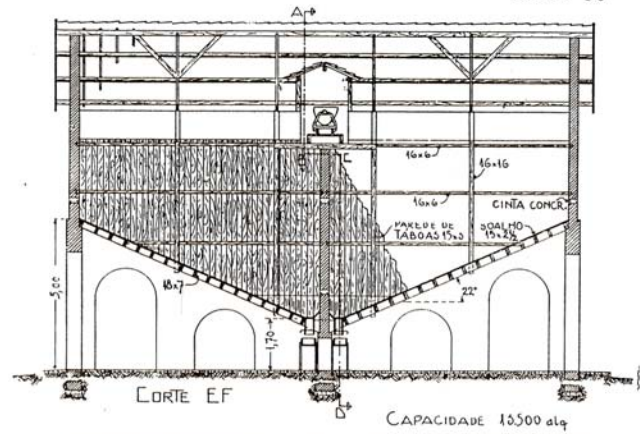
CORTE ABLD



PLANTA BAIXA

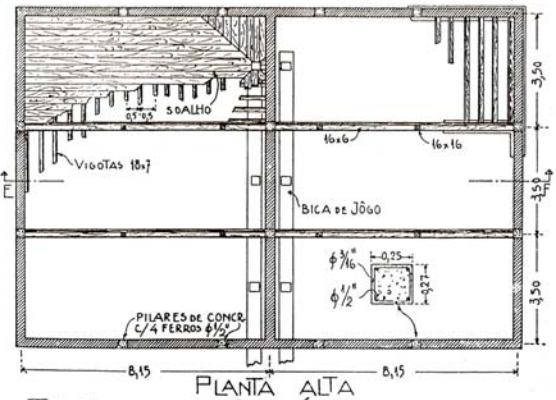
TULHAS PARA CAFÉ - ESC. 0 1 2 3 4 5m

DES. 50



CORTE EF

CAPACIDADE 10,500 dq



PLANTA ALTA

TULHAS PARA CAFÉ - ESC. 0 1 2 3 4 5m

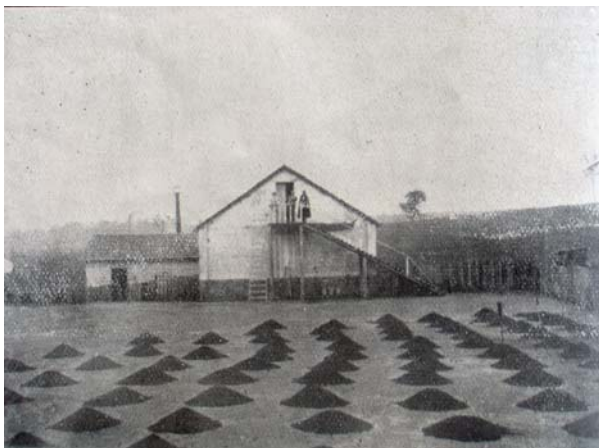


Figura 285 (acima) - Projeto de uma tulinha, com seis depósitos, em alvenaria. Fonte: CARNEIRO, O. *Construções Rurais*. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1965, 6ª edição, pp. 214-15.

Figura 286 (à esquerda) - Tulinha com acesso por escada. Fazenda São João, Catanduva. Foto de Paschoalino Gigliotti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 22.



Figura 287 - Fachada da tulha da fazenda Bonsucesso, Pongaí. Observar a porta no pavimento superior e a marca da antiga escadaria, descendo pelo lado direito da foto. Foto: V. Benincasa.

Figura 288 - Fundos da tulha da fazenda Bonsucesso, Pongaí. Foto: V. Benincasa.

Figura 289 - Tulha da fazenda Santa Fé, Catanduva. O exemplar mantém uma tipologia muito semelhante às demais tulhas de pequeno porte, porém foi feito com robustas paredes de alvenaria de tijolos. Foto: V. Benincasa.

Em outras fazendas, quando havia o desnível e não existiam as vagonetas, o transporte era feito através de carrinhos de mão, sobre as tradicionais passarelas; houve, também, fazendas que investiram em elevadores mecânicos, que utilizavam o sistema de esteiras sem fim, com canecas, semelhantes àquelas usadas nas máquinas de beneficiamento.



Figura 290 (à esquerda, topo) - Tulha da fazenda Boa Vista, Balsamo. Nesse caso, o acesso entre tulha e terreiro é feito por passarela. Observar a bonita estrutura de pilares externos, seguros por trava horizontal, além de tirantes internos de ferro, para absorver melhor a tração exercida pelo peso do café. Notar que as tábuas que formam a vedação da edificação estão encaixadas em sulcos existentes nos pilares: não são contínuas. Foto: V. Benincasa.



Figura 291 (à esquerda, centro) - Tulha da fazenda Santo Mário, Catanduva. Nesse exemplar, a técnica utilizada é praticamente a mesma do exemplar anterior. Foto: V. Benincasa.

Figura 292 (à esquerda, embaixo) - Tulha da fazenda Santa Luciana, Jaci. Exemplar de tulha de madeira, dentro dos novos padrões, porém anexada a uma casa de máquinas, construída em alvenaria de tijolos. Foto: V. Benincasa.

Figura 293 (abaixo) - Interior da tulha da fazenda Santa Luciana, Jaci. Esse exemplar possui quatro depósitos internos para café. Foto: V. Benincasa.





Figura 294 (acima, topo) - Tulha de madeira da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Exemplar com passarela chegando em água furtada Foto: V. Benincasa.

Figura 295 (acima, centro) - Detalhe da água furtada. Tulha da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

Figura 296 (acima) - Interior, tulha da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

Figura 297 (acima, topo) - Outro aspecto interno, tulha da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

Figura 298 (acima) - Detalhe de parede lateral. Tulha da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

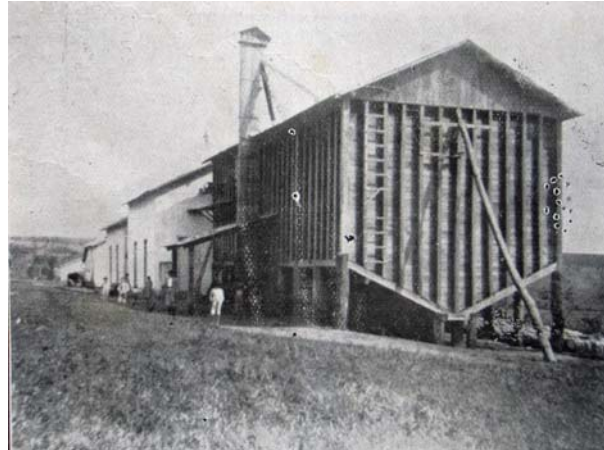


Figura 299 (acima, topo) - Detalhe do sistema estrutural: as travas são seguras por garras de madeira, fixadas nos pilares estruturais. Tulha da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

Figura 300 (acima) - Fundos da tulha da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

Figura 301 (acima, topo) - Detalhe da parte inferior da passarela, com estrutura de madeira: notar o talude do terreiro, seguro por toras de madeira, postas a pique. Fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

Figura 302 (acima, topo) - Tulha, com estrutura de madeira, acoplada a casa de máquinas. Notar o fundo amoegado, para facilitar o escoamento dos grãos para a bica de jogo. O café é alçado à tulha através do elevador mecânico externo. Fazenda São Francisco, Catanduva. Foto de Paschoalino Giglioti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 15.

Pelo sucesso de vendagem do livro - seis edições em menos de 40 anos, além de outras posteriores -, acreditamos que teve imensa repercussão no meio rural e acadêmico. O certo é que encontramos várias tulhas construídas seguindo esses preceitos defendidos por Carneiro, de dimensões modestas, mas de grande capacidade de armazenamento interno.

A arquitetura dessas “novas” tulhas é, por assim dizer, bastante prática, nada de ornamentos – e, quando existem, são bem simplórios -, algumas sobressaem, mesmo, pela beleza que obtêm da exposição da sua estrutura. Algumas apresentam águas furtadas, outras, menos complexas, na face voltada para o terreno, interrompem a cumeeira com uma empena, tornando mais simples o acesso da passarela através da abertura de uma porta. Em nada lembram aquelas velhas edificações das zonas anteriores, com janelas, portas embandeiradas, lambrequins, cimalthas, pilastras...

O pragmatismo era a palavra de ordem, nos meados da primeira metade do século XX, nessas zonas cafeicultoras, a riqueza do café era investida em outros luxos, não nas fazendas. Ao menos, não tanto quanto se investiu em outras zonas de São Paulo, como na Mojiana, na Paulista e na Região Central... A fazenda refletia os novos tempos.

Encontramos maior apuro na arquitetura de tulhas e casas de máquinas de algumas grandes fazendas como, por exemplo, na da Santa Isabel, de Cafelândia, edificada em alvenaria de tijolos aparentes, em que ainda foram usados elementos da arquitetura classicizante, como pilastras e cimalthas; ou nas bem executadas e gigantescas edificações da fazenda Iгурê, em Garça; na fazenda Guaiuvira, em Guarantã; na São Joãozinho, em Lins; na Santa Rita, em Pongai; todas elas com tijolos aparentes.



Figura 303 (à esquerda) - Detalhe da fachada da casa de máquinas da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 304 (acima, topo) - Detalhe do cunhal da casa de máquinas da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 305 (acima) - Casa de máquinas da fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.



Figura 306 (acima, topo) - Detalhe de fachada da casa de máquinas da fazenda Igrê, Garça. Pode se observar a água furtada por onde entrava a passarela vinda do terreiro. O piso do terreiro foi posteriormente rebaixado e, atualmente, o café é conduzido para as tulhas mecanicamente. Foto: V. Benincasa.

Figura 307 (acima) - Vista geral dos armazéns da fazenda Igrê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 308 (à direita, topo) - Interior da tulha, fazenda Igrê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 309 (à direita) - Antigo abrigo do secador de café, terreiro da fazenda Guaiuvira, Guarantã. Foto: V. Benincasa.





Figura 310 (acima, topo) - Casa de máquinas da fazenda Guaiuvira, Guarantã. Foto: V. Benincasa.

Figura 311 (acima) - Interior: classificador marca Colômbia. Casa de máquinas da fazenda Guaiuvira, Guarantã. Foto: V. Benincasa.

Figura 312 (acima, topo) - Interior: corredor lateral às tulhas. Casa de máquinas da fazenda Guaiuvira, Guarantã. Foto: V. Benincasa.

Figura 313 (acima) - Interior: Bica de jogo, abaixo das tulhas de café. Casa de máquinas da fazenda Guaiuvira, Guarantã. Foto: V. Benincasa.



Figura 314 (à esquerda, topo) - Casa de máquinas da fazenda São Joãozinho, Lins. Destaca-se o lanternim, que serve para ventilação e iluminação internas, além de aumentar a altura para o tráfego interno pela passarela suspensa. Foto: V. Benincasa.

Figura 315 (à esquerda, centro) - Interior da casa de máquinas da fazenda São Joãozinho, Lins. Observar a passarela interna. Foto: V. Benincasa.

Figura 316 (à esquerda, embaixo) - Passarela entre terreiro e casa de máquinas e tulha. Fazenda Santa Rita, Pongaí. Foto: V. Benincasa.

Figura 317 (acima, topo) - Fundos da casa de máquinas da fazenda Santa Rita, Pongaí. Notar a bem executada alvenaria de tijolos e a cobertura de zinco. Foto: V. Benincasa.

Figura 318 (acima) - Interior da tulha, vendo-se as antigas estruturas de madeira, em processo de desmonte. Fazenda Santa Rita, Pongaí. Foto: V. Benincasa.

Outras apresentam as paredes revestidas de argamassa, conservando certo gosto pelos ornamentos, caso do exemplar existente na fazenda São Pedro, em Lins. Porém, fica cada vez mais evidente a aproximação da arquitetura desse tipo de edificação rural a dos grandes galpões industriais urbanos, de planta longilínea e cobertura em duas águas, e ornamentação mais reduzida. Em muitos deles adota-se a madeira como elemento de vedação, material então farto e barato, que podia ser processado na própria fazenda; mas também é visível a adoção de material industrializado, comum em indústrias, como portas metálicas de enrolar, cobertura com folhas de zinco, estrutura de concreto armado, por exemplo.



Figura 319 (acima, topo) - Fachada da tulha, à direita, e da casa de máquinas, à esquerda, voltadas para os terreiros. Fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 320 (acima) - Fachada posterior. Tulha e casa de máquinas da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.



Figura 321 (acima, topo) - Interior da tulha, fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 322 (acima) - Passarela da tulha, fazenda Cafeeira, Braúna. Foto: V. Benincasa.



Figura 323 (à esquerda, topo) - Tulha e casa de máquinas, fazenda Cafeeira, Braúna. Foto: V. Benincasa.

Figura 324 (à esquerda, centro) - Tulha e casa de máquinas. Fazenda São Sebastião, Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Figura 325 (à esquerda) - Outro aspecto da tulha e casa de máquinas. Fazenda São Sebastião, Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Figura 326 (acima, topo) - Aspecto parcial da tulha e casa de máquinas da fazenda Bela Vista, Catiguá. Foto: V. Benincasa.

Figura 327 (acima) - Aspecto da tulha e casa de máquinas da fazenda São Thomé, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.



Figura 328 (acima, topo) - Aspecto externo da casa de máquinas da fazenda Dinamérica, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 329 (acima) - Aspecto da fachada posterior da tulha e casa de máquinas da fazenda Dinamérica, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 330 (à direita, topo) - Tulha e casa de máquinas. Fazenda Mangue, Jaci. Foto: V. Benincasa.

Figura 331 (à direita, centro) - Tulha e casa de máquinas. Fazenda Santa Fausta, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 332 (à direita) - Tulha e casa de máquinas. Fazenda Suíça, Lins. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 335.



O gigantismo dessas tulhas e casas de máquinas explica-se, não só pela produção monumental que essas fazendas tinham, mas também pelo fato de que muitas delas alugavam suas instalações para as pequenas propriedades da vizinhança. Basta lembrar os números milionários da produção cafeeira, na primeira metade do século XX, da Noroeste, da Araraquarense, da Sorocabana e da Alta Paulista - que são apontados por vários historiadores -, para se compreender a razão do tamanho desses grandes armazéns existentes tanto nas fazendas, como nas cidades dessas regiões.



Figura 333 - Aspecto posterior da tulha e casa de máquinas. Fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 334 - Antiga passarela, em ruínas. Fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 335 - Aspecto posterior da tulha e casa de máquinas, vendo-se a estrutura para embarque de grãos. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

As outras instalações

As fazendas das frentes pioneiras mantiveram, além da cafeicultura, outras lavouras, como algodão, frutas, cereais, cana-de-açúcar... Também houve a criação de animais, como porcos, vacas, galinhas, e o cultivo de hortaliças e frutas, tanto para o consumo interno, como para o comércio local. Em algumas regiões, as fazendas também se dedicaram a novas culturas, trazidas por imigrantes, como o cultivo de amora introduzido pelos japoneses, cujas folhas eram destinadas à alimentação do bicho-da-seda, na região da Alta Paulista, por exemplo. As extensas áreas de matas virgens, ainda existentes no começo do século XX, assim como as jazidas de argila e de areia, muitas delas nas próprias fazendas, igualmente serviram de fonte de matéria-prima para atender a construção civil então em franca expansão.

Disso decorreu que, nas propriedades rurais, existissem não somente os equipamentos destinados ao beneficiamento e armazenamento do café, mas também outras edificações, com fins diversos. Embora já não fossem unidades isoladas nos sertões, quase autônomas, como haviam sido nos primeiros tempos da cafeicultura, quando estavam praticamente isoladas, as fazendas ainda produziam boa parte do que consumiam principalmente no que diz respeito à alimentação. A diversificação da produção destinada ao comércio também ajudava nos momentos de queda no preço internacional do café.

Dessa maneira, também encontramos inúmeras edificações destinadas aos mais diversos fins, como estábulos, cavalariças, currais pocilgas, galinheiros, olarias, pequenas usinas hidrelétricas, paióis, serrarias, silos, além das já citadas novas edificações, como garagens, oficinas mecânicas, casas de distribuição de energia elétrica, entre outras; todas elas pontuando a paisagem dessas fazendas. Algumas muito parecidas entre si, talvez porque, como no caso já citado das tulhas e dos secadores, projetos-modelo eram divulgados em livros, revistas, boletins, etc, principalmente pelos órgãos governamentais ligados à agropecuária, e destinados aos proprietários de terra. Também chamam a atenção o fato de aparecerem freqüentemente os escritórios, agora não mais situados junto aos casarões como tinha sido usual nas fazendas do século XIX, quando os fazendeiros residiam em suas propriedades, mas isolados e dotados de telefones, copa, banheiros e várias salas destinadas à contabilidade, ao arquivamento de documentação, à contratação de pessoal, ao pagamento de colonos, à compra e venda de produtos, a reuniões, enfim, a todos os negócios que ali eram efetuados. As imagens apresentadas ilustram a diversidade no aspecto dessas edificações, e evidenciam a sua simplicidade e praticidade.



Figura 336 (acima, topo) - Depósito. Fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 337 (acima, centro) - Depósito. Fazenda Igurê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 338 (acima) - Garagem para caminhões e tratores. Fazenda Igurê, Garça. Foto: V. Benincasa.



Figura 339 (à esquerda, topo) - Oficinas mecânicas. Fazenda Igrê, Garça. Foto: V. Benincasa.



Figura 340 (à esquerda, centro) - Serraria. Fazenda Cariman, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 341 (à esquerda) -Serraria: aspecto da estrutura do telhado. Fazenda Cariman, Gália. Foto: V. Benincasa.



Figura 342 (abaixo) - Garagem e cocheira. Fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.





Figura 343 (topo) - Estábulo e cocheira. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 344 (à esquerda) - Paiol. Fazenda Chantebled, Júlio de Mesquita. Foto: V. Benincasa.

Figura 345 (à esquerda, embaixo) - Paiol. Fazenda São Joãozinho, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 346 (abaixo) - Garagem e paiol. Fazenda Figueira, Penápolis. Foto: V. Benincasa.





Figura 347 (acima, topo) - Depósito e paiol. Fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 348 (acima, centro) - Fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 349 (acima) - Canal de água que movimentava a turbina da usina hidrelétrica. Em primeiro plano, à esquerda, parte da antiga serraria. Fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 350 (acima, topo) - Serraria, à esquerda, e usina hidrelétrica, à direita. Fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 351 (acima, centro) - Painel de controle da usina hidrelétrica, ainda em funcionamento. Fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 352 (acima) - Estábulo. Fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

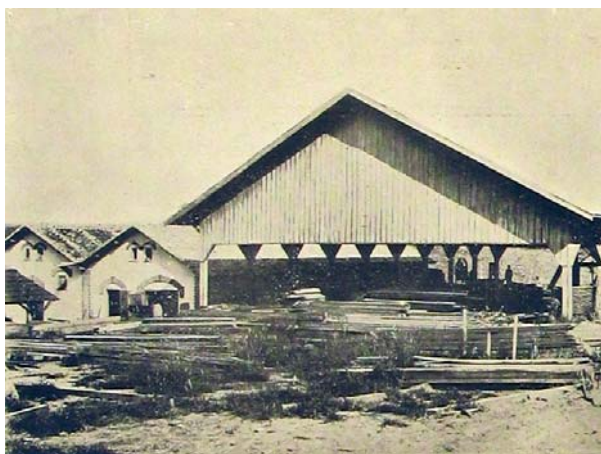


Figura 353 (acima, topo) - Serraria. Fazenda Suíça, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 356 (acima, topo) - Escritório. Fazenda Figueira, Penápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 354 (acima, centro) - Escritório. Fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 357 (acima, centro) - Escritório. Fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 355 (acima) - Escritório. Fazenda São Thomé, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.

Figura 358 (acima) - Escritório. Fazenda Dinâmica, Gália. Foto: V. Benincasa.

Outras duas tipologias bastante encontradas foram as escolas e capelas, que estão diretamente relacionadas ao grande número de colonos e funcionários, que continuavam a ser essenciais ao trabalho nos cafezais, no beneficiamento do café e nas demais atividades da fazenda.

As escolas encontradas são edificações também bastante simples, com, no máximo, quatro salas de aula. Algumas delas, no entanto, são constituídas de uma única sala, em que conviviam alunos de turmas diferentes, lado a lado, separados em fileiras, e o professor desdobrava-se, ensinando quatro assuntos diferentes, praticamente ao mesmo tempo. Chegamos a encontrar algumas "escolas" que funcionaram em casas de colônia adaptadas. As mais sofisticadas chegavam a possuir um pátio coberto, onde era servida uma refeição para os alunos. Com o forte êxodo rural, intensificado nos anos de 1960, novos programas educacionais governamentais foram implantados, com sistema de transporte gratuito entre a zona rural e a urbana e essas pequenas escolas foram, aos poucos, abandonadas. No entanto, foi nessas pequenas e singelas edificações que grande parte da população rural, até praticamente a década de 1990, teve o seu primeiro contato com os estudos.



Figura 359 (abaixo) - Escola, adaptada em uma casa de colônia. Fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 360 (à direita, topo) - Interior da escola da fazenda Ventura, Cafelândia, vendo-se os quadros, pintados na parede, e algumas das carteiras duplas. Foto: V. Benincasa.

Figura 361 (à direita, centro) - Escola, contendo uma única sala de aula. Fazenda Bela Vista, Catiguá. Foto: V. Benincasa.

Figura 362 (à direita, embaixo) - Escola da fazenda Irondê, Garça. Foto: V. Benincasa.





Figura 363 (à esquerda, topo) - Antigo edifício onde funcionava a escola da fazenda Santana, Garça. Acervo Particular da Sra. Wilma L. M. N. B. de Lemos Brito, Garça.

Figura 364 (à esquerda, centro) - Escola da fazenda Santa Fausta, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 365 (à esquerda, embaixo) - Escola da fazenda Iгурê, Garça. Em primeiro plano, o pátio de recreio e a pequena cozinha. Foto: V. Benincasa.

Figura 366 (acima, topo) - Escola da fazenda Iгурê, Garça. Em primeiro plano, o prédio das salas de aula. Foto: V. Benincasa.

Figura 367 (acima, topo) - Pátio de recreio da escola da fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Nas fazendas das frentes pioneiras manteve-se a tradição de construir um templo religioso católico, embora nessas regiões houvesse, mais do que em outras, muitos imigrantes de outras religiões, como os japoneses, por exemplo. Esses templos guardam em si a volumetria e o programa característico das capelas rurais de outras regiões paulistas, principalmente aquelas do final do século XIX, com nave única, altar-mor e, por vezes, uma sacristia e um depósito. Apresentam a cobertura principal em duas águas, caindo lateralmente à fachada; poucas possuem a abside aos fundos, porém, é comum a torre sineira. A linguagem preferida foi o neogótico, expresso em aberturas ogivais, mas também há algumas ligadas às tendências de gosto neocolonial, então vigentes. Situam-se, com raras exceções, próximas ao terreiro de café que, muitas vezes, virava palco das festas de caráter religioso, principalmente as juninas, ou então aquelas que marcavam o final da colheita e dos trabalhos de secagem dos grãos.

Por vezes, os projetos foram, realmente, muito bem elaborados, com boas soluções de fachada e bom acabamento, tanto internos, quanto externos, como a da fazenda São Pedro, em Lins, a da Santa Rita, em Pongal, ou a da fazenda Bela Vista, de Pirajuí. Outras são mais singelas, como a da fazenda São João, em Catanduva, de cunho popular. Todas elas refletem, no entanto, que, no quesito religiosidade, a fazenda cafeeira pouco mudara ao longo do tempo.

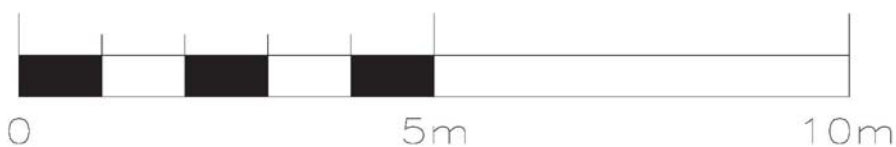
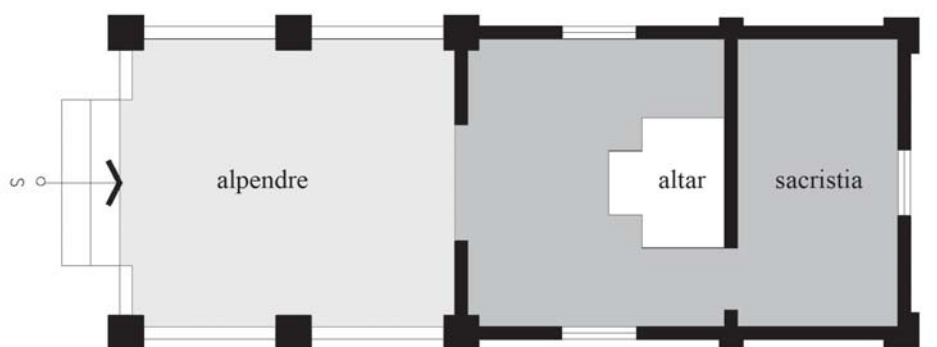


Figura 368 (acima, topo) - Capela da fazenda São João, Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Figura 369 (acima) - Alpendre da capela da fazenda Cariman, Gália. Foto: V. Benincasa.

Figura 370 (à esquerda) - Planta da capela da fazenda Cariman, Gália, uma das poucas capelas alpendradas que encontramos. Foto: V. Benincasa.



Figura 371 (acima, topo) - Fachada da capela da fazenda São Pedro, Lins. À esquerda desse pátio fronteiro, existe um pequeno coreto de madeira, em ruínas, onde ficavam músicos para animar os bailes de São Pedro que, até alguns anos atrás, era bastante famosa na região. Foto: V. Benincasa.

Figura 372 (acima) - Lateral da capela da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 373 (à direita, topo) - Detalhe de aldrava, existente na porta principal. Capela da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 375 (à direita, centro) - Detalhe do forro. Capela da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 374 (à direita) - Vista interna: observar o altar de linhas neoclássicas, em madeira. Capela da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.





Figura 376 (à esquerda, topo) - Detalhe do piso, revestido de ladrilho hidráulico. Capela da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 377 (acima, topo) - Detalhe de janela lateral. Capela da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 378 (abaixo) - Planta da capela da fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

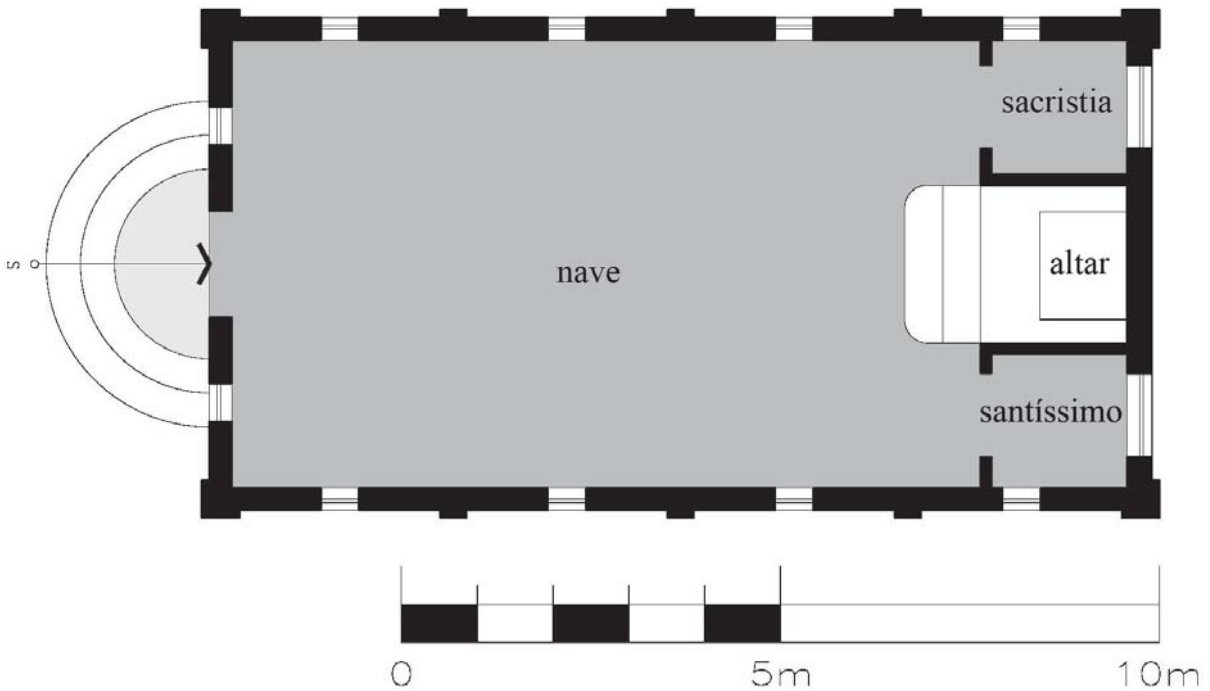




Figura 379 (à esquerda, topo) - Fachada da capela da fazenda Santa Fausta, em Lins, com linhas de gosto neocolonial. Foto: V. Benincasa.

Figura 380 (à esquerda) - Fachada da capela da fazenda Santo Antônio, em Neves Paulista, que foi palco de festas muito concorridas. Situa-se à frente do terreiro. Aos fundos dessa capela, existe um grande salão de festas, e um pouco abaixo, ainda se podem ver as ruínas de outras edificações, em madeira: uma barraca para vendas de comidas e bebidas, e uma espécie de coreto para apresentações musicais. Quando estivemos no local, em 2005, a torre sineira dava sinais de que sua estrutura não resistiria por muito tempo. Foto: V. Benincasa.

Figura 381 (acima) - Interior da capela da fazenda Santo Antônio, Neves Paulista. Foto: V. Benincasa.



Figura 382 (acima, topo) - Detalhe do piso da capela da fazenda Santo Antônio, Neves Paulista. Foto: V. Benincasa.

Figura 383 (acima) - Janela da lateral da capela da fazenda Santo Antônio, Neves Paulista. Foto: V. Benincasa.

Figura 384 (à direita, topo) - Capela da fazenda Bela Vista, Pirajuí. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 282.

Figura 385 (à direita, centro) - Fachada da capela da fazenda Santa Rita, em Pongai. Notar a torre sineira com cobertura de gosto neobarroco. Foto: V. Benincasa.

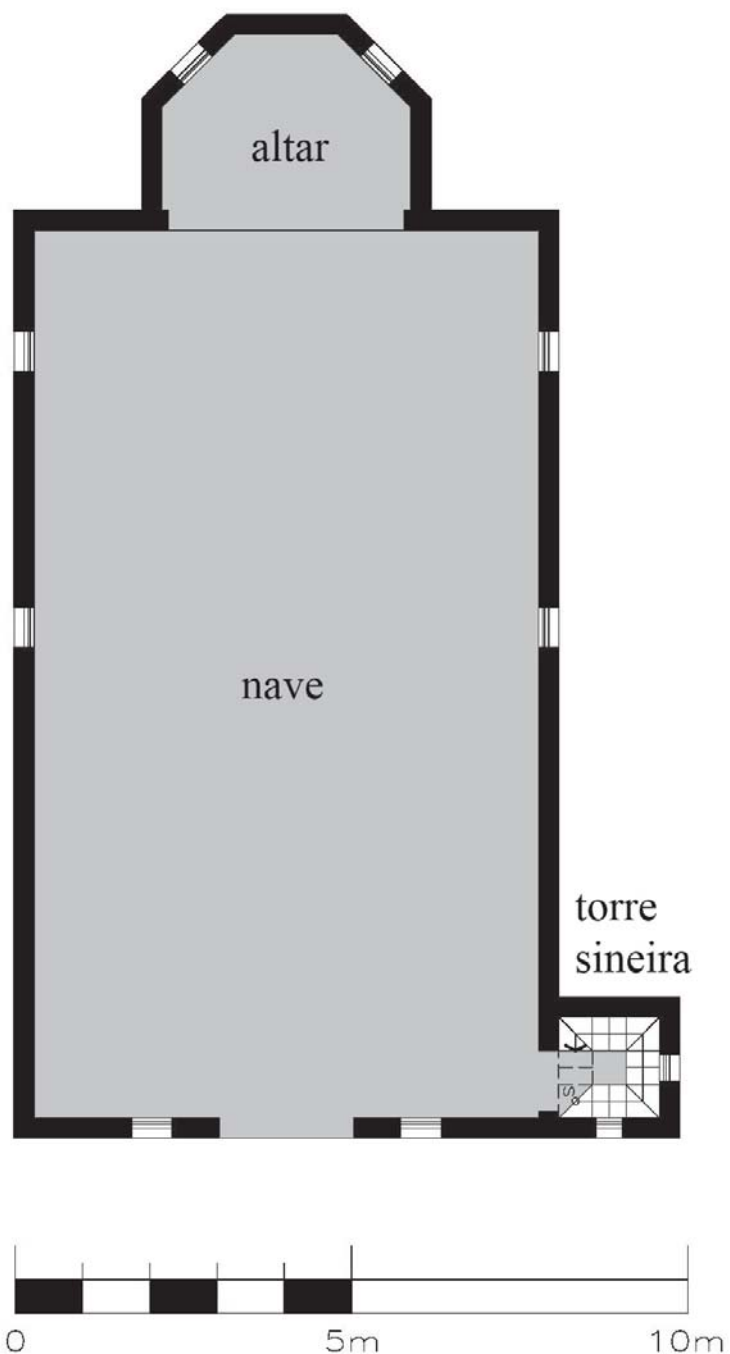
Figura 386 (à direita) - Fundos da capela da fazenda Santa Rita, em Pongai. Foto: V. Benincasa.





Figura 387 (acima) - Interior da capela da fazenda Santa Rita, em Pongá. Foto: V. Benincasa.

Figura 388 (à direita) - Planta da capela da fazenda Santa Rita, em Pongá. O altar está situado numa abside, separada da nave por abertura em arco. Foto: V. Benincasa.



Colônias

As colônias, pelo que constatamos nos levantamentos, nas entrevistas e nas fotos do início do século, continuaram nas mesmas condições de sempre, formada por fileiras de casas pequenas, com telhado em duas águas, caindo à frente e aos fundos da edificação, geralmente geminadas. Muitas delas, nessas regiões, principalmente na Noroeste e na Alta Paulista, foram formadas, a princípio, por casas de madeira com cobertura de folhas de coqueiros, enquanto que na Araraquarense, elas eram de pau-a-pique. Com o tempo, essas casas primitivas foram sendo substituídas por casas de alvenaria e cobertas com telhas cerâmicas, capa e canal ou francesas.

Numa entrevista com um ex-colono de uma fazenda de Cafelândia, ele nos contou que, ainda na década de 1980, a colônia em que morou não possuía água encanada, nem banheiros ou latrinas: a água era colhida em poços que existiam à frente dos renques de casas e não possuíam banheiro.

Condições higiênicas das colônias

A localização preferencial continuou sendo em fundo de vales. O modo de vida dos colonos, em geral imigrantes de regiões de climas temperados, era incompatível com o clima tropical do interior paulista, o que resultava em uma total falta de higiene. Junte-se a isso, a falta de água encanada e esgoto na maioria das casas de colônia, e tínhamos um ambiente favorável à proliferação de inúmeras doenças, como a febre amarela silvestre – transmitida pelo *aedes leucocelaenus* – e leishmaniose – transmitida por vários tipos de *phlebotomus*.⁵⁷ Essas doenças assolavam as regiões onde prevaleciam as matas e abundavam esses tipos de mosquitos. No entanto, ainda havia outras pragas características das zonas tropicais, como a doença de Chagas, cujo vetor, os barbeiros, infestava as casas de pau-a-pique; ou a malária, também chamada de maleita e impaludismo, causada pelos *anopheles*, que habitam e se proliferam junto aos rios de águas mansas, sem corredeiras.⁵⁸

Também foi comum o amarelão, ou ancilostomose: as larvas do *Necator americanus*, se concentram em poças d'água estagnadas em solos pouco permeáveis. O chão pisoteado e prensado das áreas envoltórias das colônias, aliado à falta de latrinas, era um campo fértil para o desenvolvimento desses vermes. O fato da maioria de colonos, principalmente crianças, andarem descalços, pelos altos custos dos sapatos e pela mediocridade dos salários à época, levava a intensas infestações:

(...). É uma raridade encontrar crianças com sapatos. As mais altas taxas de infecção encontram-se no grupo de idade de dez a vinte anos, isto é, os escolares e os jovens que ajudam seus pais na roça. Artigo caro, o

*calçado é reservado aos adultos e os jovens ficam com ancilostomose, o amarelão, a que estão resignados. Daí sua fraca resistência às moléstias contagiosas, benignas em indivíduos adultos.*⁵⁹

Outra moléstia causada pela falta de higiene era o tracoma, cuja bactéria causadora se fixava em toalhas de banheiro e na terra, o que facilitava o contágio. Essa foi uma doença introduzida pelos imigrantes, principalmente os italianos e os japoneses.⁶⁰ Os colonos também sofriam bastante com o famoso “bicho-de-pé”, que provocava coceiras intensas e, caso não fosse retirado, podia acarretar infecções preocupantes.

Dieta dos colonos

Praticamente imutável, a dieta do colono era extremamente pobre na variedade, consistindo de uma pequena xícara de café, pela manhã, antes da saída para a lavoura; por volta das oito da manhã, fazia-se uma pausa para o almoço, composto de arroz, feijão preto, com pouca gordura, pão feito em casa, ora de trigo, ora de milho, e, por vezes, alguns brotos sob a forma de salada. Ao meio dia, nova pausa para o café com pão. O jantar, ao final da tarde, repetia o almoço. Em todas essas refeições era raro o consumo de carne e de ovos. Completava-se a dieta com farinha de milho ou de mandioca. Leite e frutas eram produzidos para serem vendidos nas cidades, sendo, na verdade, uma maneira de se ganhar algum dinheiro extra e, por isso mesmo, eram pouco consumidos.⁶¹

Os estrangeiros nas franjas pioneiras...

Assim como em outras regiões, as colônias das zonas pioneiras nas primeiras décadas do século XX não formaram uma identidade regional arquitetônica em suas fazendas. A presença de imigrantes de diversas partes do mundo, em nada contribuiu para alterar a feição daquelas casinhas de colonos, de tijolos, pau-a-pique ou de tábuas. Como bem observou Monbeig: enquanto a franja pioneira foi capitaneada pelos fazendeiros, essas casas foram muito parecidas entre si.⁶²

⁵⁷ Também conhecidos como “birigüi”, daí o nome da cidade da Noroeste. Outras localidades de São Paulo também levam o nome de insetos ou de animais então abundantes nas diversas regiões, como Motuca, Araras, Guará, Guaratinguetá, Suinana, Tatu, Jacaré, Juritis...

⁵⁸ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, pp. 331-5.

⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 331.

⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 332.

⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 333.

⁶² Idem, *ibidem*, p. 380.

Os imigrantes se distribuíam pela Araraquarense, Noroeste, Sorocabana e Alta Paulista de maneira desigual. Os italianos, sírios, espanhóis e libaneses, por exemplo, se concentraram mais na Araraquarense. Porém, os italianos também perfaziam um grande número na Alta Sorocabana. Eram zonas de ocupação heterogênea, pois também atraíram alemães e austríacos; bem como russos, romenos, checos, letos, lituanos e poloneses. Os japoneses se concentravam na Noroeste e Alta Paulista, mas também constituíram colônias importantes nas cidades da Araraquarense e da Paulista.

Com a exceção de Varpa, um distrito de Tupã, onde se formou uma colônia de imigrantes da Letônia, e Bastos, com a grande colônia de japoneses, nas quais a arquitetura e os traços físicos as diferenciavam das demais cidades, todas as outras localidades não constituíram traços característicos marcantes na paisagem. No dizer de Monbeig, elas eram todas cidades essencialmente "paulistas". Segundo esse geógrafo, para inferir à paisagem urbana e rural, características de seu local de origem:

*(...) seria necessário que os estrangeiros conservassem sua própria unidade e mantivessem sua integridade física e cultural. Ora, já foi visto como eles se incorporavam às populações brasileiras, nos quadros urbanos. Não está a assimilação longe de ser tão radical nos desbravamentos e nas plantações. Não basta que um grupamento estrangeiro se saliente numa estatística, para que daí resulte sua preservação. Antes de aventurar-se a tirar das cifras conclusões apressadas, é indispensável conhecer a realidade, em contato direto com ela. A fazenda e o colonato dissolveram italianos, espanhóis e portugueses na coletividade brasileira. Se puderam os representantes consulares fascistas ter alguma influência nas grandes cidades, nada praticamente conseguiram de seus compatriotas nas zonas rurais. Este fato político bem atesta a fusão dos mediterrâneos no cadinho brasileiro.*⁶³

Essas foram características gerais de todo o período imigratório paulista. No entanto, nas zonas pioneiras vai ocorrer um fato que pouco havia se dado até então, é que, a partir de 1919, cresceram as migrações internas no país, ultrapassando as imigrações estrangeiras. Em 1939, por exemplo, ultrapassam a 100.000 o número de migrantes, principalmente do Nordeste, para as zonas pioneiras de cultivo do café, fugindo das secas.⁶⁴

Assim, como as demais colônias de outras regiões, essas pequenas casas continuaram a apresentar as mesmas deficiências, os mesmos cômodos, enfim, a mesma exiguidade de espaço. No dizer de uma entrevistada:

O que era uma colônia de uma fazenda? Eram casas iguais, uma ao lado da outra, né? Sem cerca pra dividir, sem nada...

Em algumas poucas fazendas, ao programa usual – sala, dois dormitórios, cozinha – acrescia-se um pequeno alpendre fronteiro e, às vezes, um banheiro aos fundos, junto ou separado do corpo da casa. Esses, no entanto, eram acréscimos, melhorias introduzidas pelos próprios colonos, e nunca uma benfeitoria promovida pelo fazendeiro. A simples comparação dessas colônias das frentes pioneiras da cafeicultura do século XX com aquelas de fazendas do século XIX mostrará que umas não diferiam em nada das outras. Assim como vida dos colonos, que também não teve grandes mudanças: era trabalhar e economizar para tentar comprar as suas próprias terras e, aí sim, conseguir uma ascensão econômica.

Poucas foram as exceções a esse padrão de moradia do trabalhador rural, em que casas dotadas de maior conforto foram construídas, quase todas elas, em fazendas que estiveram sob controle de proprietários europeus, como a já citada Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá, ou a fazenda Suíça, em Lins. Nas demais, a monotonia das casinhas enfileiradas, à beira de córregos ou ribeirões...



Figura 389. Casa de colônia alpendrada. Fazenda Santa Fé, Catanduva. Foto: V. Benincasa.



Figura 390 (à esquerda, topo) - Aspecto de colônia existente na fazenda Figueira, Areiópolis. Em primeiro plano, tanques coletivos de lavar roupa, à beira do riacho. Foto: V. Benincasa.

Figura 391 (à esquerda, centro) - Outro aspecto de colônia. Fazenda Figueira, Areiópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 392 (à esquerda) - Interior de cozinha de casa de colônia, com fogão à lenha, na fazenda Figueira, Areiópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 393 (acima, topo) - Casa de colônia individual na fazenda Brasil, Bálsamo. Foto: V. Benincasa.

Figura 394 (acima) - Interior: aspecto da sala. À esquerda, porta de um dormitório. Fazenda Brasil, Bálsamo. Foto: V. Benincasa.



Figura 395 (à esquerda, topo) - Vista interna da casa, a partir da cozinha. A casa desenvolve-se em terreno em declive, tendo os aposentos acomodados em vários níveis: ao fundo a sala; ao meio, uma sala de trabalho; e em primeiro plano, a cozinha. Fazenda Brasil, Bálsamo. Foto: V. Benincasa.

Figura 396 (à esquerda, embaixo) - Interior: aspecto da cozinha, com o fogão à lenha. Fazenda Brasil, Bálsamo. Foto: V. Benincasa.

Figura 397 (acima, topo) - Colônia da fazenda Salto, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 398 (acima) - Colônia da fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.

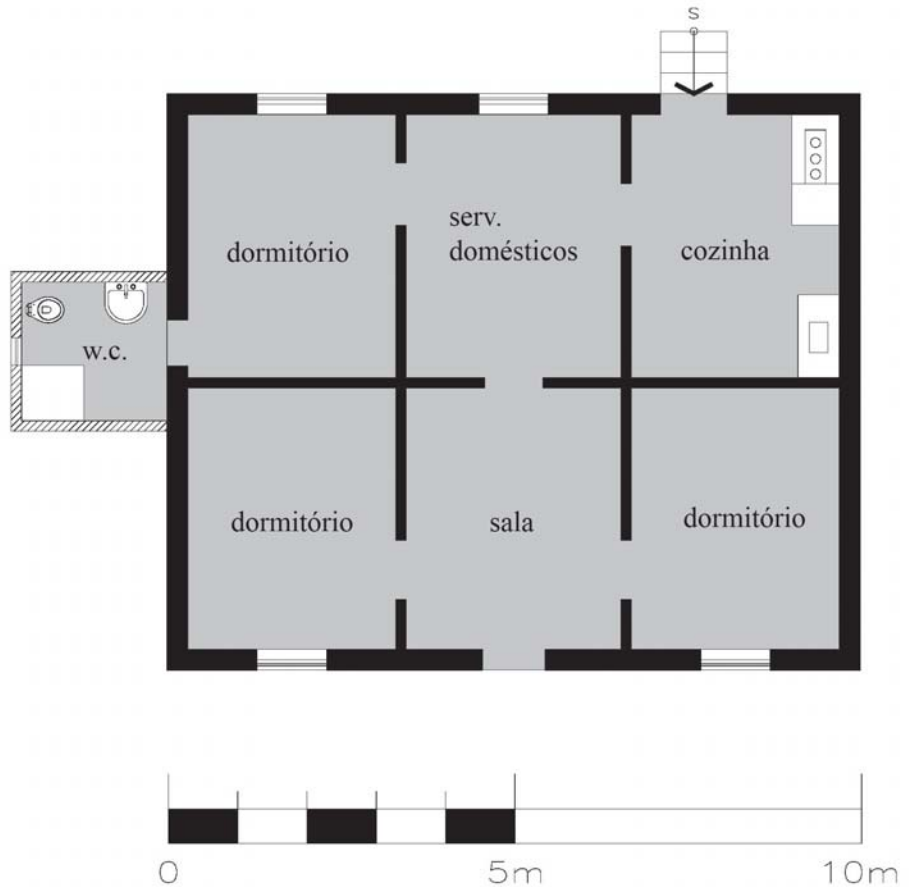


Figura 399 (acima, topo) - Colônia da fazenda Experimental de Pindorama. Foto: V. Benincasa.

Figura 400 (acima) - Fundos da colônia da fazenda Experimental de Pindorama. Foto: V. Benincasa.

Figura 401 (à direita, topo) - Colônia da fazenda Figueira, Penápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 402 (à direita) - Planta de casa de colônia da fazenda Palmares, Garça. Foto: V. Benincasa.



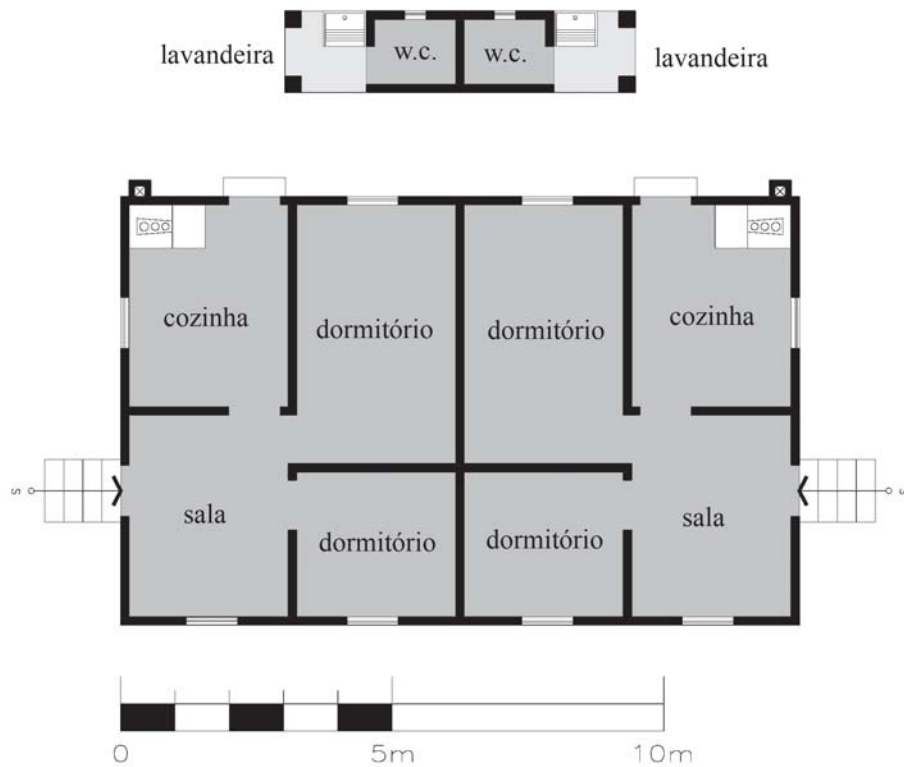


Figura 403 (topo) - Planta de casas geminadas, da colônia denominada Tamoio, fazenda Igrê, Garça. Essas casas dispõem de uma lavanderia e um banheiro, em edificação isolada, no quintal. Foto: V. Benincasa.

Figura 404 (acima) - Colônia Tamoio, fazenda Igrê, Garça. Foto: V. Benincasa.

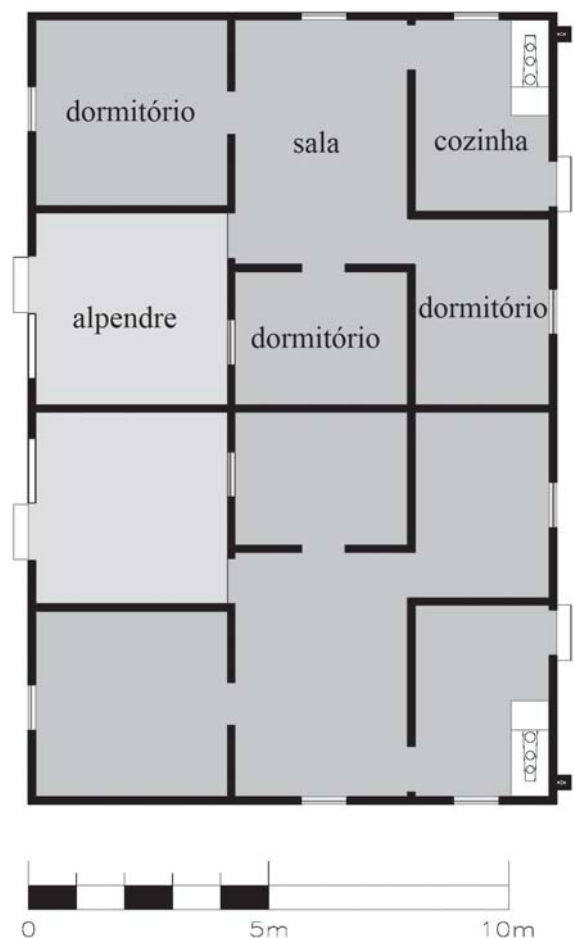


Figura 405 (à direita) - Planta de casas geminadas da colônia Xavantes, fazenda Igrê. Notar a presença de um alpendre fronteiro, embutido no corpo da edificação, aos fundos, assim como na colônia Tamoio, da mesma fazenda, havia um banheiro e uma lavanderia, em edificação isolada, além de um forno à lenha coberto. Foto: V. Benincasa.



Figura 406 (à esquerda, topo) - Colônia Xavantes, fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.



Figura 407 (à esquerda, centro) -Interior: sala de casa da Colônia Xavantes, vendo-se à esquerda e à direita, portas de dormitórios, e, ao centro, porta voltada para o alpendre fronteiro. Fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 408 (à esquerda) -Interior: cozinha de casa da Colônia Xavantes. Fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.



Figura 409 (abaixo) -Interior: aspecto de estrutura de telhado de casa da Colônia Xavantes. Fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.



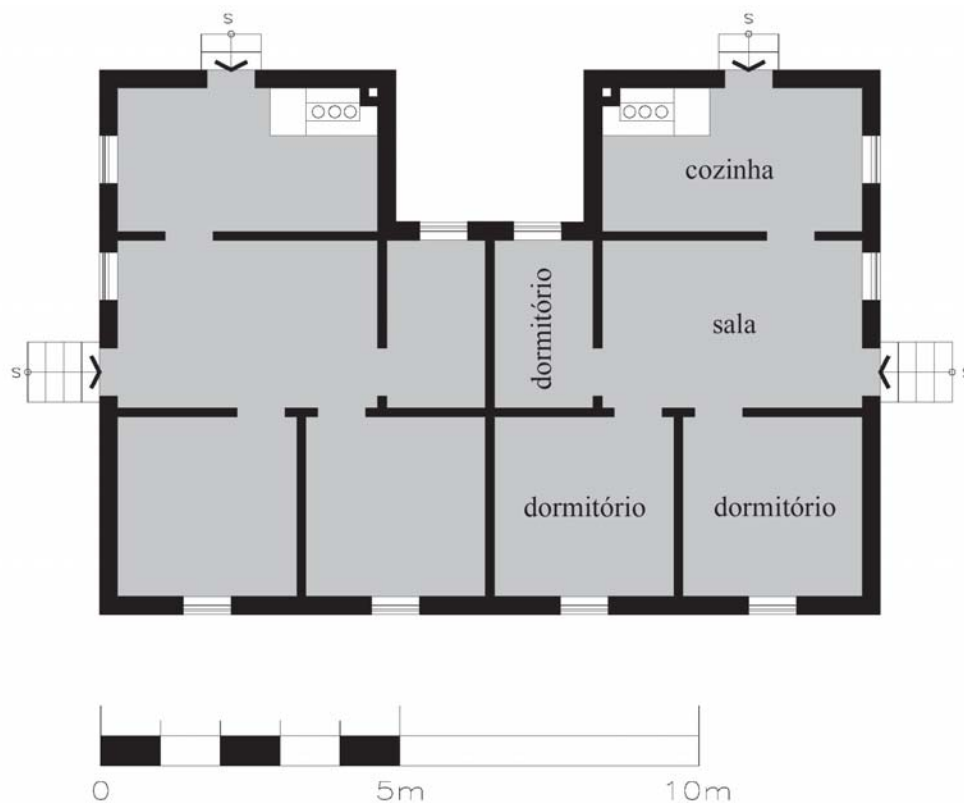


Figura 410 (acima) - Planta de casas geminadas da colônia Aimorés, fazenda Iгурê, Garça. Dentre as três colônias, é a que fica mais próxima do núcleo central da fazenda. Foto: V. Benincasa.



Figura 411 (à esquerda) - Colônia Aimorés, fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 412 (à esquerda, embaixo) - Colônia da fazenda Silves, Penápolis, em foto da década de 1920. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 508.



Figura 413 (abaixo) - Colônia da fazenda Dinâmica, Gália. Foto: V. Benincasa.





Figura 414 (acima, topo) - Aspecto geral de colônia da fazenda Chantebled, Júlio de Mesquita. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 328.

Figura 415 (acima) - Aspecto geral de colônia da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 321.

Figura 416 (à esquerda) - Colônia com casas de pau-a-pique, ou taipa de mão, da fazenda Santa Helena, Catanduva. Foto de Paschoalino Giglioti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 40.

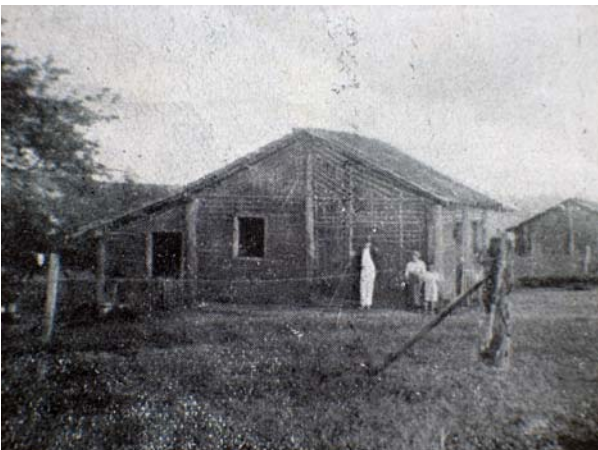


Figura 417 (à esquerda, embaixo) - Colônia com casas de pau-a-pique, ou taipa de mão, da fazenda Santo Antônio, Catanduva. Foto de Paschoalino Giglioti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 31.



Figura 418 (acima, topo) - Colônia da fazenda São José, da família Lunardelli, em Catanduva. Acervo do Museu da Imagem e do Som de Catanduva.

Figura 419 (acima) - Colônia, com casas de pau-a-pique, da fazenda São Pedro, São José do Rio Preto. Foto da década de 1920, fonte: *Album Ilustrado da Comarca de Rio Preto*. São Paulo: Casa Editora Duprat-Mayença, 1929, p.880.

Figura 420 (à esquerda) - Colônia em fazenda de Alto Alegre. Foto de autor desconhecido. Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Fernão Dias Paes, Penápolis.



Figura 421 - Colônia, com casas de madeira, da fazenda Primavera, em Fernão. Foto: V. Benincasa.



Figura 422 - Vista da colônia "nova" da fazenda Suíça, em Lins, com arquitetura bastante diferenciada e ótimo acabamento. Por essa época, a fazenda Suíça pertencia ao suíço Max Wirth. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 333.

Figura 423 - Colônia "velha" da fazenda Suíça, em Lins, em que também aparece uma arquitetura bastante diferente do usualmente encontrado em construções desse tipo. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 333.



Casas de administradores e fiscais

Como dissemos anteriormente, dois cargos muito importantes na nova estrutura administrativa das fazendas das frentes pioneiras do século XX foram os administradores e os fiscais. Os primeiros cuidavam da administração geral da fazenda, que incluía a contratação de pessoal, compra e venda de produtos necessários ao dia-a-dia, por vezes, também eram os responsáveis pelo pagamento de funcionários, e, até, pela promoção de alguns deles: eles respondiam pelo bom andamento na ausência dos fazendeiros. Os fiscais estavam mais ligados à condução dos trabalhos, fossem eles na lavoura ou nas oficinas do núcleo central da fazenda. Pela importância de suas funções, moravam em casas diferenciadas, maiores do que as das colônias, por exemplo. Por vezes, estas eram as principais edificações existentes, e nelas os fazendeiros e sua família permaneciam, em caso de não haver casa própria.

Essas moradias diferenciavam-se das casas de colônia pelo seu tamanho maior e por conterem certos equipamentos de conforto, como banheiros, telefone, energia elétrica e água encanada, por exemplo, inexistentes naquelas. Possuíam, em geral, maior número de cômodos e melhor acabamento, como piso assoalhado ou revestido de ladrilho - em cozinhas, banheiros e alpendres -, forro em todos os cômodos, porões baixos, além de sempre estarem localizadas no núcleo central da fazenda. O aspecto externo variou bastante, de fazenda para fazenda: algumas foram construídas em madeira, outras, a maioria, de alvenaria de tijolos; umas são simples, outras apresentam alpendres frontais, e alguma ornamentação. No entanto, as construídas entre as décadas de 1920 e 1940, seguem a arquitetura então em voga, que dispensava elementos decorativos mais elaborados, restringindo-se a algumas molduras decorativas, ou um desenho diferenciado de telhado. As imagens dessas casas falam por si. O tamanho e a localização, mais que tudo, é que lhes asseguravam o *status* diferenciador, emanado do cargo privilegiado de seu ocupante.

Internamente, a disposição de cômodos dessas casas evidencia algumas alterações que estavam ocorrendo nas primeiras décadas do século XX. As faixas de acessibilidade que vinha sendo mantidas, até então, somem de vez. Do alpendre, passa-se a uma sala de estar, a qual se comunica diretamente com um ou mais dormitórios, um dos quais, geralmente, é o do casal. Quando há banheiro interno, ele se localiza entre a sala de estar e a cozinha, ou copa. Os dormitórios alinham-se numa das laterais da edificação, aquela melhor ensolarada durante o dia. Na outra lateral, via de regra, são dispostos o banheiro, a cozinha e a copa. Esse é um novo padrão que começava a se impor nas casas rurais de certa importância, inclusive, como veremos a seguir, nos casarões.

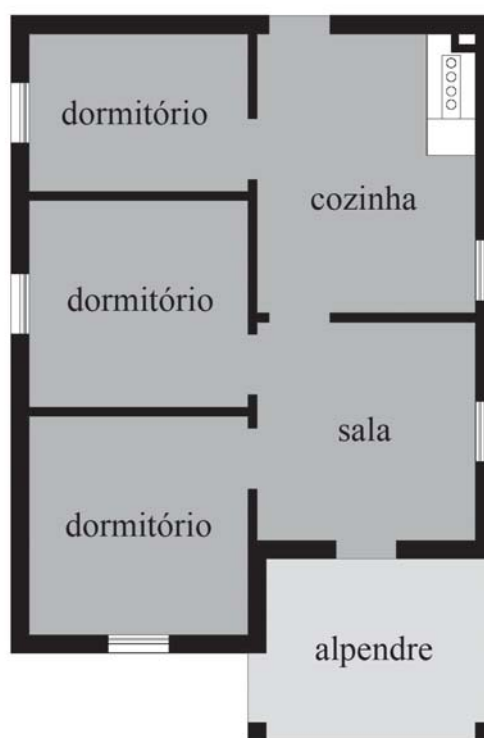


Figura 424 (acima, topo) - Casa do administrador, de 1924. Fazenda Figueira, Areiópolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 425 - Planta de casa do administrador. Fazenda do Akira, Cafelândia. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

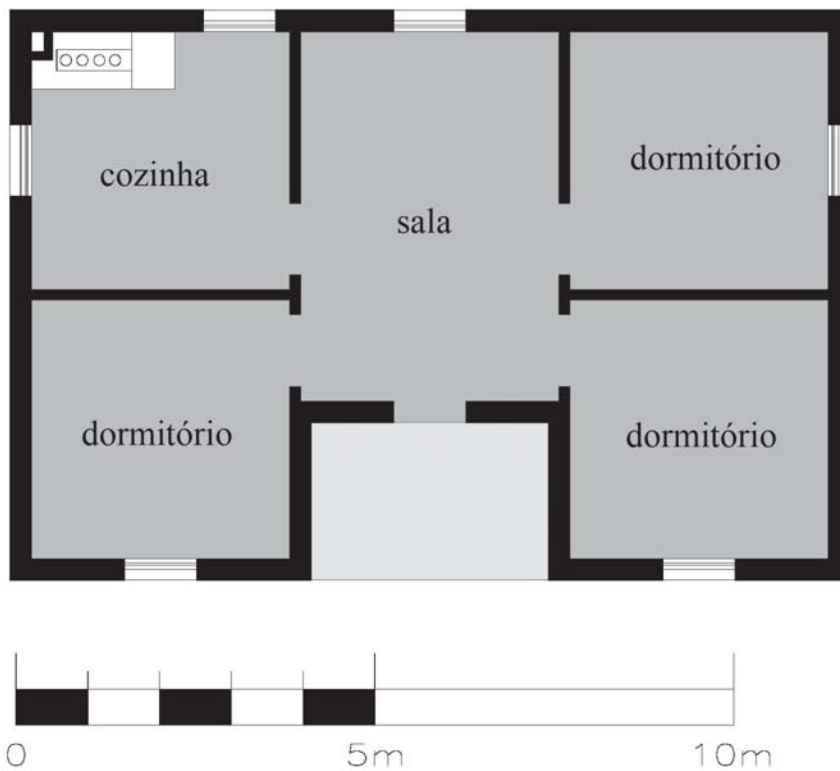


Figura 426 (topo) - Planta de casa do fiscal. Fazenda do Akira, Cafelândia. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 427 (à esquerda, topo) - Casa do fiscal. Fazenda do Akira, Cafelândia. Foto.: V. Benincasa.

Figura 428 (à esquerda) - Casa do fiscal. Fazenda Santo Antônio, Catanduva. Foto de Paschoalino Giglioti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 29.

Figura 429 (acima) - Casa do fiscal. Fazenda Santa Ignez, Catanduva. Foto de Paschoalino Giglioti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 42.

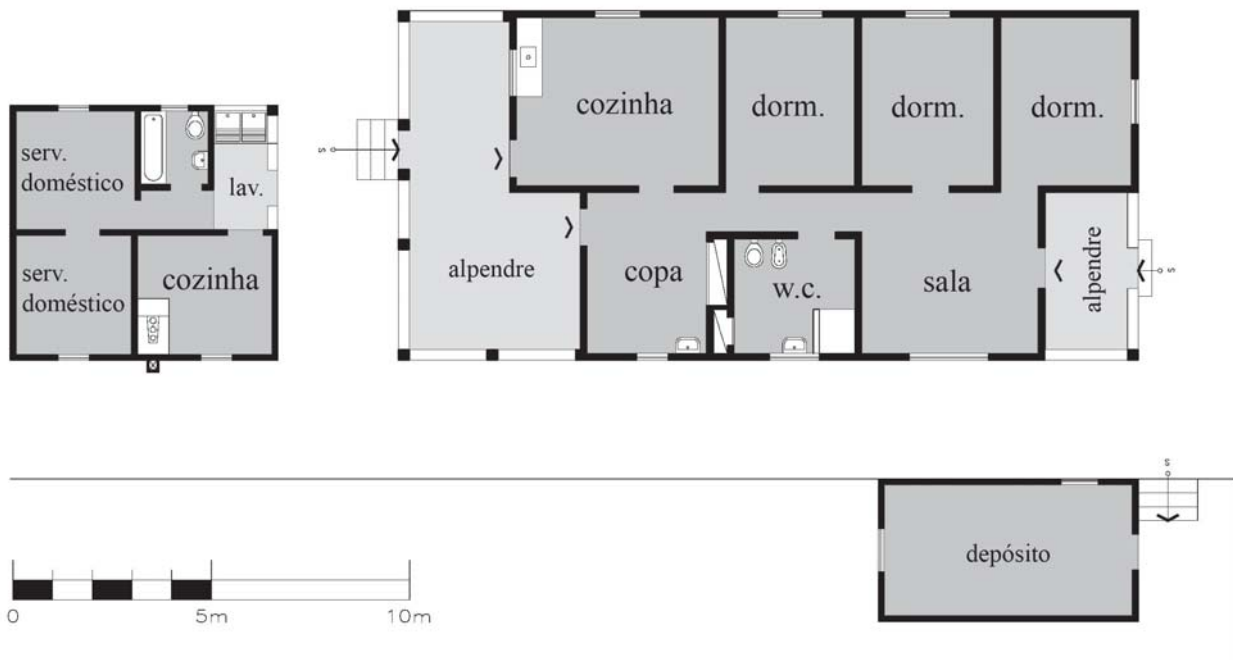


Figura 430 (topo) - Casa do administrador. Fazenda São Francisco, Catanduva. Foto de Paschoalino Giglioti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 14.

Figura 431 (acima) - Planta de casa do fiscal. Fazenda Palmares, Garça. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 432 (à direita) - Casa do fiscal: aspecto parcial da fachada, vendo-se o alpendre fronteiro. Fazenda Palmares, Garça. Foto: V. Benincasa.





Figura 433 (acima, topo) - Casa do fiscal: aspecto interno, a partir da sala, vendo-se o corredor central. Fazenda Palmares, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 434 (acima) - Casa do fiscal: banheiro com paredes azulejadas, piso de ladrilhos e peças sanitárias. Fazenda Palmares, Garça. Foto: V. Benincasa.



Figura 435 (acima, topo) - Casa do fiscal da colônia Tamoio. Fazenda Iгурê, Garça. Foto: V. Benincasa.

Figura 436 (acima, centro) - Casa do administrador, em madeira. Fazenda Guaiuvira, Guarantã. Foto: V. Benincasa.

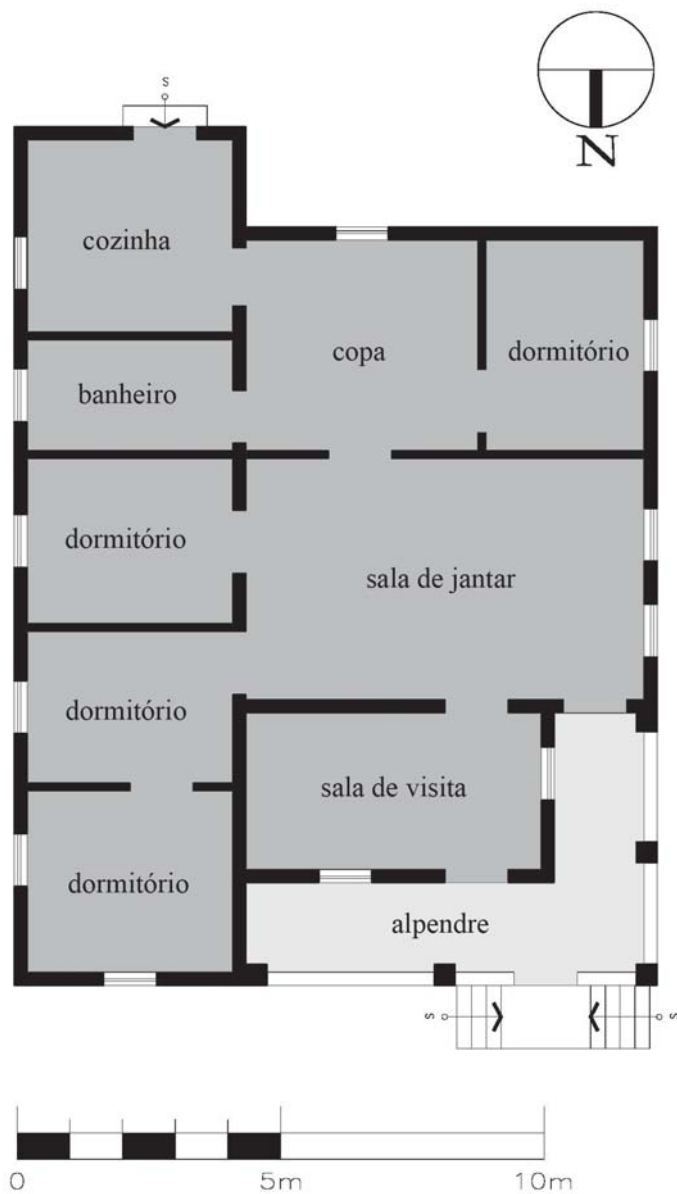
Figura 437 (acima) - Casa do administrador, fazenda Santa Luciana, Jaci. Essa casa foi, na verdade, a primeira sede da fazenda, até mais ou menos a década de 1930. Foto: V. Benincasa.

Figura 438 (à direita) - Planta da casa do administrador. Fazenda São Pedro, Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 439 (abaixo) - Casa do administrador. Fazenda São Pedro, Lins. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 440 (embaixo) - Casa do administrador. Fazenda Santa Rita, Pongá. Foto: V. Benincasa.

Figura 441 (à direita, embaixo) - Casa do administrador: construída parcialmente em madeira, sobre alicerces de tijolos. Fazenda Santo Inácio, São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Casarões

Os primeiros casarões de fazendas construídos nas últimas fronteiras da cafeicultura em São Paulo foram feitos de taipa de mão ou de madeira. Dos primeiros já falamos anteriormente, são aqueles ligados quase sempre aos mineiros, que existiram desde as zonas de povoamento mais antigo, como a Sorocabana, quanto nas ocupadas no início do século XX. Quanto aos de madeira, eles foram mais freqüentes nas zonas situadas na margem direita do rio Tietê, de ocupação mais recente. Os construtores aproveitavam a farta matéria prima, a madeira de boa qualidade então existente nas matas das próprias fazendas, para levantarem a moradia do fazendeiro. Por relatos e fotos antigas, percebe-se que foram muito comuns na primeira metade do século XX, no entanto, em nossos levantamentos, só encontramos restos de alicerces de dois deles: um da fazenda Jacutinga, em Agudos, e, outro, da fazenda Figueira Branca, em Gália. Quase todos foram demolidos, substituídos por outras edificações mais recentes, de alvenaria de tijolos. Restaram as fotos, encontradas em arquivos pessoais ou públicos, que nos dão uma pequena idéia do que foram essas casas. Em comum, elas ostentam porões, alguns altos e aproveitáveis, outros baixos; e os alpendres fronteiros, que, a julgar pelas fotos, eram bastante usados como área de estar. Eram casas de porte considerável, e bem feitas, com: tábuas vedadas por mata-juntas; alpendres lambrequinados, embora de recorte bastante simples; janelas com folhas envidraçadas. Ora a cobertura ostenta telhas capa e canal, ora, francesas. Quando existem os porões altos, estes são feitos de tijolos ou de madeira. A diversidade era grande, não havendo um padrão único.

Figura 442 (abaixo) - Casarão de fazenda em Agudos, pertencente à família Almeida Prado. Acervo Fazenda Mandaguahy, Jaú.

Figura 443 (à direita, topo) - Foto da família Almeida Prado, os proprietários, no alpendre do casarão de sua fazenda em Agudos. Acervo Fazenda Mandaguahy, Jaú.



Figura 444 (acima, centro) - Fragmento do cotidiano da família Almeida Prado em casarão de sua fazenda em Agudos. É possível observar o mobiliário, as cortinas na janela. Acervo Fazenda Mandaguahy, Jaú.

Figura 445 (acima) - Outro aspecto do cotidiano: provavelmente captada no dormitório do casal. Casarão de fazenda em Agudos, pertencente à família Almeida Prado. Acervo Fazenda Mandaguahy, Jaú.

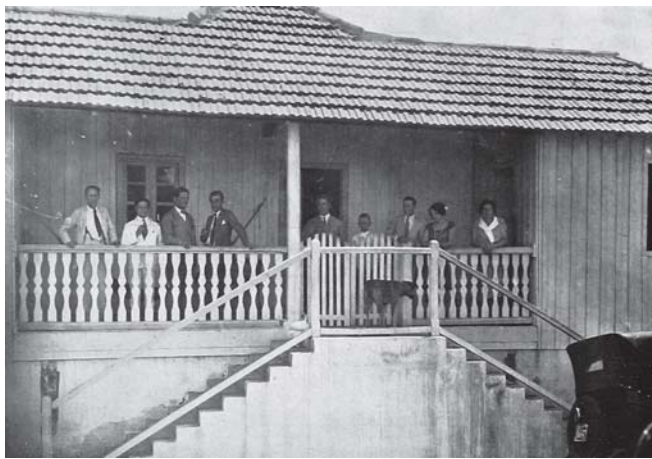


Figura 446 (à direita, topo) - Aspecto do casarão de madeira da fazenda Santo Antônio, Lins. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 361.

Figura 447 (à direita, centro) - Foto de fazenda desconhecida. Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Fernão Dias Paes, Penápolis.

Figura 448 (à direita) - Fazenda que existiu na estrada entre Penápolis e Glicério. Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Fernão Dias Paes, Penápolis.

A partir de meados da década de 1910, com o início da I Grande Guerra Mundial, encontramos a maioria dos casarões rurais sendo construída com alvenaria de tijolos: mais sólidos, porém menos ornamentados do que aqueles até então edificadas. Bortolucci observa que:

As dificuldades financeiras e a interrupção da importação de materiais de construção forçaram a implantação de novas soluções, que pudessem dispensar a dependência européia, registrada na produção eclética até então. Pode-se dizer que se inicia uma nova forma de ecletismo, marcado pelos materiais de construção nacionais, que a incipiente indústria local pode colocar à disposição.⁶⁵

A facilidade de comunicação entre o ambiente urbano e rural, por outro lado, vai fazer com que a linguagem da arquitetura dos casarões de fazenda, como nunca havia se dado antes, se aproxime muito dos novos padrões da arquitetura urbana. Bortolucci, se referindo a padrões de arquitetura urbana na cidade de São Carlos, parece estar descrevendo os casarões das zonas pioneiras construídos entre as décadas de 1920 e 1940:

Em geral, os telhados foram mais movimentados e cobertos com telhas francesas. Foi muito utilizado o beiral, forrado de estuque ou não, (...). As paredes externas de tijolo à vista também foram muito usadas. As jardineiras sob as janelas, as faixas de argamassa com relevos ornamentais e outras variações de ornatos, foram muito comuns nas fachadas destas residências. Entretanto, um complemento indispensável foi o alpendre, aplicado de formas variadas (pequeno ou mais longo, com telhado independente ou não, etc.), mas sempre contornados por elementos vazados em meia-lua, balaústres e outros, e precedido por uma escada de poucos degraus, devido à existência do porão.

Sobre a organização interna dos aposentos, Bortolucci comenta que:

A maior liberdade de organização espacial, que já se observava nas residências anteriores, construídas isoladamente no lote, continuou existindo, e até se popularizou. O corredor central foi completamente esquecido e generalizou-se a idéia da "sala-praça", não havendo qualquer tentativa de separação ostensiva entre zonas. O binômio banheiro-cozinha foi mantido e só foi quebrado nas construções assobradadas. Neste período, se afirmou definitivamente a copa, que já havia sido introduzida no programa da habitação. (...) O gabinete, ou escritório, continuou a ser usado, mas aparecem situações diferentes para a sua localização, certamente atendendo a necessidades particulares do proprietário.⁶⁶

Essas características são facilmente observáveis nas casas rurais construídas no mesmo período, nas frentes pioneiras.

A "sala-praça", ao redor da qual se distribuem todas as demais zonas da residência foi uma grande alteração introduzida, acabando, finalmente com o velho esquema de faixas de acessibilidade que foi praticamente onipresente nas casas rurais de boa parte do século XIX e, em alguns exemplares, ainda era possível observar até na década de 1900-1910.

Um bom exemplo dessa nova configuração é o casarão da fazenda Santa Isabel, de Cafelândia. Essa fazenda pertenceu à família Zucchi, a doadora do terreno para a construção da estação ferroviária da Noroeste⁶⁷ e tida como uma das fundadoras de Cafelândia. A casa possui planta em "L" e sofreu algumas alterações, alguns anos depois de ser construída, com o acréscimo de um alpendre de recepção entre o corpo principal e o anexo de serviços, além da ampliação da cozinha – alteração facilmente percebida no confrontamento entre a foto do final da década de 1920 e a atual. O amplo alpendre veio dar mais conforto aos usuários da casa e, nele, o guarda-corpo é feito de balaústres pré-fabricados de cimento armado, decorados com flores em relevo, o que nos leva a crer que tal reforma tenha se dado na década de 1930, quando se vulgarizou o uso desse tipo de elemento. O piso do alpendre, assim como das áreas molhadas internas (copa, banheiro, lavabo, cozinha e despensa), é revestido por ladrilhos hidráulicos, por vezes formando os tradicionais mosaicos, outras com peças de cores únicas, formando xadrez. Do alpendre passa-se à grande sala de estar-jantar, ao redor da qual se distribuem os dormitórios e o escritório. Desaparecem, por completo, as zonas intermediárias entre aposentos íntimos e sociais. Da sala também se chega diretamente à zona de serviços, cuja intimidade já havia sido devassada no próprio alpendre, para onde duas janelas da copa se abrem; e, por um corredor, protegido por uma divisória baixa, com folhas do tipo "vaim", chega-se ao antigo jardim e pomar, que envolviam a casa. Do jardim, restam vestígios dos canteiros e passeios; do pomar, restam os capitéis e os tijolos amontoados, que formavam o portal que o separava do jardim.

Internamente, os aposentos principais do casarão possuem assoalho sobre porão baixo, forro do tipo saia e camisa (ainda bastante utilizados à época) e paredes revestidas com decoração pictórica aplicada com estêncil: em cada aposento – sala, escritório e dormitórios – utilizou-se um padrão diferente. Cada dormitório possui o seu próprio lavatório de porcelana nacional, não mais importada, com

⁶⁵ Bortolucci, M. A. P. C. S. *Moradias Urbanas Construídas em São Carlos no Período Cafeeiro*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutorado), 1991, p. 323.

⁶⁶ Idem, *ibidem*, pp. 323-4.

⁶⁷ Sinal dos tempos: as pessoas tidas como os "fundadores", talvez fosse melhor dizer, pioneiros, da cidade de Cafelândia, são doadores do terreno para a construção ferroviária, não mais os doadores do patrimônio religioso...

duas torneiras de água quente e fria. A cozinha, banheiro e lavabo, do mesmo modo, possuem encanamento de água e sistema de esgoto, com todas as peças necessárias, inclusive uma banheira e chuveiro. Na cozinha, ainda existe o grande fogão à lenha com chaminés, que, além das bocas tradicionais, possui forno e sistema de aquecimento de água, composto de serpentinas e reservatório. Nesse cômodo, também ainda é possível observar o tradicional forro de treliças, para arejamento e auxílio na difusão do calor. As portas internas apresentam bandeiras envidraçadas, tripartidas, e as folhas são caneladas; a única porta almofadada é a principal. As janelas são iguais em todos os cômodos, ostentando folhas de vidro internas e de venezianas externas. O único cuidado tomado, no caso da janela do banheiro, foi o de garantir de vidros coloridos e texturizados a metade inferior das folhas envidraçadas, garantindo, desse modo, maior privacidade.

A princípio, a iluminação era feita com lamparinas, vela, lampiões, não havia energia elétrica, cuja instalação foi feita

assim que se tornou disponível na região, como provam as fiações expostas, pendentes dos forros. Aliás, até meados do século XX, foram poucas as fazendas das frentes pioneiras que tiveram energia elétrica por rede pública; a energia elétrica provinha de geradores próprios movidos a derivados de petróleo, ou vindas de usinas hidrelétricas particulares. Por muito tempo se usaram, principalmente nas casas, lampiões e lamparinas a querosene e velas, depois de certa hora da noite quando os geradores eram desligados.

Quanto ao aspecto externo, esse exemplar da Santa Isabel não possui, praticamente, nenhum tipo de ornamento: as paredes são lisas, não há molduras ou pilastras, nem cimalkas, nem lambrequins. O que se nota são pequenos cuidados, como os beirais forrados de madeira, calçadas e canaletas para desvio de águas pluviais em todo o entorno. Trata-se, como outras do período, de uma casa que, pelas condicionantes da época de sua construção, privilegiou a praticidade e o conforto.

Figura 449. Planta do casarão da fazenda Santa Isabel, de Cafelândia. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

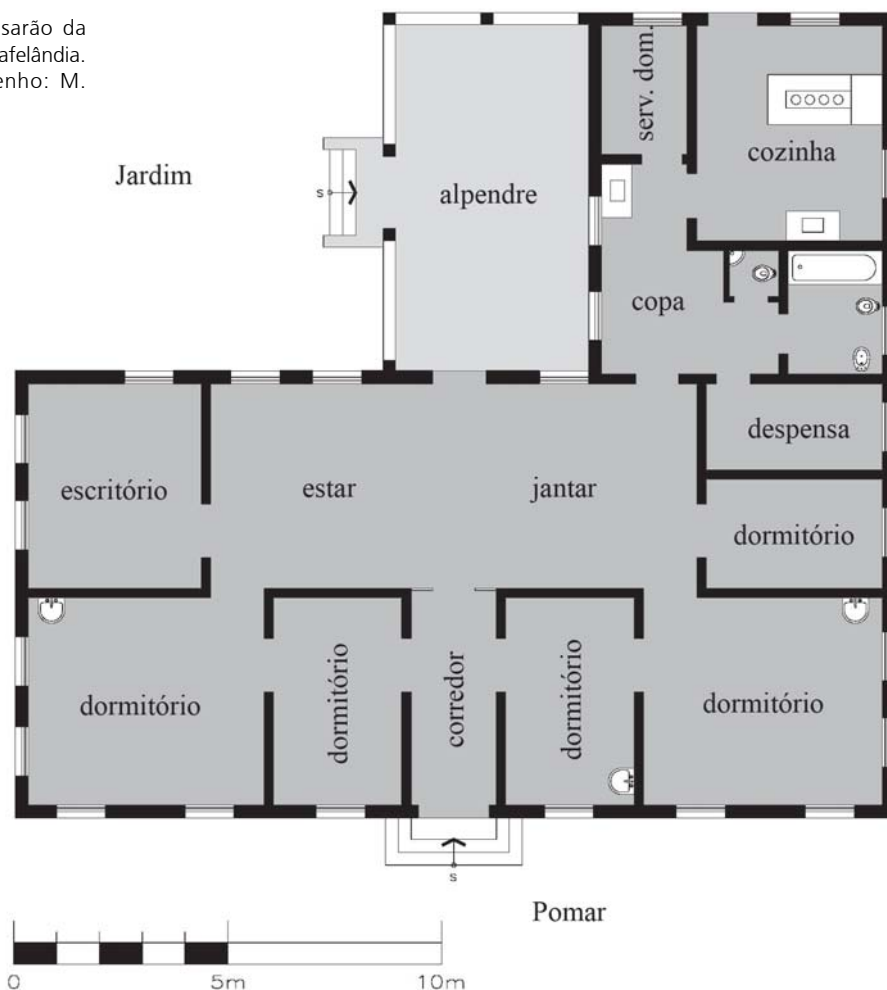




Figura 450 (topo) - Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia, em foto da década de 1920. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 322.

Figura 451 (acima) - Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia, em seu aspecto atual. Foto: V. Benincasa.

Figura 452 (à direita, topo) - Alpendre, resultado da reforma porque passou o casarão na década de 1930. Foto: V. Benincasa.

Figura 453 (à direita) - Aspecto interno do alpendre. Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.





Figura 454 (à esquerda, topo) - Fundos do casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Notar a falta de ornamentação, os beirais forrados de madeira, as janelas com folhas venezianas e folhas envidraçadas. Foto: V. Benincasa.



Figura 455 (à esquerda, centro) - aspecto do salão único, misto de estar e jantar: a "sala-praça" circundada por vários aposentos. Notar a pintura decorativa nas paredes. Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 456 (à esquerda, embaixo) - Interior de um dos dormitórios. Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 457 (abaixo) - Outro dormitório, com o lavatório. Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.





Figura 458 (à esquerda, topo) - Detalhe da pintura de dormitório da foto anterior. Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 459 (à esquerda) -Aspecto da copa. Ao fundo, a despensa. Notar o piso revestido de ladrilho hidráulico. Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 460 (acima) - Aspecto do banheiro, visto da copa. Casarão da fazenda Santa Isabel, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

No entanto, como salientou Bortolucci, em pouco tempo novas soluções estéticas surgiram, aproveitando o material disponível no mercado e se valendo de maior movimentação da planta e dos telhados em várias águas. Uma solução típica dos anos de 1920 é a que faz uso de um cômodo fronteiro, destacado do corpo da edificação, e ladeado por um pequeno alpendre de recepção, que pode se prolongar pelas laterais de uma, ou mais, fachada. O corpo em destaque, geralmente, possui a cumeeira de suas duas águas estendidas até a fachada que, por esse motivo, ostenta a empena triangular. Essa foi uma solução bastante usada tanto em cidades como em fazendas.

O exemplar da fazenda Santa Luzia, de Catanduva, é bastante significativo desse novo tipo de moradia. Sua planta é bastante movimentada, resultando num telhado de várias águas, de cuja volumetria depende em grande parte o resultado estético alcançado. Situada em desnível, a solução encontrada foi aproveitar, na metade da edificação, o espaço resultante sob o piso como porão utilizável. Dessa forma, um muro de arrimo percorre a casa no sentido longitudinal, avançando para além de seus limites, tanto para o jardim, como para o quintal, obrigando a existência de escadas entre os dois níveis obtidos.

Os beirais do corpo principal apresentam forros de estuque, além de calhas e coletores de águas pluviais, escondendo

os cachorros. O que não ocorre no telhado do alpendre, que se prolonga da fachada até os fundos, percorrendo toda uma de suas laterais – aí, os cachorros estão à mostra, ostentando recortes ondulados e a cobertura com telhas industrializadas capa e canal, elementos muito em voga com a disseminação do neocolonial.

Muitas das casas rurais dessas regiões, construídas nas décadas de 1920 e 1930, vão incorporar elementos de arquiteturas identificadas com manifestações nacionalistas, que permeavam o continente americano, tais como: telhados em várias águas; uso de telhas do tipo capa e canal, industrializadas, conhecidas como paulista ou paulistinha; beirais com cachorros recortados; alpendres com abertura em arco; gradis salientes nas janelas; colunas torcidas ou galbadas; e jardineiras de cimento sobre as muretas de alpendres.

Voltando à casa da Santa Luzia, podemos observar também na disposição dos cômodos, as novas tendências. O escritório, situado na parte fronteira da edificação, está destacado do corpo principal, possuindo acesso apenas externo, pelo alpendre. A sala de estar faz o papel da “sala-praça”, organizando a distribuição dos demais setores da casa. O curioso é o total desaparecimento da sala de jantar, substituída pela copa, que, nesse caso, pode ser considerada uma segunda “sala-praça”. Também aqui não se observa

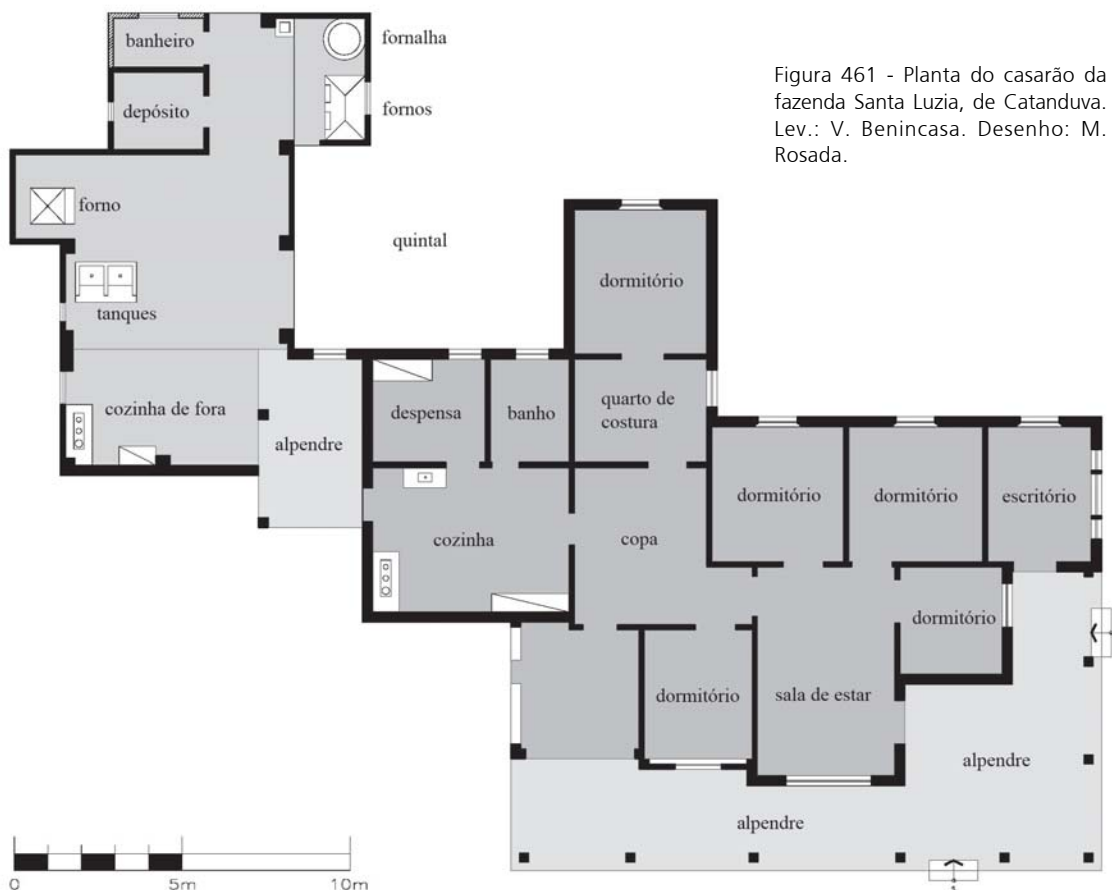


Figura 461 - Planta do casarão da fazenda Santa Luzia, de Catanduva. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

mais o tradicional forro saia e camisa, mas o forro de tábuas justapostas, com encaixe do tipo macho e fêmea, o popularmente chamado “paulistinha”, neste caso, construído em dois níveis: um central, mais alto, envolvido por outro cerca de dez centímetros mais baixo – o vão entre eles é vedado por tábuas que ostenta perfurações decorativas, cuja função primeira é promover a ventilação do ambiente. Uma solução engenhosa que foi amplamente adotada em casas rurais e urbanas da época. Nos pisos, porém, mantinha-se o uso do assoalho e, nas áreas molhadas, dos ladrilhos hidráulicos.

Outra permanência que se observa nessas casas é a presença da cozinha de fora, a cozinha “suja”, que aparece nas casas rurais paulistas desde sempre. Nesse caso, o “puxado” se estende por uma ampla área que, embora quase sem divisões, está seccionada em vários ambientes, cozinha, lavanderia, depósito, área de fornos e fomalhas; ou seja, mesmo tendo uma cozinha interna, equipada com fogão à lenha, e depois, também a gás, mantinha-se o costume de ter outra cozinha completa aos fundos da edificação, além de fornos à lenha e fomalha para a fatura de doces, sabão, e preparo e corte de animais de porte pequeno e médio, como aves e porcos.



Figura 462 (à direita, topo) - Fachada do casarão da fazenda Santa Luzia, de Catanduva. Aqui se observa a fachada, destacada, do escritório, e o alpendre em sua lateral. Também é possível ver o beiral forrado de estuque. Foto: V. Benincasa.

Figura 463 (à direita, centro) - Aspecto parcial da fachada lateral do casarão da fazenda Santa Luzia, de Catanduva, onde pode observar o telhado bastante movimentado da edificação. Foto: V. Benincasa.

Figura 464 (à direita) - Detalhe dos cachorros no beiral do alpendre. Casarão da fazenda Santa Luzia, de Catanduva. Foto: V. Benincasa.



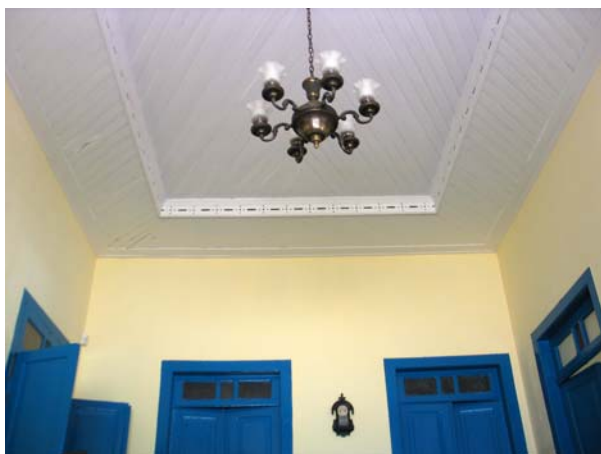


Figura 465 (à esquerda, topo) - Detalhe do forno da sala de estar, em dois níveis, com as aberturas para ventilação. Casarão da fazenda Santa Luzia, de Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Figura 466 (à esquerda) -Aspecto do interior do dormitório, situado ao lado da copa. Nele há dois ambientes separados por uma abertura em arco, que poderia ser uma espécie de ante-sala, um trocador, mas que atualmente é usado como sala de costura. Casarão da fazenda Santa Luzia, de Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Figura 467 (acima) - Detalhe da cozinha interna: fogão à lenha com espaço para guarda de lenha. Casarão da fazenda Santa Luzia, de Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Casas semelhantes a essa da Santa Luzia, foram construídas em muitas outras fazendas, como na Bela Vista, de Catiguá, na São Joãozinho e na Santa Fausta, de Lins, na Santa Leonor, de Penápolis, na Pau d'Alho e na Santa Guilhermina, de Pirajuí, na Bonsucesso, de Pongá... Nessa última, se não há tanta movimentação na volumetria, exceto pela posição do escritório, saliente em relação ao corpo principal, e pelo telhado do alpendre, vamos encontrar no seu interior a presença centralizada das salas de estar e de jantar, e, em cada uma das laterais, uma faixa de dormitórios. Curiosamente, a sala de jantar, aos fundos da edificação, não possui janelas, sua única abertura ao "exterior" era a porta voltada para o alpendre de serviços, que originalmente era todo aberto e circundado de guarda-corpo, uma espécie de área de serviços aberta, bastante apropriada às altas temperaturas da região, vizinha ao rio Tietê. Esse alpendre fazia a ligação do corpo principal da moradia com cozinha, despensa e banheiro, que estavam, originalmente, situados em um corpo isolado. Nesse caso, o costume de se ter uma única cozinha, no lado de fora da casa, foi levado às últimas conseqüências, numa curiosa volta, evidentemente não proposital, às origens da casa rural paulista, pois não há cozinha interna.⁶⁸ Posteriormente, o alpendre teve suas laterais fechadas, interligando todas essas dependências.

Apesar das suas dimensões modestas, o acabamento geral da edificação foi muito bom, em que pese o estado atual, bastante deplorável, pela falta crônica de conservação. Na fachada principal, ainda se pode ver as belas janelas, com vidros coloridos, do escritório e da sala de estar; os vestígios da ornamentação, constituída de molduras e de faixas decorativas em relevo, os óculos do porão e do forro; o beiral forrado com madeira; a finalização com ponteiro na cumeeira da empena frontal; a bela escada em semi-círculo,

Figura 468 - Fachada do casarão da fazenda Bela Vista, em Catiguá. Notar as colunas galbadas, e o guarda-corpo feito com elementos pré-fabricados de cimento armado. Foto: V. Benincasa.

de acesso ao alpendre; o guarda-corpo feito com balaústres de cimento armado; as portas almofadadas; ou o piso de ladrilhos hidráulicos formando mosaico no alpendre. Nas laterais, as janelas também possuem molduras, no entanto, as folhas almofadadas dão lugar a outras, mais simples, feitas de consoeiras justapostas e, as folhas envidraçadas e coloridas, são substituídas por guilhotinas de vidros lisos e transparentes.

No interior do corpo principal, em todos os ambientes aparece o piso de assoalho, enquanto o forro, encabeirado, é feito com tábuas frisadas e estreitas. A escassez de material importado, até então muito encontrado, é possível ser observada numa solução que se tornou comum à época: na falta de pinho-de-riga original, pintava-se a madeira das portas nos tons amarelados e cheios de nós, característicos daquela madeira européia. Além desse detalhe, nos chama a atenção a decoração pictórica das paredes da sala de estar, que ainda é mantida no seu aspecto original.

⁶⁸ Não cremos que esse fato esteja diretamente relacionado às plantas das casas rurais paulistas edificadas até o século XVIII, que não possuíam área de serviço interna, mas a uma visão extremamente pragmática, que deve ter sido usual em casas rurais de pequenas propriedades, nas zonas pioneiras paulistas: por que ter duas cozinhas, se apenas uma delas era o suficiente? Chegamos a conhecer outro caso, semelhante ao de Pongá, na Alta Araraquarense: a moradia do sítio da família Gasparetto, em Santa Clara d'Oeste, que possuía, além da mesma linguagem formal de fachada, praticamente a mesma disposição de cômodos, com alpendre de serviços, aos fundos, onde se localizava a cozinha externa e um pequeno depósito. Nesse caso, porém, o banheiro era interno.





Figura 469 (à esquerda, topo) - Fachada do casarão da fazenda São Joãozinho, em Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 470 (à esquerda, centro) - Fachada lateral do casarão em que se pode ver o prolongamento do alpendre, até o encontro de nova saliência. Fazenda São Joãozinho, em Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 471 (à esquerda) - Vista interna do alpendre lateral. Casarão da fazenda São Joãozinho, em Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 472 (acima, topo) - Casarão da fazenda Santa Leonor, Penápolis, em foto da década de 1920. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 452.

Figura 473 (acima) - Casarão da fazenda Pau d'Alho, Pirajuí, em foto da década de 1920. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 280.



Figura 474 (à esquerda, topo) - Casarão da fazenda Santa Guilhermina, em Pirajuí, envolto por jardins, e a presença do automóvel. Foto da década de 1920, fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 276.



Figura 475 (à esquerda, centro) - Casarão, envolto por jardins cercados, da fazenda Santa Fausta, em Lins. Observar as aberturas em arco, que formam uma elegante composição com o desenho do telhado do alpendre. Foto: V. Benincasa.

Figura 476 (à esquerda, embaixo) - Detalhe da entrada frontal do alpendre. Casarão da fazenda Santa Fausta, em Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 477 (abaixo) - Detalhe da janela frontal, com bela solução de tímpano em arco pleno, ornamentado com leque de argamassa em relevo. Notar o uso de peças cerâmicas na composição do peitoril. Casarão da fazenda Santa Fausta, em Lins. Foto: V. Benincasa.



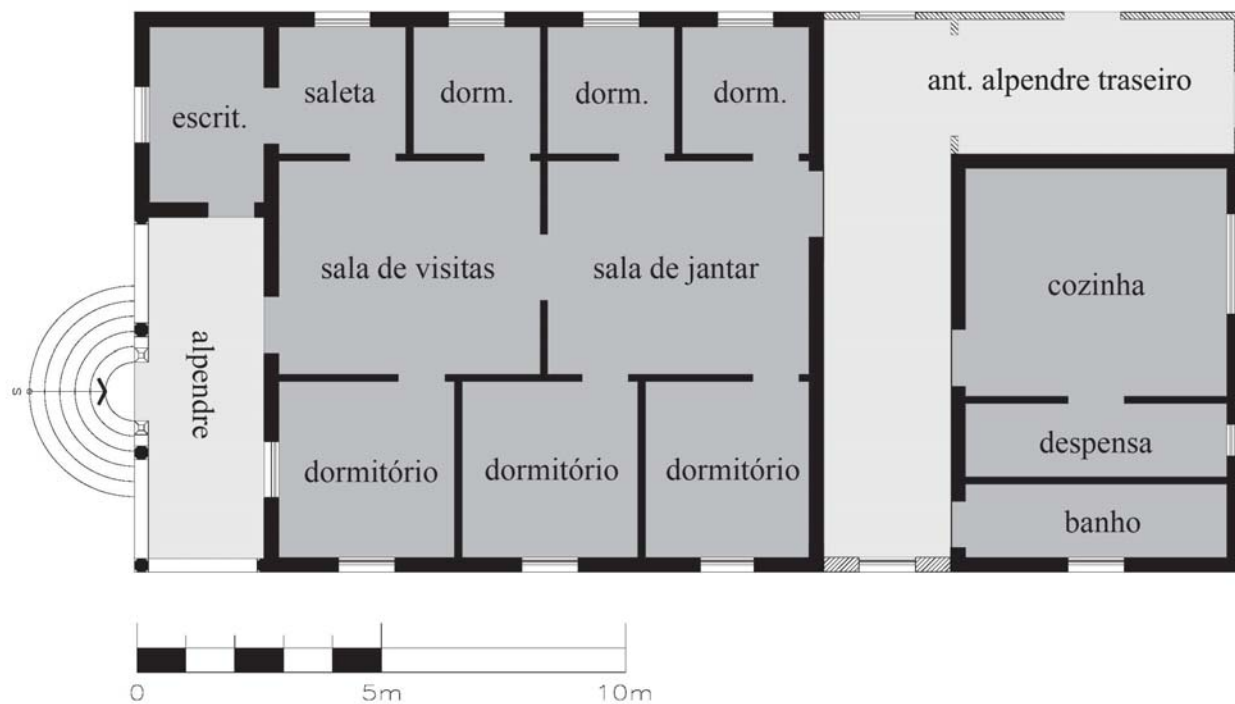


Figura 478 (acima, topo) - Planta do casarão da fazenda Bonsucesso, de Pongá. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 479 (acima) - Fachada do casarão da fazenda Bonsucesso, em Pongá. Foto: V. Benincasa.

Figura 480 (acima) - Detalhe da janela do escritório, na fachada, ostentando folhas externas com vidros coloridos e folhas internas almofadadas. Casarão da fazenda Bonsucesso, em Pongá. Foto: V. Benincasa.



Figura 481 (à esquerda, topo) - Aspecto interno do alpendre: ao fundo a entrada do escritório; à direita, a porta de acesso à moradia. Casarão da fazenda Bonsucesso, em Pongáí. Foto: V. Benincasa.

Figura 482 (à esquerda) - Fachada lateral. Casarão da fazenda Bonsucesso, em Pongáí. Foto: V. Benincasa.

Figura 483 (acima, topo) - Sala de estar, com paredes revestidas de pintura decorativa. As portas também receberam camada de pintura decorativa, imitando pinho-de-riga, material nobre e escasso, após a I Grande Guerra Mundial. Casarão da fazenda Bonsucesso, em Pongáí. Foto: V. Benincasa.

Figura 484 (acima) - Sala de jantar. Casarão da fazenda Bonsucesso, em Pongáí. Foto: V. Benincasa.

Outro tipo de casa que encontramos foi aquele com alpendre fronteiro e corpo principal, cuja cobertura é feita por uma ou mais cumeeiras paralelas à fachada, resultando em empenas cegas nas laterais da edificação. Dessa forma, as plantas dessas casas apresentam blocos menos movimentados, ao menos na parte fronteira, podendo ter certa movimentação aos fundos. É o que ocorre na casa da fazenda São Sebastião, de Catanduva. Nesse exemplar a parte fronteira é ocupada por uma primeira faixa de salas e, logo a seguir, outra com dormitórios e banheiro. Depois, o corpo da edificação se retrai - aparecendo uma saleta e mais um dormitório - para novamente alargar-se aos fundos, onde ficava a cozinha e, curiosamente, outro dormitório adjacente. Posteriormente, a edificação foi ampliada, a antiga cozinha transformou-se numa copa, e aos fundos, construiu-se nova cozinha, outro banheiro e novo dormitório. Essa é a típica casa de fazenda feita para ser ocupada ocasionalmente: simples, porém, prática e confortável, adaptada às necessidades da família e a pequenas estadias, sem os arroubos daquelas antigas casas de fazendas de outras regiões por onde passou a cafeicultura e, também, muito diferente da bela mansão urbana, pertencente à mesma família. O fundador da fazenda São Sebastião, Sr. José Olímpio Dias Gonçalves, construiu em Catanduva, ao contrário da singeleza da casa de fazenda, aquela que é, até hoje, considerada uma das mais belas casas da cidade.



Figura 485 (acima) - Casarão da fazenda São Sebastião, em Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Encontramos a mesma solução formal em fotos antigas de casarões de outras fazendas, como na Volta Redonda, de Tabapuã, também na Araraquarense, ou na Santa Josephina, de Pirajuí, na Noroeste.

Figura 486 (abaixo) - Planta do casarão da fazenda São Sebastião, de Catanduva. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.



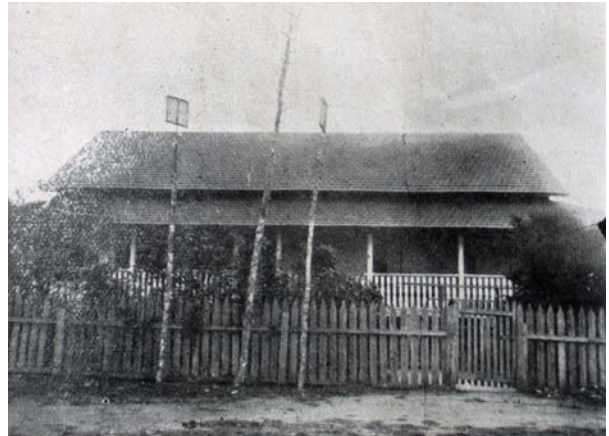


Figura 487 (acima, topo) - Foto de meados do século XX, aparecendo a escada original do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda São Sebastião, Catanduva. Acervo da própria fazenda.

Figura 488 (acima) - Aspecto interno do alpendre. Casarão da fazenda São Sebastião, em Catanduva. Foto: V. Benincasa.

Figura 489 (à direita, topo) - Casarão da fazenda Volta Redonda, Tabapuã. Foto de Paschoalino Gigliotti, fonte: MORI, G. (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado, 1925, p. 74.

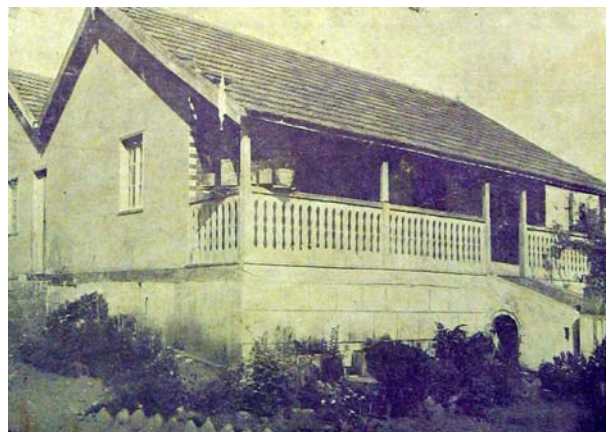


Figura 490 (à direita) - Casarão da fazenda Santa Josephina, Pirajuf. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 272.

Na casa da fazenda São Pedro, em Lins, também observamos aquelas características inovadoras, como a "sala-praça", a presença da copa, e uma maior integração entre as diversas zonas da casa. No entanto, o que mais nos chama a atenção é o alpendre, que percorre quase toda a edificação: o aspecto formal externo utilizado foi o da tradicional casa rural, porém incorporando as novidades de conforto da época e a falta de ornamentação externa, exceto pelo lambrequim do alpendre e pelo, hoje inexistente, guarda-corpo, que seguia um desenho semelhante ao do lambrequim, segundo informações obtidas com o ex-proprietário. No seu interior, destacam-se: a bela porta envidraçada, entre as salas de estar e de jantar; e as bandeiras de vidro inteiriço das portas internas, com desenho ligeiramente curvo, lembrando as linhas do art-nouveau. Evidentemente, não se trata de casa de ocupação ocasional, foi moradia dos proprietários até o ano de 2005, quando acabou por ser vendida a uma usina de açúcar.



Figura 492 - Casarão da fazenda São Pedro, de Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 491 - Planta do casarão da fazenda São Pedro, de Lins. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

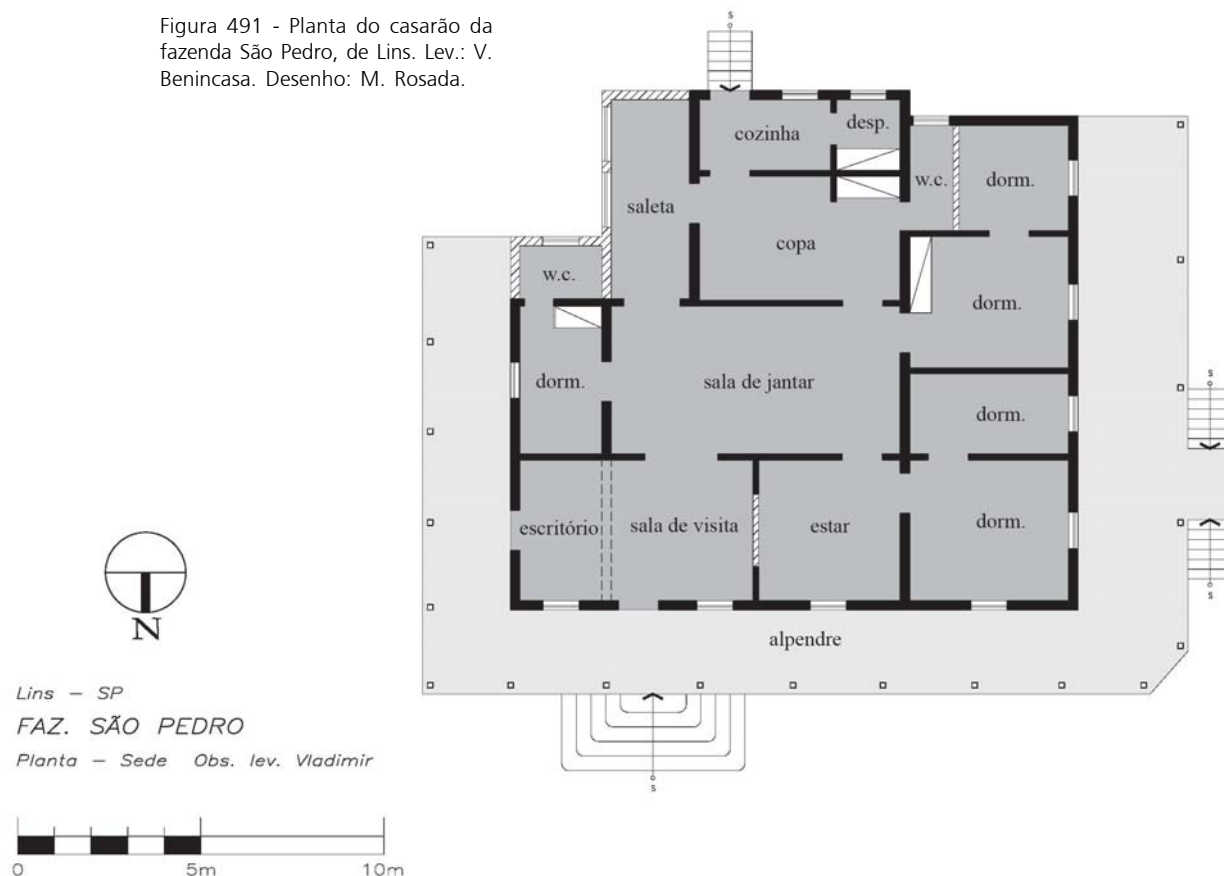




Figura 493 (à esquerda, topo) - Detalhe de escada, feita com estrutura em abóbadas de tijolos, existente na lateral do casarão da fazenda São Pedro, de Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 494 (à esquerda) - Aspecto do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda São Pedro, de Lins. Foto: V. Benincasa.

Figura 495 (acima) - Sala de jantar: à esquerda, a porta divisória voltada para a sala de estar; aos fundos, porta de dormitório. Casarão da fazenda São Pedro, de Lins. Foto: V. Benincasa.

Esse partido rural também pode ser visto no casarão da fazenda Salto, em São Manuel, construído na mesma década de 1920. Assim como na casa anterior, não há ornamentação de fachada. O acesso é feito através de um pequeno alpendre de recepção, com guarda-corpo de balaústres de madeira torneada. A planta se desenvolve em dois corpos justapostos, mas ligeiramente deslocados entre si, formando dois pátios: um fronteiro e, outro, aos fundos da edificação. Em concordância com o aspecto formal, bastante simples e rústico, que lembra o de casas rurais tradicionais, também o programa ainda se encontra bastante próximo do velho esquema da casa rural do século XIX, com a separação da sala de visitas e de jantar, feita por um corredor de acesso controlado. No entanto, já comparece tanto a copa, quanto o banheiro interno, equipado com semicúpio e demais peças sanitárias, água encanada e esgoto. Permanências e inovações numa casa de caráter tradicional. Outra característica dessa casa é a decoração pictórica diferente em cada cômodo do corpo dianteiro, que é ocupado por salas, escritório e dormitórios. Infelizmente não foi possível fazer a planta desse exemplar, embora tenha sido feito o levantamento fotográfico.



Figura 496 (à direita, topo) - Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 497 (à direita, centro) - Corredor de entrada: observar a decoração pictórica das paredes, e das portas, imitando a textura do pinho-de-riga. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 498 (à direita) - Aspecto da sala de jantar: ainda está presente o forro saia-e-camisa. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.





Figura 499 (à esquerda, topo) - Aspecto da sala de visitas, situada logo à direita da porta de entrada. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 500 (à esquerda, centro) - Detalhe da faixa pictórica da sala de visitas. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 501 (à esquerda, embaixo) - O velho semicúpio de metal esmaltado mantido como lembrança das antigas instalações sanitárias, hoje desprovido do encanamento. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 502 (acima) - Aspecto parcial da copa, situada entre cozinha e sala de jantar. O revestimento da parede não é original. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.



O uso dos longos alpendres associados a uma volumetria pouco movimentada acabou por influenciar uma série de casas de fazenda que reestruturaram o partido surgido nas últimas décadas do século XIX, no período anterior à chegada do ecletismo. Surgia, assim, aquela conformação que até hoje é comumente associada à “casa rural”. A partir da década de 1920, esse tipo de casa foi um dos preferidos pelos fazendeiros, e segue muito apreciado até os dias de hoje. Do período que nos interessa, até a década de 1940, encontramos, com poucas variações entre si, os casarões das fazendas: Manzano e Figueira, ambas em Penápolis; Bom Jardim, em Vera Cruz; Santa Ana, em Estrela d’Oeste; Santa Luciana, em Jaci. Com exceção da casa da Santa Luciana, que apresenta planta em “L”, as demais possuem planta praticamente retangular. No interior, tanto o programa, quanto o acabamento, seguem os padrões gerais, já comentados, das residências do período pós Primeira Grande Guerra.



Figura 503 (acima, topo) - Aspecto parcial da cozinha, com a porta voltada para o pátio posterior. O revestimento da parede não é original. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.

Figura 504 (acima) - Outro aspecto parcial da cozinha. Casarão da fazenda Salto, de São Manuel. Foto: V. Benincasa.



Figura 505 (acima) - Casarão da fazenda Manzano, de Penápolis. Fonte: *Almanaque da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928, p. 455.

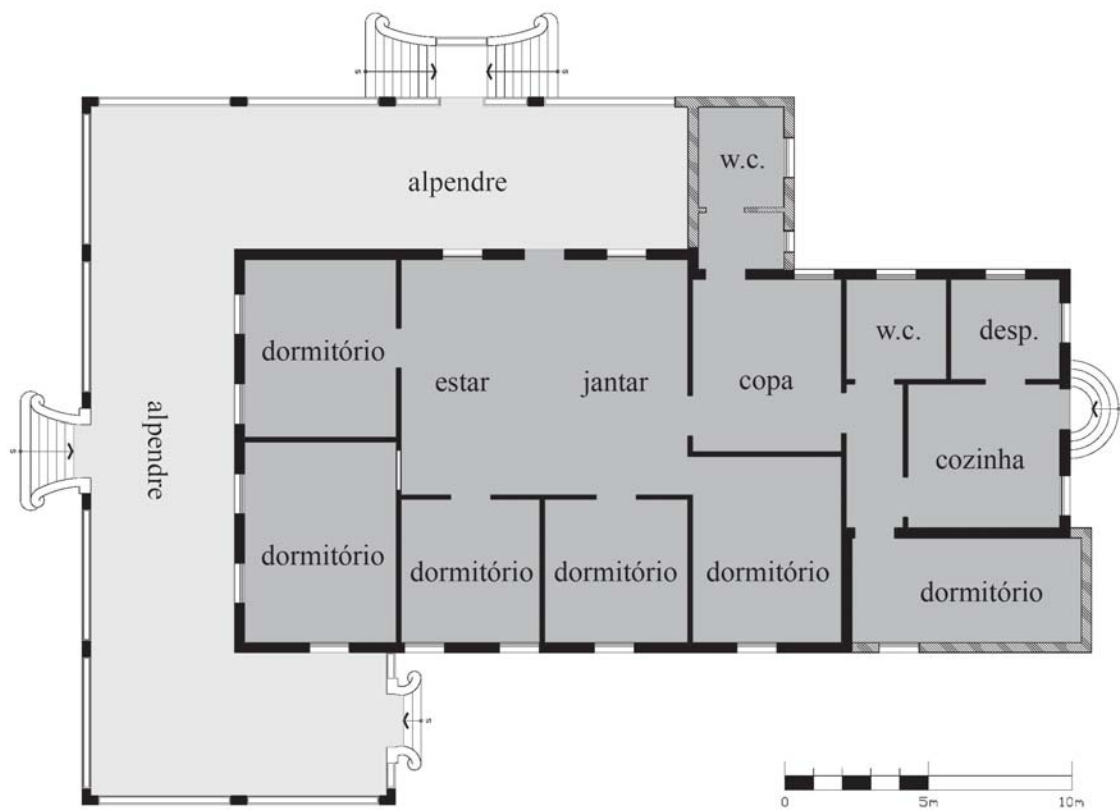


Figura 506 (topo) - Planta do casarão, da década de 1930. Fazenda Figueira, Penápolis. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 507 (acima) - Casarão da fazenda Figueira, Penápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 508 (à direita, topo) - Aspecto parcial do alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Figueira, Penápolis. Foto: V. Benincasa.

Figura 509 (à direita) - Vista interna do alpendre, na lateral do casarão, vendo-se a porta principal com bandeira em arco pleno. Fazenda Figueira, Penápolis. Foto: V. Benincasa.



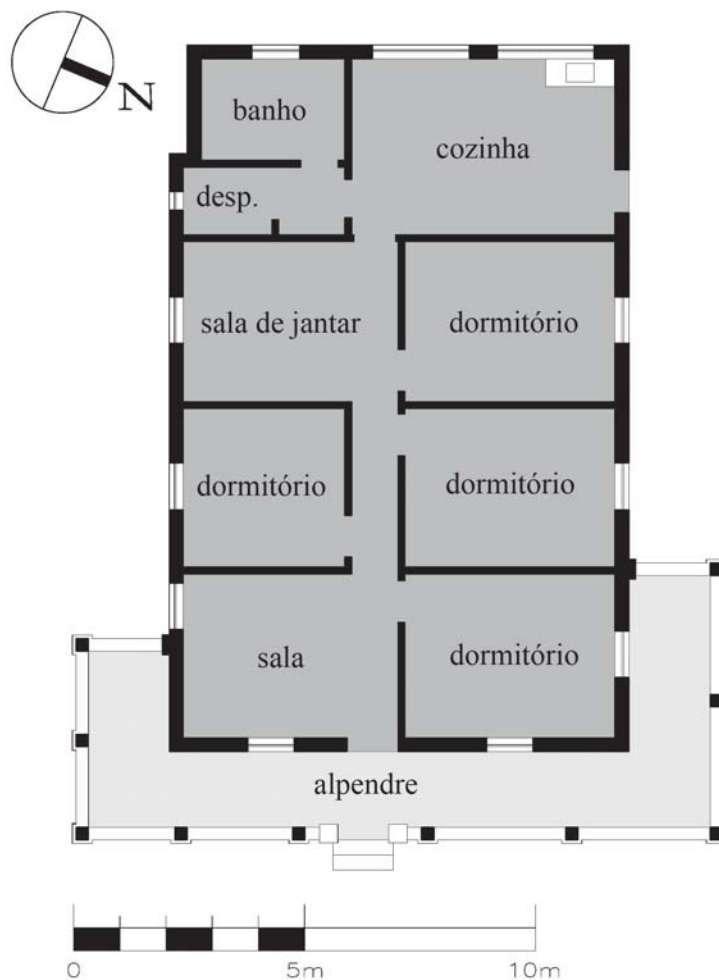


Figura 510 (acima, topo) - Planta do casarão da década de 1930. Fazenda Bom Jardim, Vera Cruz. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 511 (acima) - Casarão da fazenda Bom Jardim, Vera Cruz. Foto: V. Benincasa.

Figura 512 (à direita) - Alpendre fronteiro. Casarão da fazenda Bom Jardim, Vera Cruz. Foto: V. Benincasa.





Figura 513 - Detalhe de textura da parede da sala de estar. Casarão da fazenda Bom Jardim, Vera Cruz. Foto: V. Benincasa.

Figura 514 - Vista parcial da cozinha. À esquerda, a porta da copa; à direita a passagem que dá acesso à despensa e ao banheiro. Casarão da fazenda Bom Jardim, Vera Cruz. Foto: V. Benincasa.

Figura 515 - Casarão da fazenda Santa Ana, Estrela d'Oeste. Foto: V. Benincasa.



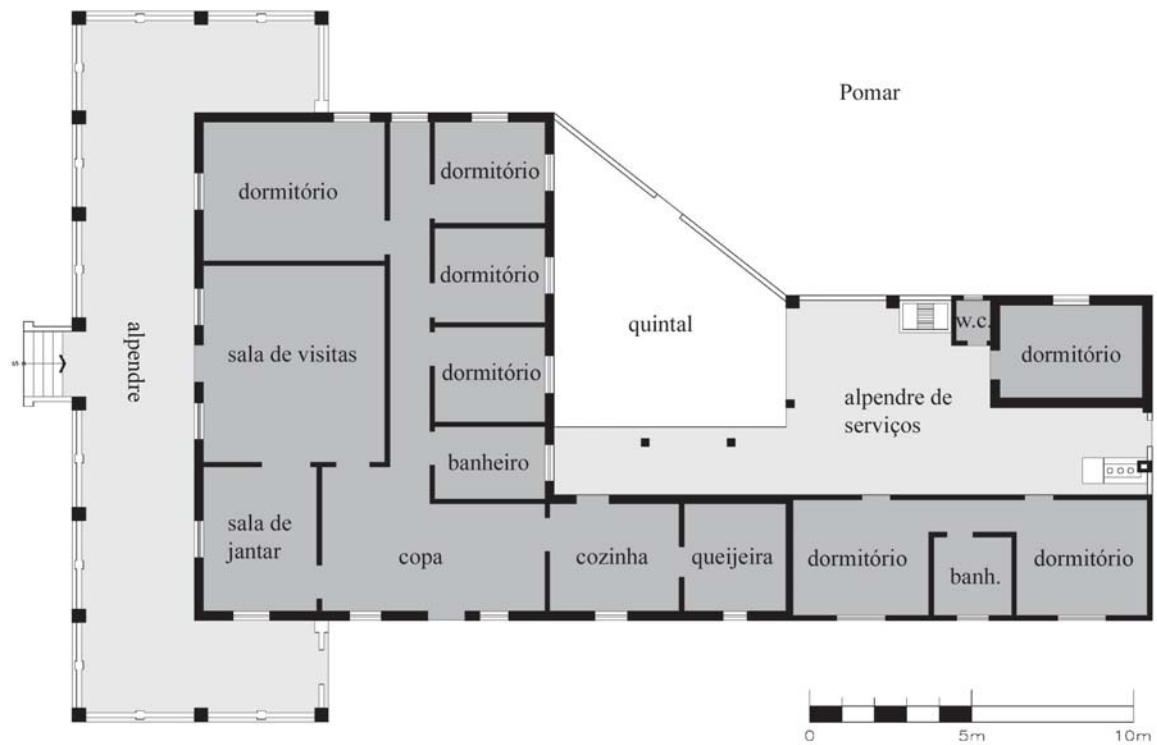


Figura 516 (topo) - Planta de casarão da década de 1940. Fazenda Santa Luciana, Jaci. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 517 (acima) - Casarão da fazenda Santa Luciana, Jaci. Foto: V. Benincasa.

Figura 518 (à direita) - Alpendre fronteiro do casarão da fazenda Santa Luciana, Jaci. Um dos poucos exemplares encontrados a ostentar paredes com tijolos aparentes. Foto: V. Benincasa.



Figura 519 (à esquerda, topo) - Sala de visitas, ou de estar, do casarão da fazenda Santa Luciana, Jaci. Notar que, já aparece o piso frio em uma área considerada nobre. Nesse casarão, o assoalho só foi colocado nos dormitórios. Em todos os outros cômodos o piso foi revestido de ladrilhos hidráulicos decorados: sem dúvida, um aspecto inovador para a época. Foto: V. Benincasa.

Figura 520 (à esquerda) - Detalhe de divisão de cômodos: em primeiro plano, a copa; a seguir, a cozinha. Casarão da fazenda Santa Luciana, Jaci. Foto: V. Benincasa.

Figura 521 (acima) - Cozinha: detalhe do fogão econômico. Casarão da fazenda Santa Luciana, Jaci. Foto: V. Benincasa.

A adoção das novas soluções no programa habitacional da casa rural paulista foi de uma rapidez e amplitude extraordinária, fossem nas grandes, como nas pequenas propriedades. O que, obviamente, está relacionado com as novas formas de comunicação e divulgação de notícias surgidas na primeira metade do século XX. A facilidade de locomoção e comunicação entre as cidades e as fazendas fazia circular rapidamente as notícias através de revistas e jornais; o rádio e o telefone traziam notícias frescas de todos os lugares, chegando a todos os recantos paulistas e ajudando a mudar o velho padrão geral de moradia, fosse no ambiente urbano, fosse no rural. É dessa forma que vemos esse novo tipo de casa rural por todas as partes das frentes pioneiras, às vezes, rústicas e simples, como a da fazenda do Akira, em Cafelândia, já demolida; outras vezes mais sofisticadas, como as das fazendas Santo Inácio, em São Manuel, ou Ventura, também em Cafelândia.



Figura 522 - Casarão da fazenda do Akira, em Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 523 - Planta do casarão da fazenda do Akira, Cafelândia. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

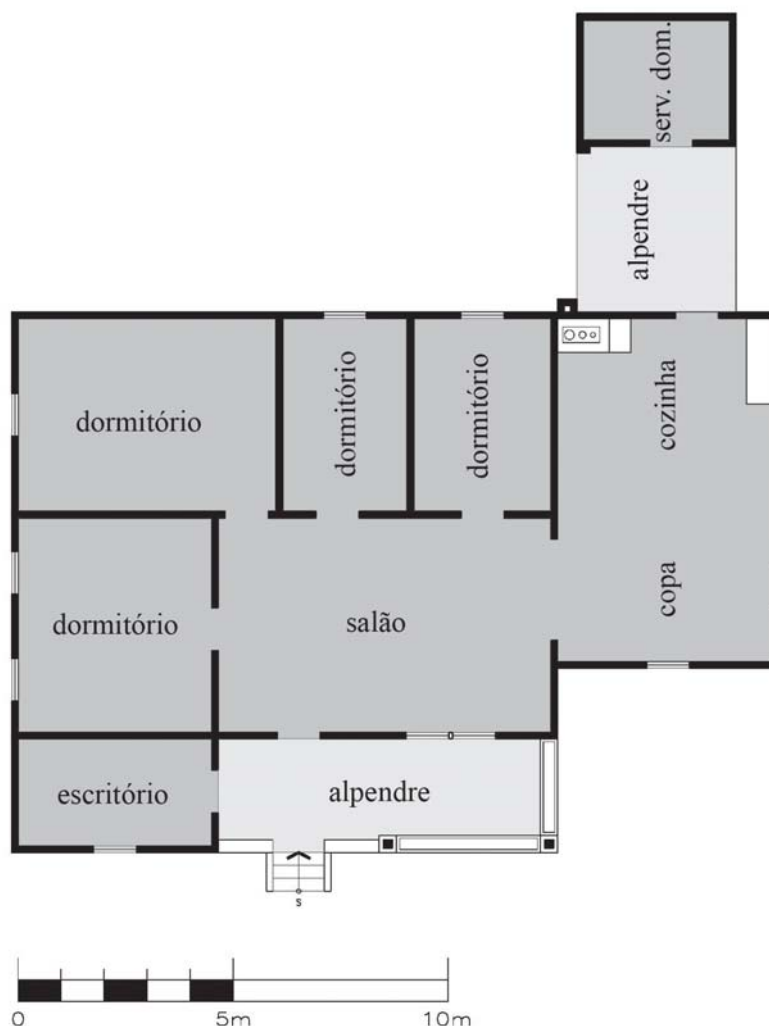




Figura 524 (acima, topo) - Casarão da fazenda Santo Inácio, em São Manuel, construída em 1935. A casa segue o mesmo padrão das demais edificações do conjunto da fazenda: alvenaria de tijolos aparentes, uso de concreto armado na estrutura. Foto: V. Benincasa.

Figura 525 (acima) - Fundos do casarão da fazenda Santo Inácio, em São Manuel. Aqui se pode ver a estrutura feita para suportar o forno à lenha, cuja boca se volta para o interior da cozinha. Foto: V. Benincasa.

Daí talvez a assimilação do estilo “espanhol”, nome que foi dado à tendência arquitetônica da casa da fazenda Ventura, pelo autor do projeto, o avô do atual proprietário. Este senhor veio de Araraquara para as novas fronteiras da cafeicultura da Noroeste, na década de 1920, ali formou a fazenda e, anos mais tarde, construiu o atual casarão, já nos anos de 1930. Mesma época em que se divulgavam as manifestações nacionalistas, baseadas principalmente nas arquiteturas portuguesa, colonial brasileira e nas várias tendências tradicionais da América hispânica. Teria vindo daí tal filiação ao estilo “espanhol”?

Na casa se observam alguns poucos elementos da arquitetura dita neocolonial como o uso das telhas capa e canal, a movimentação do telhado, talvez o desenho das colunas e do alpendre... Porém essas são soluções que se popularizaram nas décadas de 1920 e 1930, e, sozinhas, não definem estilo algum. O nome “estilo espanhol” talvez lhe tenha chegado através de algum artigo, veiculado em revistas ou jornais, ou talvez, ainda, o termo tenha começado a se tornar popular e a designar algumas inovações na arquitetura residencial, enfim, o fato é que para aquele senhor, esse era o estilo espanhol. Nem por isso, o resultado obtido é ruim, muito pelo contrário, a plasticidade é bastante satisfatória, principalmente na fachada simétrica, com dois cômodos das laterais avançando, se destacando do corpo da edificação: isso poderia resultar numa solução já bastante conhecida desde o neoclassicismo, se a opção pela cobertura desses corpos fosse a empena cega, no entanto, foi usada uma tacanica e, para quebrar a grande altura dos panos de parede, foi acrescentado o alpendre fronteiro - que percorre toda a fachada e uma pequena parte das laterais - com telhado independente. Uma água de telhado intermediária entre os telhados da edificação e do alpendre foi sobreposta ao espaço resultante entre os dois corpos avançados da fachada, criando uma movimentação bastante incomum, com resultado bastante agradável e útil: entre o canto do escritório até o canto do dormitório fronteiro foram construídas duas vigas de concreto, a superior para apoiar o telhado intermediário e, a inferior para apoiar o do alpendre. Entre elas, existem três aberturas destinadas a aumentar a iluminação interna tanto do alpendre, como da sala de visitas.

Outra boa solução foi a do alpendre entalado na lateral da edificação, que avança para o interior da planta, dotando de iluminação natural a despensa, ao mesmo tempo, sombreia as paredes da sala de jantar, tornando esse ambiente mais agradável.

Foram soluções bastante criativas, de autores, muitas vezes, anônimos, que se espalharam pelos sertões, de fazenda em fazenda, pelas frentes pioneiras, através das ferrovias, e, a partir principalmente da década de 1920, cada vez mais pelas estradas de rodagem.

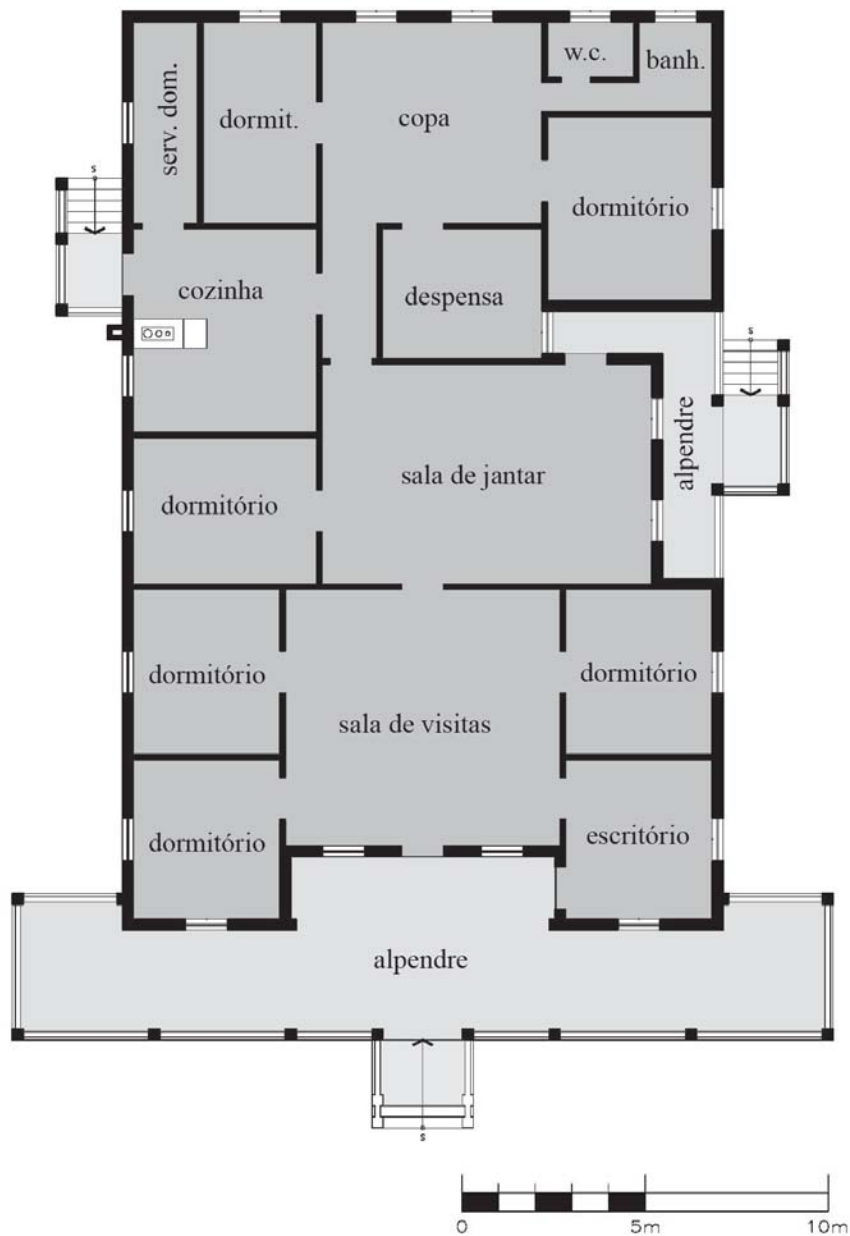


Figura 526 (à esquerda) - Planta de casarão da fazenda Ventura, anteriormente chamada de São João do Bacurity, Cafelândia. Lev.: V. Benincasa. Desenho: M. Rosada.

Figura 527 (à esquerda, embaixo) - Aspecto parcial do casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 528 (abaixo) - Aspecto parcial da fachada do casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.





Figura 529 (à esquerda, topo) - Alpendre fronteiro do casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 530 (à esquerda, centro) - Vista das aberturas para aumentar o nível de iluminação do alpendre e da sala de estar. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 531 (à esquerda) - Aspecto lateral: escada de acesso à cozinha. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 532 (acima, topo) - Lateral voltada para o jardim, vendo-se o alpendre entalado no corpo da edificação. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 533 (acima) - Alpendre lateral: à direita, as janelas da sala de jantar. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 534 (à esquerda, topo) - Janelas dos fundos do casarão. Fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 535 (à esquerda, centro) - Aspecto parcial do jardim lateral. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 536 (à esquerda) - Detalhe de forro da sala de visitas, onde aparece o sistema de ventilação através das pequenas aberturas. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 537 (acima) - Sala de visitas do casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 538 (à esquerda, topo) - Sala de jantar. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 539 (à esquerda) - Detalhe do piso da copa. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 540 (acima, topo) - Cozinha: detalhe da pia de mármore, segura por mãos francesas metálicas. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.

Figura 541(acima) - Cozinha: detalhe do forro treliçado. Casarão da fazenda Ventura, Cafelândia. Foto: V. Benincasa.



Figura 542 - Festa de inauguração da rodovia entre Penápolis e Barra do Lajeado, realizada em 11 de maio de 1941, junto ao casarão da fazenda Babilônia. Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Fernão Dias Paes, Penápolis.

...

Finalizamos esse longo percurso pelo interior paulista e pelas fazendas de seu impressionante ciclo cafeeiro com uma imagem da fazenda Babilônia, de Penápolis, do dia 11 de maio de 1941. Acreditamos que essa imagem simboliza bem aqueles anos de euforia nas zonas pioneiras e o que viria logo a seguir: mostra a festa de inauguração de um trecho de rodovia, no casarão daquela fazenda, situado à beira da ligação entre Penápolis e Barra do Lajeado. Em primeiro plano aparece a estrada de terra recém-aberta, depois uma niveladora puxada por trator, as pessoas, o casarão; a presença dos automóveis e de um caminhão é bastante significativa: o trem já não era novidade, e sua importância começava a ser desbancada pelos veículos automotores. Muito em breve, mal acabada a sua implantação, as ferrovias paulistas começariam a sofrer o processo de sucateamento que quase as fez desaparecer integralmente. Juntamente com elas, a cafeicultura paulista também iniciaria seu processo de derrocada e substituição por novas lavouras. Já haviam cumprido o seu papel de transformar São Paulo numa grande babel, de muitas línguas e muitos povos, mas que, ao contrário daquela outra, soube, bem ou mal, estabelecer uma comunicação entre seus habitantes, fazendo dessas diferenças um importante instrumento de transformação, com todas as decorrências, boas e/ou más, que disso adviria.

*(...). Espantoso poder de assimilação de São Paulo e do seu movimento pioneiro, que levava a dizer um dos espíritos mais finos do Brasil, o saudoso Paulo Prado: "Meu país é antropófago".*⁶⁹

⁶⁹ MONBEIG, P. *Op. cit.*, 1977, pp. 379-80.

6

Considerações Finais

Após percorrermos as regiões do Estado de São Paulo por onde passou a cafeicultura, e termos visitado pouco mais de trezentas fazendas, estamos mais seguros para tecer algumas considerações sobre a arquitetura rural aí surgida no período situado entre o início do século XIX e a década de 1940. Acreditamos que essa amostragem reflete de maneira bastante satisfatória as características gerais desse tipo de núcleo rural surgida sob a égide do café.

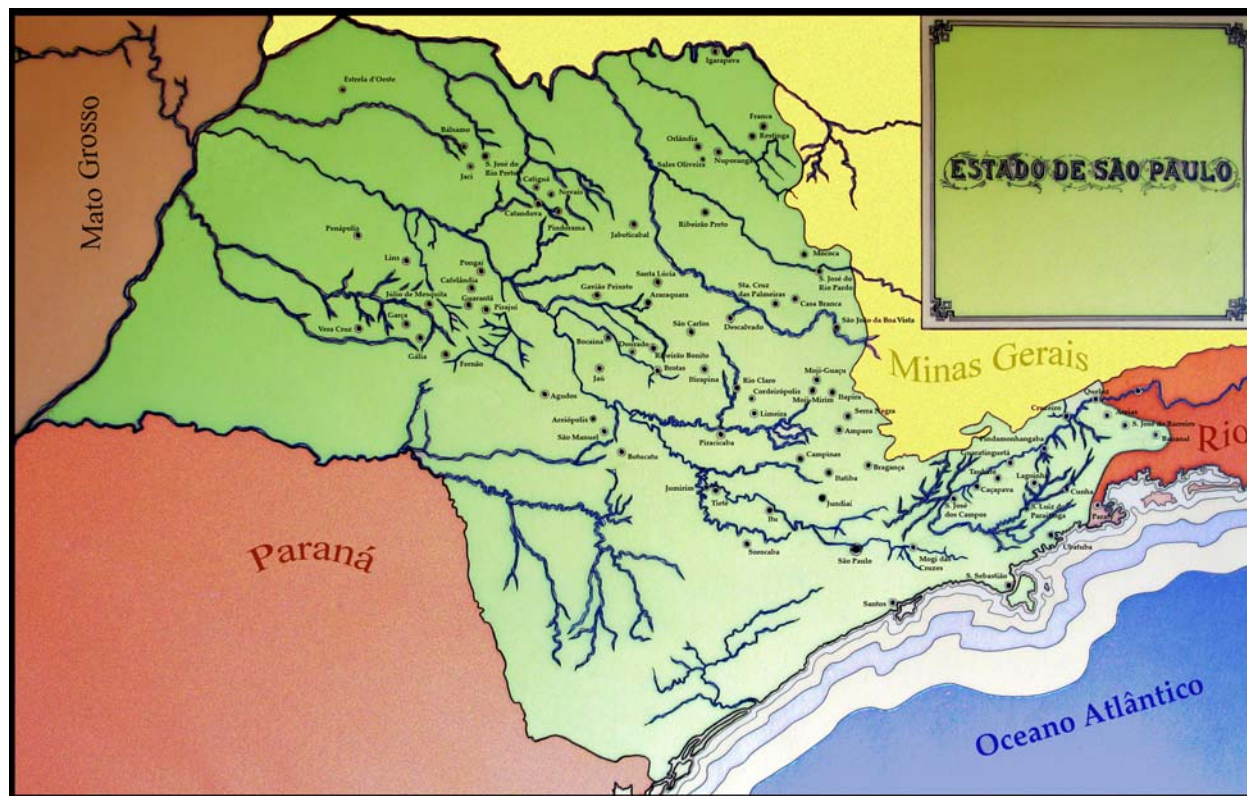
A cafeicultura paulista tem início num período de grandes transformações sociais e econômicas mundiais, marcada fortemente pela Revolução Industrial e, conseqüentemente, por uma ampliação das relações comerciais entre os países. A unidade produtora de café foi, assim, parte integrante de um sistema muito mais amplo e agressivo: somente oferecendo um produto com demanda expressiva nesse sistema, em quantidade e qualidade suficientes, a lavoura paulista teria condições de se sustentar economicamente e garantir a sua inserção e permanência no mercado mundial.

Dessa forma, entendemos que desde o início do período cafeeiro, houve uma visão empresarial sobre a unidade rural cafeeira voltada, antes de tudo, ao comércio exterior. A expectativa despertada na comunidade internacional pelas possibilidades da lavoura de café brasileira foi tamanha e, em pouco tempo, um grande volume de capitais

internacionais aportaram nas regiões produtoras. A importância do café também podia ser medida pelo interesse de estudiosos, que desde o século XVIII se debruçaram sobre a "fazenda de café", abarcando temas os mais variados possíveis. Tudo nela foi estudado, teorizado, praticado, visando melhoria no plantio e no trato do cafezal, na arquitetura das instalações, nas técnicas de beneficiamento e armazenamento. Desde sempre, a fazenda cafeeira esteve inserida numa lógica referente ao mercado internacional, sofrendo e se aproveitando das oscilações de mercado. Qualquer novidade de âmbito socioeconômico nela repercutia, fossem boas ou más.

As fazendas cafeeiras foram, assim, o ponto de ligação entre o mundo e os sertões paulistas, delas dependendo por várias décadas a economia brasileira. Por estarem inseridas nesse contexto socioeconômico global, elas refletiam isso em seus maquinários e em suas edificações, que seguiam as últimas tendências da arquitetura e da tecnologia mundial, sendo respeitadas, logicamente, as limitações locais. Talvez daí a falta de uma expressão ou linguagem formal mais típica em suas edificações, que seguem as tendências mais atuais do momento em que foram construídas. A princípio, julgávamos que encontraríamos expressões arquitetônicas ou de implantação regionais... Engano! A lógica da fazenda cafeeira vinha de um âmbito de caráter mais geral, que estava

Figura 1 - Mapa de São Paulo, com os municípios visitados. Desenho: V. Benincasa.



relacionada ao plantio do cafeeiro, ao modo de beneficiamento escolhido, ao sistema de trabalho e a um forte jogo de poder, fatores que extrapolavam os seus limites.

A configuração espacial – dada pela distribuição das suas edificações – já estava praticamente definida desde antes mesmo do surgimento da primeira fazenda cafeeira em São Paulo. O modelo adveio das fazendas de café do Caribe, onde já se difundira a cafeicultura; ao chegar ao Brasil, ele foi adaptado às tradições agrárias e arquitetônicas locais e condições de relevo e clima. O sistema de trabalho servil era o mesmo, assim como o forte objetivo de inserção no sistema de comércio internacional.

É bem verdade que vários fatores contribuíram para a entrada definitiva do Brasil e, particularmente, de São Paulo, no negócio do café em nível mundial, como os vários reveses sofridos pelos seus concorrentes. Houve também a vantagem de contar com zonas de clima e solo extremamente favoráveis a essa lavoura. Mais que isso, houve também a vontade política da Corte Portuguesa, a princípio, e depois do Governo Imperial, e, sobretudo, dos fazendeiros e capitalistas brasileiros em investir na nova cultura e na infra-estrutura necessária para o transporte interno e escoamento do produto em direção aos mercados consumidores.

Essa estreita ligação entre fazenda/fazendeiro e mercado consumidor, a nosso ver, é o que explica essa atenção especial para com as novidades ocorridas nos países ditos mais civilizados, aqueles que eram, e continuam sendo até hoje, sinônimos de desenvolvimento social e tecnológico.

A condição de país periférico, assumida pela elite brasileira desde então, também ajuda a entender a manutenção do trabalho servil e o pouco esforço feito por ela em efetuar prontamente a transição para o trabalho livre e assalariado: não havia interesse em formar um mercado consumidor local, uma vez que havia um amplo e ávido mercado externo para o café.

Dessa forma, essas características já estão evidenciadas nas primeiras fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba paulista. Ali, em que pese o modo de vida tradicional, elas já estão engajadas no modelo de produção destinado ao mercado externo, desde o princípio do século XIX, baseadas principalmente nas lições de tantos fazendeiros e teóricos. Quanto ao aspecto formal, suas edificações ainda refletem padrões locais e tradicionais, vinculados à arquitetura de século anteriores, desenvolvida em Minas Gerais e São Paulo, mas, adaptada ao clima e condizente com que havia de disponível no que tange ao material construtivo e à mão-de-obra. Não poderia ser diferente, uma vez que mudanças mais profundas demandam tempo, recursos financeiros, além da existência de novos materiais e conhecimento sobre sua aplicação – tudo o que, no início do século XIX, ainda era escasso. Mesmo assim, a adaptação necessária para

transformar uma fazenda de gado ou de cana-de-açúcar em uma fazenda de café, foi bem assimilada, podendo ser observada na implantação das edificações daquelas fazendas, e na constante procura por melhores métodos de beneficiamento.

Discordamos da visão da historiografia que mostra o Vale do Paraíba simplesmente como uma região de visão retrógrada, aferrada a métodos arcaicos, principalmente se comparada às novas zonas cafeeiras paulistas. Como dissemos no capítulo 02, acreditamos que essa postura se deveu, antes de tudo, ao fato de que um grande investimento em novos equipamentos de beneficiamento do café e em mão-de-obra imigrante só seria viável se também se procedesse a recuperação dos solos, esgotados por anos e anos de plantio dos cafezais em fileiras de morro acima. Ora, mais sensato era investir em terras nas novas zonas, abrir outras fazendas que pudessem sofrer menor impacto no processo de transposição do trabalho servil ao livre, como de fato aconteceu...

O esgotamento do solo, principalmente pelo tipo de plantio escolhido, que facilitava o processo de erosão e retirada do húmus, deixou uma grande lição para as novas zonas cafeeiras. Aliás, desde então, o cuidado com a manutenção da fertilidade do solo foi sempre uma questão primordial para os fazendeiros, que utilizaram várias técnicas de reposição de nutrientes retirados pelas plantações, como retornar a palha seca do café às lavouras, ou espalhar o esterco do gado, etc.

Igualmente, o processo de aprimoramento das técnicas de beneficiamento foi constante: surgida uma inovação, em determinada região, em poucos anos já se poderia observar o novo equipamento em fazendas de toda a zona cafeeira. Nesse aspecto, falar em fazendas menos ou mais progressistas, ou mais bem equipadas, é algo muito delicado, pois, enquanto a renovação de métodos e maquinários foi interessante financeiramente para o fazendeiro, ela ocorreu. Assim, se a bateria de pilões surgiu na região de Campinas, em pouco tempo começou a ser utilizada no Vale do Paraíba, da mesma forma que, encontramos antigas casas de máquinas na zona Central, ainda de taipa de pilão, abrigando maquinário do século XX, e assim, por diante. Novamente salientamos que, em nosso entender, a questão da queda na produtividade das terras, ou o alto custo para recuperá-las, é justificativa muito mais plausível para o fato de algumas fazendas terem sido relegadas a uma “paralisação” no tempo, do que a uma visão retrógrada “coletiva” de fazendeiros de uma determinada região. Ora, fazendas abertas em diferentes épocas, forçosamente, tiveram equipamentos diferentes: um fazendeiro de Bananal, abrindo sua fazenda em 1840, tinha menos opções do que um fazendeiro de Campinas, em 1860. Assim como um fazendeiro de Ribeirão Preto, que abriu a sua fazenda em 1890, fazia escolhas bem diferentes, anos depois, ao abrir uma nova propriedade em Gália, na década de 1920. E assim por diante...

Estando, forçosamente, sempre atentos ao noticiário internacional, os fazendeiros fizeram de sua(s) fazenda(s) um espelho de seu tempo, sabendo conjugar as tradições locais com as inovações que surgiram com o passar do tempo, incorporando as influências de outras terras e povos que lhes eram convenientes.

Assim, se o aspecto e a planta do casarão ficaram quase imutáveis por quase um século, foi porque esta lhe atendia às necessidades e de sua família, e era a habitação rural possível de ser feita com a mão-de-obra e materiais construtivos disponíveis. No entanto, mesmo assim, essas moradias foram incorporando, à medida do possível, todos os equipamentos de conforto que surgiram e que chegaram até as fazendas: praticamente impossível, hoje em dia, encontrar uma única habitação sem banheiro, seja ela da primeira metade do século XIX, ou das primeiras décadas do século XX.

Na medida em que surgiu um novo tipo de trabalhador da construção civil, que chegou entre os imigrantes europeus, mais afeitos a uma arquitetura melhor elaborada e ornamentada, e que foi facilitada a importação de materiais construtivos mais sofisticados, através da navegação a vapor e da ferrovia, prontamente o fazendeiro acolheu essas novidades e seu burgo foi renovado, ostentando aparência e conforto então inexistentes nos sertões. Não foram poucas as fazendas que substituíram antigas instalações por prédios mais condizentes com os gostos com os gostos mais atualizados da época: daí, só para citar alguns exemplos, a renovação porque passou o casarão da fazenda Resgate, em Bananal, por volta de 1850; ou o da fazenda Andes, em Araraquara, no início do século XX... Da mesma forma, nas frentes pioneiras do século XX, quando a permanência do proprietário na fazenda já não era tão necessária, o casarão diminuiu de tamanho, e sua arquitetura, bem como a das demais edificações, foi simplificada, acompanhando as tendências arquitetônicas então vigentes. Reformava-se, demolia-se e reconstruía-se, de acordo com as conveniências e posses do fazendeiro: a fazenda sempre foi uma espécie de cartão de visitas, de propaganda do café ali produzido. Por vezes, o peso maior recaía sobre as edificações, em outras, nas plantações e, sempre, no café seco e beneficiado com a melhor aparência possível. Nessas frentes pioneiras, chegou mesmo a escapular do âmbito da fazenda, sendo desviada para o ambiente urbano, fosse a casa do fazendeiro, ou a cooperativa à qual pertencia...

Além dos casarões e equipamentos de beneficiamento e armazenagem, a fazenda cafeeira paulista sempre possuiu uma série de edificações para produção de alimentos e prestação de serviços aos seus moradores. Os ensinamentos dos manuais agrícolas dos séculos XVIII e XIX foram seguidos durante, praticamente, todo o ciclo cafeeiro. Mesmo nas últimas fronteiras cafeeiras do século XX, ao contrário da historiografia, que por vezes preconiza a existência de fazendas com poucos colonos e poucos equipamentos, encontramos inúmeras propriedades ostentando aquela

mesma disposição de moinhos, engenhos, queijarias, estábulos, currais, oficinas... Além de capelas, escolas, escritórios, algumas com cinema, campos de futebol, clubes... Mesmo em pequenas fazendas, observamos a existência de colônias, pomares, galinheiros, pocilgas, pequenos currais, garagens. A máxima do Barão do Pati de Alferes, de que um fazendeiro previdente deveria produzir quase tudo o que consumisse, buscando o mínimo de produtos fora de sua propriedade, aparentemente nunca foi esquecida.

O que houve, e que constatamos no levantamento, foi a união de fazendeiros para beneficiar, armazenar e comercializar conjuntamente o café, em grandes cooperativas urbanas, o que resultou em fazendas que não possuíam casas de máquinas, nem grandes tulhas.

Um dos elementos da fazenda que pouca alteração sofreu, desde o seu surgimento, foram as colônias de imigrantes. A aparência dessas pequenas casas pouco mudou ao longo do tempo e das regiões por onde passou a cafeicultura: casas pequenas, com poucos cômodos, sem forro, sem banheiro, de precária privacidade interna. Os banheiros, por exemplo, só começaram a ser construídos, muitas vezes na parte externa da edificação, a partir de 1955, quando uma lei estadual obrigou que essas habitações rurais passassem a contar com uma latrina, devido aos altos índices de doenças causadas pela falta de instalações sanitárias. Ou seja, praticamente quando o ciclo do café decaía em solo paulista e às vésperas do início do grande êxodo rural, uma lei sanitária era aplicada para a melhoria das condições de habitabilidade dos colonos. No entanto, talvez pelo decréscimo no número de habitantes do campo, e pela falta de inspeção, em muitas fazendas, as colônias ainda continuaram a não possuir banheiros por muito tempo.

Nesse campo fértil de estudos que é a fazenda de café, queremos destacar algumas questões que nos parecem merecer maior aprofundamento. Uma delas é o estudo das fazendas do Vale do Paraíba: nos estudos a que tivemos acesso, as mesmas informações são reproduzidas *ad infinitum*, tidas como verdadeiras, oficializadas, por assim dizer. No entanto, são informações ainda em número muito reduzido. Mesmo os levantamentos das fazendas, são praticamente sempre os mesmos nos vários estudos. No início da nossa pesquisa, achávamos que essa era uma das mais estudadas regiões. De mais farto material já analisado e publicado. Erramos, e perdemos a oportunidade de aprofundar os estudos sobre uma das mais ricas regiões em documentação primária. Para uma maior compreensão dessa importante região, novos estudos que façam levantamentos métricos e fotográficos de exemplares inéditos seriam muito bem-vindos. E, claro, análises da farta documentação existente nos ótimos arquivos regionais. Talvez mesmo, deixando de lado, a princípio, boa parte da bibliografia existente, para que os resultados não se contaminem com a visão hoje sacramentada.

Regiões, também, ainda fartas de exemplares, e pobres de estudos, são a Paulista, a Sorocabana e a Mojiana: todas apresentam uma fantástica variedade arquitetônica em suas fazendas. Somente o estudo dos casarões dessas regiões proporcionaria material para muitas pesquisas. Casarões construídos entre 1830 até o século XX que, desconhecidos e sem nenhum tipo de proteção legal, vão desaparecendo rapidamente. Dentre esses, um tema nos pareceu bastante interessante, a questão da vinda de migrantes, nas últimas décadas do século XIX, das regiões do norte de Minas Gerais e do sul da Bahia e se estabeleceram em Rio Claro, São Carlos, Pitangueiras e daí foram se espalhando, difundindo uma arquitetura residencial rural bastante diferente da que se praticava em São Paulo, com amplos e longos alpendres, que se incorporaram definitivamente à arquitetura tradicional paulista. A procura por documentação dessas famílias, a possível análise de suas residências nas regiões de origem seriam de grande contribuição ao entendimento da arquitetura vernacular paulista.

A questão da migração mineira, as reais motivações dessa movimentação constante em direção a São Paulo, levando sempre o mesmo tipo de arquitetura em diversas épocas para as várias regiões por onde passou a cafeicultura é realmente um tema a ser mais explorado, talvez em mais de uma pesquisa.

Há também questões relativas às fazendas do século XX, da Alta Sorocabana, Alta Paulista, Alta Araraquarense e Noroeste: muitos outros levantamentos métricos e fotográficos em exemplares, a grande maioria deles inéditos, deveriam ser feitos, entrevistas com pessoas que viveram o período cafeeiro nessas regiões, buscas em fontes primárias, para, assim como no Vale do Paraíba, desvendar ou confirmar alguns fatos. Essas são as regiões menos exploradas pelas pesquisas, o que logicamente tem a ver

com o pouco tempo de desbravamento, pouco tempo de "história": alguns municípios ainda não chegam a um século de existência. No entanto, se História é tudo o que diz respeito ao Homem, essas regiões possuem muitos dos momentos mais emocionantes da História paulista e mereceriam maior atenção, e menos preconceito, por parte dos historiadores, sejam eles historiadores de fato, historiadores locais (memorialistas), historiadores-sociólogos, ou historiadores-arquitetos...

A arquitetura do beneficiamento do café, igualmente, merece um estudo aprofundado e voltado apenas para ela: compreender exatamente o funcionamento de um complexo terreno, sem alguém que entenda na prática, muito bem, do assunto, é quase impossível.

Também encontramos muitos pontos obscuros na história do cotidiano das fazendas, dos seus hábitos, seus costumes, suas tradições... Carecemos de muitos pesquisadores do peso de Antônio Cândido, de Marina Maluf, de Orôncio Vaz de Arruda Filho... Precisamos das andanças de mais parceiros dos muitos rios paulistas, que desvendem os ruídos das nossas memórias...

Essas sugestões, evidentemente, denotam os pontos falhos em nosso trabalho. Todavia, nossa intenção não foi nunca abarcar todos esses itens, desvendar a totalidade dessa complexa temática... Se conseguirmos contribuir para a divulgação da existência desse vasto e rico patrimônio, ampliando e reforçando os movimentos voltados para sua preservação; para incentivar o interesse de mais pessoas a enveredarem pelos fascinantes caminhos da história da cafeicultura brasileira, desenvolvendo novos estudos; certamente o nosso esforço terá valido a pena e já nos daremos por muito bem recompensados.

Referências

ARQUITETURA, URBANISMO E ARTES

- ALVES, José Xaides de Sampaio. *O Sertão da Mantiqueira/Liberdade: Transformações e Permanências*. São Paulo: FAU-USP, 1992.
- AMARAL, Aracy A. *A Hispanidade em São Paulo*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1981.
- AMARAL, Aracy A. *Arquitetura Neocolonial. América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial/Fondo de Cultura Económica, 1994.
- ANDRADE FERREIRA, Marcos de. Casas de vivenda e de morada: estilo de construção e interior das residências da elite escravista sul-mineira - século XIX. *Anais do Museu Paulista* [em linha] 2004, (012): [fecha de consulta: 21 de febrero de 2008] Disponible en: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27301215>> ISSN 0101-4714
- BAHIA, Governo do Estado da. *IPAC-BA – Inventário de Proteção do Acervo Cultural. Vol. IV: Monumentos e Sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina*. Salvador: SPHAN/Secretaria da Indústria e Comércio do Estado da Bahia, 1980.
- BELLIA, Antônio Carlos; BRUNO, Ernani Silva. *Fazendas do Ciclo de Café: Região de Campinas (Cadernos de Fotografia 5)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Secretaria de Estado da Cultura, 1980.
- BENINCASA, Vladimir. *Velhas Fazendas. Arquitetura e Cotidiano nos Campos de Araraquara 1830-1930*. São Carlos: EDUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- BORGES, Maria Elizia. *A Pintura na “Capital do Café”: sua história e evolução no período da Primeira República*. Franca: UNESP/Franca, 1999.
- BRUNO, Ernani Silva. *O equipamento da casa bandeirista*. São Paulo: Depto. Do Patrimônio Histórico-PMSP, 1977.
- CARDOSO, Joaquim. Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: FAU-USP/MEC-IPHAN, 1975.
- CARNEIRO, Orlando. *Construções Rurais*. São Paulo: Empresa Gráfica Carioca, 1961.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/Editora Unesp, 2001.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: EDART, 1972.
- CORREIA, Telma de Barros. *Pedra: Plano e Cotidiano Operário no Sertão*. Campinas: Papirus, 1998.
- COSTA, Cacilda Teixeira da. *O Sonho e a Técnica - A Arquitetura de Ferro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FABRIS, Anna. *Arquitetura Eclética no Brasil: o cenário da modernização*. In: *Anais do Museu Paulista. Nova série, nº 1*. São Paulo: USP, 1993.
- FABRIS, Anna (org.). *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.
- FARIA, Sheila Siqueira de Castro. *Fontes Textuais e Vida Material: Observações Preliminares sobre Casas de Moradia nos Campos dos Goitacases, séculos XVIII e XIX*. In: *Anais do Museu Paulista. Nova série, nº 1*. São Paulo: USP, 1993.
- FERNANDES, José Manuel. *A Arquitetura*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1991.
- FERRÃO, André M. de Argolo. *Café e Arquitetura*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira*. São Paulo: Quadrante, 1992.
- FERREZ, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico Willian John Burchell 1825/1829*. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- FIGUEIREDO, Augusto de. *Construções Rurais. Habitações, estúbulos, oficinas e arrecadações agrícolas*. Porto: Livraria Chardron, 1905.
- FILIPPINI, Elizabeth; PEREIRA, Eduardo C. *Cem Anos de Imigração Italiana em Jundiá*. Jundiá, Estúdio Ro, 1987.
- FONSECA, José da (tradução). *O Vinhola dos Proprietários ou As cinco ordens de architectura por J. Barrozio de Vinhola*. Paris: Theodóre Lefevre Editor, s/d.
- FRIOLI, Adolfo. *Sorocaba. Registros Históricos e Iconográficos*. São Paulo: Laserprint, 2003.
- GAMA, Rui. *Engenho e Tecnologia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

- GRECCO, Gilberto; LAPA, José Roberto do Amaral. *Fazendas de Café da Alta Mogiana (Cadernos de Fotografia 7)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Secretaria de Estado da Cultura, 1980.
- HOMEM, Maria Cecília N. *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KOCH, Wilfried. *Estilos de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo*. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP/Secretaria da Cultura, 1998.
- LEMOS, Carlos A. C. *A República Ensina a Morar (melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Nobel, 1989.
- LEMOS, Carlos A. C. *Casa Paulista*. São Paulo: Edusp, 1999.
- LEMOS, Carlos A. C. *Cozinhas, etc.* São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LEMOS, Carlos A. C. *Notas sobre a Arquitetura Tradicional de São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, 1992.
- LEMOS, Carlos A. C. *Ramos de Azevedo e seu Escritório*. São Paulo: PINI Editora, 1993.
- LEMOS, Carlos A. C. Transformações do Espaço Habitacional Ocorridas na Arquitetura Brasileira do Século XIX. In: *Anais do Museu Paulista. Nova série, nº 1*. São Paulo: USP, 1993.
- LIMA, Tânia; BRUNO, Maria C.; Fonseca, Marta P. R. Sintomas do Modo de Vida Burguês no Vale do Paraíba, Século XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. In: *Anais do Museu Paulista. Nova série, nº 1*. São Paulo: USP, 1993.
- MAGRI, Eloísa. *Arquitetura Rural Paulista do Ciclo do Café: estudo de caso*. São Paulo: FAU-USP (trabalho de graduação interdisciplinar), s/d.
- MAIA, Tom; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Vale do Paraíba, Velhas Fazendas*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/Edusp, 1975.
- MARINS, Paulo César Garcez. *Através da Rótula. Sociedade e Arquitetura Urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2001.
- MARTINS, Neide Marcondes. *Entre Ville e Fazendas. A Vila Rural Italiana e a Fazenda Paulista*. São Paulo: Ed. Arte Cultura, 1995.
- MARTINS, Neide Marcondes. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de Quem?* São Paulo: Edusp/Nobel, 1ª ed. 1991.
- MELLO, Eduardo Kneese de. *A Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: FAU-USP, s/d.
- MENDES, J. E. T. *Lavoura Cafeeira Paulista: Velhas Fazendas do Município de Campinas*. Campinas: Seção de Café do Instituto Agrônômico do Estado, s/d.
- MENEZES, Ivo Porto de. Arquitetura Rural em Minas Gerais - Século XVIII e inícios do XIX. In: *Barroco 12*, Belo Horizonte, 1983.
- MOUTINHO, Mário. *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *La Arquitectura Occidental*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando. *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.
- PINHEIRO, Thomas Bordallo (direção). *Elementos de Modelação de Ornatos e Figuras*. Lisboa/Paris: Ailaud, Alves e Cia, s/d.
- PINHEIRO, Thomas Bordallo (direção). *Manual do Formador e Estucador*. Lisboa/Paris: Ailaud, Alves e Cia, s/d.
- PINTO, Estevão. Muxarabis e Balcões. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAU-USP e MEC-IPHAN, 1975.
- PIRES, Fernando T. F. (et alli). *Antigos Engenhos de Açúcar no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994.
- PIRES, Fernando T. F. (et alli). *Fazendas. As Grandes Casas Rurais do Brasil*. N. York: Abbeville Publ; Group, 1995.
- PIRES, Fernando T. F. (et alli). *Fazendas. Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- PRESTES, Lucinda Ferreira. *A Vila Tropeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Aspectos Socioeconômicos e Arquitetura das Classes Dominantes (1750-1888)*. São Paulo: ProEditores, 1999.
- PUPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, Município no Império*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1983.

- RAINVILLE, César de. *O Vinhola Brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1880.
- REIS Fº, Nestor Goulart. *Arquitetura Residencial Brasileira no Século XIX*. São Paulo: Museu Paulista, 1965.
- REIS Fº, Nestor Goulart. *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil: 1500-1720*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1968.
- REIS Fº, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- RIBCZYNSKI, Witold. *Casa. Pequena História de uma Idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- RIBEIRO, Luís Corinto. Um jeito brasileiro de morar. In: *Fazendas Históricas em Itu: presença bandeirística*. Itu: Fazenda Capova; São Paulo: CENPEC, s/d.
- RODRIGUES, Adriano Aristides. *Capomastri e Artesãos*. São Paulo: FAU-USP (monografia).
- RODRIGUES, José Wash. A Casa de Moradia no Brasil Antigo. In: *Arquitetura Civil I*, São Paulo: FAU-USP e MEC-IPHAN, 1975.
- ROZESTRATEN, Artur Simões. *Estudo Sobre a Evolução do Maquinário de Benefício do Café no Estado de São Paulo no Século XIX e Início do Século XX*. São Paulo: CNPQ/FAU-USP (iniciação científica), 1994.
- SAIA, Luís. *A Fazenda Pau d'Alho*. São Paulo: Revista de História nº 102, 1975.
- SAIA, Luís. *Morada Paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SAIA, Luís. Notas Sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAU-USP/MEC-IPHAN, 1975.
- SAIA, Luís. O Alpendre nas Capelas Brasileiras. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 03, Rio de Janeiro: SPHAN, 1939.
- SAIA, Luís; TRINDADE, Jaelson Bitran. *São Luís do Paraitinga*. São Paulo: CONDEPHAAT, 1977.
- SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SANTILLI, Marcos; ANDRADE, Luís Antônio Dias de. *Fazendas de Café: Vale do Paraíba (Cadernos de Fotografia 4)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Secretaria de Estado da Cultura, 1980.
- SEGAWA, Hugo. *Ao Amor do Público: Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1996.
- SIMÕES, José Roberto Leme. Casa Sede da Fazenda São Joaquim. In: *Revista Sinopses 11*; São Paulo: FAU-USP, dezembro de 1988.
- SOUZA, Alberto. *Arquitetura Neoclássica Brasileira: um Reexame*. São Paulo: PINI Editora, 1994.
- SUMMERSON, John. *A Linguagem Clássica da Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- TELLES, Augusto C. da Silva. *O Vale do Paraíba e a Arquitetura do Café*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.
- TELLES, Augusto Carlos da Silva. Vassouras. Estudo da Construção Residencial Urbana. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n.16*. Rio de Janeiro: MEC/Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1968.
- TIRELLO, Regina A. O caso da destruição das pinturas murais da sede da Fazenda Rialto, Bananal. *Anais do Museu Paulista* [em linha] 2005, 13 (002): [fecha de consulta: 21 de febrero de 2008] Disponible en: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27313209>> ISSN 0101-4714
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil - Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1979.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- VAUTHIER, L. L. Casas de Residência no Brasil. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAU-USP e MEC-IPHAN, 1975.

ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS, SOCIOECONÔMICOS

AB'SABER, Aziz Nacib. A Geomorfologia do Estado de São Paulo. In: *Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante*. P. 1 a 97. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial 1500-1800*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

ABREU, Maria Morgado de. *Taubaté: de núcleo irradiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Paraíba*. Taubaté: M. M. de Abreu, s/d.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional - Vol. 2*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

- ANGELO, Ivan (et alli). *São Paulo 110 anos de industrialização*. São Paulo: Três Editorial, 1992.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado, et alli. *Na estrada do Anhangüera. Uma visão regional da história paulista*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- BACHA, Edmar L.; GREENHILL, Robert. *150 Anos de Café*. Rio de Janeiro: Marcellino Martins & E. Johnston Ltda, 1992.
- BANDECHI, Brasil. *Notas e Perfis*. São Paulo: Col. Museu Paulista - História, Vol. 9, Fundo de Pesquisa do Museu Paulista-USP, 1980.
- BARDI, Pietro Maria. *Lembrança do Trem de Ferro*. São Paulo: Banco Sudameris Ltda, 1983.
- BARROS, Maria Paes de. *No Tempo de Dantes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- BARROS, Fausto Ribeiro de. *Penápolis, História e Geografia*. Penápolis, 1992.
- BASSANEZI, Maria Sílvia C. B. *Colono, Camarada... Trabalhadores numa Propriedade Rural Paulista: Fazenda Santa Gertrudes, 1895-1930*. Rio Claro: Arq. do Município de Rio Claro, 1986.
- BEIGUELMAN, Paula. *A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro. Aspectos políticos*. São Paulo: Pioneira, 1977.
- BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. *Dicionário Histórico: Brasil Colônia e Império*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BRANDÃO, Gláucia Maria de Castilho Muçouçah. *O Passado, passado a limpo (antes que o tempo passe tudo a raso)*. Penápolis, 1989-90.
- BRIOSCHI, Lucila R. et alli. *Entrantes no Sertão do Rio Pardo. O povoamento da freguesia de Batatais – séculos XVIII e XIX*. São Paulo: CERU, 1991.
- BROLLO, Sebastião Geraldo. *Oriundi nas terras do Paraíso. A epopéia dos imigrantes italianos e descendentes em São Manuel*. São Manuel: S.G.Brollo, 2003.
- CALDEIRA, João Netto. *As Nossas Riquezas. Município de São Manoel*. São Paulo: Empresa Commercial e de Propaganda Brazil, 1928.
- CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CALÓGERAS, Pandiá. Transportes Arcaicos. In: *O café no segundo centenário de sua introdução no Brasil*. Rio de Janeiro, 1934.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.
- CANÊDO, Letícia Bicalho. *A Revolução Industrial*. São Paulo: Atual/Editora da UNICAMP, 1985.
- CASTRO, Hebe M. M. de; SCHNOOR, Eduardo (org.). *Resgate. Uma Janela para o Oitocentos (Ensaio)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes/Edusp, 1975.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CLETO, Marcelino Pereira; (et alli). *Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial 1751-1804*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo (Col. Paulística), 1977.
- COSTA, Ângela Marques; SCHWARCZ, Lília Moritz. *1890-1914. No Tempo das Certezas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo. A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- DEAN, Warren. *Rio Claro: Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DEL GUERRA, Rodolpho J. *No ventre da terra mãe (São José do Rio Pardo)*. São José do Rio Pardo: Graf-Center, 2001.
- DONATO, Hernâni. *Achegas para a história de Botucatu*. Botucatu: Banco Sudameris/Prefeitura Municipal de Botucatu, 1985.
- EISENBERG, Peter L. *Homens Esquecidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- ELLIS, Alfredo. *Raça de Gigantes*. São Paulo: Novíssima Editora, 1926.
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. Porto Alegre: Globo, 1979.

- FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré, 1991.
- FAUSTO, Boris; TRUZZI, Oswaldo; GRÜN, Roberto; SAKURAI, Célia. *Imigração e Política em São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, 1995.
- FERRAZ, J. de Sampaio. A Voz do Planalto Paulista. In: *Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante*. P. 99 a 136. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.
- FERREZ, Gilberto. *Pioneiros da Cultura do Café na Era da Independência: Louis François Levesne e seus vizinhos*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/Departamento de Assuntos Culturais, 1978.
- FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- GARCIA, Maria Angélica Momenso. *Trabalhadores Rurais em Ribeirão Preto*. Franca: Unesp-FHDSS, 1997.
- GIESBRECHT, Ralph Menucci. *Caminho para Santa Veridiana. As Ferrovias em Santa Cruz das Palmeiras*. Santa Rita do Passa Quatro: A Cidade, 2003.
- GORDINHO, Margarida Cintra. *A Casa do Pinhal*. São Paulo: Ed. C. H. Knopp/Johann Fabber S/A, 1985.
- GRIEG, Maria Dilecta. *Café. Histórico, Negócios e Elite*. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- GUARIENTO, Antonio. *Itirapina, Relato de sua História (de 1883 a 1936)*. São Paulo: Editora Ave Maria, s/d.
- HALL, Michael M. *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*. Columbia University, Ph.D., 1969.
- HANDA, Tomo. *Memórias de um Imigrante Japonês*. São Paulo: T.ª Queiroz Editor Ltda., 1980.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HENDERSON, W. O. *A revolução industrial*. São Paulo: Verbo/Edusp, 1979.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Livro dos Prefácios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.
- HOLLOWAY, Thomas. *Imigrantes para o Café*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JUNQUEIRA, João Francisco Franco. *Orlândia de Antigamente: uma memória fotográfica*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999.
- KOSSOY, Boris. *São Paulo 1900. Imagens de Guilherme Gaensly*. São Paulo: Livraria Kosmos/CBPO, 1988.
- LEMOS, Alberto. *História de Araraquara*. Araraquara: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO Voluntários da Pátria, s/d.
- LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil (1808-1842)*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- LIMA, Rossini Tavares. *O Folclore na Obra de Escritores Paulistas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1962.
- LOVE, Joseph. *A Locomotiva. São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Evolução da Sociedade e Economia Escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. São Paulo: Edusp, 2005.
- MACHADO, Alcântara. *Vida e Morte do Bandeirante*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1978.
- MAGALHÃES, Basílio de. *O Café na História, no Folclore e nas Belas-Artes*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1980.
- MAIA, Tom; MAIA Thereza R. de C. *O Folclore das Tropas, Tropeiros E Cargueiros no Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro: Funarte/Sec. Est. da Cult. de S. Paulo/Un. de Taubaté, 1980.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARQUES, M. E. de Azevedo. *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

- MARQUESE, Rafael de Bivar. Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das *plantations* americanas no século XIX. In: *Anais do Museu Paulista*, v. 14, nº1, junho 2006. São Paulo: USP.
- MARQUESE, R. de B.; TOMICH, D. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In: GRINBERG, K.; SALLES, R. (org.). *O Brasil Império (1808-1889)*. Vol. 02 (1831-1870). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, no prelo.
- MARRACH, Sônia Ap. A. *Entrevista com a Senhora Maria Cândida Prates Baeta Neves*. Rio Claro: Arq. Histórico de Rio Claro, s/d.
- MARTINS, Ana Luiza. *Império do Café. A Grande Lavoura no Brasil – 1850 a 1890*. São Paulo: Atual Editora, 1991.
- MENDES, Luiz Affonso. *Santa Cruz das Palmeiras, de 1765 á Revolução Constitucionalista de 1932*. Santa Cruz das Palmeiras: Editora A Cidade, 2000.
- MENDES Sobrinho, O. T. *Planejamento da Fazenda de Café*. São Paulo: Sec. da Agricultura/Imprensa Oficial do Estado (separata do Boletim de Agricultura), 1962.
- MILLIET, Sérgio. *Roteiro do Café*. São Paulo: Hucitec/INC, 1982.
- MONBEIG, Pierre. Os Problemas da divisão Regional de São Paulo. In: *Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante*. P. 181 a 208. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros do Estado de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra. Os índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MOTTA, Heloisa Alves de Lima e. *Uma Menina Paulista*. São Paulo: Totalidade Editora, 1992.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Visconde de Guaratinguetá. Um Fazendeiro de Café no Vale do Paraíba*. São Paulo: Studio Nobel, 2002.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de; LEMOS, Carlos A. C.; TARASANTCHI, Ruth Sprung. *O Café*. São Paulo: Banco Real ABN AMRO Bank, 2000.
- MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio d'um quadro estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
- OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Café no Brasil e no Mundo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- PEREIRA, João Baptista B. *Italianos no Mundo Rural Paulista*. São Paulo: Pioneira/IEB-USP, 1974.
- PEREIRA, Maria A. F. P. (et alli). *Santos: Café & História*. Santos: Leopoldianum, 1995.
- PERISSINOTTO, Renato Monseff. *Classes Dominantes e Hegemonia na República Velha*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- PERISSINOTTO, Renato Monseff. *Estado e Capital Cafeeiro em São Paulo (1889-1930) – Tomo I*. São Paulo: FAPESP/ Anna Blume, 2000.
- PERROT, M. (org.). *História da Vida Privada. Vol. 4*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- PETRONE, Maria Thereza Schorer. *A Lavoura Canavieira em São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- PINSKY, Jaime. *A Escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1993.
- PONTES, Maria Zeila Sellani; BARNEZI, Rosemari Gattás. *Doces Lembranças de Outrora. Povoamento do Vale das Antas 1845-1950*. Bauru: Joarte, 2001.
- PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- PRIORE, Mary del; VENÂNCIO, Renato. *Uma História da Vida Rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- QUEIROZ, Carlota Pereira de. *Um Fazendeiro Paulista no Século XIX*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Conselho Estadual de Cultura, 1965.
- QUEIROZ, Suely R. R. de. *A Abolição da Escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- RAMOS, Augusto. *O Café no Brasil e no Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Papelaria Sta. Helena, 1923.
- ROCHA, José Carlos. *Agudos: seu passado, sua gente. Uma perspectiva para as futuras gerações*. Bocaina/Agudos: Gráfica Art Nosde/Pref. Mun. de Agudos, 1993.
- RODRIGUES, Píndaro de Carvalho. *O Caminho Novo: Povoadores do Bananal*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo (Coleção Paulística Vol. XVIII), 1980.
- ROMERO, José Peres; ROMERO, João Carlos Peres. *Cafeicultura Prática. Cronologia dos fatos relevantes*. São Paulo: Editra Agronômica Ceres, 1997.
- ROSA, Maria de. *Agudos: 100 anos de história*. Agudos: Espaço Histórico Plínio M. Cardia/Cervejaria Brahma, 1998.

- ROSA, Maria de. *O Espaço Histórico Plínio Machado Cardia*. Agudos: Espaço Histórico Plínio M. Cardia, 1993.
- SALLUM Jr., Brasília. *Capitalismo e Cafeicultura. Oeste Paulista: 1830-1930*. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- SCATINBURGO, João de. *Os paulistas*. São Paulo: Duas Cidades Governo do Estado, 19823.
- SÃO PAULO, Governo do Estado de. *Repertório das Sesmarias*. São Paulo: Arq. do Estado/Tip. do Globo, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Vol. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SILVA, Caroly Gonçalves. *Livro de Garça*. Garça: Rotary Club de Garça, 1977.
- SETÚBAL, Maria Alice (coord.). *Terra Paulista: A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra*. São Paulo: Cenpec/Imprensa Oficial, 2004.
- SILVA, Eduardo. *Barões e Escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/INL, 1984.
- SILVA, Sérgio S.; SZMRECSÁNYI, Tamás (org.s). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado/Hucitec, 2002.
- SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa - Vol. I*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- SPINDEL, Cheywa R. *Homens e Máquinas na Transição de uma Economia Cafeeira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- STEIN, Stanley J. *Vassouras: um Município Brasileiro do Café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- STOLCKE, Verena. *Cafeicultura. Homens, Mulheres e Capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SZMRECSÁNYI, Tamás (org). *História Econômica do Período Colonial*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado/Hucitec, 2002.
- TAUNAY, Affonso D'Escragnolle. *História do Café no Brasil*. Volumes 1 a 15. Rio de Janeiro: DNC, 1939-42.
- TAUNAY, Carlos Augusto. *Manual do Agricultor Brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. *História do Café*. Rio de Janeiro, 1934.
- TELAROLLI, Rodolpho. *Para uma História de Araraquara (1800-2000)*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL-UNESP, 2003.
- TRUZZI, Oswaldo. *Café e Indústria. São Carlos: 1850-1950*. São Carlos: Arq. de História Contemporânea - UFSCar, 1986.
- WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda. *Memória sobre a Fundação de uma Fazenda na Província do Rio de Janeiro*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985.
- WRIGHT, Arnold. *Impressões do Brasil no século XX*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., 1913.

VIAGENS

- D'ALINCOURT, Luiz. *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.
- BINZER, Ina von. *Os Meus Romanos. Alegrias e Tristezas de uma Educadora Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, edição bilíngüe, 1994.
- CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.
- DAVATZ, Thomas. *Memórias de um Colono no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1941.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Vol. I e II, São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- EWBANK, Thomas. *Vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.
- LIMA JR., Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978.
- MORAES, J. A. Leite. *Apontamentos de Viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco (2 vol.)*. São Paulo: Livraria Martins, 1941.
- RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

SPIX, J. B. V.; MARTIUS, C. F. P. Von. *Viagem pelo Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 2ª edição, 03 vol., s/d.

TAUNAY, Affonso D'Escagnolle. *Relatos Sertanistas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *Visões do Sertão*. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

TSCHUDI, J. J. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo 1860-1861*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

TESES, DISSERTAÇÕES, ARTIGOS E MONOGRAFIAS

ANDRADE, Antônio Luís Dias de. *Um Estado Completo Que Pode Jamais Ter Existido*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutorado), 1993.

ANDRADE, Luís Dias de. *Vale do Paraíba – Sistemas Construtivos*. São Paulo: FAU-USP, 1984 (dissertação de mestrado).

BEM, Sueli Ferreira de. *Gaiolas da Arquitetura Tradicional Paulista*. São Paulo: FAU-USP, 1993 (monografia).

BENINCASA, Vladimir. *Velhas Fazendas de Café*. São Carlos: CNPq/EESC-USP (iniciação científica), 1988.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *A Teia Mercantil: negócios e poderes em São Paulo Colonial (1711-1765)*. São Paulo: FFLCH-USP (tese de doutorado), 2006.

BORTOLUCCI, Maria Ângela. *Moradias Urbanas Construídas em São Carlos no Período Cafeeiro*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutorado), 1991.

CARRILHO, Marcos José. *A Fazenda Boa Vista*. São Paulo: FAU-USP (monografia).

CARRILHO, Marcos José. *As Fazendas de Café do Caminho Novo da Piedade*. São Paulo: FAU-USP, 1994 (dissertação de mestrado).

CORRÊA, Ana Maria M. *A História de Araraquara*. São Paulo: FFLCH-USP (tese de doutorado), 1967.

FERRÃO, André M. de Argolo. *Técnica e Arquitetura*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutorado), 1998.

FREITAS, Daici C. A. de. *Arquitetura Rural no Nordeste Paulista: Influências Mineiras. 1800 - 1874*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Instituição Complementar da USP (dissertação de mestrado), 1986.

FREITAS, Daici C. A. de. *Os Signos da Modernidade nos Cafezais*. São Paulo: ECA-USP (tese de doutorado), 1994.

GHIRARDELLO, Nilson. *À Beira da Linha. Formações Urbanas da Noroeste Paulista*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutorado), 1999.

GUNN, Philip. *Espaço, Estado, Território: uma Contribuição à Análise Crítica da Organização Social em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutorado), 1985.

LIMA, Roberto Pastana Teixeira Lima. *Modelos Portugueses e Arquitetura Brasileira: Catálogo e análise das formas arquiteturais paulistas e lusitanas no oitocentos*. Campinas: Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (tese de doutorado), 2001.

MAGRI, Eloisa. *Arquitetura Rural Paulista do Ciclo do Café: estudo de caso*. São Paulo: FAU-USP (trabalho de graduação interdisciplinar), s/d.

MARTINS, Neide Marcondes. *Arquitetura Rural e contexto Histórico-Cultural: Piracicaba, século XIX*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutorado), 1981.

MASCARO, Luciana Pelaes. *Arquitetura e Modo de Vida no Assentamento Rural Bela Vista do Chibarro*. São Carlos: EESC-USP (dissertação de mestrado), 2003.

PEDROSO, Marialice Faria. *Arquitetura de Fazendas de Café em Amparo, Monte Alegre do Sul e Serra Negra*. Campinas: IFCH-Unicamp (dissertação de mestrado), 1998.

RIO, Odette Pires do. *Fazenda Sant'Anna*. São Paulo, setembro de 1944, (monografia). Acervo do Museu Frei Galvão, Guaratinguetá-SP.

SGROGLIA, Rose Marie. *O Solar dos Novaes*. São Paulo: FAU-USP, (monografia), 1984.

SILVA, Geraldo Gomes da. *Engenho e Arquitetura - Morfologia dos Edifícios dos Antigos Engenhos de Açúcar Pernambucanos*. São Paulo: FAU-USP (tese de doutoramento), 1990.

UZAI, Marcelo Nivaldo. *O Fascínio de um Sonho Inglês nos Trópicos: memórias sobre a Companhia Agrícola Rio Tibiriçá. Gália-SP (1930-1960)*. Marília: FFC-UNESP (monografia de bacharelado em Ciências Sociais), 1996.

VECCHIA, Maria José de S. G. *Inglese e Trabalhadores Rurais: Reconstrução de uma Comunicação Possível*. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte-MG, 2003, in: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/5009/1/NP13VECCHIA.pdf>

LITERATURA

ALENCAR, José de. *O tronco do ipê*. São Paulo: Livraria Editora Livro Cultura Ltda, s/d.

AMARAL, Rubens do. *Terra Roxa*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

ELLIS, Myriam (org.). *O Café – Literatura e História*. São Paulo: Global Editora, 1985.

GONÇALVES, Nicola. *Histórias que o Povo Guardou*. São Carlos: Edição do autor, s/d.

LOBATO, Monteiro. *A Onda Verde/O Presidente Negro*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1956.

LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1956.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1956.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1956.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1956.

PIRES, Cornélio. *Conversas ao Pé-do-fogo*. Itu: Ottoni Editora, 2002.

PIRES, Cornélio. *Patacoadas*. Itu: Ottoni Editora, 2002.

PIRES, Cornélio. *Quem Conta Um Conto...* Itu: Ottoni Editora, 2002.

PIZA, Maria Amélia Blasi de Toledo. *Por que amo Botucatu*. São Paulo: Scortecchi, 2003.

TOLEDO, Erasto de. *Recordações*. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1928.

BOLETINS

FAGUNDES, Joaquim Roberto. Fazenda da Conceição. In: *Boletim do Arquivo Memória de Guaratinguetá*. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, nº 236, 2003.

ALOISI Sobrinho, J. Despolpamento. In: *Boletim da Superintendência dos Serviços do Café*. São Paulo: Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, Ano XVII, Julho de 1942, número 185, p. 1300.

MENDES, José Estevam Teixeira. A Geada. In: *Boletim da Superintendência dos Serviços do Café*. São Paulo: Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, Ano XVII, Julho de 1942, número 185, p. 1448.

MENDES Sobrinho, O. T. *Planejamento da Fazenda de Café*. Separata do Boletim da Superintendência dos Serviços do Café. São Paulo: Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado, 1962.

REVISTAS

CINTRA, Assis. Origens do maquinário do café. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 124, junho de 1937, vol. XXII.

FERNANDES, José. *Vultos e Fatos da História de Jaú*. Jaú: Correio da Noroeste, 1953.

FERREIRA, Ruy da Costa. A classificação do café brasileiro (estudo crítico). In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 96, janeiro de 1935, vol. XIX.

KRUG, C. A.; MENDES, J. E. Teixeira. O café Maragogipe de São José do Rio Pardo. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 101, junho de 1935, vol. XIX.

Ribeirão Preto – a principal região cafeeira do Brasil. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 96, janeiro de 1935, vol. XIX (traduzido da revista "The Spice Mill").

MORI, Gualtiero (org.). *Revista Agrícola do Estado de São Paulo: Catanduva*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, outubro/novembro de 1925.

SALLES, Renato de A. Nosso café e a preocupação da qualidade, no passado. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 96, janeiro de 1935, vol. XIX.

SILVEIRA, Fajardo da. Café e Algodão. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 122, abril de 1937, vol. XXII.

SIMI, Romeu. Sede de Fazenda. In: *Revista Acrópole*. São Paulo: Max Grunewald & Cia., nº 351, junho de 1968.

SMITH, Herbert H. A História do Café. Capítulo XVIII da obra "Brazil – The Amazons and the Coast", Nova York, 1879. In: *Revista do Departamento Nacional do Café*. Rio de Janeiro: DNC, Ano VIII, nº 85, julho de 1940, vol. XV.

SYLOS, Honorio de. A imigração espontânea - O italiano e o povoamento do Brasil. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 124, junho de 1937, vol. XXII.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. A Introdução do cafeeiro no Brasil. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 100, maio de 1935, vol. XIX.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Colonos, estradas e café (1865-1866). In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 124, junho de 1937, vol. XXII.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Cousas do café (1858-1862). In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 120, fevereiro de 1937, vol. XXII.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Estatística cafeeira de 1859. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 119, janeiro de 1937, vol. XXII.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Notas sobre os primórdios da lavoura cafeeira em S. Paulo. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 98, março de 1935, vol. XIX.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. O café e as primeiras presidências de São Paulo. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 123, maio de 1937, vol. XXII.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. O café e o progresso da Província de S. Paulo 1868-1870. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 122, abril de 1937, vol. XXII.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. O café sob diversas presidências provinciais (1848-1852). In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano XII, nº 121, março de 1937, vol. XXII.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Os primeiros cafesaes do Oeste de S. Paulo. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 98, março de 1935, vol. XIX.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Primórdios da lavoura cafeeira em São Paulo. In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 96, janeiro de 1935, vol. XIX.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. Velhas lavouras cafeeiras de São Paulo (1807-1817). In: *Revista do Instituto de Café*. São Paulo, Ano X, nº 97, fevereiro de 1935, vol. XIX.

VILELA, Catarina Ap. Vieira. A Arquitetura Rural no Ciclo do Café - Guaratinguetá. In: *Revista da Faculdade Salesiana*.

Lorena: Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras, ano 17, nº 25, 1973, pp. 14-48.

ALMANAQUES E ÁLBUNS

AMARAL, Amadeu, et alli. *Almanach de Itatiba 1916*. Itatiba: Typographia d'A Reacção, 1916.

CAMARGO, José Ferraz (org.). *Almanach Annuario de São Carlos*. São Carlos, 1928.

CAMARGO, Sebastião (org.). *Almanach de São Carlos*. São Carlos: Typ. Joaquim Augusto, 1915.

CASTRO, Franklin (org.). *Almanach Alun de São Carlos*. São Carlos: Typographia Artistica, 1916.

CAVALHEIRO. Abílio Abrunhosa (org.). *Album Illustrado da Comarca de Rio Preto*. São Paulo: Casa Editora Duprat-Mayença, 1929.

FRANÇA, Antonio M. (org.). *Album de Araraquara 1914*. Araraquara: João Silveiras, 1915.

OLIVEIRA, Antonio Marques de. *Almanack Illustrado de São Manoel do Paraizo*. São Manoel: O Município, 1904.

VALLIM, Pedro E. *Album dos Municípios do Estado de São Paulo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1940.

VÁRIOS. *Álbum da Noroeste*. São Paulo: Pan-Americana, 1928

VÁRIOS. *Almanack Illustrado de Taubaté 1905*. Taubaté: Rabello & Companhia.

VÁRIOS. *Álbum de São Paulo, 1927*. São Paulo, 1927.

JORNAIS

Jornal "O Tietê", no. 287, Tietê, 28/08/1904.

Jornal "O Democrata", Tietê, 15/08/1937.

Jornal "Gazeta de Ribeirão Bonito", Ribeirão Bonito, 13/06/1903

Jornal "O Juvenil", Dois Córregos, 16/07/1903

Jornal "O Araraquara", 07/09/1903

Jornal "O Araraquara", 07/09/1903

Jornal "O Araraquara", 11/09/1903

Jornal "Correio Brotense", Brotas, 31/10/1903

Jornal "Gazeta de Anápolis", Anápolis, 29/11/1903

Jornal "Gazeta de Ribeirão Bonito", Ribeirão Bonito, 29/11/1903

Jornal "A Tribuna", Dous Córregos, 20/12/1903

Jornal "O Matão", Matão, 27/12/1903

Jornal "Correio de São Carlos", São Carlos, 08/01/1904

Jornal "A Cidade", Dois Córregos, 09/01/1904

Jornal "O Popular", Araraquara, 13/01/1904

Jornal "Cidade de Descalvado", Descalvado, 17/01/1904

Jornal "O Raspão", 22/01/1904

Jornal "Correio de Rincão", Rincão-SP, 24/01/1904

Jornal "O Bandeirante", Dois Córregos, 07/05/1905

Jornal "A Imprensa", Araraquara, 27/05/1906

Jornal "O Democrata", Dourado, 27/10/1907

Jornal "Correio de Descalvado", Descalvado, 15/12/1907

Jornal "Correio de São Carlos", São Carlos, 05/02/1908

Jornal "Cidade de São Carlos", São Carlos, 08/02/1908

Jornal "Cidade de Matão", Matão, 08/03/1908

Jornal "O Bariry", Bariry, 12/04/1908

Jornal "Commercio de São Carlos", São Carlos, 19/04/1908

Jornal "Jornal de Notícias", Araraquara, 21/04/1908

Jornal "O Clarim", Matão, 15/05/1908

Jornal "O Popular", Araraquara, 17/05/1908

Jornal "O Democrata", Dourado, 06/06/1908

Jornal "Gazeta de Anápolis", Anápolis, 21/06/1908

Jornal "Comarca de Garça", Garça, 02/05/1997.

FONTES PRIMÁRIAS

1º Cartório de Registro de Imóveis, Araraquara-SP

Título de Compra e Venda da Fazenda Morro Azul, de Araraquara, 29/04/1937

Título de Compra e Venda da Fazenda Santo Antonio, de Américo Brasiliense, 12/11/1936

Título de Compra e Venda da Fazenda Andes, de Araraquara, 08/10/1938

Título de Compra e Venda da Fazenda Salto Grande, de Araraquara, 31/01/1941

Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, São Paulo-SP

Inventário de Francisco Pinto Ferraz, inventariante: Luís Bernardo Pinto, de 22/05/1832

Inventário de Bento Paes de Barros, inventariante: Maria Andrade Barros, de 27/06/1890

Inventário de Francisco Martins Bonilha, inventariante: Maria Llydia Alves Bonilha, de 04/11/1929

Inventário de Francisco Villella de Paula Machado, inventariante: Sebastiana de Paula Machado, de 13/04/1912

Inventário de Paulo de Souza Queiróz, inventariante: Durval de Andrade e Silva, de 29/08/1934

Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, Rio Claro-SP

Registro Geral dos Contribuintes da Area Rural do Município de Rio Claro. Distrito de Paz de Ityrapina, 1905.

Registro Geral dos Contribuintes da Area Rural do Município de Rio Claro. Distrito de Paz de Ityrapina, 1908.

Fundação Pró-Memória, São Carlos-SP

Inventário de Capitão Antonio Vicente da Silveira, inventariante: Brandina Amélia da Silveira, 1873.

Inventário de Maria Alexandrina de Oliveira, inventariante: João Batista Siqueira Serra, 1874.

Inventário de Francisca de Paula Oliveira, inventariante: José Quirino Pinto, 1875.

Inventário de Mathilda Maria de Siqueira, inventariante: Francisco Ignacio de Camargo, 1875.

Inventário de Ignez Maria de Jesus, inventariante: José Eufrosino da Silva, 1876.

Inventário de Anna Belisário, inventariante: Antonio Costa Mattaso, 1877.

Inventário de Jeremias de Paula Eduardo, inventariante: Izabel Luiza de Paula Eduardo, 1877.

Inventário de Manoel Joaquim de Sampaio, inventariante: Constança da Silveira Penteado, 1878.

Inventário de Cândida Maria Thereza, inventariante: João Carlos Gonçalves, 1879.

Inventário de Celestina Maria de Jesus, inventariante: José Maria de Azevedo, 1873.

Inventário de Ludovina Maria Furquim, inventariante: Cândido Leme Corrêa, 1874.

Inventário de Ricardo Rodrigues de Andrade, inventariante: Maria Antonia de Andrade, 1871.

Inventário de Antonio de Abreu Sampaio, inventariante: Maria das Dores Carvalho Sampaio, 1880.

Museu Republicano Convenção de Itu-USP, Itu-SP

Inventário de Estanislao de Arruda Botelho, inventariante: Ana Joaquina Campos, 1864.

Inventário de Antônio Corrêa Leite, inventariante: Maria Pacheco Silva, 1868.

Inventário de Francisco Xavier Paes de Barros, inventariante: Gertrudes Aguiar Paes de Barros, 1878.

Inventário de Baronesa de Itu, inventariante: Visconde de Itu, 1881.

Inventário de João de Almeida Prado Júnior, 1878.

Arquivo Público de Itatiba-SP

Processo 204/1880 - Autos de embargo, autor: Joaquim da Silva Franco, réu: Lourenço Tibiriçá, entrada: 13/11/1880

Processo 494/1880 - Autos de manutenção de liberdade, autor: Alexandre (escravo), réu: Joaquim da Silva Carvalho, entrada: 19/05/1880

Processo 235/1881 – Acção summaria de assignação de dez dias, autor: Adão José Barbosa, réu: Lourenço Tibiriçá, entrada: 08/08/1881

Arquivo Félix Guisard Filho, Taubaté-SP

Inventário de Manuel Gomes Vieira, o Barão da Pedra Negra, 1833.

Inventário de Pedro Pereira da Fonseca Telles, 1844.

Inventário de Capitão Jacyntho Pereira da Silva, 1886.

Museu Histórico e Pedagógico Major Novaes, Cruzeiro-SP

Inventário de Luciano José de Almeida, 1854.

Inventário de Alferes Francisco de Aguiar Vallim, 1857.

Inventário de Tenente Jesuíno Ferreira Guimarães, 1866.

Inventário de Baronesa de Aguiar Vallim, 1891.

Inventário de Major Manoel de Freitas Novaes, 1898.

Museu Frei Galvão, Guaratinguetá-SP

Contratos de trabalho entre fazendeiro e colonos de 18/08/1888.

Imposto sobre Milhar de Cafeeiros, nº 68 e 69, Câmara Municipal de Guaratinguetá, em nome de Antônio Antunes de Vasconcellos, 1908.

Procuração para Venda da Fazenda Caracol, proprietário Estevam Pereira dos Santos, procurador José Ferreira Vianna. Guaratinguetá, 23/05/1910.

Procuração para Venda da Fazenda Monte Verde, proprietário Vicente Pereira da Rosa (?), procurador José Ferreira Vianna. Guaratinguetá, 23/05/1910.

Procuração para Venda da Fazenda São Francisco, proprietário Pedro Marcondes Leite, procurador José Ferreira Vianna. Guaratinguetá, 25/05/1910.

Procuração para Venda da Fazenda Sertãozinho, proprietário Lourenço de Araújo Pereira, procurador José Ferreira Vianna.Guaratinguetá, 24/05/1910.

www.virtualbooks.com.br

Procuração para Venda da Fazenda Taquaral, proprietário José Antônio da Ferreira(?), procurador José Ferreira Vianna.Guaratinguetá, 25/05/1910.

www.bibvirt.futuro.usp.br

<http://libdigi.unicamp.br/>

www.teses.usp.br

Procuração para Venda de Fazenda no Bairro das Pedrinhas, proprietário , procurador José Ferreira Vianna.Guaratinguetá, 25/05/1910.

www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital

<http://www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/est0032001.html>

Procuração para Venda de Fazenda no Bairro das Posses, proprietário João Rodrigues Montemór, procurador José Ferreira Vianna.Guaratinguetá, 25/05/1910.

www.fflch.usp.br

<http://redalyc.uaemex.mx>

Procuração para Venda do Sítio Pedra Preta, proprietário Antônio Coelho Monteiro, procurador José Ferreira Vianna.Guaratinguetá, 24/05/1910.

Reconhecimento dos limites da Fazenda da Barra, de Manoel Victorino Pereira dos Reis, Guaratinguetá, 12/12/1898.

ENTREVISTAS

Antônia Barros, proprietária da faz. Redenção, São Manuel

Transcrição de Testamento de João Francisco Malta, 08/05/1901.

Ari Gama Villela, ex-proprietário da faz. São Pedro, Lins

Benedicto Rosada, colono da faz. Sta Thereza, Cordeirópolis

SITES

ARANTES, L. H. M. Quando o teatro tece a trama: apontamentos históricos na dramaturgia de Jorge Andrade. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2001, vol.21, no.42 [cited 05 May 2006], p.457-480.

Dante Stefanini, agrônomo da CAFENOEL, São Manuel;

Etelvina Ferreira Granchella, fazenda União, Garça

Guilherme Valente e D. Maria Antonieta Valente, proprietários da faz. Mandaguahy, Jaú

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000300010&lng=en&nrm=iso. ISSN 0102-0188.

João Augstroze Jr., proprietário da faz. Palma, de Tupã

João Batista Campos Cintra, proprietário da faz. São João, São Manuel

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *O cotidiano em anúncios de jornais do século XIX*. <<http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/HBrandao001.pdf>>. Acesso em 13/04/2006.

José Pantaleão da Silva, neto de escravos e colono da faz. Corote, Jaú

MARCONDES, Renato Leite; MOTTA, José Flávio. Duas fontes documentais para o estudo dos preços dos escravos no Vale do Paraíba paulista. *Revista Brasileira História* [online]. 2001, vol.21, no.42 [cited 13 April 2006], p.495-514. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000300012&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-0188.

Jovino Juvêncio dos Santos e Lourdes dos Santos, colonos da faz. Irondê, de Garça

Jurandir Rosada, colono da faz. Sta Thereza, Cordeirópolis

<http://www.bn.br/site/default.htm>

Lílian Silva Kuhn Sabino de Farias, proprietária da fazenda Santa Clara, de São Carlos

www.dominiopublico.com.br

Maria Leontina Noronha Santinho, neta de ex-proprietário fazenda São João do Capão Bonito, Lins

www.ricondelvalgo.com

Marco Antonio Araújo Farto, proprietário da fazenda Ventura, Cafelândia

Mário Spagnol, proprietário da fazenda Tatu-Limeira

Milton Augusto Januário e Sr. Roberto Rodrigues Martins, Museu da Imagem e do Som, Catanduva

Olinto, administrador da fazenda Cafeeira, Braúna

Oswaldo Félix, administrador fazenda Santa Sofia, de São Manuel

Paulo G. Hoffmann, proprietário da fazenda Bela Aliança, Descalvado

Pedro Dorighello, fazenda São Pedro, São Manuel

Roberto Calmon Barreto, proprietário da fazenda São Sebastião do Paraíso, Descalvado

Rubens Costa e Maria Aparecida Costa, colonos da fazenda São Jerônimo, de Sales Oliveira

Valdemar Pupo, proprietário da fazenda Santo Inácio, de São Manuel

Vilma R. Daniel, colona da fazenda Sta Thereza, Cordeirópolis

Wilma Leonor Marietta Nina Barros de Lemos Britto, de Garça

Zuza, administrador da fazenda São Lourenço, Jaú

INSTITUIÇÕES E ACERVOS CONSULTADOS

Agudos

Espaço Histórico Plínio Machado Cardia

Acervo Particular Fazenda São Benedito

Araraquara

Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade

Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Letras-UNESP

Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria

Areias

Fundação Cultural de Areias

Bananal

Secretaria Municipal de Turismo

Acervo Particular Fazenda Resgate

Acervo Particular Fazenda Boa Vista

Botucatu

Acervo Particular Fazenda Boa Esperança

Biblioteca da Faculdade de Ciências Agronômicas-UNESP

Secretaria Municipal de Turismo

Museu Histórico e Pedagógico Padre Vicente Pires da Mota, Botucatu-SP

Cafelândia

Acervo Particular Fazenda Santa Isabel

Acervo Particular Fazenda Ventura

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Campinas

Arquivo Edgard Leuenroth - Unicamp

Centro de Memória da Unicamp - CMU

Instituto Agronômico de Campinas

Acervo Particular Fazenda Santa Maria

Casa Branca

Acervo Particular Adolpho Legnaro Filho

Acervo Particular Fazenda Brejão

Museu Histórico e Pedagógico Afonso e Alfredo Taunay

Catanduva

Museu da Imagem e do Som

Museu Histórico e Pedagógico Governador Pedro de Toledo

Museu Padre Albino

Sindicato Rural de Catanduva

Cordeirópolis

Acervo Particular Fazenda Ibicaba

Acervo Particular Fazenda Santa Thereza

Cruzeiro

Museu Histórico e Pedagógico Major Novaes

Descalvado

Câmara Municipal de Descalvado

Acervo Particular Fazenda Bela Aliança

Acervo Particular Fazenda das Palmeiras

Franca

Biblioteca da UNESP

Gália

Biblioteca Municipal de Gália

Garça

Acervo Particular Fazenda Igrê

Acervo Particular de D. Wilma L. M. N. B. de Lemos Britto

Biblioteca Municipal de Garça

GARCAFÉ - Cooperativa dos Cafeicultores de Garça e região

Museu Histórico e Pedagógico de Garça

Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente

Guaratinguetá

Museu Histórico e Pedagógico Conselheiro Rodrigues Alves

Museu Frei Galvão

Acervo Particular Tom e Thereza Maia

Ibaté

Acervo Particular Fazenda São Roberto

Iracemápolis

Acervo Particular Fazenda Morro Azul

Itatiba

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Museu Histórico e Pedagógico Padre Lima

Arquivo Histórico Municipal de Itatiba

Itapira

Acervo Particular Fazenda Engenho das Palmeiras

Itu

Acervo Particular Fazenda Concórdia

Espaço Cultural da Fazenda Capoava

Museu Republicano "Convenção de Itu"

Jaú

Arquivo Público Municipal de Jaú

Acervo Particular Fazenda Mandaguahy

Acervo Particular Fazenda Santo Antônio dos Ipês

Acervo Particular Família Leonelli

Jumirim

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Laranjal Paulista

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Limeira

Arquivo Público e Histórico de Limeira

Acervo Particular Família Levy

Arquivo Particular Fazenda Quilombo

Lins

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Casa de Cultura Nicolau Zarvos

Biblioteca Municipal de Lins Nicolau Zarvos

Mococa

Acervo particular Fazenda Nova

Acervo particular Fazenda Fortaleza

Acervo Particular Fazenda Contendas de Cima

Acervo Particular Fazenda Contendas de Baixo

Museu Histórico e Pedagógico Marquês de Três Rios,
Mococa-SP

Nuporanga

Acervo Particular Fazenda São José

Acervo Particular Gabriel Machado

Orlândia

Acervo Particular Fazenda Boa Esperança

Acervo Particular Luzia Márcia da Silva Mei Rosa

Museu Histórico e Pedagógico Lucas Monteiro de Barros

Penápolis

Biblioteca Municipal de Penápolis

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Museu Histórico e Pedagógico Fernão Dias Paes

Museu Municipal do Folclore

Pindorama

Acervo da Fazenda Experimental de Pindorama

Ribeirão Preto

Acervo Particular Fazenda Boa Vista

Acervo Particular Fazenda Santa Rita

Acervo Particular Dênis W. Esteves

Museu do Café

Rio Claro

Acervo Particular Fazenda Angélica

Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro

Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga,
Rio Claro-SP

Sales Oliveira

Acervo Particular Fazenda Lajeado

São Carlos

Acervo Particular Profa. Dra. Maria Ângela P. C. S. Bortolucci

Acervo Particular Carlos da Silva Teles Dion

Acervo Particular Fazenda Bela Vista

Acervo Particular Fazenda Pinhal

Acervo Particular Fazenda Santa Maria (Bento Carlos)

Acervo Particular Fazenda Santa Maria (Monjolinho)

Acervo Particular Fazenda São João

Biblioteca Central da EESC-USP

Biblioteca Comunitária Florestan Fernandes-UFSCar

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Fundação Pró-Memória de São Carlos

Museu Histórico e Pedagógico de São Carlos

São José do Barreiro

Secretaria Municipal de Turismo

São José do Rio Preto

Acervo Particular do Sr. Lelé Arantes

São Manuel

Acervo Particular Fazenda Redenção

Biblioteca Municipal Dr. Francisco Câmara Ferreira

Cooperativa dos Cafeicultores da Região de São Manuel – CAFENOEL

Museu Histórico e Pedagógico Padre Manuel da Nóbrega

São Paulo

Arquivo do Estado de São Paulo

Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

Biblioteca Municipal Mário de Andrade

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP

Conselho de Desenvolvimento do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT

Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN

Taubaté

Acervo Particular Fazenda Barreiro

Acervo Particular Fazenda Pasto Grande

Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté

Tietê

Museu Histórico e Pedagógico Cornélio Pires

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI

Acervo Particular Anselmo Luchesi Filho

Acervo Particular Suelito de Campos Moraes

